

**LUCIANA MARA ESPÍNDOLA SANTOS**

**INFÂNCIAS POR ESCRITO. *O ESTADINHO*: UM SUPLEMENTO INFANTIL  
CATARINENSE (1972-1987)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Educação – Linha de pesquisa: História e Historiografia da Educação.  
Orientadora: Profa. Dra. Maria Teresa Santos Cunha.

**FLORIANÓPOLIS  
2017**

S237i Santos, Luciana Mara Espíndola  
Infâncias por escrito. O Estadinho: um suplemento infantil catarinense  
(1972-1987) / Luciana Mara Espíndola Santos. - 2017.  
360 p. il. ; 29 cm

Orientadora: Maria Teresa Santos Cunha

Bibliografia: p. 345-360

Tese (Doutorado) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de  
Ciências Humanas e da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação,  
Florianópolis, 2017.

1. Crianças na literatura. 2. Representações de grupos. 3. Jornais na  
educação. 4. Jornais - Santa Catarina. I. Cunha, Maria Teresa Santos. II.  
Universidade do Estado de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em  
Educação. III. Título.

CDD: 809.9282 - 20.ed.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da UDESC

**LUCIANA MARA ESPÍNDOLA SANTOS**

**INFÂNCIAS POR ESCRITO. O ESTADINHO: UM SUPLEMENTO INFANTIL  
CATARINENSE (1972-1987)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Educação, da Universidade do Estado de Santa Catarina.

Florianópolis, 17 de novembro de 2017.

---

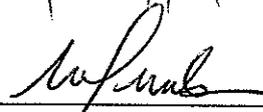


Prof. Dra. Adêmilde Sartori  
Coordenador do Curso

**Banca Examinadora:**

**Orientadora:**

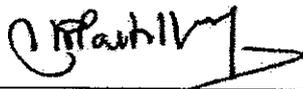
---



Professora Dra. Maria Teresa Santos Cunha  
Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC

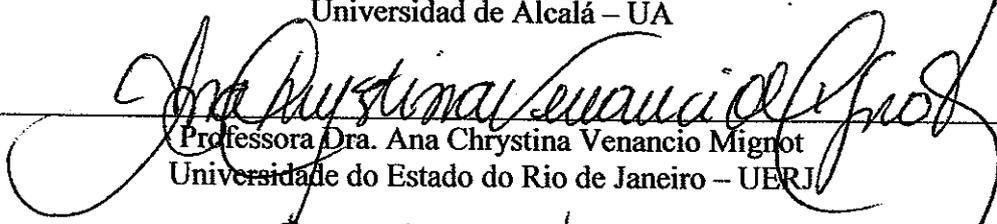
**Membros:**

---



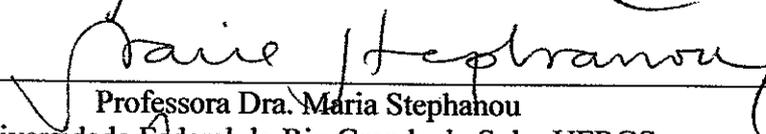
Professor Dr. Antonio Castillo Gómez  
Universidad de Alcalá – UA

---



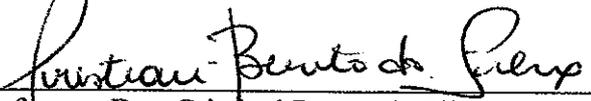
Professora Dra. Ana Chrystina Venancio Mignot  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

---



Professora Dra. Maria Stephanou  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

---



Professora Dra. Cristiani Bereta da Silva  
Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC

Este trabalho é dedicado às colegas Karen Sewald, Maria Fernanda Faraco, Fernanda Azevedo, Márcia Santos, Mariane Martins, Bibiana Warle, Pamela Grassi. Companheiras de pós-graduação que, na caminhada da vida, se tornaram minhas amigas.

## AGRADECIMENTOS

Tão bonito e tão cheio de responsabilidade. O ato de agradecer é certamente o grande fechamento de um trabalho possível, sobretudo por seus “bastidores” e por quem nele atuou como coadjuvante. Nessa jornada de quatro anos, contei com apoio e o incentivo de colegas, professores e da minha orientadora; com a torcida dos familiares e amigos; e com o financiamento de instituições públicas. E chegada a hora de agradecer e, assim seguindo o protocolo, o faço.

Aos colegas do grupo de estudo GEHCEL: Karin Sevald, Mariana, Márcia Santos, Bibina Warle, Tânia Cordova, Nelson Coelho, Joeci, Flávia, Maria Fernanda, Karla, pelos debates conceituais, pelas discussões sobre os caminhos da pesquisa e pela partilha de seus conhecimentos.

Às colegas de turma, Fernanda Azevedo, Rosiane Damázio, Cibele Piva, Maristela da Rosa.

Aos servidores do PPGE/UDESC, em especial para Gabriela Vieira, que sempre foram tão atenciosos e solícitos.

Aos professores do programa de pós-graduação em Educação pelas contribuições para minha formação acadêmica, de modo especial para Professora Cristiani Bereta e Professor Norberto Dallabrida, que nessa trajetória dialogaram em sala, pelos corredores e em viagens, me ajudando a ver a pesquisa sob vários ângulos.

Ao Professor Antonio Castillo Gómez e à Professora Verónica Sierra Blas por me receberem tão bem em sua universidade, proporcionando um diálogo acerca das crianças e de seus vestígios na história, por me ajudarem na compreensão do que representa uma pesquisa sobre um suplemento infantil, pelo interesse nesta pesquisa que apresento; pelo carinho por mim e pela minha filha Natália e pelos belos passeios que fizemos juntos.

Às professoras Ana Chrystina Venancio Mignot, Maria Stephanou, pesquisadoras conhecidas no cenário nacional e internacional, por suas contribuições no momento da qualificação, certamente me ajudaram a dar um rumo muito mais consistente ao trabalho.

À Professora Maria Teresa Santo Cunha pela orientação, mas, sobretudo, por ter acreditado no projeto de tese e por me oferecer condições para realizá-lo diante de minhas inseguranças. Agradeço por me ajudar e incentivar a cursar parte do doutorado

no exterior, por possibilitar o contato com outros pesquisadores que contribuíram sobremaneira para o andamento deste trabalho. Sou grata a essa importante pesquisadora, que me ensinou com calma e sabedoria a ser uma pesquisadora em História e Historiografia da Educação.

Agradeço à Universidade do Estado de Santa Catarina, que oferece um programa de pós-graduação em Educação gratuito e reconhecido pela CAPES, com corpo docente engajado na busca pelo conhecimento científico.

Ao PPGE UDESC, especialmente para as professoras Geovana Lunnardi, Vera Gaspar e Ademilde Sartori por coordenarem o programa primando sempre por sua qualidade, sem deixar de reconhecer que dele fazem parte pessoas que além de orientação em suas pesquisas, muitas vezes, também precisam de ajuda e de compreensão em outras esferas que não a acadêmica.

À Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (FAPESC) pela concessão da bolsa de pesquisa durante todo o período do curso.

Ao bibliotecário da Biblioteca Pública Estadual Alzimir Machado e a sua equipe por me disponibilizar com muito cuidado e profissionalismo o acervo impresso dos materiais pertencentes ao setor de Obras Raras.

Ao professor Pedro Cesar Cerrillo e as professoras Maria del Carmen Martinez e Carmina (responsáveis pelo Centro de Estudios de Promoción de la Lectura y Literatura Infantil – CEPLI, vinculada a Universidad de Castilla – La Mancha, em Cuenca, Espanha), pela recepção atenciosa e carinhosa e pelo auxílio e confiança em permitir meu acesso irrestrito a Biblioteca do CEPLI.

Ao bibliotecário da Biblioteca Nacional da Espanha (Sede Alcalá de Henares) Santiago Torral e sua equipe pela atenção e presteza diante minhas inúmeras solicitações de busca e análise dos impressos infantis.

Ao CNPq pela concessão da bolsa para cursar doutorado sanduiche em Alcalá de Henares, Madri, Espanha.

À Prefeitura Municipal de Florianópolis pela liberação com ônus de minhas atividades docentes, especialmente às colegas Deisi Cord, Claudinéia, Joice, Patrícia, Simone, Cristina Aparecida Mendes Makowiecki, Karícia Lima, Laura Peretto, Ana Miotto e ao colega Ronaldo pela ajuda no momento em que me desliguei da função de Diretora de Unidade Educativa para me dedicar integralmente ao doutorado.

Ao Núcleo de Estudo e Pesquisa Educação e Sociedade Contemporânea (NEPESC), coordenado pelo Professor Alexandre Fernandes Vaz, por compartilhar seu

acervo de suplementos *O Estadinho*, permitir acesso às entrevistas feitas pelo Grupo e por discutir meu trabalho de modo denso, me ajudando a perceber pontos frágeis e debatendo questões estruturais da tese.

Agradeço às pessoas que me cederam seus exemplares de *O Estadinho* e também seu tempo, me contando sobre o suplemento que deu vida para a minha pesquisa; que me receberam em suas casas, locais de trabalho ou cafés; que compartilharam suas histórias de leituras, de escritas e que contribuíram para ativar minha imaginação e a contação desta narrativa. Marisa Napolini, Elias Andrade, Zilda Furtuoso, Leonardo Nogueira, Maria Schlickmann (Ika), Nelson Coelho, muito Obrigada!

Agradeço a todos que colaboraram com *O Estadinho*, seja por meio de cartas, escrevendo historinhas, receitas, passatempos, dando sugestões. Àqueles que enviaram fotos, redações, desenhos, enfim, a todos que rechearam o suplemento oferecendo um pedaço de suas infâncias, ainda que vividas por seus filhos ou alunos. Aos que contribuíram por deixar vestígios do que foi uma infância nas décadas de 1970 e 1980;

Às amigas e aos amigos que escutaram minhas lamentações e excitações sobre a pesquisa, que souberam me dar “um tempo” quando pedi “isolamento”, que vibraram quando contei sobre a data da defesa. A Pati N, Déia, Gil, Aninha, Pati M, que, mesmo estando longe, estavam sempre por perto.

Aos meus pais, Nilta e Dirivam, pelo incentivo e carinho de sempre. Pela ajuda nos momentos em que precisei me ocupar da tese e deixar com eles minha pequena Natália. Pelo total apoio quando fui morar no exterior e eles imediatamente se dispuseram a ir comigo, mas principalmente quando lá (Madri) voltaram para buscar Natália e trouxeram com todo cuidado e amor que há nesse mundo.

Aos meus irmãos Aline e Cláudio pelo exemplo que são. Pelo carinho, preocupação e por me ajudarem quando o computador me “enganava” e eu jurava ter perdido tudo. Eles certamente riam por dentro, mas me amparavam com muita seriedade e serenidade.

Ao meu companheiro Eduardo, pelas brincadeiras, pelos momentos de distração e refúgio e pelo presente que me deu durante essa caminhada: Maitê.

Enfim, agradeço às minhas maiores alegrias, Natália e Maitê, por existirem e por me ajudarem a escrever esta história com mais emoção.

Não preciso de fim para chegar. Do lugar onde estou já fui embora.  
(Manoel de Barros, 1996)

## RESUMO

Em 1972 começou a circular por meio do jornal impresso *O Estado* um suplemento infantil dominical que comportava em seu interior divertimentos, algumas reportagens, publicidades, matérias sobre temas diversos, fotos de crianças e histórias em quadrinhos. Um material que por aproximadamente 15 anos ganhou as mãos de crianças e adultos e, sem deixar muitos rastros, parou de acompanhar o jornal em um momento em que a interação entre o suplemento e seus leitores dava-se por várias frentes. Este estudo apresenta *O Estadinho*, a relação desse suplemento com seus leitores e as representações de infância que ganharam as páginas deste suplemento impresso infantil catarinense, problematizadas durante o período em que circulou. Foram analisados 150 suplementos, localizados em acervos públicos e obtidos por meio de colecionadores, cotejados com depoimentos de editores do suplemento, com outros suplementos infantis produzidos no Brasil (em especial a *Folhinha de São Paulo*) e em outros países e com jornais publicados em período semelhante. O objetivo foi, a partir da problematização, identificar quem eram os leitores de *O Estadinho* e as infâncias impressas nele, analisando e descrevendo uma trajetória de *O Estadinho* e sua relação com as infâncias durante um período que movimentou o país em termos políticos, econômicos e sociais. Assim, com base nessa problematização passei a defender a tese de que esse suplemento proposto às crianças não fora de fato somente destinado ao público infantil. *O Estadinho* foi também um produto destinado ao público adulto, que lhe conferia usos próprios, como por exemplo, servir de material de apoio às aulas para professores e funcionar também como dispositivo de distinção social, por meio da criação de uma coluna social infantil. Com aporte na História da Cultura Escrita e Leitura e no estudo das representações, a análise do material levou a uma divisão do suplemento em duas fases, a primeira de 1972 a 1983 e a segunda de 1984 a 1987. Nessa divisão, foi possível analisar quem foram os leitores de *O Estadinho* e a comunicação estabelecida pelo suplemento em suas duas fases, sem deixar de dar fôlego às representações de infância a partir dos escritos sobre as comemorações da Independência do Brasil nos anos de 1972 e 1984. As representações impressas no suplemento, ao longo dos 15 anos, estiveram relacionadas a uma infância ligada à família, à escola e ao consumo, matizadas pelos contextos políticos e sociais de cada período, o que as diferencia de alguma maneira. Quanto ao público leitor de *O Estadinho*, pode-se aferir que a imagem de um jornal para crianças não deve ser confundida com a intenção de criar um material para esse público. *O Estadinho* foi um suplemento infantil, mas que, ao longo de sua trajetória, ocupou-se também de servir aos pais para agradá-los por meio da publicação das fotos de crianças.

Palavras-chave: *O Estadinho*; Representações; Infâncias; Impressos.

## ABSTRACT

In 1972 began to circulate through the printed newspaper *O Estado* a Sunday supplement childlike that contained in its interior amusements, some reports, publicity, subjects on diverse subjects, photos of children and comics. A material that for approximately 15 years gained the hands of children and adults and, without leaving much trace, stopped accompanying the newspaper at a time when the interaction between the supplement and its readers was on several fronts. This study presents *O Estadinho*, the relation of this supplement with its readers and the representations of childhood that won the pages of this child of Santa Catarina, problematized during the period in which it circulated. We analyzed 150 supplements, located in public collections and obtained through collectors, compared with testimonials from supplement editors, with other children's supplements produced in Brazil (especially *Folhinha de São Paulo*) and in other countries and with periodicals published in the period similar. The objective was, from the problematization, to identify who were the readers of *O Estadinho* and the childhoods printed in it, analyzing and describing a trajectory of *O Estadinho* and its relation with the childhoods during a period that moved the country in political, economic and social policies. On the basis of this problematization, I began to defend the thesis that this supplement proposed to children was not in fact only intended for children. *O Estadinho* was also a product destined to the adult public, that gave him own uses, like for example, to serve material of support to the classes for teachers and also to function as device of social distinction, through the creation of a social column for children. With contributions in the History of Written Culture and Reading and in the study of representations, the analysis of the material led to a fictitious division of the supplement in two phases, the first from 1972 to 1983 and the second from 1984 to 1987. In this division, it was possible to analyze who were the readers of *O Estadinho* and the communication established by the supplement in its two phases, without stopping to give breath to the representations of childhood from the writings on the celebrations of the Independence of Brazil in the years of 1972 and 1984. The representations printed in the supplement, over the 15 years, have been related to a childhood linked to the family, to the school and to the consumption, colored by the political and social contexts of each period, what differentiates them in some way. As for the reading public of *O Estadinho*, it can be verified that the image of a newspaper for children should not be confused with the intention to create a material for this public. *O Estadinho* was a children's supplement, but throughout his career he also took care of serving parents to please them through the publication of children's photos.

Keywords: *O Estadinho*; Representations; Childhoods; Press.

## RESUMEN

En 1972 comenzó a circular adjunto al diario impreso *O Estado*, un suplemento infantil dominical que contenía en su interior divertimentos, algunos reportajes, publicidades, temas variados, fotos de niños e historietas. Un material que tuvo su circulación por cerca de quince años y ganó las manos de los niños y adultos. Sin dejar muchos rastros, dejó de acompañar al diario en un momento que la interacción entre suplemento y sus lectores se daba por distintas maneras. Este estudio presenta *O Estadinho* y su relación con sus lectores, así como las representaciones de infancia que ganaron las páginas del infantil catarinense. Fueron analizados 150 ejemplares, ubicados en acervos públicos y personales, cotejados con los testimonios de editores del suplemento, con otros suplementos infantiles y diarios que le fueron contemporáneos, producidos en Brasil (en especial a *Folhinha de São Paulo*) y también otros extranjeros. El objetivo fue a partir de la problematización sobre quiénes son los lectores de *O Estadinho* y las infancias impresas en él, "Trazar una trayectoria de *O Estadinho* y su relación con la infancia o las infancias durante un período que movió el país en términos políticos, económicos y sociales". Así, con base en esa problematización pasé a defender la tesis de que ese suplemento propuesto a los niños no fuera de hecho solamente destinado al público infantil. *O Estadinho* fue también un producto destinado al público adulto, que le confería usos propios, como por ejemplo, servir de material de apoyo a las clases para profesores y funcionar también como dispositivo de distinción social, por medio de la creación de una columna social infantil. Con aporte de la Historia de la Cultura Escrita y de la Lectura, así como del estudio de las representaciones, el análisis del material llevó a una división del suplemento en dos períodos, lo primero de 1972 a 1983, lo segundo de 1984 a 1987. En esa división se puede analizar quiénes fueron los lectores de *O Estadinho* y la comunicación establecida por el suplemento en sus dos fases, sin dejar de observar la fuerza a las representaciones de infancia a partir de los escritos sobre las conmemoraciones de la Independencia de Brasil en los años 1972 y 1984. Las representaciones impresas en el suplemento a lo largo de los 15 años, estuvieron relacionados a una infancia colgada a la familia, la escuela y el consumo, matizados por los contextos políticos y sociales de cada período, lo que de alguna manera los diferencia. En cuanto al público lector de *O Estadinho*, se puede ver que la imagen de un diario para niños no debe confundirse con la intención de un material para este público. *O Estadinho* fue un suplemento infantil, pero al largo de su trayectoria, se ocupó también de servir a los padres, por medio de la publicación de fotos de sus hijos. Palabras clave: *O Estadinho*; Representaciones; Infancia; Prensa.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – O ideário de <i>O Estadinho</i> em capa: um jornal para crianças produzido por crianças.....	42
Figura 2 – Divertimentos produzidos por Maurício de Sousa .....	50
Figura 3 – Quadrinhos produzidos por Maurício de Sousa.....	51
Figura 4 – “Coluninha Social” – fotos infantis .....	54
Figura 5 – “Olha o Passarinho” - fotos infantis .....	55
Figura 6 – Trecho de matéria sobre a infância, com fotos de crianças I.....	57
Figura 7 – Trecho de matéria sobre a infância, com fotos de crianças II.....	58
Figura 8 – Capa problematizando a relação autoritária entre adultos e crianças .....	59
Figura 9 – Capa problematizando a falta de sensibilidade dos adultos.....	60
Figura 10 – Encarte de brinquedos, lojas Hermes Macedo.....	63
Figura 11 – Matéria sobre moda infantil.....	64
Figura 12 – Encarte Colégio Barddal.....	67
Figura 13 – Chamada para o Concurso de redação em homenagem aos 150 anos de Independência do Brasil.....	68
Figura 14 – Entrevista em suplemento especial comemorativo ao Dia das Crianças I.....	71
Figura 15 – Entrevista em suplemento especial comemorativo ao Dia das Crianças II.....	72
Figura 16 – Foto de trecho de matéria sobre moda infantil .....	75
Figura 17 – Encarte empreendimento imobiliário Village III.....	76
Figura 18 – Foto de matéria/convite sobre festa beneficente.....	81
Figura 19 – Foto de trecho de matéria sobre o problema da falta de assistência à infância.....	82
Figura 20 – Foto de trecho de matéria sobre pautas e opiniões das crianças .....	85
Figura 21 – Tipologia da capa de <i>O Estadinho</i> .....	92
Figura 22 – Capas em que aparecem os personagens criados por Maurício de Sousa I .....	93
Figura 23 – Capas em que aparecem os personagens criados por Maurício de Sousa II.....	94
Figura 24 – Seção Divertimentos de um suplemento espanhol .....	96
Figura 25 – Propaganda da <i>Revista Tico-Tico</i> .....	97
Figura 26 – Foto da seção Divertimentos <i>O Estadinho</i> .....	99
Figura 27 – Foto da seção Divertimentos <i>Folhinha de São Paulo</i> .....	100
Figura 28 – Reportagem sobre o sucesso de Maurício no Brasil .....	102
Figura 29 – História em quadrinhos do personagem Piteco.....	105
Figura 30 – História em quadrinhos do personagem Chico Bento I.....	107
Figura 31 – História em quadrinhos do personagem Chico Bento II.....	108
Figura 32 – Tirinha de humor elaborada por Renato .....	109
Figura 33 – Reportagem sobre o menino Clóvis Medeiros, cartunista-mirim .....	112
Figura 34 – Capa com foto de uma criança participante do Festival da Criança .....	113
Figura 35 – Fotos de crianças homenageadas em <i>O Estadinho</i> .....	114
Figura 36 – “Os Amiguinhos!” – fotos infantis .....	116

Figura 37 – Foto publicada na capa e contracapa .....	117
Figura 38 – Fotos publicadas na capa e contracapa .....	118
Figura 39 – Concorrentes ao título “boneca viva de Palma Sola”, evento social da cidade .....	120
Figura 40 – Menina Andrea, destaque na capa .....	121
Figura 41 – Na capa, Andrea Kowalski, homenagem a seu aniversário .....	122
Figura 42 – Foto da menina Flavia em destaque no suplemento infantil paulistano .....	124
Figura 43 – “Os Nossos Pequenos Leitores” – fotos infantis .....	125
Figura 44 – Historinhas e desenhos enviados para o Festival da Criança.....	128
Figura 45 – Foto de capa chamada para concurso .....	130
Figura 46 – Trabalho premiado pela Revista Billiken, concurso sobre a Pátria .....	133
Figura 47 – Festival da Pandorga, ano 1979 .....	135
Figura 48 – Seção A página é sua: incentivo à produção de textos .....	136
Figura 49 – Foto da coluna de adivinhações, charadas e curiosidades .....	137
Figura 50 – Foto da seção <i>O Leitor</i> .....	139
Figura 51 – Foto da coluna <i>Vamos criar?</i> .....	140
Figura 52 – Poema “O Anel”, de Paula Jabur.....	141
Figura 53 – Texto “As Estrelas”, elaboração das alunas Eveline, Daniela e Grazielle, do Educandário Imaculada Conceição.....	142
Figura 54 – Foto do primeiro quadrinho (‘Araújo’) produzido por uma criança.....	144
Figura 55 – Capa do suplemento infantil espanhol, Mini-Ya .....	149
Figura 56 – Entrevista realizada por alunos do IEE.....	151
Figura 57 – Matérias com assuntos que circulavam nos jornais para adultos I .....	154
Figura 58 – Matérias com assuntos que circulavam nos jornais para adultos II.....	155
Figura 59 – Expediente com informações sobre quem elaborava o suplemento .....	157
Figura 60 – Editorial em comemoração aos 10 anos da <i>Folhinha de São Paulo</i> .....	159
Figura 61 – Editorial Coxixo pede desculpas a seus leitores .....	160
Figura 62 – Matéria explicando como acontecerá o processo eleitoral de 1985.....	162
Figura 63 – Trecho da matéria sobre a Reforma Agrária.....	163
Figura 64 – Foto de chamada para colaboração de leitores do suplemento Folhinha.....	170
Figura 65 – Leitora solicita mais áreas verdes em sua cidade .....	171
Figura 66 – Capa em que aparece uma criança surfando, matéria em destaque .....	173
Figura 67 – Foto do quadrinho ‘Índio’.....	174
Figura 68 – Tirinhas do personagem Dedé .....	175
Figura 69 – Texto e desenho do menino Fábio, publicado na capa do suplemento .....	176
Figura 70 – Poema da leitora Raquel sobre a economia brasileira .....	177
Figura 71 – História em quadrinhos do leitor Gustavo .....	180
Figura 72 – Tirinha do leitor Gustavo.....	181
Figura 73 – Tirinha elaborada pelo leitor José Carlos .....	182

Figura 74 – O Cupido do Amor, tirinha de José Carlos.....	182
Figura 75 – Receita enviada por Sylvana Medeiros.....	183
Figura 76 – Charadas enviadas por leitoras .....	184
Figura 77 – Receita enviada por leitoras do suplemento infantil.....	185
Figura 78 – Receitas enviadas por leitores de <b>O ESTADINHO</b> .....	187
Figura 79 – Receitas enviadas por leitores de <i>Folhinha de São Paulo</i> .....	188
Figura 80 – Colaborações do leitor Giancarlo .....	189
Figura 81– Colaborações do leitor Giancarlo .....	189
Figura 82 – Foto da seção Recadinhos.....	193
Figura 83 – Foto da seção Boca Livre .....	194
Figura 84 – Foto da seção Cartas sobre ‘clubinhos de cartas’ .....	201
Figura 85 – Foto da seção Cartas sobre Clubes de amigos .....	202
Figura 86 – Foto da seção Cartas (1) .....	203
Figura 87 – Foto da seção Cartas (2) .....	204
Figura 88 – Seção destinada à troca de correspondências .....	206
Figura 89 – Seção para troca de cartas.....	207
Figura 90 – Seção que incentivava a troca de cartas.....	208
Figura 91 – Leitores colaboram com reportagens <b>O Estadinho</b> .....	210
Figura 92 – Leitores colaboram com reportagens <i>Folhinha de São Paulo</i> .....	210
Figura 93 – Leitor escreve sobre atividade típica do litoral catarinense .....	212
Figura 94 – Leitora escreve sobre alguns problemas de seu bairro .....	213
Figura 95 – “O Espaço d Rapaziada”.....	215
Figura 96 – “O Espaço é seu” .....	216
Figura 97 – Festival da Criança, em 1972 .....	220
Figura 98 – Festival da Criança, em 1972 .....	225
Figura 99 – Festival da Criança, em 1972 .....	225
Figura 100 – O Dia da Criança associado ao descobrimento da América .....	226
Figura 101 – Anunciando a chegada de uma edição especial .....	227
Figura 102 – Uma infância clicada .....	230
Figura 103 – Programinha, dicas de lazer .....	232
Figura 104 – Tirinha problematizando a relação do homem com a natureza e consumo .....	244
Figura 105 – Tirinha elaborada por José Carlos, sobre a relação Natal e nascimento de Cristo.....	244
Figura 106 – Encarte Natal, lojas Pereira Oliveira .....	247
Figura 107 – Encarte publicitário Paula Ramos Esporte Clube .....	250
Figura 108 – Mensagens de Natal, escritas por crianças .....	252
Figura 109 – Mensagem dos editores de <b>O Estadinho</b> .....	254
Figura 110 – Desfile cívico em comemoração a Independência da República.....	258
Figura 111 – Encarte publicitário do Banco Nacional da Habitação .....	261

Figura 112 – Álbum de figurinhas em homenagem ao Sesquicentenário I.....	263
Figura 113 – Álbum de figurinhas em homenagem ao Sesquicentenário II .....	264
Figura 114 – Publicidade enaltecendo os 150 anos de Independência do Brasil .....	266
Figura 115 – Publicidade enaltecendo os 150 anos de Independência do Brasil .....	266
Figura 116 – Independência do Brasil ganha concurso em <i>O Estadinho</i> .....	268
Figura 117 – Novela exibida pela Rede Manchete .....	273
Figura 118 – Concurso monografias .....	276
Figura 119 – Homenagem a Independência do Brasil .....	279
Figura 120 – Trecho da redação vencedora, categoria 5ª a 8ª série .....	290
Figura 121 – Continuação trecho da redação vencedora, categoria 5ª a 8ª série.....	291
Figura 122 – Redação vencedora categoria 1ª a 4ª série .....	299
Figura 123 – Imagem de Dom Pedro .....	300
Figura 124 – Imagem de Dom Pedro desenhada por Marcelo Abraham Peixoto .....	301
Figura 125 – Encartes em homenagem a Independência do Brasil I .....	302
Figura 126 – Encartes em homenagem a Independência do Brasil II.....	303
Figura 127 – Desfile Cívico – Sete de Setembro 1972 .....	305
Figura 128 – Homenagens à Pátria .....	308
Figura 129 – Desenho alusivos à Pátria na capa de <i>O Estadinho</i> .....	311
Figura 130 – Desfile Cívico – Sete de Setembro 1984 .....	317

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Relação das seções e os anos que compõem a primeira fase do suplemento .....	90
Quadro 2 – Quantidades totais de edições de <i>O Estadinho</i> e de edições com quadrinhos (1972-1983) .....	103
Quadro 3 – Quantidades de Cartas, por cidades (segunda fase)* .....	199
Quadro 4 – Duas infâncias .....	236
Quadro 5 – Livros Didáticos de História .....	326

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Acervo da pesquisa: quantidade de edições de <i>O Estadinho</i> (1972-1987).....	52
Tabela 2 – Relação cidades, escolas e inscritos ao concurso sobre a Independência da República.....	287

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

- ANDI – Agência de Notícias dos Direitos da Infância.
- BESC – Banco do Estado de Santa Catarina
- CA – Colégio de Aplicação
- CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- CEART – Centro de Artes
- CEC – Comissão Executiva Central
- CEF – Caixa Econômica Estadual
- CEPLI – Centro de Estudios de Promoción de la Lectura y Literatura Infantil
- CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
- FAED – Centro de Ciências Humanas e da Educação
- FAPESC – Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina
- FCC – Fundação Catarinense de Cultura
- GEHCEL – Grupo de Estudos História Cultura Escrita e Leitura
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- IEE – Instituto Estadual de Educação
- LADESC – Liga de Apoio ao Desenvolvimento Social Catarinense
- LEH – Laboratório do Ensino de História
- MDB – Movimento Democrático Brasileiro
- NEPESC – Núcleo de Estudos e Pesquisa Educação e Sociedade Contemporânea
- RBE – Revista Brasileira de Educação
- RBHE – Revista Brasileira de História da Educação
- UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina
- UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina
- UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	20
2 <i>O ESTADINHO</i> UM SUPLEMENTO INFANTIL PARA CRIANÇAS E ADULTOS DE SANTA CATARINA.....	41
2.1 SEGUINDO A “ONDA” DOS GRANDES: DENTRO DE <i>O ESTADO, O ESTADINHO</i> .....	41
2.2 INFÂNCIAS IMPRESSAS: PARA CADA JORNAL, REPRESENTAÇÕES DO SER CRIANÇA EM SANTA CATARINA.....	56
3 A CONSOLIDAÇÃO DE UM IMPRESSO INFANTIL (1972-1983).....	87
3.1 CAPAS, QUADRINHOS E DIVERTIMENTOS: <i>A TURMA DA MONICA E O ESTADINHO</i> .....	87
3.2 COLUNINHA SOCIAL, UMA VITRINE PARA POUCOS.....	111
3.3 “ESSA PÁGINA É SUA”, A PARTICIPAÇÃO INFANTIL NO IMPRESSO CATARINENSE.....	126
4 NOVOS PERSONAGENS ENTRAM EM CENA: MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS EM <i>O ESTADINHO</i> (1984-1987).....	147
4.1 UM EDITORIAL DE “GENTE GRANDE”.....	147
4.2 LEITORES COLABORADORES DE TODAS AS IDADES.....	167
5 PÁGINAS EM FESTA: COMEMORAÇÕES EM <i>O ESTADINHO</i> .....	218
5.1 O FESTIVAL DA CRIANÇA DE 1972: A FESTA EM FAMÍLIA.....	218
5.2 O DIA DA CRIANÇA E A REPRESENTAÇÃO DE UMA INFÂNCIA IDEAL.....	226
5.3 NATAL: O COMETA HALLEY É O GRANDE PRESENTE.....	244
5.4 INDEPENDÊNCIA NÃO SE GANHA NO GRITO: COMEMORAR O SETE DE SETEMBRO.....	255
6 ESCREVER PARA COMEMORAR: DE PÁTRIA AMADA A QUESTIONADA.....	275
6.1 CONCURSO DE REDAÇÃO NO ANO DO SESQUICENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA.....	275
6.2 “BRASIL, UM PAÍS INDEPENDENTE?” HOMENAGENS EM ANOS DE DIRETAS JÁ.....	306
7 QUANTAS INFÂNCIAS CABEM EM <i>O ESTADINHO</i> – UMA NARRATIVA QUE SE CONCLUI.....	331
REFERÊNCIAS.....	342

## 1 INTRODUÇÃO

O marinheiro estava passando de barco e viu uma índia em um trapiche e a índia estava se exibindo. (GUILHERME SABINO RUPP, *O ESTADINHO*, 2/7/1972, p. 7).

O trecho que introduz este trabalho foi escrito por Guilherme (neto de Henrique Rupp Jr. – fundador do jornal *O Estado*) e extraído do suplemento infantil que é objeto deste estudo. Esse trecho mimetiza minha relação com *O Estadinho*<sup>1</sup>. Decerto que não estava em um barco e sequer mirava uma índia, embora estivesse em algum lugar olhando com atenção algo que incansavelmente se exibia para mim. Estava na Biblioteca Pública de Santa Catarina flertando intensamente com velhos papéis, jornais esquecidos no tempo, mas que a cada página virada exibiam com vigor inúmeras possibilidades de relatos, memórias ali registradas por fotos, desenhos e textos.

Meu olhar estava quase hipnotizado pelo jornal infantil, maravilhado com o impresso que por meses me levou a uma pequena sala, no terceiro andar de um antigo prédio localizado no Centro da cidade de Florianópolis. Estava em busca de indícios que me permitissem inventariar uma história sobre aquele material e as infâncias que por escrito estampavam suas páginas.

Quanto à história do marinheiro, nunca soube se ele olhou a índia com admiração, se a desejou, enfim, se pode enamorar-se dela; quanto a mim, posso afirmar que a relação iniciada com o suplemento *O Estadinho* foi, em grande medida, definidora dos caminhos desta pesquisa, que tem **foco nas relações desse material com as infâncias**.

Com aporte na História da Cultura Escrita e da Leitura<sup>2</sup>, com especial interesse nos artefatos impressos, a motivação desta investigação não separa uma “[...] compreensão histórica dos escritos da descrição morfológica dos objetos que os trazem.” (CHARTIER, 2010a, p. 8). Ao contrário, é por meio do estudo dessas duas vertentes em *O Estadinho* que será possível entender como são forjadas imagens e

---

<sup>1</sup> Ressalta-se que as edições de *O Estadinho* foram consultadas em um repositório no qual apenas é possível consultar com senha e *login*. O *link* do repositório está listado na seção referências deste trabalho.

<sup>2</sup> Neste estudo, a análise, nos aspectos referentes à cultura escrita e de leitura, parte dos estudos de Antonio Castillo Gómez (2002), segundo autor: “Una propuesta, en consecuencia, que viene a superar la distinción convencional entre la historia de la escritura, por un lado y la historia del libro y de la lectura, por outro, para hacerlas converger en un espacio común: el de la historia social de la cultura escrita, cuyo cometido sería el estudio de la producción, difusión, uso y conservación de los objetos escritos, cualquiera que sea su concreta materialidad - del documento oficial a la carta privada - o soporte - de la tablilla de arcilla a la pantalla electrónica.” (GÓMEZ, 2002, p. 19).

representações de infâncias. Imagens que circularam em um jornal dentro de outro jornal, no qual “[...] tanto as notícias importantes quanto os pequenos fatos do dia passaram a ocupar um lugar considerável [...]” (ALBERT; TERROU, 1990, p. 45). Assim, com essa noção de que escrita e leitura são processos históricos, construídos por sujeitos que transformam, modificam e interferem, tanto nos modos de escrever como nas maneiras de ler (CHARTIER, 2009), fui percebendo que o suplemento infantil do jornal *O Estado* poderia fornecer muitas pistas sobre essas ações, que são também práticas sociais. Chartier (2010b, p. 9) sinalizou para a “reorganização das práticas culturais”, envolvendo a escrita, que se inventa a partir da oralidade, das formas de ler quando o códice torna o rolo obsoleto, e da imprensa quando se destaca em meio a textos manuscritos. Todos esses eventos foram, em grande medida, geradores de novas práticas culturais, e estudar *O Estadinho* sob esse olhar permitiu ver, ainda que em escala muito menor, como o simples fato de obter um jornal envolve práticas que transcendem o ato de ler. Práticas que são de leitura, de escritura, mas também de consumo, de distinção e até de instrução. Práticas que deram a conhecer, ainda que indiretamente, por meio de um suplemento, modos de viver as infâncias, por sujeitos cujos vestígios pouco se conservaram. Tal fato já foi identificado por Sierra Blas (2009) em sua pesquisa que envolveu a análise de cartas, desenhos e produções textuais de crianças exiladas durante a guerra civil espanhola e é pela historiadora, frequentemente, problematizado em seus escritos (SIERRA BLAS, 2002; 2004; 2013).

Entre los grandes olvidados de la Historia están los niños. Algo obvio, pues de ellos no se conservan apenas rastros escritos, ya que en su gran mayoría no escribieron o, si lo hicieron, sus testimonios no se consideraron importantes ni, por tanto, dignos de conservar. O al menos eso se pensó entonces. Con el tiempo, sin embargo, se há ido descubriendo que la escritura infantil es un filón por explotar y que estudiar los documentos producidos por niños arroja luz sobre muchos aspectos que de otro modo serían difíciles de reconstruir. Por eso cada vez son más las voces que reclaman el lugar de los niños en la Historia y que afirman que la suya es una memoria posible, que puede articularse no sólo a partir de los recuerdos, historias de vida y autobiografías, sino también a través de los testimonios directos de los propios niños que han llegado hasta nosotros [...]. (SIERRA BLAS, 2009, p. 22).

E assim, tendo em vista que uma pesquisa realizada a partir de impressos destinados às crianças poderia em sua trajetória apresentar grandes lacunas, fui tecendo uma escrita, trilhando um caminho de pesquisa que pudesse concretizar o estudo ambicionado, a partir desses materiais produzidos, em princípio, para meninos e meninas catarinenses. Uma escrita desdobrada (CERTEAU, 1982), que almeja “[...]”

convocar o passado, que já não está num discurso no presente; mostrar as competências do historiador, dono das fontes; e convencer o leitor” (CHARTIER, 2010b, p. 15). Uma história que é temporal, pois “toda história foi, é e será uma história do presente.” (KOSELLECK, 2014, p. 233). Um trabalho árduo, já que a história aqui contada é nada mais do que a construção de um passado, que não pode ser restituído, mas sim interpretado e representado por meio de resquícios deixados aqui e ali. Rastros que podem ser comparados a um quebra-cabeça, e mesmo que lhe falte pedaços, ou que seja formado por peças rasgadas, disformes ou sem nitidez, permitem inventariar e criar uma narrativa. Narrativa esta que é “uma representação ao longo da sequência temporal, pois toda história se realiza no tempo.” (KOSELLECK, 2014, p. 230). Sem se esquecer de que narrar é uma competência que se relaciona a nossa experiência, somos narradores “[...] porque narrar configura nossa existência” (BERETA DA SILVA, 2015, p. 32).

Aqui, apresenta-se uma narrativa para ser questionada, para ser continuada, ou para ser esquecida. Uma narrativa cujo processo (pesquisa, leitura, escrita) não termina no texto, sua conclusão acontece quando encontra o leitor (RICOEUR, 2006). Assim, “[...] el sentido o el significado de um relato surge em la intersección del mundo del texto con el mundo del lector.” (RICOEUR, 2006, p.15).

O objeto, que por meio dessa investigação se apresenta, foi uma iniciativa do jornal *O Estado*<sup>3</sup>. Um dos mais longevos jornais catarinense. Nasceu em 13 de maio de 1915, de propriedade de Henrique Rupp<sup>4</sup> Jr. e Ulysses Costa<sup>5</sup>, atravessou o século XX e, no ano de 2009, parou de circular, apesar do esforço de muitos de seus colaboradores e de proprietários para continuar na ativa. Seu intuito, anunciado em seu primeiro

---

<sup>3</sup> O jornal *O Estado* foi ao longo de sua trajetória almejado por políticos que se envolveram-se em artimanhas diversas para comprá-lo, quando surgia a intenção de vendê-lo. Iniciou em 1915 nas mãos de Henrique Rupp e Ulysses Costa e em 1925 foi vendido a Victor Konder (Ministro da Aviação naquele período), irmão do governador do estado de Santa Catarina a época, Adolfo Konder. Em 1941, Altino Flores que dirigia o jornal desde 1930 a convite de Victor Konder torna-se proprietário, mas o vende em 1945 para Moacyr Iguatemi da Silveira, que após um curto período o repassa a Sidney Nocetti. Sidney foi intermediário de uma compra arquitetada por Aderbal Ramos da Silva (político, que em 1947 assumia o governo de Santa Catarina) que, com receio de perder a oportunidade de comprar o jornal, devido a sua posição política, recorre a estratégia de usar um intermediário. Em meados da década de 1960, Aderbal passa a direção de *O Estado* a seu genro José Matusalém de Carvalho Comelli, que permanece no jornal até 2009, quando em decorrência de múltiplas crises, fecha suas portas parando de circular. (Ver BUDDE, Leani. Jornadas impressas: o Estado e Florianópolis – 1985 a 2009. 2013. 294 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Florianópolis, 2013; MATA, Maria Margarete Sell da. Jornal O Estado: uma história em construção (1915-1931). 1996. 95 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, 1996.

<sup>4</sup> Henrique Rupp Jr. nasceu em Joinville, em 27 de março de 1880, foi advogado e político, por três vezes foi deputado estadual, também fundou o jornal *A Pátria* (PIAZZA, 1994).

<sup>5</sup> Ulysses Costa foi Chefe de Polícia do governo de Felipe Schimidt (MATA, 1996).

exemplar, era o de advogar em benefício da população, tendo a parcialidade como um de seus propósitos. Embora esse fosse o ideal propagado pelo jornal, anunciado como o representante do povo e do Estado, tanto na publicação de notícias como também na circulação que alcançava várias regiões do Estado e não somente Florianópolis – onde fora editado – as pesquisas de Moacir Pereira (1992), Maria Margarete Sell da Mata (1996) e Leani Budde (2013) afirmam que *O Estado* esteve, em diversos momentos de sua trajetória, estreitamente vinculado à política partidária e, por vezes, esteve à frente de seu comando e de posse de políticos de expressiva representatividade no cenário estadual e nacional, como Aderbal Ramos da Silva<sup>6</sup> e Victor Konder<sup>7</sup>. E foi sob o comando de José Matusalém de Carvalho Comelli, à época, genro de Aderbal Ramos da Silva – proprietário de *O Estado* – que, em 1972, chegou às mãos das crianças catarinenses *O Estadinho*: um suplemento infantil.

Dar a conhecer hoje, este impresso infantil que por 15 anos foi objeto de leitura, interação e construção de escrita para muitas crianças é por em destaque outras formas de ler, é permitir o diálogo com outras temporalidades e compreender que o modo como lemos ou nos comunicamos pela escrita são decorrentes de construções sociais, não existem por si mesmos, como lembrou Armando Petrucci, citando Laszlo Mezey (1959), “[...] la escritura no ha evolucionado a partir de sí mismo, del mismo modo que ningún outro médio técnico se desarrolla a partir de un medio precedente, sino por su reciprocidade continuada con la sociedade.” (LASLO MEZEY *apud* PETRUCCI, 1998, p. 5). Reconhecer que a era digital permite ao leitor uma gama de interferências e de possibilidades diante da tela, inclusive de intervir e de criar seu material de lazer e de leitura (CHARTIER, 2010b), não afasta a necessidade de apresentar, sobretudo àqueles que cresceram longe desses suportes impressos, o que foi um suplemento de jornal artefato intimamente relacionado a cultura escrita e leitura. Como pesquisadores, principalmente, na linha de História e Historiografia da Educação, cabe-nos, diante de um estudo que versa sobre cultura escrita e leitura, apresentar as alternativas de leituras, aquelas que a seu tempo foram inovadoras, vanguardistas, vitrines de saberes, de gostos e de práticas sociais. Pretende-se sensibilizar o leitor para que esses objetos sejam

---

<sup>6</sup> Aderbal Ramos da Silva (1911-1985), político, jornalista, advogado, nascido em Florianópolis, foi governador de Santa Catarina de 1947 a 1948 (PIAZZA, 1994).

<sup>7</sup> Victor Konder (1886-1941), político, advogado, nasceu em Itajaí, no ano de 1886. Foi deputado estadual e ministro da Viação e Obras Públicas. Irmão de Adolfo Konder, político, que governou Santa Catarina, de 1926 a 1927 (PIAZZA, 1994).

vistos, tocados, explorados em sua materialidade “[...] tais como foram impressos e lidos em sua época” (CHARTIER, 2002, p. 29).

Nesse trilhar, participei, antes do ingresso formal no doutorado, como aluna ouvinte e especial em disciplinas do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC) e também de reuniões no Grupo de Estudos História Cultura Escrita e Leitura (GEHCEL)<sup>8</sup> da mesma instituição, também realizei as primeiras escritas acerca do tema, exercícios fundamentais para quem deseja dedicar-se à construção de uma tese.

Na euforia de voltar aos bancos escolares, mas sem desconsiderar meu “lugar de fala” (CERTEAU, 1996) e adensando os aspectos teóricos e metodológicos que envolvem a pesquisa, fui, aos poucos, visualizando formas de problematizar e de estudar algumas questões que me afligiam, tendo em mente que o trabalho historiográfico é um olhar do presente para o passado, portanto, sem intenção de restituí-lo, tampouco de prever o futuro, já que “História não é mesmo conta de soma de dois mais dois, e historiador nada tem de futurologista ou leitor de búzios” (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 506).

Com a devida cautela, organizei a labuta da escrita dessa tese em História da Educação com uma aproximação ao mais recente trabalho de François Hartog (2017, p. 15) sobre o fazer da História, notadamente quando ele adverte que:

[...] o homem contribui para o fazer história: uma história que por certo lhe escapa, mas que nem não por isso precisa menos de seu concurso para se realizar. E, no fundo, quanto mais ele sabe disso, melhor ele a faz, pois assim está devidamente advertido de seus limites e de suas ignorâncias.

Como professora de Educação Física, atuante na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, as temáticas sobre as especificidades no trabalho com a criança foram constantes na minha formação e fazer pedagógico, no qual se insere o brincar, objeto que foi parte de minha investigação<sup>9</sup> no curso de mestrado em Teoria e Prática Pedagógica na Universidade Federal de Santa Catarina. E foi esse o meu primeiro interesse investigativo quando decidi voltar à Pós-Graduação: ver, em princípio, quais acervos de brinquedos, revistas infantis e documentos escolares poderiam me ajudar a fazer uma cartografia das brincadeiras que se supõe estar

---

<sup>8</sup> Grupo de Estudos História e Cultura Escrita e Leitura (GEHCEL), coordenado pela Professora Doutora Maria Teresa Santos Cunha, cujos encontros quinzenais acontecem nas dependências da FAED/UDESC, com a presença de orientandos/as e bolsistas dos cursos de graduação e pós-graduação vinculados à já citada Universidade.

<sup>9</sup> *Educação Física: perspectivas teórico-metodológicas para a educação emancipatória na primeira infância*, dissertação defendida no ano de 2008, sob orientação do Professor Doutor Elenor Kunz.

“sumindo” do universo infantil de hoje, e que comumente apareciam nas unidades educativas (creches e escolas) sob a forma de projetos, visando “recuperar” as brincadeiras de “antigamente”.

Elegi a década de 1970, pois esse período aparecia com frequência nas falas de meus colegas professores que, em grande medida, foram crianças naquele período e pronunciavam em alto e bom tom que “no meu tempo é que se brincava”. Fui então à busca de documentos que pudessem me ajudar a inferir algo sobre essa forma de manifestação infantil: a brincadeira, tendo clareza de que “[...] los documentos existen si se sabe buscarlos” (CASTILLO GÓMEZ, 2012a, p. 19).

Coletei documentos oficiais, conheci acervos pessoais, visualizei fotos de familiares e seus brinquedos, observei revistas pedagógicas e um jornal infantil. O jornal de pronto me seduziu e não tardou em migrar de fonte de consulta para objeto de pesquisa.

Envolvida em uma atmosfera de leitura e de valorização da cultura escrita, em um grupo (GEHCEL) cujas pesquisas versavam e versam sobre livros, impressos, cartas, não foi difícil perceber que *O Estadinho* poderia muito mais do que me ajudar a pensar as questões da brincadeira, sendo ele próprio objeto de análise do universo infantil, para além do brincar. Flertando com o material, fazendo a ele mil perguntas e buscando nele correspondentes respostas, outra questão começou a se evidenciar: pesquisar é fazer escolhas. Pesquisar é fazer escolhas! É mudar de rumo, abrir mão, é trocar. O contato com jornal infantil e as imensas possibilidades de pesquisas nele presentes foram afastando de mim a ideia inicial de verticalizar meu estudo na brincadeira. Urgia outra necessidade, a de focar a pesquisa no e sobre *O Estadinho*, de tomá-lo por inteiro, não no sentido de esgotá-lo, mas de compreender como foi a trajetória daquele que, em princípio, teria sido o suplemento infantil impresso que por mais anos circulou no Estado catarinense. Surgia ainda a necessidade de, nessa trajetória, verificar o processo de produção material, as infâncias ali representadas, as intenções de seus editores e as interações com seus leitores. Aliás, quem eram esses leitores? Crianças? Pais? Professores? Jornalistas? Um questionamento aparentemente banal, mas que precisava ser problematizado. Foi esta problemática que constituiu a presente investigação: *O Estadinho, a quem se destinava?*

Um turbilhão de perguntas. Por que um suplemento infantil em um jornal? Era mesmo um material para crianças? Ou também era dirigido aos pais? Qual conteúdo? Havia escritas de crianças? Havia regularidade nas colunas? Como era sua

materialidade? Quem o produzia? Como se dava sua circulação? Quem eram seus leitores? Era possível comunicar-se com o suplemento? Havia nele uma representação de infância? Qual ou quais? Havia como identificar um modelo ou uma concepção de infância que fosse preconizada pelo jornal? Os modelos de infância<sup>10</sup> circulantes no jornal estavam afinados com as discussões sobre esse tema em outras esferas da sociedade (políticas públicas, artes, escolarização, família)? Que intenções motivaram a publicação por aproximadamente 15 anos de um suplemento infantil? E uma inquietação bastante particular: por que um material tão imerso na cultura escrita e na leitura, com relação próxima à escolarização, ainda não havia sido investigado por pesquisadores da Educação e da História da Educação? Algumas delas seguem sem resposta, entretanto, outras, ainda que parcialmente ou provisoriamente, foram aqui respondidas. Contudo, o **objetivo geral** anunciado no projeto de tese, acredita-se ter sido contemplado: **Identificar quem eram os leitores de *O Estadinho* e as infâncias impressas nele, analisando e descrevendo uma trajetória de *O Estadinho* e sua relação com as infâncias durante um período que movimentou o país em termos políticos, econômicos e sociais.** Neste sentido passei a defender a tese de que esse suplemento proposto às crianças não fora de fato somente destinado ao público infantil. *O Estadinho* foi também um produto destinado ao público adulto, que lhe conferia usos próprios, como por exemplo, servir de material de apoio às aulas para professores e funcionar também como dispositivo de distinção social, por meio da criação de uma coluna social infantil.

Desde a criação de *O Estadinho* em 1972, quais foram suas estratégias, as rupturas e as continuidades que permitiram por 15 anos a circulação desse impresso e, por conseguinte, uma representação de infância. Para tal investigação, outros objetivos, mais específicos, foram arrolados, por exemplo: identificar como e por que *O Estadinho* foi implantado pelo jornal *O Estado* e perceber por meio de seus editoriais as estratégias de comunicação entre e com os leitores. Cruzar essas informações com os

---

<sup>10</sup> Faz-se necessário distinguir que neste trabalho não se emprega criança, crianças, infância e infâncias como sinônimos. A infância aqui referida deve ser compreendida como uma construção social, “[...] uma vez que se refere a um estatuto social, marcado por fronteiras incorporadas no seio da estrutura social e que se manifesta em certas formas típicas de conduta essencialmente relacionadas com um dado ambiente cultural.” (PONTE, 2012, p. 13). A criança é o sujeito que vive a infância e “sempre houve várias infâncias, distintas entre si por condição social, por idade, por sexo, pelo lugar onde a criança vivia, pela cultura, pela época, pelas relações com os adultos.” (MÜLLER, 2007, p. 96). Ainda cabe ressaltar, que mesmo quando usada no singular, a palavra infância remete a pluralidade e o reconhecimento de várias infâncias, ou na perspectiva de Sarmento (2003), várias culturas da infância, pois “esse lugar das culturas é continuamente reestruturado pela condições estruturais que definem as gerações em cada momento histórico concreto.” (SARMENTO, 2003, p. 18).

modos de como as infâncias fora caracterizada pelo infantil catarinense também contribui para traçar uma história do suplemento, atrelada à infância e suas representações.

É interessante destacar aqui o quanto a imprensa tem contribuído para o desenrolar da História da Educação, escritos que vêm ganhando espaço desde a década de 1970. Já que se participava da ideia de reconhecer a “[...] importância de tais impressos e não era nova a preocupação de se escrever a História da imprensa, mas relutavam em mobilizá-los para a escrita da História por meio da imprensa” (LUCA, 2005, p. 111). A pesquisadora também ressalta que,

Para trazer à luz o acontecido, o historiador, livre de qualquer envolvimento com seu objeto de estudo e senhor de métodos de crítica textual precisa, deveria valer-se de fontes marcadas pela objetividade, neutralidade, fidedignidade, credibilidade, além de suficientemente distanciadas de seu próprio tempo. Estabeleceu-se uma hierarquia qualitativa dos documentos para a qual o especialista deveria estar atento. Nesse contexto, os jornais pareciam pouco adequados para a recuperação do passado, uma vez que essas “enciclopédias do cotidiano” continham registros fragmentários do presente, realizados sob o influxo de interesses, compromissos e paixões. Em vez [de] permitirem captar o ocorrido, dele forneciam imagens parciais, distorcidas e subjetivas. (LUCA, 2005, p. 112).

Mas, a partir de um novo olhar sobre as fontes documentais, estabelecidas pela Nova História, surge um alargamento do pensar histórico. E a imprensa, segundo Luca (2005) embebido das ideias de José Honório Rodrigues, passa a enxergar o jornal “[...] como uma das principais fontes de informação histórica [...]” e ponderava que “[...] nem sempre a independência e exatidão dominam o conteúdo editorial[...]”, caracterizado como mistura do imparcial e do tendencioso, do certo e do falso” (LUCA, 2005, p. 116). Desse modo, ao fazer uso da imprensa como mecanismo de investigação, é necessário se ater também a suas armadilhas e não aceitar totalmente o que se encontra. Assim, não se deve tomar o documento como a única verdade, seja ele ligado aos impressos ou a qualquer outro documento, pois este se mantém cheio de intencionalidades, interesses próprios e representações, e o pesquisador, nesse sentido, deve estar alerta para tais questões.

Tendo em mente que todo documento é um monumento, partindo de uma concepção em que “O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder [...]” (LE GOFF, 1990, p. 545), fui aos poucos desenhando estratégias para “fazer falar” esses impressos. Documentos tão cheios de armadilhas. Rastros que

precisam ser interrogados e questionados, ainda que ressaltar a necessidade dessa operação possa parecer banal (RICOEUR, 2010).

Com isso, a pesquisa aqui apresentada procurou, seguindo a sugestão de Schwarcz e Starling (2015, p. 499), “[...] faz[er] um jogo com o tempo: embaralha, ordena e reordena o fio da meada; põe um olho no passado, mas mantém o outro aberto no presente e até no futuro”. Para isso, tendo como orientação metodológica o processo historiográfico anunciado por Certeau (1982, p.73), segundo o qual “[...] tudo começa com o gesto de separar, de reunir, de transformar em ‘documentos’ certos objetos distribuídos de outra maneira [...]”, organizou-se os suplementos em dois blocos, separados por temas, quais sejam: 1º bloco – edições de 1972 a 1983; e 2º bloco – edições de 1984 a 1987. Inicialmente, os temas foram as comemorações, as escritas infantis, os concursos de redação e as fotos das crianças. Eles emergiram após a análise dos 150 suplementos, o que consistiu de início em um estudo sobre a materialidade do impresso, em sua forma e conteúdo. Na segunda etapa desse processo, foi possível verificar que seções e temas foram mais e menos frequentes, quais se mantiveram no jornal durante seu período de circulação e como se deu a composição dos editoriais, o que permitiu organizar o estudo em dois eixos: 1º Apresentá-lo seguindo uma divisão relacionada a uma mudança na sua linha editorial, que, em certa medida, acompanhava a atmosfera política do momento; e 2º Analisá-lo a partir de algumas datas comemorativas que pudessem auxiliar na identificação das representações de infância. Do estudo das comemorações, as análises das representações infantis foram adensadas pelas narrativas das crianças publicadas em *O Estadinho*, com ênfase nas alusivas à Independência do Brasil.

O acervo desta pesquisa está composto de 150 edições do suplemento *O Estadinho*, publicadas entre os anos de 1972 a 1987, exceto os anos de 1977 e 1978, já que não foi possível encontrar qualquer exemplar desses anos. Os materiais foram coletados durante aproximadamente um ano, na Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina, setor de Obras Raras (63 suplementos), no acervo pessoal de Marisa Napolini<sup>11</sup> (27 suplementos), no acervo do Núcleo de Estudos e Pesquisa Educação e Sociedade Contemporânea (NEPESC) da Universidade Federal de Santa Catarina (39

---

<sup>11</sup> Marisa Napolini foi colaboradora de *O Estadinho* durante os anos de 1985 a 1986, atuando na coordenação, redação e diagramação do suplemento. Graduada em jornalismo, tem atuação constante tanto na cena cultural brasileira como na comunidade acadêmica ligada às artes.

suplementos) e no acervo pessoal de Leonardo Nogueira<sup>12</sup> (22 suplementos). Junto a esse material, foram utilizadas, com a devida autorização, seis entrevistas<sup>13</sup> realizadas pelos integrantes do NEPESC/UFSC, a alguns colaboradores de *O Estadinho*. Material referente às entrevistas, coletado entre os anos de 2013 a 2016 é de inteira responsabilidade do NEPESC e está disponível no acervo físico do grupo.

Os suplementos arquivados na Biblioteca Pública e os do acervo pessoal de Marisa Napolini são originais e estavam em bom estado de conservação. Foi possível, por meio de foto, reproduzir todos os suplementos encontrados, como também, por meio de fotografia, foram reproduzidos os exemplares que compunham o acervo do NEPESC. Cabe ressaltar que o local que por lei deveria abrigar esses materiais dispõe de um número pouco expressivo de edições, um total de 63, numa estimativa de produção de mais de 750 suplementos, ou seja, um percentual inferior a 10%<sup>14</sup> do total que se estima ter sido publicado. O pequeno número de suplementos encontrados na biblioteca permite, embora não seja a discussão central desta tese, problematizar questões sobre as instituições de custódia, bem como as condições de salvaguarda e de conservação desses materiais<sup>15</sup>. Entretanto, há que se considerar que, mesmo à mercê de vontades e desejos, muitas vezes sendo descartados sem a mínima obediência às leis de salvaguarda<sup>16</sup> de documentos, os jornais têm ganhado visibilidade nas pesquisas<sup>17</sup>,

---

<sup>12</sup> Leonardo Nogueira é doutorando do Programa de Pós-graduação em Educação da UFSC.

<sup>13</sup> Foram entrevistados: Marisa Napolini, Aldy Maingué, César Valente, Fábio Brüggmann, Fábio Veiga e Mauro Faccioni.

<sup>14</sup> Para esse cálculo, tomou-se como parâmetro a produção de suplementos no ano de 1972 e a média calculada tem como base o número de edição do suplemento de 3 de outubro de 1982, permitindo inferir que por ano, foram publicados aproximadamente 47 edições.

<sup>15</sup> Tais questões têm alcançado mais visibilidade, sobretudo com a emergência de cursos como: Arquivologia, Museologia, bem como a elaboração de Leis e Decretos (Lei n. 8.159, de 8/1/1991; Lei n. 12.527, de 18/11/2011; Decreto n. 4.073, de 3/1/2002; Decreto n. 7.724 de 16/05/2012). Entretanto, a salvaguarda de impressos como jornais e seus derivados parece carecer de debates e medidas mais contundentes para a construção de mais políticas públicas que ajudem a criar e conservar ambientes de pesquisa e memória. “O arquivo é uma brecha no tecido dos dias, a visão retraída de um fato inesperado”, escreve Farge (2009, p. 23). Esse guardador de brechas, ferramenta indispensável àqueles que se aventuram a tecer uma história, precisa, para além das mãos e olhos atentos de seus amantes, de políticas claras e eficazes para que o trabalho de salvaguarda e de conservação possa se efetivar com mais rigor científico e metodológico e menos escolhas e decisões institucionais de pouca clareza.

<sup>16</sup> Lei n. 8.159, de 8 de janeiro de 1991, que dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados. Diz em seu artigo 12 que “Os arquivos privados identificados pelo Poder Público como de interesse público e social, desde que sejam considerados como conjuntos de fontes relevantes para a história e desenvolvimento científico nacional” (Decretos e Leis – CONARQ).

<sup>17</sup> Embora tal dado aponte para um reconhecimento desses materiais como relevantes na composição de uma historiografia brasileira, a dificuldade aqui encontrada em montar um acervo com documentos recentes (décadas de 1970 e 1980) mostra que muito ainda precisa ser feito. Iniciativas para além do âmbito legal, sobretudo, na projeção de sensibilidades à guarda de materiais e documentos considerados “ordinários” devem ser preconizados em diferentes instituições sociais, especialmente em espaços escolares. Há que se reconhecer e valorizar que tais documentos “ordinários”, também, trazem em suas

sobretudo, com as investidas de, entre outros, Tania de Luca (2005; 2013), Raquel Discini de Campos (2012).

Dos 150 suplementos<sup>18</sup> encontrados, os anos de 1972, 1985 e 1986 concentram o maior número de edições, sendo 29, 34 e 27 respectivamente, contrastando com os anos de 1977 e 1978, dos quais não foi possível localizar sequer um exemplar. Embora não se tenha exemplares que possam ajudar a contar sobre os modos de ser e de viver a infância no período, os vestígios apontados nos suplementos anteriores e posteriores a 1977 e 1978 e as matérias e reportagens veiculadas pelo jornal *O Estado*, certamente contribuirão para a representatividade desses anos “ausentes”, considerando que a não fala (CERTEAU, 1982) também pode e deve ser objeto de investigação. A não fala, a ausência e o desaparecimento também podem contar sobre práticas, modos de viver e de operar, problematizar essas ausências, estudá-las, nos ajuda a compreender os processos e os discursos que hoje circulam sobre a infância e a criança, longe de uma perspectiva que estuda o passado para compreender o futuro, mas que estuda o passado para atualizá-lo no presente.

Tal forma de escrever a História, ligada a uma previsão de futuro, certamente já não tem mais (ao menos para uma historiografia tributária a História Cultural) impacto como há anos. O regime de historicidade, ou seja, a maneira como cada sociedade trata seu passado (HARTOG, 2006, p. 263), voltado ao porvir predominava nos discursos, sobretudo de ordem governamental, como se pode observar em muitas matérias de jornais que circularam nos anos que compreendem essa pesquisa. Vigorava uma ideia de tempos vindouros, uma espécie de salvação da humanidade.

Ligados a um ideal de nação, de Homem e de sociedade, as publicações visavam à preparação do cidadão por meio de processos disciplinadores e de formação de condutas, presentes com muita força no início do século XX, mas também nos anos de 1970, durante a ditadura civil-militar. “Hoje é um bom dia para você fazer um ótimo amanhã” (JORNAL DE SANTA CATARINA, 6/6/74, p. 5), frase que dá conta de mostrar o clima e a ideia de uma preocupação com o futuro, as ações do presente se relacionavam quase que diretamente a um tempo por chegar.

---

linhas, seus desenhos, seus escritos, os saberes, os jeitos, os gostos e os modos de ser e viver em um tempo e espaço na história.

<sup>18</sup> Não foi possível precisar quantos suplementos foram produzidos, nem quando foi publicado o último suplemento, apenas que no ano de 1982, na capa do jornal infantil, havia informação quanto ao número de edição. O jornal infantil publicado em 3 de outubro de 1982 foi a 517ª edição. Nos anos seguintes não foi possível identificar essa informação, o que sugere que isso talvez não tenha sido uma preocupação dos editores.

Não são poucas as pesquisas que têm utilizado jornais, revistas e outros periódicos (LUCA, 2005; CAMPOS, 2012) como objeto ou fonte, evidenciando a importância desses veículos de difusão da informação e sua presença nas diferentes esferas da sociedade. Muitos estudos têm mostrado o quão complexa foi a atuação dos jornais em campanhas educativas, fazendo ressoar discursos (CAMPOS, 2012); o quanto os jornais contribuíram para a educação dos gostos, das sensibilidades por meio de suas páginas, criando e incentivando hábitos não só de ler esse artefato, mas também de educar e vestir bem os filhos, de poupar dinheiro, de assear o lar, ser boa esposa, praticar o bem (CUNHA, 2011a). O próprio jornal *O Estado*, por meio da divulgação de produtos importados e de concursos, das décadas de 1920 e 1930, usou suas páginas para imprimir na sociedade catarinense hábitos modernos e estilos de vida típicos dos grandes centros europeus, sobretudo, franceses.

As pesquisas, nesse sentido, têm ajudado para a compreensão de como são formados os gostos, de como uma sociedade vai adequando-se a uns modelos e negando outros (*O Estado*, na década de 1970, dá a ver a necessidade de políticas de infraestrutura e de incentivo a novos hábitos de vida). Isso não se liga, ao contrário do que pode parecer, apenas à subjetividade dos leitores, há relações de interesse, disputas, conflitos, para que tais sensibilidades sejam produzidas e mesmo representadas, haja vista que “[...] as representações não são simples imagens, verdadeiras ou falsas, de uma realidade que lhes seria externa; elas possuem uma energia própria que leva a crer que o mundo ou o passado é, efetivamente, o que dizem que é.” (CHARTIER, 2010b, p. 51-52).

Jornais são expressões de um tempo e espaço e guardam muitas memórias, seleções de fatos e acontecimentos, mesclando o ordinário com o imprescindível, mas eles também ganham o *status* de perecível, visto que sua validade não passa de poucas horas. Os jornais e mesmo os suplementos aqui analisados têm a triste sorte de durar apenas um dia ou dois na mão de seus leitores, a menos que suas folhas se tornem embrulhos de vidro ou peixe. Mesmo quando guardados nos arquivos supostamente a salvo da destruição, eles sofrem com a má conservação (geralmente em decorrência da falta de políticas públicas) e o esquecimento, só voltando a ter “sentido” quando pelas mãos do pesquisador é dado a falar.

*O Estado*, jornal que mais tempo circulou em Santa Catarina e por pouco não completou um século de vida, protagonizou disputas políticas que, segundo análises cuidadosas, permitem perceber nossas fragilidades sociais e como foram se formando os

quadros políticos em Santa Catarina, junto aos quais se observa a predominância de certos sobrenomes no poder. As pesquisadoras Maria Margarida Sell da Mata (1996), Leani Budde (2013) e o jornalista Moacir Pereira (1992) debruçaram-se sobre *O Estado*, mostrando esse campo de conflitos e de disputas que desnaturalizam a ideia de um jornal apenas como um veículo de comunicação e formação de hábitos.

Contudo, em Santa Catarina, são poucos os estudos que se dedicaram a este jornal e a torná-lo o objeto de sua pesquisa. A historiadora já citada, Maria Margarida Sell da Mata, ocupou-se do jornal nas suas primeiras décadas de vida. Em sua investigação historiográfica, localizada entre os anos de 1915 e 1931, evidenciou o jornal como veículo de imprensa que não apenas divulgava informação, mas suscitava mudanças, interferindo no cotidiano da cidade em que era produzido.

Graduada em jornalismo pela UFSC, Leani Budde ocupou-se, diferentemente da historiadora Maria Margarida, das últimas décadas de vida de *O Estado*. Sua pesquisa, cujo recorte temporal situa-se entre 1985 e 2009, descreve as transformações ocorridas na cidade de Florianópolis, partindo do pressuposto de que tais mudanças, em boa medida, foram também responsáveis pela ameaça de sobrevivência dos impressos.

Em se tratando de um jornal de ampla circulação (a partir da década de 1970) no Estado, com duração de quase um século, sendo alvo de disputas políticas e cobiçado pelos detentores do poder administrativo no Estado, e sendo o curso de jornalismo da UFSC consolidado e atuante desde 1979, é curioso que o número de pesquisas sobre esse impresso seja tão pequeno. Há que se ponderar, no entanto, que como fonte/documento, *O Estado* é bastante solicitado e os bancos de teses e dissertações das universidades públicas catarinenses comprovam esse fato.

Jornais infantis são também pouco investigados, sobretudo em pesquisas de maior fôlego como as de mestrado e doutorado. Trabalhos envolvendo jornais infantis catarinense são recentes e poucos são os pesquisadores envolvidos com esse tema, entretanto, os estudos de Maria Teresa Santos Cunha (1999; 2007; 2011a; 2013; 2014), Gilka Girardello (2006) e de Ana Christyna Venâncio Mignot (2005; 2014) vêm ajudando a sensibilizar o olhar e a aguçar o interesse de novos pesquisadores para esses documentos “ordinários”. O jornal infantil *O Estadinho* começou a ser alvo de pesquisas muito recentemente e até o ano de 2013, quando iniciei meus estudos

doutorais, no rastreamento feito em algumas bases de dados<sup>19</sup>, não foi encontrado nenhum trabalho acadêmico com referência ao suplemento aqui analisado.

Entretanto, esse mesmo suplemento passou a ser alvo, também a partir de 2013, de estudos de pesquisadores do Núcleo de Estudos e Pesquisa Educação Sociedade Contemporânea (NEPESC), localizado na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que, assim como eu, ao longo de suas trajetórias investigativas, realizaram trabalhos<sup>20</sup> sobre *O Estadinho*. Rastros de que esses materiais quase invisíveis pelo pó acumulado nos arquivos, pouco a pouco começam a entrar em cena. Um impresso infantil e múltiplas possibilidades de pesquisa, dentre elas a anunciada nesta tese: narrar uma história sobre esse suplemento infantil e as infâncias nele impressas, dando visibilidade às relações entre leitores e *O Estadinho*, passando pela materialidade, conteúdo e representações de infância destacadas no infantil de Santa Catarina.

Por meio desse impresso infantil, investiga-se como tal suplemento se consolidou no Estado, as relações estabelecidas entre seus editores, leitores e entre infância, criança e escrita, também analisando que elementos favoreceram a emergência desse impresso infantil e por quê. Faz parte desta investigação a caracterização de um impresso para criança, sobretudo em um momento em que as políticas públicas para a infância se destacam, culminando até mesmo na sensibilização de um ano dedicado à criança – 1979, Ano Internacional da Criança – dando a ver a circulação de ideias, de hábitos e de valores sobre a infância, não somente em Santa Catarina, mas em outras cidades brasileiras e fora do país.

Trata-se de um material construído nos moldes de outros jornais infantis e que traz como nome o diminutivo do seu responsável (tendência comprovada em pesquisa<sup>21</sup> encomendada pela Agência de Notícias dos Direitos das Crianças – ANDI), dando a ideia de pai e filho. Um material produzido em Florianópolis, com circulação no Estado, porém com conteúdo pouco voltado às especificidades catarinenses ou à cidade em que fora produzido, pelo menos nos primeiros anos de existência. Porém, um suplemento

---

<sup>19</sup> CAPES, UFSC, UDESC, SciELO, RBHE, RBE

<sup>20</sup> Trabalhos de conclusão de curso: Laís Elena Viera, *O Estadinho: Um jornal para crianças (1984 - 1987)* (2014); e Maria Eduarda Souza Klem, *O Estadinho: O que dizem as crianças? (1984-1987)* (2016).

<sup>21</sup> A pedido da ANDI e sob a coordenação de Carmem Moretzsohn e Guilherme Canela, foi publicada no ano de 2002, uma pesquisa cujo objetivo foi analisar a partir de uma amostra de 138 edições de suplementos infantis (que circularam no primeiro semestre de 2001), o conteúdo, as seções e a forma e linguagem desses impressos dedicados ao público infantil.

com certo pioneirismo, pois não há indícios de que material<sup>22</sup> semelhante tenha circulado antes de *O Estadinho*.

O suplemento infantil *A Carochinha*, de 1915, mesmo antecedendo *O Estadinho*, não pode ser comparado a este, pois foi possível localizar apenas uma edição desse material e que, apesar de dizer ser um material para crianças, não apresentava desenhos, passatempos e elementos que se assemelhassem ao suplemento infantil de *O Estado*; tal fato se evidencia nos propósitos desse material, registrados pela redação desse suplemento na capa do primeiro número<sup>23</sup>.

Assim, *O Estadinho* embora não tenha sido o primeiro suplemento infantil no Estado de Santa Catarina, seguiu, ainda que tardiamente, uma tendência já bastante consolidada no eixo Rio-São Paulo, que alavanca o gênero já na década de 1930. Essa projeção levou os suplementos a uma condição de independência (GONÇALO JR., 2004), consolidando um mercado editorial para crianças brasileiras por meio das revistas em quadrinhos. O suplemento infantil não era o único produto incorporado ao jornal que, de certa forma, remetia aos grandes como *O Globo*, *A Gazeta* e *Folha de São Paulo*. Tal tendência ultrapassava os limites nacionais e em países europeus, especialmente a Espanha, esse tipo de material já circulava amplamente nas décadas de 1970 e 1980. (CHIVELET, 2009).

O suplemento infantil, por sua vez, é também portador de representações de infância que são escolhidas para compor o jornal. Nesse sentido, fazem parte de uma intencionalidade que não podem expressar o real, mas uma representação do que ele foi. Para compreendermos como esses mecanismos de representação da realidade atuam no meio impresso, faço uso da palavra representação na noção elaborada por Roger Chartier, por entender que representação não é o real, mas uma (re)apresentação do que ocorreu no passado, estando diretamente relacionada com a forma como os grupos produzem suas identificações e as tramam. “As representações do mundo social assim

<sup>22</sup> Os suplementos infantis cuja circulação se pode comprovar datam da década de 1980 e já anos 2000. São eles: *O Jornal da Criança*, encartado pelo *Jornal de Santa Catarina* (1983-1996) e *Ciranda das Letras*, também dominical encartado pelo *NA Cidade* (2002-2005).

<sup>23</sup> “Publicando “A Carochinha” nosso intento é oferecer às crianças do Estado e especialmente de Florianópolis uma leitura agradável coligida no intento de cultivar-lhes sentimentos uteis á vida social. O nosso pequeno meio permitirá dificilmente darmos trabalhos originaes; mas procuraremos no genero o que houver de melhor e que interesse tanto á infância como aos proprios pais e mestres preocupados com o problema da educação e instrução de seus filhos e discipulos. Arranjaremos a parte material de modo que o leitor colecionador possa no fim do ano ter um regular volume contendo contos, poesias, narrações, dos melhores autores no assunto. “A Carochinha” sahirá aos sábados á tarde, de modo que á noute e aos domingos sem escola, nossos pequenos leitores possam dedicar-lhe mais tempo, recebendo-o como o melhor dos camaradas (sic)”. (A CAROCHINHA, 14/11/1914, p. 1).

construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam.” (CHARTIER, 1990, p. 17).

*O Estadinho*, em suas páginas, faz representar certa infância catarinense. Representações essas que são constatadas, sobretudo como uma infância letrada, escolarizada, urbana e oriunda das camadas médias da sociedade (como se verá a partir do segundo capítulo). Essa infância pode ser percebida e compreendida de melhor forma nas análises feitas a partir de dois eixos do jornal infantil, já citados. O primeiro tem como foco o estudo das comemorações, com atenção especial às atividades cívicas de 7 de setembro, também conhecida como a Independência do Brasil. Em outra perspectiva observou-se as escritas das crianças que participaram dos concursos promovidos pelo suplemento, alusivos às festividades da Independência do Brasil. Nessas análises, foi possível se valer dos estudos de Antonio Castillo Gómez (2008; 2012a, 2012b), Veronica Sierra Blas (2004) e Maria Teresa Santos Cunha (1999; 2007; 2011a; 2014). Tal referencial contribuiu para identificar de melhor forma e compreender como os elementos da cultura escrita vão sendo incorporados ao cotidiano de crianças, saindo dos ambientes escolares para ganhar espaço em outros contextos. Foi por meio dos estudos dos pesquisadores já citados que também se pode observar que os escritos infantis publicados em jornal, muitas vezes textos bastante curtos, podem conter informações para além de suas aprendizagens escolares, ajudando a esquadriñar as representações de infâncias contidas nos suplementos.

Com o propósito de “fazer falar” os documentos aqui citados, sem perder de vista as questões teórico-metodológicas que guiam este estudo, organizou-se o texto em sete capítulos. A **Introdução** compõe o primeiro capítulo, trata do percurso desta pesquisa e sinaliza para aspectos relevantes da escolha do tema e do problema de pesquisa, apresentando ainda os objetivos desta investigação.

O segundo capítulo, *O Estadinho: um suplemento infantil catarinense*, procura informar o leitor sobre esse impresso. Como surgiu e em qual período emergiu o material encartado pelo jornal *O Estado*, bem como a atmosfera política, social e econômica, presentes, sobretudo no ano em que começou a circular. Os estudos de Gonçalo Jr. (2004) contribuem para a compreensão de como os produtos impressos do tipo suplementos e gibis, inicialmente voltados às crianças, foram se projetando no Brasil, consolidando um mercado editorial infantil. O texto também expressa ao leitor a importância de uma divisão, ainda que fictícia, dos períodos em que circulou o

suplemento infantil, essa fragmentação ganha notoriedade nos dois capítulos seguintes. Ao mencionar um produto destinado às crianças, o outro texto que compõe esse capítulo dá ênfase à infância. Nele, é possível mostrar como as crianças foram ganhando certa projeção no período em que circulou o suplemento infantil catarinense. Entretanto, essa projeção indicava o aparecimento de outras infâncias<sup>24</sup>, que circulavam, sobretudo nas páginas policiais dos jornais impressos locais. Os estudos de Antonio Gómez Ferreira (2002), Moyses Kuhlmann Júnior (2000; 2004) e Camila Serafim Daminelli (2013) evidenciam que crianças marginalizadas, negligenciadas pela família e pelo Estado foram desde o início do século XX consideradas um problema a ser resolvido. Essa visão, mesmo com a implantação de políticas internacionais de defesa dos direitos das crianças, ainda encontrava ecos na sociedade, e os jornais foram, em boa medida, porta-vozes dessas representações que associavam infância e pobreza.

O capítulo três, **Um impresso infantil em consolidação (1972-1983)**, trata, a partir da divisão anunciada no capítulo anterior, de mostrar ao leitor o suplemento infantil catarinense em sua primeira fase. Compõem esse capítulo três subcapítulos nos quais é possível compreender aspectos relacionados ao conteúdo de *O Estadinho* e como eles foram supostamente pensados como estratégias para ampliar a circulação desse material vinculado ao jornal *O Estado*. Inicia-se problematizando o material elaborado pelo cartunista paulistano Maurício de Sousa, que esteve presente durante toda a trajetória do impresso. O cartunista elaborava suplementos infantis e os vendia para circular por meio de jornais nacionais ou regionais em todo o país (SOUSA, 2017). A ideia foi encorajada tendo como referência a experiência com o jornal *Folha de São Paulo*, com seu suplemento infantil dominical *Folhinha de São Paulo*. Histórias em quadrinhos, passatempos ou divertimentos para entreter as crianças, mas que também foram utilizados por professoras como materiais auxiliares para habilidades ligadas à escrita e à leitura. Vestígios de que o infantil catarinense, apesar de destinar-se às crianças, também, foi útil aos adultos. Assim, mesmo que não propriamente de caráter útil, a coluna destinada à publicação de fotos de crianças ganhava atenção especial de adultos, sobretudo dos pais e familiares das crianças clicadas. Em formato semelhante às colunas sociais comuns em jornais e revistas, *O Estadinho* deu a conhecer por meio de fotos quem eram as famílias que de alguma forma possuíam intimidade com a máquina fotográfica, roupas bonitas e situações de lazer e festas. “Uma homenagem às

---

<sup>24</sup> As infâncias tratadas aqui são pensadas no plural, uma vez que tal categoria é construída histórica e socialmente, admitindo uma ampla gama de expressões (FROTA, 2007).

crianças”, foi como *O Estadinho* chamou tais publicações. Mas não seria essa uma forma de, além de educar pela imagem, promover distinção (BOURDIEU, 1998)? Cabe ao leitor decidir. Ainda sobre a primeira fase de *O Estadinho*, o último texto dá ênfase à comunicação entre suplemento e seus leitores. Uma comunicação que convidava a uma interação com o suplemento por meio de colunas que sugeriam ao pequeno leitor a continuação de histórias, desenhos, descoberta de enigmas, com a possibilidade de publicação desses trabalhos. Nessas colunas, indícios de uma mudança, tanto na compreensão de infância, que envolve a participação de seus leitores, como também certa motivação para deixar o infantil mais autônomo, autêntico, sem precisar recorrer em excesso às produções gráficas de Maurício de Sousa.

O capítulo quatro, **Novos Personagens Entram em Cena: mudanças e permanências em *O Estadinho* (1984-1987)**, comporta uma discussão envolvendo o conteúdo do suplemento, porém agora com ênfase nas mudanças em relação à linha editorial e à própria atmosfera política do momento, de mais abertura política (VILLAMÉA, 2013). Os dois textos que compõem esse capítulo abordam as mudanças e as permanências que deram ao suplemento infantil mais quatro anos de vida. O primeiro texto trata da nova composição editorial. Uma equipe de mulheres com atuação nas áreas da educação, cultura e comunicação passa a dirigir o infantil catarinense. Tal mudança veio acompanhada de uma concepção de infância mais participativa e de um posicionamento mais político e um projeto delimitado para o impresso infantil, que se expressava em cada edição publicada. O segundo texto dá visibilidade à comunicação entre leitores e editores do suplemento. Aqui, volta-se a problematizar quem são os leitores de *O Estadinho* e a quem se destina o impresso nessa segunda fase. As discussões sobre os escritos são adensadas a partir dos estudos de Veronica Sierra Blas (2004; 2008; 2009; 2012) e Ana María Finocchio (2014), que desnaturalizam a produção infantil como genuinamente das crianças. Essa tensão entre os textos infantis e a intenção de sua produção permite ao leitor conhecer uma gama de elementos e de situações que envolvem a cultura escrita. Tais elementos também ganham destaque na análise quando se passa a problematizar as cartas escritas e as relações que nelas evidenciavam um pouco de quem foram seus correspondentes, ajudando a identificar representações de infância que tiveram espaço no infantil catarinense.

O quinto capítulo, **Páginas em Festa: comemorações em *O Estadinho***, convida o leitor a conhecer algumas das comemorações que agitaram o suplemento infantil.

Nelas, buscou-se analisar que representações da infância circularam e como tais representações ajudaram a disseminar um modelo ideal de viver essa fase da vida. Tal modelo ancorava-se em três pilares: famílias, escola e consumo. Foram escolhidas quatro comemorações, presentes em ambas as fases do suplemento: o Festival da Criança, o Dia da Criança, o Natal e a Independência do Brasil. O Festival da Criança foi uma atividade cultural realizada em um domingo em que se comemorava o dia dos pais, no ano de 1972. Atividades de pintura e sorteios de brinquedos, cadernetas de poupança e viagens se mostram como vestígios que permitem pensar em uma infância modelada pela família de organização tradicional, ou seja, nuclear. O Dia das Crianças certamente foi comemorado com frequência, entretanto somente dois exemplares do acervo dessa pesquisa fazem referência à data, 1972 e 1985. Os pesquisadores Moyses Kuhlmann Jr. (2004), Cynthia Greive Veiga (2000) e Maria Cristina Soares Gouvêa (2000) ajudam a compreender como essa data foi incorporada às comemorações brasileiras, a partir dos anos 1924, ganhando efetividade a partir dos anos 1960. No ano de 1972, o destaque a uma infância ideal ficava por conta da relação com o consumo. Presentes marcavam a data e os desejos que aparecem como das crianças. No ano de 1985, o destaque ficou por conta de material produzido pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância – UNICEF, alertando para a importância de se conhecer e respeitar os direitos das crianças. Uma comemoração e duas abordagens distintas, possibilitando ao leitor verificar que as mudanças e as permanências acontecem também em função dos atos comemorativos. O Natal também foi comemorado e, assim como o dia das crianças, representações que projetavam uma infância atrelada ao consumo, ao presente e também a uma relação com a religião católica. Porém, no ano de 1985, o presente não aparece ligado ao consumo e à comercialização do brinquedo. O presente pode ser um gesto, uma palavra, uma imagem e deve estar acessível a todos, como aconteceu com a passagem do cometa Halley pela Terra. Indícios de mudanças na própria percepção da infância. Saindo do foco das comemorações relacionadas diretamente à infância, outra data que permitiu conhecer um pouco mais do suplemento e nele perceber as representações sobre ela foi a Independência do Brasil. O Sete de Setembro ganhou as páginas do suplemento para apresentar a seus leitores como as crianças foram convocadas a festejar o Brasil, evidenciando uma perspectiva muito própria de infância correspondente ao período então em curso. E foi a partir das comemorações relacionadas à Independência do Brasil que se estruturou o penúltimo capítulo desta tese.

O sexto capítulo, **Escrever para Comemorar: de Pátria amada a questionada**, procurou abordar aspectos da cultura escrita e a relação de *O Estadinho* com a escola e com a atmosfera política, econômica e social vivida nos anos de 1972 e 1984, emblemáticos para o Brasil. O primeiro texto faz referência ao concurso de redação, que animou os leitores de *O Estadinho*. Em ano de celebração do Sesquicentenário da Independência do Brasil, concursos de redação, filmes, músicas, eventos esportivos, entre tantos acontecimentos foram pensados e programados para pôr em marcha uma comemoração que foi também a promoção de um governo e de uma nação idealizada. *O Estadinho* por meio desse concurso deu a ver uma infância letrada, escolarizada, alicerçada em uma aprendizagem tradicional, com pouca liberdade de escrita. Na análise dos escritos, recorreu-se aos estudos de Janaína Cordeiro (2012), Eric Hobsbawm (1997) e Terence Ranger (1997) para compreender as relações entre as festividades da Independência e a projeção que tal celebração alcançaria naquele ano. Recorreu-se também à investigação de aspectos relativos à cultura escrita, buscando observar como as crianças que tiveram seus textos publicados incorporaram um conteúdo muito particular, a ponto de produzirem, sobre o “ilustre” fato da Independência, uma redação vencedora. O segundo texto que encerra este capítulo apresenta também escritas infantis, seguindo a dinâmica das permanências e das rupturas. No ano em que muitos brasileiros lutavam pelas Diretas Já e em que a crítica situação econômica é denunciada nos mais diversos veículos de comunicação, os textos publicados em *O Estadinho* que homenageavam a Independência, também criticam a situação do país. Comemorar o Sete de Setembro naquele ano mesclava representações de uma pátria glorificada com uma generosa dose de questionamento. Vestígios de outras representações sobre a infância – ainda que alicerçadas na escola, na família e no consumo -, num suplemento que, à mão ou a máquina, em letras de forma ou cursiva, com a ajuda dos pais ou professores, deu a conhecer infâncias escritas em duas décadas de vida.

O último capítulo, **Quantas infâncias cabem em O Estadinho – uma narrativa que se conclui**, como arremate aos capítulos trabalhados, aponta ao leitor quem foram os leitores de *O Estadinho* e quais as representações de infância que ganharam as páginas do impresso catarinense. Crianças, pais, professores. Infâncias escolarizadas, apoiadas em uma estrutura familiar nuclear e inseridas no mundo do consumo. Uma narrativa que se conclui, ao mesmo tempo em que procura despertar ou suscitar para a

continuidade de pesquisas tendo como objeto de estudo *O Estadinho* e suas múltiplas possibilidades de leitura e escrita.

Faz se necessário explicar, por fim, que foram utilizados neste trabalho os recursos de destaque em itálico para as obras e periódicos citados, seguindo a determinação da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), apenas *O Estadinho* utilizou-se de dois recursos de destaque, já que se trata do objeto de estudo desta pesquisa, dando certa ênfase a quem teve centralidade nesta investigação e facilitando a leitura.

## **2 O ESTADINHO UM SUPLEMENTO INFANTIL PARA CRIANÇAS E ADULTOS DE SANTA CATARINA**

Neste capítulo o leitor será informado sobre como surgiu o suplemento *O Estadinho*, bem como alguns aspectos de sua materialidade e conteúdo. É no texto a seguir que serão expostos os motivos que levaram a uma divisão temporal fictícia do impresso, em duas fases, a primeira de 1972 a 1983 e a segunda fase de 1984 a 1987. Ao mencionar um produto destinado às crianças, o outro texto que compõe esse capítulo dá ênfase à infância. Nele, mostra-se como as crianças foram ganhando certa projeção no período em que circulou o suplemento infantil catarinense.

### **2.1 SEGUINDO A “ONDA” DOS GRANDES: DENTRO DE *O ESTADO*, *O ESTADINHO***

Dois personagens dos quadrinhos da ‘Turma da Mônica’, de Maurício de Sousa, que há tempos já marcavam presença no suplemento infantil *Folhinha de São Paulo* (do jornal *Folha de São Paulo*) expressam admiração pelo impresso infantil catarinense ao ver o jornalista anunciar *O Estadinho*. Indícios de que “[...] el hábito lector se inicia en la infancia, y de que la información que en ella se recibe proviene de fuentes ajenas al medio impresso [...]” (CHIVELET, 2009, p. 282).

Figura 1 – O ideário de *O Estadinho* em capa: um jornal para crianças produzido por crianças



Fonte: O Estadinho (28/5/1972) – Acervo da autora

Cascão usa o termo “pra frente”, referindo-se à equipe do suplemento, que é anunciado tal como se fazia com os jornais daquele período. No ‘expediente’, na parte inferior da charge, as funções são ocupadas pelos personagens da ‘Turma da Mônica’, sugerindo aos pequenos leitores que os personagens crianças seriam os produtores daquele material, ou seja, um jornal para crianças produzido por crianças. Porém, a

produção desse suplemento sempre foi atividade profissional de adultos, ainda que em alguns momentos a colaboração infantil ocupasse muitas páginas de *O Estadinho*.

Esse artifício de fantasiar uma produção infantil e de anunciar claramente que tal material fora produzido exclusivamente para crianças, numa tentativa de aproximar o periódico das crianças, foi também utilizado por outros impressos. Como exemplo, uma das revistas infantis mais antigas do Brasil, a *Tico-Tico*, em seu editorial no primeiro número dizia:

Contos, poesias, problemas, concursos, contribuirão nas páginas do *Tico Tico*, para, ao mesmo tempo instruir e deliciar as crianças; e, de hoje em diante ellas poderão dizer, com orgulho: “Os marmanjos têm os seus jornaes? Pois nós também temos o *nosso jornal*, que é feito para nós, exclusivamente para nós!” (REVISTA TICO-TICO, 22/11/1905, p. 3).

Assim, igualmente, um dos mais longevos suplementos infantis do Brasil, em seu editorial anunciava: “Folhinha de São Paulo >> um jornal a serviço da criança<<” (FOLHINHA DE SÃO PAULO, 8/9/1963, p. 2) e afirmava em sua edição de lançamento: Espero que vocês, crianças, gostem de mim como eu gosto de vocês. Fui feita para agradá-los em todos os sentidos, especialmente no educativo e recreativo (FOLHINHA DE SÃO PAULO, 8/9/1963, p. 2).

Da mesma forma, suplementos infantis produzidos em outros países também se apresentavam como um material “a serviço de seus pequenos leitores”. Impressos espanhóis, por exemplo, cultivaram em seus editoriais essa comunicação com seus leitores, não exatamente mostrando-se como impressos totalmente elaborados por crianças, mas reforçando que aquele material era produzido para elas e também, em alguma medida, por elas. O Editorial de *El Cabalache*, em sua primeira publicação informa:

¿Cómo se hace El Cambalache? Eso lo tenéis que decir vosotros. Pensad que no va a ser un periódico <<diario>> sino semanal. Pero, si os vale como ejemplo, habíamos pensado que hubiera noticias, reportajes, algo de humor, cine, revistas, libros, etc. Una solo advertencia para que no haya líos ni agobios: no mandéis más de una colaboración en cada carta. Escribid todas las veces que queráis, pero *en cada carta una colaboración*. Desde este momento quedáis nombrados redatores de El Cambalache. Hasta luego. (EL CAMBALACHE, 1976, p. 2).

*Pulgarcito*, um periódico mexicano, já na década de 1920 e 1930, também dependia quase que totalmente de contribuições de seus leitores, porém, sua edição não estava a cargo dos pequenos (ALBARRÁN, 2015). Assim, muitos impressos para crianças foram se construindo, com os mais diversos propósitos que iam desde um simples entretenimento, até a “formação” ou “capacitação” de seus leitores mirins para

tornarem-se escritores, como ocorria claramente com o suplemento *El Bollín*<sup>25</sup>, da Revista Espanhola *El Bollo*.

Independentemente da intenção desses suplementos infantis, o que se pode inferir, certamente, é que esses materiais produzidos para crianças mostram não apenas uma preocupação com a criança ou com a infância, mas o interesse em formar pouco a pouco um mercado editorial que atendesse ao consumo de seu público, no caso aqui, crianças (GONÇALO JÚNIOR, 2004; CORRÊA, 2013; LUCA, 2005). Um mercado editorial específico, que no Brasil entra com força a partir da década de 1930, período em que

[...] a imprensa conheceu múltiplos processos de inovação tecnológica que permitiram o uso de ilustração diversificada – charge, caricatura, fotografia – assim como aumento das tiragens, melhor qualidade de impressão, menor custo do impresso, propiciando o ensaio da comunicação de massa. (ELEUTÉRIO, 2013, p. 85).

Entretanto, esse mercado editorial voltado para criança ganhou reforço na década de 1950, quando Victor Civita<sup>26</sup> negociou com a Disney o direito de publicação da revista *O Pato Donald* e logo de outros personagens<sup>27</sup> (CORRÊA, 2013). Esse reforço, animado em parte pela disputa de mercado, sobretudo pelas editoras em consolidação, como a Abril (1950), de Victor Civita; a Editora Bloch (1952-2000), de Adolfo Bloch; a Rio Gráfica Editora (1952- atualmente editora Globo), de Roberto Marinho; Diários Associados (1924), de Assis Chateaubriand; e Editora Ebal (1945-1995), ativou ainda mais o mercado infantil, permitindo não somente a manutenção dos suplementos infantis de jornal, como lançando revistas infantis, com destaque para as de histórias em quadrinhos.

A parceria que impulsionou várias publicações para crianças – fruto de uma rede de sociabilidade – fez crescer uma editora que hoje é considerada uma das mais

<sup>25</sup> No editorial de *El Bollín* de 1968, a intenção em formar “escritores” e “artistas” se evidencia no trecho: “Ahora, cuando la Revista y el suplemento no se editan con ánimo de lucro, sino como ingrediente imprescindible que da un inimitable matiz a las características de nuestra fiesta primaveral. Los dibujos y prosa de los alumnos de nuestras escuelas primarias son además de levadura que garantiza para el futuro la continuidad de escritores y artistas dispuestos a la empresa de dar luz cada año a un nuevo ejemplar de “El Bollo”, el mejor saludo de los avilesinos para toda España. Porque sin duda llegará la revista y el suplemento a muchos lugares de nuestra Patria[...]” (EL BOLLÍN, 1968, p. 2). Em outro trecho do editorial do ano de 1979, novamente se ressalta uma das principais intenções da revista: “*El Bollín*” fue creado como una escuela de aprendizaje para que, en el futuro, pudiera seguir publicándose “El Bollo” y renovándose las firmas de colaboradores. Algunos de vuestros padres, colaboraron en el suplemento infantil, y ahora están en condiciones de hacerlo en “El Bollo.” (EL BOLLÍN, 1979, p. 2).

<sup>26</sup> Victor Civita (1907-1990) nova-iorquino, filho de italianos. Jornalista, chegou ao Brasil em 1950 para fundar uma pequena editora que deu origem à editora Abril.

<sup>27</sup> Apesar de a publicação de revistas da Disney ter ocorrido a partir dos anos de 1950, filmes com personagens da Disney já circulavam no país desde a década de 1930.

expressivas no mercado. A editora Abril foi a primeira a publicar oficialmente as historinhas dos personagens que cativavam o público infantil pelos desenhos exibidos nas sessões matinais de domingo (CORRÊA, 2013). Pato Donald puxou a fila e, logo em seguida, Mickey, Zé Carioca, Tio Patinhas ganharam as mãos de seus leitores por meio de revistas e também almanaques.

O aquecimento no mercado editorial e uma boa rede de sociabilidade que fizeram crescer, por meio de publicações infantis, a Editora Abril, também proporcionaram, em boa medida, a consolidação de um mercado editorial infantil, mais especializado e mais interativo com seus leitores. Nesse novo mercado também há que se considerar o maior incentivo à escolarização e à alfabetização de crianças, inclusive por meio de legislação (Lei n. 5.692/1971<sup>28</sup>). Surgiram, então, novos leitores, mais consumidores e outros hábitos fomentados também pelo crescente mercado de revistas e jornais.

Se, por um lado, as revistas, sobretudo os quadrinhos, proporcionavam lazer e leitura, os suplementos de jornal mostravam-se uma categoria um pouco mais específica, trazendo passatempos, reportagens, fotos, curiosidades e, frequentemente, uma comunicação com seus leitores por meio de seções específicas como cartas. Esses elementos também poderiam ser encontrados em algumas revistas infantis, até mesmo nos quadrinhos ou Gibis, entretanto o maior diferencial desse tipo de suporte se deve a sua vinculação a outro impresso, geralmente encartado junto e com distribuição gratuita, como esclarece Mercedes Chivelet<sup>29</sup> (2009, p. 18), “[...] la figura habitual del suplemento, entregado con su tutor adulto bajo diferentes soluciones: como cuadernillo adjunto o como sección dentro de las páginas generales”.

Seguindo a característica descrita por Chivelet (2009), chega ao Estado catarinense o suplemento infantil *O Estadinho*, encartado pelo jornal *O Estado*<sup>30</sup> (1915-

<sup>28</sup> Lei n. 5.692/1971 – Lei Ordinária que fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus.

<sup>29</sup> Mercedes Chivelet é uma pesquisadora espanhola, cujas pesquisas versam sobre a imprensa na Espanha, com especial atenção a literatura infantil, a imprensa espanhola voltada as crianças e sobretudo a produção de suplementos de jornal e revistas destinadas a infância.

<sup>30</sup> O mais longo jornal catarinense nasceu em 13 de maio de 1915, de propriedade de Henrique Rupp Jr. e Ulysses Costa, atravessou o século XX e no ano de 2009 parou de circular, apesar do esforço de muitos de seus colaboradores e proprietários para continuar na ativa. Embora fosse o ideal propagado pelo jornal, estar a serviço do povo, se anuncia como o representante do povo e do Estado, tanto na publicação de notícias como também na circulação, que alcançava várias regiões do Estado e não somente Florianópolis – onde fora editado –, as pesquisas de Moacir Pereira (1992), Maria Margarete Sell da Mata (1996) e Leani Budde (2013) afirmam que *O Estado* esteve, em diversos momentos de sua trajetória, estreitamente vinculado à política partidária e, por vezes, esteve à frente de seu comando e posse políticos de expressiva representatividade no cenário estadual e nacional, como Aderbal Ramos da Silva e Victor Konder.

2009), que no dia 21 de maio de 1972 iniciou sua trajetória de aproximadamente 15 anos<sup>31</sup>, inaugurando no meio jornalístico uma forma particular de “dialogar” com as crianças em âmbito estadual.

Embora não tenha sido o primeiro periódico infantil – pois, em 14 de novembro de 1914 circulou em Florianópolis o periódico infantil *A Carochinha* – foi este o mais longevo do gênero e mostrou, por suas seções, editoriais e inovações de forma e conteúdo, que não apenas pretendia divertir as crianças, mas também informá-las e até, em certa medida, instruí-las. Temas relevantes no jornal que o encartavam, por vezes, foram estampados em suas páginas – dirigidas aos seus pequenos leitores e leitoras –, mostrando que, assim como os suplementos infantis mais experientes, *O Estadinho* também se colocava a serviço da criança. Como expressa o trecho do editorial de 2 de março de 1986, questionando a falta de espetáculos teatrais nas férias.

Uma coisa que a gente não consegue entender é porque no verão nunca tem nada de teatro infantil pelas cidades. Só depois que as aulas começam é que as peças de teatro reaparecem. E dificilmente a gente tem tempo de assistir. Mas o que será que é esse negócio de teatro? Quem é que faz? Será que dá pra fazer alguma coisa em casa meio parecida com o que a gente vê no teatro? Essa semana nós vamos falar um pouco sobre tudo isso. Vamos falar sobre todas as pessoas que trabalham numa peça de teatro. Aquelas que você no palco e aquelas que não aparecem, que ficam atrás das cortinas dando a maior força pra que tudo saia legal. Isso tudo e mais sugestões de como fazer máscaras e um texto pequeno que é para vocês já irem montando uma peça. (O ESTADINHO, 1986, p. 2).

Editado e encartado pelo jornal *O Estado*, com circulação aos domingos, a partir de 1972, *O Estadinho* seguiu a tendência de muitos jornais brasileiros que já no final da década de 1920 apresentaram ao seu público leitor os cadernos ou suplementos cujos temas diversificavam-se em esportes, cultura, universo feminino e universo infantil. *A Gazeta* e *A Nação* foram, no primeiro quartel do século XX, os grandes responsáveis por essa diversificação editorial que, além de renovar o público leitor, tinha o intuito de – sobretudo, com os suplementos infantis – cativar as crianças e torná-las futuros leitores dos mencionados jornais (GONÇALO JÚNIOR, 2004).

Essa “tendência” em vigor no Brasil desde a década de 1920, responsável em grande medida – de acordo com Gonçalves Júnior (2004) – pela formação do mercado editorial brasileiro, não se deu tranquilamente e com a atenção voltada unicamente às crianças ou à formação de um público consumidor. Os suplementos infantis

---

<sup>31</sup> Não há exatidão sobre a data da última publicação de *O Estadinho*. Não foi possível encontrar material para além dos anos de 1987, o que, para fins desta investigação, considera o ano de 1987 como seu último ano de publicação, sendo assim, vigora a ideia de circulação do material já citado por um período de 15 anos.

protagonizaram acaloradas discussões que transcenderam os domínios jornalísticos, chegando à igreja e às tribunas políticas. A “febre” dos suplementos americanos começava a se espalhar pelo Brasil e não faltaram grupos de apoio e oposição a esse tipo de publicação aparentemente ingênua.

Da mesma forma, as histórias de Walt Disney foram disseminadas pelos suplementos a partir da metade da década de 1930, assim como ocorreu na imprensa infantil espanhola, “[...] en 1935 de la mano de *Mickey*, va a ser, a partir de ahora, una constante en la prensa infantil” (CHIVELET, 2009, p. 241). Porém, a publicação independente, em forma de revista, só ocorreu quase 20 anos depois.

Não era apenas a mão do Mickey que ancorara no Brasil, a mão do personagem mais conhecido de Walt Disney trazia consigo um modelo de entretenimento infantil aliado a um estilo de vida dentro dos padrões norte-americanos (GONÇALO JÚNIOR, 2004).

As décadas de 1920 e 1930, no Brasil, foram propulsoras de significativas mudanças sociais. Envolvendo a cultura e a política, sobretudo, em relação ao movimento modernista e à Semana de Arte Moderna de 1922, a valorização de uma arte genuína, de identificação própria com o país, foi o grande mote desse movimento de renovação e de transformação artística. Na política, a Revolução de 1930, o fim da Primeira República e a ascensão de uma nova classe, até então estagnada pela elite cafeeira, foi paulatinamente transformando o país. A crise americana, em 1929, com a quebra da bolsa e o movimento de reestruturação dos Estados Unidos, alavancou o projeto de hegemonia mundial, começando pelas Américas, sendo o Brasil um importante alvo desse plano.

Por um lado, o movimento de 1922 alargou o pensamento e até mesmo a produção de um cenário artístico autêntico que se opôs à (re) produção de modelos importados da Europa, difundidos e apreciados pelas elites brasileiras. Entretanto, houve a importação de um estilo de vida americano, em boa medida, relacionado às políticas de governo de Getúlio Vargas.

Foi a partir da década de 1930 que investimentos foram feitos em prol do desenvolvimento das indústrias de extração de petróleo e das metalúrgicas e siderúrgicas. A Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT) também se caracterizou como um dos grandes feitos desse período, instituindo uma nova relação entre os trabalhadores e os patrões. Na Educação, o ministro Francisco Campos, por meio de decretos, estabeleceu várias mudanças conhecidas como “Reformas Francisco

Campos”<sup>32</sup>. Dispôs sobre a organização do ensino secundário e superior no Brasil. Para a pesquisadora Maria Célia Marcondes de Moraes (1992), esse conjunto de reformas integra o ideário de que “para fazer uma reforma social há que se reformar a escola”, e, isso, com o intuito de oferecer uma formação condizente e apropriada para o emparelhamento das elites, sendo que o controle, a responsabilidade e a promoção da educação caberiam somente ao Estado.

Diante desses fatos, percebe-se que os anos de 1920 e 1930 foram decisivos para a construção da modernidade no século XX, no Brasil e ao redor do mundo. Questões como a aceleração da urbanização, o desenvolvimento da música de vanguarda e o forte crescimento econômico andaram lado a lado com as mudanças políticas.

Faz parte desse processo o desenvolvimento do impresso, que passou não apenas a ter sua circulação ampliada como a diferenciar seus produtos, contexto no qual se destaca a aparição dos suplementos infantis. São suplementos que, em grande medida, se utilizaram de modelos norte-americanos e também corroboraram para a divulgação de um país com passado glorioso, “que conseguimos conquistar com braços fortes”<sup>33</sup>.

Não foram poucos os impressos que, em meio aos passatempos, quadrinhos de personagens americanos e algumas histórias e contos da literatura brasileira, publicaram textos enaltecendo os heróis brasileiros, sendo inclusive motivo de deferência do próprio ministro da Educação, Gustavo Capanema, nos anos de 1940 e 1941, e também do então presidente Getúlio Vargas, que, na ocasião, parabenizou o Sr. Adolfo Aizen pela publicação da revista em quadrinhos *Grandes Figuras do Brasil* (já emancipadas dos suplementos de jornal): “Cultivar nos jovens a admiração pelos heróis nacionais é obra patriótica e merecedora de louvores. O livro *Grandes figuras do Brasil* constitui,

---

<sup>32</sup> O historiador Norberto Dallabrida, explica que a Reforma visou uma reestruturação no ensino secundário, com vistas a uma adequação ao projeto de modernização nacional almejado e vivido pelo país. “A chamada “Reforma Francisco Campos” (1931) estabeleceu oficialmente, em nível nacional, a modernização do ensino secundário brasileiro, conferindo organicidade à cultura escolar do ensino secundário por meio da fixação de uma série de medidas, como o aumento do número de anos do curso secundário e sua divisão em dois ciclos, a seriação do currículo, a frequência obrigatória dos alunos às aulas, a imposição de um detalhado e regular sistema de avaliação discente e a reestruturação do sistema de inspeção federal. Essas medidas procuravam produzir estudantes secundaristas autorregulados e produtivos, em sintonia com a sociedade disciplinar e capitalista que se consolidava, no Brasil, nos anos de 1930. A Reforma Francisco Campos, desta forma, marca uma inflexão significativa na história do ensino secundário brasileiro, pois ela rompe com estruturas seculares nesse nível de escolarização.” (DALLABRIDA, 2009, p. 185).

<sup>33</sup> Parte da letra do Hino Nacional Brasileiro, cuja letra foi escrita por Joaquim Osório Duque Estrada e música de Francisco Manuel da Silva, no ano de 1831.

nesse sentido, valiosa e oportuna iniciativa”<sup>34</sup> (VARGAS *apud* GONÇALO JÚNIOR, 2004, p. 95).

Embora distante quase três décadas dos impressos que ascenderam no período modernista, o suplemento infantil catarinense apresentou características bem próximas a estes, entretanto, não é isso que lhe confere o título de ser um ícone de modernidade. Ícone de modernidade e que demonstrava certa valorização da infância, *O Estadinho* não apenas acompanhava a tendência de grandes jornais do momento, como *Folha de São Paulo*, *A Gazeta de Vitória*, *Estado de Minas*, mas também abria um espaço para novos leitores, os leitores mirins, as crianças, que passavam, a partir daquele domingo, a contar com um jornal só para elas. Embora os suplementos infantis já circulassem em outros Estados e, em momentos anteriores, em Santa Catarina, tal empreendimento pode ser visto como um ícone de modernidade do próprio jornal *O Estado* que, naquela década, experimentou um dos melhores momentos de sua trajetória (BUDDE, 2013; PEREIRA, 1992).

Outros elementos também dão pistas de certa “modernidade” em *O Estadinho*. O suplemento representava um novo artefato físico e cultural que, de certa forma, colocava adultos e crianças em condições bastante semelhantes na imprensa: são leitores e têm seus produtos específicos. A imprensa catarinense passou, na década de 1970, a destacar a infância em suas páginas e os anúncios de jornal faziam menção não só ao desejo das crianças em relação aos brinquedos e às atividades, mas já as incluíam nas vendas de imóveis como potenciais contribuintes nas decisões adultas. A criança começava a ser vista como sujeito (para o jornal, ‘consumidor’) e as pesquisas, sobretudo na área da educação, foram potencializando essa máxima. Os anos de 1970 foram marcados, em Santa Catarina, pelo desejo de desenvolvimento e de modernização, e o suplemento infantil acompanhou essa tendência.

O material que aos domingos chegava às mãos das crianças catarinenses, cujos pais ou responsáveis fossem assinantes ou leitores de *O Estado*, era uma ocupação em boa medida de leitura para os pequenos, pois os quadrinhos de Maurício de Sousa chegavam a ocupar mais de 2/3 de todo o suplemento em algumas edições. O cartunista que, desde 1963, por meio da “Folhinha de São Paulo”, dava a conhecer seus personagens, ganhou fama e passou a vender seus quadrinhos também para o jornal *O Estado*. Durante muitas edições, as histórias em quadrinhos ocuparam mais da metade

---

<sup>34</sup> VARGAS, Getúlio. Cartão de Agradecimento. Presidência da República: 3/6/1940.

do suplemento infantil<sup>35</sup> catarinense, um produto que, segundo o próprio cartunista, fez triplicar as vendas do jornal a *Folha de São Paulo* (SOUSA, 2017).

Figura 2 – Divertimentos produzidos por Maurício de Sousa

**JÓGO DOS SETE ERROS**

**CRUZADISMO**

1	2	3	4	5
2				
3				
4				
5				

**HORIZONTAIS E VERTICAIS :**  
 1- QUE NÃO DEIXA ATRAVESSAR A LUZ  
 2- POTÊNCIA ; AUTORIDADE  
 3- VERBO VENERAR, PRES. IND, 1ª P.S.  
 4- LACRAM; FECHAM COM CÉRA.  
 5- PERFUME AGRADÁVEL

4-CERAM; 5-AROMA.  
 SOLUÇÃO: 1-OPACA; 2-PODER; 3-ADORO

**PREENCHA OS ESPAÇOS PONTILHADOS.**

279

**O QUE É O QUE É**

O QUE É QUE 4RINDO ESTÁ DENTRO, ENTRANDO ESTÁ FORA ?

EU NÃO 4OU!

O CHREU.

**DIVERTIMENTOS**

SOLUÇÃO: 1-GOTA DE SUOR; 2-BRILHO DO VÍPRÓ; 3-TÍDULO A MAIS; 4-CHÃO; 5-SAPATO DO HOMEM; 6-CALÇA DO CEBOLINHA; 7-CABO DA REDE.

Fonte: O Estadinho (19/11/72, p. 4 e 5) – Acervo da autora

<sup>35</sup> Em entrevista concedida ao NEPESC/UFSC, Cesar Valente afirmou que o material assinado por Maurício de Sousa vinha pronto para *O Estadinho* e muito provavelmente esse foi um dos grandes motivos que levou o jornal *O Estado* a encantar um suplemento infantil. Foi um serviço comprado, ou seja, Maurício de Sousa recebia mensalmente pelo material enviado.

Figura 3 – Quadrinhos produzidos por Maurício de Sousa



Fonte: O Estadinho (19/11/72, p. 4 e 5) – Acervo da autora

No período em que circulou, o suplemento pouco variou quanto ao número de páginas e tamanho. Encartado no próprio jornal *O Estado* e de igual tamanho sugeria que fosse dobrado ao meio, facilitando a leitura para as crianças. De 1972 a 1987, foram encontrados 150 suplementos, de edições diferentes. Na Tabela 1, a seguir, consta a relação número de edições e ano mostra a composição do acervo para esta pesquisa.

Tabela 1 – Acervo da pesquisa: quantidade de edições de *O Estadinho* (1972-1987)

Ano	Número de Edições
1972	29
73	01
74	01
75	05
76	01
77	00
78	00
79	02
80	08
81	02
82	08
83	06
84	08
85	34
86	27
87	18
<b>Total</b>	<b>150</b>

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados da pesquisa (2015)

Foram nos anos de 1972, 1985 e 1986 onde se encontrou a maior quantidade de edições, sendo que nos anos de 1977 e 1978 não foi possível localizar nada sobre o suplemento. Os suplementos correspondentes ao ano de 1972, foram todos encontrado no setor de Obras Raras da Biblioteca Estadual de Santa Catarina, já os impressos dos anos de 1985 e 1986 foram conseguidos por meio de acervos pessoais, sendo que nenhum impresso dos anos 1985, 1986 e 1987 foi arquivado na Biblioteca Pública Estadual.

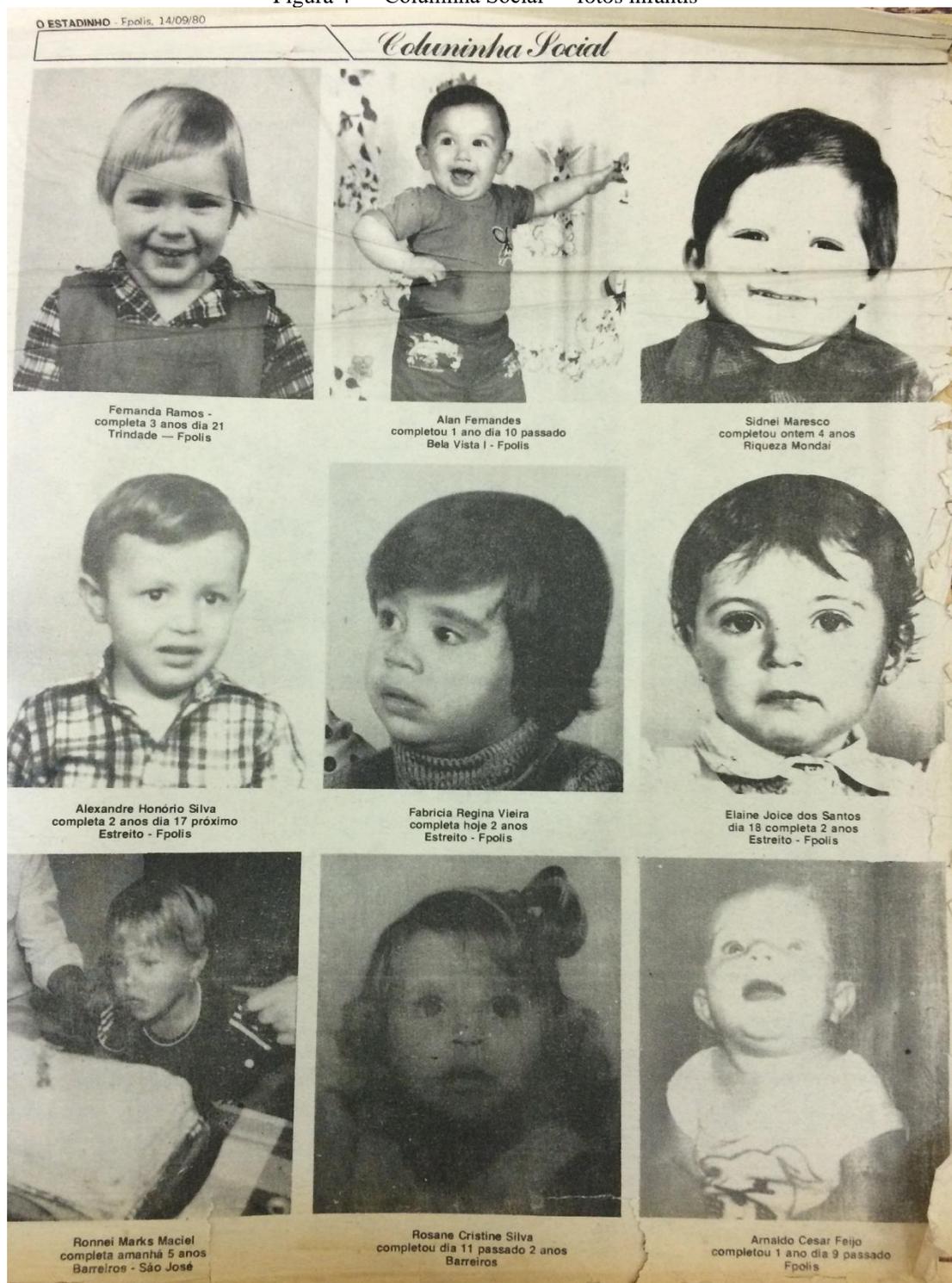
Nos 15 anos de sua existência é possível inferir que, embora tenha havido mudanças em seu corpo editorial no que tange à materialidade do suplemento, bem como em sua proposta de conteúdos e interação com seus leitores, uma alteração mais

significativa se deu a partir de 1984. Foi nesse momento, em que muitos movimentos pelo Brasil lutavam pelas Diretas Já; que o país saía lentamente de um regime de exceção, castigado economicamente pelo aumento na dívida externa, pela inflação que naquele ano chegou a 223%, pelo descontrole nos preços, desemprego e recessão (SCHWARCZ; STARLING, 2015), que começa a circular um “novo” *O Estadinho*. Não que o suplemento tenha mudado completamente, até porque, foram as rupturas e permanências que em boa medida, permitiram que um produto “gratuito” e destinado a crianças durasse aproximadamente 15 anos.

*O Estadinho* de 1984 se apresentava novo, sobretudo na relação com seus leitores. Mais espaço para o diálogo entre os editores e aqueles que o liam, interesse na opinião dos leitores, seções onde as crianças produziam as reportagens, sem contar nos assuntos tratados pelo suplemento. Falar sobre o cinema, incentivando uma produção mirim, debater a tão falada Constituinte (1986) e posicionar-se contra algumas situações envolvendo criança e adulto tornaram-se frequentes nesse artefato, que, até então, ocupava-se mais com a reprodução das histórias em quadrinho de Mauricio de Sousa, as questões escolares (concursos) e com a publicação de fotos de crianças em seções especialmente dedicadas a isso.

As fotos de crianças publicadas em *O Estadinho* mantiveram-se durante toda sua trajetória, mesmo sendo criticada por seus editores nessa segunda fase do jornal. As fotos, exigência dos diretores de *O Estado*, sofriam alterações no modo como eram apresentadas, muitas vezes lembrando as colunas sociais dos jornais e em algumas edições o nome “Coluninha Social” foi usado para intitular a seção. Mesmo mostrando certa contrariedade com a coluna que exibia crianças, os editores diante de uma suposta exigência driblam a estratégia dos diretores de *O Estado* e passam a publicar as fotos de forma lúdica, numa tentativa de descaracterizar o espaço como coluna social. Um jogo de astúcias (CERTEAU, 1996, p. 271), no qual sem deixar o lugar que estão e cientes do cumprimento de determinadas normas e ordens, os editores de *O Estadinho* agiram de modo plural e criativo.

Figura 4 – “Coluninha Social” – fotos infantis



Fonte: O Estadinho (14/9/1980, p. 3) – Acervo da autora

Figura 5 – “Olha o Passarinho” - fotos infantis



Fonte: O Estadinho (29/9/1985, p. 3) – Acervo da autora

Tais mudanças e permanências (como o caso das fotos infantis) durante a trajetória de *O Estadinho* demonstram que esse impresso de certa forma foi construindo uma representação de infância mais crítica, mais participativa. Havia um esforço para colocar seus leitores em evidência, tanto no anseio de escutá-los, como também nas tentativas de expor em suas páginas um pouquinho de quem gastava seu tempo curtindo o tal impresso. Essa transição ratifica que o impresso é um objeto do seu tempo e mesmo sendo um produto destinado a crianças, “[...] não só testemunham, registram e veiculam nossa história, mas são parte intrínseca na formação do país.” (MARTINS; LUCA, 2013, p. 8).

*O Estadinho* mostrou ter acompanhado as transformações que envolveram a cidade na qual ele era público e não negligenciou a proeminência da infância nos anos em que circulou. Entretanto, isso aconteceu de forma gradual e, nos seus últimos anos, o que se pode perceber foi que ele se transformou em um suplemento mais afetado por seu público. Esse afeto deu-se em certa medida pela conjuntura do país, o que será mais detalhado nos capítulos seguintes que apresentam o impresso subdividido em duas fases. Uma divisão fictícia, que proporcionará uma melhor descrição e compreensão da presente análise e englobará aspectos relativos à materialidade (LUCA, 2005) do jornal. Essa divisão será apresentada em dois momentos: o primeiro abrange de 1972 a 1983; e o segundo, de 1984 a 1987. Ambos serão abordados no próximo capítulo.

## 2.2 INFÂNCIAS IMPRESSAS: PARA CADA JORNAL, REPRESENTAÇÕES DO SER CRIANÇA EM SANTA CATARINA

Hoje nós temos, aqui na página central, fotografias. Não é verdade que criança em fotografia diz sempre alguma coisa? Diz, por exemplo, que ela está viva, esperando sua vez de dar vida a outras crianças. Diz também que ela não sabe bem porque que a sua roupa é diferenciada das outras crianças. Ou porque sua casa é menor. E são tantas as perguntas que as crianças fazem com os olhos e com a maneira de ser, que a gente grande acha melhor não responder. Prefere fotografar e colocar assim, pra todo mundo ver as perguntas que cada criança tem nos olhos, nas mãos, no mundo que a cerca. E quem tiver sensibilidade para sentir que as perguntas precisam de respostas, que comece a respondê-las. Puxa, como tá ficando difícil entender o que essa gente anda escrevendo no Estadinho. (O ESTADINHO, 17/12/1972, p. 6-7).

Figura 6 – Trecho de matéria sobre a infância, com fotos de crianças I

# Aqui, o importante é a criança



Foto de Orestes Araujo

Hoje nós temos, aqui na página central, fotografias. Não é verdade que criança, em fotografia sempre diz alguma coisa? Diz, por exemplo, que ela está viva, esperando sua vez de dar vida a outras crianças. Diz também que ela não sabe bem porque que a sua roupa é diferente da das outras crianças. Ou por que sua casa é menor. E são tantas as perguntas que as crianças fazem com os olhos e com a maneira de ser, que a gente grande acha melhor não responder. Prefere fotografar e colocar assim, prá todo mundo ver as perguntas que cada criança tem nos olhos, nas mãos, no mundo que a cerca. E quem tiver sensibilidade para sentir que as perguntas precisam de resposta, que comece a respondê-las. Puxa, como tá ficando difícil entender o que essa gente anda escrevendo no Estadinho!

Revista "A Saude do Mundo"

Fonte: O Estadinho (17/12/1972) – Acervo da autora

Figura 7 – Trecho de matéria sobre a infância, com fotos de crianças II



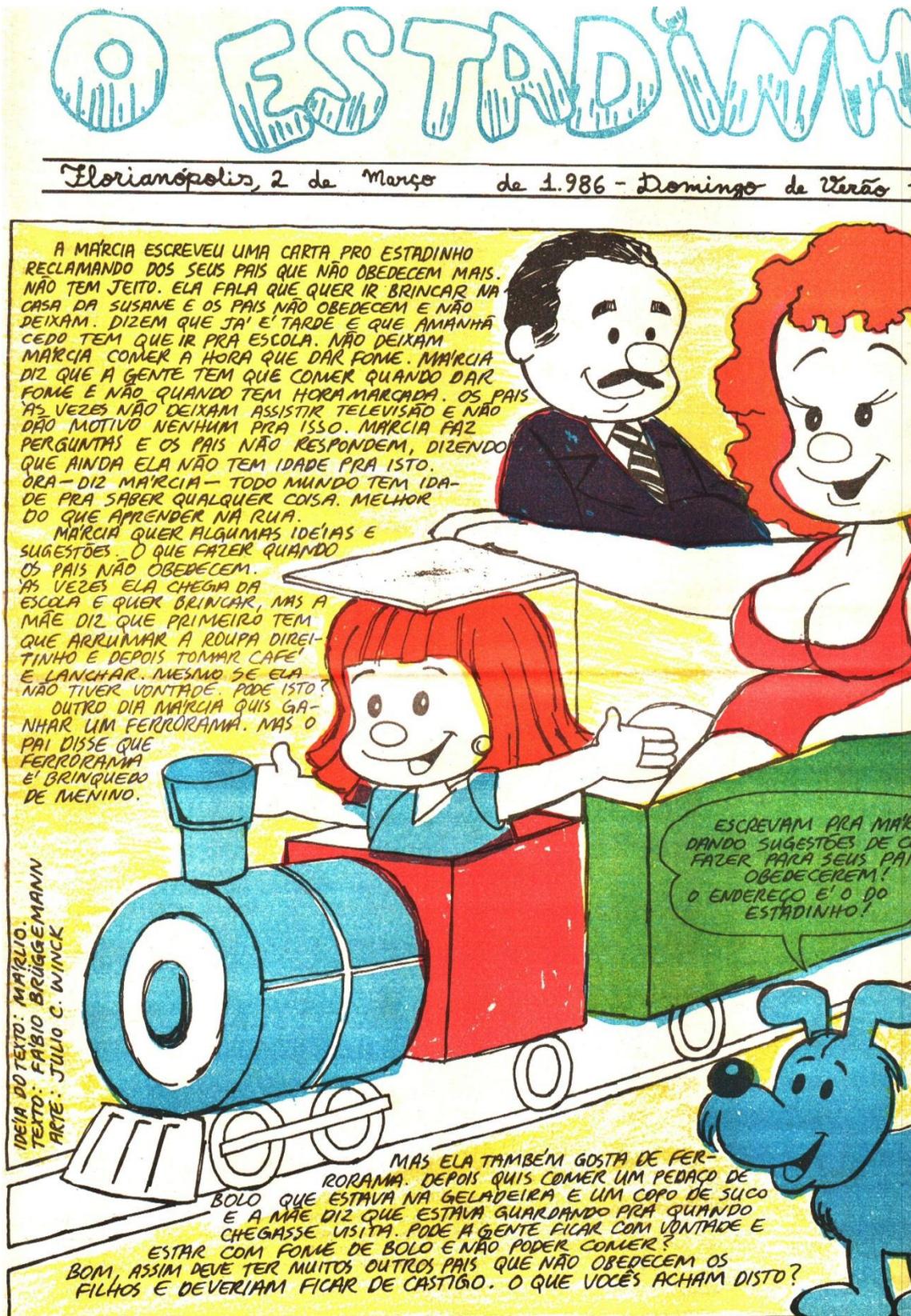
Foto de Gaston Guglielmi



Foto de Gaston Guglielmi

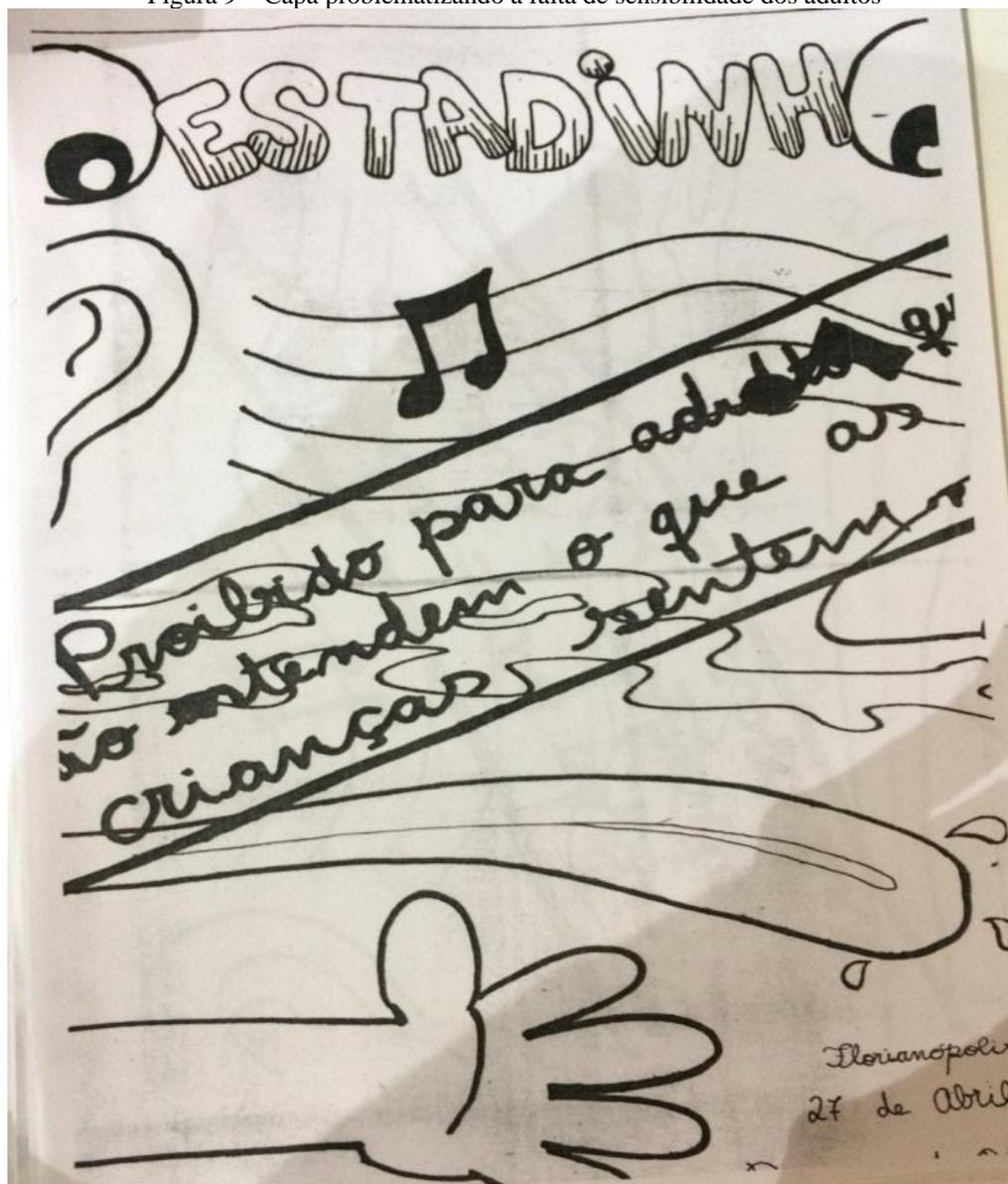
Fonte: O Estadinho (17/12/1972) – Acervo da autora

Figura 8 – Capa problematizando a relação autoritária entre adultos e crianças



Fonte: O Estadinho (2/3/1986) – Acervo da autora

Figura 9 – Capa problematizando a falta de sensibilidade dos adultos



Fonte: O Estadinho (27/4/1986) – Acervo da autora

Nas imagens escolhidas para abrir este subcapítulo, é possível perceber como, nas décadas de 1970 e 1980, os impressos mostravam textos indicando sensibilidades e representações a favor da criança e das infâncias<sup>36</sup>. Havia certo olhar para as infâncias e para as crianças, tal olhar foi marcado por políticas públicas e serviços cada vez mais especializados para os pequenos, além disso, estavam surgindo estudos e pesquisas em pós-graduação sobre o assunto, sobretudo, a partir de 1980 (STRENZEL, 2006).

As duas primeiras imagens foram extraídas de um artigo de *O Estadinho* do ano

<sup>36</sup> A opção em utilizar o termo infâncias e fazer referência a essa etapa da vida de crianças usando artigo indefinido – um/uma faz jus à perspectiva de uma infância plural, “[...] ou seja, o ‘um’ e/ou ‘uma’ se opõe à ideia de ‘a’ e ‘o’ – artigos definidos – que carregam a ideia de único/a e universal.” (ABRAMOWICZ; OLIVEIRA, 2013, p. 1).

de 1972. Nelas, quatro fotografias de crianças em diferentes contextos ou representações infantis, cujo texto de poucas palavras não traz assinatura, nos fazem inferir que o escrito tenha sido produzido por seus editores/colaboradores (não foram divulgados no suplemento). O texto fala em sensibilidade e no reconhecimento de várias infâncias. Mas ainda parece recorrer à concepção de criança como um “vir a ser” (CHARLOT, 1986, p. 115), como uma “promessa de virtudes” (DEL PRIORE, 2013, p. 15), quando sugere que a criança está no mundo “esperando sua vez de dar vida a outras crianças”. A imagem insinua ao leitor que olhe as fotos com atenção, pois nelas há perguntas, que precisam de respostas, mas antes é preciso afetar-se pelas imagens expostas. Um recado ainda que acanhado aos adultos sobre a vida das crianças, que, apesar de essa palavra caber na generalização crianças, elas são diferentes. Diferentes nas idades, no gênero, nas cidades que habitam, na estrutura familiar, na condição econômica, nas descendências (GARCIA, 2002).

Separadas por quase 14 anos, as duas imagens seguintes também evidenciam a criança e continuam a solicitar a atenção do adulto. Entretanto, o chamamento agora ocupa a parte em destaque no suplemento, a capa. O suplemento do dia 2 de março de 1986 mostra um desenho em que a criança ocupa o lugar de um maquinista, a bordo de um trenzinho cuja passageira é uma mulher que assume a representação materna. Ao redor do desenho, um texto fictício, escrito por um dos coordenadores do suplemento, que descreve situações aparentemente corriqueiras entre pais e filhos, mas que podem caracterizar certo autoritarismo por parte dos pais. Um modo ousado de dizer aos pais que as crianças têm suas vontades e precisam ser respeitadas.

Nessa mesma linha, no final de abril do mesmo ano, outra capa de *O Estadinho* destaca que aquele era um material “[...] proibido para adultos que não entendem o que as crianças sentem”. No desenho, os órgãos do sentido são uma representação de que as crianças também veem, escutam, cheiram, provam, tocam, enfim, sentem! E se algum adulto não consegue entender que as crianças também têm sentimentos, é melhor ficar longe do suplemento.

Três imagens de um mesmo suplemento, que anunciam cada um ao seu tempo, uma especificidade infantil e a necessidade de um olhar atento às crianças. E mais, expressam um conhecimento sobre essas crianças e suas necessidades.

Não era apenas no suplemento infantil que a criança ganhava certo destaque. Nas páginas dos jornais e das revistas, seus leitores passaram a conhecer representações infantis, que iam desde uma infância potencializada pelo consumo – fruto de um

momento de especialização e consolidação de mercados consumidores – até uma infância-problema, ambas relatadas, sobretudo, nas páginas policiais e em anúncios de filantropia.

A década de 1970 mostrou pelas páginas dos jornais, de um lado, representações de uma infância feliz, saudável e consumidora, de outro, uma infância pobre, abandonada, marginalizada. *O Estadinho*, em certa medida, fez uso dessa representação. Crianças escolarizadas, com habilidades para leitura, escrita, frequentadoras de cinema, teatro, consumidoras de revistas infantis, cujos lares recebiam com frequência os impressos, crianças oriundas das camadas sociais médias e altas. Para essas crianças, havia páginas dedicadas a produtos de seu interesse, em anúncios comoventes e imperativos, marcando o presente como símbolo de amor. Formando ou corroborando para uma sensação de necessidade de compra “[...] que não se limita ao objeto, que está além do deleite proporcionado por ele, apresentado no plano do próprio ato como expoente de uma vontade que atende os imperativos sociais de consumo” (RAMOS, 2008, p. 79-80), já que

Ao consumir, as pessoas satisfazem necessidades que foram fixadas culturalmente, integram-se ou distinguem-se de outros. Em uma sociedade excludente, individualista e desigual, consumir tornou-se uma forma de participar de modo ativo, como também uma maneira de ordenar os desejos que podem ser concretizados em algum objeto. (OLIVEIRA, 2011, p. 78).

Foi na década de 1970 que os anúncios de brinquedos e artefatos para a infância ganharam frequência, e o que normalmente aparecia em datas pontuais como o Natal e o Dia das crianças passou a ganhar cada vez mais espaço. O editorial do jornal *O Estado* de 6 de outubro de 1985 traz na capa uma mensagem sobre o Dia da Criança que já se avizinhara, atentando para a questão do consumo.

Os preparativos para a grande data, que não permite punições ou reprimendas e exige uma grande demonstração de amor, incentivada pela máquina consumista, são mostrados na reportagem a cores da capa deste **Domingão**, de autoria de Bernadete Santos, que entrevistou pais, crianças, comerciantes e até uma psicóloga que fala sobre a importância dos brinquedos na formação da personalidade. (O ESTADO, 1985. p. 1).

Não restam dúvidas de que a presença de anúncios de brinquedos nos jornais representava a formação e a consolidação de um mercado especializado, e o próprio suplemento caracterizava essa especialização, afinal era um jornal para crianças (SANTOS, 2014).

Figura 10 – Encarte de brinquedos, lojas Hermes Macedo

# NATAL PRA TODA A FAMÍLIA

# BRINQUEDORAMA HM

## O mundo encantado das crianças!

### TUDO SEM ENTRADA!

AS MAIS SUAVES  
PRESTAÇÕES MENSAIS

### O PAPAI NOEL HM JÁ ESTÁ NA BRINQUEDORAMA ESPERANDO POR VOCÊ!

Venha conversar com  
o bom Velhinho  
e ganhar muitas guloseimas





**LANÇAMANTA COMANDO ELETRÔNICO DA ESTRELA**  
Avança para frente, para trás e para os lados. A pilha.  
Por 345,00  
ou 3 x 115,00 = 345,00



**PATIM SEMI-PROFISSIONAL**  
De 297,00  
por apenas 252,00



**MINI-LIQUIDIFICADOR DA ESTRELA**  
Funciona a pilha  
Apenas 124,00



**BONECA CRIS DA ESTRELA**  
Com olhos de dormir, voz de mamãe e lindo vestido longo.  
Apenas 198,00



**JEEP XAVANTE**  
De 913,00  
por apenas 776,00



**VESPINHA**  
De 467,00  
por apenas 396,00



**BICICLETA CALOI TOTICA**  
De 1.419,00  
por apenas 1.199,00  
ou 99,00 mensais iguais sem entrada



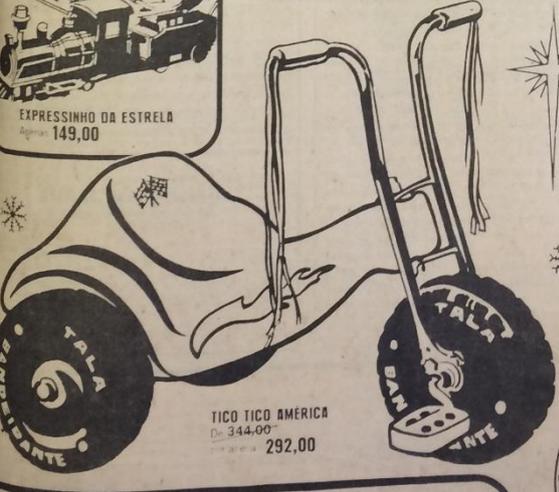
**BONECA MÃEZINHA DA ESTRELA**  
Acione a corda para ouvir uma canção de ninar e ela adormece o seu bebê.  
Por 585,00  
ou 3 x 195,00 = 585,00



**BOMBEIRO COMODORO**  
De 942,00  
por apenas 799,00



**EXPRESSINHO DA ESTRELA**  
Apenas 149,00



**TICO TICO AMERICA**  
De 344,00  
por apenas 292,00

Na compra de brinquedos você também ganha cupons para o sorteio de

## 6 BRASÍLIA

E 6 MOTOCAS GARELLI

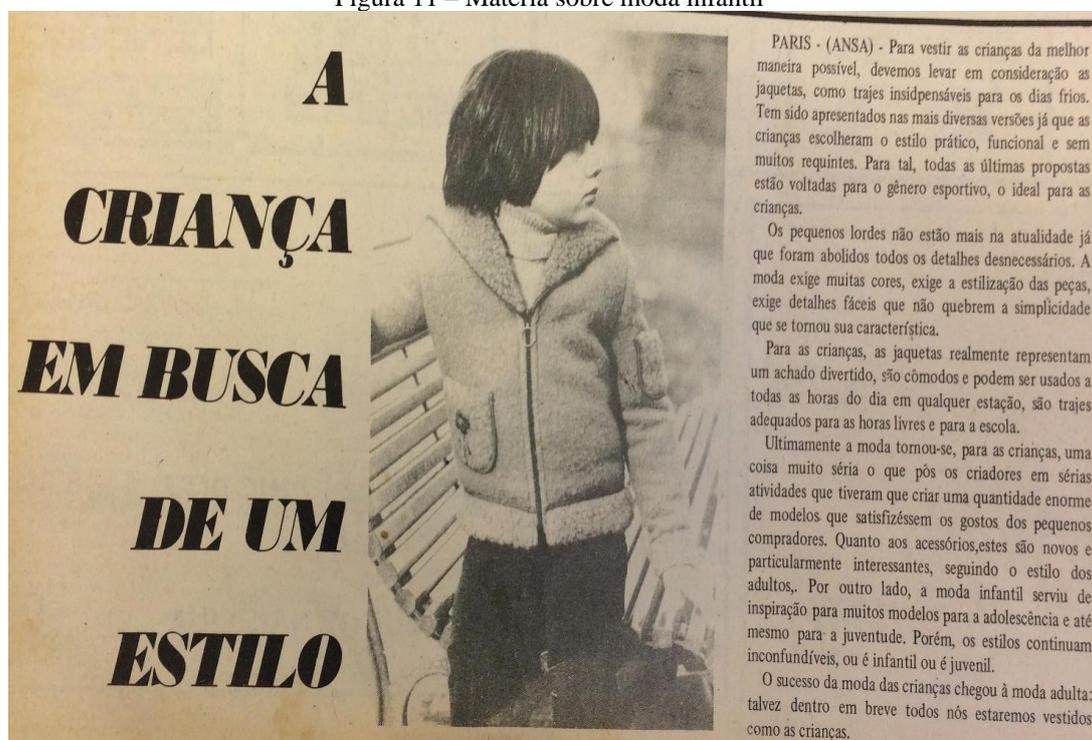
**LOJAS HM Hermes Macedo**  
Do Rio Grande ao Grande Rio

Fonte: O Estado (11/12/ 1977) – Acervo da autora

Entretanto, é importante destacar que, nesse momento, além da expansão das indústrias de brinquedos, e no anúncio o destaque são os brinquedos da empresa Estrela<sup>37</sup>, também aumentam os jornais impressos no Estado. O jornal *O Estado* vivia tempos de modernização e de desenvolvimento<sup>38</sup>, o que de certa forma atraía anunciantes de todos os tipos.

Além de brinquedos, os jornais passaram a veicular também com mais frequência artefatos da moda: roupas e acessórios para crianças que “queriam” estar na moda tinham espaço em colunas de jornais e revistas destinadas às mulheres, outro segmento em expansão, por causa da descoberta dos perfis de leitores (CORRÊA, 2013).

Figura 11 – Matéria sobre moda infantil<sup>39</sup>



Fonte: O Estado (16/8/1972, p. 4) – Acervo da autora

<sup>37</sup> Fábrica de brinquedos inaugurada em São Paulo no ano de 1937. Nas décadas de 1970 e 1980 seus maiores investimentos foram nos brinquedos eletrônicos, como os carrinhos de controle remoto, bonecas que andavam, engatinhavam, batiam palmas e o “Genius”, brinquedo de memorização com cores e sons.

<sup>38</sup> Foi na década de 1970 que o jornal *O Estado* viveu seu melhor momento, fruto do processo de modernização de seu maquinário, melhorando a qualidade e velocidade de impressão dos jornais e também de sua expansão, que por meio das medidas governamentais que tinham como meta aumentar a malha rodoviária no Estado, permitiu fazer chegar *O Estado* em muitas cidades catarinenses.

<sup>39</sup> No texto da matéria: PARIS – (ANSA) – Para vestir as crianças da melhor maneira possível, devemos levar em consideração as jaquetas, como trajés indispensáveis para os dias frios. Têm sido apresentados nas mais diversas versões já que as crianças escolheram o estilo prático, funcional e sem muitos requintes. Para tal, todas as últimas propostas estão voltadas para o gênero esportivo, o ideal para as crianças... (Ver jornal O ESTADO, 16/8/1972, p. 4).

Se por um lado, a publicidade de produtos específicos (roupas, brinquedos, revistas) para crianças atestam para a representação de uma criança escolarizada, com poder de compra (família), nas páginas policiais outra infância, bem diferente, se mostrava diante dos olhos de seus leitores. A chamada infância marginalizada, empobrecida, carente, que “[...] desde o início do século XX foram objetos de políticas assistências, correccionais e filantrópicas [...]” (LAZAROTTO, 2010, p. 126) também ocupavam as páginas dos impressos.

O anseio pela modernização e o impulso de crescimento de muitas cidades acarretaram, na década de 1970, o aumento do fluxo migratório e geraram em grande medida um desenvolvimento desordenado, ocasionando o aumento da pobreza e vitimando crianças, tratadas frequentemente nos meios de comunicação impresso como: menor abandonado, menor delinquente e menor trabalhador (MACHIESKI, 2013, p. 42). Esses personagens do cotidiano das grandes cidades habitavam os impressos quase sempre permeados por situações problemáticas envolvendo pequenos delitos, violência e, muitas vezes, mortes (DAMINELLI 2013, p. 48). As crianças das páginas policiais e dos anúncios de filantropia não tinham direito à voz e, muitas vezes, eram retratadas como um grande problema social, como algo que deveria ser erradicado. Políticas públicas, sobretudo de ordem assistencialista, eram lançadas, entretanto, nos jornais e mesmo em alguns documentos que se ocupavam da infância assistida no estado, como o Projeto Pró-Criança, pouco se problematizava a questão do abandono, da exploração, da violência e da mendicância. Havia, no entanto, como alerta Lazarotto (2010, p. 126), uma preocupação do estado e das instituições filantrópicas em “[...] transformar essas crianças, ou melhor, moldá-las com base em seus próprios princípios”.

Se, por um lado, os processos de modernização e de urbanização que chegavam às cidades brasileiras favoreceram o aumento da criminalidade, do desenvolvimento desordenado, da falta de serviços públicos; por outro, o crescimento industrial, a consolidação de empresas públicas e as novas especialidades em serviços permitiram igualmente a expansão das camadas médias e altas. Em Florianópolis, nas décadas de 1970 e 1980, as camadas médias também se fortaleciam e a emergência de novos produtos e serviços que já não eram exclusivamente destinados aos adultos.

Sobre o fortalecimento desse grupo social na capital catarinense, nas décadas de 1970, Acordi e Freire (2010) observaram que havia uma divisão: uma classe média mais tradicional, de moradores de Florianópolis, de famílias nascidas e criadas na cidade, e um grupo de pessoas vindas de outras cidades, sobretudo, de outros estados, que

formavam quadros profissionais que antes não havia ou eram dispensáveis para a demanda da cidade que até então era existente. Com a necessidade de se mostrar diferente e “superior” aos demais componentes da sociedade, a emergente classe média tornou-se grande consumidora dos bens de consumo, pois era essa:

[...] uma das maneiras que a nova classe média encontra para exteriorizar seus status perante as demais classes sociais. A escolarização também faz parte desse processo de diferenciação (ACORDI; FREIRE, 2010, p. 54).

A escolarização, nesse caso, pode ser pensada tanto no que se refere a um grau maior de instrução de uma pessoa quanto na proliferação e especialização de escolas particulares voltadas para crianças, sejam de ensino regular – incluindo as pré-escolas –, artes, idiomas ou esportes, pensadas inclusive para o público de pouca idade.

Figura 12 – Encarte Colégio Barddal<sup>40</sup>

**Colégio Barddal.  
Também para quem acabou de sair das fraldas.**



Se a sua criança já sabe fazer xixi sozinha, o Colégio Barddal tem um lugar para ela no pré-escolar, que começa em março de 1982. Mesmo que ela não saiba se virar sozinha em tudo, uma equipe de professores especialmente treinados, orientadores educacionais e supervisores escolares estarão acompanhando passo a passo cada aluno.

O Barddal vai tratar com um carinho muito especial esse pessoal pequeno. Para isso montou uma estrutura completa, com material didático próprio, frota de ônibus, para transportar as crianças com toda a tranquilidade e um play-ground completo com escorregador, balanço, etc., onde a garotada vai brincar com segurança absoluta.

Um detalhe muito importante: o aluno pode ingressar no Barddal em qualquer estágio de escolaridade, entre o pré-escolar e o 2º grau, sem qualquer problema, pois ele se adaptará perfeitamente aos modernos métodos e concepções do Colégio.

O novo Colégio Barddal Florianópolis vai abrigar, a partir de março, 5.000 alunos do pré-escolar, 1º e 2º graus, nas suas instalações especialmente contruídas para funcionar como escola.

As instalações físicas, contam com amplas e confortáveis salas de aula, laboratórios completos, biblioteca, centro cívico, pátio coberto, jardins internos, quadras polivalentes e teatro com 700 lugares.

O Colégio Barddal também vai proporcionar aos seus alunos atividades extra-curriculares, como aulas de música e dança (Criarte), técnicas de xadrez e prática de esportes. Tudo sob a orientação de professores experientes em cada área.

Não esqueça: quando sua criança não precisar mais de fraldas, já é hora de vestir nela o uniforme do Barddal, o Colégio mais completo de Florianópolis.

**MATRICULAS  
DE PRÉ-ESCOLARES  
E 2º GRAU  
ABERTAS**

Rua Madre Benvenuta, s/nº  
MATRICULAS:  
Centro Comercial ARS  
Rua Felipe Schmidt, 21  
Sobreloja/Sala 209  
Fone: 22-5899

**A diferença  
entre ensinar e educar.**

**Colégio Barddal Florianópolis**

Fonte: O Estado (7/12/1981) – Acervo da autora

Nas páginas de *O Estado* surgiram propagandas de escolas particulares, serviços de lazer, moda; e, em *O Estadinho*, concursos de desenhos promovidos por livrarias e escolinha de artes mostram uma infância cuja preocupação ancorava-se num certo estilo de vida cujo foco parecia estar mais voltado a uma preparação para o futuro da criança, “[...] não havia espaço para se pensar a criança no aqui-agora.” (SOUZA, 2007, p. 23).

O próprio suplemento como ponto de partida já oferecia à criança um ‘brinquedo de adultos’, que lhe permitia uma interação tal qual a de um adulto, mas configurado com elementos com que a criança pudesse se identificar e interagir, sobretudo, se tal

<sup>40</sup> Texto do encarte: Se a sua criança já sabe fazer xixi sozinha, o Colégio Barddal tem um lugar para ela no pré-escolar que começa em março de 1982. Mesmo que ela não saiba se virar sozinha em tudo, uma equipe de professores espacialmente treinados, orientadores educacionais e supervisores escolares estarão acompanhando passo a passo cada aluno... (Ver jornal O ESTADO, 29/11/1981, p. 20).

material lhes aguçasse a imaginação com histórias, desenhos e brincadeiras. Entretanto, não cabe afirmar que o suplemento de 1972 estivesse exclusivamente ligado a um propósito de formação e de “fidelização” de um futuro cliente, pois muitos elementos ligados à escolarização estavam presentes, como os concursos promovidos pelo suplemento, destacados também nas páginas do jornal que o encartava.

Figura 13 – Chamada para o Concurso de redação em homenagem aos 150 anos de Independência do Brasil

**O CONCURSO  
DO ESTADINHO**

A Semana da Pátria, onde se comemora o dia em que foi proclamada a Independência, se aproxima. O ESTADINHO, querendo sempre estar ao lado das crianças, oferece uma grande oportunidade: um concurso que irá escolher o melhor trabalho sobre a Independência do Brasil. Dentro do tema Independência, vocês poderão falar dos 150 anos de Independência, das causas da Independência, etc. Não importa qual o aspecto da Independência, o importante é que o trabalho fale sobre Independência do Brasil.

Os melhores trabalhos, escolhidos por uma comissão que lerá os trabalhos e os selecionará, serão premiados de acordo com duas categorias: a) Do 1o. ao 4o. graus concorrerão um prêmio; b) Do 5o. ao 8o. graus concorrerão a outro prêmio.

O ESTADINHO receberá os trabalhos na rua Felipe Schmidt no. 116. Os trabalhos deverão vir escritos em letra legível ou à máquina e, junto do trabalho, dentro do envelope deverão vir as seguintes informações: Nome da criança que escreveu o trabalho; Idade; Grau e escola em que estuda; endereço completo. Poderão concorrer somente crianças que estejam do 1o. ao 8o. graus, de Florianópolis ou de outras cidades. É só.

Fonte: O Estadinho (1972) – Acervo da autora

Ainda assim, beirando as fronteiras entre a proximidade com a escola e a formação de consumidores, o jornal infantil, de modo bastante simples e, às vezes, até um pouco descontextualizado, foi, durante sua trajetória, se posicionando a favor de uma infância crítica, na qual as crianças foram convidadas a participar e sua participação valorizada e respeitada. Nesse caminho, o jornal deu a ver que as crianças, em seus mais diversos contextos, são parte e não à parte da sociedade em que vivem (BENJAMIN, 2007).

Indícios dessa postura são percebidos por meio de algumas matérias veiculadas no suplemento, que, por vezes, inseriam em suas páginas assuntos “de adultos”, porém, que estavam entre as crianças, por exemplo, a eleição para o governo do estado. **O**

*Estadinho*, ao que parece, tentou buscar uma superação desse caráter dualizado de que o que é assunto de criança não é de adulto. Entretanto, foi a partir de 1984 que essa intenção se tornou mais evidente, devido à frequência e ao modo como o suplemento passou a relacionar-se com seus leitores.

Essas tentativas em deixar o suplemento mais atrativo para as crianças, buscando maior interação com seus leitores, não recusa a participação dos adultos, nem como leitores, nem como colaboradores. E mesmo em seu início no ano de 1972, uma coluna destinada à exibição de fotos infantis parecia interessar muito mais aos adultos, sobretudo os pais, do que propriamente às crianças. Tal fato tanto pode ter sido uma tentativa de aproximar os pais do jornal infantil, como permitir que as crianças desde bem jovens já pudessem de alguma forma ocupar as páginas do suplemento, nem que fosse emprestando a ele sua imagem.

Inegável é que o suplemento apresentou em sua trajetória uma crescente valorização/preocupação em relação à criança e à infância, o que significativamente se acentua a partir do ano de 1984, tempo em que o jornal volta-se total e anunciadamente aos interesses infantis.

A infância, na década de 1970, foi contundentemente marcada, em Santa Catarina, por apelos a melhores condições de vida para as crianças, em especial, as crianças de rua. A cidade em crescimento não estava imune aos problemas de violência urbana e assistia à marginalidade, à mendicância e à ocupação desordenada dos espaços (formação de favelas) tomar forte proporção. A infância toma a cena não única e exclusivamente para destinar atenção à criança, mas, porque, em certa medida, essa infância das ruas ameaçava o crescimento da cidade (DAMINELLI, 2013; MAKIESKI, 2013). Assim, as páginas dos jornais, da década de 1970, se ocupavam com a denúncia das condições das crianças empobrecidas no Estado, clamando por mais atenção dos governos, sobretudo, com a proclamação do ano de 1979 como o ano internacional da criança. Textos, matérias, reportagens tornam-se mais frequentes, dando a ver uma representação da infância abandonada, esquecida, como é possível perceber em trechos do artigo de Luis Henrique Mende de Campos, publicado em *O Estado* em 3 de junho de 1979:

Quando analisamos as estatísticas brasileiras, ficamos atônitos em vermos os números que apontam milhões de crianças completamente abandonadas, sem a mínima assistência e, o mais grave, sem ter recursos essenciais para a sua sobrevivência e desenvolvimento harmonioso. São mais de vinte e cinco milhões de crianças brasileiras ao abandono, ou seja, um terço de nossa população [...]. O que preocupa a todos aqueles que possuem sensibilidade

humana é o desinteresse de nossas autoridades perante tão grave problema. Não procuram fornecer meios adequados para ao menos garantir o direito de nascer e viver com dignidade e com respeito que merecem. (O ESTADO, 1979, p. 23).

Nas páginas de *O Estadinho*, a infância empobrecida aparecia, mas não era problematizada, embora se reconhecesse a dureza de ser criança pobre, como anunciou o texto do suplemento sobre a aparição do menino Manoel Jorge de Matos, vendedor de amendoim:

Todo o dia à tarde ele aparece na redação do Jornal O ESTADO, para vender amendoim torrãozinho. Um dia a gente achou que ele merecia aparecer no Estadinho, por uma porção de motivos. Um deles é que o Manoel é criança. Outro é que, por ser pobre, não tem muitas alegrias. (O ESTADINHO, 8/10/1972).

A visão romantizada de que a criança é feliz independentemente de sua situação deu lugar, nesse caso, ao reconhecimento de que a pobreza também é sentida para a criança e que, portanto, ela se reconhece nessa condição limitada. Em se tratando de um material para crianças, o suplemento, nessa ordem, se aproximou de uma perspectiva de infância crítica, tratando, ainda que sem adensamento, questões de ordem socioeconômica, as quais também perpassam o universo infantil. “A criança exige do adulto uma representação clara e compreensível, mas não ‘infantil’.” (BENJAMIN, 2007, p. 55).

Assim, também na edição seguinte do jornal, comemorativa ao Dia das Crianças, uma entrevista com os meninos Manoel da Silva e Murilo Cassol corrobora para a distinção das infâncias e enfatiza o problema da criança em situação de abandono. A matéria, de página inteira, trouxe a entrevista desses dois meninos lado a lado, cada qual como representante de infâncias vividas de forma distinta em Florianópolis, diferenças visíveis já nas fotos de Manoel e Murilo e nos textos dos meninos. Murilo parece ter muito mais a dizer, dado que sua entrevista apresenta mais perguntas e o menino expressa mais detalhes de sua vida.

Figura 14 – Entrevista em suplemento especial comemorativo ao Dia das Crianças I

**2** O ESTADINHO  
Semana da Criança  
Edição Especial

## ENTREVISTA

Nós o encontramos na Praça XV. Ele estava com uma porção de outros engraxates. Era o menor deles, e o mais moço. Os outros engraxates o chamam por um apelido feio, um nome feio, mas ele, como toda criança, gosta mesmo é de ser chamado pelo nome, MANOEL DA SILVA. Ele leva uma vida dura, e nós quisemos saber como é que era, o que ele pensava. Ali está o Manoel.



Manoel da Silva, 9 anos. Trabalha há pouco mais de um ano como engraxate. Agora tem uma caixa, mas já trabalhou numa cadeira. Entrevistado com a ajuda de Renan Ruiz.

**O ESTADINHO:** O que é que você quer ser quando crescer?  
**MANOEL DA SILVA:** Quero ser marinheiro, prá conhecer o mundo.

**O E:** E você já conhece alguma parte do mundo?  
**M S:** Conheço Santos e Curitiba. Eu fui com a minha mãe.

**O E:** Que dias que você trabalha?  
**M S:** Todo dia.

**O E:** Domingo também?  
**M S:** Também.

**O E:** Quanto você ganha por dia?  
**M S:** Às vezes eu ganho 10, 20 cruzeiros, às vezes menos.

**O E:** O que você faz com este dinheiro todo?  
**M S:** Eu dou um pouco pro pai e fico com o resto. Mas eu não posso chegar em casa sem dinheiro.

**O E:** Por que?  
**M S:** Meu pai me tranca na cozinha, de castigo. Ele é doente da coluna "tem mancha em três pontos" não pode trabalhar, e o

que minha mãe ganha nos serviços de limpeza não é muito.

**O E:** Que horas você sai de casa e que horas volta?  
**M S:** Eu saio ali pelas nove horas da manhã e só volto depois de ter ganho dinheiro.

**O E:** Que horas você come?  
**M S:** Ah, quando eu saio de casa e quando volto, né?

**O E:** Você gosta de estudar?  
**M S:** Gosto. Eu quero estudar. Eu estava estudando, mas a professora tirou eu da escola. Acho que é porque eu era o mais pequenininho. Eu já estava no Primeiro Ano forte, em Barreiros.

**O E:** Este blusão que você está não é da Sociedade de Proteção ao Menor Trabalhador (SPMT)?  
**M S:** É, mas eu nunca mais fui lá.

**O E:** Gostas da vida que levas?  
**M S:** Gosto, eu acho divertida. Mas eu gosto mesmo é de jogar bola. Ontem eu estava jogando com uns "colegas" num terreno aí, quando chegou a rapa. Mas eu não fui preso, me soltaram logo.

**O E:** Tens medo de avião?  
**M S:** Eu nunca andei... deve ser bom. Não tenho medo não!

**O E:** De que comida tu gostas?  
**M S:** Eu gosto muito mesmo é de feijão com arroz.

**O E:** Quantos irmãos você tem?  
**M S:** Tenho 18 irmãos. Seis mortos, o resto vivo.

**O E:** E no Natal o que é que você vai pedir pro Papai Noel?  
**M S:** No Natal só quem me dá presente é um padrinho que eu tenho. Ele é advogado investigador. No Natal passado eu ganhei dois caminhõezinhos: um fênemê e um scania.

**O E:** Você tem amiguinho rico?  
**M S:** Tenho. O pai dele tem dois carros.

Daí, como começou a chuveirar, fomos todos, entrevistadores, fotógrafo e entrevistado, fazer um lanche na pastelaria do japones.



Fonte: O Estadinho (1972) – Acervo da autora

Figura 15 – Entrevista em suplemento especial comemorativo ao Dia das Crianças II

ENTREVISTA

O ESTADINHO  
Semana da Criança  
Edição Especial **15**

Nós o encontramos na Escolinha de Artes. Ele estava com uma porção de outras crianças. Não era o menor deles, mas também não era o maior. As outras crianças não o chamam por apelido, chamam-no pelo nome: MURILO CASSOL. Ele leva uma vida boa, e nós quisemos saber como é que era, o que ele pensava. Aí está o Murilo.



banco começa a entortar com o peso.  
OE: O avião é do teu pai?  
MC: Não, é do pai e mais cinco homens.  
OE: Onde é que tu passas as férias?  
MC: Há? As férias geralmente eu passo na nossa casa de praia, que lá a gente já é acostumado, tem cabana, tem túnel por baixo dos matos, assim...  
OE: Onde é que é a tua casa de praia?  
MC: É na Ponta de Baixo. Então lá a gente faz guerra. Tem uns guri lá que quer estragar nossa brincadeiras, a gente faz guerra, uns caem no mar. Depois lá tem um barquinho, tem um boião, né. Agora o pai comprou uma lancha grande, Patrícia II, conhece? Então a gente pega o boião e enche, daí a gente diz que a lancha era navio, que o boião era lancha bateira, a gente brincava.  
OE: Escuta, e o Natal, tu gostas do Natal?  
MC: Ah, gosto.  
OE: Que é que tu vais pedir pro

Murilo Cassol, rua Othon da Gama D'Êça, 94. Entrevistado com a ajuda da Professora Heloísa Gonçalves.  
O ESTADINHO: Que é de importante que tu vais fazer quando for grande?  
Murilo Cassol: trabalhar, né?  
OE: Trabalhar em que?  
MC: Não sei, né?  
OE: Não pensasse nisto ainda?  
MC: Eu quase não entendo de trabalho, destas coisas.  
OE: Mas o que é que tu queres ser?  
MC: Eu queria ser mercantilcientista.  
OE: Prá fazer o que?  
MC: Maluco, maluco.  
OE: Ah é? Que idade tens?  
MC: Tenho oito.

MC: É, é o Maurício, o Marcelo, a Mara e a Magda.  
OE: Onde é que tu moras?  
MC: O sr. conhece aquela rua Othon Gama D'Êça, Professor Othon Gama D'Êça? Aquela casa de três andares, quase quadrada assim? Ali eu moro.  
OE: Em que é que tu trabalhas?  
MC: Meu pai é madeiro. Madeiro Cassol.  
OE: Conta teu dia. Quando tu acordas, o que é que fazes?  
MC: Ah, daí eu me levanto, escovo os dentes, vou na aula... na aula a gente faz bagunça... hoje, hoje eu saí da aula de castigo, tava fazendo muita bagunça. Daí eu vou lá, no recreio, brinco, depois eu vou embora.  
OE: Depois vais prá casa.  
MC: Depois vou prá casa, almoço lá em casa né? Depois eu começo a inventar aquilo que eu falei né? Quando chega as três horas eu faço os deveres, vejo televisão, se não tem filme bom eu vou brincar de bicicleta.  
OE: O que é que tu gosta na televisão?  
MC: Ah, gosto da Corrida Maluca e aquele do avião, não tem? Aquele do avião, e o Quadrilha Morte. Gosto de Pantera Cor-de-Rosa.  
OE: E tu gosta de escutar música?  
MC: Gosto.

OE: E as tabuadas, tu sabes tudo direitinho?  
MC: Sei, mas as tabuadas que ela não ensinou eu não sei. Eu gosto de aprender sozinho, mas eu não sei, então... Ontem eu fiz uma prova.  
Bom, aí chegou a hora do lanche e nós todos, fotógrafo, entrevistadores e entrevistado, fomos tomar nosso guaraná caçula com um sonho, para comemorar.  
OE: Fizeste boa prova?  
MC: Fiz, era fácil, era de matemática.  
OE: E da Escolinha de Arte, tu gostas?  
MC: Gosto.  
OE: Qual é a professora da Escolinha que tu gostas mais?  
MC: Não sei, não sei, gosto de todas.  
OE: Tu ganhas mesada do teu pai?  
MC: Ganho.  
OE: E quanto tu ganhas por domingo?  
MC: Três cruzeiros.  
OE: E dá prá fazer o que com três cruzeiros?  
MC: Ah, eu economizo. Vou ao cinema, compro bala.

OE: Onde é que tu estudas?  
MC: Eu? No curso Elementar Menino Jesus.  
OE: Em que grau?  
MC: Terceiro.  
OE: O que tu gostas de fazer quando não tens aula nem Escolinha de Arte?  
MC: Ahh, eu, eu fico pensando né? Mas geralmente eu penso fazer avião, de madeira, fazer outras coisas que eu ainda não inventei, fazer pandorga... mas nunca dá certo. Daí eu vou fazer os deveres, depois eu vou brincar de bicicleta, né? Com os cachorritos, também.  
OE: Tens quantos irmãos?  
MC: Eu? Cinco. Contando comigo, né?  
OE: Então são quatro irmãos?

lá, em inglês, gosto das músicas do Roberto Carlos, gosto...  
OE: Estás aprendendo inglês?  
MC: Eu não. E não aprendo assim na escola. Alguma coisa assim eu sei, né?  
OE: Ah, tu entende inglês?  
MC: É, mais ou menos. Só sei algumas coisas.  
OE: E o que é que tu entende de inglês?  
MC: Ah, eu entendo... entendo um monte de coisas né? Woman, é mulher, né? Entendo Boy que é menino. How are you, depois também I'm Fine, thank you. Eu não sei direito mais...  
OE: Qual é a tua religião?  
MC: Católica.  
OE: Domingo, o que é que tu fazes?  
MC: Domingo, ah, domingo eu peço pro pai dar uma volta, eu dou uma volta de lancha, uma volta de avião, vou lá no aeroclube.  
OE: Gostas de andar de avião?  
MC: Gosto. Uma dia aí, sem ser esse domingo, o outro, eu andei de teco-teco. Neste eu andei de táxi-aéreo, vi um helicopetro subir lá na base, sai do aéro clube fui atéêê a Base.  
OE: Como é a sensação quando a gente anda de avião? Eu nunca andei de avião.  
MC: Nunca? êh, vê gente lá em baixo, pequininha, vê as casas deste tamanho, vê as pessoazinha andando. Mas quando o pai abaixa muito assim, a gente fica mais leve, depois quando o pai sobe, a gente se sente mais pesado, o

OE: Escuta, e o Natal, tu gostas do Natal?  
MC: Ah, gosto.  
OE: Que é que tu vais pedir pro Papai Noel este ano?  
MC: Ah, no outro ano eu pedi uma bicicleta, né?  
OE: Ganhaste?  
MC: Ganhei, claro.  
OE: E este ano?  
MC: Ah, este ano eu ainda não sei, pode ser que apareça um presente bacana.  
OE: E o que é presente bacana prá ti?  
MC: Ah, presente divertido, assim como Polly grande, se tivesse um Polly bem grandão assim. (Polly: jogo de armar)  
OE: Quer dizer que tu não sabes o que vais pedir? O que é que tu já tens? Já tens bicicleta...  
MC: Já tenho bicicleta, tenho um monte de carrinhos lá do meu aniversário, ah, eu ganhei uma ar comprimido, uma espingardinha, conhece? Mas a mãe não deixa eu atirar sozinho, posso me machucar, ou fazer qualquer bobagem. Já matei um passarinho... Depois eu deixei ele cair no fogo e ele ficou deste tamanhozinho.  
OE: Gostas de estudar?  
MC: Eu não.  
OE: Não gostas de estudar?  
MC: Não. Eu gosto de fazer contas, mas de estudar, pegar lá o livro e ficar, não.  
OE: Mas tu precisas estudar prá ser alguma coisa na vida.  
MC: Eu estudo, mas não gosto.  
OE: Tiras notas boas?  
MC: Em bagunça eu tiro só Ruim. Agora, em Matemática eu tiro bom, nas outras eu sou mais ou menos.

OE: Que músicas tu gostas de escutar?  
MC: Montes. Gosto uma música



OE: E quanto tu ganhas por domingo?  
MC: Três cruzeiros.  
OE: E dá prá fazer o que com três cruzeiros?  
MC: Ah, eu economizo. Vou ao cinema, compro bala.  
OE: Tu não ajudas tu mãe?  
MC: Ah, eu ajudo, molho as plantas, engraxo os sapato, limpo o xixi do cachorro, é que nós temos dois, um pequenininho assim e outro grande que tá lá.  
OE: Tens algum amiguinho pobre?  
MC: Tenho.



Pelas entrevistas, pode-se notar que Manoel tem sua infância atropelada pelo trabalho, e a escola, para ele, não é lugar comum, embora tenha dito que gostava de estudar, mesmo tendo sido expulso da escola. Murilo vive sua infância com os direitos básicos garantidos. Frequenta a escola, tem moradia segura e seus pais estão mais presentes em sua vida. Faz aulas de inglês, vai à escolinha de arte do CIC, está inserido no mercado de consumo, tem variadas atividades de lazer, ou seja, uma infância não voltada à privação e ao trabalho.

As diferenças colocadas no papel não escondem de seus leitores mirins o sofrimento e as tristezas de crianças que existem, embora elas estejam distantes dos leitores habituais do suplemento. Há uma tentativa de sensibilizar as crianças para essas distinções, mas sem apelo assistencialista ou discriminatório, tentando para o reconhecimento de outras realidades.

Sutilmente, o suplemento evidencia a coexistência de crianças e infâncias dentro de seu Estado, sinalizando para uma perspectiva de infância como uma categoria construída historicamente.

Nesse sentido, é possível remeter-se à perspectiva histórica de infância, tributária dos estudos de Ariès (1981), historiador francês, que, por meio de iconografias e de inventários dos séculos XI ao XIX, caracterizou a emergência de um sentimento de infância, desnaturalizando a ideia de que sempre houvera uma preocupação, proteção e um sentimento de afeto, tal qual existe hoje, nas sociedades do Antigo Regime. Ariès (1981) mostrou que o sentimento de infância foi construído historicamente e, por ser uma construção histórica e social, admite a existência de uma pluralidade de infâncias. A pesquisadora Ana Maria Frota (2007), também apoiada nos estudos de Ariès, afirma que:

[...] podemos considerar que a infância muda com o tempo e com os diferentes contextos sociais, econômicos, geográficos, e até mesmo com as peculiaridades individuais. Portanto, as crianças de hoje não são exatamente iguais às do século passado, nem serão idênticas às que virão nos próximos séculos. (FROTA, 2007, p. 151).

E, sob esse olhar, mesmo a cidade de Florianópolis abrigava as infâncias em seus mais diversos aspectos. Se a infância marginalizada ganhava as páginas policiais, como destacou Rafaela Duarte (2011) em sua dissertação de mestrado<sup>41</sup>, em compensação a assistência também encontrava seu espaço, por meio de trabalhos

---

<sup>41</sup> Rafaela Duarte estudou o movimento das Diretas Já, na década de 1980, por meio de três impressos catarinenses: jornal *A Notícia*, *Jornal de Santa Catarina* e jornal *O Estado*.

voluntários e beneficentes (LADESC<sup>42</sup>), se opondo à infância cheia de oportunidades e especializações, como a do menino Murilo, uma infância em que a criança pode desfrutar dos direitos de Ser, Pensar, Sentir, Querer, Viver, Sonhar, de ser respeitada e de ser o que é (DALLARI; KORCZAK, 1986).

Passou a ser cada vez mais frequente, principalmente na década de 1970, certa “especialização” da infância. A. G. Ferreira (2002), Freitas (2002) e Levin (2013) concordam que há uma forte expansão de serviços, atividades e artefatos para a infância. O menino entrevistado, em poucas palavras, disse que, além da escola, cursava inglês e fazia escolinha de artes, tendo também citado um vasto número de brinquedos (artefato que também passa a ganhar as páginas publicitárias do jornal com frequência). A. G. Ferreira (2002, p. 167) identifica que:

[...] estão assegurados um conjunto de serviços médicos, sociais e educativos que pretendem apoiar as famílias nos principais aspectos que afectam a criação e a formação das crianças. As próprias famílias organizam-se para propiciar as melhores condições de desenvolvimento às suas crianças. Um sem número de produtos e de profissionais estão especialmente vocacionados para responder às necessidades e aos desejos dos mais novos.

E, se a diferenciação nas vestimentas entre adultos e crianças começa a aparecer ao menos nas crianças burguesas a partir do século XVII – segundo Ariès (1981) – o século XX, especialmente depois da década de 1970, forneceu mostras de que a roupa não é mais um artefato para diferenciar crianças de adultos. Tal fato evidencia uma já consolidada diferenciação, capaz, inclusive, de permitir que crianças se vistam como adultos ou, melhor, a moda infantil passa a utilizar como modelo o vestuário adulto. Inspirada em coleções estrangeiras, a roupa infantil “moderna” é aquela inspirada em roupas de “gente grande”.

Este inverno trouxe uma moda infantil inspirada na moda de “gente grande”; a redingote terá grandes golas e cintos, os capotes elegantes terão a forma de um trapézio com guarnições em pele no pescoço, punhos e barra. Serão usados também paletós sobre saias pregueadas, malhas curtíssimas e os graciosíssimos Montgomery (O ESTADO, 12/8/1972, p. 4).

---

<sup>42</sup> Sigla para Liga de Apoio ao Desenvolvimento Social Catarinense, instituição criada em 1979 e presidida, geralmente, pelas esposas do governador e vice-governador do Estado, ou alguém de sua confiança.

Figura 16 – Foto de trecho de matéria sobre moda infantil<sup>43</sup>

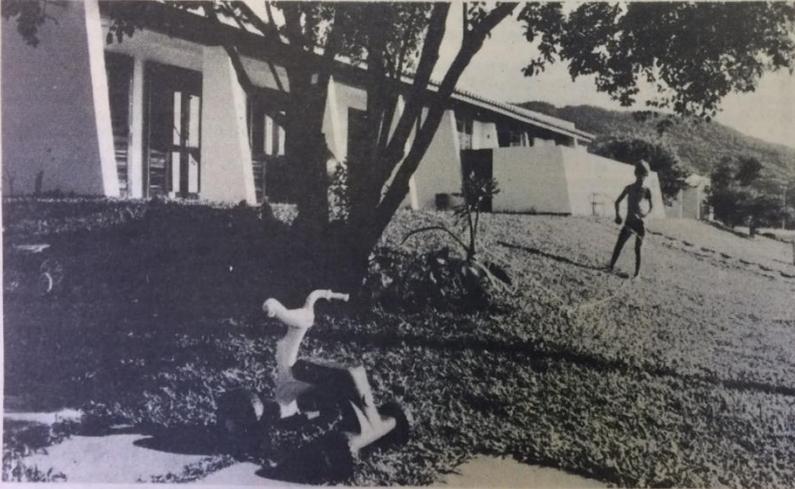
Fonte: O Estado (12/8/1972) – Acervo da autora

Até mesmo os anúncios imobiliários destacavam uma infraestrutura pensada para as crianças, como o residencial propagandeado em 20 de maio de 1974, no *Jornal de Santa Catarina*: “Nos pensamos no seu filho. PARA CRIANÇAS: Um play-ground (coberto); Um jardim de recreação; Um salão de festas para aniversário” (JORNAL DE SANTA CATARINA, 20/5/1974, p. 13). Outro anúncio do jornal *O Estado*, em 26 de novembro de 1978, destaca a importância de se pensar na criança quando for escolher um imóvel.

<sup>43</sup> No trecho da matéria: LONDRES - (ANSA) – A criança moderna veste-se em malha, este material que já pode ser considerado como o mais procurado e o que melhor se adapta a realização de roupas confortáveis não só para os adultos, mas para as crianças também... (Ver jornal O ESTADO, 12/8/1972, p. 4).

Figura 17 – Encarte empreendimento imobiliário Village III

**“Quem tem criança, é muito importante o Village.”**



As ruas tranquilas e seguras, as áreas verdes e o Lagoa late Clube dão aos seus filhos a sensação de segurança e liberdade. Village III oferece a eles, dentro da sua tranquilidade, as opções de um divertimento salutar, a prática do esporte, durante toda sua evolução. A. Gonzaga já está comercializando os terrenos do Village III. Com as maiores facilidades de pagamento. Basta chamar um corretor. Ele vai explicar e detalhar muito mais vantagens a você.

Empreendimento desenvolvido e garantido por:



**A. GONZAGA S.A.**

Lojas de Imóveis: Rua Vidal Ramos, 63 - fone 22 3455  
Plantão de vendas também no local.

**village III** - O jeito feliz de viver.

Fonte: O Estado (26/11/ 1978) – Acervo da autora

Entretanto, é possível perceber que, quanto ao gosto musical, o menino Murilo disse escutar de Roberto Carlos, referência provavelmente da preferência musical de seus pais, supostamente representando que, outros produtos para a infância ainda estariam por vir.

Já existiam desenhos na televisão para as crianças, filmes nos cinemas, jornal, mas, no quesito música, pouca expressividade, algo que não tardou em aparecer, sobretudo, na década de 1980, com o álbum Arca de Noé, de Vinícius de Moraes e Toquinho (1980), Pirlimpimpim (1982), Turma do Balão Mágico (1982) e Plunct Plact Zuum (1983), sem se esquecer de Chico Buarque, com o álbum Os Saltimbancos. Nem mesmo em outros lugares do Brasil, onde a música tinha maior expressividade, a situação da música infantil foi diferente. O historiador baiano Paulo Cesar de Araújo, em conferência<sup>44</sup> proferida na Universidade do Estado de Santa Catarina, em 2014, afirmou, também em sua infância, ter aprendido a gostar de Roberto Carlos, um dos ícones da Jovem Guarda<sup>45</sup>, pois o mercado fonográfico era quase invisível às crianças,

<sup>44</sup> Conferência de encerramento da V semana Acadêmica de História, “História e segredo: Dimensões entre o Público e o Privado”, realizada no auditório do CEART/UEDESC, em Florianópolis, dia 12/9/2014.

<sup>45</sup> A expressão ‘Jovem Guarda’ é oriunda de um programa de televisão em meados da década de 1960 e deu nome a uma nova linguagem musical que se alastrou pelo Brasil, dando fama, sucesso e dinheiro a seus representantes, dentre eles, o mencionado Roberto Carlos.

restando a elas escutar os gêneros musicais adultos.

Das 150 edições do suplemento analisadas não foi identificado nenhum evento, ou mesmo campanha, em prol de crianças carentes, ainda que no jornal *O Estado* tais atividades fossem destacadas. A esse fato é possível inferir na possibilidade de uma política não assistencialista, mas, também, por outra visão, na exclusão de uma infância marginalizada, empobrecida, abandonada e, por aquele suplemento, não contemplada. Ainda que em alguns poucos momentos, sobretudo nos primeiros de anos de circulação, *O Estadinho* tenha mostrado aos seus leitores a existência de crianças de Florianópolis e arredores que viviam sem escola, trabalhando para ajudar no sustento da família, essa não era a infância que ganhava as páginas do suplemento. Não era especificamente para essas crianças que o suplemento fora pensado.

Os meninos Manuel Jorge de Matos e Manoel da Silva cujos rostos foram estampados no suplemento de 8 de outubro de 1972 e de 15 de outubro de 1972 respectivamente atestam também uma infância precária (ainda que representadas por um viés romântico), distinta daquilo que o jornal costumava ressaltar (crianças que vão à escola, leem o suplemento, frequentam teatro e que contam com a ajuda dos familiares para participar dos concursos promovidos pelo jornal).

Ele diz que vende a lata de amendoim todo dia, e às vezes vais [*sic*] para a casa com dez cruzeiros, [...] entrega inteiro pra madrastra dele, ajudando a mantê-los. [...] não está mais na escola, mas já sabe ler um pouquinho. (O ESTADINHO, 8/10/1972).

O fragmento do texto sobre Manuel Jorge de Matos, publicado no suplemento de 8 de outubro de 1972, refere-se a um pedaço do cotidiano do menino que frequentemente visitava a redação do jornal *O Estado*, mas provavelmente sequer tenha visto seu rosto e sua pequena história impressos no suplemento infantil.

Possivelmente, o menino Manuel da Silva também não tenha tido acesso ao suplemento que publicizou sua história. O garoto não frequentava a escola e precisava, assim como Manuel Jorge de Matos, trabalhar nas ruas para ajudar a família. Porém, Manuel da Silva sofria castigo caso não trouxesse dinheiro para casa. “[...] eu não posso chegar em casa sem dinheiro. Meu pai me tranca na cozinha de castigo” (O ESTADINHO, 15/10/1972).

O trabalho infantil, que atualmente apresenta números alarmantes em Santa

Catarina<sup>46</sup>, sendo também registrado em números ainda mais expressivos na década de 1970, está relacionado estreitamente, segundo Ana Lucia Kassouf (2007), às condições financeiras das famílias, embora outras causas não menos importantes tenham contribuído para o crescimento desses números, como a estrutura familiar e seu tamanho e a idade em que outros membros da família iniciaram atividades laborais. Outra observação de Kassouf (2007) é a de que famílias que possuem melhores rendas ou condições para aumentar a renda familiar investem no tempo de estudo das crianças, afastando o trabalho do cotidiano infantil.

Se, por um lado, no suplemento não há um adensamento sobre as questões da infância de rua ou infância pobre, por outro, também a infância assistida ou de caráter assistencialista, sinalizada por Kuhlmann Júnior (2000) como “concepção de assistência científica”, não encontrou espaço no jornal infantil. É preciso esclarecer que tal concepção emergiu no início do século XX e seu objetivo era difundir que o atendimento à pobreza fosse realizado sem grandes investimentos. Assim também seguiriam as propostas de instituições populares. Kuhlmann Júnior (2000, p. 8) ressalta:

A educação assistencialista promovia uma pedagogia da submissão, que pretendia preparar os pobres para aceitar a exploração social. O Estado não deveria gerir diretamente as instituições, repassando recursos para as entidades.

Ao revés, o jornal *O Estado* publicava, com certa frequência, sobretudo no final da década de 1970 e década de 1980, matérias e reportagens sobre a criança e a infância, ressoando temas que nacionalmente cresciam e ocupavam as “agendas” dos grandes veículos de informação. Contudo, a historiadora Camila Serafim Daminelli, cuja pesquisa analisou, em alguns jornais do Estado de Santa Catarina, como foram abordadas as questões referentes à infância e à juventude, entre os anos de 1979-1990, afirma que algumas matérias e notícias sobre infância e juventude realizadas pelo *O Estado*,

[...] parecem fruto mais do interesse pessoal dos jornalistas que as produziram e menos um agendamento temático de comprometimento político dos editores do jornal com as temáticas abordadas. (DAMINELLI, 2013, p. 48).

Tanto pelas páginas de *O Estado* com destaque às policiais quanto pelo próprio suplemento infantil, a infância vai tornando-se visível, a criança vai ocupando um espaço na vida pública de forma crescente. Se, em alguns momentos, a infância é vista

---

<sup>46</sup> Sobre esses índices, consultar o Portal Ministério do Trabalho em: <<http://portal.mte.gov.br/portal-mte;http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2015/06/sc-e-o-quarto-estado-com-maior-indice-de-trabalho-infantil-no-pais.html>>.

como um problema (infância marginalizada), em outros se constitui como um importante campo de pesquisa, também sendo vista como potencial mercado consumidor. São indícios de que as transformações sociais implicam também nas formas de compreender, de pensar e de sentir a infância.

O período de análise dessa pesquisa e os documentos utilizados nela, cotejados com outros jornais e com as pesquisas acerca da infância e sua emergência permitem inferir sobre a coexistência de representações no campo da infância catarinense, ainda que tais representações pareçam opostas ou dicotômicas. Assim, por meio dos jornais, a infância é representada como uma fase em que as crianças precisam obter saberes, conhecimentos, conteúdos, numa perspectiva adultocêntrica (SARMENTO, 2007), em que a criança é um vir a ser e precisa ser moldada, “lapidada”. Como exemplo, é possível observar os textos publicados no suplemento, de cunho moral e também alguns escritos que informavam aos leitores sobre os grandes heróis da Pátria.

Sem perder um minuto, o anãozinho correu em busca do pastor, que se convertera no mais rico e poderoso cavaleiro de todo o país. Agora tinha muito dinheiro e um palácio luxuosíssimo e o que é mais importante, um coração muito grande e bom. (O ESTADINHO, 4/7/1972).

E assim que chegou, quebrou o feitiço com que a velha encantara a bela Margarida. O pássaro colorido voou na mão da bruxa e novamente se arrependia da inveja que sentia da vendedora de flores. (O ESTADINHO, 18/7/1972).

É que eles se preparavam para fazer juntos a 1ª comunhão. Akelá (Chefe da Alcatéia) preparava-os com todo carinho. Insistia que a gente deve ser bom para com todos, e até para com os animais e plantas. Afinal, tudo é obra de Deus. E Deus é nosso amigo. Precisamos ser bons e ajudar as pessoas. (Pe. José Edgar de Oliveira *apud* O ESTADINHO, 24/12/1972, p. 3).

Em 1831, o pai, o Imperador Dom Pedro I, enfrentava uma vigorosa oposição política. Teve que deixar o Brasil. No dia 7 de abril de 1831, abdicou em favor do seu filho, Dom Pedro de Alcântara que tinha apenas cinco anos. (O ESTADINHO, 1º/12/1974).

Também é possível observar a presença de uma infância assistencialista, tributária à concepção de assistência científica de Moyses Kuhlmann Júnior, cuja bandeira era atender à pobreza sem grandes investimentos, contribuindo para a condição de aceitação da exploração. De pouquíssimas aparições no suplemento, mas frequente nas páginas de *O Estado*, ora como denúncia às más condições da infância na cidade, ora como apelo para a caridade do leitor, é possível encontrar anúncios como o seguinte:

Quando comemora-se o dia da criança, os menores abandonados e os filhos de ninguém são até lembrados e homenageados com anúncio em jornal. Só

que os menores abandonados e os filhos de ninguém dispensam as homenagens. Mas aceitam de bom grado um gesto de carinho, calor humano e compreensão. (O ESTADO, 10/10/1982).

Nessa clave, também não foram raros os anúncios em que leitores eram convidados a participar de festas e a fazer doações em prol de recursos para a infância catarinense, que, por muito tempo, estivera nas mãos das senhoras esposas de governadores do Estado.

Ocupando uma página de jornal, a Operação Criança, figura a seguir, tentava sensibilizar a população para colaborar com a festa beneficente, seja por doações ou pela participação no evento, que, possivelmente, envolveria comercialização de alimentos e vendas de produtos diversos.

Figura 18 – Foto de matéria/convite sobre festa beneficente

**UMA GRANDE FESTA  
PARA UMA GRANDE  
CAUSA.**



**DIA 6 DE OUTUBRO  
VÁ MOSTRAR O SEU  
AMOR PELAS CRIANÇAS.  
NO ATERRO DA BAÍA SUL.**

A operação criança vai começar. Pode vir como quiser e como estiver. No seu carro, de moto, à pé. Traga a família, os amigos, a turma.

Muita gente e muita alegria estarão esperando por você para a grande festa da Operação Criança, que a Liga de Apoio ao Desenvolvimento Social Catarinense, a Comissão Catarinense do Ano Internacional da Criança e a TV Catarinense vão promover, no sentido de integrar esforços em benefício das crianças de Santa Catarina.

Todos podem ajudar: personalidades de nossa cidade, autoridades, figuras de destaque da sociedade, artistas, os grandes nomes do futebol e toda a comunidade.

O dinheiro arrecadado em todo o estado, e em cada município, reverterá em benefício das Entidades de Promoção Social.

Aceite nosso convite. Participe desta festa e venha mostrar o seu amor pelas crianças.



COLABORAÇÃO: A.S. PROPAGUE  
DESTE JORNAL



PROMOÇÃO Liga de Apoio ao Desenvolvimento Social Catarinense  
COMISSÃO CATARINENSE DO ANO INTERNACIONAL DA CRIANÇA  
TV CATARINENSE

Fonte: O Estado (12/9/1979) – Acervo da autora

É possível identificar, ainda, reportagens que atuavam, ao mesmo tempo, na sensibilização quanto à situação das crianças abandonadas e ao problema social que

poderia decorrer em função desse abandono, como a delinquência. Nesse sentido, pode-se ver, na figura a seguir, ocupando a capa do jornal de domingo, do dia 1º de outubro de 1972, a manchete com foto que foi destaque, chamando a atenção para um problema da falta de assistência à infância.

Figura 19 – Foto de trecho de matéria sobre o problema da falta de assistência à infância



Fonte: O Estado (1º/10/1972) – Acervo da autora

A infância marginalizada não ocupou as páginas de *O Estadinho*, mas, assim como a infância assistencialista, encontrou espaço nas páginas de *O Estado*. Daminelli (2013) identificou, no jornal *O Estado*, reportagens e matérias em que crianças e jovens protagonizavam cenas de infrações e exploração do trabalho. Com relação a este último, é importante mencionar que chega a ser inocente o tom com que o tema é abordado pela matéria, intitulada "Crianças vendem para os turistas".

A chegada dos turistas é comemorada de modo tão efusivo que, em pleno ano de 1984, no calor das discussões sobre a erradicação do trabalho infantil, um dos mais tradicionais veículos de comunicação impressa do Estado dá mostras de certo “desconhecimento” sobre os debates acerca da infância, comprovando a falta de agenda, ainda que em artigo publicado no ano de 2014, a autora afirme que tanto o jornal *Diário Catarinense* quanto *O Estado* tinham [...] a infância enquanto parte de sua agenda jornalística” (AREND; DAMINELLI, 2014, p. 182). Refratários de uma realidade, o jornal expressa como a própria cidade e seus personagens lidam com o cotidiano infantil, indicando que não bastou proclamar 1979 como o ano Internacional da Criança, já que muitas medidas ainda estavam por vir.

Em outro caso, abordado por Daminelli (2013), um policial agrediu um menino de 11 anos por jogar lama em seu carro. Decorrente dessa agressão, parentes do menino foram em busca de esclarecimento, mas, ao invés de esclarecidos, também foram agredidos. Tal notícia, que poderia ser publicada na coluna Ronda<sup>47</sup>, sequer foi mencionada. É um silêncio que fala muito sobre a infância marginalizada em Florianópolis.

Se o jornal *O Estado* cedesse espaço em suas folhas para mostrar a infância pobre, triste, explorada, ainda que sem problematizá-las, o suplemento, em contrapartida – sobretudo, a partir de 1984 – parecia buscar o questionamento, o debate, a interrogação e uma participação ativa de seus leitores mirins, convocando-os, inclusive, a atuar como repórteres. É nesse período, numa ideia mais crítica e participativa, que a criança atinge, por suas experiências com o suplemento infantil, certa proeminência. Tal destaque, que o próprio suplemento promove e incentiva, por meio de sua política editorial, de diversas formas, desde a publicação de fotos de crianças, textos e desenhos até solicitações e sugestões de pauta, além de convites para que seus leitores sejam também colaboradores do jornal. Exemplos dessa guinada foram as matérias publicadas, ao longo de 1986, sobre a Assembleia Constituinte, o Plano Cruzado, a Reforma Agrária, além de uma enquete com seus leitores sobre as expectativas para o novo governo<sup>48</sup>. Vieira (2014), pesquisando os suplementos, no período de 1984 a 1987, afirma que:

---

<sup>47</sup> Ronda foi uma coluna de *O Estado* que circulou de 1981 a 1990, seu intuito era veicular as notícias do cotidiano. “São passagens corriqueiras pelo cotidiano da cidade, escritas com certa dose de humor e sarcasmo, inclusive quando trata sobre as tragédias urbanas com vítimas fatais.” (DAMINELLI, 2013, p. 59).

<sup>48</sup> Em 16 de novembro de 1986, ocorreram eleições para Governador do Estado, na edição de 30/11/1986, o suplemento destacou a opinião e as expectativas de seus leitores quanto à atuação do novo governador.

O Estadinho se preocupou em explicar para as crianças o contexto histórico em que estavam inseridas, considerando que elas também fazem parte da sociedade e compartilham, portanto, o direito de participação. (VIEIRA, 2014, p. 27).

Esse movimento de dar visibilidade aos desejos das crianças e não infantilizá-las, levando a elas a informação que circulava no mundo adulto, é uma das preocupações do jornal infantil francês *Mon Quotidien*, que, desde 1995, leva a seus leitores de 6 a 14 anos quase sempre os mesmos assuntos dos jornais adultos sobre esporte, cultura, ciência, atualidades nacionais e internacionais. A diferença não está no conteúdo, mas no estilo do texto, com linguagem simples e que propicie uma fácil compreensão (MORETZSOHN; CANELA, 2002).

Entretanto, o suplemento abre possibilidades para pensar o destaque à infância, já no ano de seu nascimento, em 1972, não apenas por ser um produto dirigido às crianças, mas por permitir, ainda que pontualmente, uma série de histórias de um ávido leitor: Clóvis Medeiros. Tal evidência também pode ser percebida na publicação de alguns textos e desenhos produzidos pelas crianças, entretanto, uma participação mais efetiva, quando as crianças passam não só a ter desenhos, histórias e fotos, mas a sugerir pautas e a opinar sobre assuntos de “adultos”, acontece a partir de 1985, conforme mostram as figuras a seguir.

Figura 20 – Foto de trecho de matéria sobre pautas e opiniões das crianças

# E DE AGORA EM DIANTE TODAS AS CRIANÇAS TER DIREITO A...

No ano que vem nós teremos um novo governador. Você sabia? O nome dele é Pedro Ivo Campos e foi escolhido, no dia 15 de novembro, por todos os catarinenses maiores de 18 anos.

Infelizmente, crianças não votam. Mas têm opiniões que devem ser ouvidas. Afinal, mais da metade da população é menor de 16 anos. Sabendo disso O ESTADINHO deu uma voltinha no calçadão da Felipe Schmidt, no centro da Capital, para perguntar aos garotos e garotas o que eles esperam do novo Governo. E, principalmente, quais as sugestões ao futuro Governo.

Olha, a criançada até que tá bem informada. Todo mundo sabia o nome do atual governador

Esperidião Amin e a maioria acertou quem ganhou as eleições. Muitos dos nossos amiguinhos que estavam passeando pelo calçadão não levaram as nossas perguntas muito a sério. Um deles chegou a dizer que preferia a Xuxa para mandar em todo mundo. Mas esse mesmo garoto, que se chama Dauro Lins e tem 10 anos, acha que falta mais diversões para as crianças nas ruas.

E, os meninos que se cuidem, as gatinhas entrevistadas mostraram-se mais espertas e menor envergonhadas em falar o que pensam.

Uma delas, a Maria Aparecida de Farias, 9 anos, que estuda no Maria Auxiliadora, até elogiou o presidente Sarney. "Ele é legal e vai ajudar Santa Catarina". Maria acha que as praias — nada é o que ela mais gosta de fazer — precisam ficar mais limpas. Ela disse que sente pena das crianças descalças e com fome andando sozinhas nas ruas. "Deveria ter mais lugares para as crianças morarem. Acho que elas não têm onde tomar banho e fazer as necessidades".

João Carlos Martins Júnior, 13 anos, estava fazendo compras

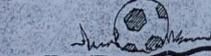
com o vovô Damião, 66 anos. Ele e seu irmãozinho Plínio, 4 anos, moram com os pais num sítio perto dos Ingleses. Por isto, ele é muito ligado à natureza. Só come comida natural e raramente chupa um sorvete. Mesmo assim ele reclama dos preços da comida. "Minha mãe vive reclamando que tá tudo muito caro. Lá em casa a gente divide com a vizinhança e todo mundo fica feliz". Para o futuro governador ele manda um recado: "As cidades têm que ficar mais bonitas e tudo limpo".

Isabella Barbosa  
jornalista de O ESTADO



"Eu quero mais espaço para jogar bola com meus amigos lá na Trindade. Por enquanto só tem a quadra da escola e na frente do CIC. Acho que o Governo tem que pensar mais nas crianças. Por exemplo, construindo parques e escolas melhores".

João Paulo Pacheco, 9 anos



"Acho que falta muita coisa para melhorar. Eu gosto de ir à Baturité, no domingo. Mas toda vez que vou lá tem confusão. Os meninos são muito metidos a grande. E as meninas que são amigas não ligam muito para quem está chegando sozinha. Por que o Governo não coloca uma discoteca de graça, onde todo mundo possa entrar? Seria um barato".

Luciane Maia, 12 anos

"Não sei se eu pedir alguma coisa vai adiantar. Nem conheço esse Pedro Ivo. Só o Amin, pela ele pediria para melhorar o calçadão da minha rua. Meu pai adiantou".

Juraci Pinto Correia, 10 anos



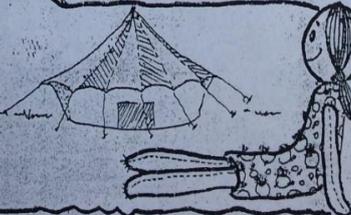
gatinhas

"Muita brincadeira e mais pistas de bicicross nas ruas. Sorvete e cinema de graça para todo mundo. Na minha opinião, os ônibus para as praias deveriam ser de graça. Deveria ser permitido a entrada de pranchas de surfe nos ônibus também. Outra coisa, preferia que não tivesse provas na escola".

Kurt Hollander Neto, 12 anos

"Eu acho que nós crianças não temos muito aonde ir. De vez em quando passa um filme ou chega um circo. Adorei o último que esteve lá no campo do Avaí. Por isso o novo governador deveria colocar um circo bem grande lá no Aterro do lado do parquinho. Ia ficar mais divertido. Eu queria ganhar uma bicicleta também, mas não sei se o governador poderia me dar".

Mirela Conceição, 12 anos



Na Figura 20, o suplemento de 30 de novembro de 1986 traz uma página inteira destinada à publicação dos desejos das crianças em relação ao novo governador do Estado. Porém, não foram apenas publicadas as expectativas das crianças, mas também um texto introdutório, escrito pela jornalista Isabella Barbosa.

O texto apresenta alguns aspectos sobre o processo de votação e de escolha do governador e traz comentários sobre algumas opiniões de seus leitores, sempre as respeitando, mesmo aquelas em que à primeira vista poderia ser motivo de piada. Tal forma de conduzir o suplemento permite fazer aproximações mais com os pressupostos de uma infância crítica e participativa, em que “[...] as crianças não constituem nenhuma comunidade isolada, mas fazem parte do povo e da classe a que pertencem.” (BENJAMIN, 2007, p. 94).

Nesses últimos anos de *O Estadinho*, uma postura mais voltada a formação de leitores críticos, sem deixar de lado o caráter lúdico. O suplemento parece ter acompanhado as transformações sociais que pouco a pouco foram permitindo as crianças, mais espaço para a comunicação e para uma “livre” expressão de seus desejos, seus sentimentos e sua participação na esfera pública, guardadas as devidas proporções, em artefatos destinados a elas, como os suplementos infantis. Vestígios de que a infância, como construção social se modifica, se altera, também alterando, em alguma medida, a própria maneira como as crianças se comportam, se comunicam e vivenciam suas infâncias.

No capítulo seguinte, serão apresentados com maior detalhamento e análise todos os componentes do suplemento *O Estadinho* entre os anos de 1972 e 1983, período em que esteve mais “acanhado” quanto a um posicionamento crítico e participativo de seus leitores. Porém, há de se registrar que houve tentativas de tornar o suplemento mais atrativo, e a relação com a escola de certa forma fomentava essa atividade, como veremos no decorrer da leitura.

### 3 A CONSOLIDAÇÃO DE UM IMPRESSO INFANTIL (1972-1983)

Neste capítulo, seguindo a divisão anunciada no capítulo anterior, o leitor entrará em contato, de modo mais detalhado, com o suplemento infantil catarinense em sua primeira fase. Compõem esse capítulo três subcapítulos nos quais é possível compreender aspectos relacionados ao conteúdo de *O Estadinho* e como eles foram supostamente pensados como estratégias para ampliar a circulação desse material vinculado ao jornal *O Estado*. Inicia-se problematizando o material elaborado pelo cartunista paulistano Maurício de Sousa, que esteve presente durante toda a trajetória do impresso. O segundo texto trata da publicação de fotos infantis no suplemento e como e porque essa prática foi mantida do início ao fim de *O Estadinho*, indicando um interesse particular dos próprios diretores do jornal *O Estado*. O último texto deste capítulo dá ênfase à comunicação entre suplemento e seus leitores. Indícios de uma mudança, tanto na compreensão de infância, que envolve a participação de seus leitores, como também certa motivação para deixar o infantil mais autônomo, autêntico, sem precisar recorrer em excesso às produções gráficas de Maurício de Sousa.

#### 3.1 CAPAS, QUADRINHOS E DIVERTIMENTOS: A *TURMA DA MONICA* E *O ESTADINHO*

Começando, como se diz, “do nada”, Maurício criou e lançou uma família de personagens ao redor de uma menina chamada MÔNICA, que se tornou um símbolo nacional. Esse é o tipo de realização que é o maior sonho de todos os cartunistas profissionais. Existe genialidade na habilidade de criar e sustentar uma família de personagens que capturem o coração de uma nação. Uma geração inteira de brasileiros cresceu com essa turminha simpática e querida que já tem um lugar estabelecido na cultura popular. Somente poucos criadores conseguiram isso em tamanha escala. Nos Estados Unidos temos Walt Disney, e no Brasil existe Maurício de Sousa. (EISNER, 2000, p. 8).

O trecho elogioso, extraído do prefácio do livro *Navegando nas letras II* (2000), crônicas de Maurício de Sousa, é de Will Einster<sup>49</sup>, um dos cartunistas mais conhecidos. O livro cujas crônicas são todas assinadas por Maurício formam uma espécie de autobiografia, ou relatos de si, memorados<sup>50</sup> nos escritos que dão a conhecer, ainda que

<sup>49</sup> Will Eisner (1917-2005) foi um famoso cartunista americano, cujo estilo foi referência para cartunistas no mundo todo. Atuou também como roteirista, arte finalista, editor, publicitário, desenhista.

<sup>50</sup> A perspectiva adotada neste trabalho compreende que [...] a memória é também uma construção do passado, mas pautada em emoções e vivências; ela é flexível, e os eventos são lembrados à luz da experiência subsequente e das necessidades do presente (FERREIRA, 2002, p. 321).

sobre uma imagem construída, um pouco da infância e de como foram criando forma os personagens que por 11 anos foram o carro-chefe do suplemento infantil *O Estadinho*.

Do primeiro ao último suplemento de *O Estadinho*, estiveram presentes as criações do cartunista Maurício de Sousa. No ano de 1972, quando o acervo contava com 29 edições, era possível perceber que a Turma da Mônica chegou a ocupar mais da metade do impresso infantil. Nas capas, histórias em quadrinhos e divertimentos, os personagens já conhecidos pelos gibis<sup>51</sup> apresentavam-se como os “responsáveis pelo suplemento”. Na capa, local de destaque, tornou-se constante as aparições da Mônica e sua turma, produzindo naquela página principal uma espécie de propaganda (CUNHA; SOUZA, 2015) de seus próprios personagens. Os anos de 1972 a 1983 certamente ajudaram a divulgar e a propagar a turminha que se popularizou também por meio de peças teatrais, brinquedos, artigos de papelaria e até decoração.

Por mais de dez anos o suplemento apresentou-se a seu público-leitor bastante ilustrativo, sendo seu carro-chefe os quadrinhos (tipo Gibi) nas seções de Divertimentos, Historinhas, Concursos, Programinha, Publicidade, além da capa e de outros escritos e desenhos eventuais. Essa materialidade apresenta traços de uma época (CASTILLO GÓMEZ, 2012b) que oferece pistas sobre o que o jornal pretendia como impresso infantil, haja vista seu conteúdo ser em grande medida quase completamente elaborado por Maurício de Sousa, nome já consagrado no meio impresso, por suas criações para as crianças, desde o início da *Folhinha*<sup>52</sup> de São Paulo em 1963, onde atuara como colaborador até julho de 1965 (SOUSA, 2017). As capas, os divertimentos e grande parte dos quadrinhos que circularam no suplemento, sobretudo até o ano de 1983, chegavam a ocupar em muitas edições seis das oito páginas do material, com destaque para as historinhas envolvendo Chico Bento<sup>53</sup>, Cebolinha<sup>54</sup>, Penadinho<sup>55</sup> e Piteco<sup>56</sup>, que apareceram em mais de 85% dos suplementos do ano de 1972.

O material elaborado por Maurício de Sousa recebia destaque pela quantidade de quadrinho, voltando-se às crianças, sobretudo as escolarizadas por conseguirem decifrar os códigos escritos nos balões de conversação e também pela seção Divertimentos.

---

<sup>51</sup> O primeiro Gibi da Turma da Monica foi publicado pela editora Abril em Maio de 1970, com circulação nacional.

<sup>52</sup> Ressalta-se que as edições de *a Folhinha de São Paulo* foram consultadas em um repositório no qual apenas é possível consultar com senha e *login*. O *link* do repositório está listado na seção referências deste trabalho.

<sup>53</sup> Personagem menino, cuja característica era ter costumes e pertencer ao meio rural.

<sup>54</sup> Personagem menino, cuja característica principal é trocar na fala, a letra “r” por “l”.

<sup>55</sup> Personagem fantasmilha.

<sup>56</sup> Personagem homem, que faz referencia ao “homem das cavernas”.

Nela, de forma lúdica, um “treino com as mãos e olhos”, pois as atividades envolviam certa habilidade com o lápis, além de atenção aos enunciados. Ainda que pensado para crianças, o suplemento infantil encartado nos jornais poderia também ser lido e utilizado por adultos. Servindo a professores como material paradidático (SOUSA, 2017) ou utilizado como forma de ocupação do tempo infantil e reforço para a conquista de elementos voltados à escrita (FINOCCHIO, 2014). Esses outros usos permitem inferir que, mesmo destinado ao lazer infantil, a presença do adulto, seja para utilizar o material, tomar conhecimento de seu conteúdo ou ajudar a criança (público-alvo) na leitura ou na realização dos divertimentos, ocorreria. E isso não fora algo incomum, pois mesmo em periódicos pedagógicos escritos por alunos para alunos, a presença do adulto, de pais ou professores, tanto na leitura como na própria escrita de algum texto, esteve presente, ainda que sob alguma suspeita e discretamente, como apontou a historiadora Cristiani Bereta da Silva (2013) ao estudar um periódico escolar<sup>57</sup> produzido por alunos do Grupo Escolar Lauro Muller<sup>58</sup>, em Florianópolis.

Esse artefato de leitura, cujo material principal foi em seus primeiros anos as historinhas em quadrinhos de Maurício de Sousa, publicou também alguns escritos de cunho moral, dirigidos às crianças, mas que, por seu caráter metafórico, necessitavam de uma leitura e de interpretação adulta. Historinhas conhecidas e reproduzidas possivelmente para uma leitura em família, já que o suplemento encartado no jornal de domingo permitia mais tempo para a leitura.

Mesmo não sendo um periódico escolar, corrobora-se com o que escreve Maria Teresa Santos Cunha (2011a, p. 237) sobre jornais escolares, quando ressalta que os periódicos infantis:

[...] constituem-se em um importante veículo educativo para seus leitores, além de anunciarem aspectos da história das instituições escolares quando relatam atos, ações vivenciadas no cotidiano escolar e por meio delas, mostram indícios de saberes e práticas escolares identificadas a preceitos de civilidades.

Isso também se aplica ao suplemento estudado, pois foi possível perceber aspectos relevantes sobre quem eram os leitores e os escritores mirins, apresentados em algumas de suas seções. O suplemento, no período observado, manteve sua estrutura, pouco variando quanto ao número de página e *layout* de capa, com exceção dos meses

<sup>57</sup> O Estudo “Cultura Escolar e Cultura Política: Projeto de Nacionalização e o Jornal Escolar a Criança Brasileira” (SANTA CATARINA, 1942-1945) teve como objeto de análise de um jornal escolar, analisado sob a ótica da cultura política e cultura escolar.

<sup>58</sup> Hoje Colégio Estadual Lauro Muller, fundado em 1912, localizado no Centro de Florianópolis.

de outubro, quando a edição comemorativa do Dia das crianças chegava ao leitor com o dobro de páginas.

Foi possível identificar nessa primeira fase do jornal a existência de 18 seções: *Capa; Quadrinhos; Divertimentos/Passatempos; Historinhas; Publicidade; Concursos; Editorial; Programinha; A página é sua; Coluna social; Nem todos sabem; Cantinho do artista; Vamos criar?; Será que você sabe?; O que é o que é?; Vamos colorir?; Os amiguinhos escrevem; Matérias diversas*<sup>59</sup>. No quadro, a seguir, consta a relação de seções e os anos em que compuseram o suplemento na sua primeira fase (1972-1983).

Quadro 1 – Relação das seções e os anos que compõem a primeira fase do suplemento

Seções/Ano	72	73	74	75	76	79	80	81	82	83
<b>Capa</b>	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
<b>Quadrinhos</b>	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
<b>Divertimentos</b>	X	X	X	X	X					
<b>Historinhas</b>	X	X	X	X	X			X	X	X
<b>Publicidade</b>	X	X	X			X	X	X	X	X
<b>Concursos</b>	X		X			X	X			
<b>Editorial</b>	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
<b>Programinha</b>	X	X		X	X	X	X	X	X	X
<b>Matérias diversas</b>	X	X	X	X	X	X	X		X	X
<b>Coluna Social</b>		X		X	X	X	X	X	X	X
<b>Nem todos sabem</b>			X	X						
<b>Essa página é sua</b>							X			
<b>Cantinho do artista</b>							X			
<b>Vamos criar?</b>									X	
<b>Será que você sabe?</b>									X	
<b>O que é o que é?</b>									X	
<b>Vamos colorir</b>									X	
<b>Os amiguinhos escrevem</b>										X

Fonte: Dados da pesquisa (2015)

Nem sempre, todas essas seções compunham uma edição, sendo bastante comum que o periódico circulasse com cinco e, às vezes, até menos seções, entretanto, *Capa, Quadrinhos, Divertimentos* e, a partir do segundo mês de vida, também, os informes publicitários da Caixa Econômica Estadual (CEE) foram os elementos mais presentes no suplemento até 1983.

<sup>59</sup> Chamamos de “*Matérias diversas*” reportagens, textos e escritos não produzidos pelas crianças e não enquadrados nas sete seções listadas.

As *Capas*, assim como os *Quadrinhos*, estão presentes em todas as edições verificadas, mas também sofreram modificações. O nome ***O Estadinho*** constava sempre na parte superior central da folha, escrito em caixa alta e, logo abaixo dele, havia, em letra menor, o local e data. Essas informações, com alguma charge ao centro da folha, ocupavam toda a primeira página do jornal. A partir de 11 de junho de 1972, o suplemento passou também a apresentar o número da edição, porém, de 1983 em diante não havia mais menção quanto ao número de edição. A partir de 1985, o jornal passou a informar a estação do ano com as informações de data e de publicação e as capas ganham colorido.

Figura 21 – Tipologia da capa de *O Estadinho*

Fonte: O Estadinho (27/10/1985) – Acervo da autora

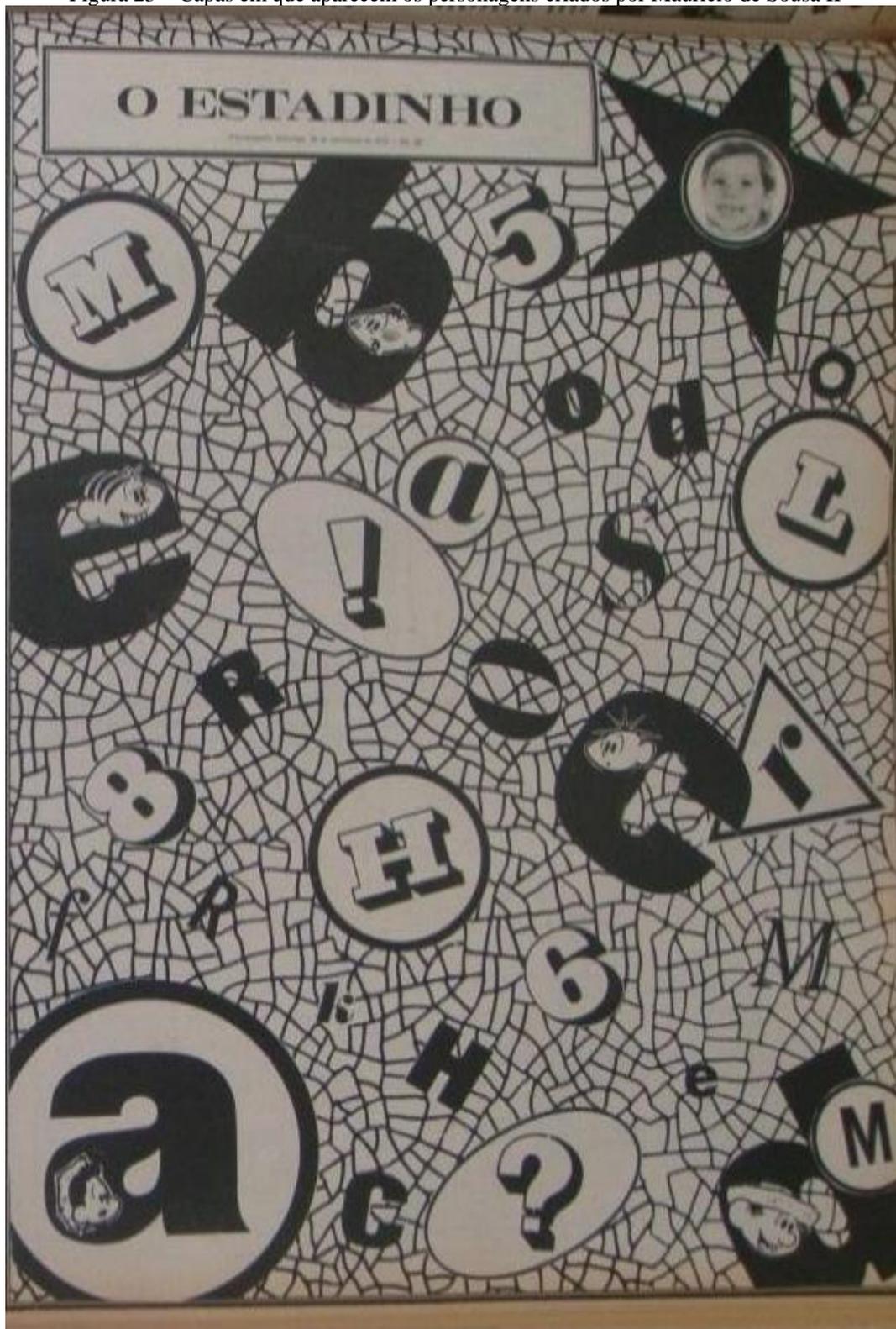
Em quase todas as capas do ano de 1972, as personagens de Maurício de Sousa estão presentes, ocupando toda a página, mas há algumas edições em que as montagens das aparições desses personagens ficaram minúsculas.

Figura 22 – Capas em que aparecem os personagens criados por Maurício de Sousa I



Fonte: O Estadinho (20/8/1972) – Acervo da autora

Figura 23 – Capas em que aparecem os personagens criados por Maurício de Sousa II



Fonte: O Estadinho (26/11/1972) – Acervo da autora

As personagens, por meio de balões de diálogo, anunciavam os concursos promovidos pelo suplemento e também o conteúdo do jornalzinho. Em 4 de junho de 1972, passou a integrar a capa (na parte inferior central da folha) um informe sobre o

Expediente, composto de personagens das histórias em quadrinhos, dando a ideia de que o suplemento era produzido por Mônica e sua Turma.

Até o ano de 1973, as capas se alternavam, ora apresentavam fotos de bebês e crianças, ora mostravam os personagens da Turma da Monica. As capas do suplemento também dividiram espaço com a publicidade realizada pela Caixa Econômica Estadual de Santa Catarina<sup>60</sup>, sua aparição estava condicionada a informações sobre o conteúdo do jornal, porém tanto a publicidade quanto a apresentação do conteúdo não se mantiveram constantes e, no final do ano de 1972, já não circulavam esses dados na capa do suplemento.

As fotos de crianças, em grande maioria, bebês, também foram capas do suplemento no ano de 1972, porém, foi a partir de 1973 que *O Estadinho* regularizou essa prática, mantendo-se assim até o ano de 1983. Com os dizeres “O Estadinho quer homenagear você”, incentivava-se o envio de fotos à redação do jornal, as quais precisavam conter o nome completo da criança, seu endereço e data de nascimento. Isso, nas palavras de Valente (2013), foi uma estratégia para agradar aos pais, vestígios de que o suplemento que “oficialmente” voltava-se ao público infantil, fora, em certa medida, também projetado para ganhar visibilidade dos adultos. E, a partir de 1973, as capas deixaram de estampar os personagens de Maurício de Sousa, dando lugar aos rostos infantis, uma espécie de coluna social para os pais que começava já na capa do suplemento.

Se as capas do cartunista paulista figuraram por aproximadamente um ano no suplemento, a seção destinada à brincadeira foi mais longe. A seção Divertimentos, assim como a das histórias em quadrinhos, foi uma das mais constantes no suplemento, até o ano de 1976 e fazia parte do “pacote” que integrava o conteúdo de *O Estadinho*, vendido por Maurício de Sousa ao jornal *O Estado*. Era bastante comum nos suplementos esse tipo de seção: Divertimentos ou Passatempos, tais seções sempre fizeram parte dos periódicos infantis brasileiros, desde os mais antigos, como o *Tico-Tico* (1905), Suplemento Infantil (1934), *O Globo Juvenil* (1937) até os mais recentes e que ainda circulam no país, como “Diarinho” (do periódico *Diário dos Campos do Paraná*) e “Jotinha” (do *Jornal de Jundiaí de São Paulo*).

Os *Divertimentos* também circularam em revistas e suplementos de outras partes do mundo. Tratava-se de uma atividade que de alguma forma relacionava-se às

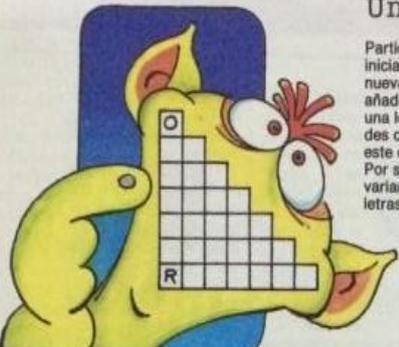
---

<sup>60</sup> Banco público catarinense, já extinto.

habilidades motoras, de coordenação motora fina, executadas com frequência no ambiente escolar, tidas como uma preparação para a escrita. Era um material que comumente acompanhava tanto os suplementos infantis quanto as revistas escolares (CHIVELET, 2009).

Figura 24 – Seção Divertimentos de um suplemento espanhol

**Y ADEMÁS...**



**Una más una**

Partiendo de esta O inicial debes ir formando nuevas palabras, añadiendo en cada ocasión una letra más hasta que des con la última, que en este caso empieza por R. Por supuesto puedes ir variando el orden de las letras, pero no puedes eliminar ninguna que aparezca en la palabra anterior.



**¡Mucho ojo!**

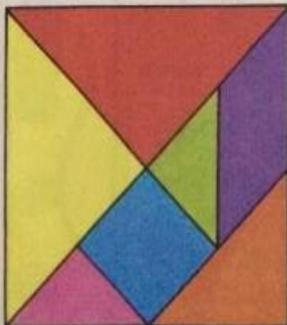
Para realizar este pequeño experimento sólo necesitas un lápiz, un papel y un poco de vista. Pinta un punto en el centro de la página y ahora, cerrando un ojo, trata de acertar con el lapicero en el punto que pintaste. ¿Fácil?

**Adivina, adivinanza**

Si piensas un segundo y repasas el texto con detenimiento, seguro que esta adivinanza no tiene secretos para ti. Insiste y trata de descifrarla.

**TRES NÚMEROS  
TENGO, TRES.  
SI NO ADIVINAS  
QUIÉN SOY,  
CORRIENDO  
A POR TI VOY.**









**Figuras.** Ahí donde la ves, esta figura está formada con los siete trozos coloreados del cuadrado que aparece en el dibujo. ¿Cómo? Aquí precisamente empieza el juego de reconstrucción. Dale vueltas al cuadrado hasta que consigas encajar cada pieza en su lugar, porque te podemos asegurar que en nuestro dibujo encajan perfectamente todas las piezas.

Soluciones en la página 8

Esse material de diversão infantil também ganhava as classes escolares, e mesmo a revista *Tiquinho*, considerada um divertimento infantil, em suas páginas, sinalizava atividades a serem realizadas nas salas de aula pelas professoras. Em *O Estadinho* e na *Folhinha de São Paulo*, além da afirmação de Maurício em produzir um material também voltado a um uso escolar, os editoriais de ambos os suplementos traziam como colaboradores as pessoas com atividades profissionais relacionadas à escola. Na *Folhinha de São Paulo*, a “Chefia do ensino primário”, em *O Estadinho*, a FAED/UDESC. Indícios de uma preocupação em permitir o lazer e o divertimento, mas sem deixar de instruir e de educar em preceitos semelhantes aos escolares.

Figura 25 – Propaganda da Revista *Tico-Tico*

alegre!  
bonita!  
diferente!

atraente!  
colorida!  
engraçada!

# TIQUINHO

NÃO É APENAS UM DIVERTIMENTO PARA AS CRIANÇAS!

EM SUAS 32 PAGINAS COLORIDAS ENCONTRAM AS PROFESSORAS. TESTES, JOGOS, PROBLEMAS, BRINQUEDOS DE ARMAR, PEQUENAS POESIAS, DESENHOS PARA TEMAS ESCOLARES, ETC. QUE MUITO AS AJUDARÃO NAS SUAS TAREFAS TÃO NOBRES.

Preço do exemplar Cr\$ 15,00 Assinatura anual — 12 números — sob registro postal: Cr\$ 240,00  
O pagamento da assinatura é feito adiantadamente por cheque, vale postal ou registro com valor declarado. Não atendemos assinatura pelo Reembolso Postal. Também não aceitamos assinatura por 6 meses.

Pedidos à Sociedade Anônima "O Malho" — Rua Afonso Cavalcanti, 33, Caixa Postal, 880  
RIO DE JANEIRO.

Fonte: *Revista Tico-Tico* (nov./dez. 1961, p. 27) – Acervo online da *Revista Tico-Tico*

Uma pesquisa encomendada pela Agência de Notícias dos Direitos da Infância (ANDI)<sup>61</sup> – que analisou aproximadamente quatro edições de 36 suplementos infantis encartados em jornais de diferentes cidades e estados brasileiros, cuja circulação ocorreu no primeiro semestre de 2001 – apontou que 80,4% dos impressos destinavam espaço para passatempos ou divertimentos, sendo inferior aos que publicavam as histórias em quadrinhos, um total de 64,8% (MORETZSOHN; CANELA, 2002).

Esse tipo de seção, mostrada pela figura a seguir, com atividades de habilidade de motricidade fina e óculo-manual, exigia familiaridade com o lápis, uma vez que era preciso quase sempre marcar, ligar, seguir com traços ou completar com letras. Porém, o “jogo dos sete erros”, “palavra cruzada” (“cruzadinha”) e “labirinto” eram os exercícios mais comuns e que, de certa forma, poderiam expressar uma preocupação com a aquisição ou o reforço das habilidades necessárias para o domínio da escrita e do raciocínio.

Para esses exercícios supunha-se igualmente uma familiarização com a leitura, uma vez que, para além da leitura dos enunciados (alguns poderiam ser deduzidos pelos desenhos), era preciso completar enigmas e adivinhações, como as “cruzadinhas” e o “complete o nome”.

No mesmo período em que circulou *O Estadinho*, também circulou a *Folhinha de São Paulo* e, em ambos, a seção Divertimentos era bastante semelhante, não só pelo nome da seção, mas pelas letras usadas, pelos enunciados, atividades propostas e inserção das personagens de Maurício de Sousa. Tal fato evidencia a afirmação de Valente (2013), indicando que a o jornal *O Estado* comprava o material do cartunista paulista para recheiar o suplemento infantil catarinense. A afirmação de Valente foi confirmada por Maurício de Sousa (2017), que, com o “sucesso” da *Folhinha*, o levou a produzir materiais no formato de suplemento, para serem vendidos a jornais brasileiros<sup>62</sup>. O cartunista, em sua autobiografia, detalha como planejou o impresso para as crianças.

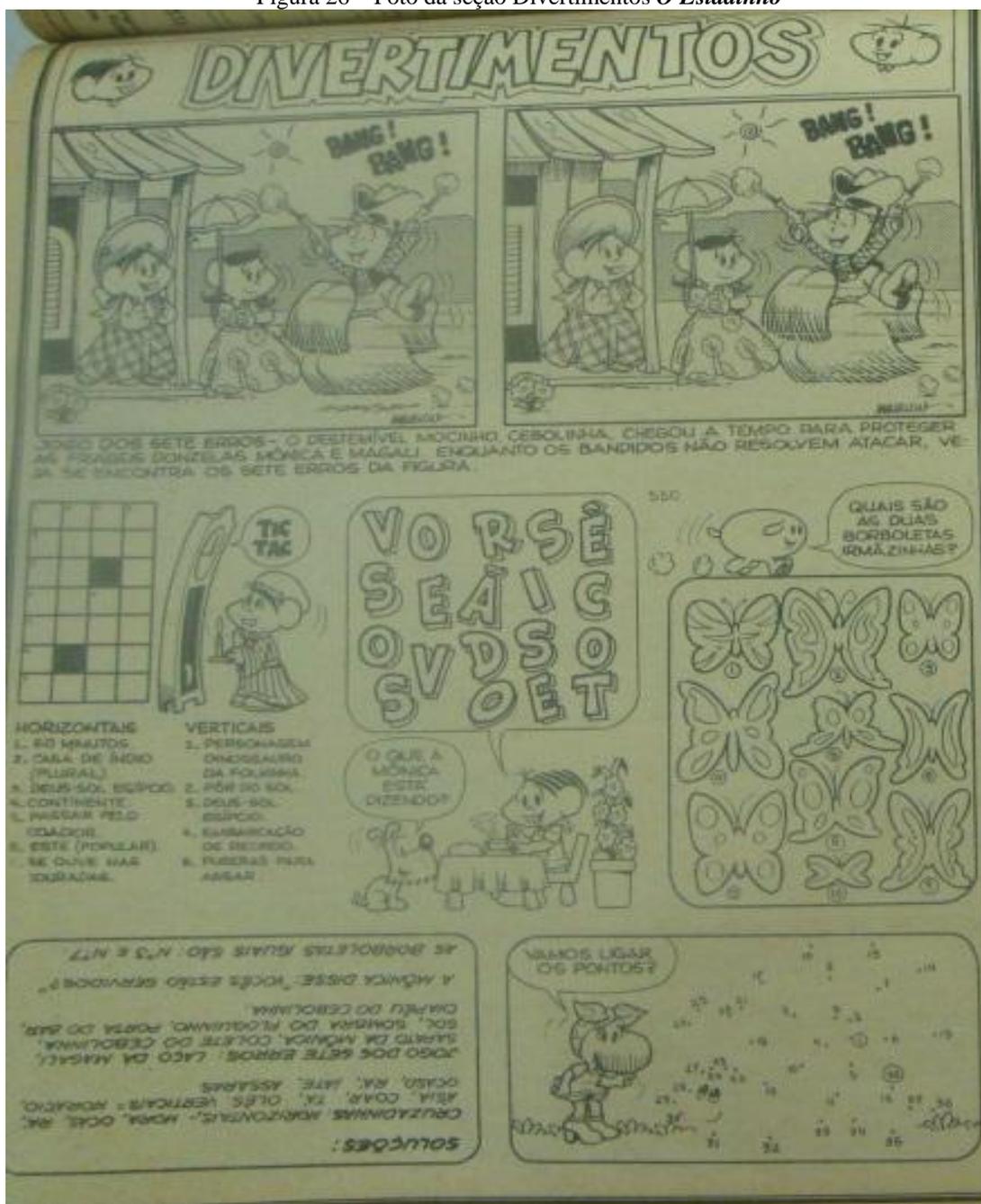
---

<sup>61</sup> Essa pesquisa foi realizada pela Agência de Notícias dos Direitos das Crianças (ANDI) em 2001 e publicada em 2002, contando com os seguintes consultores: Carmem Lozza, Claudinei Montes, Lena Lóis, Lúcia Maria Resende, Lucília Garcez, Marcela Graice, Maria Inês Duque Estrada e Vera Anselmi Melis.

<sup>62</sup> De 1964 a 1964, Maurício de Sousa vendeu seu suplementos e tirinhas de seus personagens para mais de 400 jornais brasileiros, “[...] espalhadas de norte a sul do país, em cidades como Natal, Alegrete ou Uruguaiana” (SOUSA, 2017, p. 104).

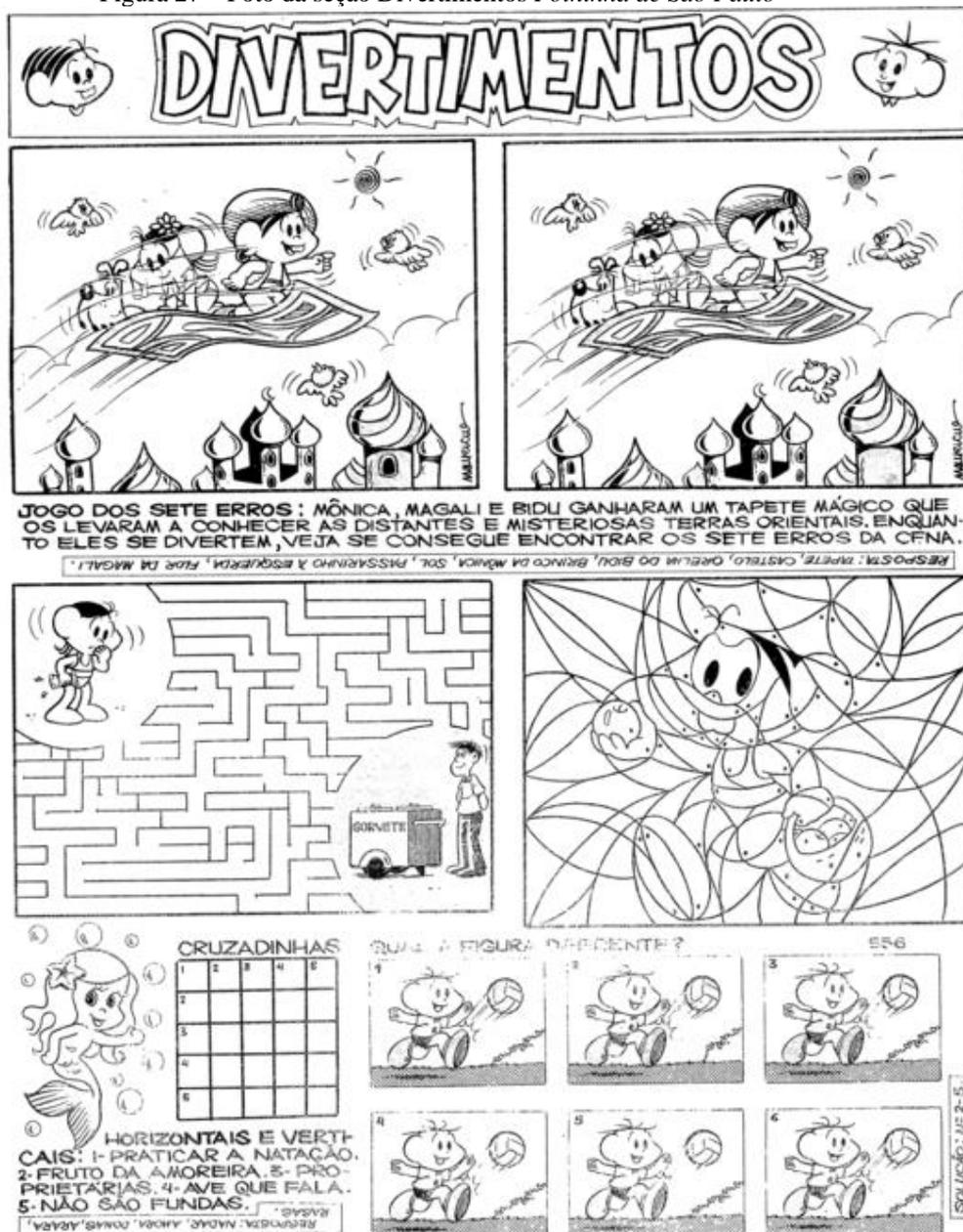
O produto já estava na cabeça havia alguns meses. Ele se chamaria *Jornalzinho da Mônica* e sairia aos domingos, como a *Folhinha*. Os suplementos seriam idênticos, os mesmos para todo mundo. Mas teriam, conforme o gosto do freguês, oito ou 16 páginas – *uma com “divertimentos”, com o jogo dos sete erros, e as demais com histórias em cores* (SOUSA, 2017, p. 102, grifos nossos).

Figura 26 – Foto da seção Divertimentos *O Estadinho*



Fonte: *O Estadinho* (1º/12/1974) – Acervo da autora

Figura 27 – Foto da seção Divertimentos *Folhinha de São Paulo*<sup>63</sup>



Fonte: Folhinha de São Paulo (14/5/74, p. 6) – Acervo online da *Folha de São Paulo*

A seção que permitia uma interação por meio de lápis e caneta não parou de circular na segunda fase do suplemento e, assim como as capas, deixou de ser um produto “comprado”, tornando-se mais uma seção confeccionada pelos editores e também leitores de *O Estadinho*.

Assim também ocorreu com aquele que foi considerado o carro-chefe de *O Estadinho*, sobretudo nessa primeira fase, em que os quadrinhos de Maurício de Sousa

<sup>63</sup> Cópia autorizada pelo Grupo Folha em 07/12/2017.

estiveram presentes em quase todas as edições de 1972 a 1983. Material que se popularizou em grande medida pelo suplemento infantil da *Folha de São Paulo*, como conta a matéria veiculada na *Folhinha de São Paulo*,

Outro dia o presidente da República tomou uma providencia muito importante: nacionalizar as histórias em quadrinhos. Isso quer dizer que daqui por diante, e aos poucos as histórias em quadrinhos que costumavam vir do estrangeiro, e que quase só falavam de coisas lá de fora, serão feitas por artistas brasileiros e certamente ficarão cada vez mais brasileiras, retratando nossa gente, nossos ambientes nossa vida.

É claro que já existem histórias em quadrinhos brasileiras. Vocês todos conhecem as que a *Folhinha* publica. Pois o maior conjunto de personagens de historias em quadrinhos já criado com êxito no Brasil saiu do lápis de um só desenhista, brasileiro, paulista, pioneiro. Esse artista é Maurício, um amiguinho de todos vocês. Ele começou como repórter policial na FOLHA DE S. PAULO e nesse jornal começou a fazer seus bonecos. Depois, quando viu que já era tempo para fazer histórias em quadrinhos brasileiras, deixou o jornal, reuniu um grupo de desenhistas e começou a trabalhar. Além da FOLHA e da FOLHINHA, vários outros jornais hoje publicam as histórias de Maurício e seus colaboradores.

A primeira história foi a de Bidu, seguindo-se outros personagens de que todo mundo gostou: Cebolinha, Horácio, Paposão, Piteco, Hiro e Zé, além de outros. Maurício também montou um serviço de distribuição das historinhas por todo o país. E prepara-se agora para fazer desenhos animados brasileiros, para a televisão. Tudo isso com gente nossa.

A FOLHINHA DE S PAULO, ao contar essas coisas aos seus amiguinhos, sente-se muito cheia de si, muito “prosa”, como se diz. Pois a verdade é que antes mesmo de o Presidente da República baixar o seu decreto, já ela aparecia só como histórias em quadrinhos brasileiras... e feitas por Maurício e seus desenhistas. Foi uma grande vitória para todos nós, não foi mesmo. (FOLHINHA DE SÃO PAULO, 29/9/1963, p. 13).

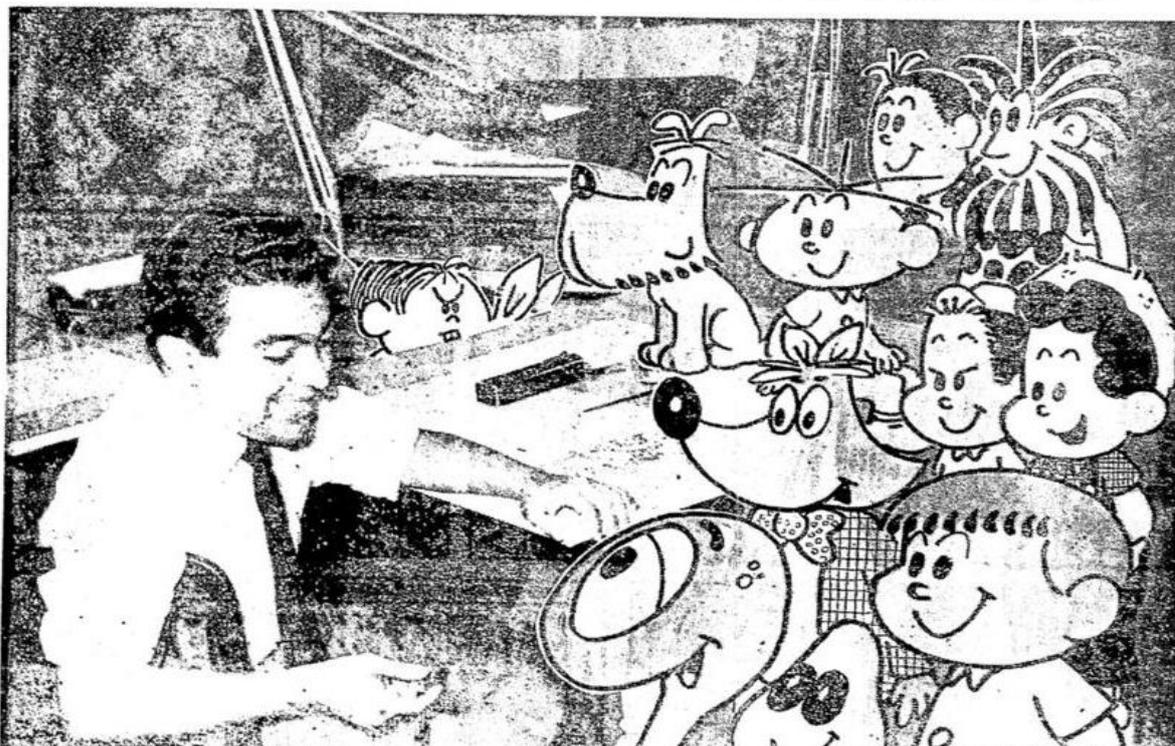
Um sucesso que permitiu ao cartunista expandir seu material e torná-lo conhecido tanto no país como fora dele.

Começaram a sair matérias grandes sobre mim, de uma ou duas páginas – numa delas, o título era “No Brasil o rei da fantasia é Maurício”. Essas reportagens atestavam a qualidade do trabalho, aumentavam a visibilidade e conferiam credibilidade [...]. (SOUSA, 2017, p. 114-115).

A matéria com título glorioso foi publicada no suplemento infantil da *Folha de São Paulo*, no período em que o cartunista atuava como colaborador. É possível que Maurício tenha participado da construção de matérias ou reportagens que, para além de favorecer seus produtos literários, o alçava como “autoridade” no assunto “histórias em quadrinho”. O gênero literário que conquistava os suplementos infantis acabava de ganhar legitimidade e a *Folhinha* por veicular o material de Maurício contribuía para a construção, com reportagens sobre o cartunista, de uma imagem de referência nacional. A *Folhinha* foi para Maurício seu “cartão de visita.” (SOUSA, 2017).

Figura 28 – Reportagem sobre o sucesso de Maurício no Brasil

# NO BRASIL O REI DA FANTASIA É MAURICIO



Outro dia o presidente da República tomou uma providência muito importante: nacionalizou as histórias em quadrinhos. Isso quer dizer que daqui por diante, e aos poucos, as histórias em quadrinhos, que costumavam vir do estrangeiro, e que quase só falavam de coisas lá de fora, serão feitas por artistas brasileiros e certamente ficarão cada vez mais brasileiras, retratando nossa gente, nossos ambientes, nossa vida.

É claro que já existem histórias em quadrinhos brasileiras. Vocês todos conhecem as que a Folhinha publica. Pois o maior conjunto de personagens de historietas em quadrinhos já criado com êxito no Brasil saiu do lapis de um só desenhista, brasileiro, paulista e pioneiro. Esse artista é Maurício, um amiguinho de todos vocês. Ele começou como re-



porter policial na FOLHA DE S. PAULO e nesse jornal começou a fazer seus bonecos. Depois, quando viu que já era tempo para fazer histórias em quadrinhos brasileiras, deixou o jornal, reuniu um grupo de desenhistas e começou a trabalhar. Além da FOLHA e da FOLHINHA, vários outros jornais hoje publicam as histórias de Maurício e seus colaboradores.

A primeira historietta foi a de Bidu, seguindo-se outros personagens de que todo mundo gostou: Cebolinha, Horácio, Paposão, Pitoco, Hiro e Zé, além de outros. Maurício também montou um serviço para distribuição das historietas por todo o país. E prepara-se agora para fazer desenhos animados brasileiros, para a televisão. Tudo isso com gente nossa.

A FOLHINHA DE S. PAULO, ao contar essas coisas aos seus amiguinhos, sente-se muito cheia de si, muito "prosa", como se diz. Pois a verdade é que antes mesmo de o Presidente da República baixar o seu decreto, já ela aparecia só com histórias em quadrinhos brasileiras... e feitas por Maurício e seus desenhistas. Foi uma grande vitória para todos nós, não foi mesmo?

Domingo, 29 de setembro de 1963 — FOLHINHA DE S. PAULO — Página 13

Fonte: Folhinha de São Paulo (29/9/1963, p.13) – Acervo online da *Folha de São Paulo*.

O suplemento infantil catarinense, não diferente de a *Folhinha*, exibiu divertimentos, capas e muitas páginas destinadas aos personagens de Maurício,

entretanto, foi o infantil paulistano o primeiro suplemento a dar vida a muitos dos personagens do cartunista. Em a *Folhinha*, os materiais elaborados por Maurício mesclavam-se com concursos, histórias, contos, seção de correspondência, página destinada à publicação de desenhos de leitores, etc. O suplemento geralmente dedicava não mais que 20% de suas páginas para a publicação de quadrinhos do cartunista paulista. Já no suplemento catarinense, mais da metade de suas páginas destinava-se aos quadrinhos, como é possível verificar no quadro a seguir. Sua aparição mais efetiva ocorreu nos anos de 1972 a 1981, quando ocupava, em média, quatro páginas do jornal, sem contar a seção Divertimentos. Tal fato reitera a possibilidade de *O Estadinho* ter sido elaborado quase que completamente pela equipe de Maurício de Sousa. A partir de 1982, os quadrinhos cederam espaço a outras seções, mas continuaram a aparecer em todos os impressos analisados, porém não mais preenchendo 50% do suplemento.

Quadro 2 – Quantidades totais de edições de *O Estadinho* e de edições com quadrinhos (1972-1983)

Ano	Quantidade total de edições	Quantidade total de edições com quadrinhos de Maurício de Sousa
1972	29	29
1973	1	1
1974	1	1
1975	5	5
1976	1	1
1979	2	2
1980	8	8
1981	2	2
1982	8	8
1983	6	6
<b>Total</b>	<b>63</b>	<b>63</b>

Fonte: Dados da pesquisa (2015)

A quantidade de quadrinhos reforçava a ideia de que o suplemento fora pensado para crianças alfabetizadas ou em processo de alfabetização. Entretanto, as práticas de leitura não se limitavam apenas aos escritos nos balões<sup>64</sup> de diálogos, pois os leitores podiam, mesmo sem identificar as letras, ler os desenhos, embora seja fato que: “Os que podem ler os textos, não os leem de maneira semelhante, e a distância é grande entre os letrados de talento e os leitores menos hábeis [...]”. (CHARTIER, 1991, p. 179).

<sup>64</sup> Recurso gráfico comum nas histórias em quadrinhos. Por meio dos balões são representadas falas, ideias, pensamentos dos personagens implicados nas histórias.

No ano de 1972, os quadrinhos que mais circularam no suplemento foram dos personagens, Chico Bento, Cebolinha, Penadinho e Piteco. Os enredos das historinhas envolvendo os quatro personagens são de humor, e se diferem não apenas em relação aos personagens, mas também às tramas, que se assemelham quanto ao caráter humorístico, mas se diferem no conteúdo dos enredos. Maurício de Sousa em seu livro conta que as histórias criadas por ele, em boa medida, têm relação com as memórias de sua infância e também com sua família. “Guardo, através de toda a minha vida, os resíduos doces e saudáveis da infância cercada de atenções e carinho. E, quando resolvi contar história para crianças, tentei passar esses valores.” (SOUSA, 2000, p. 59). Assim, as histórias do cartunista, ao mesmo tempo em que mostravam personagens irreais e contextos fictícios, trazia fatos de sua vida, passados para o papel em forma de quadrinhos. Foi assim que muitos personagens ganharam vida no papel, como Cascão, Chico Bento e a própria Mônica, inspirada em sua filha, que, segundo ele, era “baixinha, gorducha, meio dentuça e brigona.” (SOUSA, 2017, p. 87).

As histórias de Penadinho, por exemplo, envolviam situações com fantasmas, vampiros, múmias, dráculas, ocorridas em cemitérios e locais aparentemente “desertos”. Algo que costuma povoar o imaginário infantil. Os balões de diálogo apresentavam frases curtas e bom emprego da pontuação. Assim, também, com muitos diálogos são as historinhas do personagem Piteco, representante do homem das cavernas, que apresentava tramas envolvendo com frequência situações problemáticas num contexto pré-histórico, o que, em certa medida, ajudava a converter o escrito numa passagem cômica.

Nas histórias de Piteco, o conteúdo apresentava-se um pouco mais complexo e em alguns enredos para entendê-lo era necessário compreender algumas situações sociais, como o quadrinho a seguir:

Figura 29 – História em quadrinhos do personagem Piteco



Fonte: O Estadinho (4/6/1972, p. 8) – Acervo da autora

As histórias do personagem que representava o homem das cavernas, por vezes, eram apresentadas em sequência, ou seja, a continuação da história seguia no próximo

suplemento. Entretanto, as outras historinhas não apresentavam esse mesmo esquema que, de alguma forma, incentivava a compra de um próximo suplemento.

Cebolinha e Chico Bento, os personagens mais conhecidos de Mauricio de Sousa, também ilustraram o suplemento. Cebolinha representava um menino da cidade. Suas histórias remetiam a brincadeiras, travessuras, aventuras, situações próximas ao cotidiano de um menino escolarizado, oriundo das camadas médias. A presença da personagem Monica<sup>65</sup> e a relação conflituosa entre os dois também estavam presentes, contadas com muito humor e um toque de violência, haja vista, que a menina dentuça costumava golpear seu amigo Cebolinha usando seu coelho de pelúcia. Sobre os conflitos, presentes nos enredos de algumas histórias, Maurício de Sousa (2000, p. 59) afirma que: “Os conflitos naturais que surgem em nossas historinhas são resolvidos de maneira normal, tranquila, inteligente, bem-humorada, e tudo termina bem”.

Chico Bento e seus personagens representavam situações que remetiam a um ambiente mais rural, tanto pelos elementos desenhados, como carroças, espantalhos, varas de pescar, espingardas, quanto pelo emprego de palavras que remetiam a um jeito de falar típico do interior. Como aparece no quadrinho de 11 de julho de 1982.

---

<sup>65</sup> Personagem menina, cujas características eram seus dentes grandes, sua relação inseparável com seu coelho de pelúcia e os frequentes conflitos com o personagem Cebolinha.

Figura 30 – História em quadrinhos do personagem Chico Bento I



Fonte: O Estadinho (11/7/1982) – Acervo da autora

O humor também fazia parte desses quadrinhos, como é possível perceber em outra historinha do personagem Chico Bento, de 24 de julho de 1973.

Figura 31 – História em quadrinhos do personagem Chico Bento II



Fonte: O Estadinho (24/7/1973, p. 2) – Acervo da autora

Outras histórias criadas pelo cartunista Maurício de Sousa também ganharam as páginas do jornal, Boa Bola, Horácio, Tina, Pelé e Bidu, que começaram a aparecer com mais frequência a partir do ano de 1973, quando saem de cena as tramas dos personagens Piteco e Penadinho. Horácio, um dinossauro com cabeça grande, discutia em suas tramas questões existenciais. Segundo seu criador, foi “[...] o único personagem

que pode ser considerado meu *alter ego*, baseado mais em mim [...]” (SOUSA, 2017, p. 93).

Dois outros quadrinhos também ganharam notoriedade, embora sem a mesma frequência das já citadas historinhas da Turma da Mônica: “Jorginho” e “Renato”. O primeiro começou a aparecer na edição de número 12 e foi publicado em 11 edições do suplemento. Ocupava uma página, no estilo quadrinho, composto de muitas ilustrações e textos curtos, que frequentemente indicavam continuidade na edição seguinte, o que talvez tenha sido uma estratégia do jornal para garantir o consumo (a compra) da próxima edição, mas circulou apenas no ano de 1972. As histórias envolviam roubo de dinheiro, recuperação de objetos, planos para o futuro, de modo que os cenários variavam desde algo “futurista”, com robôs e naves espaciais, até o familiar espaço de um quarto infantil. Renato, no acervo dessa pesquisa, começou a aparecer logo nos primeiros exemplares do ano de 1975.

Figura 32 – Tirinha de humor elaborada por Renato



Fonte: O Estadinho (2/2/1975) – Acervo da autora

Eram tirinhas curtas, sempre com dois personagens e diálogos simples. Humoradas, traziam um texto em tom de piada que poderia ser entendido facilmente por crianças escolarizadas. Nos quadrinhos, dois nomes aparecem sempre nos cantos, tratava-se possivelmente de quem os elaborava, entretanto na pesquisa faltam elementos para confirmar essa suspeita. Tais tirinhas não foram encontradas em outros anos, o que nos leva a pensar na possibilidade de aquele material ter sido produzido por alguém do próprio jornal *O Estado*.

Quanto aos quadrinhos de Jorginho, não foi possível identificar sua autoria. Os vestígios nos enredos, sobretudo por palavras frequentes como ‘cofrinho’, ‘caderneta de

poupança’, ‘poupar’ nos levam a crer na possibilidade de que tal material fosse de divulgação da Caixa Econômica Estadual (CEE), podendo tanto ter sido produzido pela equipe do *O Estadinho*, como pelo próprio banco para o jornal infantil. Entretanto, é certo que tal material visava à confirmação de uma ideia de economia, de poupar para o futuro, trazendo uma perspectiva para além do presente. Cabe enfatizar a possível relação desse conteúdo com o momento vivido, já que a nova classe média, composta de professores universitários, funcionários públicos e profissionais liberais, se consolidava na cidade, e, em meio ao “milagre econômico”, os bancos passaram a competir por correntistas, ou seja, pelo dinheiro de seus clientes, oferecendo segurança e garantia de um futuro tranquilo. As crianças podem ter passado a atuar nesse processo como possíveis “incentivadoras” dessa capitalização financeira, aprendendo a poupar e possivelmente, fazendo ecoar uma ideia de economia (ACORDI; FREIRE, 2010).

Nessa primeira fase de *O Estadinho*, nas capas, nos quadrinhos ou mesmo na seção Divertimentos, o material elaborado pelo cartunista Maurício de Sousa representou uma ideia de lazer associada à escolarização (SOUSA, 2017). Mas a ideia de consumo, que passava pelo conhecimento do produto destinado ao lazer e à leitura, sem se esquecer de outros materiais da Turma da Mônica, propagandeados no suplemento, também estiveram presentes, reforçando a representação de uma infância escolarizada e consumidora. Pelo viés do lazer, da escola ou do consumo, pode-se inferir, com base no depoimento de Valente (2013), que a compra do material para enxertar as páginas de *O Estadinho* deu certa visibilidade ao próprio suplemento, uma vez que a Turma da Mônica e seus personagens já circulavam nas bancas de revista.

O material de Maurício vai se despedindo do suplemento à medida que novas ideias e que um editorial mais especializado passou a ocupar *O Estadinho*. Essa despedida não sela um fim, ela rompe com certa hegemonia, sem excluir a permanência da Turma da Mônica no suplemento. A diminuição no espaço ocupado por Maurício de Sousa pouco a pouco foi se destinando aos leitores, convidados a participar do suplemento por meio de concursos e atividades que envolviam alguma familiaridade com o lápis. E na segunda fase de *O Estadinho* até mesmo os divertimentos passaram a ser elaborados por crianças que liam o suplemento.

Se na segunda fase do suplemento o destaque são as colaborações de seus leitores, que passaram a ocupar quase 30% das páginas do impresso em algumas edições, essa mudança de alguma maneira pode ser atribuída à formação de um público leitor já na primeira fase de *O Estadinho* como também aos espaços que durante os

anos de 1972 e 1983 foram se abrindo para a participação infantil. Como veremos no próximo subcapítulo.

### 3.2 COLUNINHA SOCIAL, UMA VITRINE PARA POUCOS

Uma das seções que se manteve no suplemento, independentemente de sua equipe editorial, foi a “coluna social” mirim. Uma espécie de vitrine, onde eram publicadas fotos de crianças das mais variadas idades, nas mais diferentes situações, mas que remetiam ao exibicionismo das colunas sociais presentes em jornais e revistas.

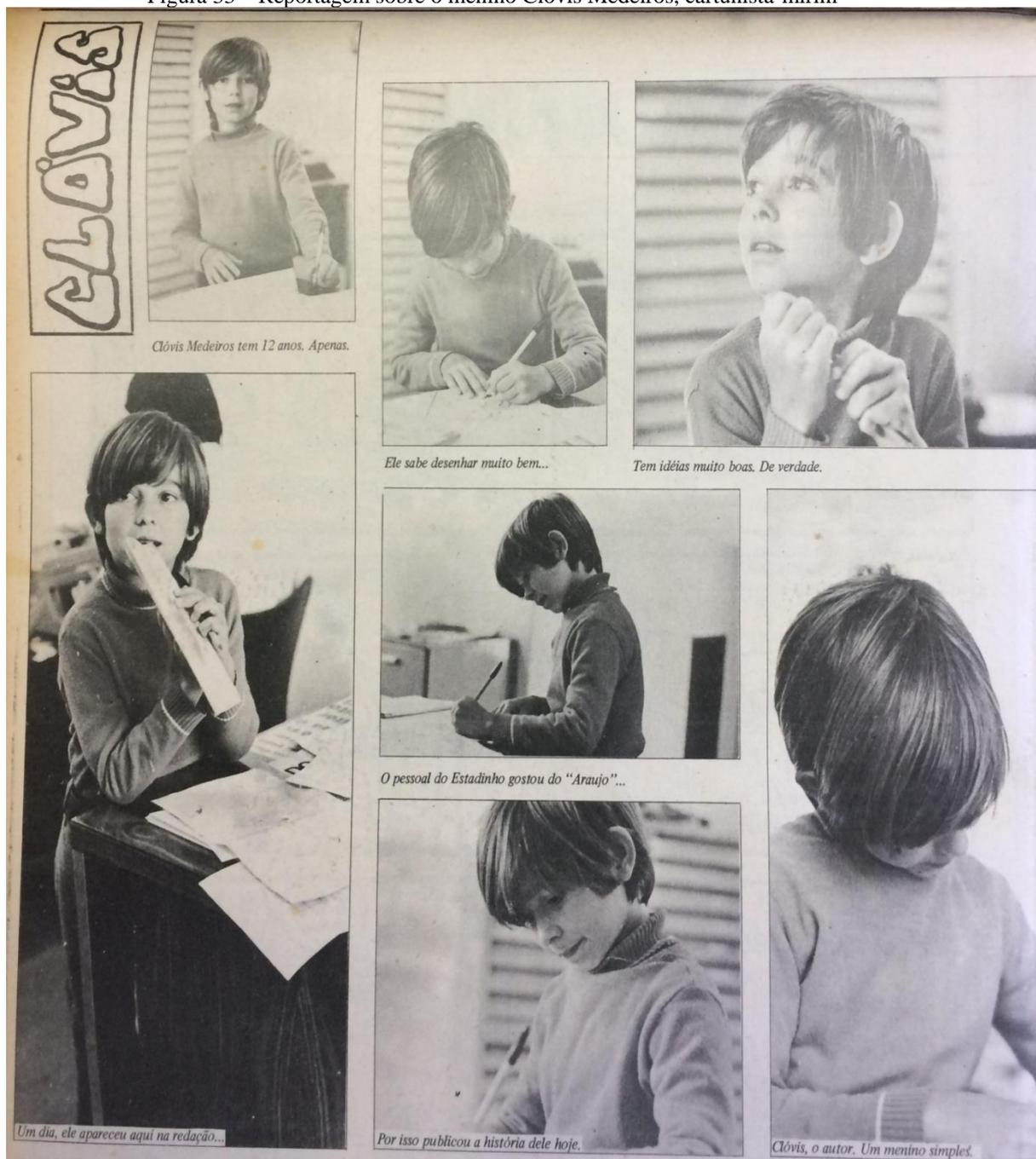
Foi provavelmente – já que não foi possível obter a coleção completa de *O Estadinho* – no ano de 1983 que fotos de crianças, remetendo em alguma medida à coluna social, foram publicadas no suplemento.

Antes disso, no ano de 1972, crianças estamparam a capa e rechearam algumas matérias de *O Estadinho*, mas não em uma perspectiva que lembrasse as colunas sociais.

A primeira foto de criança publicada em *O Estadinho* foi de Simone Marcal Alves, uma menina frequentadora da Escolinha de Arte, que estampou o jornal *O Estado* e *O Estadinho*. No suplemento, Simone ganhou destaque por ter participado de um concurso de desenho no Japão e fora premiada. *O Estadinho*, por se tratar de um impresso para crianças, tratou de na capa estampar o rosto da menina, que também esteve nas páginas internas em matéria ocupando duas páginas, num *composet* de dez fotos, supostamente tiradas por um fotógrafo profissional. Simone também teve seu desenho publicado junto a um pequeno texto que contava sobre o concurso.

Assim como Simone, outras crianças apareceram na capa e nas páginas internas do suplemento, porém esporadicamente e relacionadas a uma reportagem de jornal ou a algum fato de notoriedade, como o menino Clóvis de Medeiros, fotografado supostamente na redação de *O Estado*, em processo de criação de suas histórias em quadrinhos, que, por sete edições, ganharam as páginas do suplemento.

Figura 33 – Reportagem sobre o menino Clóvis Medeiros, cartunista-mirim

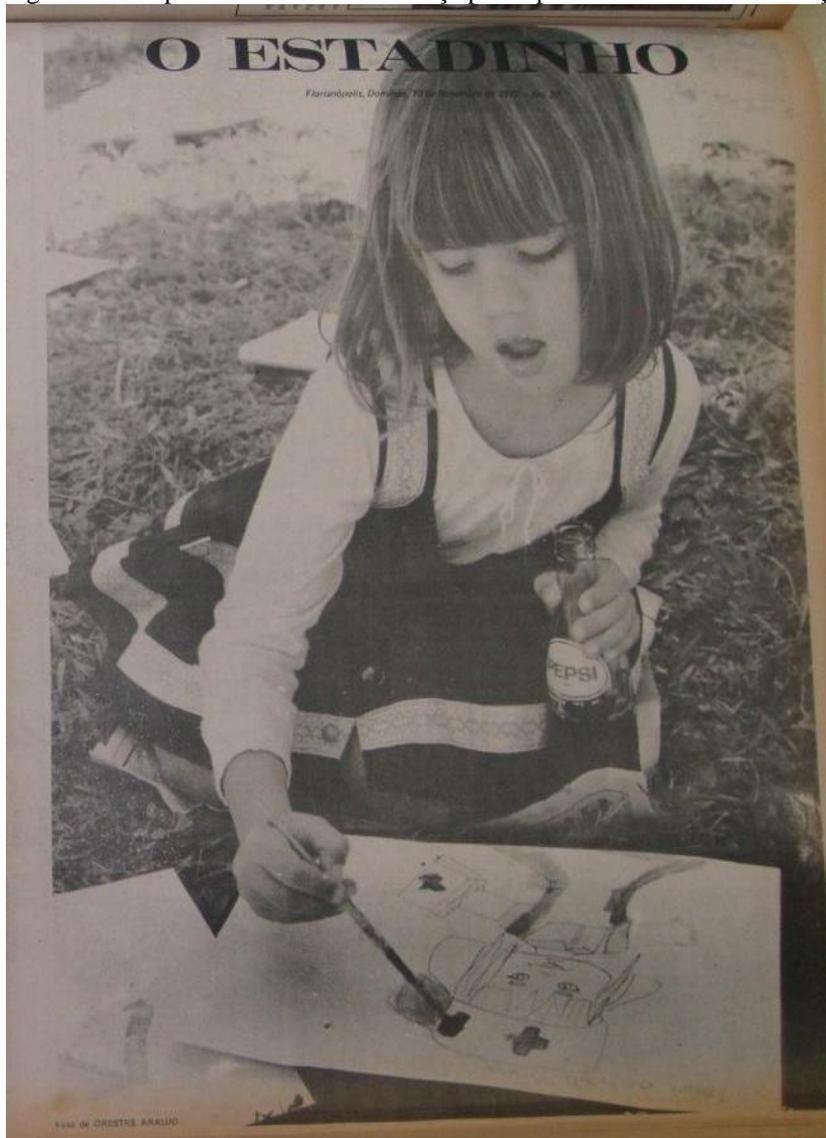


Fonte: O Estadinho (20/8/1972, p. 6) – Acervo da autora

No ano de 1972, as crianças mostradas, ou ganharam as páginas por algum feito, como Simone, Clóvis, Manoel Jorge de Matos, Manoel da Silva e Murilo Cassol (que participaram de matérias em *O Estadinho*) ou foram fotografadas por profissionais, cujas imagens compunham reportagens do suplemento. A capa de 19 de novembro de 1972 mostrou uma menina bem vestida, sentada à grama, desenhando com tinta guache e supostamente bebendo um refrigerante, cuja *hexis* corporal (BOURDIEU, 1998) indicava, por seu semblante tranquilo, sua graciosidade e sua postura, ser ela

supostamente pertencente a estratos sociais mais elevados, foi uma foto bem representativa das colunas sociais. Entretanto, tal foto fora produzida pelo fotógrafo Orestes de Araújo<sup>66</sup>, na ocasião de um evento bancado pelo suplemento em 13 de agosto daquele ano. A imagem da menina já havia sido veiculada no jornal *O Estado*, em matéria exaltando o sucesso do Festival da Criança, e ganhou a capa de *O Estadinho* em novembro. E, embora faltem elementos para supor os motivos dessa escolha, tal fato já ensejava uma mudança nas capas do suplemento, que passariam em poucos meses a deixar a arte elaborada por Maurício de Sousa para apresentarem rostos infantis.

Figura 34 – Capa com foto de uma criança participante do Festival da Criança



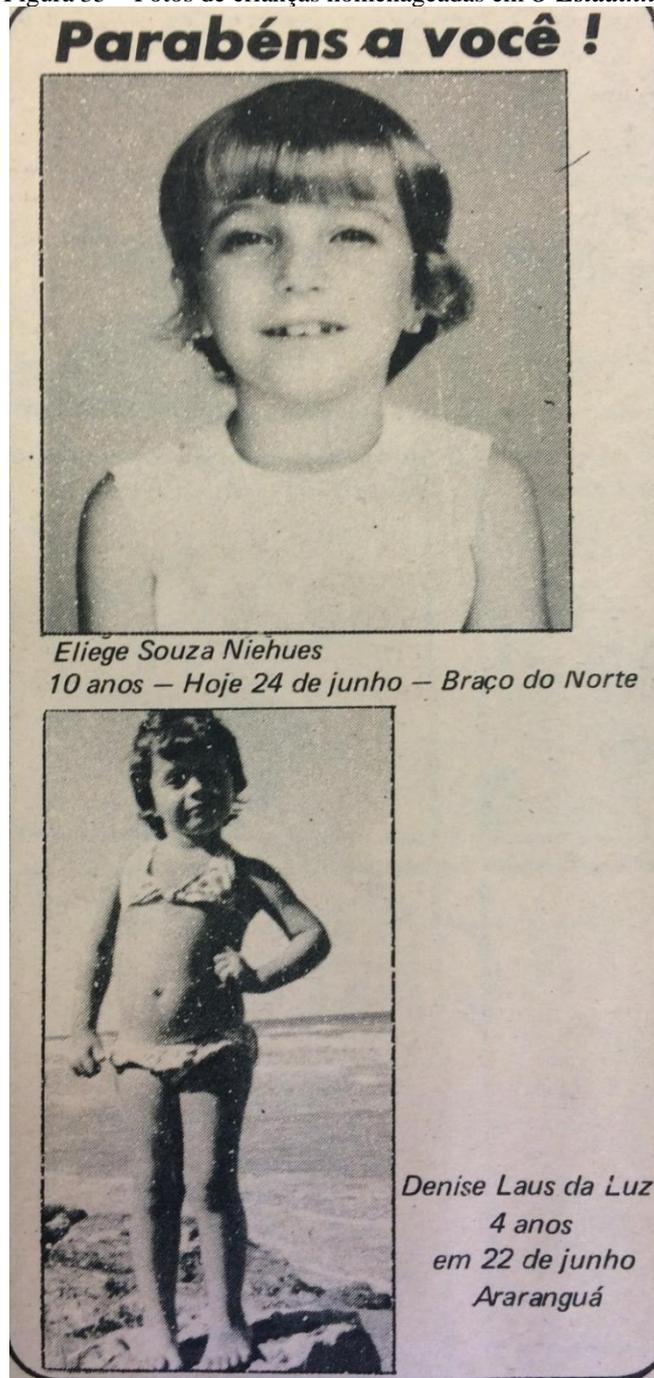
Fonte: O Estadinho (19/11/1972, p. 1) – Acervo da autora

---

<sup>66</sup> Natural de Garopaba, Orestes de Araújo foi fotógrafo do jornal *O Estado* contratado em 1967. Em 1972 coordenou a equipe recém-criada do fotojornalista. Paulo Dutra e Gasto Guglielmi que assinaram fotos de *O Estadinho* também integravam a equipe comandada por Orestes.

No ano seguinte, a única edição que se conseguiu acessar sinalizou indícios do que logo passaria a representar uma coluna social infantil. Na página 2, a foto de duas crianças, com os nomes completos, as datas de nascimento e as cidades às quais pertenciam, permite não apenas apresentar a criança para o Estado, como ativar o imaginário dos leitores em relação àquilo que a foto promoveria: os gostos, as opiniões e os padrões de consumo (BASSANEZI, 2006), representados pela foto.

Figura 35 – Fotos de crianças homenageadas em *O Estadinho*



Fonte: O Estadinho (24/6/1973, p. 2) – Acervo da autora

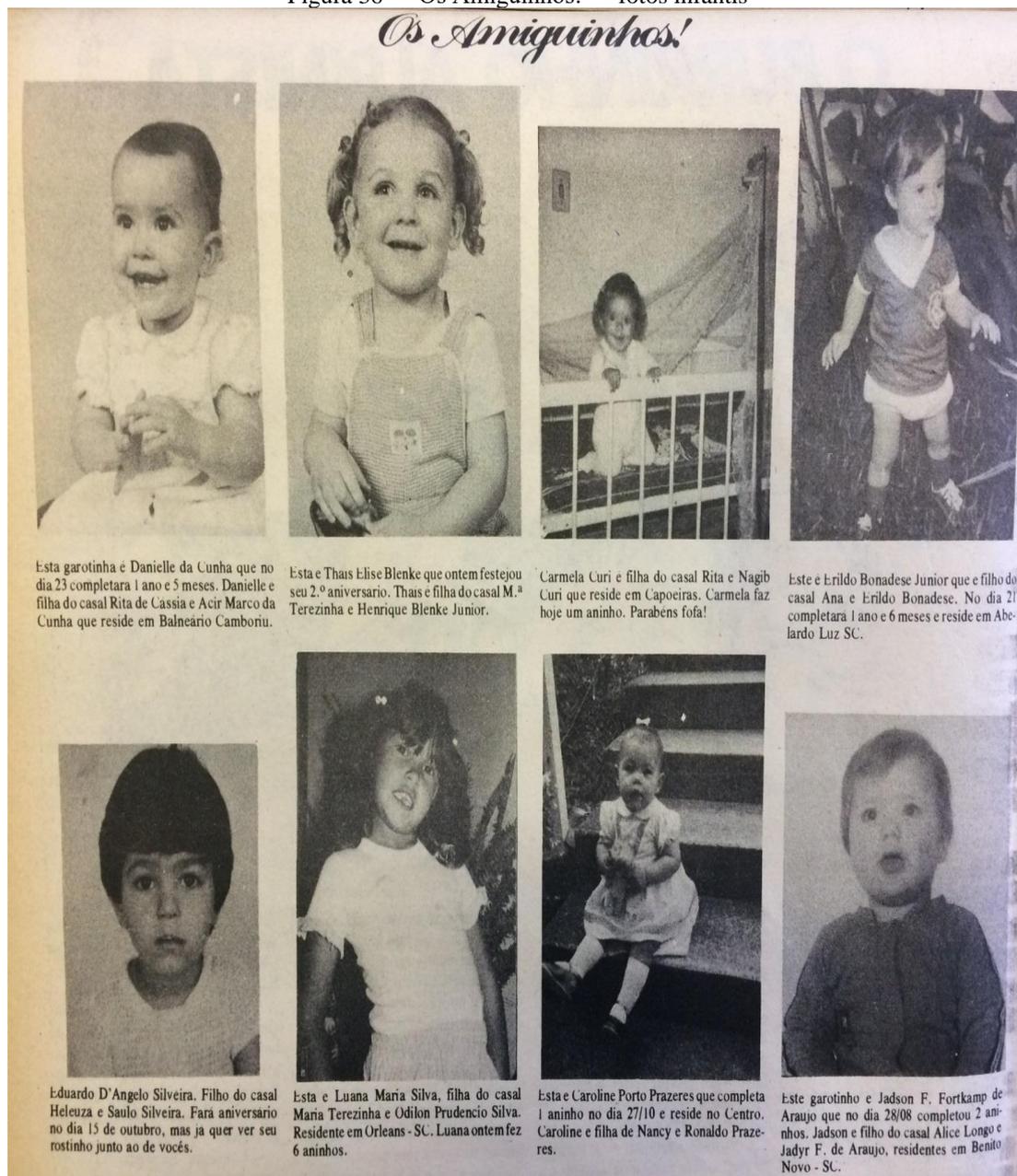
Das 33 edições que compõem essa pesquisa, de 1974 (primeira edição encontrada que mencionava homenagem por meio de foto a uma criança) a 1983, 32 fizeram veicular nas capas fotos de crianças, que o suplemento tratava como “homenageadas”. Com os dizeres “O Estadinho quer homenagear você”, o envio de fotos à redação do jornal foi incentivado, essas fotos deveriam conter o nome completo da criança, seu endereço e data de nascimento. Isso, nas palavras de Valente (2013), foi uma estratégia para agradar aos pais.

Mas o grande sucesso d'O Estadinho durante muito tempo é que ele era um, virou um jornal durante uma certa época, um jornal para os pais porque ele publicava a foto das crianças pequenas na capa. A criança pequena não queria saber... Lá dentro tinha umas historinhas, às vezes as historinhas do Maurício, como aquele dinossaurinho pequeno e tal, eram mais para adolescentes e pré-adolescentes do que para crianças, assim propriamente dito. Mas tinha a criança na capa, tinha foto de criança dentro, então os pais adoravam e era uma fila enorme pra se publicar. Quando a gente falava não, vamos parar de publicar crianças na capa, vamos publicar alguma coisa interessante na capa... Ahh mas não dá, porque os pais, não sei quê e tal. (VALENTE, 2013).

Marisa Naspolini (2013, p. 1), também em entrevista, relata a quem se destinavam as fotos de crianças publicadas no suplemento, “Uma coisa que irritava muito esse grupo era essa predominância das fotos, sempre essa coluna social de criança, uma coisa muito de pai querendo mostrar os filhos”.

Essa seção, que teve vários nomes: Os Amiguinhos, A Turma do Estadinho, Coluninha Social e Olha o passarinho, destinava-se aos adultos, uma vez que muitas fotos publicadas eram de crianças bem pequenas, bebês inclusive. As fotos quase sempre traziam o nome da criança, a idade e o nome dos pais, um fator de distinção (BOURDIEU, 1983) bem valorizado na época.

Figura 36 – “Os Amiguinhos!” – fotos infantis



Fonte: O Estadinho (3/10/1982, p. 6) – Acervo da autora

Essa seção fornece indícios de que os leitores de *O Estadinho* não foram somente crianças, havia um interesse de pais e familiares em ver publicada a foto de seus filhos. O jornal recebia via correio cartas com fotos de crianças e as publicava na parte interna do jornal ou na capa. Na solicitação feita para a “arrecadação” de fotos, nada indicava que os familiares seriam comunicados, caso a foto fosse publicada, o que em certa medida, acabava por incentivar a compra do jornal dominical, pelo menos por algumas semanas, na esperança de ver impresso no suplemento à foto de uma criança ou bebê da família.

Além das fotos publicadas nas páginas internas do suplemento, as capas também se constituíram em espaços privilegiados, em que as crianças tiveram seus rostos estampados, porém, em alguns casos, suspeita-se que ocorreu por causa da rede de sociabilidade. Por meio dessa rede, possivelmente foram privilegiados os filhos de amigos e de parentes de pessoas que tinham relações pessoais com funcionários do jornal. As fotos publicadas em 1º de dezembro 1974 e em 3 de outubro de 1982 são indícios de tal prática, que era também permeada pela rede de sociabilidade. A primeira foto, por ter sido registrada por um profissional vinculado ao jornal *O Estado* e a segunda por se tratar do sobrinho de um jornalista de *O Estado*, Rodrigo Mayer Prisco Paraíso, sobrinho de Cláudio Prisco Paraíso, funcionário do jornal desde 1980.

Figura 37 – Foto publicada na capa e contracapa



Fonte: O Estadinho (1º/12/1974, p. 2) – Acervo da autora

Figura 38 – Fotos publicadas na capa e contracapa

**Nossa Capa**

## O ESTADINHO QUER HOMENAGEAR VOCÊ

Mande sua fotografia com o nome completo, endereço e data de nascimento, com uma semana de antecedência.

**O ESTADINHO**  
Suplemento Infantil de O ESTADO  
Rodovia SC 401 — Saco Grande  
Florianópolis, CEP 88.000. Cx Postal 139.  
Redatora: Rita de Cássia Costa.

Nome: .....

Data Nas: .....

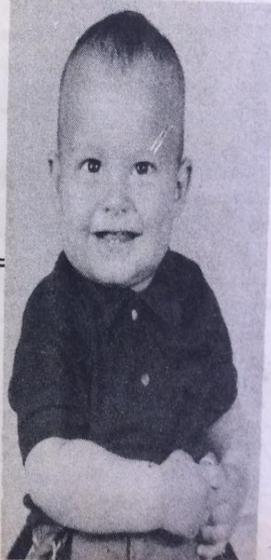
Pai: .....

Mãe: .....

Endereço: .....



Gabriela Bicudo Arzua Bond completa na próxima terça-feira (dia 5) seu primeiro ano de vida. É filha do casal Luiz Fernando Márcia Bicudo Bond.



Este é Rodrigo Meyer Prisco Paraíso que no dia 07 completará 1 aninho. Rodrigo é filho do casal Sandra e Paulo Prisco Paraíso, que reside à Rua Rita Lourenço da Silveira, na Lagoa da Conceição.

Fonte: O Estadinho (3/10/1982, p.2) – Acervo da autora

Diferente das fotos que compunham o interior do jornal, as da capa se apresentavam com certo destaque. Muitas fotos mostravam a criança em *close*, em cenário neutro, sugerindo um ritual, que se disseminava, atuando nas sensibilidades, projetando naqueles pais e mães a ideia das fotos de estúdio, das fotos produzidas para ocasiões especiais, e a aparição em jornal de circulação estadual pedia esse protocolo.

Dessa forma, é possível compreender que fazer fotos com um profissional, tiradas em uma sala específica (estúdio), com data, hora marcada, seja por convite ou mediante pagamento, tinha um sabor especial, envolvia atos e ritos, atuando “[...] no mundo do imaginário, da cultura e seu conjunto de significações construído.” (PESAVENTO, 2008, p. 58).

Como já mencionado antes, as capas, com certa frequência, divulgavam além do nome da criança, a data de nascimento, o local de residência e o nome dos pais. Tais informações presentes nas capas se distinguiam das fotos que ocupavam o interior do suplemento, nas quais junto ao nome, alternavam-se dados de nascimento e cidade onde residia. Entretanto, em algumas fotos publicadas no interior das páginas, circularam informações que atestavam ainda mais para a disseminação de uma infância ligada aos estratos sociais mais elevados. Informações que fazem muito mais sentido aos adultos do que as crianças. O texto e as fotos veiculados no suplemento de 2 de novembro de 1980 anunciavam um evento social, realizado pela União de Mães de Palma Sola, com

participação da primeira dama do município. O objetivo era eleger a “boneca viva de Palma Sola”, um concurso de beleza para os *socialites* do município que teve destaque no suplemento infantil.

Figura 39 – Concorrentes ao título “boneca viva de Palma Sola”, evento social da cidade<sup>67</sup>



Fonte: O Estadinho (2/11/1980) – Acervo da autora

<sup>67</sup> Texto da matéria: Numa promoção inédita do município, a União de Mães de Palma Sola, Unimaps – órgão integrante do Conselho Comunitário, sob a presidência da primeira dama do município, sra. Lélia Creatani, realizou no último dia 11, no Esporte Clube Fronteira, o Baile de Coroação da Boneca Viva, cuja renda reverteu metade para a construção da Igreja Matriz e metade para o Natal da criança pobre. A Boneca Viva de palma Sola é Juliana Vicente Cabral, que tem como princesas Cyara Abad e Grasiléia Seger. As damas de companhia são: Luciana Formigiari, Carla Freitas, Denise Pelisser, Eliane de Souza, Salette Biasussi e Márcia Trevisan. A promoção teve o patrocínio da Prefeitura, Palma Sola – Madeira e Colonização, Konrad e Ossani, Serraria e Beneficiamento de Madeiras, Bamerindus, Mecânica Afro – Palma, Skool e Confecções Casual. (O ESTADINHO, 2/11/1980, p. 4).

Nas capas além de constar nome dos pais e alguma informação extra, como saudações do suplemento ou detalhes da rotina da criança, outro fator que a diferenciava das fotos internas referia-se ao número de crianças que poderiam ocupar a sua primeira página. No espaço privilegiado da capa publicava-se no máximo foto de quatro crianças, já no interior do suplemento, esse número costumava dobrar, chegando a serem publicadas, na edição 21 de outubro de 1975, até 24 fotos de crianças.

Figura 40 – Menina Andrea, destaque na capa



Fonte: O Estadinho (28/3/1982, p. 1) – Acervo da autora

Na foto da menina Andrea Kowalsky, além da filiação e da data de nascimento, o texto mencionava outras informações, que nem sempre aparecem nas fotos. “Andrea completou 4 anos no último dia 14 e já ingressou no jardim de infância do Colégio Imaculada Conceição, onde ensaia os primeiros passes de balé”.

Aparecer no jornal, em pose alegre, usar joias, frequentar escola particular e aulas de balé exibiam certo modelo de infância, de criança, cuja representação alcançava as camadas médias e altas da sociedade. E o suplemento destinava as capas para fazer circular esse modelo de infância, que também, em certa medida, promovia uma imagem onde o belo, o meigo e o consumo estavam presentes, representando “[...] uma maneira própria de estar no mundo, [de] significar simbolicamente um estatuto e uma posição [...]” (CHARTIER, 1990, p. 23).

Figura 41 – Na capa, Andrea Kowalski, homenagem a seu aniversário



Fonte: O Estadinho (15/3/1981, p. 1) – Acervo da autora

Quando completou três anos, Andrea também ganhou espaço na capa do suplemento, mostrando a relação existente entre adultos e suplemento, já que enviar fotos e exibir uma “agenda” infantil atendia muito mais a um desejo dos pais do que da criança.

Frequentar as páginas dos suplementos e das revistas infantis não virou “moda” só no impresso catarinense. Seu contemporâneo, a *Folhinha de São Paulo* também deu a conhecer seus “leitores”, em fotos acompanhadas de pequenas explicações sobre o fotografado e a situação em que ocorrera o clique. Mas diferente de *O Estadinho*, as fotos dessa natureza não foram tão frequentes, sendo mais rotineiras nos primeiros anos do suplemento e, normalmente, apresentando duas ou três crianças na coluna “A Criança é notícia”, que ocupava a segunda página do infantil. Além da foto, os textos davam indícios de que o modelo ocupara certo lugar de “destaque” na sociedade, atestando que, para ser notícia era necessário ter o que dizer, ser alguém, ou algo que pudesse ressoar socialmente. Tratava-se de crianças que, de alguma forma, apresentavam certas similitudes em sua maneira de viver e de estar na sociedade, ou seja, “[...] un *habitus* común que determina las prácticas culturales y configura las características comunes de todo um estilo de vida.” (LYONS, 2012, p. 24). Famílias que aportavam um capital social e cultural (BOURDIEU, 1998), como mostra o texto que acompanhava a foto da menina sorridente, dando ênfase a sua família abastada.

Flavia Maria de Aguiar Correia, “diplomada” no jardim da infância do Clube Atlético Paulistano, inicia, no próximo ano, o seu primário. Enquanto espera, passa suas férias em ITAPIRA onde ela tem raízes fundas pois seus avós maternos Dr. Cunha e Dna. Celita descendem dos Cunha e dos Vieira fundadores daquela cidade – “esbaldando-se” na piscina do Clube Santa Fé. Ela também tem seu bicho predileto: girafas em quantidade! (FOLHINHA DE SÃO PAULO, 22/12/1963, p. 2).

Figura 42 – Foto da menina Flavia em destaque no suplemento infantil paulistano



Fonte: Folhinha de São Paulo (22/12/1963, p.2) – Acervo on-line da *Folha de São Paulo*.

Na década de 1980, as crianças que apareciam no impresso figuravam como ilustração de alguma matéria ou apareciam por algum feito especial, como uma entrevista na escola ou recebimento de uma premiação. Ainda assim, de outro modo, evidenciavam uma fase da vida, que, como *O Estadinho*, privilegiava a beleza, a ingenuidade, os padrões de consumo e a escolarização.

A prática realizada por *O Estadinho*, a *Folhinha* e outros suplementos deu-se também em um dos impressos considerado a “[...] primeira revista brasileira de histórias em quadrinhos [...]” (VERGUEIRO; SANTOS, 2008) a Revista *Tico-Tico*. Esse periódico não se furtou em estampar rostos de crianças em um momento em que a fotografia era artigo de luxo, um “atestado social<sup>68</sup>” (CUNHA, 2011b, p. 19),

<sup>68</sup> A fotografia ganhava ainda mais valor quando guardada em um artefato específico para ela: o álbum de fotografia. Por guardar fotos, geralmente tiradas com muito cuidado, onde cada detalhe merecia atenção (roupas, posturas, ambiente), o álbum “era considerado um símbolo de *status*, uma distinção social, exibido com destaque na mesa de centro da sala de visitas, ou sobre algum console ou aparador.” (CUNHA, 2011b, p. 18)

evidenciando em suas páginas uma infância ainda mais distinta, considerando o próprio valor da fotografia na década de 1920.

Figura 43 – “Os Nossos Pequenos Leitores” – fotos infantis



Fonte: *Revista Tico-Tico* (29/4/1925, p. 11) – Acervo on-line da *Revista Tico-Tico*

Esse expediente de divulgação era até corriqueiro em suplementos infantis das décadas de 1960, 1970 e 1980, como se pode atestar em *A Gazetinha*<sup>69</sup> que desde sua primeira publicação, em 11 de outubro de 1964, trazia em sua capa fotos de crianças, entretanto, não raras vezes omitia o nome de quem aparecia como modelo. Assim também o fazia a revista infantil *Princesinha do Rio de Janeiro*, já na década de 1960. Nesse mesmo período, tal sensibilidade deu-se em impressos que circularam fora do Brasil, atestando também por meio de fotos que a criança passara a ocupar na sociedade um lugar cada vez mais marcado e de certa forma, mimetizando a vida adulta.

Sem mencionar os progenitores, mas anunciando as preferências do fotografado, *ZIPIZAPE*, na década de 1980, garantia na seção *Escreve a ZIPIZAPE* a publicação da foto de seus leitores, porém, um a cada edição. Sem tanta pompa e dividindo espaço da página com escritos de outros leitores, a revista corroborava, em certa medida, com a promoção por meio da foto e de seus dizeres de uma infância cuja imagem é elaborada, escolhida, pensada, não raras vezes, muito antes do clique.

Utilizando os recursos de uma máquina fotográfica, crianças foram clicadas, sob o “[...] desejo de um indivíduo que se viu motivado a congelar em imagem um aspecto dado do real, em determinado lugar e época” (KOSSOY, 2001, p. 36). Um desejo permeado por uma intencionalidade, ou intencionalidades, e que por meio do impresso infantil tornou-se amplamente visível. Uma infância produzida pelo *flash*, que pelos correios, em mão, ou mesmo a convite, ocupou o suplemento para agradar pais e familiares e fazer circular aquilo que possivelmente era desejo do adulto e uma motivação a mais para comprar o extenso jornal de domingo: a foto de uma criança querida. Um suplemento infantil que não deixara os olhos dos adultos.

### 3.3 “ESSA PÁGINA É SUA”, A PARTICIPAÇÃO INFANTIL NO IMPRESSO CATARINENSE

#### O Menino pobre

Era uma vez um menino muito pobre que tinha inveja dos outros que eram ricos. Num tal dia ele chegou na casa de um colega. Chegando lá ele disse que ia no banheiro, mas ele não foi no banheiro, foi no quarto do seu colega. Chegando no quarto ele abriu a gaveta da cômoda e tirou o relógio do seu colega.

Aí, ele voltou a brincar com seu colega. Depois das 5 horas ele foi pra casa dele, lá chegando ele foi falar com sua mamãe. A sua mamãe viu o relógio que não era dele, então a sua mãe disse: daonde tirou esse relógio, meu filho? Ele disse: mãe eu achei esse relógio, mãe.

<sup>69</sup> Suplemento semanal encartado aos sábados pelo jornal *A Gazeta* de Vitória

Então a sua mãe deu-lhe uma surra e disse: agora aprende a nunca mais fazer isso. E ele foi entregar o relógio. Paulo José Muller – 9 anos. (O ESTADINHO, 2/7/1972, p. 7)

Paulo José Muller teve sua história publicada em *O Estadinho*. O menino estava participando do *I Festival da Criança*, era aquela, provavelmente, a segunda vez<sup>70</sup> que o suplemento publicava em suas páginas produções artísticas de crianças, supostamente leitoras de *O Estadinho*. Foram publicadas naquele domingo seis historinhas e cinco desenhos de crianças com idade entre 4 e 13 anos, ocupando duas páginas do impresso. Pequenos textos e desenhos de crianças, que assim como Paulo, estavam dispostas a participar do *I Festival da Criança*, um evento que prometia premiar as melhores historinhas e os melhores desenhos enviados.

---

<sup>70</sup> O suplemento anterior ao de 2 de julho de 1972 não foi encontrado, entretanto, é possível que nele já estivessem publicadas as produções infantis enviadas à redação de *O Estado*. A suposição se faz com base na lista publicada no suplemento daquele domingo, que iniciara com o número 18, indícios de que o suplemento já recebera 17 produções, possivelmente publicadas no suplemento de 25 de junho de 1972.

Figura 44 – Historinhas e desenhos enviados para o Festival da Criança

# HISTORINHAS

**Estória do Cachorro**

O cachorrinho passeava na floresta e encontrou um gato e disse você vem comigo, está bem, disse o gato, eu vou ir. E depois encontraram um coelho e o cachorro disse venha conosco passear, disse o cachorro e disse o gato, vamos mesmo.

Sim, disse o coelho, vamos passear na floresta. E comer cenoura, e o gato disse e leite também e o cachorro disse e um delicioso osso.

Olhe uma chácara, ei vamos comer sim vamos. Olhe o meu osso, disse o cachorro, e meu leite disse o gato, e a minha cenoura disse o coelho. Já comi, disse o cachorro, eu também, disse o gato e minha cenoura já se foi disse o coelho. Au, vamos para casa, disse o cachorro. Está bem, disse o gato, vamos sim.

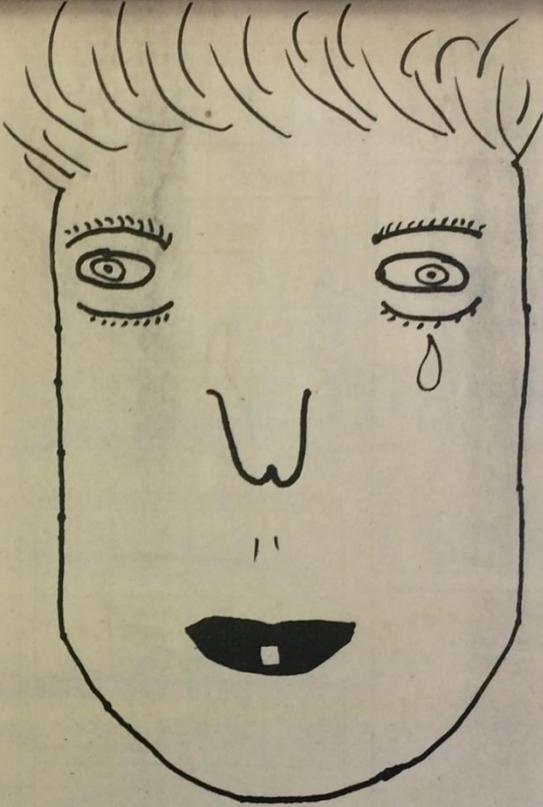
E eu vou também, disse o coelho já está tarde. Disse o gato té logo. O gato chegou em casa. Olá mãe, vou dormir. O que houve onde você foi, eu fui passear com meus amigos. Cheguei em casa, olá mãe cachorrinho, onde você foi, eu fui passear com meus amigos. Cheguei em casa da mãe coelhinho. Onde você foi, eu fui passear com meus amigos. (MARCIA PINTO PEREIRA – 7 anos).

**A Cartinha**

Que pena que o meu desenho não saiu no jornal. Eu queria que o meu vovô Mirico visse. Ele mora af em Florianópolis, na avenida Rio Branco 14. Será que ainda vai dar? (ROBERTA CORDEIRO PEREIRA – 7 anos – Criciúma).

**Patinho Só**

O patinho estava na água. Ele tinha uma casinha. O nome dele é patinho feio. Ele morava numa casinha sozinho. Só. (MAGDA CASSO – 6 anos).



**MARCELO PIAZZA**



Fonte: O Estadinho (2/7/1972, p. 6 e 7) – Acervo da autora

O primeiro evento fomentado pelo suplemento solicitou apoio das professoras e também mostrou interação com as famílias, uma vez que a festa para celebrar o festival realizou-se no dia dos pais. Com frequência, as participações dos leitores estiveram ancoradas nessa triangulação envolvendo família e escola, especialmente aquelas realizadas por meio de concursos, cuja maior habilidade dava-se pelo ato de escrever, um ensinamento em grande medida adquirido nos bancos escolares, uma vez que “O domínio da escrita implica em um conjunto de saberes e habilidades complexas: não só identificar as letras do alfabeto, mas desenhá-las com clareza, destreza, domínio da mão e dos instrumentos necessários.” (BASTOS, 2014, p. 45-46).

Tal fato reforça a ideia de um periódico pensado para crianças escolarizadas. Em alguns concursos promovidos pelo suplemento, tão importante quanto assinar o texto, era mencionar a escola que frequentava.

Figura 45 – Foto de capa chamada para concurso



Fonte: O Estadinho (28/5/1972) – Acervo da autora

Na segunda edição do suplemento, a capa já estampava, usando personagens do Maurício de Sousa, a chamada para o concurso, reforçando com os dizeres: “Enquanto isso, peça a sua professora para ir treinando”, de que a escola era um local autorizado para preparar o material a ser enviado. Nesse sentido, a escola é o lugar social (CERTEAU, 1982) que delibera acerca não só das escritas, como também de habilidades voltadas ao manuseio de materiais tradicionalmente escolares, como folhas, lápis, canetas, borrachas, ou seja, artefatos utilizados tanto para a escrita de historinhas como para a feitura de desenhos.

Promover concursos para publicar desenhos e pequenos textos de crianças tornou-se a estratégia utilizada por periódicos infantis, até mesmo em outros países como na Espanha, onde os periódicos popularizavam-se por conter: “[...] elementos de

humor, historieta, correo y colaboración infantil” (CHIVELET, 2009, p. 243). No primeiro ano de *O Estadinho*, foi por meio dos concursos que muitas crianças puderam ver suas expressões artísticas no impresso de jornal. Uma iniciativa que, de acordo com o periódico infantil espanhol *Primeras Noticias*, buscava nas crianças

[...] estimular su capacidad creativa con la oferta de participación en las páginas del periódico, y facilitarles el diálogo com los demás a través de publicaciones hechas por ellos mismos desde los centros escolares. (PRIMERAS NOTICIAS, 1981 *apud* CHIVELET, 2009 p. 284).

Estimular a criatividade e ressaltar as aprendizagens escolares foram os propósitos de dois dos três concursos promovidos pelo *O Estadinho* no ano de 1972: o *Concurso de desenho e pintura infantil*; e o *Concurso sobre a independência do Brasil*.

Anunciados seguidamente, os eventos tinham como objetivo dar vazão às manifestações das crianças, tendo como promessa a exposição de alguns trabalhos nas páginas do jornal infantil. Assim sendo: “O importante não é a técnica perfeita, português exato ou traços seguros. O importante está na quantidade de si que a criança põe na obra. Está no sentimento com que ela cria.” (O ESTADINHO, 2/7/72).

Esses concursos de desenho e pintura infantil e com o tema Independência do Brasil que permitem que se possa ver o modo como as crianças contavam suas histórias e como representavam seu universo infantil foram os mais frequentes na trajetória do suplemento. Alguns escritos remetiam a histórias de cunho moral, possivelmente contadas por alguém da família ou pelas professoras. E até mesmo o suplemento publicou em algumas edições narrativas desse gênero.

As narrativas escritas para o suplemento, com frequentes *aí* e *daí* e repetições de palavras, supõem que a presença do adulto, em âmbito familiar ou na escola, pouco tenha interferido, entretanto os textos se apresentavam com escrita correta e boa pontuação, indícios de que possivelmente tenha existido correção dos escritos – com relação à pontuação e à grafia – pela professora ou pelos pais da criança, ou mesmo a equipe que editava o jornal (SANTOS, 2014). Foi possível perceber também certa tendência para narrativas de cunho moral, envolvendo crianças e animais, o que nos leva a supor que as práticas de leitura das crianças envolviam, em parte, fábulas, que aliam o caráter moral a personagens como cachorros, gatos, ratos, pássaros, todos presentes nos textos produzidos pelos leitores. O texto produzido pela menina Mariuzza Digiacoimo de 8 anos, por exemplo, mostrava uma narrativa envolvendo animais, cuja mensagem é de que a amizade vence qualquer diferença.

#### Amigo dos Gatos

Uma vez, um cachorro chamado Lulu, resolveu sair de casa para conhecer o mundo afora, então ele fugiu e se perdeu.

Depois de andar muito, encontrou um gatinho chamado Mimi. Sabe de uma coisa? O cachorrinho Lulu não sabia que cachorro era inimigo de gatos e Mimi também. Assim tiveram uma conversa assim:

- Qual é o seu nome?

- Mimi. E o seu?

- Lulu. Sabe de uma coisa, eu estou perdido.

- Eu não. Eu tenho meu dono que mora aí.

- E eu também tenho dono, só que me perdi da casa dele.

- Deixa prá lá. Vamos brincar?

- Sim, vamos.

E foram brincar.

O dono do Lulu era irmão do dono do gatinho e na hora que o dono do Mimi foi pegá-lo para comer, sabes da surpresa? Vou lhes contar:

- Lulu, o cachorrinho do meu irmão?

E os dois fizeram um coro assim: miau, miau, miau, au, au, au, au, au.

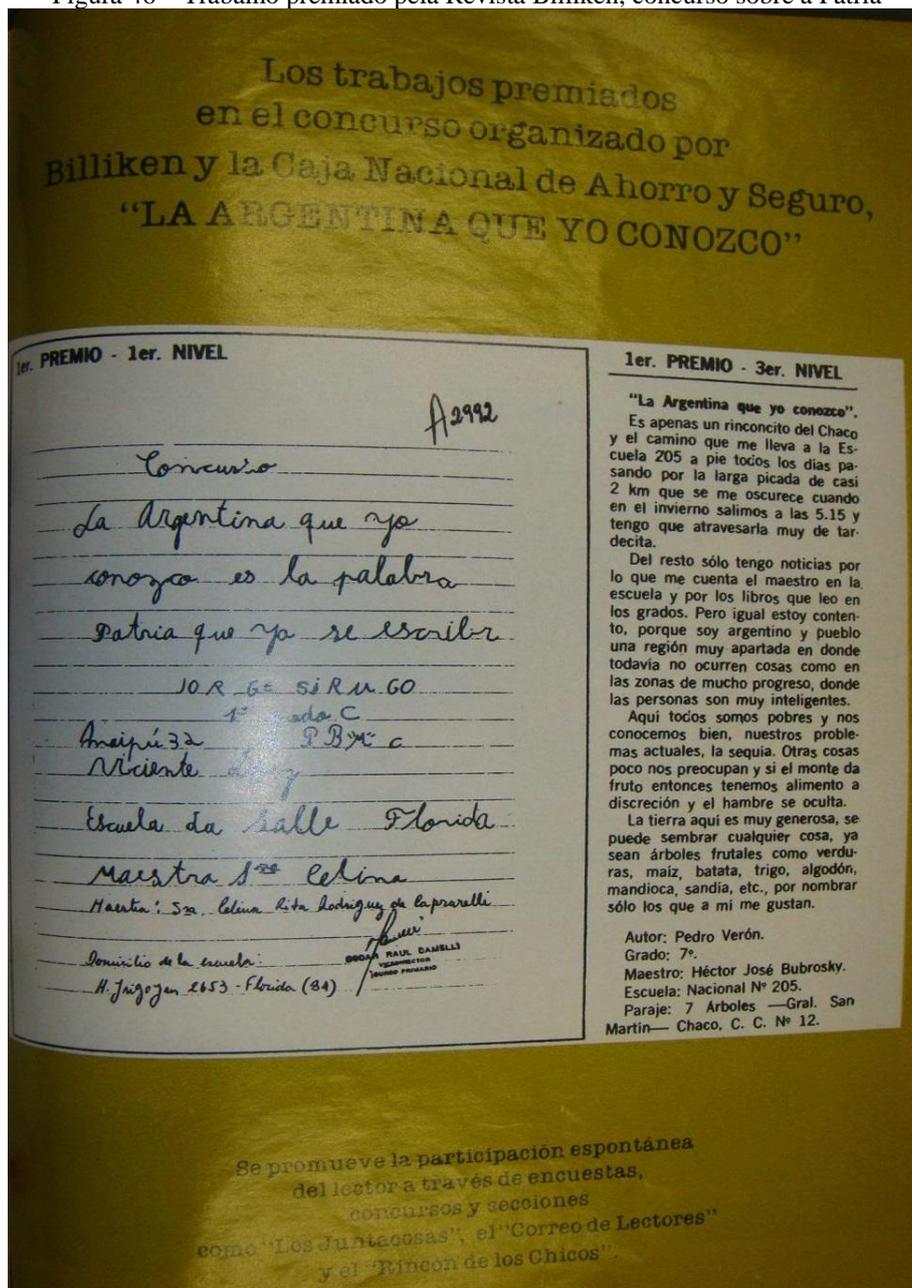
Assim que o dono viu o Lulu, deu comida para ele, deu um banho nele e pôs ele na cama e telefonou para seu irmão.

O irmão veio pegar o Lulu e foi para casa e Lulu ficou com apelido “Lulu amigo dos gatos”. (MARIUZZA DIGIACOMO – 8 anos). (O ESTADINHO, 13/8/1972, p. 4).

Entretanto, as escritas enviadas ao suplemento não são fábulas, nem tampouco peças infantis e sim produções que podem refratar elementos de leitura anteriores, mas já dotados de outros sentidos, pois: “[...] os leitores se apoderam dos livros (ou dos outros objetos impressos), dão-lhes um sentido, envolvem-nos com suas expectativas.” (CHARTIER; CAVALLO, 1998, p. 38).

As histórias sobre conteúdos escolares, como a Segunda Guerra Mundial também marcaram as narrativas infantis, dotadas de representações sobre como tais assuntos eram mobilizados pelas crianças. A revista infantil argentina *Billiken* (1979), também se utilizou de concursos para expor textos infantis e assim como *O Estadinho*, valorizou a escola como *locus* onde se dá o domínio da escrita e da criatividade.

Figura 46 – Trabalho premiado pela Revista Billiken, concurso sobre a Pátria



Fonte: Billiken (1979, p. 15) – Acervo da autora

Outro suplemento infantil brasileiro, a *Folhinha* de São Paulo, promoveu, assim como *O Estadinho* e *Billiken*, concursos para dar visibilidade à produção de seus leitores. Os concursos da *Folhinha* quase sempre envolviam premiação e publicação dos trabalhos infantis.

Escritos infantis relacionados a datas comemorativas também apareceram em *O Estadinho*, algumas vezes relacionados a concursos, como o concurso de redação em homenagem ao Sesquicentenário da Independência e outras vezes constando como "homenagem", sem caráter seletivo.

Nos concursos com o tema a Independência do Brasil, de 1972, o Jornaleiro, de 1974, e o Natal, também no mesmo ano, o suplemento anunciou como premiação: a assinatura do jornal *O Estado* (por um ano), para o concurso de 1972, e uma caderneta de poupança com depósito de Cr\$ 50,00<sup>71</sup> mais uma caixa de livros e um engradado de refrigerante da Pepsi para os ganhadores do concurso de 1974, além, é claro, da publicação dos textos e dos desenhos.

Os prêmios contrastavam com o colorido, a agilidade e a sonoridade dos brinquedos elétricos e movidos à pilha, que, na década de 1970, começaram a emergir e se popularizar. Brinquedos propagandeados nos encartes de lojas que chegavam a ocupar uma página inteira de jornal, inclusive no jornal *O Estado*, mas que não foram incorporados às premiações de *O Estadinho*, sinalizando para uma simplicidade da vida cotidiana, longe de brinquedos mais sofisticados.

Entretanto, ofertar refrigerante, algo que hoje parece fora de propósito, sobretudo em decorrência dos apelos para melhores hábitos alimentares, foi opção de premiação da *Folhinha* de São Paulo no concurso “Corujinhas/Folhina de 1977”. Tal fato permite que se pense na construção de hábitos e de como os impressos em certa medida evidenciam e promovem certos costumes. No período estudado, refrigerantes estavam ligados a hábitos de consumo da classe média e associados à infância.

Outros concursos fizeram parte do suplemento, pelo menos foram divulgados por ele. Entretanto não foi possível identificar nenhum trabalho escrito ou artístico que tenha sido publicado ou fotografado e ganhado as páginas de *O Estadinho*. Foram eles: o Concurso de Pandorgas e o Concurso Criança Sorriso.

O *Concurso de Pandorgas*, aberto aos jovens, adultos e crianças previa inscrição em três categorias distintas: infantil para crianças; juvenil para “marmanjos”; e adulto para “papais”, com premiações para maior pandorga, menor pandorga, a que mais tempo ficasse no ar e a mais original. Nas edições que fizeram parte da presente pesquisa, o concurso de pandorgas foi promovido apenas uma vez, no ano de 1972, porém, no ano de 1979, o jornal *O Estado* divulgou o evento – que possivelmente ganhou as páginas de *O Estadinho* – uma vez que o suplemento já havia divulgado e promovido o concurso, e seus colaboradores estavam diretamente vinculados ao *O Estado*.

---

<sup>71</sup> Atualizado para os dias de hoje (abril/2015) seria um valor em torno de R\$ 160,00.

Figura 47 – Festival da Pandorga, ano 1979

# FESTIVAL DA PANDORGA 79



Dias 03 e 04 de agosto de 1979 - Aterro da Baía Sul - Florianópolis  
 Co-Promoção: JORNAL O ESTADO, TV CATARINENSE - FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA E PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS.  
 Colaboração: COMANDO DO GRUPAMENTO DO LESTE CATARINENSE

Regulamento e  
 Inscrições: Local: Fundação Catarinense de Cultura - Rua Victor Konder 71  
 Data: de 30 de julho a 03 de agosto de 1979; Horário: das 9,00 às 12 horas e das 14 às 17 horas.  
 Categorias: Infantil até 14 anos de idade - ambos os sexos  
 Adulto - maiores de 14 anos - ambos os sexos.

Modalidades: PERMANÊNCIA  
 CORTE INFANTIL  
 CORTE DE PIPA  
 CORTE DE BARRELOTE  
 A MAIS BELA PANDORGA  
 A MAIS ORIGINAL PANDORGA  
 A MAIOR E A MENOR PANDORGA  
 A MAIS BELA PANDORGA BANDEIRA

**PATROCÍNIO:**

**Bruço clube**



**BESC S.A.**  
 Crédito Imobiliário

CADERNETA DE POUPANÇA BESC

Fonte: Jornal O Estado (1979) – Acervo da autora

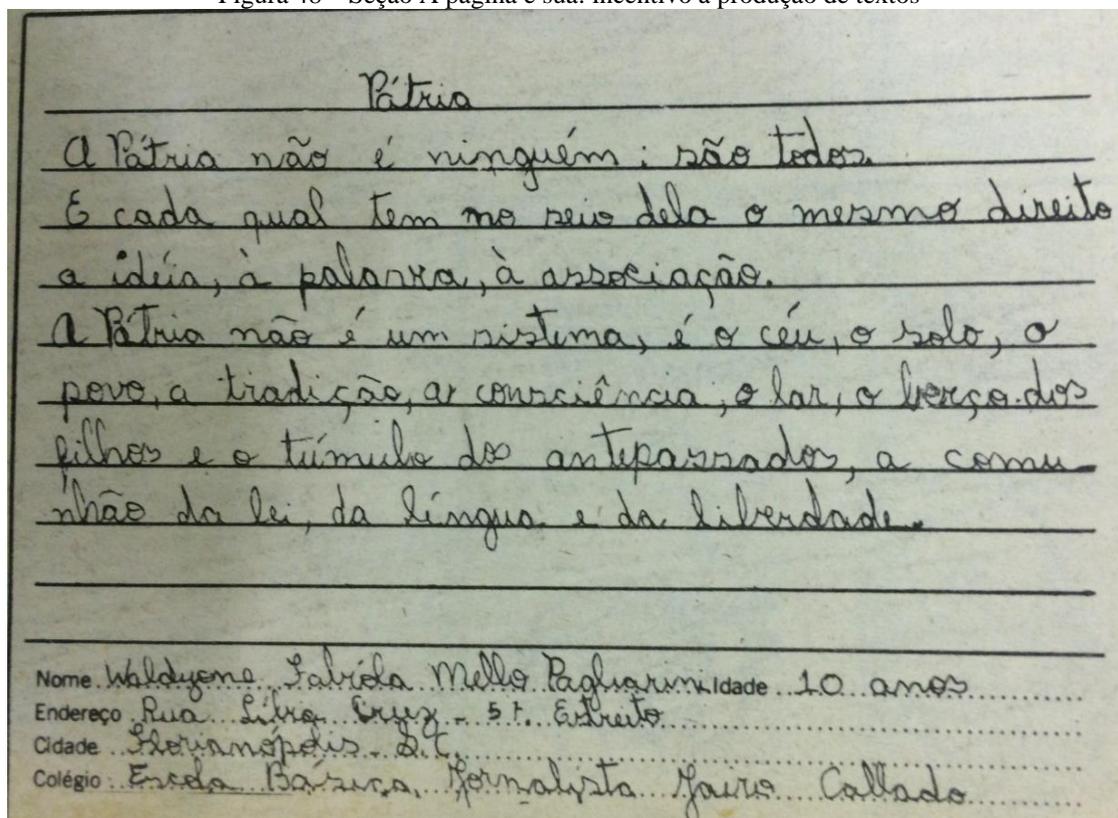
Nos anos de 1979 e 1980, o *Concurso Criança Sorriso*, promovido em parceria com a TV Catarinense, o curso de graduação em Odontologia da UFSC, a Associação Brasileira de Odontologia e as Secretarias da Educação e Saúde do Estado ganhou as páginas do suplemento. Embora não seja possível confirmar se houve premiação, é certo

dizer que, ao menos, os finalistas do concurso tiveram suas fotos sorridentes estampadas no suplemento.

Os concursos não foram a única forma que as crianças tiveram de ter suas produções artísticas publicadas. O suplemento promoveu seções em que as crianças poderiam colaborar e ter suas colaborações publicadas. Mas, independente de ter ou não sua história ou desenho nas páginas do suplemento, as crianças poderiam usá-lo, interagir com ele, sem obrigatoriamente buscar a publicação. Assim, nessa primeira fase, algumas tentativas de provocar uma interação com seus leitores, além da leitura, foram incentivadas por meio de determinadas colunas.

A seção A página é sua apareceu nos anos de 1980 e, por meio dela, o suplemento incentivava as crianças a escreverem sobre determinados temas (relacionados às datas comemorativas) e enviarem à redação para possível publicação. Não foi possível identificar se havia ou não premiação, mas, unicamente, confirmar que houve a publicação de uma redação solicitada pela seção. Na seção havia linhas para a escrita e um indicativo de recorte para que, terminada a redação, a criança ou um adulto pudesse destacá-la e enviá-la ao jornal.

Figura 48 – Seção A página é sua: incentivo à produção de textos



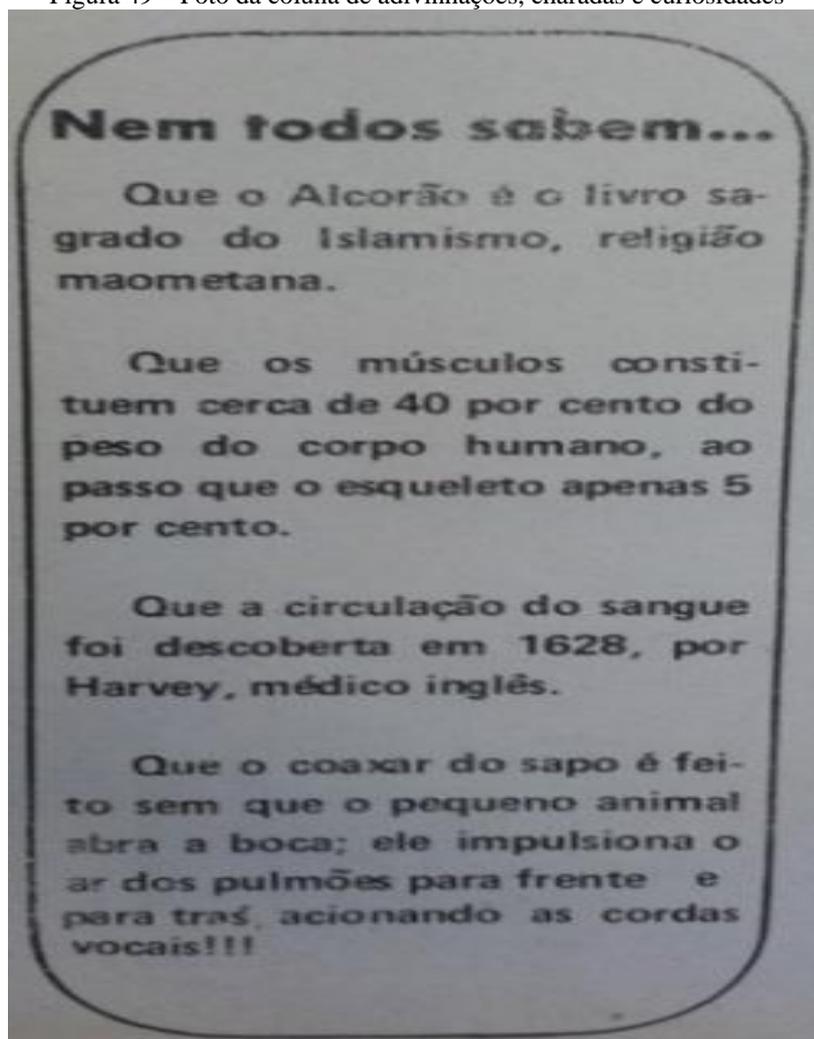
Fonte: O Estadinho (14/9/1980) – Acervo da autora

Abaixo das linhas, o espaço exigia como requisitos a inserção dos dados da criança, como nome, idade, endereço, cidade e escola. Por outro lado, esse tipo de concurso mostra, também, uma relação entre o suplemento e a vida escolar.

De 1981 a 1983 não foram publicadas – nas 16 edições que contemplam o acervo da presente pesquisa – nenhum tipo de concurso, entretanto, desenhos e historinhas dos leitores do jornal infantil continuaram a aparecer. No ano de 1982, três seções apareceram com frequência e, embora não fosse destinada à criação de histórias ou desenhos, estimulavam o leitor a uma interação simbólica com as crianças.

Adivinhações, charadas e curiosidades, apesar de terem aparecido com assiduidade no ano de 1982, também estiveram presentes nas edições de 1974 e 1975, como a coluna *Nem todos sabem*, que, por meio de um pequeno texto, abordava curiosidades, coisas que as crianças gostavam de perguntar e de saber, mas que os adultos nem sempre conseguiam explicar.

Figura 49 – Foto da coluna de adivinhações, charadas e curiosidades



Fonte: O Estadinho (2/2/1975) – Acervo da autora

Em 1982, igualmente com textos curtos, do tipo pergunta e resposta, utilizando o impresso para “matar” a curiosidade, três seções, a saber, *Por quê? O que é?* e *Será que você sabe?* promoviam a interação entre o suplemento e seus leitores mirins. As duas primeiras, de forma mais lúdica, engraçada, e a terceira, mais voltada aos conteúdos escolares.

Retornando aos desenhos e às historinhas criadas pelos leitores de *O Estadinho*, percebe-se que estes foram constantes no suplemento, seguindo a tendência de outros do gênero. O jornal infantil, nesse aspecto, parece ter desenvolvido estratégias para construir com seu leitor uma espécie de parceria na escrita do suplemento. As crianças que liam o jornal, à medida que encontravam suas historinhas e seus desenhos, sentiam-se também parte dele, aumentando a relação entre leitor e impresso. Não é à toa que quase todos os grandes periódicos diários brasileiros têm uma seção destinada ao leitor. A *Folha de São Paulo* e também a *Folhinha* usavam esse tipo de seção como um canal de comunicação entre leitores e editores. Assim fazia o jornal *O Estado* que destinava o espaço de quase meia página para publicar cartas e solicitações de seus leitores, *O Estadinho* também trazia opiniões de seus leitores, entretanto, isso só foi ocorrer a partir de 1984, como se pode ver a seguir.

Figura 50 – Foto da seção *O Leitor*

## Opinião do Leitor

### Avalista

Prezado Senhor,  
Quem dá o seu aval a uma operação financeira, sabe que é o responsável pelo pagamento da dívida, caso o devedor deixe de fazê-lo.

Daí se depreende ser o avalista a peça indispensável nas operações financeiras, por ser o instrumento de apoio às instituições de crédito. Isto é, dá-lhes a segurança necessária para que possam desenvolver a atividade de emprestar dinheiro.

Por isso mesmo, o avalista DEVE ser tratado com mais respeito por parte de certas instituições, pelo fato delas precisarem da sua participação.

Quando o empréstimo gira em torno da compra de automóveis, as garantias aumentam consideravelmente para o "emprestador", pois além de um aval, o próprio veículo passa a garantir o empréstimo.

Vejamos então se deve acontecer isto: Há poucos dias tive o meu nome rejeitado numa operação onde fui convidado a representar como AVALISTA, pelo fato de haver informações negativas a meu respeito, fornecidas pelo S.P.C. (Serviço de Proteção ao Crédito).

Averiguando a origem de um registro dessa natureza, fui informado ter o mesmo sido feito pela MERCANTIL FINASA S/A - Crédito, Financiamento e Investimentos. Procurando saber o mo-

tivo junto à mesma, esta informou que havia tirado o carro que estava sob meu aval, e o devedor, há questão de dias o havia resgatado novamente, mediante pagamento do débito em atraso.

Na data da informação, restava ainda o lixo atirado sobre o meu nome o que, presumivelmente seria retirado em seu devido tempo.

Há que se atentar para o seguinte: Se a financeira usou o próprio veículo para forçar o devedor a pagar; se além desta, havia ainda a garantia do avalista (no caso eu), pergunta-se: É justo ser acusado de mau pagador junto ao S.P.C., antes mesmo de qualquer providência exigindo o cumprimento da responsabilidade assumida com o aval.

Isto é uma flagrante falta de respeito à alguém, cujo papel é o de instrumento que possibilita, um a emprestar dinheiro e outro a tomar emprestado.

É aqui portanto, que vai o ALERTA AOS AVALISTAS.

Quando convidados a garantir um empréstimo, averiguem se o interesse da instituição financeira está no seu dinheiro para pagamento da dívida, caso o devedor falhe ou em desacreditá-los junto aos meios comerciais, ou melhor, retribuir o favor prestado com a desonra ao seu nome.

Encerrando, quero registrar aqui um veemente protesto à ati-

tude tomada no sentido de enxovalhar o meu nome. REINALDO FLEMMING, Florianópolis.

### Loteamento

Prezado Senhor,

Vimos por intermédio deste veículo fazer nossa denúncia contra a IMOBILIÁRIA SOL E MAR - em São José.

O Proprietário da Imobiliária, Sr. José, vendeu um lote no loteamento na Barra em Palhoça, neste loteamento já tem umas 20 casas: meu lote já está pago.

No dia em que comprei este lote há três anos, o Sr. José prometeu que dentro de 3 meses colocaria água e luz. Faz três anos e até hoje nada de água e luz, ficamos abaixo de lampião e tomando água de poço, salgada.

Senhor Diretor, favor publicar esta carta, para que o Senhor José, dono da imobiliária, não engane mais ninguém. É uma pouca vergonha nós sem água e sem luz.

Este lote saiu para mim Cr\$ 35.000,00 - a rua que fizeram, não temos condições de sair de casa quando chove, alaga tudo.

O pior de tudo é a luz e a água, que passa na rua geral, mas no loteamento não entra.

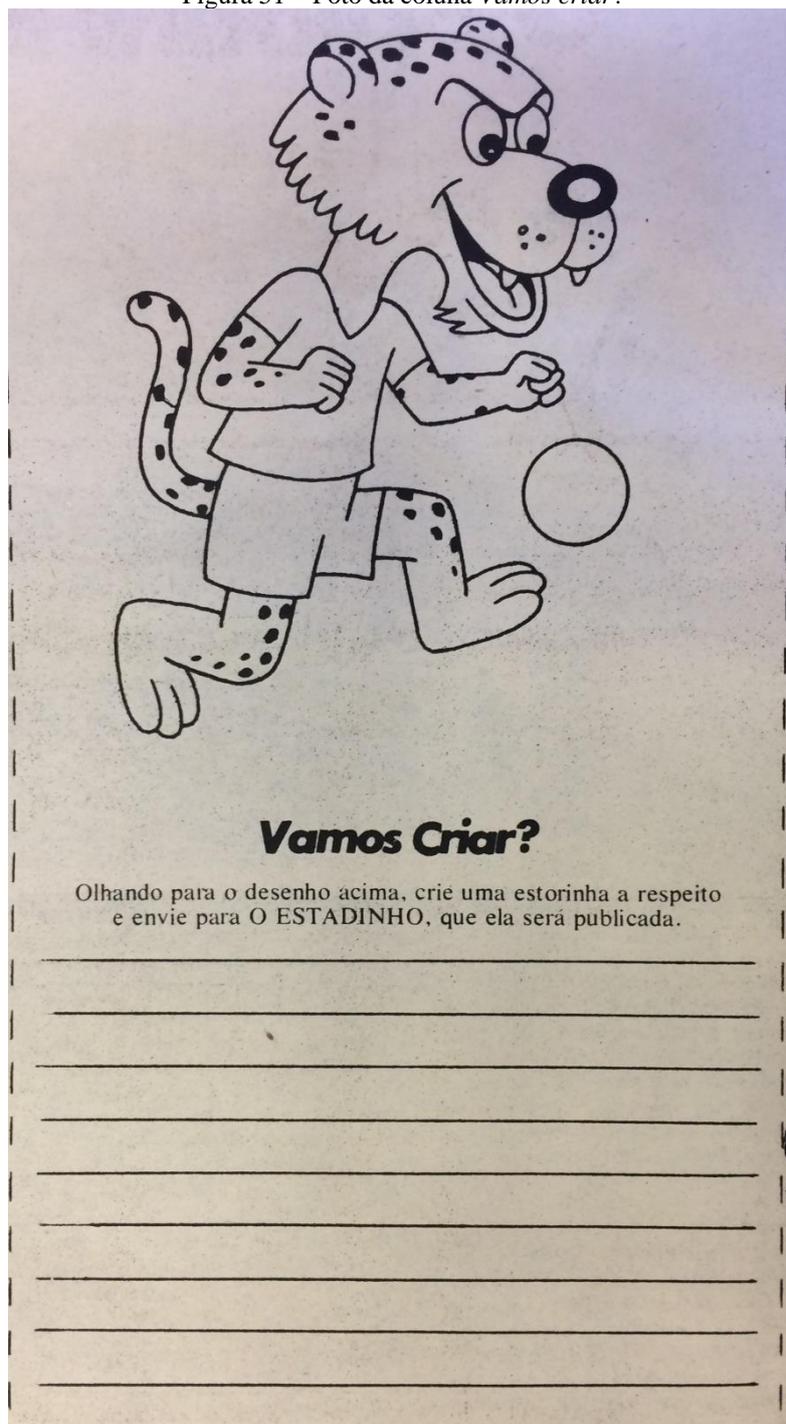
Obrigado Sr. Diretor pela colaboração que o sr. vai prestar por estas 20 famílias no loteamento Barra. João Francisco Oliveira Silva, Florianópolis.

Fonte: O Estado (21/9/1979) – Acervo da autora

Ainda que tenham sido poucas as edições encontradas nos anos de 1973 a 1983, é possível afirmar que o suplemento incentivava que seus leitores escrevessem histórias e as enviassem para o jornal.

De 1980 a 1983, em um total de 24 edições, é possível encontrar quatro colunas destinadas à arte infantil. A coluna *Cantinho do Artista*, de 1980, publicava desenhos de crianças de diferentes idades e de todo o Estado. Nos anos de 1982, duas colunas, *Vamos criar* e *Vamos colorir*, incentivavam o exercício criativo dos leitores, cedendo espaço no próprio jornal para que a criança pudesse ter uma autoria imediata ou, caso decidisse enviá-la ao jornal, na tentativa de ter sua arte publicada.

Figura 51 – Foto da coluna *Vamos criar?*



Fonte: O Estadinho (3/10/1982) – Acervo da autora

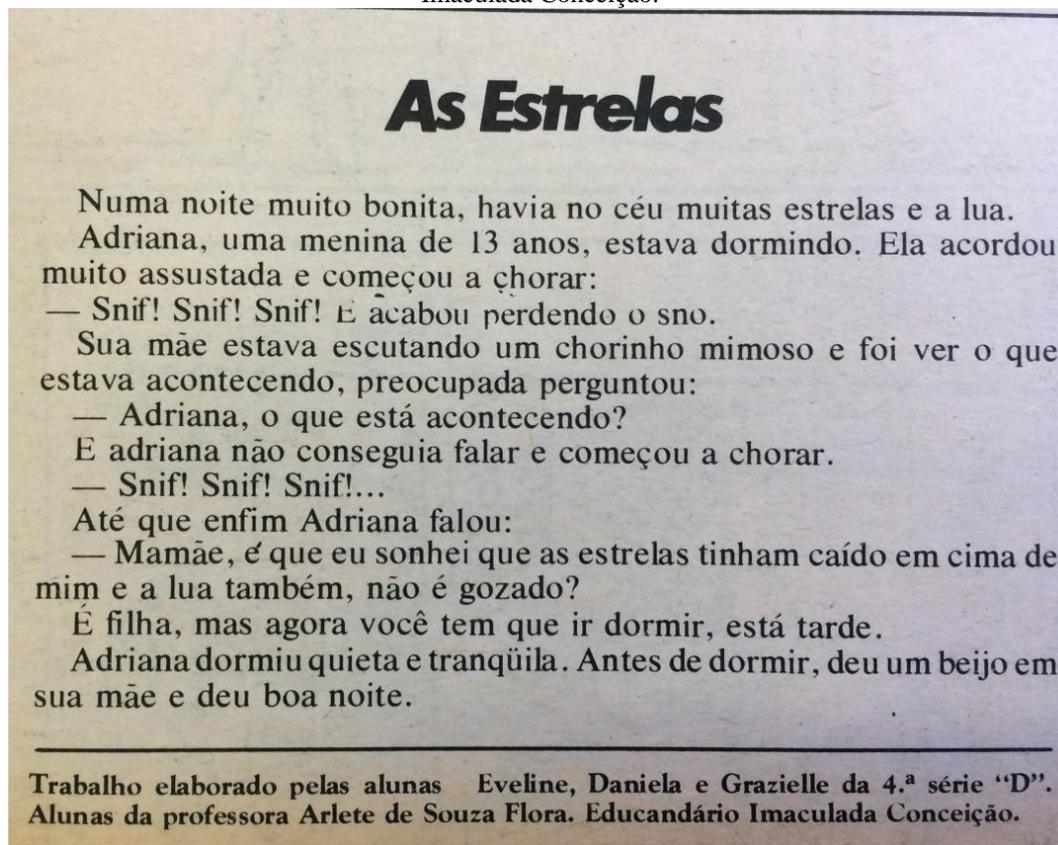
O espaço destinando à criação de leitores dá pistas de que o suplemento servira, não exclusivamente para entretenimento de seus leitores. A possibilidade de que o material tenha auxiliado atividades escolares ou mesmo subsidiado alguma tarefa, permite pensar em outros usos desse impresso, cotejado até mesmo como um material didático. Na edição de 28 de março de 1982, há na coluna *Vamos criar*, a publicação de dois textos de alunos do Colégio Catarinense: Galiberne Ferreira e Luciano R. Farias, ambos com 10 anos de idade, escreveram sobre um desenho publicado na seção. A coincidência na publicação dos escritos faz com que se deduza que os escritos possam inclusive ter sido enviados pela professora dos alunos citados. Da mesma foram, em duas edições seguidas, o suplemento destaca a produção de três alunas da professora Arlete Flora, do Educandário Imaculada Conceição. Os textos publicados (um individual e um em dupla) primam pela boa pontuação e grafia, além de aspectos relacionados à inteligibilidade dos escritos.

Figura 52 – Poema “O Anel”, de Paula Jabur



Fonte: O Estadinho (11/7/1982) – Acervo da autora

Figura 53 – Texto “As Estrelas”, elaboração das alunas Eveline, Daniela e Grazielle, do Educandário Imaculada Conceição.



Fonte: O Estadinho (18/7/1982) – Acervo da autora

*Os amiguinhos escrevem* foi a última coluna encontrada destinada às escritas infantis. Das seis edições que fazem parte do ano de 1983, somente o suplemento de 18 de dezembro de 1983 trouxe uma seção com produções infantis. Ocupando meia página o texto “Os patetinhas em: a Grande confusão”, de Joelma, sugere publicações anteriores, no formato de quadrinhos.

Para além dos concursos e das páginas destinadas à participação infantil, é possível encontrar no suplemento uma participação bastante singular. Em forma de quadrinhos, chegando a aparecer em sete edições, o material elaborado por Clovis Medeiros ganhou admiração dos editores do suplemento infantil (SANTOS, 2014).

Os quadrinhos de título ‘Araújo’, como mostra a figura a seguir, foram criados por um garoto de 12 anos, Clóvis Medeiros, considerado pela equipe de *O Estadinho* como um menino simples, de boas ideias e que desenhava muito bem. O primeiro quadrinho de Clóvis foi exibido no suplemento de 20 de agosto de 1972, no espaço de uma página, quando ‘Araújo’ foi incorporado ao suplemento. Não é possível afirmar

como se deu a entrada do pequeno cartunista no jornal, todavia, em matéria que apresentava Clóvis aos leitores foi dito que o menino é quem tinha ido procurar a redação de *O Estadinho* e que o pessoal do jornal tinha gostado do personagem criado pelo garoto, pois se tratava de uma criança com domínio da escrita, habilidade artística, estudante, consumidor do jornalzinho, e ainda conhecedor daquele material. Se Clóvis foi até a redação, é provável que tenha sido levado por um adulto, alguém no mínimo conhecedor de *O Estado* e que, também, provavelmente, conhecera ou mesmo acompanhava suas criações.

Figura 54 – Foto do primeiro quadrinho ('Araújo') produzido por uma criança



Fonte: O Estadinho (10/9/1972) – Acervo da autora

Os enredos criados por Clóvis giravam em torno de um personagem, 'Araújo', presente em todos os quadrinhos, apresentando sempre as mesmas características físicas. Em cenários do cotidiano (casa, rua, escola), o personagem, dosado de humor, frequentemente se metia em situações atrapalhadas e em confusões, contudo, cômicas. Chamado diversas vezes de "idiota", o personagem também se servia de ditos populares

bastante comuns na região florianopolitana, como “comeu até a barriga fazer bico” e “tocar cachorro pra rua”, o que de certa forma, tanto pode indicar a presença de alguém de mais idade auxiliando na composição das histórias, como o convívio com gente acostumada aos ditos e aos linguajares populares. No entanto, seus textos possuíam escrita cuidadosa, boa ortografia, pontuação correta, concordância e vocabulário, o que significa que ele demonstrava conhecimento, tanto da linguagem coloquial como da gramática formal, refinamento e possível gosto pela leitura.

Os escritos de Clóvis Medeiros permitem pensar sobre a mudança de uma sensibilidade que por sete edições estampou a produção literária de uma criança, no ano de 1972. Afinal, eram enredos avessos à moralidade e que nada se relacionavam aos aspectos econômicos (como os quadrinhos de ‘Jorginho’), mas lotados de humor e com arte e técnica divertiam seus leitores. E, tratava-se de uma sensibilidade que soube captar (e capitalizar) uma habilidade e o gosto infantil, familiarizando o menino com o mundo das artes, o que pode ter sido a experiência necessária para torná-lo profissional quando adulto.

*O Estadinho*, embora não seja possível afirmar que, naquele momento, tenha voltado sua atenção para a formação de jornalistas, escritores ou cartunistas, criou possibilidades e motivações para que as crianças pudessem expressar-se pelas artes do desenho e da escrita, assim também contribuindo para uma educação do olhar do adulto ou para uma sensibilidade que pudesse aproximar adultos e crianças pela escrita e pela leitura.

Das edições analisadas, entre 1972 e 1983, outras duas publicações em forma de histórias em quadrinhos foram identificadas. Em 11 de maio de 1980, as personagens ‘Neco e Leco’, criadas pelo menino Pedro Antônio Cherem Filho, ilustraram as páginas do suplemento, embora detectados em apenas uma das edições estudadas. Assim, também, foram encontrados os quadrinhos produzidos por Joelma, ‘Os patetinhos em: a Grande Confusão’, que apareceu apenas uma vez no acervo no material analisado.

*O Estadinho*, no que se considera ser sua primeira fase (1972-1983), mesmo não dispondo de colunas fixas e de seções regulares, publicou trabalhos infantis em boa parte dos suplementos. Dessas produções, os quadrinhos tiveram destaque e, nos anos seguintes, na segunda fase do jornal infantil, seu espaço no suplemento cresceu numa relação inversamente proporcional aos quadrinhos produzidos por Maurício de Sousa, que de quatro páginas passou a meia página e não raras vezes a apenas uma tirinha.

Nessa relação inversamente proporcional, outra seção ganhou realce. A coluninha social que permaneceu do início ao fim do suplemento teve seu auge na primeira fase, mas não deixou de circular na segunda. Possivelmente voltada aos adultos, a coluna sugeria a criação de um vínculo entre família e suplemento, por meio da publicação de fotos, uma ideia que perpassou *O Estadinho* de 1972 até 1983.

Assim, o suplemento infantil catarinense nessa primeira fase apresentou-se como um artefato voltado à infância, com conteúdos para crianças escolarizadas, dotadas de certo acesso ao consumo, que também envolvia a família. Entretanto, não se pode deixar de registrar que mesmo sendo um suplemento voltado ao público infantil, algumas seções despertavam interesse dos adultos, especialmente a destinada a exibição de fotos, como já mencionado. Essa intenção em “agradar” um público adulto, contudo, não faz parte dos anseios dos editores do suplemento em sua segunda fase, que embora continuem a publicar fotos de crianças, passam a valorizar a produção de um suplemento mais atento às crianças, seus desejos, suas opiniões. Rupturas e permanências em uma trajetória de 15 anos.

#### **4 NOVOS PERSONAGENS ENTRAM EM CENA: MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS EM *O ESTADINHO* (1984-1987)**

O capítulo quatro traz uma discussão envolvendo o conteúdo do suplemento, porém agora com ênfase nas mudanças em relação à linha editorial e à própria atmosfera política do momento. Os textos desta parte abordam as mudanças e as permanências que deram ao suplemento infantil mais quatro anos de vida. O primeiro texto trata da nova composição editorial. Tal mudança veio acompanhada de uma concepção de infância mais participativa e de um posicionamento mais político e um projeto delimitado para o impresso infantil, que se expressava em cada edição publicada. O segundo texto dá visibilidade à comunicação entre leitores e editores do suplemento. Aqui, volta-se a problematizar quem são os leitores de *O Estadinho* e a quem se destina o impresso nessa segunda fase, além de evidenciar por meio da análise dos escritos infantis, algumas representações de infância que tiveram espaço no suplemento.

##### **4.1 UM EDITORIAL DE “GENTE GRANDE”**

O ano em que o Brasil foi às ruas lutar pelas Diretas Já, ainda sob o comando de um governo militar, mas já vivendo um período de redemocratização e de abertura política – iniciada em finais da década de 1970 – foi também o ano em que *O Estadinho* passou por significativas mudanças, não somente visíveis no seu projeto gráfico, mas quanto ao seu conteúdo e propostas de interação com seus leitores.

A imprensa catarinense sofreu com a censura, uma reprimenda às ideias e sua circulação, antes mesmo de sua publicação (FARIÑAS, 1978). O jornal *O Estado*, recebia com frequência a “visita” de policiais que fiscalizavam boa parte do conteúdo a ser publicado, tudo precisava ser cuidadosamente escrito, sob pena de ser retirado de pauta e não só isso, colunistas, chargistas, jornalistas viviam sob a mira de militares, pois para eles a liberdade de imprensa não existia (PEREIRA, 1992). O enfraquecimento e final da ditadura civil militar devolveu a muitos profissionais da imprensa brasileira o desejo de fazer jornalismo sério, comprometido com o leitor e sem o fantasma da perseguição e mesmo da morte. O cenário do silêncio não foi exclusividade brasileira e pode ser observado em vários países do mundo, onde a ditadura vitimou famílias e pela censura atacou os veículos de comunicação, sobretudo a imprensa escrita que por anos precisou criar as mais diversas ‘táticas’, em resposta às

poderosas *'estratégias'*<sup>72</sup> do governo.

Na Europa, o salazarismo em Portugal e o franquismo na Espanha – que por mais 35 anos controlaram as vozes de um país – somente na década de 1970, com as mortes de seus algozes, Antonio Salazar (1970) e Francisco Franco (1975) chegaram ao fim e inauguram um novo momento, no qual os meios de comunicação avidamente esperavam. Assim, também é possível perceber pelos suplementos infantis as mudanças que implicaram em um novo jeito de se comunicar com o leitor, certamente uma nova fase, em que as “vozes” antes disciplinadas, que mais deveriam aprender e modelar-se, passaram também a colaborar com os escritos nesses suportes impressos.

Chivelet (2009) cita o suplemento do diário *Ya. Mini Ya*, desde sua aparição no ano de 1975, contava com seção criada especialmente para publicar textos de crianças, sem se esquecer de seu editorial que motivava a participação de seus leitores, considerando também os questionamentos das crianças que lhe escreviam, como mostra o editorial de 12 de dezembro de 1976. Nele, os editores de *Mini Ya* respondem a carta de duas meninas que questionavam como são feitos os sorteios promovidos pelo suplemento.

Nos parece que hemos dicho en varias ocasiones que realizamos por sorteo el resultado de los juegos, y un sorteo ya sabéis todos lo que es, no es cuestión de explicarlo. Puede salir cualquier lector. Lo que pude resultar interesante saber es que, antes del sorteo, se seleccionan las soluciones en acertadas o equivocadas. Salvo en los juegos en los que anunciamos que entrarán todos los participantes, generalmente en el sorteo entran los que aciertan. Claro que nos da pena que unas chicas se planteen la duda por el simple hecho de no verlo con sus propios ojos. ¡Hay tantas cosas que se pueden creer sin verlas! Solamente necesitamos saber que son verdad. ¡Y en MINI-YA os aseguramos que jugamos limpio! (MINI YA, 1976, p.1).

---

<sup>72</sup> Tácticas e estratégias aqui usadas no sentido certuniano, em que a tática seria a astúcia, a arte rápida (do mais fraco) em subverter ou burlar uma estratégia (do mais forte) (CERTEAU, 1994. p. 45-46).

Figura 55 – Capa do suplemento infantil espanhol, Mini-Ya



Mateo Inurria, 15. Madrid ● PAGINAS PARA LOS CHICOS ● Domingo 12 dic. 1976

## ¡HOLA, AMIGOS!

Se nos ha ocurrido sacar de la habitual sección de "Llegó el cartero" una carta que nos envían Beatriz Martín y Raquel Sánchez. Nos parece que el tema puede ser tan importante para los lectores que merece tratamiento distinto. Porque lo que se preguntan estas dos amigas puede que se lo planteen otros chicos y chicas.

Dicen así: "Quiero que me digáis cómo realizáis el sorteo de los libros, porque, ya que no lo vemos, nos lo podríais explicar, porque a lo mejor decís: "Este, como es un chico..." Y yo creo que esto no es justo. Es la primera vez que escribo a la revista, pero todos los días que llega el MINI-YA me lo paso bomba leyendo lo que pone, realizando los juegos, etc. Espero que me contestéis pronto."

Aunque la carta esté siempre en singular, al final hay los dos nombres de las chicas que hemos citado antes.

Nos parece que hemos dicho en varias ocasiones que realizamos por sorteo el resultado de los juegos. Y un sorteo ya sabéis todos lo que es, no es cuestión de explicarlo. Puede salir cualquier lector.

Lo que puede resultar interesante saber es que, antes del sorteo, se seleccionan las soluciones en acertadas o equivocadas. Salvo en los juegos en los que anunciamos que entrarán todos los participantes, generalmente en el sorteo entran los que aciertan.

En cuanto a la discriminación entre chicos y chicas, ¿no os parece ridículo pensarlo? Hay juegos en los que participan más chicas; es lógico entonces que haya más chicas premiadas. Otras veces responden más los muchachos, y, claro, hay muchachos premiados, porque sale así. Pero aquí no discriminamos. Para nosotros no hay más que amigos que llegan por la puerta de la casa, por el correo.

Claro que nos da pena que unas chicas se planteen la duda por el simple hecho de no verlo con sus propios ojos. ¡Hay tantas cosas que se pueden creer sin verlas! Solamente necesitamos saber que son verdad. ¡Y en MINI-YA os aseguramos que jugamos limpio!





ESPERAMOS QUE ELIJAS A LOS MEJORES





**UN MOSAICO CREADO POR TI**

Quedamos en que seríais los lectores los que daríais el fallo de este concurso. Por eso publicamos los siete trabajos que previamente se han seleccionado en la redacción para que votéis.

Debéis poner solamente dos números. Aquellos que os gusten más.

Si indicáis vuestro nombre, domicilio, población y edad entraréis en el sorteo de un libro.

No hace falta recortar el papel del voto. Podéis votar en una cuartilla, pero un voto por cada lector y antes del día 30 de diciembre.



7



6

**Voto a favor de los números**

○ y ○

¡vota!

O que poderia ser tratado como uma pergunta “tola”, ou mesmo de “afronta” ao suplemento, foi respondido de maneira objetiva, fato que atesta uma importância dada a seu público leitor.

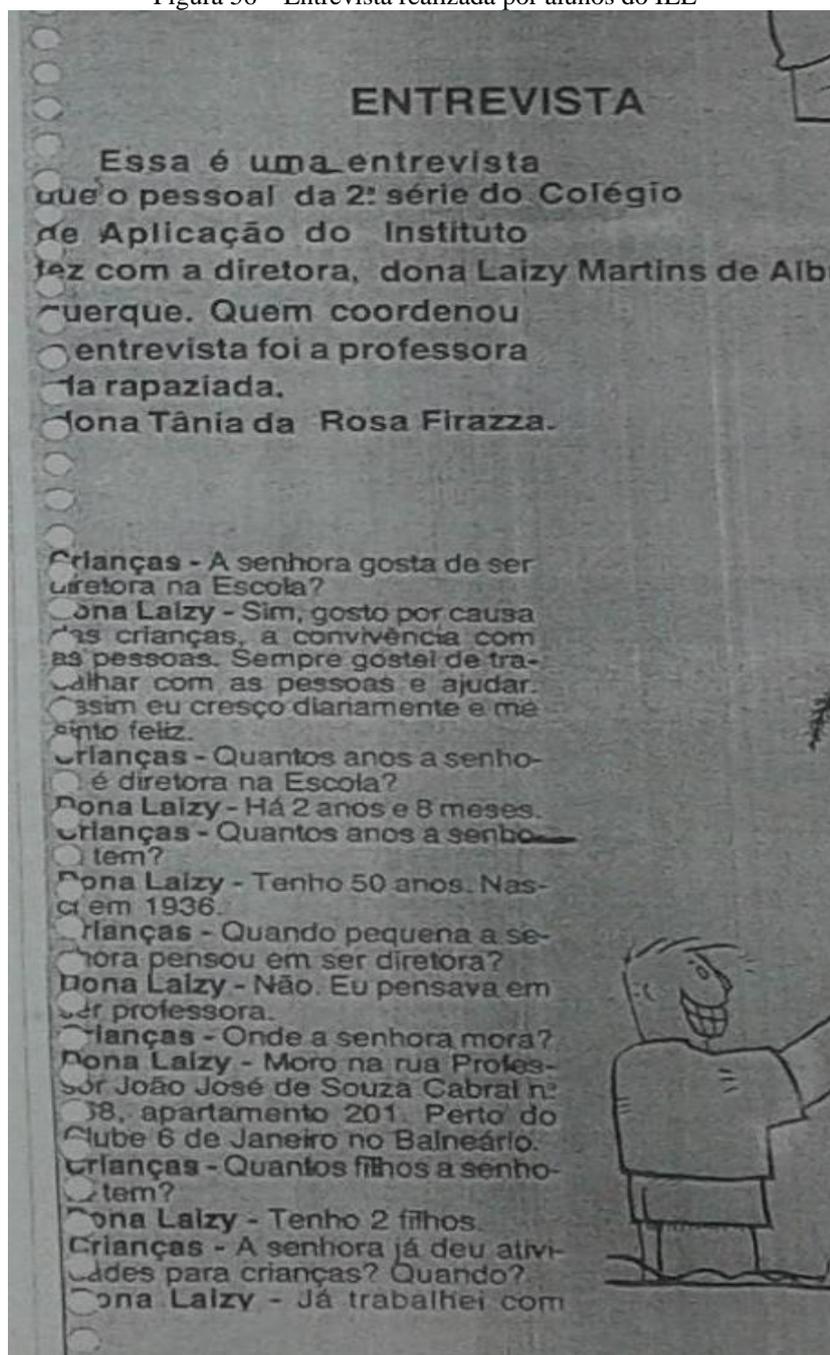
É possível ver tal valorização também pela capa, parte nobre de muitos impressos. *Mini-Ya* publicou durante quase toda a trajetória desenhos de seus leitores, inclusive os de crianças bem pequenas, que sequer sabiam escrever seus nomes, indícios de uma mudança significativa, tanto na relação que passa a se estabelecer com o leitor, quanto no modo de perceber esse leitor no mundo. Mostramos de “[...] la democratización de las prácticas de escritura [...]” (LYONS, 2012, p. 33), que chegaram não apenas aos trabalhadores e às mulheres, mas também às crianças, e que cada vez mais cedo se incorporam à vida infantil. Indício de um processo de escolarização já inserido na vida de muitas crianças.

*O Estadinho* destinado e pensado para crianças, sobretudo nessa segunda fase, não deixou de circular em escolas e de servir a professores. Por meio de seus editoriais, mostrou uma ligação importante que, em certa medida, permite que se tenha conhecimento de que tratar a criança com respeito, com visibilidade e oferecer a ela possibilidades de se inteirar de assuntos não tão comuns para pequenos passaram também pelo reconhecimento da escola como a instituição responsável pela aquisição da escrita e da leitura, habilidades valoradas pelo suplemento. A entrevista publicada no suplemento de 12 de abril de 1987 evidenciou a colaboração da professora Tânia da Rosa Firazza, para o desenvolvimento da tarefa realizada por suas alunas, em uma visita de *O Estadinho* à escola, que acabara de fazer aniversário. E, por ocasião de seus 35 anos de vida, o Colégio de Aplicação – CA, do Instituto Estadual de Educação - IEE foi destaque no infantil catarinense, que publicou diversos desenhos, textos e histórias em quadrinhos dos alunos, que foram incentivados a homenagear sua escola. Embora nos falte elementos para afirmar o envolvimento dos professores da escola na escolha dos editores em fazer um suplemento especial ao colégio de Aplicação do IEE, o que aqui se torna visível é a valoração da escola pelo suplemento, reiterando uma representação de infância escolarizada.

Outro elemento importante a destacar é a possível participação da professora nos escritos infantis publicados em *O Estadinho*. O suplemento que nessa fase (1984-1987) publicou críticas de seus leitores, sobretudo por meio de cartas, nessa edição em particular deu a ver somente escritos que enalteceram a escola. Todos os textos, assinados por alunos da terceira série, e publicados já digitalizados, nos levam a inferir

que, dado o tom elogioso, a escrita correta e a publicação de escritos de meninos e meninas que frequentavam o mesmo ano escolar, a mão da professora estivesse presente. Ainda que não se trate de uma censura, há que se pensar em um processo de escolha e de silenciamento, pois o que foi publicado passou pelo crivo e pelos interesses de um grupo, no caso, a escola. Dessa maneira, os escritos de Sierra Blas (2009) nos ajudam a compreender como, por diversas situações, por mais incentivados que sejam, meninos e meninas têm suas expressões escritas cerceadas por adultos.

Figura 56 – Entrevista realizada por alunos do IEE



Fonte: O Estadinho (12/4/1987, p. 7) – Acervo da autora

*O Estadinho* mostrava-se, no entanto, um periódico sem “medo” de expor em suas páginas a opinião de seus leitores. Em muitos editoriais, a motivação para buscar matérias que interessassem a seus leitores partia deles mesmos e de suas ideias de pauta. Voltando ao suplemento espanhol *Mini Ya*, essa percepção de que a criança tenha condições de opinar e de se expressar tornava-se visível também nas questões referentes aos espaços públicos e à cidade, pois o suplemento, primando pela participação social das crianças, a partir da sétima publicação, criou a coluna “¿Tú qué harías?”, nesta seção, o periódico dominical solicitava a seus leitores que escrevessem cartas, sobre situações locais da cidade, fazendo críticas ou sugestões, dirigidas aos prefeitos das cidades. O jornal infantil, ainda que tenha sofrido algumas mudanças, inclusive de nome e de editoração, continuou a manter o que fora seu grande objetivo nesse período pós-franquismo, “[...] lograr la máxima presencia del lector e implicarlo como ciudadano” (CHIVELET, 2009, p. 280).

Dar oportunidade de participação aos leitores não estava dissociado de uma proposta em fazê-los mais críticos. E houve na Espanha um movimento, que não tardara de ocorrer em alguns impressos brasileiros, por meio dos impressos, que foi permitir que seus leitores tomassem conhecimento do “mundo actual”, como fez o infantojuvenil *Jóvenes*, dentre outros surgidos nas décadas de 1970 e de 1980:

El contenido de “Jóvenes” ya no era entonces el de temas entretenidos e inócuos de antaño, sino un reflejo del mundo actual con los grandes problemas políticos, sociales, religiosos, etc. y una forma de tratamiento sugerente y crítica. “Jóvenes” quería aydar a sus lectores a insertarse en el mundo de la información general. (MINISTÉRIO DE CULTURA, 1978, p. 156).

Os indícios encontrados em alguns suplementos infantis europeus foram, não por acaso, identificados impressos brasileiros, dando a ver a circulação de ideias semelhantes sobre a infância. A *Folhinha* foi um deles, mas *O Estadinho* não ficou atrás. Passado o longo período de silenciamento da imprensa, os meios de comunicação não tardaram em fazer emergir novas propostas, novos produtos e formas de fidelizar seus leitores, anunciava-se um momento de expansão da imprensa. No Brasil, a década de 1980 marcou decisivamente a imprensa, foram dois grandes eventos: a informatização e o fim da ditadura civil militar.

A *Folha de São Paulo* foi, segundo Villaméa (2013, p. 254-255), quem inaugurou um estilo de jornalismo impresso mais “[...] crítico, pluralista, apartidário e

moderno [...]”, era imprescindível nesse momento “[...] apresentar ao leitor os diversos lados da história”. À frente desses objetivos estava o processo de informatização do jornal, que contribuía não apenas com a otimização do tempo, mas, sobretudo com o aumento das possibilidades gráficas e dos elementos capazes de facilitar a leitura, capturando e atraindo leitores depois do fim da ditadura.

Sem o fantasma da censura rondando as redações, a informação passou a ter outro valor, não bastando apenas “informar”, sendo preciso acrescentar algo a mais, qualificar a notícia, a fim de buscar e fidelizar os leitores. Assim também o mercado consumidor se ampliava – uma vez que os índices de analfabetismo decresciam, e também se qualificava a partir da emergência de outras fontes de informação. Com circulação nacional, a *Folha* era um dos jornais mais lidos no Brasil e, em Santa Catarina, possuía muitas assinaturas, servindo inclusive como modelo para a nova fase do jornal infantil *O Estadinho*, como afirmou Aldy Maingué (2013), destacando que o infantil catarinense começou de modo mais evidente a “[...] tratar a criança como alguém que pensa, que a Folhinha fazia isso”. Tanto fez, que muitos assuntos, ditos de adulto, circularam no infantil paulistano. Como, por exemplo, em 27 de abril de 1980, próximo à comemoração do Dia do trabalho, foi publicado na capa um texto sobre as condições de trabalho e as dificuldades enfrentadas pelo país naquele ano, que exigiam esforços não apenas do governo, como também dos próprios trabalhadores. Já o suplemento de 28 de abril de 1985 problematizou desde a capa um dos problemas que abalam a economia de muitos países: a inflação. Em ambas as edições, além da capa, a parte interna do impresso também questionava o assunto em pauta, de modo inteligível e usando para a explicação o cotidiano de muitas famílias brasileiras.

Aposto que muitas vezes você quis comprar um superbrinquedo, uma bicicleta, ou mesmo um brinquedinho à toa e seu pai respondeu: “estou sem dinheiro” ou então “as coisas estão muito caras, é preciso economizar”. E você deve achar isso muito estranho porque, muitas vezes, o pai e a mãe trabalham feito loucos e estão sempre dizendo que não têm dinheiro.

Pois saiba que o responsável por essa coisa tão chata é um monstro chamado inflação. Ele deixa todo mundo nervoso e preocupado porque cresce sem parar. Tem que existir um jeito de domar esse bicho. Mas primeiro a gente precisa saber como é o comportamento dele.

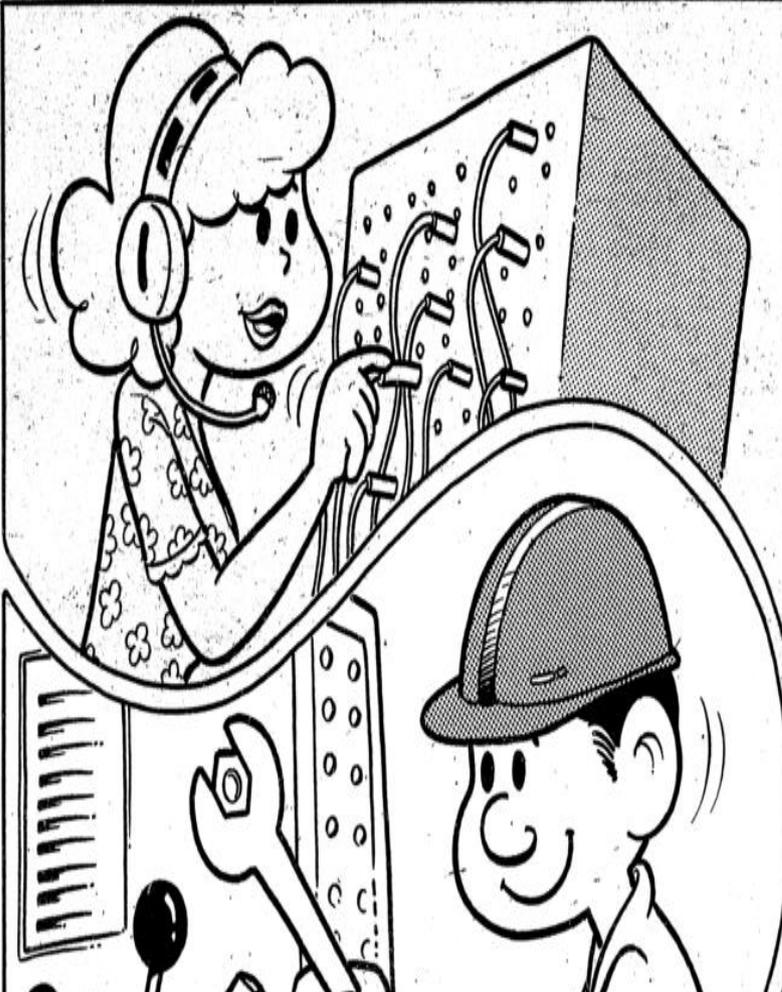
Na verdade, a inflação é um aumento rápido dos preços das coisas. Quando alguns produtos faltam – não só no Brasil, mas em outros países do mundo – as pessoas fazem fila e correm para comprar essas coisas, porque tem pouco e ninguém quer ficar sem. Aí os fabricantes aumentam mais o preço. (FOLHINHA DE SÃO PAULO, 28/4/1985, p. 3).

Figura 57 – Matérias com assuntos que circulavam nos jornais para adultos I

# 869 Folhinha de S. Paulo

São Paulo, 27 de abril de 1980      ★      Folha Infantil      ★      Um jornal a serviço da criança

## Leitura para gente grande



No dia 1.º de maio será comemorado, como todos sabem, o Dia do Trabalho — que deveria ser chamado Dia do Trabalhador para que mais conscientemente se pense na pessoa do trabalhador e nas condições em que ele vive.

Num' ano difícil como o que o Brasil atravessa, com a economia abalada por sérios problemas internos e externos, a figura do trabalhador entra em evidência: é preciso melhorar o seu salário, para que as suas condições de vida também melhorem. Mas é preciso, também, manter em estabilidade a economia das empresas e, em consequência, a do País.

Por isso é que é difícil a tarefa do governo: se de um lado cabe ao trabalhador uma cota de sacrifício, em benefício do bem comum e do desenvolvimento da nação, de outro ele deve ser amparado, ter as suas justas reivindicações atendidas e ser respeitado como ser humano.

Este é o grande problema com que o País se defronta, nesta semana do Dia do Trabalho — cuja primeira comemoração foi dramática: a data relembra o dia em que tecelões em greve acabaram sendo mortos numa manifestação nos Estados Unidos, há muitos anos.

Responsabilidade e espírito aberto — estes são os requisitos principais para as negociações, que, ao longo do ano, serão feitas para os reajustes salariais das diversas categorias de trabalhadores.

Fonte: Folhinha de São Paulo (27/4/1980, p. 1) – Acervo on-line da Folha de São Paulo.

Figura 58 – Matérias com assuntos que circulavam nos jornais para adultos II



Fonte: Folhinha de São Paulo (28/4/1985, p. 1) – Acervo *on-line* da *Folha de São Paulo*

O infantil paulistano, que em 1983 completaria 20 anos, não passou imune às reformas jornalísticas, em seu acervo digitalizado e disponível *online* no *site* da *Folha* é possível perceber as mudanças, os indícios que nos convidam a pensar tanto na formação de um mercado consumidor infantil, quanto em uma projeção dos discursos acerca da infância e da criança como pertencente à sociedade, capaz de observá-la, questioná-la e de interagir com ela. Em certa medida, essa projeção que tanto foi se ampliando em a *Folhinha*, também, cresceu no suplemento catarinense, e a ideia de produzir um jornal “a serviço das crianças” e de evidenciar tal fato pelo editorial aproximava leitores e suplemento que, por meio de uma linguagem mais jovem, de promoção de concursos, de incentivo à produção artística de seus leitores e de uma interação com instituições destinadas a crianças, lançou modas, modelou gostos,

modificando comportamentos e imprimindo outras sensibilidades (CUNHA; CECCHIN, 2007, p. 2), contribuindo para a formação de hábitos, que passavam também, pela leitura do jornal. (EXEMPLO DE EDITORIAL)

Aí rapaziada,

Esta acabando a moleza, as férias já estão no fim e estamos querendo saber de vocês o que estão achando disto. Será que a professora vai ser chata igual a do ano passado? Será que vai ser legal? E a turma? Vai ter um pessoal legal pra brincar e estudar e conversar? Será que as aulas de matemática vão ser iguais as do ano passado? Qual matéria você curte mais? Escreva pra nós, que publicaremos a sua opinião.

De resto, mais uma estória do Clóvis, de canto. Outra estória do Tareco e sua turma. E você que também faz estória em quadrinho. Porque não deixa a vergonha de lado e manda pra nós? Na página três, as brincadeiras e as fotos. E na página do meio...

Bom, talvez vocês não estejam entendendo o porque da repetição do jogo do Estadinho que saiu no domingo passado. Mas é que como vocês bem viram, o jogo ficou quase impossível de jogar, pois nas instruções nos falamos em cores e a página saiu em preto e branco.

Isso aconteceu porque houve falhas técnicas. Você sabe o que vem a ser falha técnica? Bom, é quando o problema não depende do ser humano e sim da máquina. Alguma máquina quebrou e não saiu cor, nem na página do meio, nem na capa. Mas esta semana tomara que não aconteça de novo, repetiremos o jogo para que todos possam jogar legal e com as cores, certo?

Então é isto, estamos esperando colaborações, estórias, sugestões de assuntos e tudo o que você imaginar. Um beijão. Fábio e Aldy. (O ESTADINHO, 23/2/1986, p. 2).

A criança estava ganhando foco e com certa ampliação, como se percebe analisando a própria trajetória de *O Estadinho*. Os impressos para crianças são expressão desse movimento observado também em outros países. Como exemplo, o suplemento *El Cambalache*, da revista infantil madrilena *El Acordeon*, que em 1976 tratou de explicar a seus leitores sua intenção com o periódico, em certa medida, assumiu a posição de que a infância deveria ser respeitada em sua especificidade, sem ser infantilizada<sup>73</sup>.

¡Bien hallados, colegas de prensa!

Bien hallados... dentro de lo que cabe.

Antes de nada hay que aclarar que no intentamos hacer competencia desleal con ninguno de vosotros, ya que delimitar el campo del lector infantil no está, todavía, nada claro. Así que, si nos pasamos, no es enfadeis. [...]

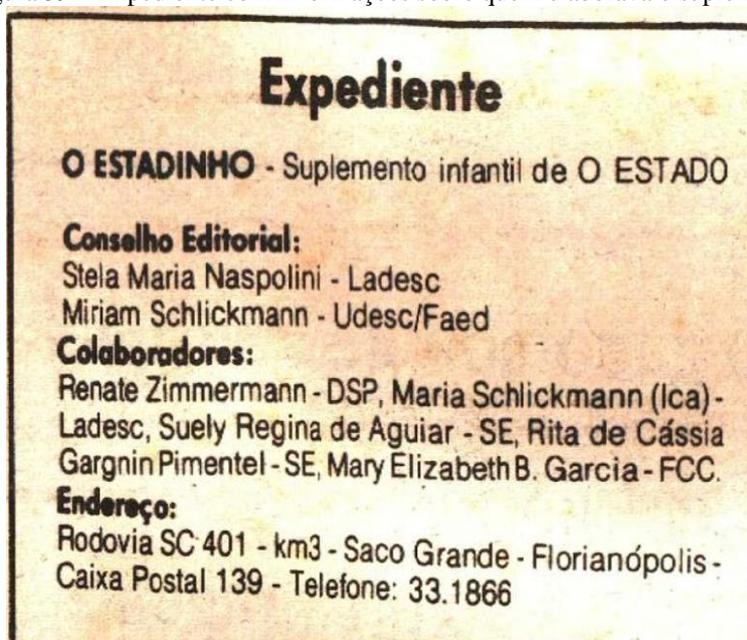
Trataremos de funcionar con y para esos lectores no captados aún por la prensa y que parecen pertenecer definitivamente a los “media” audiovisuales. Si logramos que se expliquen a sus anchasy que den una imagen menos ñoña de lo que se pretende que es el mundo infantil, estaremos en condiciones de centrárolos. (EL CAMBALACHE, 8/1976, p. 2).

73 A utilização do termo “infantilizada”; “infantilizar”, ou “infantilização”, ancora-se nos estudos de Mariano Narodowski (1994). Na perspectiva desse autor a infantilização das crianças está relacionada ao processo de escolarização, e de certa “pedagogização da infância” que usa como tática o controle, a vigilância, o disciplinamento dos corpos infantis, em oposição a uma relação de alteridade e de reconhecimento da criança como capaz de compreender o que está a sua volta, bem como agir, opinar e colaborar com e no espaço em que vive.

Embora *O Estadinho* fosse produzido e destinado às crianças, é na década de 1980 que se percebe um interesse maior em tornar o periódico mais atrativo e interativo para os seus leitores. Tal intenção ganhou ainda mais força a partir de 1984, quando o suplemento passou a ser elaborado pela equipe da Liga de Apoio ao Desenvolvimento Social Catarinense LADESC, sendo uma ação relacionada ao Pró-criança<sup>74</sup> enquadrada no Projeto Pró-Criança Cultural (RODRIGUES, 2001).

*Expediente* sinaliza quem são os colaboradores do suplemento e reaparece no ano de 1984 ficando até o ano seguinte com esse nome. Nos anos finais do suplemento (1984-1987), as edições trouxeram sem exceção o nome de seus colaboradores.

Figura 59 – Expediente com informações sobre quem elaborava o suplemento



Fonte: O Estadinho (9/9/1984, p. 2) – Acervo da autora

A equipe<sup>75</sup>, formada com apoio da LADESC, contava com pedagogas que, por meio do suplemento, davam visibilidade às produções culturais de algumas crianças atendidas nos projetos vinculados ao Pró-Criança. Assim, também, percebe-se no suplemento que houve uma ampliação no espaço dedicado à cultura, principalmente com relação ao incentivo à leitura, seção de responsabilidade da professora Maria Schlickmann, coordenadora do Projeto Gaivota, vinculado ao Pró-Criança Cultural.

<sup>74</sup> Pró-criança, foi um projeto coordenado pela primeira dama do Estado de Santa Catarina, Angela Amin, durante o governo de Espiridião Amim (1983-1987), com atuação voltada às comunidades rurais, pesqueiras e também com ações coordenadas na área da saúde e cultura para a infância.

<sup>75</sup> As sete mulheres que passaram a integrar a equipe responsável pelo *O Estadinho*, foram convidadas pela por Stela Maria Naspolini, que atuava também na LADESC junto à, então, primeira dama do Estado, Angela Amim. Algumas delas também participavam como coordenadoras e professoras dos projetos relacionados à LADESC e ao Projeto Pró-Criança.

(Série Pró-Criança – Projeto Gaivota, 1984). A relação com a escola e os processos de escolarização continuavam “marcando” território no suplemento, haja vista, que existiam colaboradoras ligadas à pedagogia e à educação nessa nova fase do jornal, entretanto, passou-se a valorar mais as contribuições infantis, dado o número de páginas que foi se dedicando a essas colaborações, assim como o tratamento mais frequente e aberto com seus leitores. O infantil paulistano também, por muito tempo, anunciou em seu editorial esse vínculo, que, apesar de ser produzido por um dos jornais de maior circulação no país, deixava bem amostra sua relação com a escola, desde seu primeiro número e constante em sua trajetória como é possível perceber no editorial comemorativo aos nove anos do suplemento.

Figura 60 – Editorial em comemoração aos 10 anos da *Folhinha de São Paulo*

## FOLHINHA, 9 anos de bons serviços prestados à criança

Pois é, garotada de todos os cantos de São Paulo e do Brasil: estamos comemorando 9 anos de vida. O tempo passa rápido e vamos festejar mais um aniversário.

Durante esses anos todos, a FOLHINHA DE S.PAULO, sempre em colaboração com as autoridades do Ensino, fez muitas coisas boas em favor da criança. Vocês sabem disso melhor do que nós mesmos.

É fácil recordar alguns trabalhos publicados e que tanto contribuíram para bem orientar, esclarecer e incentivar o mundo infantil para melhores dias. Exemplos?

Quem não se recorda das Campanhas Cívicas de prevenção contra os incêndios, dos concursos de redação sobre as grandes personalidades da nossa História, como Anchieta, Tiradentes, Monteiro Lobato e outros? As narrativas sobre os grandes acontecimentos como o Descobrimento do Brasil, o Dia da Libertação dos Escravos, o Dia do Soldado Constitucionalista, o 7 de Setembro, a Proclamação da República?

Foi a FOLHINHA que publicou a primeira reportagem de um menino, o Marcelo Miranda de Figueiredo, filho de Tia Lenita, que foi ao Zoológico medir o comprimento do pescoço de uma girafa. Criamos uma seção que falava (e isso durante anos) tudo sobre automobilismo; a Es-

colinha de Arte da Praça da República continua firme e de lá vão sair alguns artistas; a Escolinha de Balé possibilitou a muitas crianças a vencerem na dança; culinária infantil está sempre presente em suas páginas. E também Moda, Horticultura, Astronautica, Roteirinho de Teatro e Literário e outros assuntos são companheiros de todos os domingos da garotada que lê a FOLHINHA.

No Dia das Mães tudo é feito para contar como são dedicadas e atenciosas essas grandes criaturas: o nosso jornal já fez campanha e escolheu qual a mãe mais idosa, a de maior prole e a mãe mais jovem.

Ninguém esquece os concursos de fotografia, em que participaram centenas e centenas de meninos e meninas; do concurso de redação sobre Poupança, feito em colaboração com a Secretaria da Educação. Na programação da FOLHINHA houve também aulas de inglês, de iniciação musical, de ciências etc.

E Tia Lenita continua, apesar de todo o trabalho a visitar escolas, creches e educandários. Quer saber como andam as coisas, diverte-se com a garotada e conta tudo, depois, pela FOLHINHA. Vocês sempre sairão ganhando; cada vez este suplemento infantil será melhor. É o nosso 9.º aniversário. Parabéns para vocês também que sempre exigem a FOLHINHA aos domingos!

Fonte: Folhinha de São Paulo (10/9/1973, p. 2) – Acervo on-line da *Folha de São Paulo*.

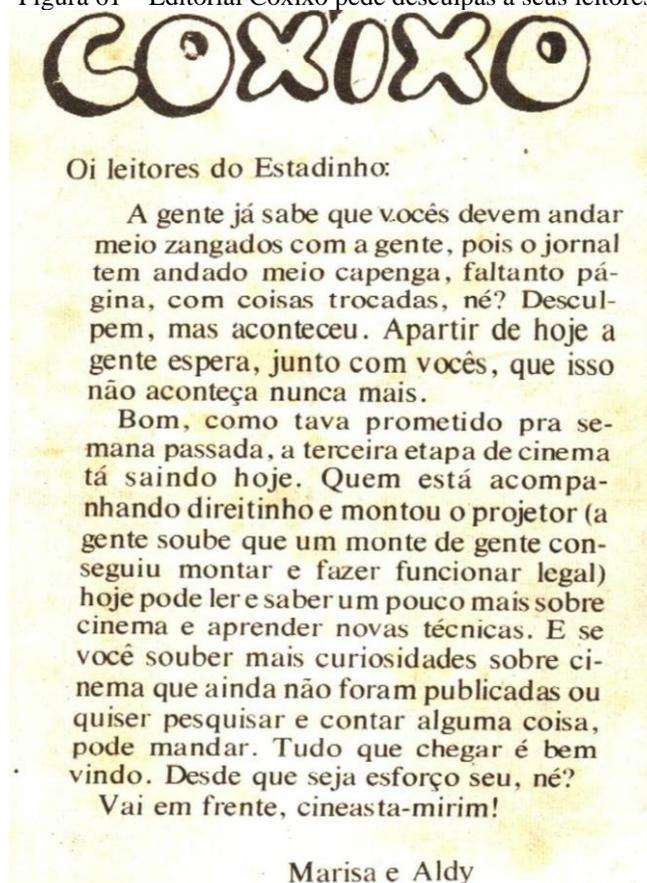
A equipe de colaboradores, vinculada à escola e à universidade, também recebeu reforço de outro quadro profissional. Estudantes de jornalismo ligados à cena cultural da cidade de Florianópolis contribuíram com suplemento infantil, sobretudo a partir do ano de 1984. Nomes de visibilidade nacional hoje, como o artista plástico Elias Andrade (índio), a atriz e diretora de teatro Marisa Napolini e o publicitário Fábio Veiga, este último manteve-se até o desaparecimento de *O Estadinho*.

A produção de *O Estadinho*, ligada a uma equipe específica, mas com várias especialidades, sem subordinação direta ao jornal *O Estado*, aliado a um momento de abertura política (MIRANDA da SILVA, 2014) e de visibilidade à infância (o próprio

Pró-Criança atesta para essa sensibilidade), também interferiu no jeito de fazer o suplemento. Os editoriais que após o ano de 1985 passam a constar em todas as edições analisadas, ajudam a perceber que nesse momento há de modo mais claro um projeto editorial, que visava dialogar com seus leitores. A criança passa a ser mais solicitada a participar na feitura do suplemento (com sugestões de pautas, envios de histórias, receitas, passatempos, reportagens), suas opiniões são consideradas e respeitadas.

A linha editorial mostrava uma preocupação recorrente em produzir um material para crianças sem infantilizá-las, como destaca o editorial de 27 de outubro de 1985, e mais, reconhecendo-as como capazes de opinar, de se inteirar de assuntos políticos e de participar do suplemento como colaboradoras.

Figura 61 – Editorial Coxixo pede desculpas a seus leitores



Fonte: O Estadinho (27/10/1985, p. 2) – Acervo da autora

E mais, diversão e tratamento respeitoso, sem apartar a criança do mundo em que vive, certamente fizeram com que muitas crianças se identificassem com o suplemento. Assim, a coluna “Coxixo” é um bom exemplo de respeito ao leitor. Essa seção, presente a partir de 1985 na página dois do jornal, informava ao leitor acerca de seu conteúdo e de alguma eventual alteração, além de perguntar ao leitor sobre alguma

matéria da edição passada. Também lembrava datas de concursos. Como exemplo, o texto, de 27 de outubro de 1985, inicia o diálogo com o leitor apontando uma falha na edição passada e reconhecendo que o leitor tinha todo o direito de ficar chateado com isso, como mostra a figura acima.

“Coxixo” permanece no suplemento até meados de 1986, quando começa a circular como editorial a seção Bate Boca, em moldes semelhantes ao Coxixo. Nessa nova seção permanece o intuito de valorizar os leitores e torná-los cada vez mais participantes. Na edição de 7 de dezembro de 1986, dois aspectos relativos ao suplemento chamam a atenção, o primeiro evidencia que o material produzido para crianças é lido também por adultos que enviam matérias e histórias para serem publicadas em *O Estadinho*; o segundo que se tem leitores na Argentina, país vizinho ao Brasil. Ambos fatores nos remetem a questões relativas à circulação. A primeira nos convoca a pensar que se é lido por adultos, seja pela publicação de fotos de crianças, pelo interesse em participar na escrita de alguma história ou mesmo por meio de cartas agradecendo o material impresso, há uma possível circulação de *O Estadinho* em ambientes de trabalho, locais sociais, escolas. O que em certa medida dá a conhecer um material para crianças, ao mesmo tempo em que provoca uma sensibilidade para a infância e o que faz parte dela. Assim, a circulação entre estados e países permite que se conheça costumes, hábitos, preferências, valores relacionados à cultura e à especificidade da infância em determinados locais, também de certo modo, evidenciando, no caso de *O Estadinho* um tratamento que contemplava “[...] el niño como un ciudadano y no como un ser bajito, encorvado por el peso de su cartera.” (ABRIL, 8/4/1989, Entrevista). Paco Abril, o responsável pelo periódico semanal infantil espanhol, *La Oreja Verde*, contribui para a disseminação de uma infância que, além de participativa, deveria, antes de tudo, ser escutada. Em troca disso, seu periódico, apesar de estar voltado às crianças, não deixava de se relacionar com os adultos, já que aquele impresso ajudaria aos adultos a conhecerem as crianças, como contou o editor de *La Oreja verde* em entrevista a Eduardo Garcia:

- Una vez conocí a un hombre que la tenía, y que se enteraba de todo lo que decían los niños. Sería aconsejable que en este país hubiera más “orejas verdes”, y hasta se rumorea que va a ser uno de los requisitos para ingresar en las escuelas de Magisterio. Hay incapacidad para escuchar a los niños, y no todo son problemas de cera y poca limpieza. Para muchos adultos cerrar las puertas de su niñez es hacerlo de forma definitiva.

Garcia complementa: “Por eso, para promocionar las orejas coloreadas, el suplemento infantil de Paco Abril en este periódico será para todos los públicos, para

niños de cero a cien años y para los que gusten de sorpresas.” (GARCIA, 1989, Entrevista).

*O Estadinho* embarcou nessa ideia e, por vezes, mencionou a falta de atenção e de credibilidade dada às crianças por parte de alguns adultos, chegando a publicar na edição de 24 de abril de 1986 que aquele suplemento era “[...] proibido para adultos que não entendem o que crianças sentem” (O ESTADINHO, 1986, p. 1). No texto produzido em quadrinhos foram ressaltadas as atitudes das crianças, pouco compreendidas pelos adultos, por exemplo, fazer desenhos não obedecendo a padrões espaciais.

O editorial do infantil catarinense nessa segunda fase agiu como uma “oreja verde”, incentivando a participação de seus leitores, encorajando-os a realizar experiências com o cinema e a fotografia, tratando de assuntos ditos como de adultos.

Uma sensibilidade perceptível também no suplemento infantil da *Folha de São Paulo*, que tratou de abordar a eleição indireta para presidente, matéria de 13 de janeiro de 1985.

Figura 62 – Matéria explicando como acontecerá o processo eleitoral de 1985

**Terça-feira, um novo presidente**

Reúne-se nesta terça-feira, em Brasília, o Colégio Eleitoral que, como você deve saber, elegerá o novo presidente da República. O sistema de eleição é o voto indireto e esses assuntos — Colégio e voto indireto — povoam nas páginas dos jornais de todo o País desde o ano passado. Não é por menos: o sistema de governo do nosso País é todo centralizado na pessoa do presidente da República e suas decisões é que determinam muito da vida dos brasileiros.

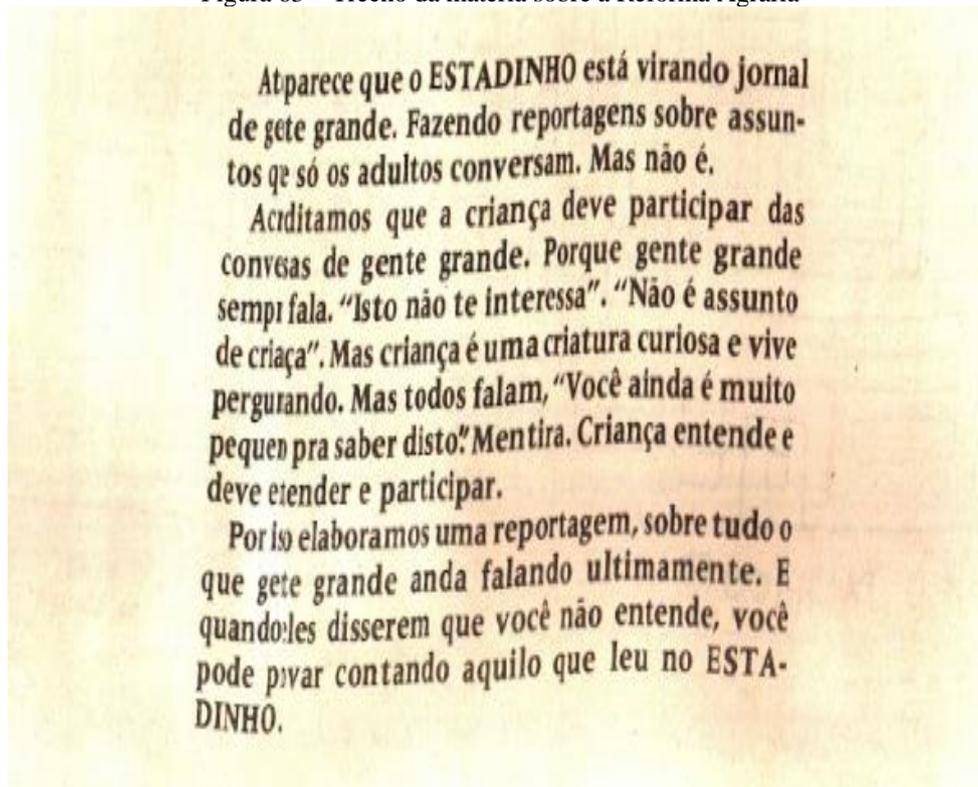
Bom, aqui vão algumas informações sobre como funciona esse Colégio: ele é formado por 686 pessoas que votam indiretamente em nome dos quase 60 milhões de brasileiros que poderiam escolher diretamente seu governante. Os 686 delegados são: 479 deputados federais, 69 senadores e 138 delegados estaduais (cada Estado indica seis delegados). Eles vão votar no ex-governador mineiro, Tancredo Neves, ou no deputado paulista Paulo Salim Maluf, que são os candidatos indicados desde agosto passado pelos partidos políticos. O deputado Paulo Maluf (que segundo os especialistas não vai ganhar a eleição) foi indicado pelo PDS, Partido Democrático Social. O ex-governador Tancredo Neves, indicado pelo seu partido, filiado ao PMDB, Partido do Movimento Democrático Brasileiro, foi indicado por esse partido e por políticos de outros partidos que se associaram num grupo chamado Aliança Democrática.

Dos 686 delegados do Colégio não se exige fidelidade partidária, isto é, cada um poderá votar como decidir, sem precisar apoiar o candidato.

Fonte: Folhinha de São Paulo (13/1/1985, p. 3) – Acervo on-line da *Folha de São Paulo*

“A tal Constituinte, a fulana Reforma Agrária, e o senhor Pacote Econômico” (O ESTADINHO, 23/3/1986, p. 2) estamparam com destaque o infantil de Santa Catarina, dando um recado muito importante a seus leitores: “Criança entende e deve entender e participar.” (O ESTADINHO, 1986, p. 4).

Figura 63 – Trecho da matéria sobre a Reforma Agrária



Fonte: O Estadinho (23/3/1986, p.5) – Acervo da autora

O desejo em informar as crianças, sem apartá-las do mundo real, foi percebido pela pesquisadora Laís Vieira, que destacou em seu estudo sobre o suplemento que

O Estadinho se dedicou a criar entretenimento para as crianças de forma bem singela. Suas publicações falavam sobre o cotidiano e sobre assuntos que faziam sentido para as crianças por fazerem parte da realidade delas, e com tal seriedade que as colocavam numa posição de igualdade aos adultos, salvo pelas peculiaridades desta etapa da vida. Os editores de O Estadinho durante esse período consideravam que as crianças são sujeitos de direitos, com capacidade suficiente para exercer cidadania e com voz para se expressar e interagir com o meio em que vivem. Sendo assim, a negação disso faz válida qualquer crítica a uma possível opressão sofrida pelas crianças. (VIEIRA, 2014, p. 30).

Outro objetivo que costumava constar nos editoriais era ouvir seus leitores, prestar atenção neles, tanto é que muitas sugestões, histórias e críticas foram respondidas no impresso. O que mostrava que em suas páginas a valorização de uma infância letrada, mas que pudesse, além da habilidade escrita, expor seus sentimentos, suas dúvidas, seus desejos. Repartindo com os adultos aquele universo infantil que apesar de ter suas especificidades não estava apartado do mundo.

A partir de 1986, a seção "Coxixo" passou a ser denominada "Bate boca", mantendo o mesmo propósito e persistindo no jornal até a última edição desse acervo. A mudança ocorreu no momento em que Fábio Brüggemann assumiu a edição do jornal,

até então de responsabilidade de Marisa Napolini e Aldy Maingue. Fábio Brüggemann já colaborava no *O Estadinho* como *freelance*, e quando assumiu a edição pretendeu deixá-lo mais parecido com a *Folhinha de São Paulo*. E isso realmente aconteceu, pois algumas colunas apresentavam inclusive o mesmo *layout*, como a seção Cartas. As seções destinadas às colaborações de leitores e a própria interação com a escola são indícios desse “bricoleur” (CERTEAU, 1996).

O trabalho iniciado por Marisa, Aldy e o próprio Fábio Brüggemann, a partir de 1984, não foi apagado. As seções mudaram de nome, mas conservaram – em boa medida – seus propósitos, como o próprio editorial, as seções destinadas à correspondência dos leitores e outras colunas que convidavam os leitores a colaborarem com a publicação.

Os últimos anos do suplemento infantil podem ser caracterizados por uma interação maior com o leitor, interação que se dá quase sempre mediada pelo editorial de *O Estadinho*. A presença constante de uma seção que introduz o leitor no conteúdo que irá encontrar, permitindo uma leitura mais livre e de certa forma mais dinâmica, reconhecendo que nem todo o conteúdo pode interessar aos leitores e que é possível escolher o que ler demonstra respeito aos leitores, mas, sobretudo, conhecimento das possíveis maneiras de ler um jornal.

É também neste momento que editores e colaboradores fazem do editorial um espaço de convite à participação de leitores, sejam crianças ou adultos. Traços de uma compreensão acerca do leitor mais abrangente que uma fase da vida, pois em se tratando de um material literário,

[...] nadie tiene derecho a decir que es literatura infantil, sino literatura a secas, tan buena para los mayores como para los niños...; de la misma manera que la naturaleza no ha hecho colinas para que gusten a los niños y montañas elevadas para placer de los mayores, sino que unas y otras están ahí para dificultad y gusto de todos, de la misma manera la literatura es una, con sus numerosas variantes, para quien la quiera, la sepa y la pueda recibir. (CARANDELL, 1977 *apud* GIL 1978, p. 20).

Essa participação agora já não se limitava a concursos ou envio de desenhos, convertia-se tanto em um instrumento para “pauta”, como também em poder dizer algo aos editores sobre o próprio suplemento, por meio de sugestões, ideias de reportagens, reclamações, etc. Como se percebe no edital de 20 de abril de 1986, em que a pauta se dá em parte pelas críticas de algumas professoras.

Outro dia nós prometemos que falaríamos da nossa língua, pois chegou a ver. Afinal, porque é tão difícil aprender o Português? Porque a gente escreve de

um jeito e fala de outro completamente diferente? Tudo isso começou com o nosso Coxixo, lembram? Algumas professoras estavam reclamando do ESTADINHO porque ele estava “ensinando” as crianças escreverem “errado”. Nós explicamos já, porque escrevemos coxixo com “X” e não com “CH” como diz o dicionário. Hoje a professora Isolde da Universidade Federal de Santa Catarina vai falar, na página do meio, sobre estas coisas. Ela é professora de linguística. Linguística é o estudo da língua e as suas “armadilhas”. Ainda por cima tem alguns professores que não respeitam os alunos, querendo impor a eles, uma linguagem que não estão acostumados. Por exemplo, quem mora no interior fala meio diferente de quem mora na cidade. Porque? E tem mais, por exemplo, existem regras na nossa língua portuguesa que são desnecessárias. A regra diz que existem várias maneiras de escrever a palavra “porque”. Quando é pra perguntar, deve ser separado, “por quê”, quando é pra responder se escreve junto e sem acento. “Porque tudo isso?”. Neste texto eu já fiz várias perguntas com a palavra “porque”, mas fiz tudo de uma maneira só. Vocês entenderam? Então é isso que importa. Mas deixaremos pra professora Isolde falar sobre tudo isto. E gostaríamos de saber de vocês, o que acham disso tudo. Escrevam pra cá. Quem sabe O ESTADINHO não comece sendo um bom lugar pras crianças começarem a escrever da maneira que elas achem mais certo. O importante é comunicar. Escrevam. (O ESTADINHO, 20/4/1986, p. 2).

Um tema que tanto interessava a adultos como a crianças, dada não só a dificuldade, como expressa o editorial, mas a curiosidade em saber como vão se formando as palavras, suas origens e essas peculiaridades que em parte são atribuídas às regionalidades de um país tão grande territorialmente. Esse tom investigativo e, ao mesmo tempo desmistificador, ganha maior proporção nessa segunda fase, vestígios de que o impresso infantil catarinense cabia em mãos de todos os tamanhos.

Essa nova fase para o jornal infantil veio acompanhada de mudanças que foram da capa, passando pelo editorial e linguagem, reverberando em quatro aspectos fundamentais: conteúdos, forma, linguagem e seções.

Os conteúdos passaram a ter mais relação com o universo infantil, porém, também, dialogavam com as questões políticas e econômicas, sem fazer distinção entre o que seria assunto de adulto e de criança. Os leitores opinavam sobre seus desejos e o que gostariam de ver publicado no jornal, eles contribuía com a pauta. Não se tratava apenas de escrever histórias ou fazer desenhos para o jornal, mas passou a ser importante dizer o que se pensava sobre ele.

A inserção de cores, o *design* gráfico e o aproveitamento das páginas deixam **O Estadinho** mais atraente. As letras aparecem em diferentes formatos e em tamanhos maiores. Os textos não são tão grandes e a presença de figuras é maior, assim como as seções também crescem, mas, ao contrário da fase anterior, os textos mantêm-se mais regulares.

A linguagem tornou-se menos rebuscada, há gírias como: “sacou”, “tô numa

legal”, “transado”; e palavras bastante usadas na linguagem mais coloquial, além de termos típicos não só da cultura açoriana, mas expressões gauchescas como o “bah”, “gurizada” e o “tri-legal”, misturavam-se a palavras como “tabefe”, “rapaziada”, “miúdo”, “tacar”, “tadinha”, “ajuntar”, valorizando as especificidades da região onde o jornal era editado, sem deixar de dialogar com outras culturas que penetravam na capital catarinense.

Foi uma fase curta, se comparada em número de anos com a primeira fase, porém marcada por outra forma de comunicação com pequenos e grandes leitores, ainda que mantendo algumas seções da fase anterior. Tratava-se de uma mudança referente ao projeto *O Estadinho*. Nas entrevistas de Valente (2013) e de Brüggemann (2013), está sinalizada a falta de um projeto – ao menos nos primeiros anos – que desse ao suplemento infantil certa regularidade e representatividade para as crianças, algo que, a partir de 1984, seus editores tentaram buscar. E as semelhanças encontradas nesse período entre o suplemento a *Folhinha* de São Paulo e *O Estadinho*, sobretudo nas seções que incitam a participação de seus leitores, são indícios relevantes dessa mudança editorial.

Pode-se dizer que nesses últimos anos um misto de ficção e realidade povoou o imaginário infantil, porém, sem infantilizar a criança. As matérias eram assinadas por seus criadores e não por seus personagens, e essa foi uma política que se manteve firme no jornal: matérias assinadas. Assim, também todas as 87 edições, de 1984 a 1987, publicaram – sempre na página 2 do jornal – os responsáveis por sua confecção. Em duas edições no referido período, além dos nomes, o jornal infantil mostrou a foto de seus editores e colaboradores – “Nós fazemos o jornalzinho que você lê” (em 23 de dezembro de 1985), e “Alô Mamãe!!! A turma d’*O Estadinho* manda um beijão pra elas” (em 10 de maio de 1987) – dando mostras à criançada de que, diferentemente de personagens de desenho animado ou gibis, *O Estadinho* era produzido por adultos e também crianças.

Nessa segunda fase do jornal, a proposta passa a girar em torno da formação de leitores e escritores, prova disso são os mecanismos criados pelos editores, como: solicitação de pauta, diálogo na seção Cartas - convertidas, de certa maneira, em um “instrumento para expor experiências.” (ROCHA, 2004, p. 117) -, incentivo a quaisquer tipos de participação, podendo ser desenho, história, brincadeiras, até mesmo receitas de guloseimas. De um modo geral, as crianças eram convidadas a participar e seus trabalhos compunham diversas seções do jornal, entretanto, o que de certa forma mais

se destacava era a comunicação com seus leitores. Transitando entre uma proposta de “ocupação” de tempo para crianças e uma visão mais crítica, participativa, o infantil catarinense provocou o diálogo com seus leitores e deu a conhecer, por suas páginas, uma infância ainda relacionada à escolarização, ao consumo, porém, valorizando as crianças em suas produções, em seus desejos e compreendendo-as como capazes de entender os assuntos de “gente grande”, pois da vida em sociedade, participam também as crianças.

#### 4.2 LEITORES COLABORADORES DE TODAS AS IDADES

A primeira comunicação com o suplemento, certamente, não foi pela escrita. Os olhos foram sem dúvida (salvo os casos de falta de visão) os primeiros a estabelecerem com *O Estadinho* alguma relação. Ler, pintar, desenhar, caçar as palavras da seção Divertimentos eram ações que permitiam uma interação direta com o suplemento, que, pouco a pouco, foi cedendo as páginas de seu impresso para publicação de criações de seus leitores.

De concurso de desenhos, passando por redações e pequenos textos homenageando soldados, aviadores e jornalistas, comuns nos primeiros anos do suplemento, *O Estadinho* a partir de 1984 passa a investir em outras formas de interação com seus leitores. Seções inteiras dedicadas à participação de leitores, matérias construídas integralmente por “repórteres mirins” e uma seção quase que aberta de troca de correspondências entre o suplemento e aqueles que, do uso de suas habilidades escritas, comunicaram-se com o infantil catarinense.

Meninas, meninos, mulheres, homens que se deixaram conhecer – ainda que por meio de uma frase, de uma história ou de um desenho – em um impresso, num momento da história em que a comunicação por carta (possivelmente o principal meio de diálogo entre leitores e *O Estadinho*) era corriqueira, usual, e que ler um jornal passava pelo ato, muitas vezes, de molhar com a própria saliva o dedo indicador e assim virar suas páginas. Singularidades de um tempo, guardadas em páginas amareladas, que nos ajudam a identificar e a compreender as infâncias, a mapear seus leitores, a entender seus mecanismos de comunicação, mas, principalmente, nos ajudam a exercer o ato de inventariar uma história.

E foi por meio de cartas que muitos leitores deixaram um pouco de si no suplemento que se destinava às crianças, sem deixar de lado outros leitores mais

“crescidinhos”, mostrando seus gostos, fazendo suas solicitações, criticando *O Estadinho*, evidenciando as multiplicidades de intenções que carregam uma missiva. Intenções que deixam à mostra relações escolares, presentes nos protocolos de escrita (SIERRA BLAS, 2009) e, também, suas singularidades, uma vez que a escrita nesse molde dá a conhecer o jeito de ser e de estar no mundo de quem escreve (MEDEIROS, 2014). Um jeito de ser articulado a uma realidade que, por meio da carta, “[...] é construída, pensada e dada a ler.” (CHARTIER, 1990, p. 16-17). Rocha (2004, p. 119) ressalta que para além de conhecer um pouco de quem escreve e seus contextos de escrita, as cartas também dão a ver uma imagem de quem as recebe, “[...] pois a carta pode ser concebida como produto da interação entre o autor e o destinatário”.

As cartas estiveram presentes na primeira fase do impresso catarinense, mas foi a partir dos anos de 1984 que esse modo de comunicação passou a ser mais frequente. *O Estadinho* ampliava seu conteúdo, assim como também o fizeram impressos como o espanhol *El Acordeon*, em 1976: “[...] que es un tebeo, recreativo, pero con intención de abrirse paso a la comunicación y dar participación a los lectores.” (PUYUELO, 1978, p. 105). Dando mostras de uma circulação de ideias acerca da infância, com certa projeção à criança com capacidades para interferir no mundo em que vive.

Tanto a *Folhinha* de São Paulo, quanto *O Estadinho* ajudaram, por meio da publicação de cartas ou de fragmentos de cartas de seus leitores, a projetar uma representação de infância crítica, com capacidade para se expressar e participar ativamente na sociedade, ainda que a representação de uma infância escolarizada e consumidora continuasse a existir. Esse esforço pautava-se também em um reconhecimento daquilo que os adultos pouco valorizavam nas crianças: seu potencial expressivo e participativo. No editorial de 19 de outubro de 1986, a nota escrita por Fábio Brüggemann e Clóvis Medeiros ressalta atenção dos editores a solicitações de duas leitoras.

Esta página mudou um pouco a pedido de Carina Costa Mência, 12 anos, que pediu mais poesias. E também a Clarissa que escreveu dizendo que o jornal tinha muitas letrinhas e precisava ter mais joguinhos. Então foi o que fizemos. (O ESTADINHO, 1986, p. 2).

Pedidos diversos ocupavam as páginas destinadas à correspondência entre leitores e suplementos, demandas tratadas com seriedade e valorizando o desejo de quem as escrevia, ainda que pudesse parecer um sonho inalcançável, a exemplo da carta da menina Ana Maria Mência, publicada em 22 de fevereiro de 1987.

Estou convidando a turma para fazer um conjunto que canta em festa de criança. considero minha voz boa. Precisamos do conjunto instrumental e quem os toque. Os cantores serão selecionados por uma equipe organizadora. Espero que O ESTADINHO e O ESTADO colaborem. Precisamos de uma empresária ou empresário. Meu nome é Ana Maria Mência, 12 anos e uma voz ótima para cantar. É um grande sonho meu. Rua Capitão Bruno Lima, no. 111. Florianópolis /SC. (O ESTADINHO, 1987, p. 2).

Na resposta à missiva, *O Estadinho* encorajava a menina a perseguir seus sonhos, dando credibilidade a um desejo infantil, mostrando que o suplemento não estava alheio às manifestações de seus leitores.

O que podemos fazer é dizer para todo mundo que você tem esse sonho. De repente algum empresário ou algumas crianças que já toquem algum instrumento leiam O Estadinho e queiram colaborar. Esperamos que isso aconteça. O seu sonho é legal e vá em frente. Continue cantando sempre. Um beijão e boa sorte. (O ESTADINHO, 1987, p. 2).

Mesmo que a carta tenha sido escrita com incentivo e ajuda de algum adulto, sua publicação e a resposta do suplemento apontam para vestígios importantes sobre um reconhecimento a essa infância participativa, irreverente, sem tratar com desinteresse ou como algo “impossível” um sonho de criança. Dessa forma, as outras seções que foram ampliando o espaço para a produção infantil também dão pistas para essa sensibilidade em torno da criança, sobretudo a partir da década de 1980, tanto em *O Estadinho*, quanto em outros impressos fora do Estado e do Brasil. Prova disso pode ser percebida no suplemento a *Folhinha* de São Paulo, que, por meio de seu impresso, estabeleceu uma comunicação entre seus leitores e a cidade de São Paulo, emprestando suas páginas para expor textos infantis sobre a capital paulistana.

Por ocasião do aniversário de São Paulo, em 25 de janeiro, os editores pediram para que seus leitores escrevam ou desenhem algo sobre a cidade aniversariante ou sobre o município onde nasceram.

Figura 64 – Foto de chamada para colaboração de leitores do suplemento Folhinha

**Participem**  
**São Paulo**

No próximo dia 25 a cidade de São Paulo completará seu 431º ano de vida. Se você é paulistano, escreva ou desenhe algo sobre sua cidade. Se não nasceu aqui, escreva (ou desenhe) também, falando de sua cidade para todos os leitores. O Rio, por exemplo, fez anos dia 20 e Santos fará amanhã. Vamos editar uma página inteira sobre os lugares onde vivem e onde moram nossos leitores.

Nome: .....

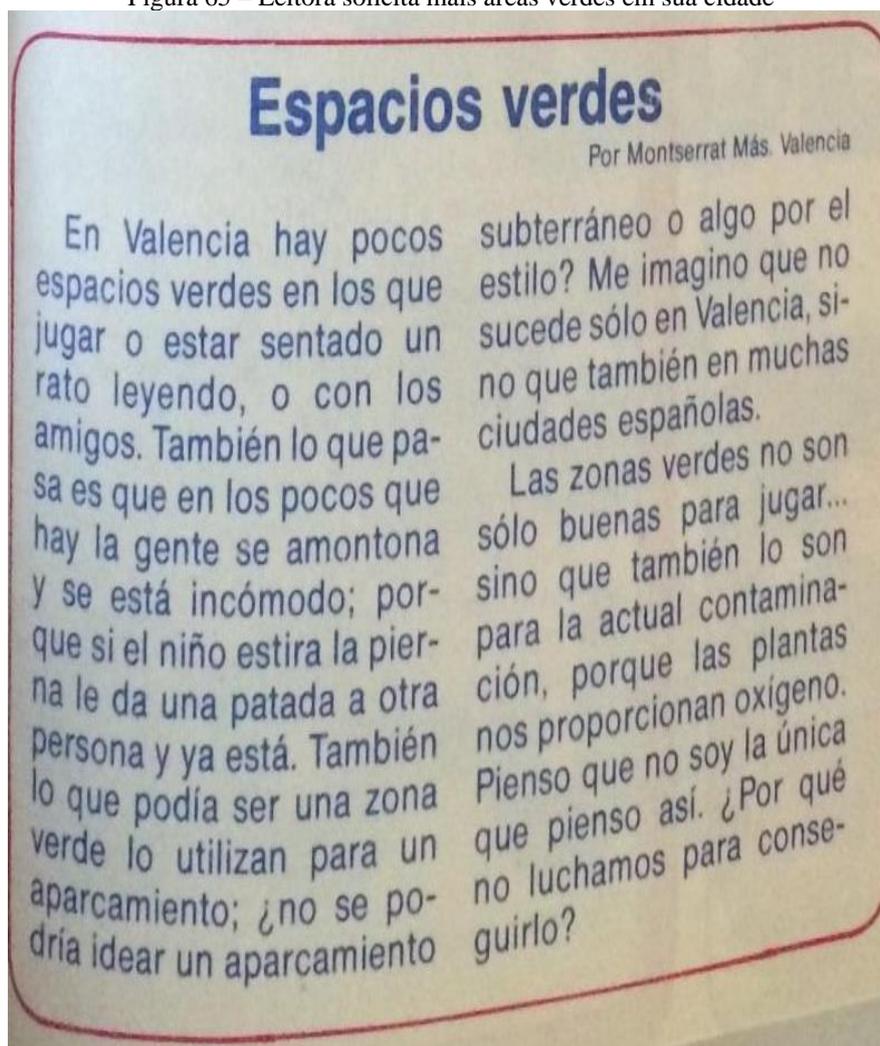
Endereço: ..... CEP: ..... Cidade: ..... Estado: .....

Telefone: ..... série: ..... grau: .....

Fonte: Folhinha (27/1/1985) – Acervo online da Folha de São Paulo.

Ainda no mesmo ano, porém agora restrito a São Paulo, o suplemento paulista promoveu um curso de desenho entre seus leitores, cujo objetivo foi retratar como a cidade deveria ficar nas férias de julho. Tal atividade, além de conceder espaço às criações infantis, reconhecia a criança como cidadão, pois permitia que ela expressasse sua relação com o local em que vivia, projetando seus desejos, seus desgostos e sua representação de cidade. Por meio de concurso, como os criados pela *Folhinha*, ou mesmo pelas constantes solicitações de pauta publicadas nos editoriais de *O Estadinho*, os suplementos aqui e acolá atestam para um reconhecimento da criança como um ator social, como um “sujeito de direitos”, ainda que somente no século seguinte esse termo tenha alcançado no Brasil uma abrangência quase que banal. Na Espanha, por meio de seções específicas, o suplemento *Mini-Ya* dedicava-se a expor sugestões ou queixas de seus leitores, já outro impresso infantil espanhol, *El Cambalache*, por meio de reportagens de leitores infantis, dava visibilidade a expressões literárias que, além de mostrar uma apropriação dos códigos da escrita, mostrava a relação entre as crianças e as cidades. A reportagem de Montserrat Más, publicada em maio de 1977, na seção *Nuestros Reporteros*, questionando os espaços de lazer na cidade de Valencia, é um exemplo dessa relação que o suplemento frequentemente apresentava a seus leitores.

Figura 65 – Leitora solicita mais áreas verdes em sua cidade



Fonte: El Cambalache (junho 1977, p. 11) – Acervo da autora

Mais do que proporcionar visibilidade aos textos de seus leitores, esse tipo de iniciativa de alguns periódicos infantis colocava as crianças em contato com elementos da cultura escrita e da leitura, provavelmente, também fora do espaço escolar. Isso porque tais materiais não eram classificados como didáticos (embora pudessem circular nas escolas) e tampouco pertenciam à escola, que historicamente se configurou como o local social destinado à apropriação tanto das aprendizagens voltadas para a leitura, quanto à escrita (FINOCCHIO, 2014). Dessa forma, há uma ampliação dos conteúdos escolares, para além do universo das salas de aulas, levando em consideração as subjetividades e a forma de escrita mais livre, solta, e o uso de uma linguagem coloquial (FINOCCHIO, 2014). Outro ponto a destacar é a valorização e o reconhecimento do que as crianças têm a dizer, do que elas podem e têm potencial para escrever em jornais, porém, para isso, é preciso certo empenho, como destaca o próprio *El Cambalache*:

El periódico lo estáis haciendo vosotros, con nosotros. Nosotros ponemos los medios y vosotros ponéis las ideas, más o menos. Y resulta que entre las cartas que hemos recibido desde que empezamos las hay mejores y peores. Pero hoy cambiamos. Publicaremos las mejores cosas que nos llegem, que son muchas. No podemos publicar noticias o reportajes que han sido copiados de los periódicos. Ni tampoco las descripciones de ciudades o países "fusiladas" de catálogos de turismo o de libros de estudio. Nuestro periódico cada vez ha de ser mejor y para ello contamos con vuestro trabajo en serio. Sabemos que en cada pueblo, en cada ciudad, hay sucesos y personas que pueden ser noticia interesante. Pero hay que buscar y trabajar. (EL CAMBALACHE, 11/1976, p. 1).

Na Espanha, na grande metrópole brasileira e em Florianópolis, ecos de uma nova sensibilidade penetravam nos impressos. A infância marginalizada seguia nas páginas policiais, a infância assistida nos eventos filantrópicos e a infância crítica, participativa, vai ganhando, nos suplementos infantis, espaço, não a ponto de eclipsar a infância escolarizada, mas dando pistas de que era o momento das crianças, de escutá-las, entendê-las, compreendê-las, enfim, de fazer algo para elas, como convoca a capa da edição de 2 de março de 1986, sobretudo quando enfatiza:

Outro dia Marcia quis ganhar um ferrorama, mas o pai disse que ferrorama é brinquedo de menino. Mas ela também gosta de ferrorama. Depois quis comer um pedaço de bolo que estava na geladeira e um copo de suco e a mãe diz que estava guardando pra quando chegasse visita. Pode a gente ficar com vontade e estar com fome de bolo e não poder comer? (O ESTADINHO, 2/3/1986).

A irregularidade nos números das edições que compõem o acervo, ainda que seja um risco para a pesquisa e possa levar a equívocos, não deixa de ser um indício que auxilia a compreender as representações de infância impressas no suplemento, uma vez que esses indícios não são tomados como verdades absolutas, mas como caminhos para que se possa inventariar uma história das infâncias nas páginas de *O Estadinho*.

Outros elementos que ajudam a perceber essa mudança no foco do suplemento se relacionam às aparições por meio de fotos. Nessa segunda fase, as crianças estamparam algumas páginas do suplemento, entretanto, o que interessava nessas “aparições” não era a criança em si, ou a exibição da imagem, a fim de evidenciar certa distinção, mas o contexto em que estavam envolvidas, onde geralmente deixavam um pouco de si.

Figura 66 – Capa em que aparece uma criança surfando, matéria em destaque



Fonte: O Estadinho (18/2/1987, p 1) – Acervo da autora

Embora continuasse a publicação de fotos de crianças, era possível distinguir a criança representada nos espaço de “coluna social”, chamados nessa segunda fase de “olha o passarinho”, da criança que aparecia em matérias de esporte, por exemplo. Na capa surgiam, não raras vezes, desenhos de leitores e colaboradores do suplemento. Um destaque significativo em relação à fase anterior, quando a capa foi representada por desenhos da Turma da Mônica e também rostos de crianças, que em grande parte estavam ali, supõe-se, para satisfazer o desejo dos pais.

Os quadrinhos da Turma da Mônica passaram a dividir o espaço do suplemento com outros quadrinhos, desenhados e escritos pelos colaboradores do suplemento e, também, criados por leitores do jornal infantil. As tirinhas mais frequentes e que estiveram presentes nessa segunda fase do suplemento foram: ‘Cabelo e Pepeco’; ‘Digo’ e; os quadrinhos de Frank, como ‘Jocamundongo’, ‘Giane Celofane’, ‘Duca’ e o ‘Sapinho Serafim’, todos criados pela equipe de colaboradores de *O Estadinho*.

Além das histórias de Frank, das tirinhas escritas por Clóvis Araújo e Fábio Brüggemann e das humoradas aventuras criadas por Aldy Maingue e Mauro Faccioni, outras histórias em quadrinhos ganharam as páginas do suplemento, eventualmente escritas por colaboradores *freelance*<sup>76</sup>, simpatizantes do projeto e leitores. Mais de 20 “cartunistas”, entre profissionais e crianças leitoras de *O Estadinho* contribuíram com diversos quadrinhos nos 87 suplementos observados.

O artista plástico Elias Andrade – conhecido como Índio – foi um desses colaboradores, ele ilustrou durante meses muitos suplementos com as tirinhas do personagem ‘Índio’, que problematizava em suas histórias questões relativas ao meio ambiente, à natureza e aos hábitos de vida do homem. Elias, nativo de Sambaqui, atuante na cena cultural da ilha, tinha como objetivo mostrar ao pequeno leitor que a natureza precisava ser preservada, cuidada.

Figura 67 – Foto do quadrinho ‘Índio’



Fonte: O Estadinho (23/12/1985) – Acervo da autora risa Napolini (23/12/1985)

Assim, como Elias, leitores de várias idades (em grande parte, entre sete e 14 anos), meninos, meninas, residentes em diferentes cidades catarinenses, reconhecidos por sua criatividade e desejo de se comunicar com o jornal infantil, tiveram seus desenhos e histórias publicadas. Em alguns casos, problematizando questões da vida em sociedade. Como a tirinha de Dedé, cujo nome não foi possível identificar, publicada em 4 de agosto de 1985.

<sup>76</sup> Profissional autônomo, sem vínculo institucional com *O Estado* ou *O Estadinho*.

Figura 68 – Tirinhas do personagem Dedé



Fonte: O Estadinho (4/8/1985, p. 4) – Acervo da autora

Um poema sobre o Presidente do país, de autoria de Raquel Paganelli, foi publicado em dia 14 de abril de 1985. Junto ao texto, que se referia ao estado de saúde do então presidente Tancredo Neves, informações como a série cursada pela menina, o nome da professora e do Colégio são destacados, vestígios que fazem com que se pense numa produção em ambiente escolar e orientada pelo adulto, nesse caso, a professora. Dados que mostram a convivência entre textos infantis, cuja escrita segue uma orientação mais escolarizada, com narrativas mais criativas, sem deixar de dialogar com questões sociais.

Se eu fosse Presidente  
 Se eu fosse o excelente  
 Presidente Sr. Tancredo  
 Na situação que ele está  
 Teria eu muito medo  
 Alegria Presidente  
 Tem fé no bom Jesus  
 Pelo menos se morreres  
 Não serás preso na cruz  
 A bela quadrinha acima  
 Pensaria eu comigo  
 E com ela dormiria  
 Sem ter algum inimigo  
 Na sala de operação  
 Eu tranquilo dormiria  
 Depois do Doutor dar  
 A afiada anestesia. (O ESTADINHO, 1985, p. 2).

A redação de Fábio Corrêa de Andrade, de 12 anos, aluno de uma escola da capital catarinense, mostra uma preocupação com o meio ambiente, possivelmente assunto discutido em sala de aula. Embora faltem elementos para afirmar como a redação ganhou destaque no impresso catarinense, é possível inferir que a visibilidade ao escrito infantil faz ecoar certa sensibilidade ao pensamento infantil e consideração a

sua produção, haja vista, o espaço ocupado pelo texto de Fábio, publicado na capa de *O Estadinho*.

Figura 69 – Texto e desenho do menino Fábio, publicado na capa do suplemento

Florianópolis, 7 de julho de 1985 - Domingo de Inverno

## "A Poluição e os Seres Vivos"

Atualmente os homens estão destruindo a natureza com seus inventos técnicos e isso nós podemos chamar de poluição.

O homem cada vez mais, faz máquinas que destroem a natureza, aqui estão alguns exemplos: o trator derruba a mata, as indústrias jogam lixo na água, e as fabricas poluem o ar. O que o homem quer? Inventar mais coisas e poluir o ar ou parar com isso e viver sem poluição?

Isso é o que quase todo mundo diz.

Um exemplo do ar poluído é o de Cubatão em São Paulo. Esses homens nem ligam para o perigo que podemos correr. E o perigo para os seres vivos então? Ruca! O mundo seria melhor sem as máquinas, as indústrias e as fabricas.

**ERRA**



**CERTO**



Os seres vivos é que vivem a pior, sem as matas onde eles vão ficar. E os peixes então? As fabricas despejam lixo nos rios, e onde eles vão ficar? Existem praias em Santa Catarina que morrem milhares e milhares de peixes a cada ano.

Então homens? Ainda não se conscientizaram que a poluição destrói as matas e mata os seres vivos? Então vamos cooperar, né?

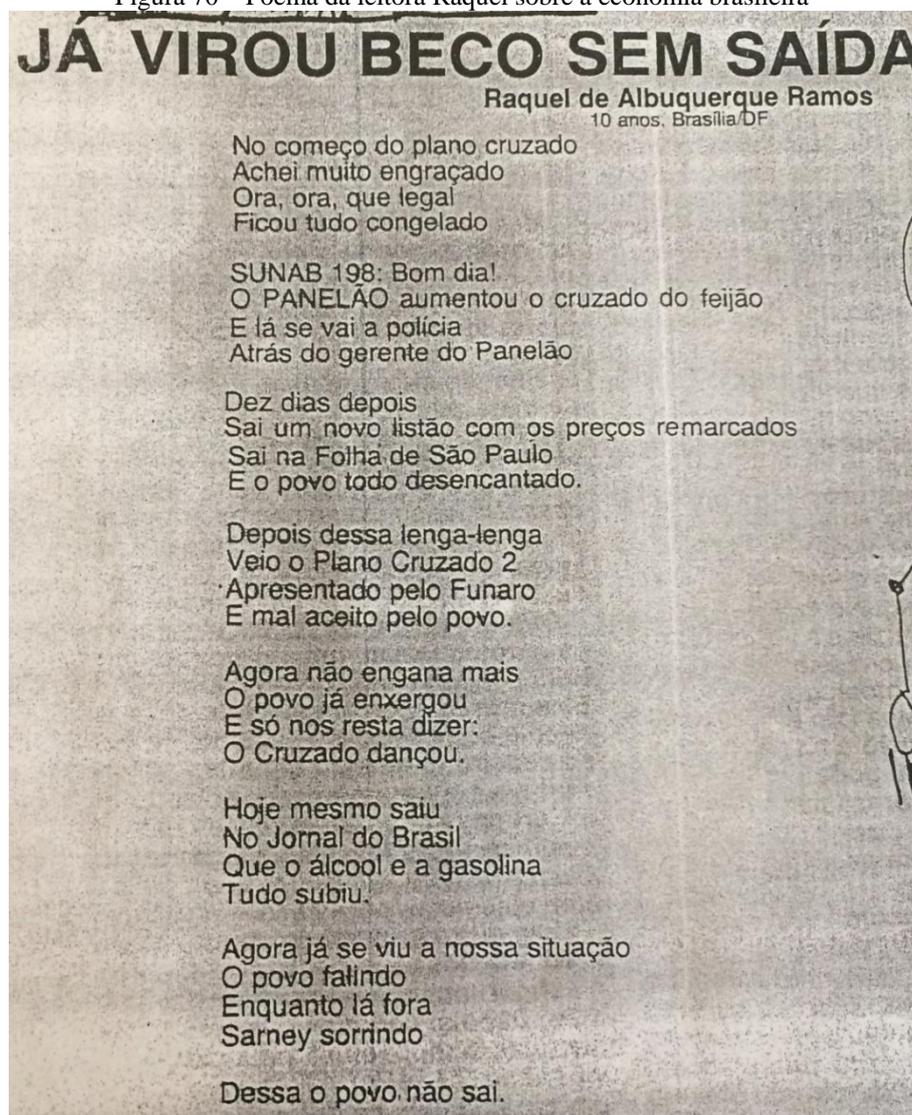
Minha opinião é de acabar com toda essa poluição.

Fábio Corrêa de Andrade - 12 anos  
Colégio Barddal

Fonte: O Estadinho (7/7/1985, p. 1) – Acervo da autora

A redação da menina Raquel Albuquerque Ramos também foi publicada no jornal. Fruto de um trabalho escolar, realizado na disciplina de Língua Portuguesa, mais do que uma relação com a escola é possível perceber traços de um capital cultural cujo acúmulo acontece já durante a infância (BOURDIEU, 1998), que certamente permitiram – ainda que no texto tenha a presença do adulto – a apropriação de assuntos classificados como “de gente grande”. Raquel, filha de jornalista e professor universitário, demonstrou em sua escrita certa intimidade com o tema, pois, pelo que consta em sua carta ao suplemento, foi escolhido por ela, já que a professora disse que para aquela tarefa o tema seria livre. Raquel trouxe à baila um assunto que circulava entre adultos, em jornais impressos, na TV e muito provavelmente na mesa de jantar de sua casa.

Figura 70 – Poema da leitora Raquel sobre a economia brasileira



Fonte: O Estadinho (28/6/1987, p. 6) – Acervo da autora

Entretanto, *O Estadinho* não deu chance apenas a publicações que estivessem ligadas a uma temática sugerida por seus editores, ou mesmo a textos críticos e que possivelmente tenham sido encaminhados por algum adulto, ou pela escola, já que provavelmente, assim como a *Folhinha*, a instituição escolar fazia-se presente. Textos curtos, de histórias simples e caligrafia não tão legível foram publicados diversas vezes, entretanto, nesses escritos, apenas informações como o nome do autor e a idade eram compartilhados. A prática de citar a escola estudada apresentava-se em maior quantidade em escritos relacionados a concursos, reportagens realizadas em ambiente escolar, ou textos supostamente enviados por professores. Assim sendo, pelas assinaturas de textos, em que se encontravam informações sobre a escola, nos editoriais que convidavam à leitura de matérias assinadas por professores e em reportagens realizadas em ambiente escolar, a presença dessas instituições educativas, de certa forma possibilitava uma “mão de obra” para o suplemento, mas também servia ao outro lado, como disse Maurício de Sousa sobre o êxito do suplemento paulista, na década de 1960:

Pouco tempo depois do lançamento, só crescia o número de colégios que estavam adotando informalmente a Folhinha como material paradidático. Os professores pediam às crianças que levassem na segunda-feira a Folhinha do domingo. Usavam os passatempos e as curiosidades como recurso pedagógico, um jeito fácil e gostoso de aprender. Aquilo não deixava de ser uma grande novidade. Os antigos suplementos infantis tiveram uma aceitação maravilhosa simplesmente porque a meninada gostava de acompanhar as histórias de seus heróis. Mas um recorde de vendas puxado por pedidos de professores era algo único no mercado brasileiro. (SOUSA, 2017, p. 94).

Mostrando habilidade com o lápis, outras historinhas produzidas na grande maioria por crianças escolarizadas também ganharam o suplemento. Entretanto, o tom de humor e até com um pouco de banalidade indicava que aquele impresso não priorizava apenas textos mais elaborados, rebuscados ou com uma ligação mais próxima a conteúdos escolares. Como a historinha do menino Sílvio, em 14 de abril de 1985, por exemplo:

O menino em um dia na Páscoa comeu uma cestinha de ovos de chocolates.  
No dia seguinte, telefonou para o trabalho da mãe dizendo:  
- Estou com uma dor de dentes!  
A mãe disse:  
- Foi de tanto chocolate que comeste ontem!  
O menino replicou depressa:  
- Não foi do chocolate, não. Foi de ficar de cabeça baixa, fazendo os DEVERES da Escola! (O ESTADINHO, 1985, p. 2).

Assim como o menino Sílvio, muitos leitores enviaram suas colaborações. Até

mesmo uma professora entusiasmou-se com o pedaço de uma história publicada no suplemento e resolveu enviar aos editores a continuação da narrativa proposta. Apesar de não constar nas edições que fazem parte dessa pesquisa, a história da Professora Geraldina, a carta enviada por ela e publicada no suplemento de 7 de dezembro de 1986, dá pistas de que leitores adultos também participavam do jornalzinho infantil. Uma participação direta, sem mediação, ou seja, para além de um auxílio à escrita de uma criança ou mesmo desenvolvimento de redações e textos em sala de aula.

Prezado Editor. Ontem, por brincadeira continuei a estória d'*O Estadinho* (publicada na capa). Estou remetendo-a, se quiserem aproveitá-la, tudo bem. Sempre somos um pouco crianças e isso é gostoso. Um abraço e muito obrigada. Professora Geraldina Burin. Florianópolis, SC. (O ESTADINHO, 7/12/1986, p. 2).

Olha aí pessoal, até gente grande está participando. A estória da professora Geraldina é um barato e logo publicaremos. (O ESTADINHO, 7/12/1986, p. 2).

Adultos colaboravam com o suplemento catarinense, mas seu maior contingente era mesmo infantil. Crianças enviavam suas colaborações e pedidos para que seu material fosse publicado. A evidência desse interesse foi registrada no editorial de 23 de novembro de 1986.

Deve ter muita gente chateada com O ESTADINHO porque está mandando trabalhos e eles não estão saindo. Mas é que são muitas cartas e colaborações e infelizmente não podemos colocar tudo de uma vez só, portanto se você mandou algum texto ou desenho, não desanime, pois logo verá publicado. É só acompanhar. (O ESTADINHO, 1986, p. 2).

E o desejo em ver suas produções no jornalzinho esteve também presente em outro impresso, que parece ter, de alguma maneira, motivado *O Estadinho*. Maurício de Sousa (2017) afirmou que com a *Folhinha* a participação de crianças, por meio de cartas, aumentava “mês a mês”, nelas, assim como nas cartas enviadas ao infantil catarinense, havia elogios, sugestões, pedidos de publicação e mensagens de carinho (SOUSA, 2017). No suplemento catarinense essa interação por meio de cartas parece ter contribuído para a fidelização de muitos leitores. Os leitores por meio de suas missivas pediam ao *O Estadinho*, espaço para a publicação de suas histórias, desenhos, receitas, passatempos e outras matérias. Gustavo Pereira, de 10 anos, morador de Itajaí foi um desses leitores que frequentemente enviava suas colaborações por meio de cartas. Suas colaborações foram histórias em quadrinhos e tirinhas de humor, que costumavam envolver animais, anjos e também retratavam cotidianidades, como mostra a historinha publicada em 25 de janeiro de 1987.

Figura 71 – História em quadrinhos do leitor Gustavo



Fonte: O Estadinho (25/1/1987, p. 7) – Acervo da autora

Figura 72 – Tirinha do leitor Gustavo



Fonte: O Estadinho (7/12/1986) – Acervo da autora

Gustavo Pereira também escreveu uma novela que *O Estadinho* publicou em mais de oito capítulos. Outro menino também foi destaque nas colunas de *O Estadinho* voltadas às contribuições de leitores. Em 4 de agosto de 1985, os editores chegaram a publicar na página do meio local da seção Risque e Rabisque uma nota explicando o motivo de naquela página sobressaírem os quadrinhos do leitor José Carlos.

Hoje a página é dos leitores. Riscos e rabiscos de muitos de nossos futuros desenhistas. Sem querer ser desonesto com vocês, o José Carlos tem mais desenhos porque é ele quem mais manda material, tá bom? No mais, divirtam-se com nossos novos heróis e personagens. (O ESTADINHO, 1985, p 4-5).

Figura 73 – Tirinha elaborada pelo leitor José Carlos



Fonte: O

Figura 74 – O Cupido do Amor, tirinha de José Carlos



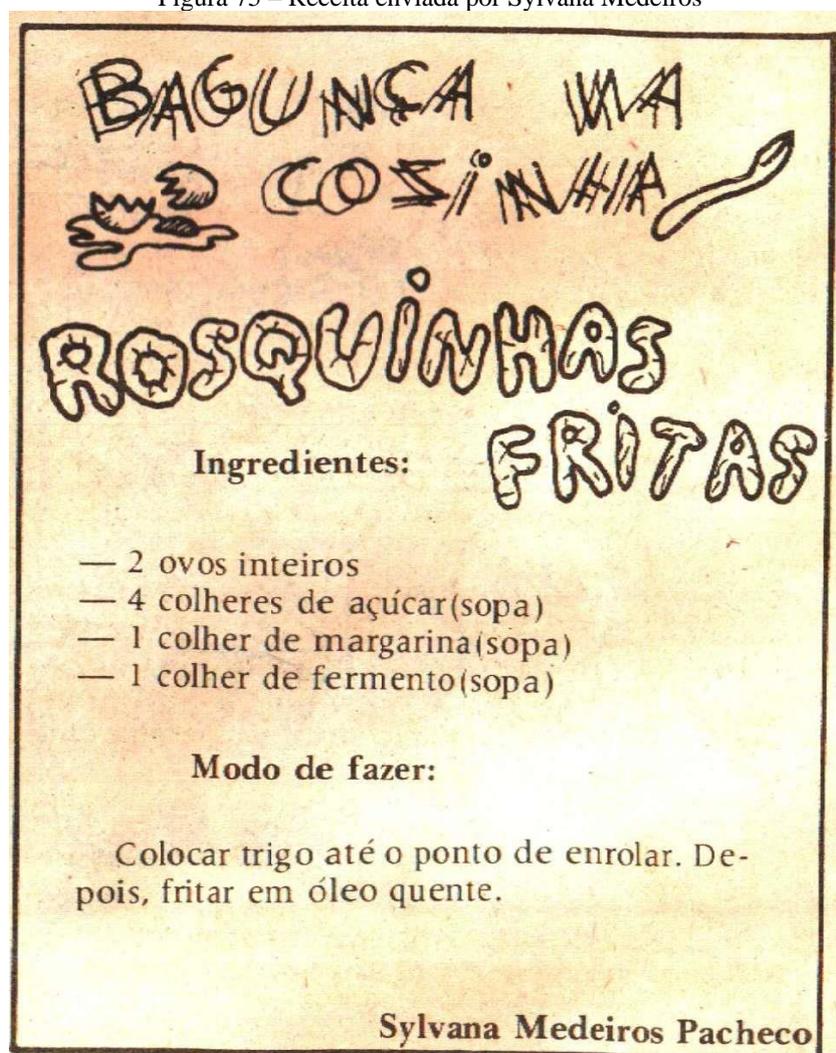
Fonte: O Estadinho (25/8/1985, p. 7) – Acervo da autora

Além dos meninos já citados, Ericson Luciano da Silva, Reginaldo Matheus, Rodrigo Mendes, Renato Pacheco e outros mais apareceram em *O Estadinho* por duas

ou mais vezes. As meninas também deixaram suas contribuições no impresso por meio de textos, poesias, passatempos, receitas. Em um dos textos publicados, parceria entre leitora e um dos coordenadores do suplemento, percebe-se o vínculo que se criara entre leitores e *O Estadinho*. Mirna Tavares Santos, de 12 anos, teve seu texto publicado com direito à ilustração de Audy Maingué, então coordenador do infantil catarinense.

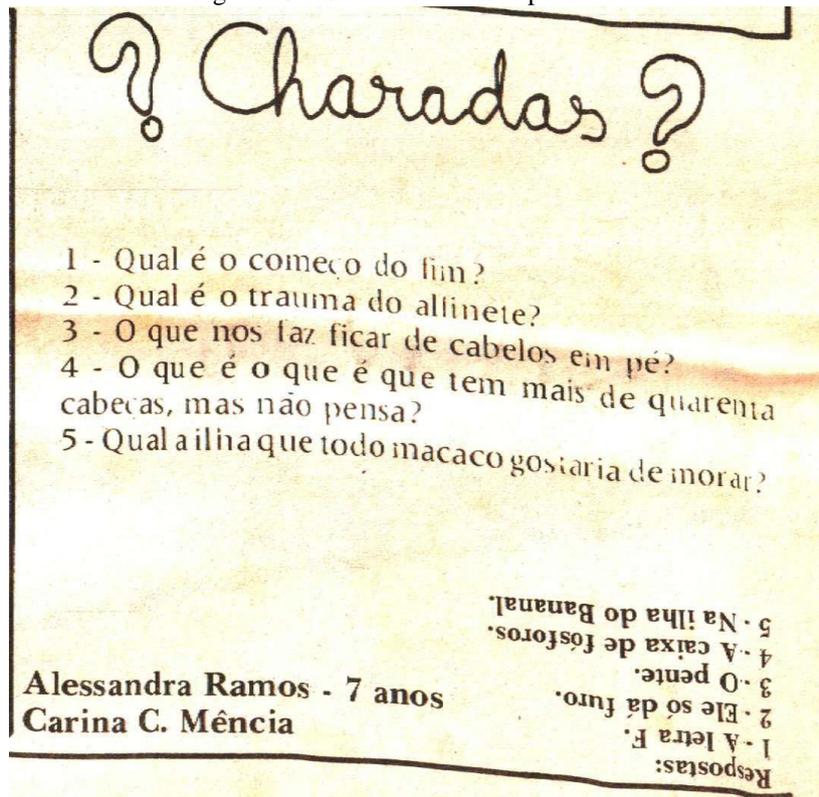
Essa parceria tornou-se o carro-chefe do suplemento em seus últimos anos, que incentivou, por meio de uma política honesta, o envio de colaborações dos mais diversos tipos para seu jornalzinho. Sylvana Medeiros Pacheco, de 10 anos, enviou passatempos, histórias, receitas e, como ela, Denice Schulz, de 13 anos, Luciana Lunelli, de 12 anos, moradora de São Carlos, Carina Costa Mência, da capital catarinense, e outras meninas.

Figura 75 – Receita enviada por Sylvana Medeiros



Fonte: O Estadinho (11/8/1985, p. 3) – Acervo da autora

Figura 76 – Charadas enviadas por leitoras



Fonte: O Estadinho (4/8/1985, p. 3) – Acervo da autora

Figura 77 – Receita enviada por leitoras do suplemento infantil

Respostas

**BAGUNÇA NA  
COZINHA**

**Amendoim Japonês**

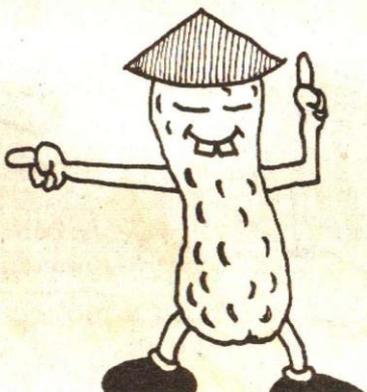
**Ingredientes:**

- Amendoim
- panela (frigideira)
- sal

**Modo de fazer:**

Pegue a panela (frigideira) e despeje o amendoim e o sal. Leve ao fogo e mexa com a colher. E... boa con-  
lança!

**Raquel Azevedo**



**Ingredientes:**

- 1/2 xícara de água
- 1 xícara de amendoim cru e com pele
- 1 xícara de açúcar
- 1 colher de fermento royal
- 1 colher de café, de chocolate ou Nescau
- 1 colher de café de açúcar de baunilha

**Modo de fazer:**

Misturar tudo e levar em fogo. Quando o amendoim estralar, tire do fogo e mexa bem. Pode duplicar a receita.

Carina Costa Mência - 10 anos.

Fonte: O Estadinho (4/8/1985, p. 3) – Acervo da autora

Os textos femininos apareceram mais frequentemente em forma de poesia ou redação, diferente dos meninos, que optavam em grande medida pelas histórias em quadrinhos. Entretanto, nas seções destinadas a reportagens, receitas e passatempos, não havia predileção de gênero.

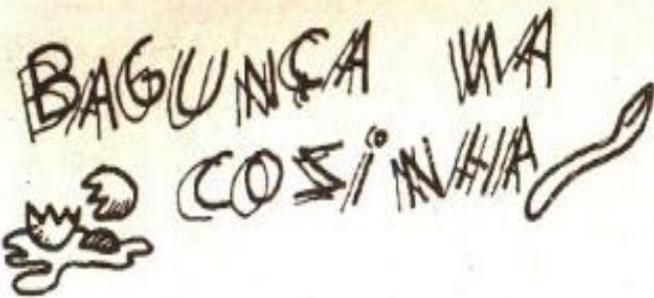
Observando os suplementos e a continuidade das publicações de crianças, é possível inferir que houve não apenas um aumento em relação aos trabalhos de crianças publicados no jornal, mas do próprio espaço que *O Estadinho* passou a destinar aos leitores escritores, algo possivelmente refratário de uma nova política editorial, que, de acordo com Fábio Brüggemann, um de seus editores levava a criança a sério:

Nós líamos muita literatura infantil e outros suplementos infantis, e sempre que um assunto repercutia na mídia, tentávamos levar ao nosso pequeno leitor. Nós tratávamos a criançada como se trata o leitor adulto, era um jornal para eles, com informação e atualizada. Levávamos uma semana fazendo, e dava bastante tempo para pensar edições legais. Por sorte, todos os repórteres do jornal adoravam o jornal e todo mundo queria colaborar. Então, sobrava sugestão de pauta. Lembro que os fotógrafos nos davam fotos que sobravam

da edição diária, e nós fazíamos fotonovelas com elas. Assuntos como inflação (à época, lembro, meu salário tinha mais zeros do que um milhão, apesar de não valer nada), o pessoal da economia escrevia, e assim por diante. Claro que eu sempre editava os textos para uma linguagem mais divertida. A ideia era fazer um jornal sério, mas divertido, se é que dá para entender. (BRÜGGEMANN, 2013).

Nesta fase, a semelhança entre os suplementos catarinense e paulista se evidencia. Colunas com conteúdos e nomes parecidos, nos levam a inferir que o infantil paulistano de alguma forma motivou e até mesmo serviu como referência ao *O Estadinho*. No ano de 1985, as seções “A página do leitor”, “Horóscopo”, “Passatempos”, “Você é o repórter”, “O Espaço é seu”, “Charadas” do infantil paulistano aproximavam-se bastante das que circulavam em *O Estadinho* em período semelhante.

Geralmente, havia na segunda e terceira páginas do suplemento catarinense um espaço destinado à brincadeira (passatempos ou divertimentos), dicas do jornal e publicação de trabalhos artísticos realizados por criança, voltados ao ensino de alguma técnica como origami, pintura e arte culinária. Esse mesmo espaço foi encontrado no impresso paulista. A seção Bagunça na Cozinha ensinava aos pequenos como fazer as tradicionais guloseimas das quais muitos gostavam. Amendoim japonês, rapadurinha, arrozito, bombom caseiro, leite condensado, troquinhos e *marshmallow* foram algumas das receitas enviadas por leitores do suplemento (crianças de 10 a 12 anos) e que seguramente possuíam alguma familiaridade com a cozinha, por exemplo, Giancarlo Rossini, de 10 anos, e Tabata Ribas, que enviaram por várias edições seus quitutes preferidos ao *O Estadinho*.

Figura 78 – Receitas enviadas por leitores de *O ESTADINHO*

**Indredientes:**

- 2 colheres de sopa de açúcar
- 1/2 xícara de água

**Modo de fazer:**

Leve ao fogo. Quando ficar dourado, retire a bala e coloque em forma de bolinhas ou qualquer outra forma dentro de uma panela ou forma de aço (não pode ser de plástico, senão derrete).  
Deixe esfriar e...

Bom Appetite!

Tabata Ribas

Fonte: O Estadinho (25/8/85, p. 3) – Acervo da autora

Figura 79 – Receitas enviadas por leitores de *Folhinha de São Paulo*

## **Gelatina colorida**

**ANA PAULA SATO**  
Leitora da *Folhinha*

### **Ingredientes:**

- ★ 4 pacotes de gelatina (cores diferentes)
- ★ 4 copos de água quente (um copo para cada caixinha)
- ★ 4 colheres de açúcar
- ★ 1 lata de leite condensado
- ★ 1 pacote de gelatina Anglo branca, sem sabor
- ★ 2 copos de água quente

### **Modo de fazer:**

Dissolver um copo de água e uma colher de açúcar em cada caixinha de gelatina. Colocar cada caixinha já preparada em pratos separados e levar à geladeira até endurecer.

Cortar em quadradinhos os quatro sabores e deixar numa travessa grande. Depois, derreter a gelatina Anglo branca, sem sabor, com um copo de água fria e bater no liquidificador com o leite.

Colocar a gelatina branca e o leite misturados em cima dos quatro pacotes de gelatina e misturar levemente, levando no refrigerador até endurecer. Depois, corta-se no formato desejado. E é só saborear.

---

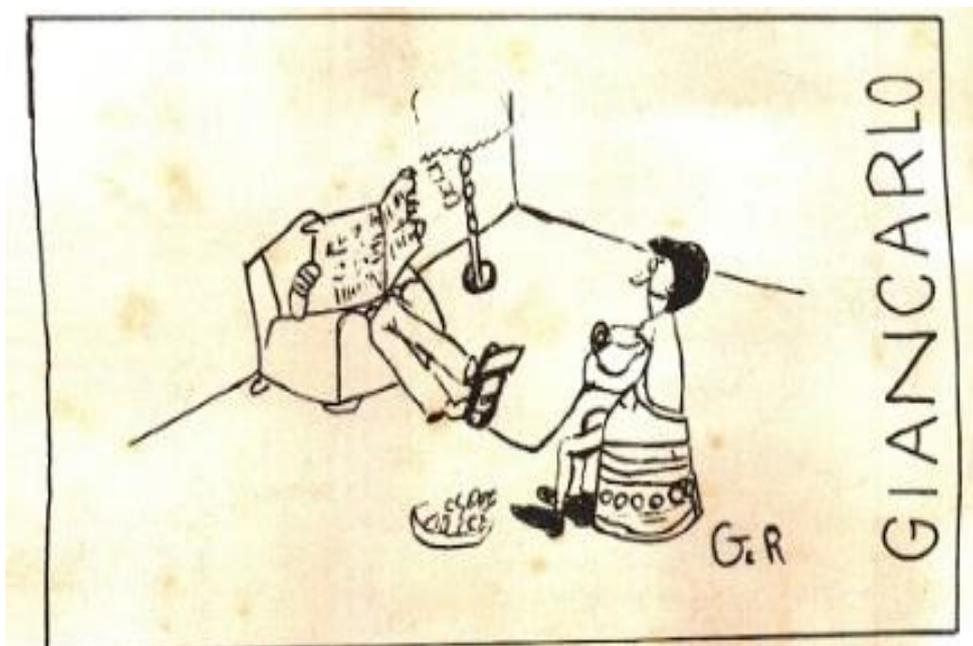
**ANA PAULA SATO, 11,**  
Bostoe, SP

Fonte: *Folhinha* (13/10/86, p. 5) - Acervo on-line da *Folha de São Paulo*.

Ainda que algumas crianças aparecessem com mais frequência em determinadas colunas, a análise do material permite dizer que a participação infantil circulava entre as seções do suplemento. As crianças que colaboravam com *O Estadinho* não o faziam

apenas por um viés (criação de histórias, poemas, quadrinhos, adivinhações, receitas, etc.). Tanto nas cartas enviadas como nas publicações, há vestígios de uma múltipla participação, o que indica, de certa forma, uma apropriação desse material impresso por parte das crianças.

Figura 80 – Colaborações do leitor Giancarlo



Fonte: O Estadinho (6/10/1985, p. 2) – Acervo da autora

Figura 81 – Colaborações do leitor Giancarlo



Fonte: O Estadinho (3/11/1985, p. 3) – Acervo da autora

As receitas de *O Estadinho* constavam de ingrediente e modo de preparo, não havendo nenhum comentário que sinalizasse a necessidade de um adulto, o que pode levar a duas constatações: estava subentendido que essas atividades exigiam o auxílio de uma pessoa mais experiente ou as crianças dessa idade já estariam aptas a aventurar-se no fogão.

Inegável é o fato de que a participação, a criatividade e até certa autonomia infantil em *O Estadinho* também poderia acontecer na cozinha. Não somente porque a criança estaria realizando uma atividade de “adulto”, mas, sobretudo porque para ela interessaria mais saber fazer uma rapadurinha do que feijão. Talvez, hoje, em meio a tantas discussões sobre alimentação saudável e os riscos da obesidade infantil, ter uma coluna desse tipo em algum impresso para criança não soaria bem. Certamente, seria mais aceitável publicar receitas de salada, lanche a base de frutas e bolos integrais, sendo indícios de outras sensibilidades, da emergência de outros problemas e de novas necessidades ligadas ao modo como as pessoas vivem e se relacionam consigo, com os outros e com o mundo.

Antônio Prata (2013), escritor de São Paulo, em seu livro *Nu, de Botas*, descreve as memórias de sua infância, na década de 1980, a partir do que é possível perceber como os tempos e os lugares produzem novos gostos, criando novas formas de sentir, de pensar e de agir.

[...] estávamos na primeira metade da década de 80: não se usava cinto de segurança nem protetor solar, pessoas não andavam por aí com garrafinhas d’água, como se fosse o elixir da vida eterna, fazíamos cinzeiros de argila para os pais nas aulas de artes e o colesterol era apenas uma vaga ameaça de gente paranoica [...]. (PRATA, 2013, p. 91).

O fato de serem publicadas receitas de guloseimas não significava, entretanto, que *O Estadinho* quisesse apenas fazer tudo o que uma criança desejasse ou a incentivasse apenas a fazer tudo que lhe desse na “veneta”. A coluna “Saúde” que, por mais de 10 seções movimentou o suplemento com linguagem bastante acessível, trazia informações sobre doenças, hábitos saudáveis e higiene. Doenças corriqueiras na infância foram tratadas sem mistério e com tom bastante engraçado, sendo que o intuito era informar o leitor para que ele não fosse acometido por nenhum problema.

Ainda que não fosse o mote do jornal, ao menos nessa segunda fase, ter a atenção dos adultos (BRÜGGEMANN, 2013) proporcionava certa interação com estes, seja por meio das cartas, seja por meio de algumas matérias publicadas. Como disse

Aldy Maingué, em entrevista ao NEPESC<sup>77</sup>:

A gente ficava surpreso com o que a gurizada mandava de resposta do que a gente propunha, e professores. Isso era outra coisa que a gente ficava muito surpreso. Tinha professor agradecendo “pô que legal, vocês falaram do folclore da ilha...” Olha, a gente só respondia carta de elogio. Só nas coisas do tipo “Coxixo” que aí os professores mais resistentes achavam ruim e tal, que a gente tava ensinando eles a escrever errado. Aí a gente respondia (MAINGUÉ, 2013).

Os primeiros suplementos de *O Estadinho* já apontavam para uma comunicação via carta entre leitores e editores (obviamente, ainda não havia correio eletrônico), e o acesso direto ao pessoal que coordenava o jornal, em princípio, era restrito. A edição de 20 de agosto de 1972 do suplemento, quando publica os quadrinhos de Clóvis e fala sobre como o menino tornou seu trabalho conhecido, afirma que o menino “apareceu aqui na redação”. Eram essas as formas mais comuns: cartas e contato direto com os colaboradores.

Com a circulação do suplemento e a criação de concursos de redação, a comunicação entre o jornal e seus leitores foi se ampliando, assim como as crianças e seus pais passaram a ver que era possível interagir com o jornal. Essa prática, estabelecida em 1972, consolidou-se e, nos últimos quatro anos do suplemento, a comunicação por meio das cartas era bastante satisfatória (MAINGUÉ, 2013).

A seção Cartas, artefato importante da cultura escrita e cultura escolar (CASTILLO GÓMEZ, 2008; SIEERA-BLÁS, 2009; CUNHA, 2014) esteve presente de 1984 a 1987, com destaque para os três últimos anos cujas publicações se intensificaram, ganhando uma seção com o nome “Cartas”. Nela, foram publicadas trechos de cartas de crianças, podendo-se incluir ou não as respostas dadas aos editores do jornal. Já em 1984, a seção que publicava as cartas ou trechos dela, chamava-se “Recados”.

As missivas dos leitores não apenas se relacionavam com *O Estadinho*, embora fossem em maior número, havia, também, anúncios e solicitações, como: “Compro chaveiros e troco autógrafos de pessoas importantes [...]” (O ESTADINHO, 5/8/84, p. 2), do menino Alessandro, “Vende-se coleção de papel de cartas, com 50 papéis por Cr\$ 5.500,00 [...]” (O ESTADINHO, 5/8/84, p. 2), de Daniela, ambos de Florianópolis e, também, da capital, um pedido carinhoso, “Papai, venha passar o final de semana comigo. Estou com saudades. Um beijo” (O ESTADINHO, 9/9/1984, p. 2), do menino

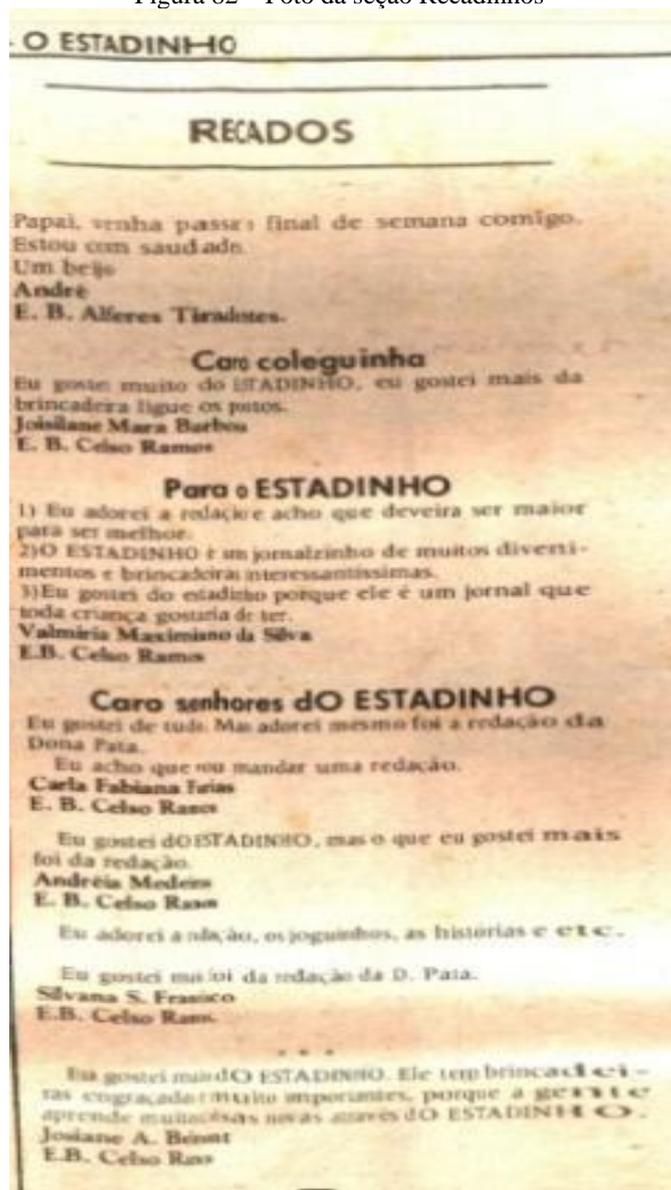
---

<sup>77</sup> Sigla para Grupo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea da UFSC.

André. Pedidos, elogios, agradecimentos, foram algumas das modalidades de cartas (Sierra Blas, 2008; Mignot, 2005) que fizeram de *O Estadinho*, um guardião de pequenas memórias infantis. Apesar de as décadas de 1970 e 1980 terem ajudado a dar visibilidade à infância, quando se trata de materiais infantis, sobretudo desenhos e escritos, concorda-se com Sierra Blas (2012, p. 23), “Son muy pocos los niños y niñas que escriben, los que dejan rastro de sus vidas, de sus experiencias, de sus formas de pensar o de sentir, de su manera de entender el mundo”.

No suplemento de setembro de 1984, exceto a solicitação do menino André, os demais recados foram enviados por alunos da Escola Básica Celso Ramos, de Florianópolis, e tinham como pauta o jornal infantil. Ou seja, são indícios de uma ligação entre escola e suplemento que, assim como na sua primeira fase, continuava a existir, sendo a escola o espaço onde certamente dava-se grande parte da produção escrita infantil (SIERRA BLAS, 2012). Ainda que nos faltem elementos para problematizar as maneiras que as crianças da escola tomaram conhecimento do suplemento infantil, o que vale ressaltar é sua circulação e seus usos para além de uma leitura dominical em famílias. O jornal, marcado para durar um dia, passa a ser objeto mais duradouro e possivelmente essa vida mais alongada tenha relação com o uso em sala de aula, envolvendo as aprendizagens e o desenvolvimento da escrita, seja pela elaboração de cartas, redações ou pelos recados.

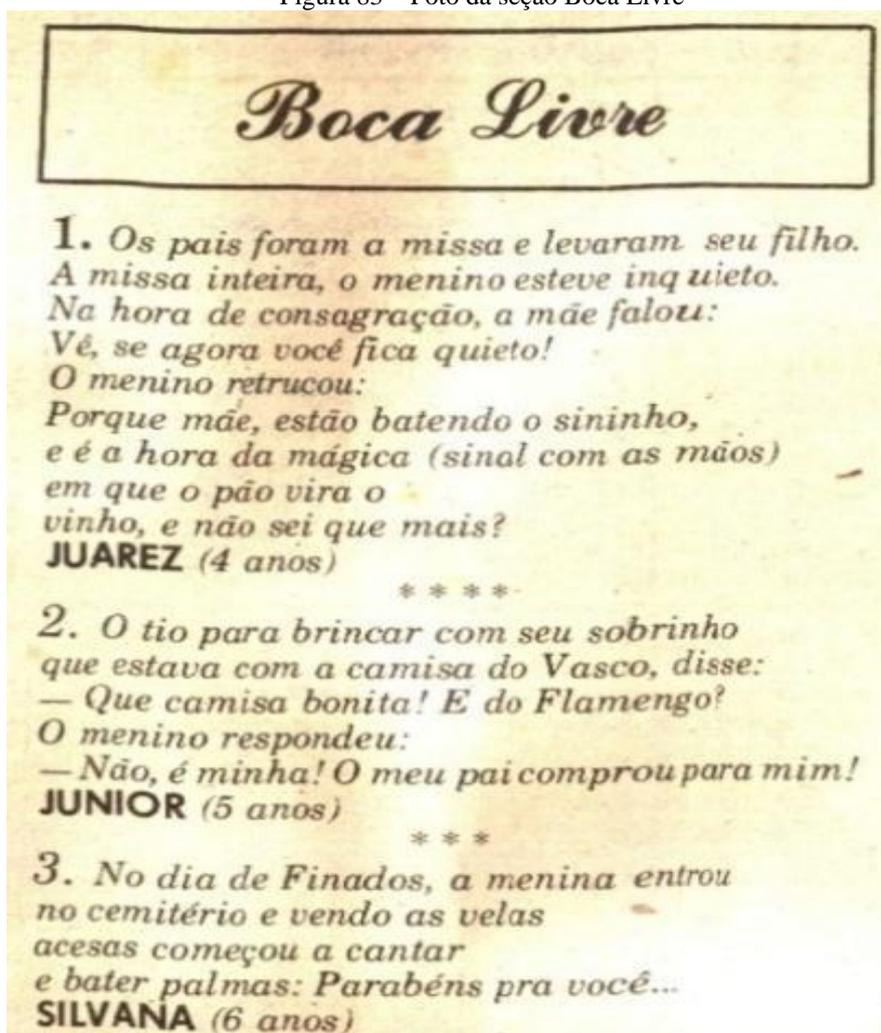
Diferente das cartas, os recados ou bilhetes não apresentavam o mesmo protocolo de escrita que as missivas, ainda que nesses vestígios de brevidades pudessem ser observadas, assim como missivas, variadas intenções (CASTILLO GÓMEZ, 2014). Esses recados ou bilhetes podem ser compreendidos, de acordo com Castillo Gómez (2014, p. 370), como “[um] mensaje escrito de corta extensión [...]”, já que se obtém dele certas formalidades contidas nas cartas. Neles não havia resposta do editor, e a similaridade dos escritos dão a entender que as crianças possivelmente tenham tomado conhecimento de *O Estadinho* por meio de sua professora. Uma atividade que talvez tenha sido realizada sobre a supervisão e orientação da professora, passado também por seu crivo final, antes de chegar às mãos dos editores do infantil catarinense.

Figura 82 – Foto da seção Recadinhos<sup>78</sup>

Fonte: O Estadinho (9/9/1984) - Acervo da autora

<sup>78</sup> Na seção recados: “Papai, venha passar o final de semana comigo. Estou com saudade. Um beijo. André. E. B. Alferes Tiradentes.”; “Caro coleguinha, Eu gosto muito do ESTADINHO, eu gostei mais da brincadeira ligue os pontos. Joisilane Mara Barbosa. E. B. Celso Ramos.”; “Para o ESTADINHO, 1) Eu adorei a redação e acho que deveria ser maior para ser melhor. 2) O ESTADINHO é um jornalzinho de muitos divertimentos e brincadeiras interessantíssimas. 3) Eu gosto do ESTADINHO porque ele é um jornal que toda criança gostaria de ter. Valmíria da Silva. E. B. Celso Ramos.”; “Caro senhores do ESTADINHO, Eu gostei de tudo. Mas adorei mesmo foi a redação da Dona Pata. Eu acho que vou mandar uma redação. Carla Fabiana Freitas. E. B. celso Ramos.”; “Eu gostei do ESTADINHO, mas o que eu gostei mais foi da redação. Andréia Medeiros. E. B. Celso Ramos.”; “Eu adorei a redação, os joguinhos, as histórias, etc. Eu gostei mais da redação da D. Pata. Silvana S. Franco. E. B. Celso Ramos.”; “Eu gostei muito do ESTADINHO. Ele tem brincadeiras engraçadas, muito importante porque a gente aprende muitas coisas através do ESTADINHO. Josiane A Brandt. E. B. Celso Ramos.” (O ESTADINHO, 9/9/1984, p. 2)

Figura 83 – Foto da seção Boca Livre



Fonte: O Estadinho (2/12/1984) – Acervo da autora

Ainda, em 1984, outra seção destaca “causos”, pequenos contos e mesmo situações envolvendo os pequenos, supostamente enviados por meio de cartas escritas pelas crianças ou por seus pais ou irmão mais velhos. Indício que como bem analisou Mignot (2005, p. 47), “[...] ajudam a compreender tanto quem escreveu, quem as recebeu, bem como o contexto no qual foram produzidas [...]”, em especial neste caso, o desenvolvimento de uma escrita “tutelada”. Tal fato evidencia, em certa medida, o escrito adulto de algo narrado ou vivenciado pela criança, ou seja, a presença do adulto em uma produção infantil. Esse era outro indicativo de que a leitura do suplemento agradava não somente às crianças, pois havia um envolvimento dos pais, dos familiares e da escola. E mesmo sendo um jornal, ou seja, um artefato dado à leitura, havia relativa sensibilidade para a inclusão de produções infantis, inclusive das crianças não alfabetizadas, seja pela publicação dos desenhos ou, como aponta a coluna “Boca

Livre”, pela transcrição de suas historinhas por pessoas mais experientes. Múltiplas possibilidades de escrita, aproximando crianças e adultos, alfabetizados e não alfabetizados, indícios de que “[...] la historia de la cultura escrita trasciende la consideración de la escritura como un mero sistema gráfico”. (CASTILLO GÓMEZ, 2003a, p. 96).

Nos anos seguintes, a seção Cartas passou a ser mais frequente, estando presente em todas as edições que compõem o acervo dos anos de 1986 e 1987. Fora um momento em que escrever à mão ainda era um gesto comum e uma habilidade ensinada na escola e que, portanto, obedecia a certos protocolos; e mais, era por meio das cartas, ainda que nelas não houvesse “[...] a finalidade precípua de *contar-se* [...]”, que crianças e adultos deixavam-se ver pelo papel. Consideradas por Cunha (2014) como escritas (auto) biográficas, as cartas “[...] são produzidas com intenções de narrar e registrar situações vividas”, ainda que tais produções estejam sujeitas “ao *controle* e à *correção* do adulto” (CUNHA, 2014, p. 64, grifos da autora).

A seção que ocupava a segunda página do suplemento contava com cartas de crianças e adultos, marcadas por elogios, pedidos e críticas, para as quais o jornal frequentemente publicava resposta. Foi um importante canal de comunicação entre leitor e jornal, uma vez que aproximava ambos e que também, de certa forma, aumentava o potencial de consumo daquele artefato. Os editores e colaboradores desse período afirmaram ter recebido muitas cartas, inclusive, de professores e pais.

A carta é um dispositivo de comunicação, pois quem escreve tem o desejo de registrar e de transmitir informações (SIERRA BLAS, 2004), mas também não deixa de ser um artefato de carinho, uma espécie de elo afetivo, percebido nos protocolos do documento, que mesmo com brevidade, permitia com que a criança também falasse um pouco de si, “[...] com a finalidade de romper distâncias e estabelecer laços [...]” (MIGNOT, 2014, p. 120). De mesmo modo, Cunha (2013) ensina que escrever cartas é também “[...] formas de se expor, compartilhar experiências, vencer distâncias e ausências, tecer sensibilidades, enfim, construir laços de papel” (CUNHA, 2013, p. 119). Assim, as crianças quase sempre usavam adjetivos para se referir ao jornal e se despediam dele ofertando beijos e abraços, uma troca simbólica de carinho entre correspondentes que, talvez nunca tenham se visto. *O Estadinho* procurava corresponder e vivificar esse elo, tratando cada leitor pelo nome, enaltecendo a importância de suas escritas para o jornal e também usando palavras carinhosas para deles se despedir.

Querido ESTADINHO. Tudo bem? Recebi os números do jornalzinho que queria, e foi um momento maravilhoso, vou escrever milhares de cartas para que vocês melhorem mais ainda em cada segundo. O meu maior obrigado deste mundo a vocês, e as pessoas que ajudam o jornal melhorar, o meu obrigado especialmente ao Fábio Veiga e ao editor Fábio Brüggemann. Um beijão a todos, de sua leitora que sempre escreverá ao ESTADINHO. Gabriela G. Sarmiento, 11 anos.

Ficamos bastante emocionados com a sua carta, e para nós é um incentivo de cada vez mais melhorarmos o jornal que é de vocês. E como você prometeu, continue escrevendo e participando. Um beijão também do pessoal aqui do jornal. (O ESTADINHO, 25/1/1987, p. 2).

Amigo ESTADINHO: por incentivo de muitos amigos, resolvi mandar colaborações, e continuarei mandando se vocês gostarem. Estou mandando um joguinho e uma historinha. Um beijão da Carla S. Carpes, 13 anos, Florianópolis.

É isso aí Carla, sempre que quiser colaborar, é só mandar, pois O ESTADINHO é de vocês. Se souber de mais alguém que saiba desenhar ou inventar estórias interessantes, é só mandar. Certo? Outro beijão pra você também. (O ESTADINHO, 8/2/1987, p. 2).

Olá pessoal do ESTADINHO. É a primeira vez que escrevo. Eu gostaria de escrever algumas charadas e que elas saíssem n'O ESTADINHO. Também quero desejar um Feliz Natal para todos os leitores, pro editor e pra todo mundo aí d'O ESTADO. Mil beijocas. Elena Langdou, 11 anos.

Suas charadas serão publicadas e desejamos um Feliz Natal pra você também. Só que o Natal já passou faz tempo. Mas tudo bem. Fica para o próximo. Todo dia é Natal. Um beijão. (O ESTADINHO, 22/2/1987, p. 2).

Demonstrativos de desejo pela interação com o jornal infantil, as cartas elogiavam, criticavam, falavam sobre as histórias contidas no suplemento, o que de certa forma contribuía para “[...] modificar os destinos traçados para os personagens com as quais se identificavam” (MIGNOT, 2014, p. 124). Tal fato observado pela pesquisadora Ana Chrystina Mignot (2014), ao estudar as correspondências de crianças para Monteiro Lobato, põe em cena outra questão, qual seja: a resposta a essas cartas. Se Lobato as fazia por meio de carta-resposta e das histórias que escrevia em seus livros, *O Estadinho*, não diferente, procurava responder às missivas infantis, no próprio suplemento, na seção Cartas, sem desconsiderar os recados enviados para os personagens das historinhas contidas no infantil. Esses mesmos personagens também usavam papel e caneta para deixar suas mensagens a quem lhes escrevia.

Manter contato com o leitor, por meio de cartas, fora uma prática bastante comum entre os suplementos, a *Folhinha* de São Paulo, em período semelhante ao suplemento catarinense, publicava cartas de seus leitores e as respondia na mesma seção, utilizando-se de uma linguagem clara, incentivava a participação escrita de seus leitores e, por meio de saudações carinhosas, promovia certa aproximação entre “jornal” e crianças. As missivas elogiavam, criticavam, sugeriam e assim mantinham com os

editores uma espécie de laço, um laço afetivo materializado pelo papel.

Folhinha, a informática é um assunto que está ‘dominando’ todo o mundo. Todo mundo quer ter videogame, videocassete, micros e vários outros objetos da informática. Todos querem saber lidar com esses objetos. Eu gostaria muito que a Folhinha fizesse uma reportagem sobre a informática, desde os joguinhos eletrônicos até os fabulosos microcomputadores. Abraços”, da Daniela Mata Machado Tavares, 11, belo horizonte, MG. (FOLHINHA, 26/1/1986, p. 2).

Em resposta à missiva de Daniela, a *Folhinha* publica:

R: A Folhinha já prometeu Daniela, falar de informática e começará com os computadores de quinta geração. Sua sugestão está anotada para futuras, pois se trata de um assunto que interessa mesmo a todo mundo hoje em dia. Obrigada pela participação e mande mais sugestões. Um abraço. (FOLHINHA, 26/1/1986, p. 2).

O pedido pontual da leitora mineira, que possuía um periódico de outro estado, mas de circulação nacional, mesclava-se a pedidos mais ‘íntimos’, desde solicitação de publicação de desenhos e historinhas, até mesmo fotos. Indícios de que, por meio dessas “pontes de papel” (SIERRA BLAS, 2004), os pequenos leitores não apenas construíam laços afetivos com o impresso, mas, sobretudo, apropriavam-se do mundo da leitura e da escrita, acessando para satisfazer seu desejo de comunicação, mas também para registrar – ainda que sem intenção, um pouco de si.

Longe de ser um diário, as cartas e seus fragmentos publicados em *O Estadinho*, assim como em outros suplementos que circularam em período semelhante no Brasil e em outros países, são escritos que nos ajudam a compreender as infâncias, a perceber quais manifestações se evidenciavam e o porquê. Que experiências se tornavam significativas a ponto de ocuparem as páginas de um suplemento, que importância tinha aquela comunicação para o leitor que se atrevia a escrever. Nesse sentido, corrobora-se com SIERRA BLAS (2012), em sua afirmação de que esses documentos produzidos pelas mãos infantis, reais ou fictícios, têm seu valor,

[...] no sólo en la posibilidad que éstos nos brindan de acercarnos al mundo infantil, sino también, y sobre todo, en la oportunidad que nos ofrecen al mostrarnos abiertamente cómo lo experimentado en la infancia ha resultado esencial en la configuración de la personalidad de sus autores y autoras y en la trayectoria vital posterior de éstos. (SIERRA BLAS, 2012, p. 25).

O contato com a cultura escrita e seu uso como uma espécie de memorial de si, mesmo que por meio de outra intenção, foi também alvo das investigações de Mercedes Chivelet (2009), que registrou trechos de cartas enviadas a suplementos infantis espanhóis, cujas escritas, além de mostrar uma aproximação entre leitores e editores,

desde o tratamento utilizado para iniciar a escrita, até os pedidos feitos carinhosamente, trazem indícios de gostos, hábitos e até mesmo rotinas familiares.

Querido director: Nos gustó mucho el suplemento infantil y quería pedirle que a ver se sacan el cuento de una niña que vaya contando lo que hace y que le pasen cosas graciosas. También que la pinten para saber cómo es. A nosotros nos va a gustar mucho... La niña que no sea muy pequeña, para que vaya al colegio. (CHIVELET, 2009, p. 246).

Me dirijo a usted para felicitarle por el suplemento infantil que ha empezado a venir en su periódico, que con tanta simpatía leemos en esta casa. Yo tengo dos hermanicos pequeños que son muy major y que dentro de unos días les enviaremos sus fotografías para que las publiquen. (CHIVELET, 2009, p. 246).

As fotos, no caso catarinense, não foram as únicas solicitações dos leitores de *O Estadinho*. Era por meio das cartas que os pequenos solicitavam que suas colaborações artísticas ganhassem as páginas. As crianças sentiam-se motivadas e aptas a escrever, desenhar e criar material de leitura para seus pares, o que tornava a carta um importante artefato para compreensão de aspectos da vida daqueles leitores e leitoras, uma vez que “[...] comportam uma aprendizagem más autónomo y adaptado a las motivaciones y fases evolutivas del niño o niña.” (CASTILLO GÓMEZ, 2008, p. 11).

*O Estadinho*, em contrapartida, além de publicar os desenhos, estimulava novas produções que, em certas edições, chegavam a extrapolar os limites do jornal. Nesses casos, o jornal mantinha uma política honesta, informando seus leitores sobre a impossibilidade da publicação naquela edição, mas se comprometendo a publicar nos próximos números.

Olá Sr. Editor. Escrevo novamente solicitando que o senhor publique minha estória, pois essa é uma estória muito especial, pois eu acho que vocês e os leitores vão gostar. Muito obrigado e até a próxima. Gustavo Pereira, 11 anos, Itajaí/SC.

Nós adoramos a sua estória e a partir da semana que vem todos verão o primeiro capítulo. Ela está muito bem desenhada. Então aguarde. Ela será publicada em seis capítulos, da mesma maneira que você organizou. Um abraço e escreva mais vezes mandando outras estórias. (O ESTADINHO, 29/3/87, p. 2).

Oi ESTADINHO. Estou escrevendo para pedir que reservassem um lugar no ESTADINHO para os desenhos que mando. Aceitem meu pedido, tá? Mando beijos para todos. Elis Fernanda, 9 anos.  
Tá legal, o seu espaço está reservado. Só que como todo mundo quer um espaço, a gente tem que fazer uma fila. É só aguardar que logo ele sai, certo? (O ESTADINHO, 19/4/87, p. 2).

Antes de mais nada queria que minha solução fosse publicada, mesmo sendo meio grande. Beijos e abraços a todos do ESTADINHO, Ana Cristina Pereira, 10 anos. Itajaí/SC.

Olha Aninha, o INVENTE dos peixes na terra já passou. O que está valendo agora é o sapato voador. Esperamos que você tenha visto o ESTADINHO da semana passada. Infelizmente a sua carta chegou atrasada. Mas dessa vez vamos publicar, só que você terá que aguardar um pouco, certo? Participe desse outro INVENTE. A sua história é muito boa. (O ESTADINHO, 1/3/87, p. 2).

As cartas vinham de várias cidades, chegando até da Argentina, como escreveu o menino Sérgio Sebastião Kutscher de Oliveira, de 11 anos: “Meus amigos argentinos de nossa vizinha cidade de Bernardo Irigoyan também gostam de ler *O Estadinho*. Um abraço.” (O ESTADINHO, 7/12/1986, p. 2).

Nas edições estudadas, nessa segunda fase, a seção Cartas – incluindo Recadinhos e Boca livre – publicou 111 mensagens de leitores, entre crianças e adultos. Dessas mensagens, 41,5% (46) não informavam sobre a cidade do remetente; 58,5% (65) sinalizavam de onde escreviam e o maior contingente vinha da capital. Contudo, há que se destacar a circulação do jornal em cidades fora do estado catarinense e até mesmo do país. Remetentes de Curitiba, no Estado do Paraná, Brasília, no Distrito Federal, além da carta de Sérgio Sebastião de Oliveira Kutscher, afirmando que seus amigos argentinos gostavam do suplemento, reforçavam o êxito do processo expansionista iniciado na década anterior.

Quadro 3 – Quantidades de Cartas, por cidades (segunda fase)\*

Município	%	Número
Florianópolis	21,6	21
Tubarão	4,5	5
Itajaí	4,5	5
São José	3,6	4
Itapema	2,7	3
Lages	2,7	3
Rio do Sul	1,8	2
Orleans	1,8	2
Araranguá	1,8	2
Não identificado	41,5	46

\*15 cidades foram mencionadas apenas uma vez, são elas: Meleiro, São Bento do Sul, Braço do Norte, Botuverá, Joaçaba, Canoinhas, Dionísio Cerqueira, Anchieta, Joinville, Imbituba, Curitiba, Caçador, Brusque, São Carlos, Balneário Camboriú.

Fonte: Dados da pesquisa (2015)

Ainda que os números referentes à cidade de Florianópolis representassem maior expressividade, o fato de o suplemento receber cartas de leitores de municípios distantes

da capital, como Dionísio Cerqueira, São Carlos, Anchieta e Joaçaba, indicam que havia amplo consumo do jornal *O Estado*, mesmo considerando-se que em alguns municípios outros impressos fossem mais populares.

Boa parte das missivas infantis tinha como objetivo solicitar a publicação de algum desenho, ou historinha, que foi efetivamente publicado. Mesmo não tendo acesso a todas as edições, foi possível observar que das 51 cartas que solicitavam publicações, 39 ganharam as páginas do suplemento. Ainda assim, esse número poderá ser maior, já que não foi possível consultar todas as edições de *O Estadinho*. O jornal, por meio da seção Cartas, promovia vínculo com seus leitores, sugerindo que acompanhassem os próximos números do suplemento com a promessa de publicar seus desenhos e histórias, assim, não apenas incentivava a compra do jornal a cada domingo, mas também a participação das crianças que, por meio do jornal, se tornavam conhecidas. É possível verificar que muitas crianças escreviam com frequência para o jornal infantil e, em certa medida, o faziam porque o jornal atendia suas expectativas, a saber, ter sua arte publicada.

É também por meio das cartas que se pode inferir que o impresso infantil também era lido por adultos, seja pelo capricho da escrita e protocolo que algumas cartas de crianças seguiam, seja pela manifestação dos adultos via correspondência ao suplemento. Em entrevista ao NEPESC, Maingué (2013) relata que as cartas de adultos não foram raras, sendo algumas elogiosas e outras críticas, reforçando a ideia de que o suplemento também chegava a outros olhos. Além das cartas, adultos interagiam com suplemento, enviando histórias e poesias, por exemplo, como o fizeram a professora Geraldina Burin e o senhor César Augusto Sarkis. Em ambas as cartas, assim como faziam com as missivas infantis, *O Estadinho* publicava suas respostas.

Senhor Editor,

Fico feliz em saber que cada dia aumenta a participação das crianças neste querido jornalzinho. Continuem sempre assim, pois o caminho do futuro chama-se criança.

A Yasminy Michelle manda um beijinho carinhoso.

César Augusto Sarkis

Ficou todo mundo vermelho aqui com essa carta. Sempre é bom receber elogios. E só vamos fazer o jornal melhor se as crianças continuarem participando como estão. Um abraço. (O ESTADINHO, 30/11/1986, p. 2).

Estou enviando-lhe uma pequena, mas singela homenagem a vocês e desejando-lhes Feliz Natal em nome da Yasminy e de todas as crianças, por toda a dedicação e carinho que vocês dedicam. Feliz Natal. César Augusto Sarkis, Florianópolis. S/C.

Muito obrigado pelo poema que mandou para gente, César. E desejamos um feliz Ano Novo para todos que acompanham O Estadinho. (O ESTADINHO, 11/1/1987, p. 2).

Nessa troca de correspondências, havia mais indícios de que adultos liam ou pelo menos incentivavam a leitura do material por seus filhos:

Oi pessoal O ESTADINHO estou escrevendo pela primeira vez e queria saber se vocês publicam meu desenho aí no espaço da rapaziada. Gosto muito do Estadinho e leio sempre que meu pais compra ele. Um abraço pra vocês aí do jornal. Gilson Ramos da Silva, 9 anos. (O ESTADINHO, 1987, p. 2).

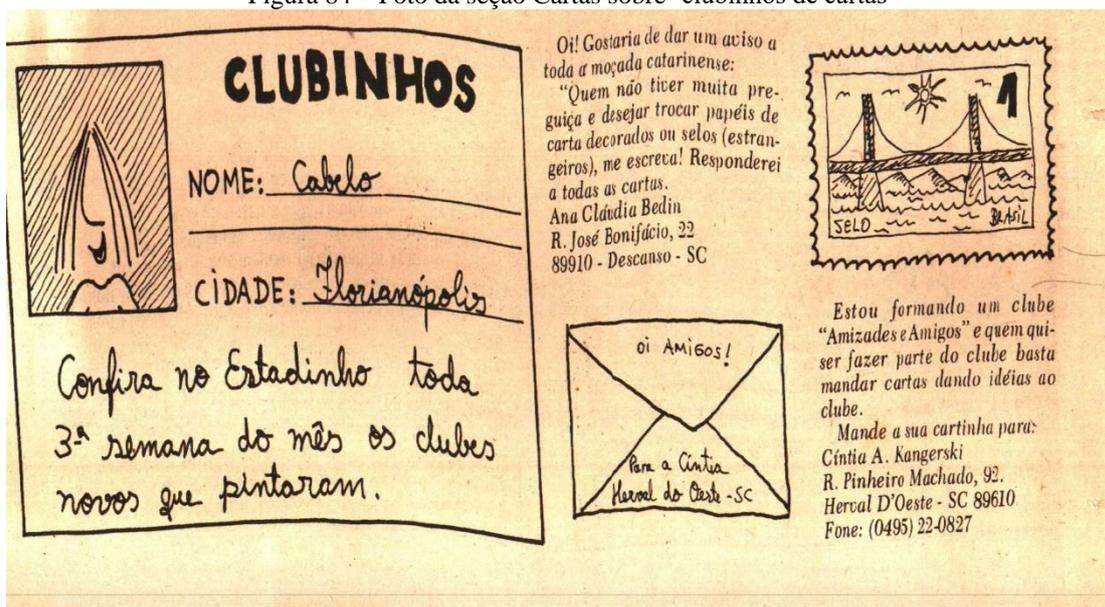
E se o pai de Gilson repassava ao filho o infantil catarinense, a carta de Rubia Soares endossa a tese de que havia, inclusive, a participação do adulto.

Meu nome é Rubia Soares, 8 anos, estou fazendo a 3ª. série e adoro ler O ESTADINHO. Parabéns pelas brincadeiras que vocês fazem. Moro na Rua Camboriú, 158 em Caçador, SC. Quem escreveu foi meu pai, mas fui eu quem ditou. (O ESTADINHO, 1987, p. 2).

Sinais de diferentes apropriações da cultura escrita, que, no caso de Rubia, mesclam o desejo da menina em corresponder-se com o jornal, e a mediação de seu pai, quando transcreve em forma de carta sua mensagem ao suplemento (CASTILLO GÓMEZ, 2012b).

Os ‘Clubes’ ou ‘clubinhos de cartas’ também apareceram em *O Estadinho*, na seção Cartas, onde crianças escreviam solicitando que o jornal divulgasse seu clubinho. Entretanto, em algumas edições foram publicadas informações sobre clubinhos de cartas catarinenses, veiculados com destaque e sem estar associado a uma coluna específica.

Figura 84 – Foto da seção Cartas sobre ‘clubinhos de cartas’



Fonte: O Estadinho (15/9/1985) – Acervo da autora

Figura 85 – Foto da seção Cartas sobre Clubes de amigos

**Não percam essa oportunidade. Nosso clube já entrou em ação. Crianças que queiram participar do Clube dos Amigos é só escrever. É grátis. Basta escrever para Rua João Grumiché, 2425. Bloco 1. Apt: 104. Roçado, São José/SC. Aí embaixo está a ficha de inscrição. Mande a sua carta.**

**CLUBE DOS AMIGOS**

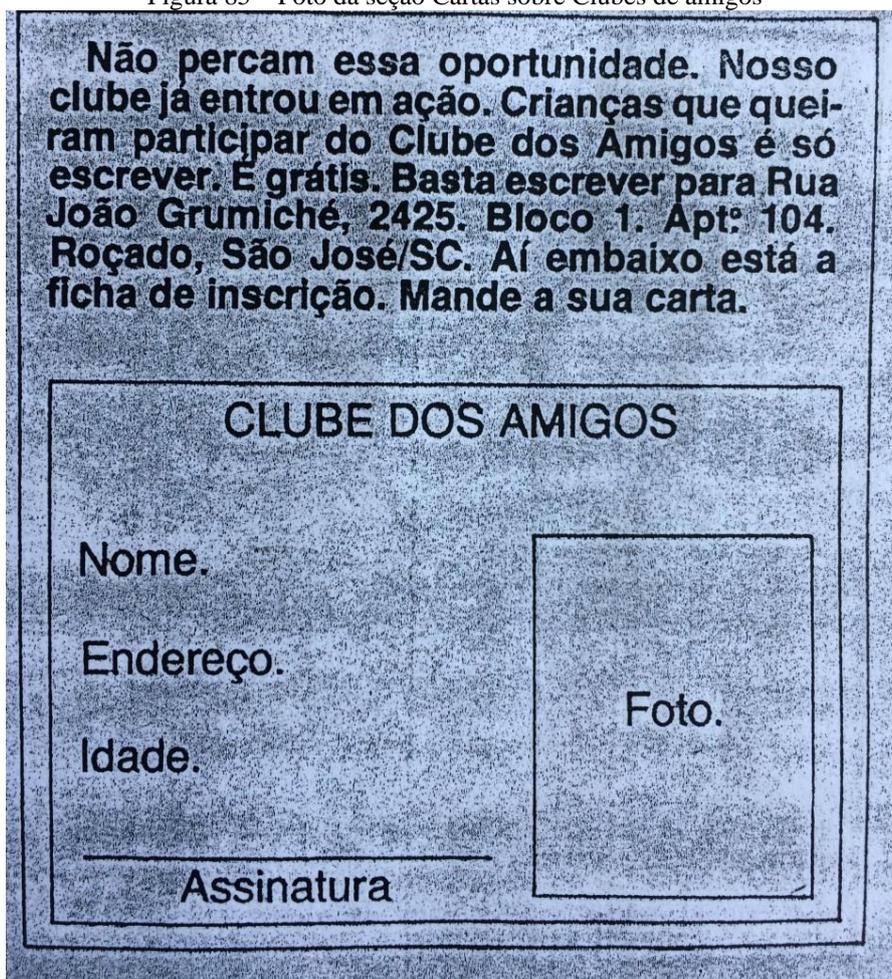
Nome.

Endereço.

Idade.

Assinatura

Foto.



Fonte: O Estadinho (22/2/1987) – Acervo da autora

Os clubes e clubinhos ficaram bastante comuns nas décadas de 1970, e, principalmente, em 1980, com a popularização da televisão e a ascensão de programas infantis, que também incentivam a escrita de cartas e a formação de clubinhos.

Figura 86 – Foto da seção Cartas (1)

CARTAS	
<p>O Estadinho Rodovia SC 401-Km 3 Bairro Saco Grande Florianópolis - SC CEP 88.000</p>	<p>Fla - SC</p>
<p>Oí amiguinho, tudo bem com você? Não me conhece? Ora essa! Eu sou seu amigo desconhecido, mas gostaria de ser seu amigo de correspondência. Por cartas nós poderíamos conversar, contar segredos, ser amigos, etc. Por isso não perca tempo, escreva agora mesmo uma cartinha para mim. Meu endereço é: Rua Adolfo Schik, 227. Alto das Palmeiras. CEP 89 460. Canoinhas/SC.</p> <p>Valdecir O. da Silva</p> <p>Olha aí pessoal, o Valdecir está querendo receber cartas de outros leitores, quem quiser escrever para ele é só mandar pro endereço que está em cima.</p> <p>Obs.: Não esqueça de mandar sempre o seu nome completo e a idade.</p>	

Fonte: O Estadinho (5/10/1986) – Acervo da autora

Figura 87 – Foto da seção Cartas (2)<sup>79</sup>

Fonte: O Estadinho (28/7/1985) – Acervo da autora

Nos clubinhos, além da troca de correspondência, era possível, também, trocar selos, papéis de cartas, artefatos que viraram “febre” entre as meninas e os adolescentes, dentre outros.

Gabriela Gonçalves, de Itapema, em carta enviada ao suplemento, pergunta:

<sup>79</sup> No texto da carta: Oi, tudo bem? Meu nome é Rodrigo Titericz, junto com meus irmãos estaremos fundando um clubinho para que a criança catarinense tenha mais amizades. Por isso estou pedindo que vocês aí do Estadinho publiquem no jornalzinho mais lido pelas crianças catarinenses o nosso chamamento para que essas crianças sejam nossos primeiros sócios – mirins la vai: (O ESTADINHO, 28/7/1985, p. 2)

“Será que não tem ninguém que gostaria de se corresponder e trocar papel de carta comigo?” (O ESTADINHO, 8/2/1987, p. 2). Assim como ela, outros leitores, por meio dos clubinhos, sugeriam trocas de objetos, vendas, o que de alguma maneira parecia garantir às crianças certa autonomia em relação aos seus objetos.

Cartear-se com outras crianças não foi pedido apenas dos leitores de *O Estadinho*. Leitores de a *Folhinha* e de outros impressos fora do Brasil também mostraram esse desejo, evidenciando uma sensibilidade que extrapolava os limites territoriais. Expandiam-se novas tecnologias que otimizavam o tempo de “viagem” das missivas, crescia também um mercado de papelaria que instigava o uso de papéis bonitos, canetas coloridas, adesivos. A universalização da escola apontava para uma incorporação da cultura escrita por crianças de diversos estratos sociais, ainda que durante séculos, “pessoas comuns”, aprenderam a ler e escrever, sem nunca terem ido à escola (LYONS, 2012, p. 189). Assim, revistas e suplementos tornaram-se importantes difusores dos clubes de cartas, colocando em circulação, ainda que pela intimidade, práticas e saberes de escritas mescladas com trocas de confidências e partilhas de momentos de quem as escrevera.

Figura 88 – Seção destinada à troca de correspondências

## Correspondência

Gente! Como aumentou o número de cartas para troca de correspondência... Não há espaço para publicar todos os nomes e endereços, mas aqui vai um primeiro lote:

**Ricardo Corominas** — rua Serra de Juréa 465, casa 2 CEP 03323, SP. Tem 12 anos e coleciona selos.

**Rosa Okuyama** — Rua Keitiro Komatsu, 61, Registro, CEP 11900, SP. Tem 14 anos, gosta de música, natureza, prala.

**Carlos Alberto Garcia** — Rua Um, 9, Cecap Irapuru, CEP 17880, SP. Tem 10 anos e gosta de escrever, ver TV, andar de bicicleta, nadar, jogar futebol.

**Roseli Demori** — Rua 12 de Outubro 488, CEP 13470, Americana, SP. Tem 11 anos e gosta de bicicleta, dançar, ver TV, praticar esportes, etc.

**Maria Gonçalves das Neves** — Rua Jonas Herculano Aquino 72, CEP 05590, SP. Tem 15 anos e gosta de TV, música brasileira, literatura, andar a pé.

**Elisa Kinjo** — Rua Barreto de Menezes 31, Vila Carrão, SP. Tem 14 anos, gosta de ler, escrever e ouvir música.

**Erica Loveroff** — Rua dr. Sebastião Carlos Arantes, 40, CEP 04624, SP. Coleciona papel de carta.



Fonte: Folhinha de São Paulo (27/4/1980, p. 2) – Acervo on-line da *Folha de São Paulo*

Na Espanha, a *Revista Juvenil Feminina* publicava com regularidade endereços de suas leitoras que solicitavam trocar correspondência com meninos e meninas. Assim também fazia a *Revista Zipizape*, que costumava destinar uma página inteira à publicação de endereços de seus leitores, sendo que algumas solicitações vinham acompanhadas de foto de quem as solicitava.

Figura 89 – Seção para troca de cartas

**CORRESPONDENCIA**

Susana Carreras Montoto, Avda. Tenor Fleta, 57. Zaragoza- 7, desea mantener correspondencia con chicos y chicas de 13 a 15 años, con preferencia de Zaragoza. Pide foto.

Marta Temes López, Aperribay, 31. Galdácano (Vizcaya), desea cartearse con chicos y chicas.

Yolanda Carrión Bernal, desea mantener correspondencia con chicos y chicas de 12 y 13 años. Escribid a: Avda. del Caudillo, 148. Santa Coloma de Gramanet (Barcelona).

*CARTA VA CARTA VIENE*   
*Editorial Bruquera, S.A.*  
*Camps y Fabrós n.º 5*  
*Barcelona-6*

Fonte: Revista Juvenil Femenina Lily (10/1/1983, p. 14) – Acervo da autora

Figura 90 – Seção que incentivava a troca de cartas

2

# TUS AMIGOS

Si quieres solicitar correspondencia no tienes más que escribir a: TUS AMIGOS, C/ Camps y Fabrés, 5, Barcelona (6), detallando tus preferencias y adjuntando una foto si deseas que la publiquemos también. ¡Esperamos tus cartas!



He aquí los nombres de las niñas y los niños que desean escribirse:

## Yo te mando una carta a tí, tu me mandas una carta a mí...

EDITORIAL BRUGUERA ADVIERTE A SUS LECTORES QUE EN NINGUN MOMENTO SE PONE EN CONTACTO TELEFONICO CON LOS CORRESPONSALES DE ESTA SECCION SIN PREVIA ACREDITACION PERSONAL O ESCRITA.



Raquel Belmonte. C/ Eulogio Estarta, 11, 1o. dcha. Elgoibar (Guipúzcoa); con chicos-as españoles y extranjeros, de 12 a 15 años.

Cristina Llevet Balaguero (13 años). C/ Neptuno, 8, 2o. 3a. Lérica; con chicos-as de 13 a 15 años.

María Fabiola Navarro Cruz. C/ Núñez de Balboa, 4. Alcalá. Tenerife (Canarias); con chicas de 13 a 16 años.

Antonio Luis Torres Moyano. Pza. Marca Hispána, 2. 3o. 1a. Sabadell (Barcelona); con chicos-as de 11 a 13 años.

Ana Isabel y Natividad (12 años), desean correspondencia con chicos-as de 12 a 14 años. Escribid a: Ana Isabel Bermejo. C/ Segundo Ispizua, 8, 6o. C. Erandio (Vizcaya).

Dos amigos: Alex y Vicente, de 14 años, desean correspondencia con chicas de su edad. Escribid a: Alex Sánchez Vives. C/ Urgel, 34 bajos. Barcelona- 11.

Natalia Perona Vizcaino (13 años). Rbla. Ribatallada, 31, c/8, 2o. 1a. Sant Cugat del Vallés (Barcelona); con chicos-as de 11 a 15 años.

Tenaús Medina Rodríguez (16 años). C/ Antonio de Armas, 9, Agaete. Las Palmas de Gran Canaria; con chicos-as de todas las edades.

Estrella Rodríguez Redondo (12 años) Campa San Roque, 56. Archanda. Bilbao- 14 (Vizcaya); con chicos-as para intercambiar canciones modernas.

Francisco José Alvarez (14 años). C/ Santa Rosalía, 102, 3o. 1a. Barcelona- 32; con chicos-as de todo el mundo. Puede escribir en catalán, castellano o inglés.

José Abel Tapia. C/ Villanueva, 13. Carlet (Valencia); con chicos-as de todo el mundo, para intercambiar monedas y billetes.

Ma. Victoria García Gutiérrez (14 años). C/ Vera Abajo, 4. Valle de S. Lorenzo. Arona. Sur de Tenerife (Canarias); con chicas-os de 14 a 16 años.

Montserrat López Linates (16 años). Hostal D'Sant Antoni, 5. 3o. 4a. Barcelona- 3; con chicos-as de su edad.

Azucena Arevalo. C/ Bagaza, 16, 5o. B. Baracaldo (Vizcaya); con chicos-as de 14 a 16 años. Le gusta mucho leer y escuchar música.

Dos amigas: Anabel (12 años) y Ma. Carmen (13), desean correspondencia con chicos de 12 a 14 años. Escribid a: Anabel Bermejo Rubio. C/ Segundo Ispizua, 8. 6o. C. Erandio (Vizcaya) y a Ma. Carmen Rubio, C/ Pajares, 11, 2o. C. de la misma localidad.

Patricia Orube García (14 años). La Revilla. San Vicente de la Barquera (Cantabria); con chicos-as de todo el mundo, para intercambiar sellos.

Ma. Carmen Serrano Gómez (15 años). C/ Gallur, 249, 6o. izq. Madrid- 19; con chicos-as de cualquier edad. Desea intercambiar fotos, entrevistas y posters de Pecos, Miguel Bosé, Superman, John Travolta, Starsky y Hutch, Leif Garrett, Miguel Rios, por fotos, entrevistas y posters de PAR-CHIS.

Beatriz Vizcaino García (12 años). C/ Gabriel Lobo, 9, bajos. Madrid- 2; con chicos-as de cualquier edad y lugar.

Daríá Añberola Vázquez (13 años). C/ Roig de Corella, 16. Sueca (Valencia); con chicos-as de todas las edades y de todos los países.

Isabel Ribes Forment (15 años). Avda. País Valenciano, 12, 5o. Alacuas (Valencia); con chicos-as de 14 a 17 años.



Julia Muñoz Moliné (12 años). C/ Martínez, 21, 1o. 2a. Suria (Barcelona); con chicos de todo el mundo y de todas las edades.

# ZIPIZAPE

REVISTA GALARDONADA CON EL "ARO DE PLATA" DE LA FERIA DEL JUGUETE DE VALENCIA EN 1974 Y 1975 Y "ARO DE ORO" EN 1976 Y 1981.

Directora: MERCEDES BLANCO ABELAIRA

AÑO XIII. No. 585.- Julio de 1984

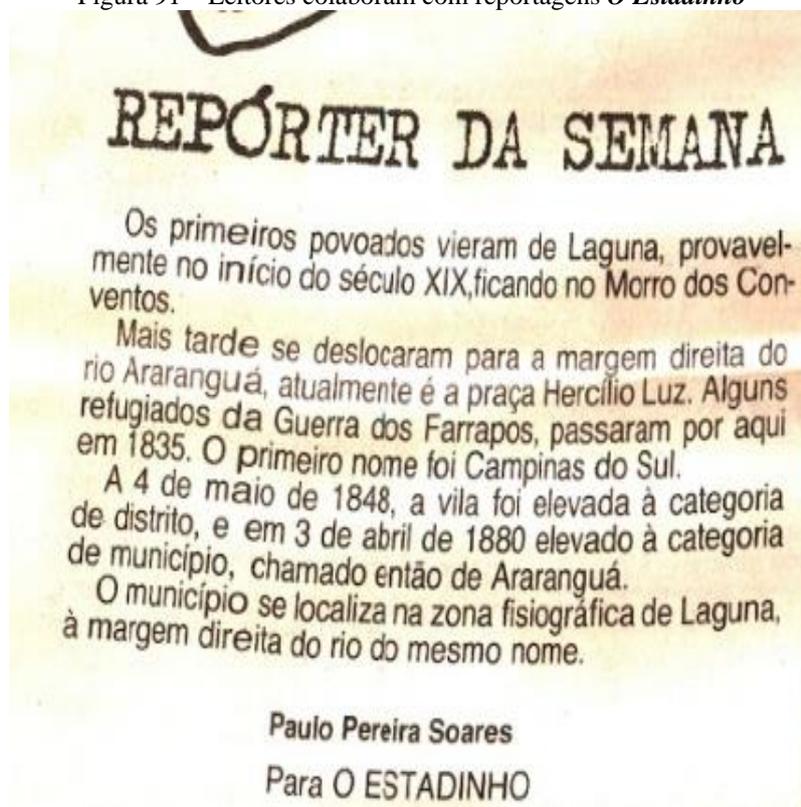
© EDITORIAL BRUGUERA, S.A.- 1984. Titularidad y derechos reservados a favor de la propia Editorial - Barcelona (España) PROHIBIDA LA REPRODUCCION. Redacción: Camps y Fabrés, 5 - Barcelona (6). Impreso en los Talleres Gráficos de EDITORIAL BRUGUERA, S.A. Carretera Nacional 152. Km. 21,650 - Paret del Vallés (Barcelona) 1984 Depósito legal B. 25.851-1972 ISSN 0211-9307 Publicidad: Catalonia Press S.A. Ronda General Mitre, 1 Barcelona- 17, Tel. 203 09 54 DISTRIBUYE LIBRESA, Durán y Borrell, 24-28. Barcelona- 23.

Diferente dos impressos já citados, *Zipizape* destacava a importância da autorização dos leitores para o fornecimento de contato telefônico, demonstrando certa preocupação no repasse de algumas informações e coerência com a própria seção, que se destinava ao estabelecimento de vínculo via cartas.

Os editores e colaboradores de *O Estadinho*, como mostra a seção Cartas, nessa segunda fase, incentivavam a participação das crianças na confecção do jornal, não somente acolhendo suas produções como também as elogiando e solicitando com frequência que seus leitores continuassem a enviar mais trabalhos. O jornal destinava espaço considerável às produções infantis, que chegavam a ocupar até três páginas do suplemento, entretanto, os editores e colaboradores também davam suas contribuições, escrevendo textos, montando histórias, fazendo reportagens e organizando colunas.

Havia uma preocupação em cativar o leitor também pelas personagens, como nos textos produzidos por Marisa Napolini e Aldy Maingué, denominados “A Caça de Aventuras”, que era uma série de historinhas vividas por dois repórteres iniciantes na profissão, apelidados de “focas” (‘foca Pito’ e ‘foca Lau’), que trabalhavam para *O Estadinho*. O vampiro ‘Digo’, criação de Fábio Brüggemann e Clóvis Medeiros, também criou vínculo com as crianças que, não raras vezes, enviavam recados para o vampirinho.

O “Espaço da Rapaziada” e a coluna “Repórter da Semana” passaram a integrar o jornal infantil a partir de 1986 e seguiram até o ano seguinte. “Repórter da Semana” era destinado à publicação de textos, prioritariamente, que envolviam histórias vividas pelas crianças e pesquisas sobre algum município ou alguma personalidade de sua cidade, e seguia uma dinâmica um pouco mais distinta que a coluna do infantil paulista. No suplemento catarinense, a intenção da coluna voltava-se muito mais para a projeção do repórter mirim e seu esforço em conduzir a reportagem do que para entrevistar alguém famoso, como desejava a *Folhinha*.

Figura 91 – Leitores colaboram com reportagens *O Estadinho*

Fonte: O Estadinho (29/9/1986) – Acervo da autora

Figura 92 – Leitores colaboram com reportagens *Folhinha de São Paulo*

# Você é o repórter

**BELL KRANZ**  
Editora da Folhinha

Eu tenho uma proposta para vocês. Que tal bancar o repórter? Vou explicar melhor: alguns leitores fazem uma entrevista com uma pessoa que lhes interessa. O Renato Aragão? A Turma do Balão Mágico? Você é quem vai escolher o entrevistado. Daí essa pessoa é convidada para encontrar com os

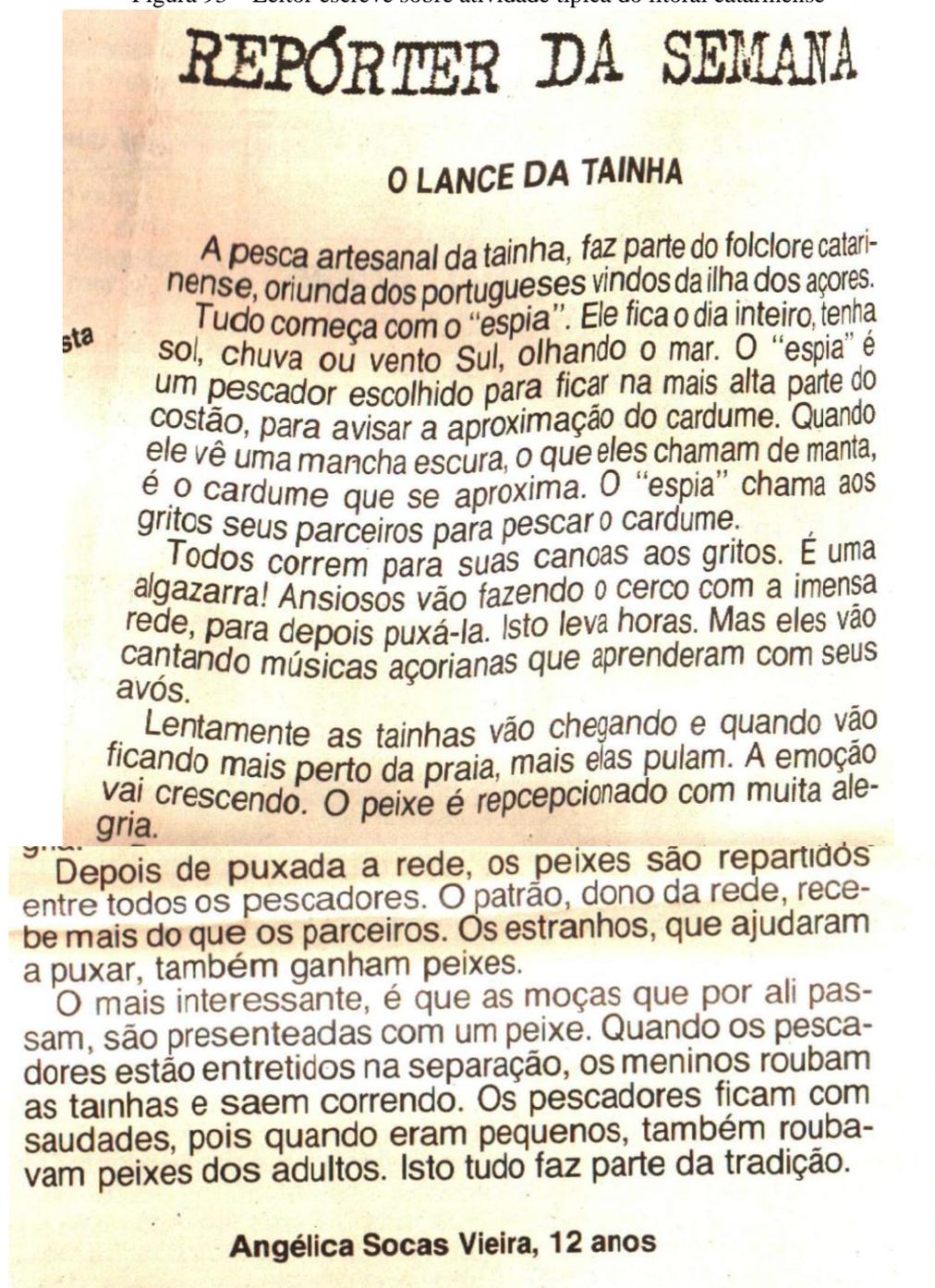
repórteres mirins aqui na redação do jornal e a entrevista sai publicada na Folhinha. Acho que vai ser uma bela experiência.

Para ser um repórter-mirim escreva para cá dizendo quem você gostaria de entrevistar e as perguntas que você faria ao entrevistado. Os repórteres serão chamados através de carta ou telefone. Estamos esperando os candidatos. Bom domingo.

Fonte: Folhinha (14/4/1985) – Acervo on-line da Folha de São Paulo

No espaço de *O Estadinho*, é possível encontrar publicações de narrativas que utilizavam uma linguagem mais formal, com elementos datados, típicos dos livros de história daquele período. Vestígios de uma cultura escrita pautada na cópia, na imitação, na valorização de uma informação formal, um tipo de escrita relacionada a um ensino tradicional (FINOCCHIO, 2014). Porém, também foram publicados textos menos rebuscados, com mensagens simples, do cotidiano, sem deixar de observar os aspectos formais da cultura escrita, como a narrativa de Angelica Soares Vieira, de 12 anos, que relatou uma atividade pesqueira comum na capital catarinense, em 21 de setembro de 1986.

Figura 93 – Leitor escreve sobre atividade típica do litoral catarinense



Fonte: O Estadinho (21/9/1986, p. 6) – Acervo da autora

Em outros impressos espanhóis, colunas semelhantes incentivavam a publicação de matérias cujo tema voltava-se para cidades e bairros, contando as experiências de seus leitores sobre o local escolhido. Neles, saber escrever significava saber expressar-se por si (evitando cópias, como alertavam alguns editoriais), além de demonstrar domínio do sistema gráfico. Aspectos de uma cultura escrita, em que a valorização de

uma determinada forma de escrever e a sua prática ganhavam tanto valor quanto a apropriação do sistema gráfico (CASTILLO GÓMEZ, 2005). Uma escrita que, de acordo com Finocchio (2014), primava pelo caráter criativo, sem se esquecer das regras ortográficas. Ambas as formas, tanto uma mais tradicional, quanto um modelo de escrita mais livre, coloquial, de caráter mais subjetivo, estiveram presentes no jornal. A forma mais tradicional predominou durante a primeira fase do suplemento, entretanto, o investimento numa escrita mais “livre<sup>80</sup>” e os vestígios sobre uma convivência de estilos se mesclavam e se sobrepunham, mas não deixaram de marcar as páginas do suplemento.

Figura 94 – Leitora escreve sobre alguns problemas de seu bairro



Fonte: Pequeñezes (1984, p. 2) – Acervo da autora

Diferente da seção Repórter da semana, a coluna Espaço da rapaziada destinava-

<sup>80</sup> Para escrita livre, nos valem da compreensão de Ana Maria Finocchio (2014, p. 66), que a descreve como sendo tributária à “pedagogía da libre expresión”, nela “[...] los alumnos recuperan la libertad creadora a través de la exploración de la subjetividad en el uso del lenguaje coloquial ...”.

se a publicações diversas. Ocupava em média uma página, sendo nela publicados desenhos, histórias em quadrinhos e historinhas produzidas pelos leitores do jornal infantil que, em boa medida, solicitavam a publicação por meio de cartas. Não raras vezes, as crianças tinham suas cartinhas publicadas na seção Cartas e, também, seus desenhos ou histórias publicadas no “Espaço da Rapaziada”. “Rapaziada” é um termo bastante comum na capital e em boa parte litorânea do Estado, derivando da palavra “rapaz”, que significa “menino” ou “moço”, enfim, algo que denota, pelo jornal, determinados aspectos da cultura infantil ilhoa/catarinense/açoriana. Entretanto, há que se suspeitar, também, nessa seção, de uma possível incorporação feita pelo *O Estadinho* de uma coluna que, naquele ano, circulava na *Folhinha* de São Paulo. Com o nome “O Espaço é seu”.

Figura 95 – “O Espaço d Rapaziada”

O ESTADINHO 6 Domingo, 30 de novembro de 1986

**O ESPAÇO DA RAPAZIADA**

Lúcia D. Poffo  
tenho 9 anos  
1986/86

Lúcia D. Poffo, 9 anos

**REPÓRTER DA SEMANA**  
**MINHA ARVORE**

*Todos os dias pela manhã escovo os dentes e vou até a janela para ver minha árvore. Ela fica na calçada em frente a minha casa. Observo se ela está em ordem, se seus galhos estão quebrados.*

*Eu gosto dela porque quando chega a primavera, ela se enche de flores amarelas. Um dia alguém queria podá-las mas eu não deixei, por que ela ficaria feia. E enquanto eu fui à aula podaram a minha árvore.*

*Ao olhar para ela vi que estava sem flores. Mas ela voltou a dar flores ainda mais lindas e eu fiquei feliz. Agora eu deixo podar minha árvore todos os anos para ela ficar cada vez mais bonita.*

Denise Schulz, 13 anos

Daniela Sampaio  
Os meus gatos.  
Eu gosto muito dos meus gatos e tenho mais de 10.  
Eles estão felizes e brincando.

Ele estava falando uma piada.

Eu gosto muito dos meus gatos e tenho mais de 10. Eles estão felizes e brincando.

Daniela Sampaio

MEU AMIGO  
O SOL.

Sérgio Cezário Santos, 9 anos

PARA  
VOCE  
FOFINHA

Camila Fernanda, 9 anos

O RATINHO DO FLUMINENSE

Fernando Cezário Santos, 12 anos

Figura 96 – “O Espaço é seu”

Jornal Oficial  
**FEIRAÇA**

# O Espaço é seu

## O sol e o polegar briguento

**DANILO TEIXEIRA NORITOMI**  
Leitor da Folhinha

Esse é o sol. Ele dorme atrás das montanhas. Não pára de trabalhar.

De manhã acorda muitas pessoas. Os preguiçosos é muito difícil o sol acordar com a sua força de manhã, então só acorda com a luz das 10 horas em diante.

Ele faz isso sem parar de caminhar.

É muito difícil acordar antes do Sol.

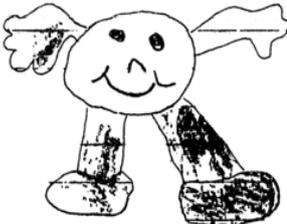
O Sol vai andando, quando chega atrás das montanhas, ele dorme (isso é, às 6 e pouco).

No caminho dele ele ilumina e aquece nosso planeta.

A vida do Sol é assim, muito difícil.

Viram que vida difícil leva o Sol?

Vocês sabem que o Sol não anda, quem anda é a Terra. E que ele não dorme atrás das montanhas. Mas esse que estava dentro de mim é assim.



Esse é o polegar briguento. Ele briga com todos. Briga com o Sol porque acorda ele cedo demais. E também é muito pequeno. Tem cinquenta centímetros. Mas é bem fortinho, então ele briga com todo mundo, até com os personagens que eu vou inventar outro dia.



**ALEXSANDRA ALVES**  
Leitora da Folhinha

## O jacaré caduco

Bem no centro do Bosque Perdido mora o jacaré caduco. Todos os dias vai ao dentista afiar os dentes.

Ele é muito vaidoso. Anda sempre vestido de verde, por isso dizem que ele é caduco.

Todos os dias ele vai à lagoa espelho ver a Lua e as estrelas. O nome da lagoa é Lagoa Espelho.

Um belo dia ele resolveu comer a Lua, preparou uma corrida e se jogou na água.

Abriu um bocão e “suftu” na água em direção ao reflexo da Lua.

Depois sai dizendo que engoliu a Lua, achando que a Lua é um líquido muito gostoso.

Depois olhou na água e viu a Lua de volta e disse:

— Que história é essa, a Lua está aí de novo.

Depois ficou convencido de que não havia comido a Lua e disse:

— Bem, se não pude comer a Lua, pelo menos umas três ou quatro estrelas eu comi.

**DANILO TEIXEIRA NORITOMI, 8,**  
Osasco, SP.

**ALEXSANDRA ALVES, 11, São Paulo**

**ZÉ PUNK.**

PROIBIDO	PROIBIDO	PROIBIDO
----------	----------	----------

Fonte: Folhinha de São Paulo (10/11/1985) – Acervo on-line da Folha de São Paulo

Esse foi um dos propósitos dos editores dessa segunda fase: produzir um material mais genuíno e menos “importado”, em que a criança ou a rapaziada pudessem se reconhecer nele, se sentir representadas por ele. No estudo desse suplemento, indícios nos levam a pensar que eles (suplemento/editores) elegeram uma infância. Uma infância escolarizada, consumidora, mas valorizada em sua opinião, em seus gostos, seus sentimentos. O suplemento se manifesta como um impresso mais voltado para satisfazer desejos e necessidades infantis do que propriamente para as demandas dos adultos (publicar fotos em colunas sociais e usar *O Estadinho* como ocupação de tempo das crianças).

Em *O Estadinho*, da segunda fase, não há vez para a infância marginalizada, empobrecida, desprovida de capital. Entretanto, há vez e voz para um grupo que antes também fora silenciado e essa questão, por si só, já faz com que se possa refletir sobre um jornal que nasceu em meio a um surto de modernidade, na emergência de uma criança que participa, se manifesta e intervém em seu ambiente. Dessa forma, *O*

***Estadinho*** dá indícios de uma contribuição expressiva para um processo civilizador, como o proposto por Norbert Elias (1993), em que a circulação de hábitos e de ideias de um grupo contribui para a civilização do outro, ainda que esses hábitos, ideias e valores sejam transformados pelos sujeitos numa espécie de *bricoleur* ou bricolagem, como defende Certeau (1996).

## 5 PÁGINAS EM FESTA: COMEMORAÇÕES EM *O ESTADINHO*

Os quatro textos que compõem esse capítulo, convidam o leitor a conhecer algumas das comemorações que agitaram o suplemento infantil. Nelas, buscou-se analisar que representações da infância circularam e como tais representações ajudaram a disseminar um modelo ideal de viver essa fase da vida. Tal modelo ancorava-se em três pilares: famílias, escola e consumo. Foram escolhidas quatro comemorações, das quais três delas estiveram presentes em ambas as fases do suplemento: o Festival da Criança, o Dia da Criança, o Natal e a Independência do Brasil. O Festival da Criança foi uma atividade cultural realizada em um domingo em que se comemorava o dia dos pais, no ano de 1972. Atividades de pintura e sorteios de brinquedos, cadernetas de poupança e viagens se mostram como vestígios que permitem pensar em uma infância modelada pela família de organização tradicional, ou seja, nuclear. O Dia das Crianças certamente foi comemorado com frequência, entretanto somente dois exemplares do acervo dessa pesquisa fazem referência à data, 1972 e 1985. No ano de 1972, o destaque a uma infância ideal ficava por conta da relação com o consumo. Presentes marcavam a data e os desejos que aparecem como das crianças. No ano de 1985, o destaque ficou por conta de material produzido pelo UNICEF, alertando para a importância de se conhecer e respeitar os direitos das crianças. O Natal também foi comemorado e, assim como o dia das crianças, representações que projetavam uma infância atrelada ao consumo, ao presente e também a uma relação com a religião católica. Porém, no ano de 1985, o presente não aparece ligado ao consumo e à comercialização do brinquedo. Indícios de mudanças na própria percepção da infância. Saindo do foco das comemorações relacionadas diretamente à infância, outra data que permitiu conhecer um pouco mais do suplemento e nele perceber as representações sobre ela foi a Independência do Brasil. O Sete de Setembro ganhou as páginas do suplemento para apresentar a seus leitores como as crianças foram convocadas a festejar o Brasil, evidenciando uma perspectiva muito própria de infância correspondente ao período então em curso.

### 5.1 O FESTIVAL DA CRIANÇA DE 1972: A FESTA EM FAMÍLIA

Todas as crianças reproduziram no papel um pouco de sua alma. E no “Parque Infantil Dona Tilinha”, onde *O ESTADINHO* promoveu o **Festival da Criança** produziram-se ingênuas telas de papel que poderiam receber rótulos variados: surrealistas, expressionistas, cubistas, naturalistas, ou, até, claramente apegadas ao amargo sarcasmo do dadaísmo. Mas, se leves traços

dessas escolas estivessem inconscientemente lavrados nos desenhos infantis, nem por isso conseguiriam esconder a sublime inocência que habita em cada criança. Inocência que contagiou até os adultos que acompanhavam os pequenos **Van Goghs** e que se surpreenderam na luminosa manhã de domingo, pincelando uma das 5 mil folhas de papel que O ESTADINHO deu às crianças, para que nela ficasse gravado um enternecedor momento de suas infâncias. (O ESTADO, 15/8/1972, p. 2).

No dia 13 de agosto de 1972, meninos e meninas de diferentes idades saíram de suas casas para passar um domingo diferente. Em um dia ensolarado de inverno, a programação elaborada pelo suplemento *O Estadinho* atraiu aproximadamente 3.000 crianças para a Praça Getúlio Vargas, no centro de Florianópolis. Foi o primeiro evento elaborado pelo suplemento que circulava há pouco mais de três meses, uma festa para comemorar a infância e a família. A festa também comemorou, ainda que em segundo plano, o dia dos pais, idealizando a infância de modo bastante romântico<sup>81</sup>. Recebendo a matéria de capa do jornal *O Estado*, as comemorações à infância parecem ter encontrado um bom lugar para representar o que se esperava das crianças, já vistas como o futuro do país.

---

<sup>81</sup> Pautado nas concepções de infância de John Locke e Jean Jacques Rousseau, a infância romântica é “[...] a imagem da criança inocente, frágil e dependente do adulto” (ANDRADE, 2010, p. 73). Nessa representação, se fortalece a percepção da criança como uma “tábula rasa” ou um “vir a ser”, mesclada a uma inocência de sabedoria e sensibilidade na qual se projeta sobre ela, a criança, uma esperança de futuro. Essa concepção que surge no século XVIII, a partir dos estudos de Rousseau e sua obra *Emílio* (1762), trouxe importantes contribuições ao pensamento pedagógico moderno: “1. a descoberta da infância como idade autônoma e dotada de característica e finalidades específicas, bem diversas das que são próprias a idade adulta; dessa descoberta Rousseau estava decididamente consciente, como revela já no prefácio do *Emílio* (“a infância não é absolutamente conhecida” e “se perde” pelas “falsas ideias que se têm dela”); de fato, procura-se “sempre o homem no menino, sem pensar naquilo que ele é antes de ser homem”); 2. o elo entre motivação e aprendizagem colocado no centro da formação intelectual e moral de *Emílio* e que exige partir sempre, no ensino de qualquer noção, da sua utilidade para a criança e de uma referência precisa à sua experiência concreta; tal princípio rousseauiano foi amplamente retomado na pedagogia romântica e mais ainda em algumas correntes pedagógicas do século XX, em particular pelo “ativismo” defensor do puericentrismo e ligado a comportamentos pragmáticos; 3. a atenção dedicada à antinomia e à contraditoriedade da relação educativa, vista por Rousseau ora como orientada decididamente para a antinomia, ora como necessariamente condicionada pela heteronímia; entre liberdade e autoridade, no ato educativo, não há exclusão, mas apenas uma sutil e também paradoxal dialética; desde aspecto “dramático” da educação Rousseau também foi sagaz intérprete, como toda a ambígua relação entre *Emílio* e o preceptor vem ilustrar. São esses já os temas (“puericentrismo”, aprendizagem motivada, dialética autoridade-liberdade) que estão na base de grande parte da pedagogia contemporânea. (CAMBI, 1999, p. 346-347).

Figura 97 – Festival da Criança, em 1972



## **O ESTADINHO fez a festa**

Cerca de três mil crianças viveram domingo um dia inesquecível em suas vidas, ao participarem da festa que O ESTADINHO promoveu na Praça Getúlio Vargas, considerado o maior acontecimento no gênero feito em Florianópolis. Tinta, papel, pincéis, banda e Pepsi-Cola formavam o pano de fundo do parque infantil, com os ato-

res produzindo sem cessar os mais incríveis desenhos. Todos eles tinham um grande desejo: ganhar os prêmios que hoje serão sorteados. O ESTADINHO, com o sucesso do Festival da Criança já decidiu: brevemente haverá novas festas para toda a criançada da Cidade (primeira página do II)

Fonte: O Estado (15/9/72, Cad. II) – Acervo da autora

De 1972 a 1987, *O Estadinho*, assim como muitos veículos impressos, foi porta-voz de diversas manifestações festivas, envolvendo desde atos cívicos até festejos nascidos<sup>82</sup> no âmbito familiar. De concursos de redação a atos populares regados com música e refrigerante, o suplemento infantil celebrou a infância, a cidade e o país, e, em 15 anos de existência, mostrou aos leitores, crianças ou adultos, qual lugar ocupava a infância naquele tempo e espaço.

Contudo, o que comemorar e por quê? Quem foram os celebrados? Como isso foi representado no jornal? Por que os pequenos leitores foram envolvidos nisso? Que relação havia entre comemoração e infância?

Para começar, há que se esclarecer sobre esse termo aqui evocado, não no sentido de descrever seus significados, mas de poder compreendê-lo como ações que representam e refratam um dado momento social. Comemorar tem sua origem no latim, *commemoratio*, que significa: “trazer à mente”, ou seja, lembrar-se de um fato, evento, uma situação, assim como ocorre com os aniversários os quais se valorizam bastante. Se memorar está relacionado à memória, o prefixo *com* indica coletividade, o que dá à *comemoração* um caráter coletivo. Ricoeur (2007) lembra que comemorar é um investimento coletivo, ou seja, algo que se constrói coletivamente. Nesse sentido, o autor pondera sobre os abusos de memória e a “política de uma justa memória”. Tal política deve estar implicada nos trabalhos historiográficos, sendo responsabilidade dos historiadores e dos investigadores fazer a “economia das pulsões”, ou seja, compreender a memória (seja um testemunho, uma biografia, notícia de jornal ou mesmo um documento oficial) não como o passado em si, em termos absolutos, mas, também, não desconsiderá-la por completo. E é na busca de um equilíbrio entre memória e erudição que deve se pautar a construção de uma história. Helenice Rodrigues da Silva (2002) investigou os usos sociais da memória em eventos comemorativos ligados aos 500 anos de descobrimento do Brasil. Apoiada em Ricoeur, a pesquisadora sugere que as comemorações são frutos de utilização e de manipulação da memória, sendo as celebrações nacionais objeto de interesse político, ético, ideológico, etc. Nesse sentido, ao trabalhar com a comemoração, deve-se ter em consideração não apenas que ela faz evocar uma memória sobre o passado, que é, sobretudo, uma representação desse passado, mas que nessa comemoração “[...] apagam-se as lembranças das situações

---

<sup>82</sup> Tanto o jornal *O Estado*, quanto o suplemento *O Estadinho* e também o suplemento infantil *Folhinha* de São Paulo valorizavam as comemorações familiares, como o dia dos Pais, dia das Mães, Natal, Páscoa. Nessas datas, era comum a publicação de textos, desenhos e mesmo fotos de crianças com seus familiares.

constrangedoras [...] e privilegiam-se os mitos fundadores e as utopias nacionais” (SILVA, 2002, p. 432). André Bonsanto Dias (2014), ao debruçar-se sobre as comemorações dos 90 anos do jornal *Folha de São Paulo* e a construção de uma identidade por esse periódico, faz uma reflexão sobre como a imprensa atua ativamente na construção e na criação de uma memória coletiva, utilizando-se, sobretudo, da comemoração. Celebrar os 90 anos da *Folha de São Paulo* não foi simplesmente apagar as velinhas de um bolo, mas, também, foi apagar fatos registrados na memória, em substituição a outros, selecionados com cautela, com cuidado, “manipulados”<sup>83</sup> (RICOEUR, 2007), a fim de fazer perpetuar uma imagem de jornal que lutou pela democracia no país.

Não precisa fechar os olhos para citar com rapidez algumas datas que são celebradas no Brasil. O calendário oficial inclui nove feriados nacionais, das quais quatro são festividades relacionadas ao catolicismo e fazem celebrações de grande monta envolvendo todo o país, inclusive com verba pública. Os outros cinco feriados, com exceção do dia primeiro de janeiro, são relacionados ao país e também foram convertidos em momentos para celebração, sobretudo o dia Sete de Setembro, quando se comemora a Independência do Brasil.

As comemorações são velhas conhecidas tanto das sociedades orientais quanto das ocidentais. Ocorrendo no presente, mas relacionando-se com o passado, as comemorações trazem o passado para o presente e projetam no presente um futuro. No caso das celebrações cívicas, há uma intenção de não apagar ou de não esquecer o passado. Porém, há também um desejo de se criar, por meio dessa comemoração (isto é, dos atos comemorativos que permeiam a sociedade), uma imagem, projetando uma representação ou determinadas representações de país, de governos e de políticas.

*O Estadinho*, um veículo de imprensa infantil, fomentou em suas páginas diversos eventos comemorativos, desde as tradicionais comemorações de Sete de Setembro, cujos indícios nos fazem pensar que houve a “[...] busca de um consenso nacional [...]” (SILVA, 2002) até mesmo as datas de ordem religiosa/comercial, como a

---

<sup>83</sup> A manipulação da memória pode ser compreendida como uma memória forjada cujos fins se articulam na formação da consolidação de determinadas identidades. Essa seleção da memória levada à condição de abuso, elaborada por certos grupos sociais, faz com que determinados “eventos” tornem-se “oficiais”. Assim, “O que celebramos com o nome de acontecimentos fundadores, são essencialmente atos violentos legitimados posteriormente por um Estado de direito precário, legitimados, no limite, por sua própria antiguidade, por sua vetustez. Assim, os mesmos acontecimentos podem significar glória para uns e humilhação para outros.” (RICOEUR, 2007, p. 95).

Páscoa e, também, a celebração do Dia das crianças (o qual em nosso país é feriado nacional, em homenagem a Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil).

Ao longo de seus 15 anos, o suplemento destinando à infância convidou seus leitores a participar ativamente de celebrações cívicas, religiosas e as de cunho privado e comercial, como dia das Mães e dia dos Pais e, evidentemente, sendo um jornal destinado às crianças, não poderia faltar a celebração do dia delas. Ainda que o acervo dessa pesquisa apresente lacunas, são muitos os exemplares que, de alguma maneira, celebraram os mais diferentes momentos históricos e personagens sociais. Assim, comemorando o soldado, o aviador, a criança, o pai, a mãe e o professor; celebrando o natal, o ano novo, a páscoa, as férias, a independência: *O Estadinho*, por meio de suas páginas, movimentou a memória coletiva, elaborando representações de infância por meio dessas comemorações. Ao fazer circular no suplemento alguns eventos (frutos de uma seleção), promoveu, também, ações vinculadas a ele e que foram desde atividade ao ar livre até concursos de redação.

O primeiro evento comemorado pelo suplemento catarinense foi o Festival da Criança, exaltado também pelo jornal *O Estado* que logo na seguinte edição<sup>84</sup> posterior ao acontecimento (15 de agosto de 1972) publicou na capa, foto e nota do evento, além de matéria ocupando uma página inteira do jornal com quase 15 fotos. Um evento comemorado no dia dos pais, no ano de 1972, que ressaltou a representação de uma infância feliz, oriunda das camadas médias, nuclear e escolarizada, como sugere a própria reportagem e as fotos publicadas.

As mães espalharam-se pelo jardim, admirando a obra de seus filhos e arriscando palpites, às vezes repelidos. As crianças entregaram-se a faina de criar “desenhos bonitos” e de com eles candidatarem-se aos prêmios de *O Estadinho*: uma bicicleta Monark, uma prodigiosa boneca e uma viagem a Assuncion e as Cataratas de Foz do Iguaçu.

Não sendo recomendável a instituição de um clima de competição e animosidade entre as crianças, os prêmios não serão dados aos melhores trabalhos, mas as crianças sorteadas, entre as que enviaram seus desenhos à publicação, e as que compareceram ao Festival no “Parque D. Tulinha”. Talvez por isso tenha brotado no jardim um ambiente de franca camaradagem entre as crianças, que se reuniram em grupos e conseguiram composições em cores variadas, resultando num irretocável quadro de solidariedade.

No mais, o domingo no parque foi divertido, pitoresco, e educativo para as crianças, e proporcionou aos adultos adoráveis horas de lazer [...]. (*O ESTADO*, 15/8/1972, p. II).

Mães zelosas, ambiente educativo e organização das crianças em grupos remetem a uma infância bastante característica de um determinado grupo social. Uma

---

<sup>84</sup> Nesse momento, o jornal não circulava nas segundas-feiras.

representação de infância elitizada, cuja organização estava atrelada aos desejos e às expectativas dos adultos (ROCHA, 1999).

Nessa esteira há também a sugestão de um grupo consumidor e adepto da viagem para compras, um hábito que se tornou “comum” em muitas famílias de classe média. A viagem para o Paraguai significava acesso a produtos importados e pouco comuns no Brasil. Envolveria obviamente a troca de moeda, uma mínima habilidade com outro idioma e, evidentemente, um determinado poder de compras. Vivia-se um momento de ampliação dos setores médios da sociedade, o que “[...] lançou as bases de uma diversificada e moderna sociedade de consumo [...]” (ALMEIDA; WEIS, 1998, p. 333), que não tardou em fazer da infância um lugar para deixar-se representar. Dessa maneira, em datas comemorativas como Natal e Dia das crianças, o que se pode constatar já nessa década é um crescente investimento da indústria cultural, sobretudo nos apelos publicitários que invadem os jornais, apresentando a infância como lugar de consumo.

Na Espanha, nessa mesma década, um periódico infantil, por meio de seu editorial, fez longa crítica a essa “imposição” mercadológica:

Hay días y épocas del año em que los anuncios para los niños son más numerosos. Los sábados por la tarde podemos ver montones de ellos; de yoghourts, de muñecas, de juguetes mecánicos, de alimentos que te harán más fuerte. Cuando se acercan las Navidades suele haber un auténtico bombardeo de anuncios de juguetes. (EL CAMBALACHE, Octubre, 1976, año 1, n. 7, p. 1).

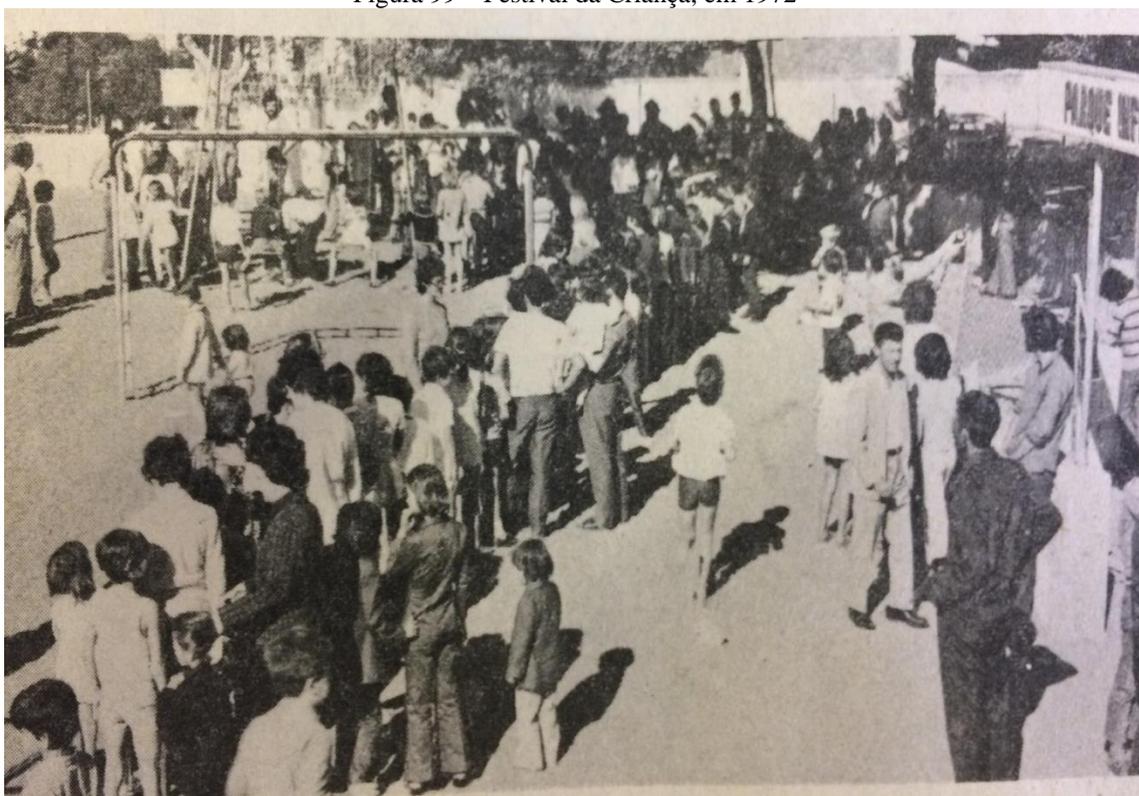
O avanço na formação de diversificados mercados consumidores foi pouco a pouco trasladando os sentidos de certas datas comemorativas, como o dia das Mães, dia dos Pais e até mesmo o Dia das crianças, também comemorado pelo infantil catarinense. O festival da Criança em certa medida já pode ser considerado como um indício dessas mudanças de consumo e de novos hábitos que o suplemento ajudou a veicular, ainda que permanecesse a imagem da criança atrelada à ingenuidade, à bondade e à pureza. Assim também o próprio jornal *O Estado* exibiu em suas páginas fotos de crianças e de pais naquele domingo festivo, fazendo coro à representação de uma infância bonita, calcada na família e no espírito de cooperação. Um evento que continuaria a se realizar, pois segundo seus organizadores: “novas promoções virão.” (O ESTADO, 15/8/1972, Caderno II).

Figura 98 – Festival da Criança, em 1972



Fonte: O Estado (15/8/1972, Cad. II) – Acervo da autora

Figura 99 – Festival da Criança, em 1972



Fonte: O Estado (15/8/1972, Cad. II) – Acervo da autora

Realmente aquele não fora o único evento em que a criança foi homenageada e, naquele festivo ano de 1972, outras datas incentivaram os pequenos leitores.

Movimentos registrados pela escrita e por depoimentos sobre ser criança, que deram a conhecer outros aspectos sobre a infância catarinense.

## 5.2 O DIA DA CRIANÇA E A REPRESENTAÇÃO DE UMA INFÂNCIA IDEAL

Se o Festival da criança foi um evento que comemorou a infância, o Dia das crianças não poderia passar em branco, e foi certamente uma das datas mais lembradas no suplemento infantil. A data que, de acordo com Moysés Kuhlmann Jr. (2004, p. 43), “[...] parece existir em virtude de interesses comerciais, especialmente das indústrias de brinquedos [...]”, embora tenha se tornado um dos principais vetores dessa comemoração, teve em seus princípios fatores relacionados à formação de uma nação pela infância. O Dia das crianças foi oficialmente implantado, em 1924, por meio do Decreto n. 4.867, de autoria do deputado Galdino do Valle Filho, sendo comemorado em 12 de outubro. Entretanto, essa data passou a coincidir com o dia das comemorações de homenagem a Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil, o qual – por força da Lei n. 6.802, de 20 de junho de 1980 – foi, não somente regulamentado, como instituído feriado nacional. Kuhlmann Jr. (2004) e Veiga e Gouvêa (2000), também, associam com maior ênfase a data comemorativa à infância ao descobrimento da América, e até o suplemento infantil paulistano fez tal associação.

Figura 100 – O Dia da Criança associado ao descobrimento da América

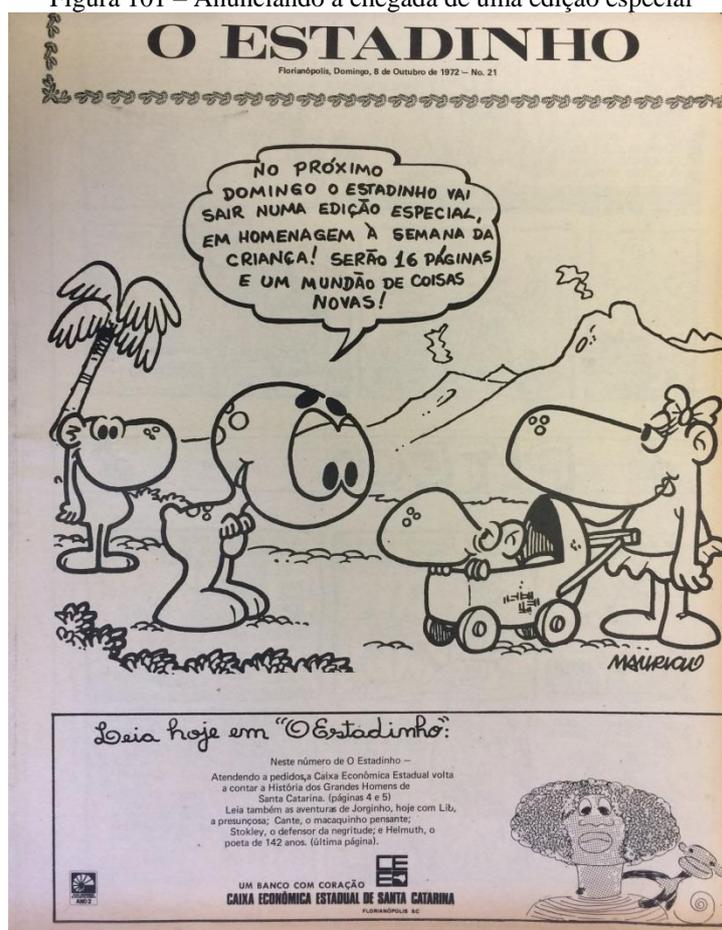


Fonte: Folhinha (8/10/1972, p. 6) – Acervo on-line da *Folha de São Paulo*

Inicialmente, a data relacionada à criança estava vinculada ao 3º Congresso Sul-Americano da Criança, ocorrido no ano de 1923, na cidade do Rio de Janeiro, quando se pretendeu ratificar as atenções básicas para os pequenos. Contudo, passou despercebida por muitos anos, somente transformando-se em uma “memória social” a partir da década de 1950, quando as empresas Johnson e Johnson<sup>85</sup> e Estrela<sup>86</sup> (SOUZA, 2016) lançaram campanhas de *marketing* visando novos mercados consumidores.

*O Estadinho*, um suplemento voltado para as crianças, não deixou de homenagear seus pequenos leitores e, no dia 15 de outubro de 1972, editou seu primeiro material comemorativo ao Dia das crianças, afinal, seriam elas a razão de sua existência. Publicou-se um suplemento especial com o dobro de páginas, como anunciado em sua capa, já atestando de certa forma para uma consolidação da data. Além do material elaborado por Maurício de Sousa, o impresso comemorativo mostrou representações de infâncias vividas na capital catarinense.

Figura 101 – Anunciando a chegada de uma edição especial



Fonte: O Estadinho (8/10/1972, p. 1) – Acervo da autora

<sup>85</sup> Johnson e Johnson, empresa de produtos higiênicos.

<sup>86</sup> Estrela, empresa de brinquedos.

A data comemorativa às crianças, pelas páginas do suplemento, celebrava uma infância feliz, romântica, já com hábitos de consumo e serviços especializados para essa etapa da vida. Uma infância idílica, em certo sentido, porém, reconhecendo – o suplemento comemorativo ao dia da criança – outras infâncias, vividas por crianças que trabalhavam e não frequentavam escola, com limitado acesso a bens de consumo e que, por vezes, ocupavam a função de “chefe de família”. Tais condições as afastavam de viver a plenitude dessa fase, considerada por muitos estudiosos como a fase em que a criança deve brincar<sup>87</sup>. Assim, os responsáveis pelo suplemento demonstraram, em algumas de suas seções especiais para este número de *O Estadinho*, uma preocupação com as crianças que não viviam a infância esperada ou “reconhecida” – pelo jornal – como ideal<sup>88</sup>. Tal preocupação, ainda que não recorresse a críticas aos governos e às políticas de assistência à infância<sup>89</sup>, representava uma atenção relacionada às condições de ser criança, possivelmente já ressoando os discursos de proteção à infância que foram tomando fôlego mundialmente, a partir da declaração universal dos direitos da criança, em 1959<sup>90</sup>.

---

<sup>87</sup> Para Rocha (2000, p. 67), o brincar corresponde a “uma das formas pelas quais a criança se apropria do mundo, e pela qual o mundo humano penetra em seu processo de constituição enquanto sujeito histórico.” (p. 66). A autora enfatiza ainda sobre o brincar que “Trata-se da esfera da atividade do indivíduo que lhe permite, rompendo os limites do que ele já é, experimentar aquilo que pode ser, não num sentido restritivo e direto, mas como sujeito integrado a sua cultura”. Sobre o brincar na infância Ver ainda: BROUGÈRE, Gilles. Brinquedo e cultura. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2010; BENJAMIN, Walter. Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação. São Paulo: Duas Cidades; 3. reimpressão, 2007.; KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001; VIGOTSKI, L. S. A brincadeira e seu papel no desenvolvimento psíquico da criança. Revista de Gestão de Iniciativas Sociais (GIS), Rio de Janeiro, vol.11, 2008, p. 23-36.

<sup>88</sup> Embora o suplemento apresente nessa edição comemorativa diferentes formas de viver a infância, a falta de problematização da infância vivida pela criança pobre e seu silenciamento nas edições seguintes, nos levam a inferir que a infância ideal seja aquela representada pelo leitor Murilo Cassol, entrevistado pelo suplemento. Esse conjunto de experiências vividas pelo menino oriundo de estratos sociais elevados, ligados ao consumo, a escola, a vida em família fora frequentemente exaltada pelo impresso infantil como sinônimo de uma infância ideal. Escola, família e consumo constituíam-se nos pilares necessários para uma boa infância, ou uma infância legitimada pelo infantil catarinense.

<sup>89</sup> Para Corazza (2000), o século XX marca uma mudança no foco sobre a infância, que passa da superação de um sentimento para a consolidação dos direitos da infância. No Brasil, as políticas de assistência e proteção à infância, existentes desde os anos de 1870, ganharam visibilidade e certa consolidação a partir de 1922, em decorrência dos eventos internacionais, como o 1º Congresso Americano da Criança, ocorrido em Buenos Aires no ano de 1916 (KUHLMANN, 2002). Já na segunda metade do século XX, a Política Nacional do Bem-estar do Menor previa uma política de atenção em que cada Estado deveria integrar-se a programas nacionais no intuito de atender às necessidades nutritivas, sanitárias, afetivas e educacionais das crianças internadas, enquadradas como “[...] menores de idade pobres e perigosos, os pequenos bandidos.” (PASSETTI, 2013, p. 363).

<sup>90</sup> Adotada pela Assembleia das Nações Unidas de 20 de novembro de 1959, a Declaração Universal dos Direitos da Criança, visava orientar os mais diversos países sobre as necessidades básicas das crianças. Ao todo, dez princípios buscavam resguardar o respeito à criança. “Princípio 1. A criança gozará todos os direitos enunciados nesta Declaração. Todas as crianças, absolutamente sem qualquer exceção, serão

A década de 1970 também experimentou, não só no Brasil, mas, em outras partes do mundo, o movimento incipiente de reconhecimento da criança como sujeito de direito, como pertencente à sociedade, quando, em 1979, culminou o ano internacional da criança. Em 1977, o suplemento infantil *O Cambalache*, publicado na cidade de Madrid, Espanha, questionou sem rodeios a necessidade de um Ano Internacional da Criança, publicando em seu editorial:

Este año, 1977, ha sido declarado <<Año Internacional del Niño>>.

Eso ya lo sabéis todos. Y el que no lo sepa que se vaya enterrando, que para eso están los periódicos, las revistas infantiles, la radio, la TV y vuestros mismos profesores y maestros.

Como también sabréis –y si no os lo contamos ahora- hace poco ha sido el <<Año Internaciol de la Mujer>>. Y, ¿en qué consiste un <<Año

---

credoras destes direitos, sem distinção ou discriminação por motivo de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento ou qualquer outra condição, quer sua ou de sua família. Princípio 2. A criança gozará proteção social e ser-lhe-ão proporcionadas oportunidades e facilidades, por lei e por outros meios, a fim de lhe facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, de forma sadia e normal e em condições de liberdade e dignidade. Na instituição das leis visando este objetivo levar-se-ão em conta, sobretudo, os melhores interesses da criança. Princípio 3. Desde o nascimento, toda criança terá direito a um nome e a uma nacionalidade. Princípio 4. A criança gozará os benefícios da previdência social. Terá direito a crescer e criar-se com saúde; para isto, tanto à criança como à mãe, serão proporcionados cuidados e proteções especiais, inclusive adequados cuidados pré e pós-natais. A criança terá direito à alimentação, recreação e assistência médica adequada. Princípio 5. Às crianças incapacitadas, física, mental ou socialmente, serão proporcionados o tratamento, a educação e os cuidados especiais exigidos pela sua condição peculiar. Princípio 6. Para o desenvolvimento completo e harmonioso de sua personalidade, a criança precisa de amor e compreensão. Criar-se-á, sempre que possível, aos cuidados e sob a responsabilidade dos pais e, em qualquer hipótese, num ambiente de afeto e de segurança moral e material, salvo circunstâncias excepcionais, a criança da tenra idade não será apartada da mãe. À sociedade e às autoridades públicas caberá a obrigação de propiciar cuidados especiais às crianças sem família e àquelas que carecem de meios adequados de subsistência. É desejável a prestação de ajuda oficial e de outra natureza em prol da manutenção dos filhos de famílias numerosas. Princípio 7. A criança terá direito a receber educação, que será gratuita e compulsória pelo menos no grau primário. Ser-lhe-á propiciada uma educação capaz de promover a sua cultura geral e capacitá-la a, em condições de iguais oportunidades, desenvolver as suas aptidões, sua capacidade de emitir juízo e seu senso de responsabilidade moral e social, e a tornar-se um membro útil da sociedade. Os melhores interesses da criança serão a diretriz a nortear os responsáveis pela sua educação e orientação; esta responsabilidade cabe, em primeiro lugar, aos pais. A criança terá ampla oportunidade para brincar e divertir-se, visando os propósitos mesmos da sua educação; a sociedade e as autoridades públicas empenhar-se-ão em promover o gozo deste direito. Princípio 8. A criança figurará, em quaisquer circunstâncias, entre os primeiros a receber proteção e socorro. Princípio 9. A criança gozará de proteção contra quaisquer formas de negligência, crueldade e exploração. Não será jamais objeto de tráfico, sob qualquer forma. Não será permitido à criança empregar-se antes da idade mínima conveniente; de nenhuma forma será levada a ou ser-lhe-á permitido empenhar-se em qualquer ocupação ou emprego que lhe prejudique a saúde ou a educação ou que interfira em seu desenvolvimento físico, mental ou moral. Princípio 10. A criança gozará de proteção contra atos que possam suscitar discriminação racial, religiosa ou de qualquer outra natureza. Criar-se-á num ambiente de compreensão, de tolerância, de amizade entre os povos, de paz e de fraternidade universal e em plena consciência que seu esforço e aptidão devem ser postos a serviço de seus semelhantes (DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS DA CRIANÇA, 1959, Disponível em: <<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Crian%C3%A7a/declaracao-dos-direitos-da-crianca.html>>. Acesso em: 18 ago. 2016).

Internacional de...>>? Bueno, pues consiste em que ese año se le hace un poco más de caso a las personas de que se trate. Lo raro es que haya habido un año internacional dedicado a la mujer y outro al niño. ¿Por qué no hay un año para el hombre?

Nos parece más interessante un año dedicado a toda la humanidad, sin diferenciar hombres de murejes, ni de niños; aun que cada cual tenga sus problemas concretos. (EL CAMBALACHE, Febrero, 1977, año 2, n. 27, p. 1).

Ainda que no exemplar de *O Estadinho*, em 1972, comemorativo ao Dia das crianças, a crítica à necessidade de se comemorar a infância não esteja tão marcada, as entrevistas com crianças publicadas no jornal são pistas que ajudam a perceber que, embora houvesse o reconhecimento de distintas infâncias, o suplemento, naquele momento, optou por enfatizar uma determinada infância como a ideal: a infância letrada, de família nuclear e de boas condições financeiras.

As 16 páginas da edição comemorativa do dia das crianças, dedicou metade delas ao assunto criança/infância de maneira específica, quer dizer, foram incluídas algumas seções e discussões que comumente não apareciam. Fotos de crianças em diferentes contextos, produzidas pela equipe de fotojornalismo de *O Estado* sinalizavam para a possibilidade de viver a infância de diferentes formas. Gaston Guglielmi, por exemplo, clicou um garoto empurrando outro menino que está em uma cadeira de rodas, pistas sobre um reconhecimento a uma infância com pouca visibilidade, a infância de uma criança com limitações físicas (O ESTADINHO, 15/10/1972, p. 11).

Figura 102 – Uma infância clicada



Fonte: O Estadinho (15/10/1972, p. 11) – Acervo da autora

Porém, se em *O Estadinho* a edição especial deu a conhecer, acanhadamente, outras infâncias, no infantil paulistano, a criança foi comemorada com uma carga de responsabilidade: “ser o futuro da nação”. Fragmentos do texto publicado na página 7 de a *Folhinha* evidenciava essa representação de infância intimamente ligada à família e à escola, com o objetivo de defender e servir a Pátria amada:

[...] esse anjo que é a riqueza do lar e da Nação. É uma homenagem especial à garotada que amanhã será o futuro do País, em que os pais e a sociedade tanto confia. Com amor e carinho, orientação e exemplos dignificantes, a criança será um fruto que dará as melhores colheitas. Salve meninos e meninas, que o 12 de outubro é o seu dia. (FOLHINHA DE SÃO PAULO, 8/10/1972, p. 6).

Desse modo, o infantil paulistano dá coro aos discursos que anunciavam o Brasil como grande nação. Representações que apareceram com força, aquecidos pelas comemorações do Sesquicentenário da independência do Brasil e também pelo projeto de construção de um país moderno e nacionalista almejado pelo governo ditatorial da época, no qual esteve presente a infância.

Em *O Estadinho*, foi possível perceber certa preocupação com a condição de vida de muitos meninos e meninas, e tal condição se confronta com a representação de infância que o próprio jornal toma como verdadeira ou, ao menos, legítima em suas páginas.

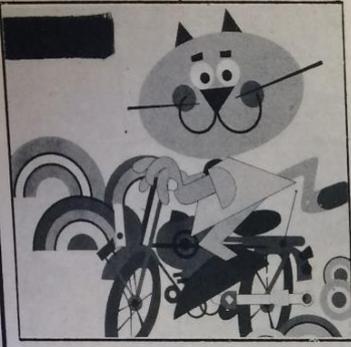
Nas entrevistas colocadas lado a lado, embora não fosse feito nenhum juízo de valor sobre o seu conteúdo, nas edições seguintes é possível perceber que a vida do menino Cassol foi “escolhida” como a representativa da infância, pois as informações e as matérias que passaram a circular no suplemento relacionavam-se a uma vida infantil de lazer e de consumo, de responsabilidades escolares e de convívio familiar.

Figura 103 – Programinha, dicas de lazer

# PROGRAMINHA



## teatro



Hoje, no teatro Álvaro de Carvalho, o GATO PLAYBOY. Vocês podem ir assisti-lo às 10 horas da manhã ou às 4 da tarde.

Os ingressos custam 5,00, mas foram distribuídos nas escolas uns papéis chamados bônus, e as crianças que os tiverem pagam só 3,00.

O GATO PLAYBOY é uma peça escrita por Jayr Pinheiro, em 2 atos e os atores são de um grupo de teatro do Paraná, o Teatro de Comédia do Paraná.

Nesta peça são os seguintes personagens: Avozinha, a gatinha Ronin, Romão (o gato playboy), o guarda-real e um conjunto musical. Vai ser divertido.

## discos



O disco pode ser encontrado em LP – o grandão – e em compacto – o pequenininho.

NO LP tem músicas dos seguintes personagens: Cascão; Chico Bento; Bidu; Magali; Horácio; Tina; Cebolinha; Astronauta; Jotalhão; Piteco; Anjinho e a Mônica.

No compacto são quatro as músicas: Cascão, Mônica, Chico Bento e Bidu.

As músicas são de Gaú Gurgel e Maurício de Souza e as letras de Wilma Carmargo.

OS PREÇOS: Na Az de Ouro custa 20,00 o LP e 10,00 o compacto. Na Discolândia só tem o LP, a 23,00. Na Bruneti o LP custa 20,00 e o compacto 10,00.

## televisão

DOMINGO: 13:40h (Vinte para as duas): O Gordo e o Magro. – 14:30h (Duas e meia): Clube dos Heróis.

Breve a TV CULTURA, canal 6 vai começar a passar filmes e desenhos a cores. Quando começar a passar os filmes a cores, surgirão novidades como TOM & JERRY à noite (dez para as nove horas). Vem aí DOM PIXOTE, OS JETSONS, MANDA-CHUVA e JOHNNY QUEST, além da volta dos FLINTSTONES, todos a cores. Os filmes, FEITICEIRA, JENNY É UM GÊNIO e os outros também serão a cores. Mas vamos ver a programação pro resto da semana:

DE SEGUNDA A SEXTA O HORÁRIO INFANTIL É DAS TRÊS HORAS ATÉ AS SEIS (Clube dos Heróis).

No Clube dos Heróis passa um SE-RIADO, o filme do ROY ROGERS, o filme KIMBA, A FEITICEIRA e JENNY É UM GÊNIO, além de um que muda a cada dia:

SEGUNDA: Os Monstros; TERÇA: Pícapau; QUARTA: Corrida Maluca; QUINTA: Brasinhas do Espaço; SEXTA: Máquinas Voadoras. SÁBADO: tem ABBOT & COSTELLO às duas e meia.

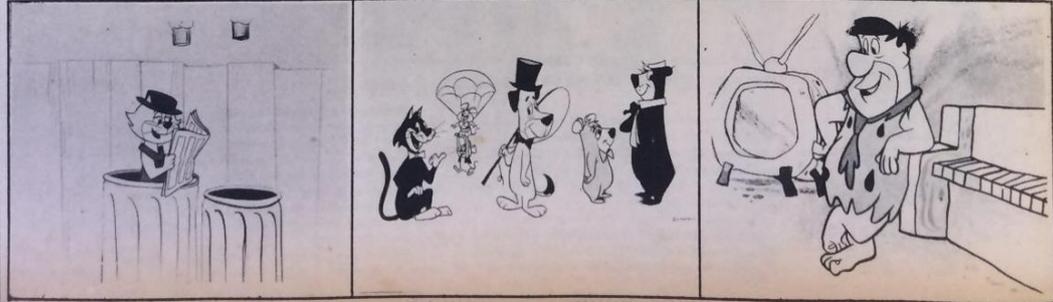
## cinema

DE MANHÃ: 10 horas, matinalada no RITZ: Reino Selvagem. Um filme de bichos, filmado onde eles vivem, sabe como é? Tem uma porção de cenas bacanas, com as cobras bem de pertinho, botando a língua de fora, aqueles bichos feios e outros muito bonitos.

DE TARDE: 13,30 São José Drama do Deserto. Saca, filme de Walt Disney mostrando a vida dos animais no deserto, muito legal, avisa pro velho que ele vai querer ir.

14.00 horas (2 horas) no RITZ: Abençoi as feras e as crianças. Conta as aventuras de um grupo de crianças nessas transas de caçada. É um filme dirigido por um cara que tem muita experiência em fazer filmes assim com safari, caçada entende? Então parece que vai ser legal.

2 horas no CORAL: Drama do De-



Na página destinada à programação cultural, que passa a circular a partir de 22 de outubro de 1972, começam a surgir eventos acessíveis mediante pagamento, produtos adquiridos por meio de dinheiro e de programação na televisão<sup>91</sup>, produto de certa distinção nos lares brasileiros. Produtos de consumo específicos para a infância representada no infantil catarinense. Porém, é possível que nem todos os leitores se enquadrassem nessa representação e também essa não poderia ser a representação de toda a infância, pois o próprio suplemento já mostrara outras infâncias, como a dos meninos Manoel Silva e Manoel Jorge de Matos. Contudo o suplemento derivava para a exaltação de uma infância feliz.

Ainda sobre a edição do infantil catarinense que comemora o dia das crianças, a capa que anuncia a homenagem às crianças, trouxe o *slogan* emblemático: “Criança não precisa de “dia” pra merecer carinho” (O ESTADINHO, 15/10/1972), permite um questionamento sobre o porquê se institucionalizar um dia para os pequenos. Crítica que possivelmente caminha na mesma direção do que alerta o editorial do suplemento Madrilenho, *El Cambalache*. Tal preocupação, que percorria o mundo, mostrou seus ecos tanto no continente sul-americano quanto europeu. Pistas de que as ações mundiais, coordenadas pela organização mundial dos direitos da infância, fizeram reverberar – é claro, em alguns lugares mais e em outros menos – uma nova sensibilidade em torno da criança, e o Brasil também ocupou-se desta causa.

*O Estadinho* mostra em suas páginas infâncias florianopolitanas, materializadas nas fotos que dividem espaço com a coluna “Escolinha de Artes” e com uma instigante entrevista realizada com dois meninos da mesma faixa etária. Infâncias vividas de distintos modos, vividas por crianças “concretas”, “produtoras de histórias” (KUHLMANN, 2004, p. 31), porém, há indícios que destacam a infância de Murilo e de crianças que podiam gozar dessa fase, amparada pela família, pela escola, e que são pertencentes a um estrato social ligado ao consumo. Os textos escritos pelas crianças que frequentavam a Escolinha de Artes – publicados na seção Escolinha de Arte – deram a ver uma infância da diversão, da família e do brincar, como enfatizam os textos das meninas Adriana, Jaqueline e Áurea. Intitulado *Dia da Criança*, a menina de oito anos, Adriana Althoff, escreveu:

---

<sup>91</sup> Dados do recenseamento realizado entre os anos de 1960 a 2010 mostram que a televisão foi um dos produtos que mais adentrou nos lares brasileiros, entretanto, em 1960, menos de 5% das casas possuíam o aparelho de TV. Em 1970, o percentual passou para 24% e, em 1980, mais da metade dos domicílios (56%) tinham acesso à televisão, e, de acordo com dados do recenseamento de 2010, hoje, mais de 95% dos lares possui TV. (Séries Históricas e Estatísticas IBGE. Disponível em: <[http://seriesestatisticas.ibge.gov.br/lista\\_tema.aspx?op=2&no=7](http://seriesestatisticas.ibge.gov.br/lista_tema.aspx?op=2&no=7)> Acesso em: 3 mar. 2017).

Havia uma menina chamada Andréa. Estava no mês de outubro. Andréa era uma menina muito educada. Certo dia ela se lembrou de molhar seu canteiro de flores.

E naquele dia era o dia da criança, mas ela não sabia.

Quando ela terminou de molhar as flores, ela foi guardar o regador. E quando ela entrou em casa, seu pai e sua mãe deram o mais lindo e grande presente a ela.

Isso é que é uma criança educada.

(O ESTADINHO, 15/10/1972, p.6).

Uma história nada improvável ou fantasiosa para uma criança de classe média, pertencente a uma estrutura familiar nuclear e inserida no mercado consumidor. A história relatada por Adriana, também, não se difere muito da narrada por Áurea, igualmente de oito anos, que faz referência ao Dia da criança como o dia para ganhar brinquedos. Com o título *Surpresa!*, a aluna da Escolinha de Arte escreveu:

Era o Dia da Criança. Três meninas estavam muito tristes. Elas estavam muito triste mesmo. Vocês sabem por quê?

Elas estavam perdidas na floresta e não tinham o que ganhar de presente. Elas eram irmãs. Elas queriam uma susi.

De repente elas encontraram a casa delas e que surpresa! Nos quartos estavam cheios de bonecas e outros brinquedos. (O ESTADINHO, 15/10/1972, p. 6).

O texto caprichado – com pontuação bem empregada e correta ortografia, inclusive com o correto uso das palavras por que – indica que, possivelmente, os olhos e, talvez, a mão do adulto caminhou pelo texto produzido. Pois, há que se considerar o processo de escolha pelo qual passaram os textos, uma vez que foram produzidos em uma das oficinas realizadas pela Escolinha de Arte que contava com a frequência de aproximadamente 200 crianças, de 3 a 12 anos (BÚRIGO, 1990). A infância relatada pelas meninas de oito anos foi, de certa forma, escolhida para representar uma infância que, para as páginas de *O Estadinho*, naquele momento, conformava uma fase da vida da criança que deveria ser guardada ou resguardada pela escola (na habilidade de escrita), família (como citam ambas as narrativas) e pelos caprichos de uma sociedade de consumo (Dia da Criança é dia de ganhar brinquedo).

Outra historinha publicada na mesma seção, também, endossa essa representação de infância. Jaqueline, igualmente escreve sobre o Dia da criança, o que permite pensar que escrever sobre o Dia da criança fosse uma demanda ou uma atividade proposta pela Escolinha de Arte, como destaca a arte-educadora Fabíola Cirimbelli Búrigo Costa (1990), inclusive com o intuito de levar seus alunos a participarem de festivais e de mostras de arte, como ocorreu frequentemente no ano de 1972:

Em 1971, participou do “Concurso de Desenho em comemoração ao Dia das Mães”. São numerosas as participações neste âmbito no ano de 1972. Participou de início, no “I Festival de Desenho Infantil”, patrocinado pelo jornal “O Estado”. (COSTA, 1990, p. 62).

Jaqueline, de nove anos, intitula sua narrativa como “O Trem Fantasma”, uma história que fala de compensação e bom comportamento, lógica bastante comum no tratamento familiar para com as crianças.

Era uma vez um menino muito engraçadinho e que passeava pela floresta muito contente, pelo dia da criança. Estava contente porque ia fazer um passeio, ia em Blumenau ver a famosque, ia ver o trem fantasma.

A mãe disse para o filho: que não porque tinha muita caveira. Ele ficou muito zangado com a mãe. Meu filho não tem razão para ficar tão zangado com a sua mãe.

Olha, então vai no trem fantasma, mas de noite não incomode. Dizer que está com pesadelo. Então ele foi no trem fantasma e voltou para casa muito feliz. (O ESTADINHO, 15/10/1972)

Os presentes, o bom comportamento, os passeios, a atenção materna, paterna e os quartos para cada filho – o que também representava uma nova reconfiguração familiar quanto ao número de filhos – atestam para uma vida infantil em que a criança está segura e feliz.

Na edição comemorativa ao Dia da criança, além das narrativas das meninas que frequentavam a Escolinha de Arte, uma entrevista realizada com o menino Murilo Cassol, de oito anos, também frequentador da Escolinha, deu coró a essa representação de infância, em que o trabalho, a violência e a negligência não se configuravam como a vida infantil a ser representada. Nos trechos da entrevista, sobretudo no que se referia à rotina do garoto, é possível pensar que esse modo de viver a fase infantil se estendia para todos os leitores e leitoras de *O Estadinho*.

OE: Conta teu dia. Quando tu acordas, o que é que fazer?

MC: Ah, daí eu me levanto, escovo os dentes, vou na aula... na aula a gente faz bagunça... hoje, hoje eu saí da aula de castigo, tava fazendo muita bagunça. Daí eu vou lá, no recreio, brinco, depois vou embora.

OE: Depois vais prá casa?

MC: Depois vou prá casa, almoço lá em casa né? Depois eu começo a inventar aquilo que eu falei né? Quando chega as três horas eu faço os deveres, vejo televisão, se não tem filme bom, vou brincar de bicicleta.

OE: Domingo o que é que tu fazer?

MC: Domingo, ah, domingo eu peço pro pai dar uma volta, eu dou uma volta de lancha, uma volta de avião, vou lá no aeroclube.

OE: Gostas de andar de avião?

MC: Gosto. Um dia aí, sem ser esse domingo, o outro, eu andei de teco-teco. Neste eu andei de táxi-aéreo, vi um helicóptero subir lá na base, saí do aéro clube fui atéééé a Base.

OE: Onde é que tu passas as férias?

MC: Hã? As férias eu geralmente passo na nossa casa de praia, que lá a gente já é acostumado, tem cabana, tem túnel por baixo dos matos, assim... (O ESTADINHO, 15/10/1972, p. 13).

Essa representação de infância, localizada no suplemento especial de *O Estadinho*, também em outros números foi anunciada como o modo de ser criança em Florianópolis, apesar de o jornal dos pequenos catarinenses mostrar em suas páginas, ainda que raramente, a existência de outras infâncias. Nas páginas do suplemento, vestígios de que ele fora um produto destinado a determinados estratos sociais e as fotos de crianças que foram publicadas, sobretudo nas capas, fazem parte dessas pistas. Famílias que assinavam ou compravam o jornal, pessoas inseridas na cultura escrita e na leitura representavam aquela maneira de viver a infância. O suplemento valorizou e estampou em suas páginas essa infância, a infância vivida por seus leitores, mas que poderiam também ser incorporadas a outras formas de ser criança.

Há indícios, na proposta desse jornal comemorativo à criança, de uma visão dicotômica entre aquilo que se aceita como infância e o que se considera como “infância roubada”. O próprio *layout* do suplemento, que põe lado a lado as entrevistas de um menino proveniente de uma classe social abastada e de outro que precisava trabalhar para garantir seu próprio sustento, sugere essa visão bipartida e extremada. Ainda que o suplemento não tenha feito nenhuma crítica explícita à condição de vida levada pelo menino engraxate, há o reconhecimento, já no início da entrevista, de que ambos os garotos possuíam vidas bastante distintas, pois Manoel da Silva, “[...] leva uma vida dura.” E, Murilo Cassol, “[...] leva uma vida boa” (O ESTADINHO, 15/10/1972).

Os opostos, presentes na entrevista, ajudam a configurar uma representação e um reconhecimento da infância como uma fase importante para a vida de qualquer pessoa, entretanto, todos os exemplos que comprovam certo respeito à criança e à fase em que ela vive pertencem à vida de Murilo.

Quadro 4 – Duas infâncias

	<b>Manoel da Silva</b>	<b>Murilo Cassol</b>
<b>Condição de vida</b>	Dura	Boa
<b>Como é chamado</b>	Apelido feio	Nome de batismo
<b>Ocupação principal</b>	Trabalho de engraxate	Estudante de Colégio Particular
<b>Organização familiar</b>	Pai, mãe e 18 irmãos (seis mortos)	Pai, mãe e quatro irmãos
<b>Lazer aos domingos</b>	Não tem, trabalha	Passeia com a família em lancha, avião. Desfruta de uma casa de praia

Fonte: Elaborada pela autora a partir das entrevistas publicadas em *O Estadinho* (15/10/1972)

As entrevistas não seguiram o mesmo roteiro. Murilo foi muito mais indagado sobre sua vida de escolar e de lazer. Por outro lado, Manoel respondeu a questões de ordem familiar e ligadas ao trabalho. Ao Murilo, *O Estadinho* fez 45 perguntas, sendo que a Manoel, apenas 17, o que fez com que a entrevista de Murilo resultasse num texto maior e mais detalhado, dando a entender – ainda que isso seja uma suposição – que a vida do menino rico e de família tradicional era uma vida muito mais interessante e verdadeiramente representativa da infância.

Philippe Aries, que estudou – nos anos de 1960 – a emergência do sentimento de infância na idade média, por meio da iconografia desse momento histórico, teve como fator limitante de seus estudos os rastros deixados sobre a vida das crianças, sendo estas, em grande medida, representadas nos estratos sociais mais favorecidos. Os documentos a que teve acesso (e foram conservados) e as pinturas tinham como referência a vida de famílias de posse e, obviamente, não representariam ou não poderiam representar a vida de uma criança com unanimidade. Embora essa discussão atualmente esteja muito mais avançada e a “noção de representação”, de Roger Chartier (1991), permita identificar variadas representações, o suplemento catarinense, sobretudo em sua primeira fase, deu ecos a uma vida infantil bastante pontual e restrita. De 1972 a 1983, o suplemento limitou-se a divulgar e a promover uma infância ocorrida na cidade de Florianópolis, ligada a determinados grupos culturais – como a Escolinha de Arte e as obras teatrais de Waldir Dutra – e valorizando aspectos representativos de um estilo de vida tributário e estratos sociais mais elevados. A entrevista ao menino Manoel da Silva, que deu a conhecer uma infância sem escola, cheia de responsabilidades e com certas restrições foi um dos poucos eventos encontrados em *O Estadinho* que, de alguma forma, retratou uma vida infantil longe do consumo, da escola e do afeto familiar.

O suplemento também comemorou o Dia da criança, no dia 15 de outubro, porém, não fez menção alguma à comemoração do Dia do Professor, o que revela surpresa, pois, durante o ano de 1972, muitas ações realizadas pelo jornal infantil remetiam à escola. Os concursos elaborados em ocasião do Sesquicentenário da Independência foram um exemplo disso.

Não comemorar o Dia do Professor pode ter sido uma escolha ou mesmo um esquecimento, por conta do peso dado pela indústria de brinquedos à comemoração do Dia da Criança. Entretanto, o que merece atenção é a postura do suplemento de

reconhecer uma infância empobrecida, porém, ao mesmo tempo, não fazer crítica alguma ou não fomentar discussão sobre a situação das crianças “sem infância”<sup>92</sup>.

No ano em que muitas ações voltaram-se à construção de uma infância patriótica, capaz de salvar a nação, a criança homenageada seguiu uma representação de pureza, ingenuidade, meiguice e, também, bastante presente, de uma criança consumidora ou já inserida na sociedade de consumo.

A falta de um projeto editorial, sinalizada pelo jornalista Mauro Faccioli (2013), ainda que possa ser uma das causas dessa compreensão limitada sobre os modos de viver a infância, mostra também que *O Estadinho*, em seus primeiros anos, parece ter se ocupado mais de entreter os filhos dos leitores de *O Estado*, servindo também de vitrine infantil – com a publicação frequente de fotos de rostos de crianças – do que de ter se engajado em um projeto de informação e de formação infantil, como ocorrerá com outros impressos similares<sup>93</sup>. Assim, mesmo participando e promovendo concursos de desenhos, histórias e redação, o suplemento pouco contribuiu com mensagens relacionadas aos modos de ser criança e de viver a infância que não fossem os padrões “tradicionais”<sup>94</sup>, já citados neste texto.

---

<sup>92</sup> Usa-se esse termo para dar cor ao argumento de que, para *O Estadinho*, a infância estaria atrelada às condições financeiras, familiares e sociais de uma criança. Por exemplo, viver em uma família nuclear, estar na escola e ter boas condições financeiras. Entretanto, concorda-se com a perspectiva elaborada por Kuhlmann Jr. (2004) sobre a infância. “É preciso considerar a infância como uma condição da criança. o conjunto das experiências vividas por elas em diferentes lugares históricos, geográficos e sociais é muito mais do que uma representação dos adultos sobre esta fase da vida. É preciso conhecer as representações de infância e considerar as crianças concretas, localizá-las nas relações sociais, etc., reconhecê-las como produtoras de história. Desse ponto de vista, torna-se difícil afirmar que uma determinada criança teve ou não teve infância. Seria melhor perguntar como é, ou como foi sua infância. Porque geralmente se associa o não ter infância a uma característica das crianças pobres.” (KUHLMANN, 2004, p. 31).

<sup>93</sup> A *Folhinha* de São Paulo demonstrou uma preocupação com a formação infantil desde seu nascimento no ano de 1963. O material impresso contava com a colaboração da “chefia do ensino primário” de São Paulo e em seu primeiro editorial já se percebia que o suplemento não era apenas destinado ao lazer infantil. “Quem sou? Eu sou a FOLHINHA DE S. PAULO. Este é o nosso primeiro encontro. Espero que vocês, crianças, gostem de mim como eu gosto de vocês. Fui feita para agradá-los em todos os sentidos, especialmente no educativo e recreativo. Sei que faltava a vocês um jornal como eu, com assuntos de interesse sobre ciência, literatura, divertimentos, ilustrações, historietas, fotos e notícias do mundo inteiro. Mas, agora, aqui estou, às suas ordens. Sempre que eu entrar em seu lar, estarei levando em minhas páginas um mundo de saber, de entretenimento e de carinho. Mostre-me à sua família, amigos, vizinhos e professores. Façam com que outros me conheçam e me estimem. Apresente-me como fonte de leitura sadia e atraente. Quero sentir orgulho de ser lida e admirada por todas as crianças do Brasil. Disponha de minhas páginas para assuntos de seu interesse. Além de sua estima queremos sua colaboração. Quem sabe se vocês encontraram um dia em mim, o árduo e querido caminho para o jornalismo profissional. Pertença a vocês. Muito prazer em conhece-las, crianças! Carinhosamente, FOLHINHA DE S. PAULO.” (FOLHINHA DE SÃO PAULO, 8/9/1963, p. 2). Na Espanha, suplementos com *El Bollín*, *El Cambalache* e *Pequeñezes* também mesclavam em seus materiais entretenimento e formação infantil. *El Bollín* objetivava a formação de “futuros” escritores, *El Cambalache* e *Pequeñezes* preocupavam-se com a construção de um pensamento crítico, sem se esquecer dos aspectos ligados à cultura escrita.

<sup>94</sup> Infância típica das camadas mais abastadas. Com acesso à escola, a bens de consumo variados e à estrutura familiar nucleada.

O suplemento infantil produzido pela *Folha de São Paulo*, por exemplo, que – em ocasião das comemorações ao Sesquicentenário da Independência – produziu um caderno especial, enaltecendo a pátria e o lugar da criança na sociedade, com um discurso voltado ao futuro e às crianças como as protagonistas de um tempo que estava por vir, manteve ou reforçou tal pensamento no Dia das Crianças, cuja edição comemorativa fora publicada em 8 de outubro de 1972. O Editorial especial publicou em página dupla o sentido da comemoração ao Dia da Criança, dizendo:

No meio dessa semana, este é, no dia 12,  
 todos vão comemorar, vão homenagear,  
 vão festejar o Dia da Criança.  
 É importante salientar esse fato, porque a criança é um verdadeiro  
 patrimônio da família, da sociedade e da Nação.  
 Nunca é demais repetir que as crianças de hoje  
 serão os homens de amanhã.  
 E para que a criança cresça com idéias claras  
 e com senso de responsabilidade é preciso que desde muito cedo seja bem  
 orientada.  
 Tanto na escola (a educação é fundamental para que se torne uma pessoa  
 capaz e bem esclarecida)  
 como no lar (fator importante para sua formação moral e cívica).  
 O ensino bem planejado contribuirá para que a infância de hoje seja  
 uma juventude cheia de vida e de capacidade. Mas além do ensino, a criança  
 precisa  
 de orientação sobre higiene, cuidados médicos e dentários.  
 Neste dia tão bonito, a FOLHINHA sauda  
 todas as crianças brasileiras.  
 Que todas sejam felizes. Bom dia para vocês! (FOLHINHA, 8/10/1972, p. 4 -  
 5).

A criança anunciada como projeto de futuro e salvação na Nação correspondia, em grande medida, aos discursos da época, mas, também, tais discursos ressoavam o clima vivido pela comemoração dos 150 anos de independência Brasileira.

Essa comemoração efusiva da infância, que ecoou em 1972 (ano em que as comemorações pela independência do Brasil se intensificaram), também marcou o lugar ocupado pela infância na sociedade. E, ainda que, em *O Estadinho*, a condição da infância estivesse mais relacionada a uma condição romântica e idílica, não se poderia afirmar que as comemorações serviriam apenas para enaltecer a criança, pois, outros interesses faziam parte desses festejos, sendo o consumo claramente um deles. Não se poderia pensar em Dia da Criança sem fazer alguma associação ao brinquedo e a sua potente indústria.

Uma postura mais crítica e menos estereotipada da infância começa a se modificar a partir da década de 1980, sobretudo a partir de 1984, quando o suplemento<sup>95</sup> passou a ser produzido por um grupo de pessoas ligadas à LADESC e ser, em parte, subsidiado pelo programa coordenado pela primeira dama do Estado de Santa Catarina, Angela Amin.

O Dia da Criança, ainda que continuasse a ser festejado com concursos, publicação de desenhos e eventos ao ar livre, passou a questionar o tratamento dado às crianças e às condições de infância de muitos brasileiros. Em 1985, *O Estadinho* comemorativo ao Dia das Crianças emprestou suas páginas para divulgar o material elaborado pelo UNICEF em parceria com Maurício de Sousa Produções, tratava-se do “Suplemento Especial do Fundo das Nações Unidas”. Com o título “Criança para Criança”, o impresso totalmente voltado aos direitos das crianças exibiu por meios de história em quadrinhos os 10 princípios dos Direitos da Criança, além de informações sobre higiene, saúde, alimentação, doenças e a importância do brincar na infância. Entretanto, o destaque do material foi a carta publicada, cuja orientação era que a criança recortasse e a enviasse a um adulto. Tratava-se de solicitação bastante argumentativa sobre a necessidade de dar mais atenção às crianças, principalmente para as mais pobres. A carta ocupou uma página do suplemento e no local da assinatura, um espaço em branco para que o leitor a assinasse. O texto põe em cena uma crítica à projeção da criança como futuro da nação, mostrando outra sensibilidade em torno da infância. Mais importante do que preparar a criança para o futuro, era pensar no seu aqui agora<sup>96</sup>.

A *Folhinha* de São Paulo, nesse ano de 1985, comemorou o Dia da Criança colocando nas ruas uma edição também especial. Nada de aumentar páginas ou de acrescentar outros suplementos, a homenagem foi permitir que a *Folhinha* fosse toda elaborada por seus pequenos leitores. Capa, passatempos, histórias, desenhos e até o

---

<sup>95</sup> A equipe que assumiu o suplemento foi composta de oito profissionais divididos em: Conselho Editorial, Colaboradores, Coordenação e Diagramação, sendo todas mulheres, quatro delas exercendo atividades docentes e pedagógicas na UDESC e na Secretária da Educação do Estado.

<sup>96</sup> Logo no início da carta “Para você, de uma criança...”, a crítica a visão da criança como projeção de um adulto. “Ouça: temos muitas coisas guardadas para Você. A sua indiferença tem-nos negado, há muito tempo, a única coisa que pedimos: *o direito à vida*. Levam você mais a sério do que nós. Você vive dizendo que as crianças são importantes por serem o futuro da nação, da humanidade. Nos, entretanto, discordamos por acreditar que não somos importantes apenas porque um dia seremos adultos, mas sim porque somos o presente permanente: *a infância*. A gente não gosta da mãe porque ela vai ser um dia a avó dos nossos filhos. Gosta-se dela apenas porque ela é o que é: nossa mãe. Não parece a você que temos razão? Então, quando você pensar na gente, faça-o pelo que somos: *Crianças*.” (O ESTADINHO, SUPLEMENTO ESPECIAL DO FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS, 13/10/1987, p. 2).

horóscopo fora elaborado por leitores, dando a ver que, mais do que direito à expressão e à produção literária, a criança tinha também capacidade, ainda que sob a tutela de adultos, de fazer seu próprio jornal. Mesmo que em *O Estadinho* o exemplar comemorativo ao Dia das Crianças tenha sido publicado incompleto<sup>97</sup>, nele foi possível observar uma mudança em relação à compreensão da infância, por apresentar um suplemento especial do Fundo das Nações Unidas para a Infância. Suplemento esse que busca esclarecer as crianças sobre seus direitos, também incentivando a luta por eles.

Sem as páginas que comumente apresentavam a seção de cartas e de outras colunas destinadas às colaborações de leitores, fica arriscado afirmar sobre como as crianças e o próprio suplemento se manifestaram em relação às comemorações infantis. Entretanto, a forma como a criança passou a colaborar com o suplemento e como a ela o material passou a ser dirigido leva a crer que a celebração da infância teve, naquele ano, um caráter de maior criticidade em relação a outros aspectos como consumo, por exemplo. Tais fatores são indícios de uma possível mudança na representação da infância. Outros vestígios dão conta de mostrar um suplemento mais voltado aos interesses de seus leitores. A matéria que ensinava a construir um projetor, por exemplo, permitia que as crianças pudessem fazer experiências e realizar uma atividade considerada quase que exclusivamente de adulto. Os próprios editoriais das edições seguintes a que comemora o Dia da Criança também podem ser considerados exemplos dessa relação de alteridade, sobretudo quando expõem com franqueza os problemas relacionados à distribuição de *O Estadinho* incompleto.

A *Folhinha* de São Paulo que, de acordo com Fábio Veiga (diagramador de *O Estadinho* e jornalista de *O Estado* entre 1986 e 1990/1991), foi “[...] uma grande referência e modelo a ser seguido, pela sua postura de respeito à inteligência das crianças [...]” (VEIGA, 2016) parece ter inovado, permitindo que o jornal fosse todo elaborado pelas crianças. Na seção Cartas, os escritos de uma menina de 9 anos, Viviane Regina Côas, demonstram conhecimento sobre a situação de outras crianças, relativizando uma única condição infantil. De modo articulado, a menina questiona as atitudes humanas diante dos problemas infantis, dizendo:

---

<sup>97</sup> No editorial de 20 de outubro de 1985, uma explicação sobre a falta de páginas do suplemento de 13 de outubro de 1985. “Na semana passada o jornal teve uma “falha técnica” e saiu com 4 páginas a menos. Deu pra perceber, né? Nada de horóscopo, nem histórias em quadrinhos, charadas, etc. Mas não vai mais acontecer e “*O Estadinho*” já está inteirinho de novo.” (O ESTADINHO, 1985, p. 2). Essa política honesta também foi destacada nos suplementos *Folhinha* de São Paulo e *El Cambalache*, quando por ocasião da greve dos correios, as cartas enviadas para ambos os suplementos não tinham como chegar.

O Dia das Crianças não é somente para ganhar presentes, doces ou coisa parecida. Por exemplo, existe gente que só se diverte e ganha presentes, enquanto outras passam fome e ficam tristes ao saber que no Dia das Crianças só podem revirar latas de lixo em busca de comida. Enquanto os homens gastarem milhões em armas e guerras, ninguém nesse mundo poderá ser feliz. Este dinheiro, em vez de matar as pessoas, poderia ser usado para matar a fome dos pobres deste mundo. Criança com fome não pode crescer com saúde. O Dia da Criança não é verdadeiro Dia das Crianças se todas elas não forem felizes. (FOLHINHA, 13/10/1985, p. 2).

Na carta enviada à redação da *Folhinha* há uma idealização do que deve ser uma infância feliz e de que toda criança deve ser feliz. Há que se reconhecer que quem assina a carta é uma criança de nove anos e, portanto, sem muitas bases para compreender a multiplicidade de infâncias, e que a felicidade, ou sua falta, não descaracteriza a infância. Ainda que a mão do adulto tenha atuado nesse escrito, a mensagem passada aos leitores confirma um reconhecimento para a infância pobre, marginalizada e sem atenção à saúde. Outra carta publicada, escrita por Ariadne Machado Lopes de Oliveira, de 11 anos, surpreende pela crítica ao tratamento “infantilizado” dado às crianças e, ao mesmo tempo, reconhece o trabalho realizado pelos editores e colaboradores do suplemento infantil paulistano.

Já não acredito mais nessas musiquinhas de Dia da Criança que dizem algo como ‘criança é o símbolo da esperança’, ‘viva as nossas criancinhas’ etc. o fato é que fora desse mar de rosas há muita criança morrendo de fome nas ruas. A *Folhinha* para mim é o único jornal que sempre se preocupa com o interesse das crianças. Acho que todo o dia é o dia da criança e esse pessoal só se preocupa em homenageá-la no seu dia! E para a *Folhinha*, todos os dias são das crianças, ela sempre as homenageia. Eu sou criança, eu sou leitora da *Folhinha*! E por isso, viva a criança. Viva a *Folhinha*! (FOLHINHA, 13/10/1985, p. 2).

A comemoração à infância não esteve tão somente presente em a *Folhinha*, o jornal que lhe dera vida, mas no caderno semanal, também dominical, “Casa E Companhia”<sup>98</sup>, quando, para aquela semana, trouxe matérias diversas sobre a criança: desde assuntos de moda a espaços de lazer, atesta um já consolidado reconhecimento à essa fase da vida, mas, sobretudo mostrando certa especialização de serviços voltados às criança, como: organização de festas infantis e espaços para esse tipo de evento, além de roupas e, até mesmo, perfumes.

<sup>98</sup> Um material, bastante propagandístico que se diferenciava por completo do suplemento infantil, evidenciando que cada um deles fora direcionado a um público, no caso de “casa E companhia”, um material voltado para adultos, mais especificamente, mulheres. A grande aposta seria no consumo, mas, não só nele, uma vez que tal suplemento, além de anúncios formais de clínicas, farmácias e prestadores de serviço, compunha-se de reportagens, colunas e editoriais. Com isso, a venda de produtos ou serviços associava-se “[...] a “venda” de um estilo de vida que norte[ar]ia a construção de uma nova classe média”. (VOKS, 2014, p. 197).

Diferente do suplemento infantil, “Casa E Companhia” – em sua edição dedicada às crianças – não fez menção alguma aos problemas relacionados à infância pobre ou marginalizada, como ocorreu na seção Cartas de a *Folhinha*. Ao invés disso, o material dedicou-se àqueles que poderiam proporcionar aos seus filhos e parentes pequenos uma vida plena de possibilidades de consumo.

É, em grande medida, sendo incluída nesse novo padrão de consumo, que a criança passou a ser capturada. A infância festejada em *O Estadinho* dos anos de 1970 permite ver uma criança que se representa pela pureza, ingenuidade, mas, também, pelo consumo e pela necessidade do presente (e sua importância) tão ressaltado pelas três meninas que tiveram suas historinhas publicadas no suplemento.

O Dia da Criança passou a ser comemorado com mais força, a partir da década de 1960, quando as empresas de produtos de higiene, como Johnson e Johnson, e de brinquedos, como a Estrela, com uma estratégia de *marketing* para vender mais produtos, lançam o concurso de Robustez Infantil (OLIVEIRA, 2015). A celebração chega à década seguinte com força total. Potencializada pelo “milagre” econômico<sup>99</sup>, pela consolidação e expansão da industrialização no país e, também, pelo apoio aos produtos brasileiros, então o mercado publicitário se aquece e faz com que o Dia das Crianças se torne ainda mais comercial (VOKS, 2014).

A problematização relacionada às dificuldades de muitas crianças em poder exercer uma infância em conformidade com os “Direitos das Crianças” apareceu somente nos exemplares de 1985, entretanto, as questões ligadas ao consumo e a necessidade do presente industrializado não saíram de cena. Pois o jornal que encartava *O Estadinho*, em datas como o dia das Crianças e o Natal, publicava páginas e páginas destinadas à propaganda de produtos infantis, principalmente brinquedos.

As representações infantis não se apagavam, elas se mesclavam a outros aspectos formando novas representações, porém, sem romper ou se distanciar por completo das que circulavam na primeira fase do jornal. Ainda tratava-se de representar uma infância escolarizada, voltada ao consumo, com estrutura familiar nuclear, mas nesses últimos anos, houve uma busca pelos desejos das crianças, pela exposição de seus pensamentos e, especialmente, para uma compreensão da criança no seu aqui e agora e não somente no seu vir a ser.

---

<sup>99</sup> Milagre econômico, foi o termo designado para caracterizar o período de 1968 a 1973, no qual o Brasil apresentou significativo crescimento nas taxas do Produto Interno Bruto (PIB), acompanhada de um controle e baixa nas taxas de inflação. Ver Veloso, Villela e Giambiagi (2008).

### 5.3 NATAL: O COMETA HALLEY É O GRANDE PRESENTE

“Do Papai Noel eu gosto, só tem uma coisa: não é ele que dá presente, é minha mãe, que ganha dinheiro no serviço e compra.” (O ESTADINHO, 24/12/1972).

Figura 104 – Tirinha problematizando a relação do homem com a natureza e consumo



Fonte: O Estadinho (23/12/1984, p. 9) – Acervo da autora

Figura 105 – Tirinha elaborada por José Carlos, sobre a relação Natal e nascimento de Cristo



Fonte: O Estadinho (22/12/1985, p. 12) – Acervo da autora

Três pequenos textos, cada um com uma mensagem sobre o Natal. O primeiro e o último foram escritos por leitores de *O Estadinho*, crianças que mostraram sua imagem sobre uma das datas comemorativas mais esperadas por muitas crianças. O motivo: receber presentes do “bom velhinho”. Em contraste com esses dois recados, em que o presente aparece como algo indispensável à data, a mensagem de Elias Andrade, vai na direção contrária, afinal, de que vale um presente “comprado” se não há liberdade para brincar?

É possível compreender como por meio de diferentes formas, a data celebrativa que se vincula à infância. Primeiro por se tratar de um nascimento, a vinda do menino Jesus e, segundo, pela tradição do presente, principalmente do presente para a criança. Estratégia muito bem desenvolvida pela indústria cultural.

Porém, o que interessa aqui é perceber como, no suplemento *O Estadinho*, o Natal e sua comemoração ajudaram a traçar um modelo ou representação de uma vida infantil desejada, reconhecida. Assim, foi possível identificar algumas mudanças e permanências também nesse tipo de comemoração que, de acordo com Veiga e Gouvea (2000), seguiam um viés de assistência, de filantropia e de caridade<sup>100</sup>. Natal e Dia das Crianças se mantiveram presentes nos exemplares de *O Estadinho*, entretanto, sem dirigir as datas a determinados grupos sociais. Ambos foram marcados como celebrações da infância de classe média e alta. As representações de festas, as ideias de presente e de consumo, os passeios e as férias mostravam uma vida infantil homogênea. Crianças escolarizadas, com hábitos de arte, estrutura familiar tradicional (nuclear) e poder de consumo, em outras palavras, representantes da classe média que ascendia visivelmente na década de 1970 e que, de certa maneira, o próprio suplemento ajudou a produzir. Assim, pode-se perceber que o hábito do presente associado ao Natal e à figura do Papai Noel se expressa fortemente nos depoimentos de crianças com idades

---

<sup>100</sup> Em seus estudos sobre as celebrações infantis, a partir da oficialização do Dia da Criança no Brasil, no ano de 1923, as autoras destacam o Natal como uma data também celebrativa à infância, porém, com um apelo à criança carente, marginalizada e desprovida de recursos. Entretanto, a esse clamor e olhar à pobre criança, ao discurso da solidariedade, da caridade e da filantropia, ecoavam, também, as benfeitorias de um grupo social, capaz de salvar aquelas criaturas desprovidas de atenção. Seria um discurso que serviria tanto para mostrar a situação das crianças carentes, mas, também, para comprovar quem as assistia. Tais movimentos eram ‘distintos’, nas palavras de Veiga e Gouvea (2000, p. 144), uma vez que o Dia das Crianças destinava-se a celebrações escolares que, em grande medida, eram “[...] marcada[s] pelo ideal de criança civilizada com hábitos e valores homogeneizados [...]”, ou seja, destinadas a uma determinada parcela social, contrapondo-se com as comemorações natalinas, marcadas como “ato comemorativo da criança pobre” (VEIGA; GOUVEA, 2000, p. 145), pois, o Natal que, nessa perspectiva, tornava-se “[...] o dia da mais alta significação para o assistencialismo, era também o dia clímax de se celebrar a filantropia e as ações de caridade.” (VEIGA; GOUVEA, 2000, p. 146).

entre três e oito anos, que, quando indagadas sobre o que era o Natal, responderam: “Natal é brinquedo, ora. O Papai Noel traz brinquedo.” (O ESTADINHO, 24/12/1972); “Natal existe prá ter felicidade. Eu gosto do Natal porque o Papai Noel dá muito presente prá gente.” (O ESTADINHO, 24/12/1972).

São depoimentos de crianças que associam a data ao presente e à figura do bom velhinho de touca e roupa vermelha, evidenciando que a data para as crianças não possui uma referência religiosa ou de confraternização. Possivelmente, os meninos e meninas que responderam a essa enquête foram indagados por seus familiares sobre o que gostariam de ganhar, talvez tenham obtido acesso aos informes publicitários de revistas, jornais e da televisão, dando pistas acerca de uma infância consumidora. O próprio jornal *O Estado* exibia, tão logo terminasse as comemorações do Dia das Crianças, encartes publicitários motivando a compra de brinquedos para o Natal. Ganhar brinquedos no Natal, mais do que uma responsabilidade da família, tornava-se símbolo da comemoração natalina para as crianças. Tanto é que a promessa de ganhar presentes no Natal, não raramente, se vinculava ao comportamento da criança. “Se não se comportar o papai noel não vai dar presentes”<sup>101</sup>.

---

<sup>101</sup> A frase dá título à reportagem veiculada pela *Revista Super Interessante* (versão *on-line*), de 8 de março de 2013, sobre as contradições cometidas pelos pais na hora de educar seus filhos. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/comportamento/10-se-nao-se-comportar-papai-noel-nao-vai-dar-presente/>>.

Figura 106 – Encarte Natal, lojas Pereira Oliveira

**Natal BRINQUEDOS**

Para quem gosta que a criança goste.

**LPO**

**Ferrovista Estrela**  
O 2.º maior trem a vapor fabricado no Brasil.  
Composto de 10 vagões, locomotiva, oferta LPO 4.990, a vista ou 30x Crédito LPO sem entrada.

**Fuji Rate - Volta Estrela**  
Modelo de trem a vapor com locomotiva.  
Oferta LPO 2.790, a vista ou 30x Crédito LPO sem entrada.

**Super Auto Estrela**  
Batalhão de 4 carros a vapor.  
Oferta LPO 2.790, a vista ou 30x Crédito LPO sem entrada.

**Carro Pivô Estrela**  
20 peças de plástico.  
Oferta LPO 3.690, a vista ou 30x Crédito LPO sem entrada.

**BRINQUEDOS você compra melhor na LPO.**

**Locomotiva Trem Cabota Estrela**  
20 peças de plástico.  
Oferta LPO 3.690, a vista ou 30x Crédito LPO sem entrada.

**Bonnie Márcia Estrela**  
Cabeca e braços de Vinil. Pernas e corpo de plástico injetado. Cabeça encaixada e giratória. Oferece de dormir.  
Oferta LPO 6.690, a vista ou 30x Crédito LPO sem entrada.

**Mickey Mito Estrela**  
Triciclo com porta-malas e buzina.  
Oferta LPO 4.270, a vista ou 30x Crédito LPO sem entrada.

**Bate-Bate Estrela**  
O primeiro veículo a motor.  
Oferta LPO 2.670, a vista ou 30x Crédito LPO sem entrada.

**Mão-Carga Estrela**  
Veículo de plástico a carga e descarga.  
Oferta LPO 3.090, a vista ou 30x Crédito LPO sem entrada.

**Rato-Gato Estrela**  
Um brinquedo diferente.  
Oferta LPO 3.290, a vista ou 30x Crédito LPO sem entrada.

**LPO LOJAS PEREIRA OLIVEIRA**  
A vista ou a prazo ninguém vende mais barato.

100% Condição

Fonte: O Estado (14/11/1981, p. 23) – Acervo da autora

O Natal para as crianças também estava vinculado à ideia de férias escolares, e, no ano de 1972, tais eventos representavam uma infância “perfeita”. A matéria que leva o título *Água: remédio sem cor, sem cheiro e sem gosto* expressa o cotidiano de uma criança em férias, partindo do pressuposto de que todas as crianças tinham férias – férias escolares – e que a desfrutariam do mesmo modo, ou seja, na praia e com seus familiares, como diz o trecho inicial da matéria:

Agora é férias, né? Todo mundo vai prá praia, leva carrinho, balde, os irmãos, pai e mãe. Brincar na areia é legal à beça, dá pra fazer estradinhas, cavar túnel, construir aquele castelão, maior do que o do ano passado, é tudo

diferente... A mãe ou a tia da gente não diz tanto: “não faça isso! Não entre com os pés sujos!” E a gente se sente muito bem na praia. (O ESTADINHO, 24/12/1972, p. 6-7).

Aqui, a ideia de homogeneização da infância está presente, dessa forma, excluindo dessa representação grande parte de meninos e meninas que não frequentavam a escola (e não teriam “férias escolares”), que não tinham família nuclear e que não poderiam passear nas praias (seja porque seus pais estariam trabalhando ou porque chegar à praia demandaria custos).

Durante os 15 anos de *O Estadinho*, a infância foi celebrada nessas duas datas, alguns eventos com mais ênfase e outros de modo mais singelo, entretanto, sempre destacando o lugar da infância e qual infância representava o modelo de vida infantil. Representações borradas entre o consumo e a bondade, amparadas em grande medida pelo afeto da família e o direcionamento escolar, ajudando a solidificar um perfil de pequeno cidadão. Uma criança escolarizada, consumista e que pouco a pouco se preparava para ser o “futuro da nação”.

Nos anos de 1980, começou a surgir um novo olhar sobre a criança que implicava, por conseguinte, no modo como o suplemento a retratava aos seus leitores.

No ano de 1984, o suplemento de 23 de dezembro dedicou quase todas as suas páginas à comemoração natalina, com músicas, textos, desenhos, mensagens, indicando uma estreita ligação entre a data e a infância.

E comemorar o Natal fora também, em alguma medida, um comemorar as férias, ou comemorar mais tempo para a brincadeira. Nos suplementos, geralmente anteriores à data Natalina, destacavam-se as férias e as possibilidades de desfrutar desse período, valorizado pelo infantil catarinense, o que faz com que se pense nas férias como um lugar e tempo de comemoração à infância. Uma comemoração especial para os meninos e as meninas que passaram de ano na escola e que não precisariam abrir mão de suas férias para estudar<sup>102</sup>. A grande oferta de atividades para atrair a criançada também se expressa fortemente nesse período, ou seja, se ativa nesse período uma espécie de comemoração à criança que obtém sucesso escolar.

Para gozar das férias escolares, *O Estadinho*, em 1984, apresenta, além da praia, outras possibilidades, o que permite dizer que há um reconhecimento de que não são

---

<sup>102</sup> Nas décadas de 1970 e 1980, o sistema de ensino adotado por muitas escolas, inclusive o Colégio de Aplicação – UFSC, citado nesta pesquisa, oferecia, aos alunos que não alcançassem a média 7 no decorrer do ano (4 bimestres), realizar prova de recuperação para atingir a média estipulada. Geralmente, as provas de recuperação ocorriam no mês de dezembro.

todas as famílias que podem desfrutar juntas o período de férias escolares. Ainda que a infância, de certa forma, continuasse a ser representada a partir da vida de alguns de seus leitores, os editores do jornal infantil também destacavam atividades que contemplam crianças de várias idades e de diferentes condições econômicas. Em página dupla e com o título “Oba! Férias... Passeios... Brincadeiras”, foram sugeridas em forma de minicolunas 11 atividades. A maioria delas necessitava da companhia de um adulto e, possivelmente, de algum tipo de ingresso ou entrada que deveriam ser pagos, como sugere *O Estadinho* aos seus leitores: “Outra opção é explorar as diversas atividades que os clubes oferecem. Se você é sócio, vá até lá e descubra as oportunidades que eles lhe oferecem. Vai ser uma descoberta interessante.” (O ESTADINHO, 9/12/1984).

Florianópolis, a capital em desenvolvimento, contava – nesse período e somente na ilha – com quatro grandes clubes recreativos. Localizados em zonas cujo desenvolvimento também era crescente, eram símbolo de distinção e passaporte quase que obrigatório para uma vida em sociedade. Nos clubes, atividades para as crianças, como as colônias de férias, ajudaram a propagar com certa visibilidade a infância e também um mercado específico para elas, divulgados tanto no suplemento infantil, quanto no jornal *O Estado*.

Figura 107 – Encarte publicitário Paula Ramos Esporte Clube

**NÃO BRINQUE EM SERVIÇO,  
CRIANÇA PARADA ENFERRUJA.**

**COLOQUE SEU FILHO NA  
COLÔNIA DE FÉRIAS DO  
PAULA RAMOS.**

NA COLÔNIA DE FÉRIAS DO PAULA RAMOS VAI SER ASSIM: ENQUANTO VOCÊ ESTIVER TRABALHANDO, SEU FILHO VAI CURTIR AS FÉRIAS MAIS GOSTOSAS DESTA TEMPORADA. ELE VAI PARTICIPAR DE RECREAÇÕES COMO FUTEBOL DE CAMPO, FUTEBOL SUIÇO, CORRIDA DE SACO, CORRIDAS DE BASTÃO, ESTOURO DE BALÕES E TANTAS OUTRAS. PARA MAIORES INFORMAÇÕES, LIGUE PARA OS SEGUINTE. NÚMEROS: 33-3948 e 33-0655. VAMOS, SEU FILHO MERECE CRESCER E APARECER MUITO NESTAS FÉRIAS.

- + Período de duração: 13 a 18 de fevereiro.
- + Horário: Das 08:00 às 18:00 horas.
- + Preço por Criança: Cr\$ 12.000,00
- + Almoço e lanche já incluídos no preço.
- + Turmas separadas por idade e acompanhadas por professores.

 **Paula Ramos Esporte Clube**  
O Clube da Alegria.



Fonte: O Estado (18/12/1983, p. 19) – Acervo da autora

Os clubes, espaços privados, eram mencionados como proposta de passeio e atividade para as crianças e alguns espaços públicos também aparecem como sugestão, entretanto, um desses espaços se configura em local já bastante elitizado para a época, além de, para a atividade proposta, necessitar de um equipamento não muito acessível a todos, a bicicleta:

A Ciclovía fica na Beira-Mar Norte e é uma delícia, principalmente fim de tarde onde o pôr do sol é um dos mais lindos da Ilha. Lá você encontra os amigos, os pais dos amigos e até os avós dos amigos. Leve sua bicicleta e vá até lá curtir com a gente. (O ESTADINHO, 9/12/1984).

Pedalar era uma brincadeira inacessível para muitas crianças, pois, o custo de uma bicicleta era alto, e a cidade também não contava com espaços seguros para essa prática, também por ser a Ilha de Santa Catarina bastante acidentada geograficamente. O espaço construído na avenida Beira-Mar Norte, no início da década de 1980, atendia aos anseios e aos costumes de uma dada comunidade, moradora daquele bairro.

Espaços elitizados e brincadeiras, cujo suporte não era de fácil aquisição, mostravam um viés de vida infantil na Ilha, porém, havia – ainda que em menor proporção – sugestões de atividades que representam outras infâncias, por exemplo, a sugestão da brincadeira de pipa, bastante comum em Florianópolis, principalmente nos morros e zonas periféricas. “Procure um lugar jóia para soltar sua pandorga! Mas antes, faça você a sua pipa. Papel de sede, linha, cola e bambus nas mãos e solte sua criatividade. A sensação de fazer algo voar faz bem para nossa cabeça.” (O ESTADINHO, 9/12/1984).

Uma lista de outras brincadeiras que também compunham a matéria eram atividades que não demandavam materiais ou sugeriam materiais de baixo ou nenhum custo. A infância comemorada nas férias, nesse sentido, apresenta-se um pouco mais plural, possivelmente fruto de uma nova mentalidade atrelada também à construção de uma política editorial de *O Estadinho*, cujo olhar se voltava para a criança catarinense especialmente.

Assim, a comemoração natalina, no ano de 1984, representou ou tentou representar uma infância ainda mais abrangente. Ou seja, o suplemento, por meio de algumas matérias e depoimentos, evidenciava a existência de outros tipos de viver a infância. Nas colaborações das crianças, o Natal passava a se representar, também, pelos preceitos religiosos (claro, as escolas que contribuía para as seções de colaboração se deixavam reconhecer por essas escritas, ainda que pequenas e bastante pontuais). Nisso, evidencia-se que as infâncias se diferenciavam até mesmo pelos locais onde as crianças estudavam.

Para essa edição Natalina, as atividades realizadas pelas professoras, Tia Angela e Tia Denise, do Colégio Coração de Jesus, e Maria Alice Batista, do Colégio de Aplicação chamaram a atenção. As diferenças começam no tratamento à professora, no espaço concedido e no número de publicações. Logo nas primeiras páginas do suplemento, encontram-se as percepções dos alunos do Colégio Coração de Jesus, 31 crianças puseram no papel suas ideias sobre o Natal. Com idades entre 5 e 6 anos, quando indagadas sobre o que era o Natal vincularam suas respostas à alegria, aos presentes, ao Papai Noel, entretanto, também, ao rezar e ao nascimento de Cristo, coincidindo com a filosofia católica da escola.

“Natal é o dia do aniversário do Menino Jesus” – Mariana, 6 anos;

“Natal é o nascimento do Menino Jesus” – Fernanda, 6 anos;

“Natal é o dia em que nasceu Jesus” – Tatiana, 6 anos;

“Natal é rezar” – Tatiana, 6 anos;

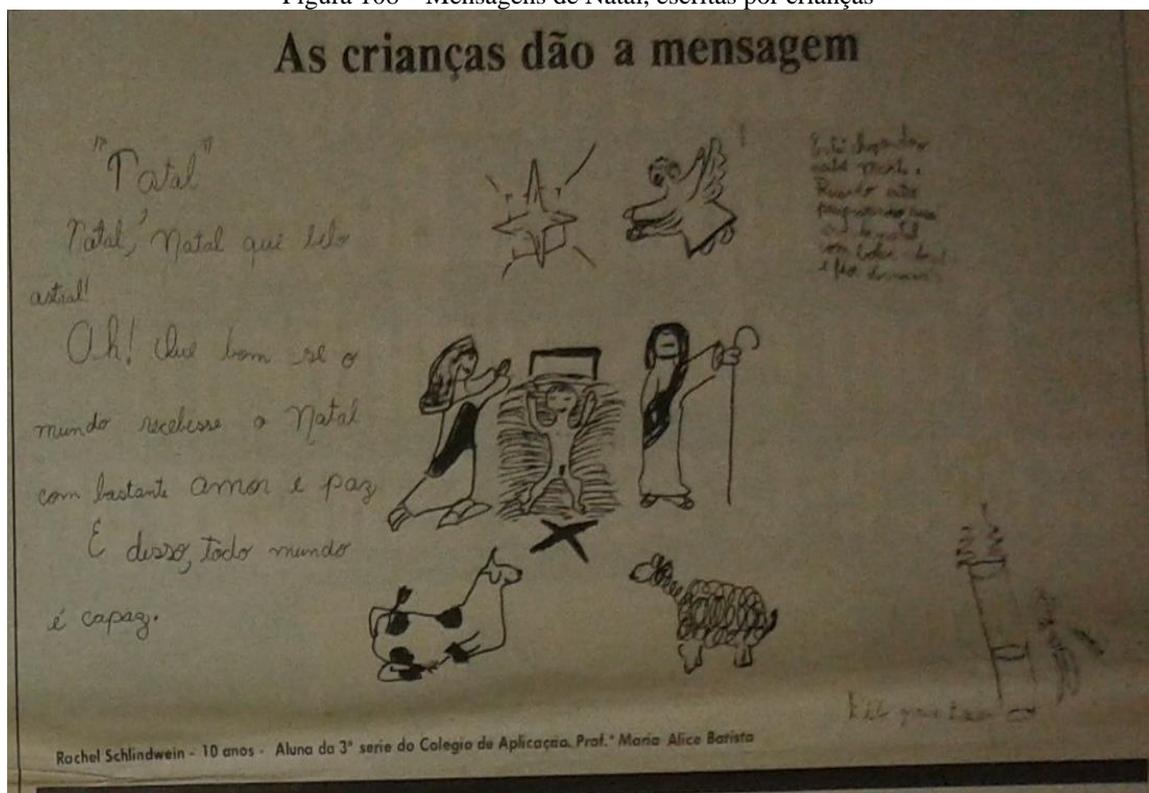
“Natal é uma árvore cheia de presentes” – Sílvia, 6 anos;

“Natal é quando a gente ganha presentes” – Maria Fernanda, 6 anos;  
 “Natal é uma árvore com presentes” – Luciana, 5 anos. (O ESTADINHO, 23/12/1985, p. 4).

Ainda com um simbolismo cristão, a aluna da professora Maria Alice Batista, do Colégio de Aplicação, foi a única criança a ter publicado na penúltima página do suplemento, sua ideia sobre o Natal. A menina de 10 anos, Rachel Schlindwein, fez uma composição com desenhos e “versos”, que alimentavam uma representação de Natal bastante católica, entretanto, em um de seus versos aparecem valores relacionados ao bem comum e uma preocupação social, talvez relacionado a fatores como desigualdades, problemas ambientais, violência, etc.

“Natal”  
 Natal, Natal que belo astral!  
 Ah! Que bom se o mundo recebesse o Natal com bastante amor e paz.  
 E disso, todo mundo é capaz. (O ESTADINHO, 23/12/1985, p. 11)

Figura 108 – Mensagens de Natal, escritas por crianças



Fonte: O Estadinho (23/12/1985, p. 11) – Acervo da autora

O Natal tomava *status* de comemoração infantil, primeiro – como indicam as pesquisadoras Veiga e Gouvea (2000) – por uma questão assistencialista e de caridade à criança pobre e, em segundo, como pode-se perceber em *O Estadinho*, não mais estava em evidência a infância pobre, mas uma infância consumidora.

Tal fato expressa o movimento de consumo em algumas datas, já consolidado e criticado naquele momento em outros países, como fez o suplemento da revista infantil *El Acordeón – El Cambalache*, que mostrava aos seus leitores como certas datas e, em especial o Natal, se deixam afetar pelo consumo e pelo exagero publicitário:

Hay días y épocas del año em que los anuncios para los niños son más numerosos. Los sábados por la tarde podemos ver montones de ellos; de yoghourts, de muñecas, de juguetes mecánicos, de alimentos que te harán más fuerte. Cuando se acercan las Navidades suele haber um auténtico bombardeo de anuncios de juguetes. (EL CAMBALACHE, 10/1976, p. 1).

Em 1985, a edição que comemora o Natal, sem abrir mão do presente, dá outro sentido ao ato, relacionado em grande medida a uma atividade comercial. Os editores de modo criativo e divertido usaram a chegada do cometa Halley, como estratégia para desvincular o ato de presentear a uma ideia de consumo. A chegada do cometa seria para os editores “Um presente para todos” (O ESTADINHO, 22/12/1987, p. 1), como estampou a capa do infantil catarinense. Ainda que vinculada ao bom velhinho, a mensagem natalina de *O Estadinho* para seus leitores deu a ver uma ideia de Natal para todos, independentemente de a criança estar na escola, de sua família ter uma estrutura nuclear ou, ainda, de possuir acesso aos bens de consumo. Uma representação mais próxima a uma infância plural. O cometa era o presente acessível a todos, ou pelo menos todos que quisessem vê-lo ou acreditar na sua passagem.

Figura 109 – Mensagem dos editores de *O Estadinho*

Todo mundo fala em natal. Se vocês forem pro centro da cidade, garanto que vocês vão ficar quase malucos com a correria. É gente pra todo lado, entrando e saindo de lojas. Tudo por causa da história de presentes de natal. Aí, nós aqui do Estadinho achamos que também tínhamos que dar um presente aos nossos leitores, que afinal de contas, passam um tempão junto com a gente todos os domingos. Só que a gente decidiu que não ia entrar na correria. Bem pelo contrário. Resolvemos que o presente tinha de ser pra todos, inclusive pra nós mesmos. Um presente que não tem nenhum valor que possa ser contado em dinheiro, uma coisa linda, que todo mundo goste, um presente único, o maior de todos. Uma coisa que ninguém nunca mais vai esquecer. Ninguém mesmo. Porque é, de verdade, pra todos. Do mundo inteiro. E vai chegando aos pouquinhos. Pra nós, e pra todos, valeu Papai-Noel, obrigado pelo cometa de Halley.

Fonte: O Estadinho (22/12/1987, p. 2) – Acervo da autora

A infância, destacada no suplemento catarinense, por meio das comemorações, de forma nuançada, vai se apresentando e se representando de maneiras distintas. Não há um consenso ou uma ideia de infância homogênea durante a trajetória de *O Estadinho*. A infância, como categoria social, sofre alterações, mudanças que impactam diretamente na forma como se representa ou, como se pode ver, nas várias formas que são representadas. Quanto à comemoração natalina, a vinculação a uma infância consumidora está fortemente presente em todo o período estudado. A infância pobre, citada no suplemento de 1972, não é comemorada – no sentido de que crianças empobrecidas também comemoram o Natal – mas é reconhecida. O jornal infantil faz ecoar uma representação de infância muito específica de crianças da classe média em ascensão, de crianças estudantes, consumidoras, que incorporam hábitos de distinção (BOURDIEU, 1983). Entretanto, essa infância não pode ser pensada como a mesma,

pois, ainda que seus atores sejam os mesmos – crianças – a ideia de infância vai, mesmo de modo muito sutil, se modificando e mudando também a visão a respeito da criança.

São muitos os fatores que interferem nesse olhar e provocam essas mudanças na ideia de infância e criança. A família, classe social, escola, o governo, a comunidade em que vive, o grau de instrução de seus familiares e a conjuntura política e econômica são exemplos de como a infância foi sendo moldada por esses condicionantes e ganhando cada vez mais um sentido plural, de infâncias.

Dia das Crianças e Natal são datas bastante representativas, sobretudo porque a primeira foi instituída especialmente para elas, as crianças; e a segunda por que, em sua essência, comemora o nascimento do menino Jesus, ou seja, o nascimento de uma criança. Entretanto, a infância não foi comemorada apenas com essas datas. Outras datas ecoaram no mundo infantil com muita força, mostrando uma representação diferente da infância e das crianças. De salvadores da pátria a críticos de seu país, o suplemento coloca em evidência a emergência de uma infância crítica, buscando a consciência política e o engajamento social. Em períodos distintos, mas que de certa forma promoveram uma visibilidade à infância por meio de uma data cívica.

#### 5.4 INDEPENDÊNCIA NÃO SE GANHA NO GRITO: COMEMORAR O SETE DE SETEMBRO

A alegre manhã do dia 7

Nesse dia a alvorada acordou mais cedo, nos Quartéis e nos lares. As tropas passavam pelas ruas da cidade, numa Grant – première do grande desfile rumo à Avenida. *Os alunos dos Colégios da Capital deixavam isoladamente suas casas como peças importantes de um grande mosaico colorido* que haveria de desabrochar também na Avenida, lugar marcado para aplicadas lições de civismo. Um sol tímido, mas generoso, iluminou a passarela por onde desfilariam, com pompa e circunstancia, *sete mil escolares* e dois mil militares. Entre os colégios, vigorou uma sadia competição, cada qual querendo superar os demais educandários, na marcha compassada pelo ritmo dos tambores, nas evoluções das suas belezas ou na irrepreensível unidade marcial de todo o conjunto. Na plateia, as preocupações não eram diferentes: os pais dos *garbosos estudantes* identificavam os filhos em plena marcha e estabeleciam comparações com os outros colégios, igualmente patriotas, mas seguramente não tão hábeis nas suas evoluções. Nas calçadas, nas janelas e até nos telhados – pouco convencional, mas também um honrado mirante cívico – *crianças e adultos se identificaram na alegria comum de festejar o Sesquicentenário da Independência*. Num desfile tão aplicado e a um só tempo alegre e respeitoso, que D. Pedro I só pode tê-lo aprovado. (O ESTADINHO, 9/9/1972, Caderno II, grifos nossos).

Uma das datas cívicas que mais mobilizou o imaginário nacional, sem dúvida, foi a Independência do Brasil<sup>103</sup>. Ligado ao passado, presente e futuro, o evento comemorativo traz à tona um conjunto de representações sobre o momento em que se viveu o processo de independência, porém, se atualiza a cada ano celebrado, na medida em que relaciona fatos vividos no presente, sem deixar de projetar-se ao futuro. Lembrando que um evento passado é:

[...] algo que nunca poderemos possuir. Porque quando percebemos que aconteceu, os fatos já estão inacessíveis para nós: não podemos revivê-los, recuperá-los, ou retornar no tempo como em um experimento de laboratório ou simulação de computador. Só podemos *reapresentá-los*. (GADDIS, 2003, p. 17).

O sesquicentenário foi, certamente, um valioso trunfo para o governo militar “[...] estabelecer uma ligação entre passado e futuro [...]” (SOSNOSKI, 2013, p. 25), ajudando a por em prática um projeto de nacionalização que abarcava, também, a infância. Visando à aceitação pública, essa comemoração fez dos acontecimentos do passado uma ponte para a projeção de um futuro exitoso, no qual a escola e as crianças tornaram-se o grande alvo.

Comemorada no dia Sete de Setembro, a Independência do Brasil tem como um de seus ícones a figura de Dom Pedro e sua bravura para com a coroa portuguesa, que lhe concedeu o título de grande defensor e incentivador de uma pátria independente. A data cívica, marcada com euforia no calendário oficial do Brasil, não é a única, mas, sem dúvida, é a que mais tem destaque nacional. Comemorada como feriado e nas ruas (onde se expressa por meio das instituições e de órgãos públicos), tem a infância como importante aliada, destacada nos discursos políticos e nos desfiles que homenageiam a pátria. Não por acaso, reportagens de revistas, matérias de jornais e outros tipos de impresso optaram por registrar os eventos de rua (desfiles) com fotos de crianças escolarizadas, marchando com outros colegas, mimetizando uma atividade por excelência. Os textos que circulavam nos jornais após a celebração não deixavam de destacar com certa ênfase a participação das crianças na festa da independência,

---

<sup>103</sup> Tal afirmação baseia-se no número de vezes em que essa celebração é evocada nos suplementos infantis, desde a *Revista Infantil Tico-Tico* (1905-1962) até os suplementos mais recentes como a *Folhinha* de São Paulo e *O Estadinho*. Comemorar o Sete de Setembro envolvia um rito marcado não apenas por festejos organizados pelo governo. Os jornais frequentemente apresentavam alguma matéria destinada à rememoração do fato histórico. As escolas, além do envolvimento com os tradicionais desfiles, promoviam concursos e disseminavam a conhecida “Semana da Pátria”, envolvendo variadas atividades culturais. Os suplementos infantis, de certa forma, ajudaram a ecoar essas manifestações que circulavam nos impressos que os gerava, bem como validavam as atividades escolares ligadas ao Sete de Setembro, promovendo em suas páginas concursos de redação e apresentando a seus leitores imagens de atividades escolares em que a Independência do Brasil se fez presente.

principalmente aquelas escolarizadas. A criança sadia, de família nuclear, acompanhada dos pais, também teve destaque nos meios impressos; os ideais patrióticos deveriam estar na escola, mas também no ambiente familiar, dotado de uma representação bastante tradicional, porém, longe de ser o “retrato” da família brasileira.

A escola se caracterizava no *locus* dessas “lições de civismo” e no período ditatorial tinha a incumbência de difundir os ideais do regime militar, inclusive com a criação da disciplina Educação Moral e Cívica<sup>104</sup>, em 1969.

A educação cívica foi uma das formas encontradas para constituição de um novo modelo de nação que se pretendia construir, pois, estava centrada na formação de cidadãos patriotas e religiosos, que valorizassem a família, a moral e trabalhassem para o crescimento da nação. (PLÁCIDO, 2014, p. 5).

---

<sup>104</sup> “Decreto-Lei n. 869, de 12 de setembro de 1969. Dispõe sobre a inclusão da Educação Moral e Cívica como disciplina obrigatória nas escolas de todos os graus e modalidades, dos sistemas de ensino no País e dá outras providências. OS MINISTROS DA MARINHA DE GUERRA, DO EXÉRCITO E DA AERONÁUTICA MILITAR, usando das atribuições que lhes confere o artigo 1º do Ato Institucional nº 12, de 31 de agosto de 1969, combinado com o § 1º do artigo 2º do Ato Institucional nº 5, de 13 de dezembro de 1968, DECRETAM: Art. 1º É instituída, em caráter obrigatório, como disciplina e, também, como prática educativa, a Educação Moral e Cívica, nas escolas de todos os graus e modalidades, dos sistemas de ensino no País. Art. 2º A Educação Moral e Cívica, apoiando-se nas tradições nacionais, tem

A) a defesa do princípio democrático, através da preservação do espírito religioso, da dignidade da pessoa humana e do amor à liberdade com responsabilidade, sob a inspiração de Deus;

b) a preservação, o fortalecimento e a projeção dos valores espirituais e éticos da nacionalidade;

c) o fortalecimento da unidade nacional e do sentimento de solidariedade humana;

d) o culto à Pátria, aos seus símbolos, tradições, instituições e aos grandes vultos de sua História;

e) o aprimoramento do caráter, com apoio na moral, na dedicação à família e à comunidade;

f) a compreensão dos direitos e deveres dos brasileiros e o conhecimento da organização sócio-político-econômica do País;

g) o preparo do cidadão para o exercício das atividades cívicas com fundamento na moral, no patriotismo e na ação construtiva, visando ao bem comum; o culto da obediência à Lei, da fidelidade ao trabalho e da integração na comunidade.”

(DECRETO-LEI n. 869/1969. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1960-1969/decreto-lei-869-12-setembro-1969-375468-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 11 jul. 2016).

Figura 110 – Desfile cívico em comemoração a Independência da República



Fonte: O Estado (3/9/1972, p. 10) – Acervo da autora

As comemorações da Independência do Brasil, geralmente, envolvem rituais bastante elaborados que foram se modernizando, se (re)significando e incorporando elementos e temas da atualidade para dar outros sentidos e lutar contra o esquecimento, provocando ou produzindo novas tradições. Assim, a celebração da Independência do Brasil é destacada como um evento memorialístico, uma “tradição inventada”, compreendido por Eric Hobsbawm (1997, p. 9) como:

[...] um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado.

O historiador londrino complementa sua tese, relacionando a “invenção da tradição” à própria história, porém, desvinculando-a da memória e tomando-a como uma seleção necessária para a condição que implique “tradições inventadas”, as quais, segundo ele, podem se coadunar em três grupos, sendo dois que possuem maior relação no que se refere ao caráter de invenção: “[...] b) aquelas que estabelecem ou legitimam instituições, *status* ou realizações de autoridade, e c) aquelas cujo propósito principal é a socialização, a inculcação de ideias, sistemas de valores e padrões de comportamento.” (HOBSBAWM, 1977, p. 17).

Os eventos relacionados a uma celebração de data cívica são, em grande medida, eventos cuja organização parte de instituições ligadas ao Estado, que atua por meio dos rituais que estabelece com o intuito de legitimar seus próprios valores, ideias e representações, os quais são amplamente difundidas nesses momentos comemorativos. Desse modo, a data que comemora a Independência Brasileira, cujo ápice é o Desfile de Sete de Setembro, costuma envolver em seus rituais fatores ligados à economia, à vida social e política do país e até mesmo a eventos esportivos de grande porte, como a Copa do Mundo. Trata-se de um emaranhado de ações, em “[...] uma intrínseca relação com articulações envolvendo ‘passado, presente e futuro’ [...]” (PERIN, 2014, p. 70). Contudo, significa uma reinvenção constante da tradição, o que pode ser lido como uma descontinuidade na continuidade, como bem sinaliza Hobsbawm (1997), ao relatar a evocação do nacionalismo na Suíça e na França, uma vez que se criam determinadas situações para por em cena ideias e modelos, porém, passado algum tempo, voltam-se a elas com novos elementos para fazer circular ideias e modelos ainda ancorados no passado. Assim, o ano de 1972 fez evocar, por meio da comemoração dos 150 anos da Independência, o sentimento nacionalista, de dever ao país, de nação unida, forte e ordeira, de Brasil como exemplo para o mundo, remetendo ao sentimento nacionalista expandido – especialmente a partir dos anos de 1920 e com o Estado Novo (1937-1945), porém com novos elementos, mas reinventado aquilo que já havia sido criado.

Os livros escolares foram grandes semeadores do propósito nacionalista, no início do século XX, quando havia, por parte do governo, receio de que os contingentes imigratórios dissipassem os elementos julgados como da cultura nacional (como a língua, a religião e outros hábitos que conferiam uma identidade particular), portanto, seriam uma “ameaça” ao país e ao seu ideal de nação. Nesse sentido, a divulgação da ideia – presente nesses livros – de que o Brasil era uma nação forte, rica e em pleno desenvolvimento foi, ao longo de anos, sendo reinventada. Ou seja, os elementos que seguem no discurso, como a ideia de nação, continuaram a circular como forte elemento de tradição, mas, nas rupturas se modificam, se reinventam, incorporando novos elementos, porém, ainda remontados a aspectos já vividos/experimentados.

Como exemplo, a pesquisa de Ricardo Oriá (2011)<sup>105</sup> aborda alguns momentos, desde 1900, em que o nacionalismo esteve em evidência, tanto na literatura infantil

---

<sup>105</sup> Trata-se de um estudo de doutorado que permite conhecer a obra do escritor Viriato Corrêa, entre os anos 1934-1961, o estudo aborda a literatura infantil e a História do Brasil. *O Brasil contado às crianças: Viriato Corrêa e a literatura escolar para o ensino de História (1934-1961)*, USP (2009).

quanto nos livros considerados didáticos. Ainda que sob diferentes aspectos, o nacionalismo foi evocado, seja pelo viés emocional-patriótico, como o amor à natureza; seja por meio de discursos para a construção de uma cidadania visando um país industrializado e trabalhador; ou pela escola, por meio da disciplina de Educação Moral e Cívica e a disseminação de valores referentes à adoração da pátria, sempre em consonância e como forma de representação de determinados grupos sociais.

Sob diferentes marcadores temporais, o ideário nacionalista ansiou pela formação de um sentimento patriótico. Em 1972 o governo militar cria uma atmosfera de amor e idolatria a pátria, motivados sesquicentenário da Independência da República, mas lá no começo do século, em 1900, as comemorações referentes aos 400 anos de descobrimento do país também produziram um ambiente voltado a adoração do Brasil. Nessa ocasião, os discursos circulantes naquele início de século usavam as riquezas naturais, a grandeza do país e sua beleza como estratégia para o desenvolvimento desse espírito nacionalista. Trata-se, portanto, da conformação de elementos do passado que os atores do presente reinventam e convidam a difundir, como ocorreu também nos anos 2000, quando, obviamente, o país celebrou os 500 anos de descobrimento e, em Lisboa (Portugal), dois anos antes, quando participou de forma bastante suntuosa da Expo-98. “O governo brasileiro procurou construir um pavilhão monumental, ocupando 1.300 metros quadrados e explorando fartamente nossas mais conhecidas e propagadas belezas naturais e riquezas culturais.” (GOMES, 2016, p. 93).

Já, nas décadas de 1920 e 1930, o ideal nacionalista foi evocado sob o aspecto do desenvolvimento do país, dos processos de industrialização, das valências ligadas ao trabalho e à economia, materializados também na criação do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio. Entretanto, mais à frente, com o governo militar no comando, a partir de 1964, o nacionalismo entrou em favor da ordem nacional. A ideia de um país limpo, organizado e controlado foi difundida e colocada como uma condição para o desenvolvimento.

A perspectiva de futuro estava presente e tomou força com eventos que ajudaram a enaltecer ainda mais os propósitos nacionalistas, criados pela ditadura militar. Tanto a Copa do Mundo de Futebol de 1970 – quando o Brasil consagrou-se campeão – quanto as comemorações do Sesquicentenário da Independência produziram um sentimento de pátria unida em prol do progresso, da vitória e da ação. O *slogan* “Pra frente Brasil”, letra da música que embalou o evento esportivo de 1970, em dois anos foi transformado em *slogan* publicitário, como é possível ver em comercial do jornal em

*O Estado* (1972), inclusive, com a popularização do termo “pra frente Brasil”, que ressoou, também, em uma das redações de comemoração aos 150 anos da Independência, que ganhou as páginas de *O Estadinho*.

Figura 111 – Encarte publicitário do Banco Nacional da Habitação

**Está na hora de mudar a letra de "Pra frente, Brasil." Já somos 100 milhões em ação.**

É incrível como este País anda depressa. Ontem, no hino de Miguel Gustavo, eram "noventa milhões em ação". Hoje, eis-nos diante de 100 milhões de habitantes. Mas, se a gente lembrar que o Brasil é um dos países que mais crescem no mundo, esta notícia nada tem de extraordinário. Extraordinário é ver a integração de um país com 8.500.000 km<sup>2</sup> de superfície e apenas 150 anos de Independência. É ver, em cada realização, a consolidação dessa Independência: Transamazônica, Embratel, 200 milhas, Mobral, Pro-terra, Pro-vale, PIN, Prodoeste, Petrobrás, Embratur, Embraer, controle de inflação, aumento das exportações, aumento do PNB, Sudene, BNB, Sudam, Projeto Minerva, Projeto Rondon, PIS, FGTS, etc, etc. Para onde olhamos vemos

um Brasil se afirmando como Nação, partindo para ser grande potência. Este 21 de agosto em que nós, do BNH, completamos 8 anos, é mais um motivo para nos orgulharmos de tudo isso. Mas não nos orgulhamos só por ter financiado, nesses 8 anos de atividades, 800.000 unidades residenciais, nem por saber que nos próximos anos vamos financiar centenas de milhares. A ação do BNH no financiamento do PLANASA, Plano Nacional de Saneamento, em colaboração com os Estados e Municípios, é tão gigantesca quanto a que o Banco empreende no Plano Nacional da Habitação. Porque, através do PLANASA, milhões de famílias, das capitais e cidades do interior, contarão com modernos sistemas de abastecimento de água e redes de esgoto. O fato de talvez você desconhecer esta parte do nosso trabalho, não nos deixa menos confiantes para continuar encarando o futuro com otimismo conscientes das nossas responsabilidades.

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
  
 BANCO NACIONAL DA HABITAÇÃO

**O Banco dos 100 milhões de brasileiros.**

Fonte: *O Estado* (20/8/1972, p. 3) – Acervo da autora

Os desfiles cívicos de Sete de Setembro de 2014 tiveram como temas “Diversidade Cultural”, “Água e Sustentabilidade” e “Regiões do Brasil”, e muitas cidades brasileiras, incluindo o Distrito Federal, aderiram a esses temas. É possível que, no ano que o Brasil sediou a Copa do Mundo (2014), o esporte, e com ênfase o futebol, fosse um tema de relevância para os desfiles cívicos, mas, possivelmente o fracasso na Copa afastou essa possibilidade. Isso fornece indícios a respeito das relações de aproximação entre comemorações patriotas e eventos civis. Em 2002, por exemplo, quando o Brasil ganhou a Copa do Mundo na Coreia/Japão, os desfiles foram à forra homenageando o esporte, foi possível ver a representação de um país pelo esporte, refratando, em parte, o imaginário de um povo. Novamente, lançou-se a ideia de união, pátria forte, povo lutador e vitorioso.

No ano de 1972, as comemorações da Independência se voltaram para a glorificação do passado, a exaltação do presente e a promessa de um futuro. A festa, como ressaltou a pesquisadora Janaína Martins Cordeiro (2012):

[...] deveria ser capaz não somente de celebrar os 150 anos da independência do país – a escolha das datas nacionais, dos heróis e dos grandes acontecimentos do passado que deveriam ser recuperados -, como também de celebrar o momento de grandeza, de acelerado crescimento econômico e o *otimismo* crescente que envolvia segmentos significativos da sociedade brasileira naqueles primeiros anos da década de 1970. (CORDEIRO, 2012, p. 17).

A festa do sesquicentenário também não se restringiria ao Sete de Setembro, apesar de esse ser o auge das comemorações ou a coroação da celebração. O ano de 1972 seria todo festivo, marcado por eventos que atestavam que “[...] o futuro chegara justamente quando a Nação completava 150 anos.” (CORDEIRO, 2012, p.17). Não seria preciso incrementar os desfiles, nem pintar o céu com cores que não fossem o verde e o amarelo. Para enaltecer ainda mais a memória do Grito do Ipiranga<sup>106</sup> e criar uma representação de jovem nação próspera, criou-se uma comissão de comemoração dos 150 anos Comissão Executiva Central - CEC, de forma que os preparativos foram iniciados em outubro de 1971, com a instituição dessa Comissão Nacional para programar e coordenar os eventos do sesquicentenário, fornecendo ares de que o investimento seria grande (CORDEIRO, 2012). Dela fizeram parte: Ministros da Educação, das Relações Exteriores, da Marinha, da Aeronáutica, do Exército, da Justiça, chefes dos gabinetes militar e civil da Presidência da República, os presidentes do conselho Federal de Cultura, do Instituto histórico e geográfico brasileiro, da liga da Defesa Nacional da Associação de Emissoras de Rádio e TV, da Associação Brasileira de Rádio e TV, sendo a comissão presidida pelo General Antônio Jorge Correa (CORDEIRO, 2012).

Assim, em 1972, as ações de rememoração do grito de independência foram muitas, mescladas com o bom período econômico, momento de pujança e modernização, o que impulsionou o lançamento de livros, selos comemorativos e álbuns de figurinha comercializados, músicas em ritmos alegres, eventos esportivos (como a minicopa), propagandas ufanistas e filmes (como *O Inconfidente* e *Independência ou Morte*) protagonizados pelos mais aclamados atores e atrizes brasileiros do período,

---

<sup>106</sup> Grito do Ipiranga, relaciona-se ao momento em que Dom Pedro, às margens do Rio Ipiranga em São Paulo, decretou a Independência do Brasil em relação a Portugal, após leitura de cartas e decretos vindos de Lisboa e do Rio de Janeiro.

como, aliás, sinalizou uma das revistas semanais daquele ano referente ao filme *Independência ou Morte*:

Em 108 minutos não se conta, naturalmente, a história inteira da Independência. A parte selecionada mobilizou o que é certamente a maior constelação de astros do cinema e da televisão brasileira. A produção tomou o cuidado na procura de lugares históricos que servissem de autêntico pano de fundo. Até a cena do grito imita o quadro de Pedro Américo, e é igual o número de pessoas – trezentas – colocadas numa e noutra. (REVISTA VEJA, 6 setembro 1972, n. 209, p. 112).

Tais imagens, veiculadas na televisão em expansão, no rádio, nos meios impressos, cinema, teatro e em outros, remetiam diretamente ao momento imortalizado pelo célebre quadro pintado pelo paraibano Pedro Américo: “O Brado do Ipiranga”. Não por acaso que muitas empresas usaram a pintura de Pedro Américo para estampar seus anúncios publicitários. A imagem, considerada por muito tempo um “retrato” fiel da Independência, também circulava com frequência nos livros didáticos, e o álbum de figurinhas comemorativo ao sesquicentenário (lançado em pelo menos dois números) destacava a imagem do Presidente General Emilio Garrastazu Médici, com os heróis nacionais tidos como os próceres da Independência, além, é claro, ao do símbolo da emancipação brasileira: Dom Pedro sobre o cavalo branco, erguendo sua espada e falando a seus combatentes “Independência ou Morte!”.

Figura 112 – Álbum de figurinhas em homenagem ao Sesquicentenário I



Fonte: Álbum de figurinhas “Brasil minha Pátria” (1972) - Acervo da autora

Figura 113 – Álbum de figurinhas em homenagem ao Sesquicentenário II



Fonte: Álbum de figurinhas “Brasil minha Pátria” (1972) - Acervo da autora

Portanto, não foi uma semana ou um dia em festa, mas, um ano. E todos esses elementos, durante mais de um ano, fortaleceram o projeto de modernização tão almejado pela ditadura, a ênfase na industrialização, na limpeza, na educação para todos, no esporte, também para todos, o elemento patriotismo como chave para o êxito desse projeto. A infância também esteve nesse projeto. Investir na infância nessa época também foi algo modernizador e o próprio suplemento infantil catarinense é expressão desse tempo. Por meio de *O Estadinho*, ainda que não continuamente – já que o tema sobre a Independência teve espaço apenas no concurso de redação – se promoveu, em certa medida, uma educação para a pátria.

O marco das comemorações cívicas do Sete de Setembro de 1972 iniciou com a transladação dos restos mortais de Dom Pedro I ao Brasil diretamente de Portugal.

A 11 de abril, o esquife com os despojos de d. Pedro I deixaria Lisboa, a bordo do Funchal, seguindo para o Brasil, onde aportou na cidade do Rio de Janeiro em 22 de abril. [...] Ao adentrar nas águas territoriais do Brasil, a esquadra luso-brasileira foi saudada por aviões da FAB e, em 22 de abril de 1972, em cerimônia realizada no Monumento aos Mortos da Segunda Guerra Mundial, na cidade do Rio de Janeiro, o presidente português entregou os restos mortais de d. Pedro ao Brasil. [...] A chegada dos restos mortais de d. Pedro I foi assistida por cerca de 5 mil pessoas, que suportaram o atraso de 40 minutos na entrega dos despojos e mais o cerimonial (que durou cerca de uma hora). (ALMEIDA, 2008, p. 2).

O retorno ao Brasil dos restos mortais daquele que se imortalizou como o prócere da Independência brasileira conformava um cenário de “[...] situações novas que ou assumem a forma de referência a situações anteriores, ou estabelecem seu próprio passado através da repetição quase que obrigatória.” (HOBSBAWM, 1997, p. 10). Tal evento surgiu carregado de símbolos e ritos, em confluência com a produção de uma atmosfera patriótica, cívica e nacionalista, elementos que visaram construir uma representação de Brasil ligando-se passado, presente e futuro de uma maneira e com um objetivo singular.

Eventos comemorativos materializaram-se pelo o país. Por meio da imprensa escrita, televisiva, nos meios de cultura, nas escolas, 1972 foi transformado em um ano de festa. A *Revista Veja*<sup>107</sup>, por exemplo, desde seu lançamento (1968) destinava algumas páginas às comemorações patrióticas da Independência do Brasil, porém, no ano do sesquicentenário, foram 41 páginas de 132 destinadas à data, que representou mais de 30% da revista.

Em Santa Catarina, as comemorações do sesquicentenário materializaram-se de diversas formas, fazendo ressoar os discursos políticos e as ações que evidenciavam a magnitude de um país que havia chegado ao futuro, como discursou o presidente Emílio Garrastazu Médici em 31 de dezembro de 1971: “A Nação tem hoje a tranquila consciência de sua grandeza, em termos realistas, possíveis e viáveis. Temos agora a certeza de que o eterno país de futuro se transformou, afinal, no país do presente.” (MÉDICI *apud* CORDEIRO, 2012, p. 16). O discurso do então presidente ressoou, inclusive, em materiais publicitários. Por todos os lados, a associação entre a memória gloriosa do passado e a imortalização do pujante momento social, político e econômico do país objetivou criar um clima de grandiosidade e desenvolvimento, necessário à propagação do ideal de nação almejado por aquele governo.

---

<sup>107</sup> Veja, revista semanal de informação, lançada no ano 1968 pela editora Abril.

Figura 114 – Publicidade enaltecendo os 150 anos de Independência do Brasil

**1972**

**O MAIOR ORGULHO DA RHODIA É ESTAR 100 ANOS ATRAS DO BRASIL.**

Em 1928, a quarta de Beba de New York dá o nome para a empresa de que o mundo inteiro se orgulha.

A Rhodia produz, fabrica e utiliza lâmpadas de lâmpadas por cáter, transportando uma nova etapa do desenvolvimento da luz, que se quece o primeiro de um novo de produtos lámpadas para Rhodia e hoje combatidas pelas mãos de qualidade Topal, Resalido, Rhodolux, Rhodich, Rhodapil, Rhodapil H, Laras, Lamp, Color, Dimpal.

Em 1933, a Rhodia inaugura a Valeira. Em 1943, com o grupo, fábrica e fábrica de vidro.

Em 1951, cria-se a primeira indústria brasileira de produção de vidro, uma importante contribuição para a indústria nacional.

No dia 15 de 01, lança o grande movimento da Abala, Brasil, e inicia o lançamento de vários países. Em 1962, nasce a fábrica de alumínio. Em 1963, inicia a produção de material para lâmpadas de vidro. Em 1967, implanta a Rhodia Nordeste.

Em 1972, nasce a primeira indústria brasileira de vidro para embalagem de água mineral, a Rhodia. Mais tarde, produz e desenvolve produtos de vidro, a Rhodia. E o grande orgulho de seu investimento de 25 milhões de dólares para a produção de sua nova água mineral, a Rhodia. Com apenas 15 anos de existência, sempre nos mercados de 150 anos de independência do Brasil.

**RHODIA**  
TRADIÇÃO E INOVAÇÃO

Fonte: *Revista Veja*, (6/9/1972, p. 16, 17) – Acervo online da *Revista Veja*

Figura 115 – Publicidade enaltecendo os 150 anos de Independência do Brasil

**ERA CHEGADA A HORA DO CAFEZINHO**

**Café, 150 anos de divisas.**

CAFÉ SOLVEVE BRASILIA

1972

Fonte: *Revista Veja*, (6/9/1972, p. 18) – Acervo online da *Revista Veja*

*Slogans* e propagandas circularam nos mais diversos meios de comunicação, calcificando a ideia de um país unido e glorioso que, em 150 anos, atingira não só a liberdade como também o desenvolvimento e o progresso. O jornal *O Estado* foi em boa medida difusor dessa mentalidade, pois, ao longo daquele ano comemorativo atuou como porta voz do governo militar, sendo o sesquicentenário, sem dúvida, uma importante representação para criar uma memória triunfal daquele presente cujos discursos políticos anunciavam ser majestoso.

Santa Catarina, não diferente, se colocou em marcha em prol da festa que homenageava os grandes heróis da pátria e enaltecia a nação brasileira. O ano de 1972 também festejava o centenário do tradicional e aristocrata clube da capital catarinense, o Clube 12 de Agosto, e o decenário do Banco do Estado de Santa Catarina (BESC), que se consolidava como o banco dos catarinenses.

Dos eventos que agitaram o Estado, o aniversário da Independência foi, com certeza, o mais aclamado pelos jornais e o que teve maior investimento ao longo do ano. Até mesmo o suplemento infantil *O Estadinho*, recém-chegado ao público, emprestou suas páginas para homenagear a pátria, promovendo um concurso de redação, com direito a regulamento, jurados e premiações.

Figura 116 – Independência do Brasil ganha concurso em *O Estadinho*

**O ESTADINHO**  
Florianópolis, Domingo, 27 de agosto de 1972 – No. 15



Foto de ELAINE BORGES

independência  
do  
Brasil  
é o tema do  
Concurso que  
O ESTADINHO  
lança hoje!

**QUEM GANHOU PREMIO?**

Treze crianças das centenas que enviaram seus desenhos para O ESTADINHO e participaram do **Festival da Criança** domingo, no "Parque Dona Tilinha" foram contempladas com passagens, bicicleta, boneca e cadernetas de poupança. A menina **Ivana Fernandes dos Santos**, de Itajaí, ganhou o sorteio da passagem à Foz do Iguaçu e Assunção com acompanhante e despesas pagas. A boneca saiu para **Egledir dos Santos** de Brusque, e a bicicleta ficou para o menino **Álvaro de Souza**, de Florianópolis.

Com as cadernetas de poupança foram contempladas as seguintes crianças: **Maria Susete Tavares**, de Itajaí; **Maria José** de São José; **Jorge Nilzo Farias**, **Beatriz Nilcéia Fernandes**, **Adriano Ferreira**, **Luciane M. da Silva**, **Isabela Bonassis Tremel**, **Silvana Aparecida Soares**, **Sarita Schead dos Santos** e **José Maurício dos Santos**, todos de Florianópolis.

Fonte: O Estadinho (27/8/1972, p.1) – Acervo da autora

O suplemento infantil da *Folha de São Paulo*, que costumava conter oito páginas, publicou, no dia 3 de setembro, uma edição especial com 24 páginas destinadas à comemoração cívica. Todas as páginas, exceto a oito, aludiram à data. De desenhos a histórias, passando pelos passatempos, as representações da data cívica demonstravam o que e como tal comemoração deveria ser incorporado à vida de seus leitores. Trata-se de um verdadeiro "manual de história", preparado ludicamente para ensinar uma determinada versão da história da Independência e corroborar com a representação de

um povo lutador. Os suplementos infantis, longe de serem materiais imparciais, sempre foram dotados de viés político e em muitos lugares. Não por acaso, muitos países utilizaram-se desses artefatos<sup>108</sup> de fácil leitura e boa circulação para “inculcar” nas mentes infantis determinados ideais, valores, normas, modelos defendidos por certos grupos sociais.

Ainda que a distância temporal possa levantar argumentos a respeito de um anacronismo<sup>109</sup>, há o registro, no Brasil, de impressos que fizeram questão de deixar clara sua posição política, tal como a *Revista Tico-Tico* (1905-1977), editada pelo jornal *O Malho*, no Rio de Janeiro, que, logo no início de sua circulação, trouxe em suas páginas uma posição derivada das “classes dominantes”, como afirmaram os pesquisadores Waldomiro Vergueiro e Roberto Elísio dos Santos (2008, p. 29).

Uma importante característica dessa revista foi o aspecto educacional, com sua proposição criativa já se colocando como uma intervenção decidida no processo educacional, baseada nos valores da classe média do País. Esse, talvez, seja o motivo de ela ter sido cultuada por várias gerações, que dela recebiam ensinamentos morais e cívicos básicos para sua formação intelectual. Ela acompanhava um momento histórico marcado por preocupações com o desenvolvimento intelectual das crianças, que se

---

<sup>108</sup> Para exemplificar, cita-se as revistas infantis espanhola, *Flechas* (1936-1938) e *Flechas y Pelayos* (1938-1949). Na Espanha, o periódico infantil *Flechas*, surgido ano no de 1936, deixou bastante evidente seu posicionamento político já no subtítulo: “Semanao Infantil de Falange Española de la J.O.N.S. de Aragón”. De claro apoio ao ditador Francisco Franco, a revista, por meio de seu editorial, afirmou a seus leitores: “Aquí tenéis un periódico que os enseñará a cumplir con vuestro deber de pequenos soldados de la Falange y de España y que sabrá también divertirlos” (EDITORIAL FLECHAS 5/11/1936 *apud* FLECHAS Y PELAYOS TOMO I, 2000). Em outro trecho do editorial, esse posicionamento político se tornou ainda mais contundente, porém impensável para os dias atuais: “Cuando llevéis vuestro fusil al hombro debéis llevar también un ejemplar de vuestro periódico para que al descansar de las marchas podáis hablar del nacional-sindicalismo...” (*ibidem*, 18). Em 1938, *Flechas* se uniu ao semanário infantil *Pelayos*, da corrente carlista, tornando-se uma só revista: *Flechas y Pelayos*, para então disseminar a doutrina franquista (MARTÍN, 2017). A primeira edição da revista *Flechas y Pelayos*, de 11 de dezembro de 1938, anunciou a seus leitores o propósito daquele material: “Todo el que sea buen español se alegrará de ver juntos en el título de una revista, dirigida a los niños, estos dos nombres: Flechas y Pelayos. En todas las conciencias que se dan cuenta de la importancia de este momento, decisivo para el porvenir de la Patria, resuenan estas palabras que pronunciara un día el Caudillo: <Pido a todos una cosa: Unificación>. Y tal vez porque sabe que esa unificación es más necesaria en los niños, que son la esperanza del mañana, a pesar de los gravísimos e innumerables problemas que absorben su atención, el mismo Caudillo se ha interesado personalmente en el problema de las lecturas de los niños, y al crear esa revista, que lleva los nombres de los grandes grupos de niños españoles, el Delegado Nacional de Prensa y Propaganda, no ha hecho más que recoger su voluntad.” (FLECHAS Y PELAYOS, 2000, p. 56). Outro impresso infantil de cunho nacionalista foi *Pulgarcito* (1925-1932), uma ação apoiada pelo governo mexicano que deveria por meio da leitura e também da produção infantil (a revista era, sob a tutela de adultos, quase toda produzida por crianças), construir uma “estética nacionalista entre toda una generación de niños que nacieron después de la guerra” (ALBARRÁN, 2015, p. 167). *Pulgarcito* colocou em pauta um projeto de infância em conformidade a um plano nacionalista articulado pelo estado em meados da década de 1920 até 1930. Na revista estatal, “[...] se difundía el nacionalismo cultural: el reconocimiento oficial de los héroes, la música, los bailes, los símbolos, las bebidas y las prácticas que dentro de relativamente poco tiempo se reconocerían como “estampas” de lo mexicano.” (ALBARRÁN, 2015, p. 156)

<sup>109</sup> Entende-se por anacronismo um erro de cronologia, ou seja, utilização de ideias, objetos, imagens que não correspondem à época em que são mencionados ou representados.

deveriam transformar em pessoas íntegras, temente a Deus e respeitadoras dos preceitos morais.

Foi nesse ambiente, espelhando os valores almejados pelas camadas dominantes da sociedade, que surgiu, cresceu e floresceu *O Tico – Tico*, baluarte da moral tradicional e do espírito positivista da chamada República Velha. Mesclava elementos de civismo e preceitos religiosos do catolicismo, religião dominante no País, os quais apareciam em várias seções da revista, como os contos infantis, as poesias patrióticas e as narrativas históricas.

Outros impressos que circularam, a partir da década de 1930, também carregados de um viés ideológico, foram as revistas *Mirim* e o *Suplemento Infantil*, editado por Adolfo Aizen<sup>110</sup>. O material de Aizen, segundo ele mesmo, era um exemplo para o desenvolvimento do espírito patriótico na criança.

Minhas publicações não só trazem episódios da história do Brasil e assuntos educativos como temas capazes de cultivar sentimentos patrióticos na juventude. [...]. Recentemente, *Mirim* publicou uma galeria com vários heróis da Guerra do Paraguai. Desde os primeiros números do *Suplemento Juvenil*, em 1934, e durante todo o ano seguinte, publiquei na seção “Aprender a aprender” efemeridades sobre vultos históricos. Recebemos, por isso, uma referência do então ministro da Guerra, Eurico Gaspar Dutra, na qual ele disse que seria de grande valor se a oração cívica do *Suplemento Juvenil* fosse lida em todas as escolas e recitadas de cor por todas as crianças patricias. (AIZEN, 1939 *apud* GONÇALO JÚNIOR, 2004, p. 89-90).

Em ambos os impressos infantis percebe-se valores ligados ao Governo Vargas e ao projeto nacionalista, o que fez com que um deles chegasse a ser parabenizado pelo presidente da época.

Retomando os eventos da década de 1970, destaca-se que, também, ao serviço da memória e sob um regime que causava pressão nos órgãos de imprensa, o suplemento infantil de um dos jornais de maior circulação no país – *Folha de São Paulo* – acolheu muito bem (ao menos naquele momento) as ideias de glorificar o Brasil, por meio da comemoração e da memorização do passado. No suplemento especial ao sesquicentenário, a introdução da história em quadrinhos, com 20 páginas, que contava o fato histórico da Independência, evidenciou não só uma visão sobre o acontecimento que completara 150 anos, como também a ideia de infância escolarizada e modelada pelos ditos heróis da pátria. Devido à apresentação do material e seu conteúdo, é possível destacar que transformar a história da Independência em quadrinhos, dando certa ludicidade, com os balões de diálogo e os desenhos, permitiu “[...] assim uma pluralidade de apropriações [...]” (CHARTIER, 1991, p. 186) por parte das crianças, ainda que nem todos os leitores de a *Folhinha* de São Paulo pudessem compreender tal

---

<sup>110</sup> Adolfo Aizen nasceu na Rússia, mas naturalizou-se brasileiro, foi jornalista e editor responsável pelo comércio e pela circulação de histórias em quadrinhos norte-americanas.

fato. Tal apropriação, a partir dos desenhos, permite uma dada interpretação deles, na medida em que a criança pode fazer reelaborações, a partir de uma iniciativa particular (ou individual), quanto àquilo que lê, podendo, inclusive, subverter o sentido pensado para aquela história apresentada.

Contudo, ainda que apropriação seja uma operação de leitura individual, há que se ponderar que a própria narrativa fornece o tom do que deve ser memorizado e glorificado pelas mentes infantis, uma vez que reapresenta um evento passado, mesmo que em forma de quadrinhos (CHARTIER, 1991). Nesse sentido, não por acaso que o famoso quadro de Pedro Américo, “O Bravo do Ipiranga”, foi destacado logo no início da história. Um homem comandando muitos outros homens e montado em um cavalo, ergue sua espada (artefato de alta simbologia) e declara a Independência de um país. A imagem, nesse caso, dá cor à narrativa que, também, se faz repleta de trechos, enaltecendo a figura de Dom Pedro e o momento da Independência.

“Há 150 anos, houve o Grito do Ipiranga. Mas a história de nossa Independência começa muito antes, quando o Povo Brasileiro toma aos poucos consciência de sua formação” (FOLHINHA DE SÃO PAULO, 3/9/1972, p. 4). Desse modo, glorificar o passado na busca de se construir uma tradição de povo lutador e comandado por heróis constitui uma retórica, um simbolismo e uma representação concreta que esteve presente nos discursos políticos, nas histórias e nos livros publicados, no filme lançado, em 1972, como formas de conhecer um fato, de trazê-lo ao presente e de recontá-lo.

Entretanto, essa glorificação do passado no presente também ajudou a enaltecer o próprio presente. As revistas e jornais são exemplos de impressos que usaram muito bem esses artifícios temporais, principalmente, por ressaltarem algumas “[...] datas construídas como politicamente importantes e imprescindíveis à compreensão do presente.” (MIRANDA DA SILVA, 2014, p. 129). Nesse sentido, o Brasil ditatorial de 1972, marcado pela pujança industrial e econômica, pela consolidação de uma classe média consumidora e pela projeção de um país crescente desenvolvimento, fez “[...] uso de tais artifícios de rememoração do passado, visando [ressaltar esses] interesses pontuais no presente [...]” (MIRANDA DA SILVA, 2014, p. 129).

Por isso, tem-se o passado e o presente amalgamados em busca de um futuro que pudesse ser construído sob as ideias de um governo militar, de uma nação forte economicamente, unida, patriótica e defensora do estado.

Contudo, mais do que comemorar, era preciso mimetizar a bravura e fazer crescer o espírito de nação e de patriotismo, tal como se destaca outro trecho da história publicada no suplemento paulistano:

A 12 de outubro, foi aclamado Imperador Constitucional do Brasil, com o título de D. Pedro I. Era dia de seu aniversário. A cerimônia realizou-se no Campo de Sant'Ana, em palacete especialmente construído no centro da praça para a solenidade. Chovia, mas o povo compareceu em massa para assistir. O novo imperador chegou num cortejo aberto por uma guarda de honra de paulistas e fluminenses (como se chamavam os cariocas no passado). Oito soldados da mesma guarda vinham em seguida, além de três moços de estriberia - um índio, um mulato e um negro. Por fim, o coche puxado por oito cavalos, conduzindo o Imperador, a Imperatriz Leopoldina e a Princesinha Maria da Glória, de três anos de idade. (FOLHINHA DE SÃO PAULO, 3/9/1972, p. 16).

Nem mesmo a chuva afastou a multidão de aclamar seu representante. A bravura dos soldados era também acompanhada pelo negro, índio e mulato, representando uma unidade. Nada poderia ser maior do que o desejo de lutar e de defender o Brasil. E foi com o argumento de defender o Brasil que a comemoração da Independência teve já na década de 1980 outras representações. Autorizada pelo Estado, ainda seguia de certa forma, os padrões tradicionais, com culto à história edificante, repleta de glórias e heróis. Entretanto, outras formas de comemorar o Brasil puseram-se em marcha. Do silenciamento à crítica. Foi assim que *O Estadinho* mostrou a Independência do Brasil em suas páginas. O jornal *O Estado* e também o infantil paulistano já não mais enfatizavam a data cívica com tanta “pompa e circunstância”, fora de cena, a ditadura adormecida abria espaço para representações de um país em crise.

Faixas em prol das Diretas Já, cartazes com desenhos ironizando o sistema eleitoral, frases humoradas solicitando à população o direito ao voto dividiram o espaço ocupado por militares, escolares e autoridades que se punham em marcha para glorificar o passado. A pátria amada, cuja Independência vinculava-se a uma imagem de Dom Pedro empunhando sua espada, passou a ser questionada. A imagem pintada por Pedro Américo que estampava muitos livros<sup>111</sup> e nas escolas circulava como representação fiel de um ato heroico, começou a ser problematizada. Nos jornais, a Independência antes tão exclamada, passou a ser interrogada. Crise na moeda, inflação, dívida externa, desemprego e, ao invés de independência, dependência. Até mesmo para votar,

---

<sup>111</sup> CANTELE, Bruna Regina. História Dinâmica do Brasil. Analisando o passado repletando o presente. 5ª. série. São Paulo, IBEP, 1986.

COLTRIM, Gilberto; ALENCAR Alvaro Duarte. História do Brasil para uma geração consciente. 1º. Grau. Volume 2. São Paulo, Saraiva, 1983.

brasileiros e brasileiras foram às ruas pedindo voto direto, independência para eleger o presidente.

Na *Folha de São Paulo*, o Sete de Setembro de 1984 não ganhou as habituais páginas que estavam os desfiles e toda a festa comemorativa à Independência da pátria. No jornal impresso que circulava por todo o país, o ano de 1984 foi muito mais de luta, de engajamento da sociedade civil rumo à independência nas urnas, do que uma comemoração à Independência do Brasil. Pouco se falou sobre as comemorações cívicas no dia de seu acontecimento, apenas uma nota, sem fotos a título informativo, comunicava sobre os festejos. O destaque foi as alegorias que estariam presentes na festa: foguetes e blindados. Nada de enaltecer a pátria e nem mesmo as escolas foram citadas como parte da festa. O exemplar do dia Sete de setembro de 1984 questionou mais a Independência do que propriamente festejou e, no caderno Ilustrado, um convite aos leitores já sinalizava para a necessidade de se conhecer outra versão da tão gloriosa Independência: “A História que a escola não ensinou.” (FOLHA DE SÃO PAULO, ILUSTRADA, 7/9/1984, p. 1).

Figura 117 – Novela exibida pela Rede Manchete



Fonte: Folha de São Paulo, Ilustrada (7/9/1984, p. 1) - Acervo online da *Folha de São Paulo*

Esse modo de comemorar a Independência, questionando a história oficial, é indício de novas sensibilidades e de outras formas de compreender o tempo. Uma

perspectiva de que a história pode ser contada sob vários prismas, versões que se atualizam com quem as conta, ou como afirma Schwarcz (1998, p. 729) “[...] uma história [que] se constrói como um processo que reconhece mudanças, mas apresenta persistências”.

E se, por um lado, a década de 1980 foi considerada para muitos como “perdida”<sup>112</sup>, sobretudo pela estagnação econômica, o desemprego e os altos índices inflacionários, por outro, o caos econômico “nutriu a politização da sociedade” (SCHWARCZ, 2015, p. 471). E até mesmo a televisão e as telenovelas, sempre tão criticadas com a popularização do aparelho, proporcionou no senso comum discussões sobre padrões de vida que pouco a pouco foram se mimetizando à vida real. Ainda que as telenovelas representassem um Brasil ideal, mais “rico” e “branco”, as ordens do dia colocavam em pauta discussões a respeito da sexualidade, das diferenças de gênero, dos papéis familiares, desigualdades sociais, nem sempre legitimando um padrão tradicional (HAMBURGER, 1998).

Nessa esteira, também outros artefatos puderam, por causa dessa abertura, se posicionar. Assim, os próprios jornais infantis quando decidem não comemorar a pátria e mesmo jornais como a *Folha de São Paulo* optam por certo silenciamento a essa comemoração gloriosa, ensejam que algo está diferente. E se no sesquicentenário, que tanto comemorou o passado, enalteceu o presente e previu o futuro, o Brasil foi alçado à condição de pátria amada, aqueles anos que se despediam da ditadura e com problemas econômicos a festa da Independência foram postos em xeque. “Independência não se ganha no grito<sup>113</sup>.”

---

<sup>112</sup> Mello e Novais (1998), ao estudar questões econômicas e da vida em sociedade no Brasil, usam o termo “década perdida” para referir-se ao ano de 1980. “[...] entre 1950 e 1979, a sensação dos brasileiros, ou de grande parte dos brasileiros, era a de que faltava dar uns poucos passos para finalmente nos tornarmos uma nação moderna. Esse alegre otimismo, só contrariado em alguns rápidos momentos, foi mudando a sua forma [...] A partir dos anos 80, entretanto, assiste-se ao reverso da medalha: as dúvidas quanto as possibilidades de construir uma sociedade efetivamente moderna tendem a crescer e o pessimismo ganha, pouco a pouco, intensidade” (MELLO; NOVAIS, 1998, p. 560).

<sup>113</sup> O *slogan* “Independência não se ganha no grito” fazia parte de um anúncio publicitário da empresa de aviação Swissair, que circulou no ano de 1984 “[...] desde que foi proclamada sua independência, o Brasil sabe que não basta apenas um grito para garantir a liberdade de um país. Por isso vem trabalhando muito e ganhado cada vez mais espaço nas suas relações exteriores. Lado a lado coma Varig, a Swissair voa da Suíça para o Brasil, e do Brasil para a Suíça, há 30 anos. Porque ir e vir sem fronteiras faz parte da conquista de liberdade destes países, que tem negócios amigos no mundo todo. Assim, no momento em que comemora os seus 30 anos de Brasil, a Swissair homenageia este país que, sem dúvida alguma, sabe o quanto é importante ir e vir livremente para a conquista diária de sua independência.” (FOLHA DE SÃO PAULO, 7/9/1984, p. 5).

## 6 ESCREVER PARA COMEMORAR: DE PÁTRIA AMADA A QUESTIONADA

Nos textos apresentados aqui o intuito foi abordar aspectos da cultura escrita e a relação de *O Estadinho* com a escola e com a atmosfera política, econômica e social vivida nos anos de 1972 e 1984, emblemáticos para o Brasil. O primeiro texto faz referência ao concurso de redação, que animou os leitores de *O Estadinho*. Em ano de celebração do Sesquicentenário da Independência do Brasil, concursos de redação, filmes, músicas, eventos esportivos, entre tantos acontecimentos foram pensados e programados para pôr em marcha uma comemoração que foi também a promoção de um governo e de uma nação idealizada. *O Estadinho* por meio desse concurso deu a ver uma infância letrada, escolarizada, alicerçada em uma aprendizagem tradicional, com pouca liberdade de escrita. O segundo texto que encerra este capítulo apresenta também escritas infantis, seguindo a dinâmica das permanências e das rupturas. No ano em que muitos brasileiros lutavam pelas Diretas Já e em que a crítica situação econômica é denunciada nos mais diversos veículos de comunicação, os textos publicados em *O Estadinho* que homenageavam a Independência, também criticam a situação do país, vestígios de outras representações sobre a infância.

### 6.1 CONCURSO DE REDAÇÃO NO ANO DO SESQUICENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA

Chega ao fim mais uma promoção do ESTADINHO. Desta vez, por ser alguma coisa bem mais séria e para estudantes do 1º. ao 8º. Grau que gostassem de escrever, com menos participantes. O número de participantes poderia ser maior, mas muitas crianças não preencheram os requisitos mínimos (alguns não davam pra ler nem o nome). No entanto esses 24 que participam estão num nível muito bom e os dois professores universitários vão ter que coçar as carecas para decidir qual a melhor. No Estadinho do próximo domingo, vocês vão ver quais os dois que ganharam os prêmios. Se for um de vocês, O ESTADINHO está aguardando, após as 13 horas, todos os dias uma comunicação qualquer, nós nos encarregaremos de fazer chegar até a sua residência. (O ESTADINHO, 24/9/1972)

Foi com esse recado que *O Estadinho* “se despediu” do seu primeiro concurso “mais sério”. Na edição de 24 de setembro de 1972, a mensagem dada pelos responsáveis do infantil catarinense reiterou que aquele concurso não estava aberto a todas as crianças, era preciso estar na escola. Era preciso também, ter letra legível, gostar de escrever e deixar registrado no documento enviado para *O Estadinho* o seu endereço residencial, pois a premiação seria entregue em casa, local onde as famílias que assinavam o jornal *O Estado* geralmente o recebiam. O prêmio para as melhores

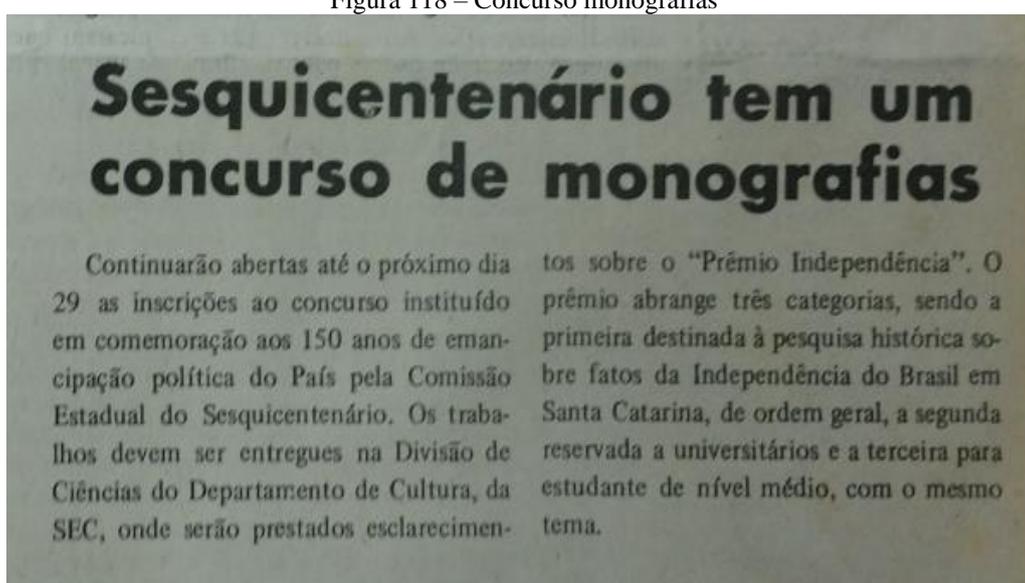
redações de 1ª a 4ª série e de 5ª a 8ª série era uma assinatura anual do jornal *O Estado*. O tema da redação foi anunciado na edição de 27 de agosto daquele ano, exatamente 10 dias antes do aniversário de 150 anos da Independência do Brasil, alias esse foi o tema da redação: Independência do Brasil.

As comemorações de 1972 foram destaque de norte a sul do país. Comissões nacionais, estaduais e municipais foram criadas especialmente para dar mais brilho e mostrar ao povo brasileiro que comemorar a Independência do Brasil significava também comemorar aquele presente próspero, um “futuro que já havia chegado”.

Com essa atmosfera, muitas instituições foram convocadas a participar da comemoração, que não estava voltava apenas para o dia Sete de Setembro. Os festejos do Sesquicentenário da Independência aconteceram durante quase todos os meses daquele ano. Nas escolas, olimpíadas, gincanas, mostras educativas e muitos ensaios para o grande desfile nas ruas das cidades foram algumas das atividades programadas para a semana da pátria.

Atividades esportivas, álbuns de figurinha, shows e muitos concursos de redação animaram aquele ano. As redações, exemplo de atividade escolar “[...] cuyo domínio requiere un entrenamiento especializado y costoso [...]” (ALVARADO, 2013, p. 31), foram solicitadas sob a forma de concurso, uma homenagem à pátria que tanto promovia um ensinar por meio de pesquisa e da escrita quanto pela leitura dos trabalhos selecionados que ganhavam publicidade. De colegiais a universitários, todos foram convocados a imortalizar a tão gloriosa Independência de 1822.

Figura 118 – Concurso monografias



Fonte: O Estado (3/9/1972, p. 4) – Acervo da autora

O ano do Sesquicentenário da Independência foi, também, o dos concursos no suplemento infantil catarinense. Concurso de redação, de desenho, de histórias e de pandorga. Era preciso atrair os leitores, interagir com eles, incorporar ao suplemento a vida das crianças que, aos domingos, recebiam *O Estadinho*. Aliás, concursos de redação lançados nas escolas e desfiles militares faziam parte das atividades que promoviam a festa da Independência (REVISTA VEJA, 9/9/1970, p. 18).

O concurso da Independência foi o terceiro promovido pelo jornal e envolveu escolas, professores e alunos de várias cidades catarinenses. A prática da redação era algo comum, sendo frequente o uso de cadernos de redação, não apenas para reforçar as habilidades relativas ao exercício da escrita, uma vez que, como identificou a historiadora Maria Helena Camara Bastos (2014, p. 49), a prática da redação<sup>114</sup> cumpria “[...] com uma dupla missão: contribuir à educação moral e cívica e oferecer uma alternativa ao ensino da língua escrita.

Foi na edição de número 15, de 27 de agosto daquele ano, que o suplemento infantil catarinense lançou o concurso, prometendo premiar em duas categorias o texto melhor avaliado. O tema não era livre, o escrito obrigatoriamente deveria relacionar-se à Independência do Brasil. O texto que regulamentou o concurso sinalizava ao leitor para onde deveriam ser encaminhadas as redações e sugeria que a atividade deveria estar relacionada – ainda que indiretamente – com os conteúdos escolares, uma vez que tornava-se essencial destacar o nome da escola e o grau estudado, sendo o ano escolar o critério para categorizar os participantes. A comissão julgadora também evidenciou estreita relação com a infância escolarizada, uma vez que possuía dois professores universitários para analisar os escritos, Evaldo Pauli<sup>115</sup> e Moacir Pereira<sup>116</sup>.

---

<sup>114</sup> Em sua pesquisa sobre escritas infantis em uma escola primária, Maria Helena Camara Bastos (2014), ao analisar os cadernos de redação de uma escola primária no município de Farroupilha, Rio Grande do Sul, nos anos de 1950, destacou que a prática de fazer redações, contemplava temas livres e também indicados pela professora. “Os títulos mais frequentes das redações são: Férias, Dia das Mães, Passeios, Páscoa, Sala de aula, brinquedos prediletos, data comemorativas da história e dos símbolos pátrios, temas canônicos na escola. Por exemplo, a redação pelo Dia da Bandeira: “Bandeira do Brasil – tua augusta presença, inflama os corações de um sangue ardente e novo. És a imagem da fé, sobre as almas suspensas. A Esperança – a velar por uma Pátria imensa. A Glória – a abençoa o destino de um povo (quarto ano primário, 20 de novembro de 1956)”. Muitos dos temas se relacionam com as atividades desenvolvidas nas disciplinas como Ciências, História, Geografia e/ou do cotidiano escolar. (BASTOS, 2014, p. 50).

<sup>115</sup> Evaldo Pauli nasceu em Florianópolis no ano de 1925. Formou-se em Filosofia e Teologia, com doutorado em Filosofia, foi padre, escritor e atuou como professor universitário. Fundou a Academia Catarinense de Filosofia e foi membro da Academia Catarinense de Letras.

<sup>116</sup> Moacir Pereira, nascido em Florianópolis em 1945, é jornalista. Foi o primeiro coordenador do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, que ajudou a fundar. Atualmente é colunista dos jornais Diário Catarinense e Jornal de Santa Catarina.

O contexto, enfim, dava coro aos auspícios do governo ditatorial que, por meio dos eventos celebrativos, se fortificava e monumentalizava, como destacou a pesquisadora Janaína Cordeiro (2012, p. 17), em sua tese sobre o Sesquicentenário da Independência.

As festas deveriam ser grandiosas, fazendo jus ao quadro palpitante das realizações brasileiras. Eventos de proporções nacionais – exaltando os esforços de integração nacional nas quais o governo se empenhava – foram previstos e realizados. Ao mesmo tempo a festa deveria ser uma imponente evocação patriótica.

Também, os meios de comunicação atuaram para a produção de uma atmosfera salvacionista, utilizando em suas páginas recursos como matérias, fotos e propagandas para lembrar aos seus leitores e à população que aquele era um ano para se festejar e lembrar que o país estava em boas mãos, em crescimento acelerado, com o crédito sendo atribuído ao ato heroico do príncipe regente às margens do Ipiranga. Dessa maneira, *slogans* propagandeados por jornais e revistas títulos de diversas matérias que prenderam a atenção de muitos leitores evidenciavam o Brasil como um país livre, pronto para o futuro, um país formado por homens fortes e guerreiros, no que deviam espelhar-se também os mais jovens e, sobretudo, os escolares, grande contingente de esperança de um governo. Esse foi o clima produzido naquele período que, por meio dos impressos, revela um “[...] tempo em que imperava o consumismo, mudanças rápidas aconteciam nos comportamentos; vivia-se num regime civil-militar, o surto de modernização, e os meios de comunicação reverberavam e anunciavam/enunciavam transformações.” (FÁVERI; SOUZA, 2014, p. 166).

Ainda, naquele mês, também foram frequentes os informes sobre os eventos comemorativos ocorridos por ocasião da data e os preparativos, acima de tudo, de ordem escolar, responsáveis, em grande medida, pelas encenações cívicas de Sete de Setembro e pelo envolvimento da população, afinal, um chamamento do qual ninguém poderia ficar de fora.

O jornal *O Estado* noticiou os eventos do sesquicentenário ocorridos pelo Brasil, mas, também, soube prestigiar as comemorações catarinenses cujos desfiles realizaram-se a partir do dia 3 de setembro de 1972.

Entretanto, lembrar-se da “bravura” que tornara a nação independente estava, também, amalgamada à ideia de que o povo, a nação brasileira, deveria atuar como corresponsável por essa Independência, de forma que os ideais higienistas voltavam a

ser propagados. Ao povo ordeiro, trabalhador, forte e saudável cabia à consolidação da Independência, como escancaravam os *slogans*.

Figura 119 – Homenagem a Independência do Brasil



Fonte: O Estado (4/8/1972) – Acervo da autora

Os *slogans*, que ocupavam uma página inteira, vinham quase sempre acompanhados de fotos e de um pequeno texto que evidenciava o crescimento do país.

Na hora em que se comemoram os 150 anos da Independência do Brasil vale a pena lembrar que *esse é um dos países que mais cresce no Mundo*. Tão importante quanto declarar a Independência é consolidar a Independência. Está uma tarefa de todos. De agora e de sempre. *Você constrói o Brasil*. Com suor e fé. Trabalho e união. Orgulho e esperança. (O ESTADO, 4/8/1972, grifos nossos).

No campo e na cidade. Nas escolas e nos hospitais. Nas fábricas e nos escritórios. Nas usinas e nos laboratórios. No mar das 200 milhas e nas estradas multiplicadas. Na Arte e nos Esporte. A independência é a soma de muitas vitórias. Na hora em que se comemoram os 150 anos da Independência do Brasil vale a pena lembrar que *esse é um dos países que mais cresce no Mundo*. *Você constrói o Brasil*. Com suor e fé. Trabalho e união. Orgulho e esperança. (O ESTADO, 5/8/1972, grifos nossos).

As fotos que acompanhavam os anúncios ocupavam a parte superior e central da página, formada por um quadro que continha uma montagem com cinco ou seis fotos, todas representando brasileiros “em ação”, conforme *slogan*: “90 milhões continuam em ação”, refrão da canção composta por Miguel Gustavo, lançada em 1970, com intuito de

empolgar a torcida brasileira para a Copa do Mundo. A canção, que se monumentalizou como hino daquela Copa, invadiu o jornal para mostrar que o povo que venceu o campeonato continuava em ação, porém, agora, pelo país que mais crescia no mundo. E que povo era esse? Que nação era essa? Que governo era esse que foi criando, produzindo o imaginário de uma “brava gente brasileira”, cujas imagens propagandeavam e representavam nos *slogans* um povo trabalhador, ordeiro e guerreiro, e que, de acordo com os anúncios já citados, faziam do Brasil, “[...] um dos países que mais crescem no Mundo.” (O ESTADO, 5/8/1972). No anúncio, a imagem está formada por ofícios e a ideia de um *neo-higienismo*<sup>117</sup>, ou seja, são homens atuando na construção civil, no campo, nos hospitais e no esporte, sendo que em apenas um dos quadros a mulher aparece, exatamente na imagem que representa uma situação de ensino-aprendizagem, o que pode ser lido como uma atividade escolar, de professora-aluno, reforçando não apenas a questão de gênero colocada socialmente, mas a ideia de democratização do acesso às escolas, como discute Elison Antonio Paim (2014), porém, uma democratização que atendia aos interesses do governo militar e do controle do Estado.

Ao mesmo tempo em que aumentavam as possibilidades de acesso à escolarização, o controle estatal se fazia presente, dentre outras formas, pela organização e controle dos currículos traduzidos nas orientações do que e do como ensinar; festas e comemorações cívicas e desfiles de seus escolares em homenagem à pátria; intervenção direta nas unidades escolares pela ação dos diretores nomeados pelo Secretário de Estado da Educação, conforme o alinhamento com os interesses de quem estava no poder. (PAIM, 2014, p. 241).

Tanto nas representações propostas pelos quadros publicados quanto nos discursos que inundavam as escolas havia uma ideia de controle e modelização. As escolas públicas, em grande medida, alvos do governo, foram convocadas como porta-vozes oficiais do discurso do Estado. Com as atividades curriculares, envolvendo os livros e materiais utilizados em classe e com a preparação de eventos esportivos e cívicos – como o tradicional desfile de Sete de Setembro – se fizeram ressoar os preceitos de um governo que, em 1972, “festejou o presente, lembrando o passado” (CORDEIRO, 2012).

Entretanto, tem-se que assim como o governo se apodera da memória coletiva para se inventar (HOBSBAWN; RANGER, 1997), para criar uma tradição de ordem e de progresso, de grandeza, isso é, por outro lado, ameaçado, ainda que sutilmente, pelas

---

<sup>117</sup> Neo-higienismo, termo que se refere à volta dos preceitos higienistas, que visavam atenção à saúde e às condições, sobretudo, urbanas de saneamento, habitação e controle epidêmico.

“ordens” do dia, quando o mesmo jornal que enaltece a data festiva não tarda em denunciar, por exemplo, os graves e frequentes acidentes de trânsito causados, segundo reportagens veiculadas em *O Estado*, pela precariedade das estradas brasileiras<sup>118</sup>.

*O Estadinho*, por ser um suplemento infantil e, naquele momento, aparentemente muito mais voltado a “cumprir” uma demanda de consumo<sup>119</sup> e de entretenimento para seus pequenos leitores não se preocupava em problematizar certos assuntos. Ao contrário, o infantil por meio de algumas historinhas<sup>120</sup> e da apresentação

---

<sup>118</sup> Com isso, demarca-se que a convivência entre governo e meios de comunicação nem sempre foi harmoniosa, tal como afirmam as pesquisadoras Ana Maria Veiga (2014) e Leani Budde (2013), ao fazerem menção às fortes pressões e censuras vividas durante o regime militar sobre os meios de comunicação. A respeito da censura aos meios de comunicação, Veiga (2014) afirma que o fantasma da censura começou a se manifestar com mais força a partir do ano de 1971, devido à intensificação dos processos de modernização que levou à maior circulação de impressos. Embora fosse comum a visita diária de policiais incumbidos de proibir determinadas matérias, havia também uma “autocensura” dentro da edição do jornal, ainda que “[...] O Estado tend[esse] mais para a esquerda que para a direita, devido ao seu grupo de jornalistas (VEIGA, 2014, p. 332). Em tempos de comemoração, o jornal *O Estado* promoveu a circulação da imagem de pátria amada e salvadora, de nação independente e promissora, mas, também, cumpriu o que se propôs a fazer no sentido de ter uma postura mais crítica, principalmente desde o momento em que foi comprado e passou a ser administrado por Matusalem Comelli que, em depoimento à pesquisadora Leani Budde, afirmou: “Nós quebramos alguns tabus, tinha notícia que não se dava e tal, e passamos a trazer reivindicações do povo, da coletividade.” (BUDDE, 2013, p. 38). Mais ordinário, mais cotidiano e era preciso atuar nessa clave para que se atingisse cada vez mais leitores. Tendo em vista que o jornal é um veículo comercial, atrair leitores e ter leitores consumidores é garantir, em grande parte, a vida do impresso. Dessa maneira, muitos jornais – na tentativa de manter um público leitor e mesmo de formar leitores – utilizaram-se da estratégia de produzir jornais infantis. Ainda que a ideia não fosse assim tão nova, pois, desde o final do século XVIII, com o fomento a uma literatura infantil, começaram a ser publicados os primeiros jornais dirigidos à infância, foi dessa forma que nasceu *O Estadinho* como um jornal para crianças. Adicionalmente, em um momento de pujança no país, quando a economia crescia e também crescia a ideia de consumo e de estratificação de consumidores. Produtos foram lançados para os diversos segmentos em ascensão, e a infância não ficou de fora, ao contrário, ganhou uma generosa fatia desse bolo chamado consumo, ou seja, revistas e suplementos infantis se proliferaram nos momentos em que a imprensa infantil se mercantiliza e se especializa, estimulando a formação de um público leitor infantil e consumidor (ALBARRÁN, 2015).

<sup>119</sup> Sobre o consumo, Mello e Novais (1998) afirmam que, na década de 1970, muitos brasileiros gozavam de um estilo de vida moderno, cujos padrões de produção e consumo assemelhavam-se aos adotados nos países desenvolvidos. A distinção entre os estratos sociais poderia ser percebida por meio dos artefatos possuídos pela família e até mesmo os objetos infantis ajudavam a identificar tal padrão, “[...] e os brinquedos dos filhos? Tem bola de meia, bola de borracha ou bola de couro? Quantos gibis ou revistas de fotonovelas podem ser encontradas pela casa? A boneca de plástico é grande ou pequena? Tem cabelos de plástico “sedosos” e está bem vestida? Ou o cabelo pintado e está mal vestida? As meninas possuem miniaturas de louça? As crianças tem velocípede e bicicleta, ou não? O pião é metálico ou de madeira, feito a mão? Há uma mesa de futebol de botão ou pebolim? O botão é comum ou é comprado? A fantasia de carnaval é comprada ou feita em casa? Há dinheiro para o lança-perfume? Quantas bolinhas de gude tem o menino? Comprou o papagaio, a pipa, e o carrinho de rolemã? Pode comprar figurinhas da bala-futebol? Ou tem uma ou outra e procura ganhar no bafo? Joga bafo na escola ou na rua? Para colar a figurinha, usa goma arábica ou grude? Há livros de Monteiro Lobato ou não? O automóvel ou o aviãozinho ou o trenzinho ou o caminhãozinho de brinquedo é de plástico ou de ferro? Há soldadinhos de chumbo? Nacionais ou importados? Há o *Tesouro da juventude*? Ou *Vida juvenil* ou *Vida infantil*? Há a coleção *Jovens de todo mundo* e a *Terra, mar e ar*? Ou a *Enciclopédia britânica*? O pai lê regularmente jornais diários, *O Cruzeiro*, *Manchete*, *Seleções de Readers Digest*? [...]” (NOVAIS; MELLO, 1998, p. 602-603).

<sup>120</sup> Nas primeiras edições de *O Estadinho*, a seção Historinhas ocupava duas páginas e apresentava histórias de cunho moral, que deveriam de certa forma servir como exemplo a seus pequenos leitores.

de alguns nomes ilustres ligados à política, ciência às letras visava ensinar sem deixar de almejar que aqueles nomes escolhidos tornassem-se modelos de vida para seus leitores.

Dessa forma, o material agradava crianças e adultos. Para crianças, o suplemento infantil continha historinhas e passatempos e para os adultos, seção de fotos, uma vez que as fotos eram enviadas<sup>121</sup> por familiares de crianças, muitas vezes bebês. Os concursos também tinham como público-alvo a criança, entretanto, exigia-se de seus leitores infantis certas habilidades, adquiridas, principalmente, nas escolas, fossem elas formais ou informais, como a escola de artes, cujas atividades ganhavam visibilidade no impresso infantil. Com isso, o infantil passou a atrair, também, a atenção de professores que, não poucas vezes, tratavam de enviar à redação os trabalhos de seus alunos. O concurso da Independência dirigido aos profissionais escolares e pais, por exemplo, envolveu diretamente esses outros potenciais leitores de *O Estadinho*, ainda que de forma esporádica em virtude dos concursos, seria mais um concurso cuja premiação agradaria especialmente aos pais.

Um jornal<sup>122</sup> que fazia circular um suplemento para crianças, com concurso que versava sobre conteúdo escolar, de certa forma, também ajudava a legitimar uma representação de infância escolarizada, criança na escola para aprender a ser o adulto do futuro. Diante disso, as crianças ganhavam ainda mais projeção em relação a ser o futuro do país, e os meios de comunicação, principalmente o impresso, fizeram circular

<sup>121</sup> No Capítulo 2, a análise das seções de fotos dos suplementos *O Estadinho* aponta vestígios de que as publicações de fotos de crianças não se davam somente pelo envio de fotos de familiares. Outras formas de garantir a publicação, ligadas à rede de sociabilidade, foram identificadas.

<sup>122</sup> Em 1972, o jornal, em plena fase de expansão, já alcançava quase todos os municípios do estado catarinense e o número de leitores também era crescente. Se esse crescimento deu-se, em parte, pelo processo de ampliação da circulação do jornal, outro aspecto a considerar refere-se às políticas de alfabetização e expansão da escola pública a partir dos anos 1950. Em 1970, as taxas de analfabetismo no Brasil chegaram a 33,7%, contra 50,6%, da década de 1950, ou seja, houve um esforço nacional, num espaço de 20 anos, para diminuir os índices que envergonhavam o país. As Campanhas de alfabetização de jovens e adultos foram popularizadas, a partir da década de 1960, sobretudo com a instituição do Movimento de Educação de Base (MEB), de 1961, mas, também, as constituições de 1961, 1967 e 1971 foram ampliando progressivamente o acesso à educação, à luz da obrigatoriedade de ensino primário e de primeiro grau para crianças de 7 a 14 anos e da instituição da escola de oito anos e obrigatória, conforme Lei n. 5.692/1971. Formar um país letrado, tentando erradicar o analfabetismo, todavia, não era o único propósito daquele governo que visava, fortemente, por meio de suas ações expansionistas, “[...] promover a consolidação e o crescimento das sociedades que valorizavam a iniciativa privada, os valores burgueses, a circulação do capital e dos produtos, o aumento do consumo.” (DAROS, 2012, p. 188). Por isso, deu-se muita visibilidade à intenção de alfabetizar o país, movida pela ideia de “escola de massas”, já iniciada nos anos de 1950. Esse projeto, também almejado pelo governo militar, foi aludido pelo jornal *O Estado* em sua edição comemorativa ao sesquicentenário cuja promessa se materializava no pequeno informe: “Antes de 1974, será duplicada a oferta de matrículas em todos os níveis de ensino, do 1º grau ao universitário, incluindo o treinamento técnico profissional. E 75% dos analfabetos, entre 15 e 35 anos de idade, serão alfabetizados.” (O ESTADO, SUPLEMENTO ESPECIAL, 7/9/72).

tal representação: criança, escola, futuro, nação. Esse quarteto põe em evidência não somente as projeções sobre a infância, como também construiu uma imagem desse momento de vida que devia seguir os preceitos ou os modelos circulantes.

Tais modelos visavam aprimorar nas crianças o sentimento de amor à pátria, semelhantes àqueles que circularam nos livros infantis no início do século XX, quando ufanar o país também foi tarefa escolar. *O Estadinho*, em seu primeiro ano, reverberou com muita ênfase a representação de uma infância escolarizada, quando as habilidades das crianças, seus desejos e criações (tomando os concursos como análise) passaram, obrigatoriamente, por saberes localizados no ambiente escolar. Ainda que os desenhos das histórias em quadrinhos permitissem apropriações de crianças não escolarizadas, essa proposta de apropriação, a partir dos desenhos, certamente, não era o grande objetivo do jornal infantil. Seu conteúdo necessitava de habilidades de leitura e destreza manual, pois, os exemplares também traziam passatempos. Além disso, o suplemento se conectava à escola por outros elementos, como algumas matérias e outros concursos, sendo o concurso de redação o mais representativo de uma infância escolarizada.

As escolas, os livros didáticos, os discursos políticos delegam a essa infância escolarizada a responsabilidade pelo progresso da nação. Assim, é importante que o passado glorioso e inventado seja absorvido e incorporado pelos pequenos, mas, também, que se registre no presente a atuação dessas crianças e sua relação com a pátria amada. Representações que também se ancoram na escola, porém, acrescidas de uma perspectiva de futuro, são os resquícios de livros usados nos anos de 1950, como apresentou Ricardo Oriá (2011), ao estudar a trajetória de Viriato Corrêa, que – em um de seus livros para crianças, *História do Brasil para crianças* (1957) – exalta: “Se vocês seguirem o exemplo dos grandes homens que eu acabei de nomear, se trabalharem, se estudarem, se cultivarem a inteligência, o Brasil amanhã poderá ser a mais bela, a mais rica, a primeira nação do mundo (CORRÊA, 1957, p. 236 *apud* ORÍÁ, 2011, p. 179).

No ano de 1972, estudar os heróis e tê-los como exemplo foi, também, uma preocupação de *O Estadinho* que, durante meses, publicou pequenas notas sobre “grandes homens” da história. A ideia de aprender sobre a vida desses homens e conhecer um pouco de sua atuação na sociedade era acrescida, também, de um ideal “modelizado”, ou seja, era importante que se seguissem aqueles exemplos de vida quase sempre relacionados a uma vida próspera de estudos e uma carreira militar, frequentemente desembocada em uma história de luta ou liderança de um povo. As escritas caracterizavam-se pela valorização das datas, fatos e heróis, não distante do

ensino formal e dos materiais didáticos daquele período. A História, como disciplina escolar, limitava-se, em muitas instituições de ensino, a uma perspectiva bastante tradicional e positivista<sup>123</sup>, sendo os materiais usados (livros) dessa época considerados expressões desse modelo<sup>124</sup>.

Ecoss desse discurso sobre a infância como uma fase em que a criança devia aprender a “imitar” os modelos impostos ressoaram na década de 1970, ainda que também estivessem presentes outros elementos, como a ideia da criança consumidora e da sua entrada mais consistente e regular nas agendas governamentais. Os jornais e revistas reservavam espaços, ainda que destinados à mulher, para falar de educação, comportamento e moda para crianças. Surgiram produtos e serviços específicos para o público infantil. Também se verificou um crescimento da própria produção científica voltada para a criança.

O ano de 1972 e as comemorações cívicas dos 150 anos de Independência não fugiram a essa onda voltada para o reconhecimento da infância, embora se tratasse de um reconhecimento não voltado para sua individualidade, senão com vistas como “massa”. Presentes nos discursos, em campanhas publicitárias ou mesmo nos registros alusivos à data comemorativa, as crianças pareciam ganhar certo protagonismo social, em função da responsabilidade que lhes confere o *status* de ser o “futuro do país”. Entretanto, essa projeção da criança fazia parte de uma estratégia de governo, e era na escola que esses valores eram fortemente disseminados, desde rituais do cotidiano como formar fila, hastear bandeira, cantar o hino, até a obrigatoriedade de certos conteúdos e da inclusão da disciplina Educação Moral e Cívica no ano de 1969.

---

<sup>123</sup> “Este termo foi empregado pela primeira vez por Saint-Simon, para designar o método exato das ciências e sua extensão para a filosofia.” (ABBAGNANO, 2012, p. 909). “As teses fundamentais do Positivismo são as seguintes: 1ª. A ciência é o único conhecimento possível, e o método da ciência é o único válido: portanto, o recurso a causas ou princípios não acessíveis ao método da ciência não dá origem a conhecimentos; a metafísica, que recorre a tal método, não tem nenhum valor. 2ª. O método da ciência é puramente descritivo, no sentido de descrever os fatos e mostrar as relações constantes entre os fatos expressos pelas leis, que permitem a previsão dos próprios fatos (Comte); ou no sentido de demonstrar a gênese evolutiva dos fatos mais complexos a partir dos mais simples (Spencer). 3ª. O método da ciência, por ser o único válido, deve ser estendido a todos os campos de indagação e da atividade humana; toda a vida humana, individual ou social, deve ser guiada por ele.” (ABBAGNANO, 2012, p. 909).

<sup>124</sup> É importante destacar que, na década de 1970, iniciou-se uma discussão que apontava para um ensino de história crítico e com uma perspectiva que apresentava a história como uma produção cujos agentes ou atores são também pessoas comuns. Porém, essa nova vertente historiográfica, advinda, sobretudo, da História Cultural, fundou-se inicialmente nos cursos de pós-graduação de história, sendo que apenas na década de 1980 se consolidou e passou a se refletir em pesquisas (dissertações e teses) (Circe Bittencourt, 2011) e na elaboração de materiais didáticos, bem como na formação de professores escolares com essa linha.

Nesse sentido, nada melhor do que fazer com que as crianças incorporassem (essencialmente, por meio dos conteúdos escolares) a importância de servir à nação, por meio de uma atividade casada com a escola como um processo de “inculcamento” de ideias e valores. Não poderia ser esse, afinal, um dos objetivos do concurso lançado pelo *O Estadinho*<sup>125</sup>? Se, efetivamente, foi esse um dos objetivos, ainda que faltem dados afirmativos nessa questão, os indícios não deixam dúvidas de que escolas e professores envolveram-se nessa atividade, que parece ter sido camuflada em seu propósito inicial, já que seu regulamento anunciava que ‘o importante era escrever sobre o Sete de Setembro’.

Assim sendo, houve quem enviasse ao *O Estadinho* redações de seus alunos, como a professora Marlene Bertoldi, do Educandário Imaculada Conceição, de Florianópolis. A professora enviou ao jornal seis redações, solicitando que todas fossem publicadas, entretanto, o suplemento em nota no próprio jornal infantil respondeu:

A Professora **Marlene Bertoldi** do Educandário Imaculada Conceição mandou composição de seis de seus alunos, pedindo publicação. Infelizmente, no início do concurso, o Estadinho se propôs a apenas publicar os dois trabalhos que serão selecionados como melhores. Mas todos os seis estão inscritos, professora, ainda que esteja faltando qual série em que estas crianças estudam. (O ESTADINHO, 17/9/72).

Possivelmente, outros professores também enviaram redações de seus alunos, já que a prática da redação era algo bastante comum, assim como a valorização da cópia e da memorização. Escrever redações, assim como cartas, envolvia certo protocolo, domínio de regras para além da correta ortografia, aprendidas, desde os primeiros anos de vida escolar (BASTOS, 2014; FINOCCHIO, 2014; ALVARADO, 2013).

Sobre esse aspecto, nas redações vencedoras, é possível identificar elementos que atestam muito mais uma produção textual derivada de uma cópia, ou auxiliada por um adulto, do que propriamente uma elaboração autêntica de quem escreveu o texto. A apropriação dos conteúdos escolares se dá fortemente por meio da memorização e cópia de texto, ainda que, como alertou Chartier (1991), fosse possível subverter a ordem

---

<sup>125</sup> Curiosamente, as edições do suplemento infantil catarinense que circularam nos domingos que antecederam e sucederam o Sete de Setembro não fizeram nenhum tipo de celebração ou menção à data, exceção feita à edição que anunciava o concurso de redação. Diferentemente do jornal *O Estado*, que durante o mês de agosto atuou como grande divulgador dos eventos patrióticos, *O Estadinho* limitou-se ao concurso de redação. Nem mesmo as historinhas de Maurício de Sousa destacaram o tema da Independência. O mesmo, porém, não ocorreria com o suplemento infantil editado pela *Folha de São Paulo*, e elaborado também com historinhas e passatempos criados por Maurício de Sousa, pois, no domingo comemorativo ao sesquicentenário, as personagens e histórias foram usadas para representar a “gloriosa” independência brasileira.

desejada por autores e editores. Assim sendo, mesmo havendo uma intenção do autor e do editor dos livros, relativo a uma ideia, concepção e mesmo representação, a leitura como uma apropriação individual permite que o leitor dê a essa “intenção” outros sentidos, subverta essa ordem e faça, no texto, o que Certeau (1996) chamou de “caça furtiva”. Os livros didáticos frequentemente traziam ao final de cada unidade as respostas a serem dadas a cada pergunta feita. Os textos publicados pelo jornal refratam esse movimento que inclui, também, o próprio olhar de quem julgou as 24 redações, ou seja, pode ter havido uma predileção a essa narrativa próxima do que os livros didáticos ensinavam, ainda que tal afirmação possa ser arriscada, pois não se conseguiu conhecer nenhum texto enviado, além dos dois que foram publicados. Outro fator que pode ter interferido no envio<sup>126</sup> de textos relaciona-se à censura. Houve, por conta da repressão e de uma severa censura aos meios de comunicação um silenciamento de muitas instituições: as associações de classes, os sindicatos (MIRANDA DA SILVA, 2014; ALMEIDA, WEIS; 1998) e até mesmo as escolas. Sendo assim, já prevendo de certa forma uma censura, pais e professores podem ter evitado que textos mais críticos<sup>127</sup> fossem produzidos e enviados. Essa hipótese considera que os avaliadores do concurso tenham recebido apenas textos de caráter mais patriótico, nacionalista e ufanista. Entretanto, ainda que nos faltem elementos para melhor analisar como e porque foram escolhidas as redações de José Carlos Xavier e Marcelo Abraham Peixoto, a suposição de que os jurados tenham recebido textos críticos e até problematizando a questão da Independência não pode ser descartada<sup>128</sup>.

Fato é que os textos, representativos de um momento histórico rememorado com força naquele ano, enfatizavam a história dos heróis, o marco por datas e fatos e a cronologia como algo incontestável. Conteúdo de aula e a Independência do Brasil ganharam, muitas vezes, nos livros didáticos, um capítulo inteiro para esse tema. Tema explorado ainda mais naquele ano de 1972. A redação de Marcelo Abraham Peixoto,

---

<sup>126</sup> Pistas como o envio dos textos pelo sistema de correios, premiação com uma assinatura anual do jornal *O Estado*, exigência de se publicar o nome da escola e série cursada, nos fazem inferir que o olhar adulto esteve presente, se não durante a confecção da redação, depois de o texto pronto. Um olhar tanto de correção como de avaliação do conteúdo e de autorização para que a redação pudesse participar do concurso patrocinado pelo suplemento infantil.

<sup>127</sup> Textos problematizando principalmente a liberdade de expressão, o direito de ir e vir, comumente ameaçados em regimes de exceção.

<sup>128</sup> As discussões sobre uma historiografia brasileira crítica e a inspiração nos estudos franceses, decorrentes da Escola dos Annales, começariam a tomar fôlego somente no final de 1970, portanto, o que vigorava com ênfase e certa credibilidade era o modelo tradicional de apresentar o passado, isto é, o passado como verdade inquestionável (VAINFAS, 2009).

enviada por sua professora Marlene Bertoldi, em certa medida, confirma que o tema circulava até mesmo nos primeiros anos do ensino fundamental, já que, em 1972, o menino de 8 anos cursava a 2ª série.

Os dois garotos citados, residentes na capital catarinense foram os vencedores do concurso. Os dois meninos, florianopolitanos, estudantes e que representaram a Independência, louvando Dom Pedro. José Carlos Xavier, estudante do Colégio Lauro Muller, uma das escolas mais antigas de Florianópolis, fundada em 1912, no Centro da cidade, e, Marcelo Abraham Peixoto, aluno do Educandário Imaculada Conceição, colégio particular de ordem católica, dão pistas da similaridade do que era ensinado nas escolas, ainda que ambas se distanciassem quanto ao regime e à orientação vocacional, já que o Colégio Lauro Muller é uma instituição de ensino pública e laica e o Educandário Imaculada Conceição, particular e católico.

Entretanto, o concurso, de abrangência estadual, recebeu redações de diversas cidades catarinenses, evidenciando a circulação do próprio suplemento, ajudando a compreender o processo de “abertura de estradas”, também meta do governo naquele período e anunciada como grande feito, inclusive, com registo no jornal comemorativo à Independência, marcando o presente como positividade a ser memorada: “SE GOVERNAR É ABRIR ESTRADAS, HOJE ESTAMOS NO CAMINHO CERTO. De 25 mil quilômetros de estradas pavimentadas, em 1964, teremos mais de 80 mil quilômetros de rodovias em asfalto, nos próximos dois anos.” (JORNAL DA INDEPENDÊNCIA, 1972, p. 15).

*O Estadinho* anunciou, durante três semanas, o nome dos 24 participantes do concurso, meninos e meninas com idades entre 8 e 14 anos, todos escolarizados e residentes em várias cidades do estado. Florianópolis obteve o maior número de participantes, entretanto, cidades do interior e afastadas da capital também foram representadas, como mostra a tabela a seguir:

Tabela 2 – Relação cidades, escolas e inscritos ao concurso sobre a Independência da República

<b>Cidades</b>	<b>Total de escolas</b>	<b>Total de inscritos</b>
Florianópolis	8	13
São José	1	3
Braço do Norte	1	2
Caçador	1	1
Criciúma	1	1
Indaial	1	1

Itajaí	1	1
Tijuquinhas	1	1

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados da pesquisa (2015)

Os dados encontrados no suplemento destacam Florianópolis como a cidade mais participativa, porém, as próprias informações fornecidas pelo jornal infantil permitem questionamentos quanto ao número de redações recebidas e analisadas, uma vez que na lista dos participantes não consta o nome de Marcelo Abraham Peixoto, vencedor na categoria de 1ª a 4ª série, assim como também não foram listados os nomes de três dos seis alunos da professora Marlene Bertoldi, do Educandário Imaculada Conceição. Tal fato também pode ser revelador das escolhas ou dificuldades encontradas pelo editorial do próprio suplemento que, apesar de alcançar muitas cidades do estado, devido à expansão da malha viária, carecia de recursos próprios e de um projeto editorial mais autônomo, como esclareceu Cesar Valente (2014, p. 2), ao afirmar que até a década de 1980 “[...] O Estadinho nunca teve um projeto próprio definido de atingir às crianças. Era projeto ter um produto infantil.”.

Sob esse aspecto, o suplemento apresentava-se como um produto a ser consumido por crianças e adultos, mas, pouco pensado para os pequenos. Desse modo, o concurso sobre a Independência do Brasil, apesar de dirigido às crianças, despertou o interesse também dos pais e dos professores, uma vez garantida a publicação da melhor redação de cada categoria e a divulgação da escola e série do concorrente, além da premiação para a criança com um ano de assinatura do jornal *O Estado*.

Quanto à premiação, esta foi notadamente direcionada à família, ainda que, aos domingos, o jornal trouxesse o suplemento infantil. Esse prêmio possivelmente não tenha feito brilhar os olhos das crianças (diante da já avançada comercialização de brinquedos), ao contrário de outros concursos, por exemplo, o concurso para estudantes promovido pela empresa de mudanças e transportes As Preferidas S.A. que premiou com livros e bicicleta os vencedores do concurso que elaborou (*O ESTADO*, 1º/9/1972, p. 8). Premiar a redação de Sete de Setembro com uma assinatura de jornal, apesar de ser um brinde caro em termos de valor, distanciava-se muito de outros prêmios fornecidos pelo mesmo jornal, como, os distribuídos no Festival da Criança<sup>129</sup>, em agosto, pouco tempo antes da divulgação dos ganhadores do concurso sobre a Independência. Ainda que as cadernetas de poupança sorteadas no Festival da Criança

<sup>129</sup> Foram sorteados entre os participantes do evento uma bicicleta, uma boneca, passeios e cadernetas de poupança.

também se distanciassem de um brinquedo, não eliminavam a possibilidade da compra de um artefato dessa natureza, podendo inclusive a criança escolher qual brinquedo poderia comprar com aquele dinheiro, obviamente, se os familiares ou responsáveis por ela assim o fizessem. Já o jornal como premiação não proporcionava essa possibilidade e o prêmio, nesse caso, estaria junto da premiação dada à família, ou seja, do próprio jornal *O Estado*.

Com o título “Independência”, José Carlos Xavier, de 13 anos, estudante da 5ª série, do Colégio Lauro Muller, venceu o concurso na sua categoria, 5ª a 8ª série. Concorreu com nove crianças e teve seu texto publicado, no dia 1º de outubro de 1972, nas páginas 6 e 7. Marcado pela cronologia, sua narrativa é longa e apresenta-se dividida em seis tópicos que marcam os eventos ocorridos no período histórico em questão, são eles: Dom Pedro na regência, Política Antibrasileira, O “Fico”, No caminho da Independência, O Grito do Ipiranga e Guerra da Independência. A escrita é bastante clara e não apresenta nenhum problema ortográfico e de pontuação, o que presume, possivelmente, a mão do adulto, seja na correção antes do envio à redação ou mesmo por parte dos jurados e editores do jornal antes da publicação.

Figura 120 – Trecho da redação vencedora, categoria 5ª a 8ª série

Marcelo Abraham Peixoto e José Carlos Xavier foram os ganhadores das assinaturas anuais de O ESTADO

# INDEPENDÊNCIA

D. Pedro Na Regência – Desde o início do governo, o príncipe D. Pedro enfrentou grandes dificuldades. A situação financeira era má, o tesouro estava quase esgotado e o comércio sofria grande crise. Além disso, a retirada de inúmeros funcionários desorganizara a administração.

D. Pedro procurou logo melhorar a situação. Fez rigorosas economias, reduziu as próprias despesas e estabeleceu, pela primeira vez no Brasil, o regime dos orçamentos.

Nem todas as Províncias, porém, reconheciam a autoridade de D. Pedro: as juntas administrativas do Pará, Maranhão e Bahia recusavam-se a obedecer a seus decretos. Também perturbavam a administração as lutas entre os partidos políticos: o Português, que pretendia conservar o Brasil sob o jugo da metrópole; o Monárquico, que desejava a independência com D. Pedro Imperador, e o Republicano, menos numeroso.

**Política Antibrasileira** – Logo após o regresso de D. João VI, as Cortes Portuguesas iniciaram, em relação ao Brasil, uma política não inteligente e contrária ao progresso e à liberdade: Procuravam reduzi-lo novamente à situação de Colônia.

Um decreto declarou as Juntas Governativas das Províncias independentes do Rio de Janeiro e sujeitas somente à Metrópole: O Príncipe Regente ficaria, assim, reduzido a simples governador do Rio de Janeiro e de mais duas províncias do Sul. Por outros decretos de Lisboa, suprimiam-se os tribunais e as repartições que D. João VI criara e determinava-se que D. Pedro regressasse ao reino, “para completar sua educação”, em viagens pela Europa.

O “Fico” – A indignação foi geral. D. Pedro, todavia, parecia hesitar. Os patriotas começaram, então, um movimento para que o príncipe não atendesse às ordens das Cortes. Vieram das províncias representações populares: pedia-se a D. Pedro que não obedecesse às ordens de Lisboa e permanecesse no Brasil. No Rio de Janeiro, a mensagem do Senado da Câmara (assim se chamava, nesse tempo, a Câmara Municipal) tinha, em poucas horas, a assinatura de oito mil pessoas; a 9 de janeiro de 1822, foi solenemente levada ao Príncipe.

“Como é para o bem de todos e a felicidade geral da Nação, estou pronto: diga ao povo que fico”. Essa foi também a frase que D. Pedro empregou, no mesmo dia, numa carta que escreveu a D. João VI. Houve grandes festejos pela resolução tomada, pois era um grande passo para a independência. A Divisão Auxiliadora Portuguesa tentou revoltar-se, mas o príncipe, com o apoio do povo, dominou com energia a situação e obrigou as tropas a embarcar para a Europa. Em quase todo o Norte, repetiam-se conflitos entre Nacionais e Portugueses.

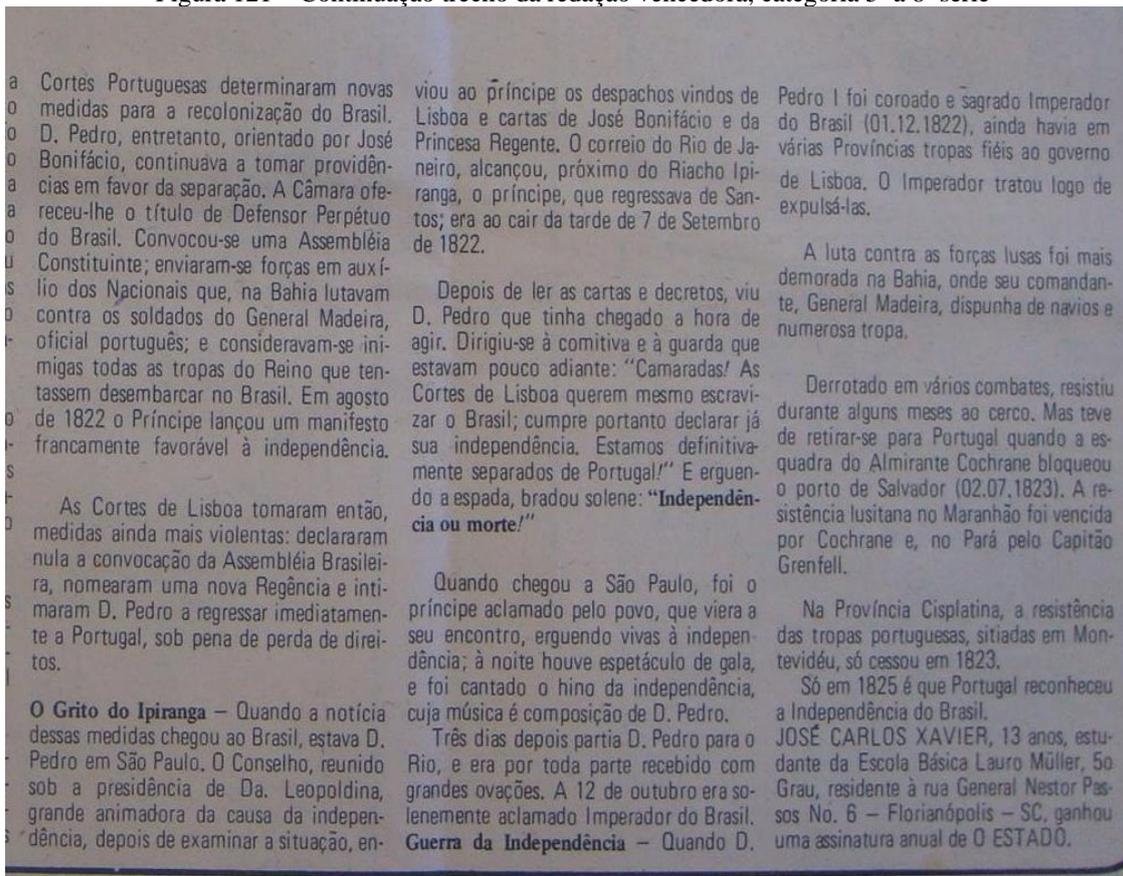
Ganhando certa ascendência sobre o espírito de D. Pedro, procurava José Bonifácio, ministro do Reino e dos Negócios Estrangeiros, encaminhar os fatos de maneira a tornar-se cada vez mais seguro o êxito da causa da independência.

Um dos mais importantes decretos conseguidos por José Bonifácio determinava que nenhuma lei das Cortes Portuguesas poderia ser executada no Brasil sem o “cumpra-se” do Regente.

**No Caminho da Independência** – Uma esquadra que viera com reforços e devia levar a Portugal o Príncipe, foi por ele obrigada a regressar. Diante de tais fatos, as

Fonte: O Estadinho (24/9/1972, p. 6 -7) – Acervo da autora

Figura 121 – Continuação trecho da redação vencedora, categoria 5ª a 8ª série



Fonte: O Estadinho (24/9/1972, p. 6 -7) – Acervo da autora

Diferentemente de outros concursos, nesse, do Sete de Setembro, os textos vencedores foram publicados já datilografados, o que, talvez, indique a possibilidade de terem sido datilografados por um adulto familiar, ainda que fosse permitido o envio de textos em “boa caligrafia”. A máquina de escrever ou datilografar, em total desuso nos dias de hoje, foi, na década de 1970, artigo indispensável nas empresas, comércios, escolas, instituições públicas. Nas casas e dentre as famílias estava presente em lares mais abastados, ocupando o posto dos computadores hoje, entretanto, sua utilização limitava-se à produção documental. Não era possível jogar, nem usar tal artefato com finalidades de lazer, o que o tornava, em boa medida, objeto de trabalho e extremamente relacionado à vida adulta, ainda que pudesse, pela mão e imaginação da criança, transformar-se em um brinquedo simbólico, ou seja, objeto de brincadeira para criança (BROUGÈRE, 2010). Os cursos de datilografia eram bastante comuns naquele período, entretanto, restringiam-se à idade superior aos 14 anos, estando ligados, de certa forma, a uma condição profissionalizante. Dessa maneira, ainda que, por exemplo, o menino José Carlos tivesse uma máquina de datilografar em sua casa, a possibilidade de que

tivesse domínio dessa ferramenta é algo distante, o que permite pensar que o texto escrito pelo menino tenha sido datilografado por um adulto e sofrido correções.

A redação de José Carlos, datilografada e marcada por fatos selecionados, mas, que comumente apareciam nos livros didáticos daquele período, e impecável na escrita impessoal – usa, por exemplo, a terceira pessoa do singular – não apresentava nenhuma opinião do menino, sendo uma narrativa circunscrita à descrição de fatos, ocorridos entre 1822 e 1823, relacionados intimamente à Proclamação da Independência, porém, desde o começo de seu escrito, enaltecia e elevava a figura de Dom Pedro como um grande líder e herói do Brasil:

D. Pedro Na Regência – Desde o início do governo, o príncipe D. Pedro enfrentou grandes dificuldades. A situação financeira era má, e o tesouro estava quase esgotado e o comércio sofria grande crise. Além disso a retirada de inúmeros funcionários desorganizava a administração.

D. Pedro procurou logo melhorar a situação. Fez rigorosas economias, reduzindo às próprias despesas e estabeleceu, pela primeira vez no Brasil, o regime dos orçamentos. (O ESTADINHO, 1º/10/1972).

Essa proposta de escrita, bastante laudatória, também se observou nos textos publicados em outros jornais e revistas que igualmente celebravam a Independência, entretanto, a maior semelhança da escrita de José Carlos é com relação aos livros didáticos da época. São ecos de um modelo que “[...] proporcionava um ensino enciclopédico e desprovido de críticas [...]” (PAIM, 2014, p. 245). Embora não tenha sido possível localizar o livro didático utilizado, nos primeiros anos da década de 1970, no colégio em que estudou o vencedor do concurso idealizado pelo suplemento, outros materiais do gênero, de anos próximos, não deixam dúvida quanto às semelhanças entre os textos, como se observa no seguinte trecho cujo artigo chama-se “A Regência de Dom Pedro”:

Dom Pedro, que aqui ficou como Príncipe Regente, procurou resolver os problemas econômicos do Brasil. Para isso, reduziu suas próprias despesas, acabou com alguns impostos e proibiu a nomeação de novos funcionários públicos. (SOUZA, 1982, p. 149).

Quanto a isso, a representação de um Imperador corajoso, que defendeu a pátria e o povo brasileiro, inclusive abrindo mão de certas regalias que a coroa lhe concedia, circularam em outros veículos de comunicação e no próprio jornal *O Estado*. Em suplemento comemorativo ao sesquicentenário, encontra-se escrito o seguinte:

O próprio D. Pedro reduziu de 1.200 para apenas 156 os animais de sua cavalaria. Pedindo ao povo que colaborasse, teve até ocasião de dizer: “Minhas despesas são menos do que antigamente eram. E se puder

economizar ainda mais, vou fazê-lo para o bem da Nação.” (JORNAL DA INDEPENDÊNCIA, 1972, p. 10).

Outro trecho da redação de José Carlos também impressiona pela semelhança com um livro didático que circulava naquele momento. O destaque foi para o que se chamou de “Dia do Fico”, ou simplesmente “Fico”:

No Rio de Janeiro, a mensagem do Senado na Câmara (assim se chamava, nesse tempo, a Câmara Municipal) tinha, em poucas horas, a assinatura de oito mil pessoas; a 9 de janeiro de 1882, foi solenemente levada ao Príncipe. Como é para o bem de todos e a felicidade geral da Nação, estou pronto: diga ao povo que fico”. Essa foi também a frase que D. Pedro empregou, no mesmo dia, numa carta que escreveu a D. João VI. Houve grandes festejos pela resolução tomada, pois era um grande passo para a independência. (O ESTADINHO, 1º/10/1972).

Com dizeres bastante próximos, o livro didático escrito por Paulo Alcantara (1987 – 19??) também menciona, além da celebre frase de Dom Pedro, as assinaturas coletadas e a carta escrita a Dom João VI.

Recolhidas as assinaturas, no dia 9 de janeiro de 1822, diante de uma grande multidão, o Juiz de Fora **José Clemente Pereira** leu e entregou a petição a D. Pedro. Este, emocionado, respondeu-lhe com a seguinte frase: “Como é para o bem de todos e a felicidade geral da nação, estou pronto: diga ao povo que fico”. Este dia ficou conhecido como o “Dia do Fico”. Nesse mesmo dia escreveu a seu pai para justificar sua atitude, que foi acolhida pelo povo com grande júbilo, [...]. (ALCANTARA, 1987 – 19??, p. 110).

O príncipe regente, tão aclamado, essencialmente por esse momento de celebração nacional, não figurou como único herói, mas, foi o protagonista, já que outros nomes circularam junto ao seu, tanto no texto de José Carlos Xavier, como em outros textos de livros didáticos daquele momento. Assim, a redação premiada pelo *O Estadinho* selecionou alguns nomes para compor o quadro da memória da Independência, na qual se percebe, da mesma forma, certa semelhança com os conteúdos dos livros didáticos, porém, com um detalhe importante acerca do ensino da época: a falta de um questionamento sobre o conteúdo aprendido na escola e a aceitação de que tudo ocorrera, tal como mostravam os livros, e mesmo os professores. Na redação de José Carlos, os nomes de José Bonifácio e Dona Leopoldina aparecem com destaque no movimento que visava a Independência:

Ganhando certa ascendência sobre o espírito de D. Pedro, procurava José Bonifácio, ministro do Reino e dos Negócios Estrangeiros, encaminhar os fatos de maneira a tornar-se cada vez mais seguro o êxito da causa da independência. Um dos mais importantes decretos conseguidos por José Bonifácio determinava que nenhuma lei das Cortes portuguesas poderia ser

executada no Brasil sem “cumpra-se” do Regente. (O ESTADINHO, 1º/10/1972).

Voltando aos livros didáticos, consta-se mais uma semelhança entre a redação vencedora e a produção textual feita nas escolas. O destaque ao ministro José Bonifácio ganhou as páginas principais da lição e, também, a última página da unidade trabalhada, exatamente na seção “Recordando e Fixando e Complementando o Texto”. Nessa seção, um pequeno texto faz uma espécie de memorial do ministro, reforçando, obviamente, sua intensa participação no processo de Independência. Nesse livro didático, José Bonifácio é lembrado também por “[...] não fazer cumprir nenhum decreto vindo de Lisboa sem a aprovação do Príncipe Regente [...]”. (ALCANTARA, 1987 – 19??, p. 110). E a lei do “cumpra-se”, destacada na redação de José Carlos, é igualmente ressaltada em outro livro de ampla circulação nas escolas, o qual, apesar de ser editado em 1985, referia-se ao livro editado em 1943, *História do Brasil*, de Antoracy Tortoledo Araújo:

A lei do “Cumpra-se”, que era o rompimento do príncipe com as Cortes de Portugal. Todo o decreto das cortes somente podia ser executado se tivesse o “Cumpra-se” de D. Pedro. Isso significava plena soberania do Brasil, transferindo para cá o centro das decisões. Essa medida tem imediato apoio dos brasileiros. (ARAÚJO, 1985, p. 20).

Elencados como subtemas, alguns assuntos foram abordados nos livros didáticos com certa unanimidade naqueles anos e estiveram presentes destacadamente na redação de José Carlos. Outro livro de significativa circulação naquele período, de A. Souto Maior (1970), comumente encontrado nas escolas, embora não classificado como livro didático, mas que também abordou a Independência brasileira, possui uma cronologia bastante semelhante à utilizada pelo aluno José Carlos em sua redação.

Ainda que não tenha sido possível localizar os livros e os materiais escolares utilizados na escola Lauro Muller, o texto vencedor indica que muitos de seus elementos também estão presentes nos conteúdos sobre a Independência que circularam não só nos livros escolares, mas, também, em outros materiais alusivos à data. A *Folhinha* de São Paulo, por exemplo, em Sete de setembro de 1972, publicou caderno especial do sesquicentenário que narrou o evento comemorativo com traços bastante semelhantes aos dos livros escolares, porém, em forma de quadrinhos, como é possível observar neste trecho que representa um diálogo entre Dom Pedro e o ministro José Bonifácio:

D. Pedro tratou logo de organizar um ministério, convidando José Bonifácio para Ministro do Reino e Estrangeiros. Uma das primeiras medidas aconselhadas por ele foi. Seria de grande importância para o País se Vossa Alteza decretasse que não mais vigoraram no Brasil, as leis enviadas de Lisboa [...] resguardando-se o direito de aceitarmos aquelas que sejam uteis a este Reino [...] (FOLHINHA DE SÃO PAULO, 3/9/1972, p. 14).

Usar a história em quadrinhos para representar o movimento da Independência, como fez o suplemento paulista, pode ter sido uma estratégia de aproximar o evento dos seus leitores, entretanto, a linguagem empregada claramente requer certo refinamento para a compreensão do texto e acaba por direcionar a leitura ou mesmo fixá-la, em grande medida, por leitores já familiarizados com o assunto.

A redação elaborada por José Carlos, igualmente à linguagem dos livros, traz construções textuais mais elaboradas e algumas com certo grau de complexidade, quais sejam, “sob o jugo da metrópole”, “o Príncipe lançou um manifesto francamente favorável à Independência”, “sob pena de perda de direitos”, “E erguendo a espada, bradou solene”, o que pode significar boa compreensão do menino, mas, também, o auxílio de um adulto na elaboração do escrito.

No ano de 1972, José Carlos, de 13 anos, cursava a 5ª série e seu histórico escolar apontava-o como aluno regular<sup>130</sup> (conceito suficiente para lhe permitir aprovação escolar, porém, sem grandes êxitos), estando entre os 10 alunos mais faltosos de uma turma de 44 crianças, cujo número de ausências ultrapassava 50 dias letivos. Entretanto, isso não significa que o menino não fosse capaz de escrever uma redação ou mesmo que tivesse alguma dificuldade cognitiva, ao contrário, tal fato ajuda a compreender como as avaliações (provas, trabalhos, redações) estavam em certa medida, pautadas em conhecimentos estanques, no qual pouco se considerava um “livre” expressar dos alunos. As faltas podem também (como hipótese) ser registradas como um descontentamento do menino José Carlos para com a escola e a forma como os conteúdos eram desenvolvidos.

A *Revista Veja*, assim como o a *Folhinha* de São Paulo, publicou um material relativamente extenso (se comparado aos anos anteriores), afirmando a bravura e a unanimidade de um príncipe regente, trazendo diversas pinturas e imagens heroicas de Dom Pedro, as quais, em tempos de sesquicentenário, reproduziram-se aos montes, não apenas para memorizar o fato, senão, também, para representar e reapresentar o próprio

<sup>130</sup> O Colégio Lauro Muller, nos anos de 1972, 1973 e 1974, atribuía a seus alunos cinco tipos de conceitos, que obedeciam à seguinte escala: não acompanha; regular; satisfatório; bom e ótimo.

presente. Foi uma espécie de monumentalização do presente casada com a comemoração de um passado, algo que o governo de Ernesto Garrastazu Medici “ganhou de presente” com o aniversário no ano de 1972 da Independência do país.

Os *slogans*, assim como as imagens, também figuraram fortemente, no ano de 1972, sendo muitos lançados pelo próprio governo que se reinventava comemorando o passado. O historiador Fernando Dominience Menezes (2007) identificou três *slogans* lançados pelo governo militar, no ano de 1972, que fizeram ressoar uma imagem de país em construção, desenvolvido e independente: “Você constrói o Brasil”, “Sesquicentenário da Independência” e “Povo desenvolvido é povo limpo”. O passado, evocado para lembrar o presente, transcendia os muros da escola e seus livros. A estratégia de monumentalizar aquele presente, o presente do milagre econômico, o presente dominado pelos militares, ganhava outros espaços e suportes, sendo dessa forma que reverberaram muitas histórias sobre o ano de 1822 e a respeito do processo de Independência do Brasil em versões muito semelhantes: passado glorioso, feito por heróis.

Em *O Estadinho*, a infância é mostrada quase sempre vinculada à escola, sendo relacionadas a essa instituição as habilidades exigidas para participação em seus eventos. O concurso da Independência fortificava essa representação e enfatizava que o aluno devia espelhar-se em exemplos vindos dos grandes heróis pátrios. Afinal, era também nessa representação de infância escolarizada que se projetavam os desejos de prosperidade da nação. Entretanto, as crianças, convocadas ao exercício da memorização, pareciam ser pouco estimuladas a expressar seus pensamentos, desejos e vontades, ainda que a elas fosse prospectado o futuro da nação.

A redação de José Carlos Xavier traz, como a de Marcelo Abraham Peixoto, muitos elementos que figuravam nos livros escolares, afinal, Independência do Brasil era conteúdo escolar, porém, outros suportes, naquele ano, igualmente, esmeraram-se em narrar o fato que aniversariava no dia Sete de Setembro. As revistas, os jornais e seus suplementos especiais em comemoração ao sesquicentenário, o filme cujo protagonista – Tarcísio Meira – tornara-se popular por estrelar novelas na televisão, podem ter contribuído na construção do texto apresentado para o concurso promovido pelo *O Estadinho*.

Assim, possivelmente, o clima de comemoração instituído pelo governo Médici, já desde o final de 1971, intensificou nas escolas o assunto Independência do Brasil, obviamente, não só com mais materiais sobre a data cívica, mas, certamente, com uma

maior discussão sobre o assunto nas salas de aulas. O próprio concurso, promovido pelo suplemento catarinense, pode ter motivado nas escolas a realização de concurso de redações ou, mesmo, de desenhos, ou arte em geral a respeito do tema Independência. Outras unidades de ensino também promoveram seus concursos sobre a Independência, a exemplo de quando universitários dos cursos de jornalismo do país puderam participar do concurso promovido pelo Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado da Guanabara, com o tema: “Importância e Influência da Imprensa na Independência”, os vencedores ganharam além de premiação em dinheiro, medalhas de ouro e prata (JORNAL CORREIO DA MANHÃ/RJ, 31/3/1972, p. 5).

Dos materiais acessados, desde livros didáticos, da década de 1970 e 1980, a jornais e revistas, do ano de 1972, apenas alguns poucos livros didáticos (de meados da década de 1980) esboçaram algum questionamento acerca do processo que, no ano de 1822, levou o Brasil à “Independência”, a exemplo do livro *História da Sociedade Brasileira*, de Francisco Alencar, Lúcia Capri Ramalho e Marcus Venício Toledo Ribeiro (1983), que faz a seguinte reflexão sobre a pintura, de Pedro Américo, representativa da Independência. “*O Grito do Príncipe*, do pintor Pedro Américo, é o retrato romântico – oficial da Independência. É o retrato que pintam dela os historiadores tradicionais.” (ALENCAR; RAMALHO; RIBEIRO, 1983, p. 98). Em outro trecho, os autores expõem que o processo de Independência do Brasil, ao contrário de outros países latino-americanos, ocorreu basicamente a favor de uma elite, cujos interesses se voltavam para o comércio e a política, sendo a participação do povo quase nula. “[...] foi o desfecho de uma luta da classe dominante colonial, contra as tentativas de recolonização da metrópole” (ALENCAR; RAMALHO; RIBEIRO, 1983, p. 98). De modo semelhante, outro livro didático, elaborado por Bruna R. Cantele (1986), apesar de tratar o tema da Independência brasileira de modo bastante laudatório e heroico, apresenta, na conclusão do capítulo a respeito do assunto, uma crítica sutil ao processo vivido:

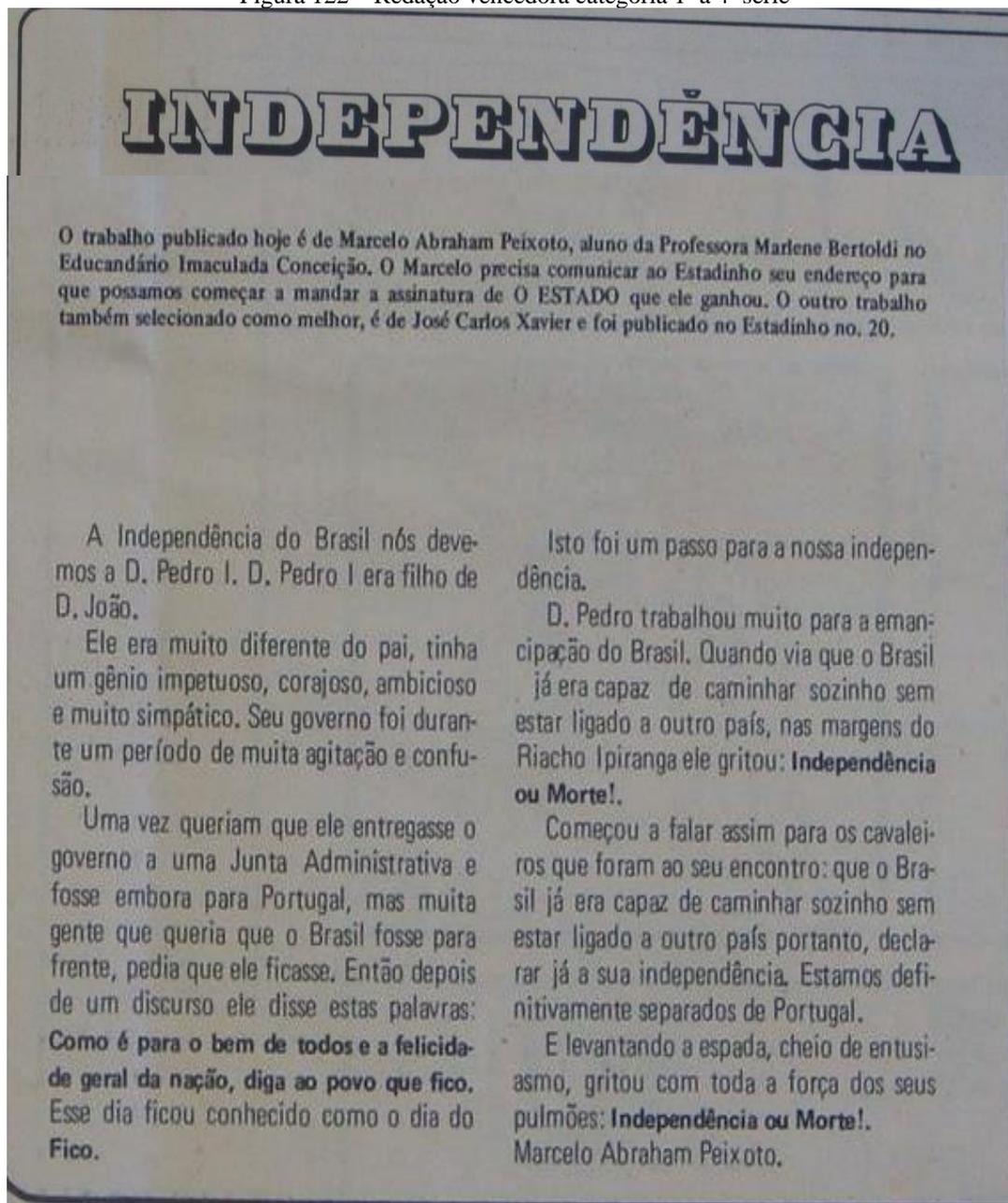
D. Pedro proclamou a independência política do Brasil, apoiado por uma elite que tinha interesses políticos e comerciais. Todavia os problemas sociais e econômicos continuaram. A escravidão continuou servindo os grandes proprietários de terras, os ingleses continuaram com o domínio do comércio e da indústria. O povo continuou sem participação na política e a classe alta, que havia apoiado o príncipe no processo de independência, acabou se acomodando e permitindo a D. Pedro que se tornasse autoritário, reunindo todos os poderes em suas mãos. (CANTELE, 1986, p. 136).

Os exemplos anteriores mostram outras facetas do processo de Independência de 1822, ainda que, tratados de forma tímida, mas, indicando uma mudança na própria historiografia brasileira, aliada ao momento político que, na década de 1980, começou a vivenciar a transição da ditadura para a ordem democrática. Entretanto, de modo geral, as narrativas encontradas são bastante laudatórias e marcadas no tempo, ou seja, como se a cronologia as respaldasse. Tudo ocorreu em um tempo e espaço perfeitamente medido e, portanto, não suscetível ao menor equívoco e questionamento. Uma (re)produção dessa narrativa se materializou no texto do escolar José Carlos, entretanto, o menino, que já cursava o ginásio, não fora o único a assinar tal método de inventariar o passado. Marcelo Abraham Peixoto, de 8 anos, parece também ter aprendido de modo bastante semelhante (guardadas as devidas proporções, já que, no caso deste, trata-se de um texto elaborado por um estudante dos anos iniciais do primeiro grau), indicando como eram disseminados certos conteúdos e práticas escolares.

Datilografada e com escrita perfeita, sem erros ortográficos e com clareza de ideias, Marcelo, além de seu texto, teve publicado, também, o desenho que acompanhou sua redação. O desenho, como não poderia deixar de ser, inspirava-se no célebre quadro de Pedro Américo que, naquele ano, ocupou, para além das páginas dos livros escolares, muitas propagandas e reportagens veiculadas em jornais e revistas. A imagem, utilizada como representação de um momento glorioso, fortalece os textos que enaltecem a figura do imperador, atribuindo a ele coragem e liderança por livrar o Brasil das “garras” de Portugal e da condição desprezada de colônia.

Marcelo escreve em primeira pessoa do plural e seu texto contém os mesmos marcadores temporais e uma ordem cronológica bastante similar ao texto escrito por José Carlos Xavier, pontos de destaque em muitos livros escolares e que, certamente, estavam na pauta dos avaliadores desse concurso. O título do texto *Independência*, publicado em caixa alta e com fonte idêntica ao texto de José Carlos, sugere pensar na possibilidade de os textos terem seus títulos alterados, mas, também, a coincidência dos títulos remete a outro fato: certa limitação da capacidade criativa da criança, quando se abordavam assuntos escolares, e uma forte ênfase em materiais e textos de conteúdo histórico como verdade absoluta.

Figura 122 – Redação vencedora categoria 1ª a 4ª série



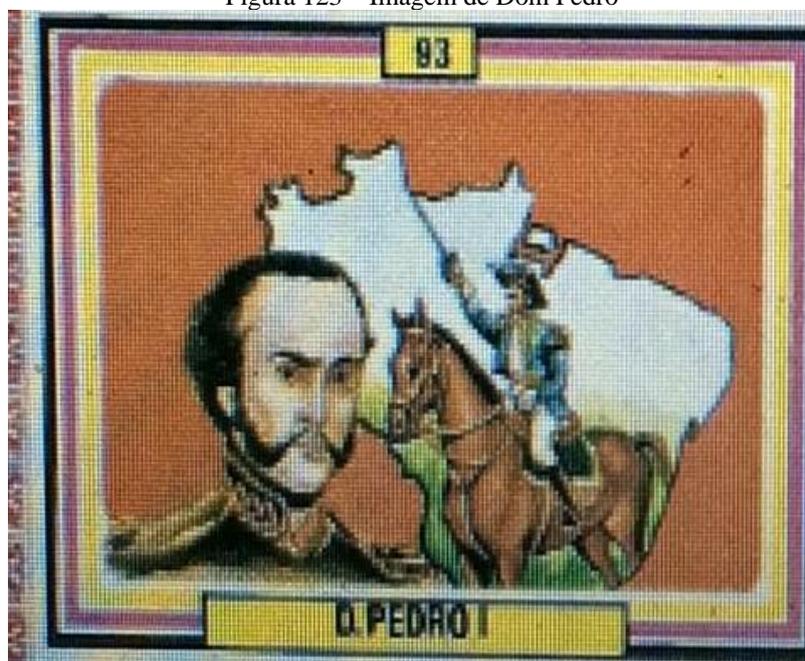
Fonte: O Estadinho (8/10/1972, p. 7) – Acervo da autora

A escrita em primeira pessoa do plural faz soar um discurso hegemônico, aspecto também presente em alguns livros, como os já citados, de A. Souto Maior (1970) – “[...] O “Fico” fôra um grande passo em prol de nossa independência.” (SOUTO MAIOR, 1970, p. 251) – e Bruna R. Cantele (1986) – “Nossa independência só foi possível graças à participação das elites e ao apoio que elas deram a D. Pedro.” (CANTELE, 1986, p. 6). Marcelo começou sua redação dizendo: “A Independência do Brasil nós devemos a D. Pedro I [...]” e segue em outro trecho dizendo: “Isso foi um passo para a nossa Independência.” (O ESTADINHO, 8/10/1972, p. 7). Tais afirmações

colocam o leitor, ainda que ele possa escapar dessas armadilhas e “caçar furtivamente” (CERTEAU, 1996) em texto alheio, dentro daquele discurso, ou seja, como parte integrante daquela narrativa. É um recurso linguístico que foi explorado, especialmente pelas campanhas nacionalistas (no período Vargas) e do próprio governo militar que buscava afirmação popular por meio de discursos, propagandas e festividades cívicas, como o Sete de Setembro.

O texto de Marcelo, além dos marcos temporais, destaca em negrito todas as falas de D. Pedro, colaborando com o movimento de comemoração e invenção daquele passado. As frases “Como é para o bem de todos e a felicidade geral da nação, diga ao povo que fico” e “Independência ou Morte!” foram alçadas à condição de representantes daquele passado e associadas à pintura de Pedro Américo, penetrando o imaginário sem muito esforço. A imagem representativa do ato heroico de Dom Pedro reproduziu-se em muitos livros didáticos e materiais comumente utilizados nas escolas (enciclopédias, revistas semanais, jornais). Até mesmo no álbum de figurinhas, lançado pela editora Saravan em 1972, comemorativo aos 150 anos da Independência, tal imagem, destacando a figura de Dom Pedro, aparece, sendo bastante semelhante ao desenho feito por Marcelo Abraham Peixoto enviado junto à redação sobre a Independência.

Figura 123 – Imagem de Dom Pedro



Fonte: Álbum de figurinhas “Brasil minha Pátria” (1972) – Acervo da autora

Figura 124 – Imagem de Dom Pedro desenhada por Marcelo Abraham Peixoto



Fonte: O Estadinho (8/10/1972, p. 7) – Acervo da autora

Era esse o propósito de muitos materiais produzidos e que circularam nas escolas nos anos ditatoriais, principalmente, até o final da década de 1970, quando se iniciou o processo de distensão política. Contudo, o texto também permite ver a ideia de comemoração e monumentalização do próprio presente quando da utilização do termo “para frente” ou “pra frente”, bastante difundido naquele momento e que integrava slogans das campanhas políticas ufanistas e de letras de músicas, como as compostas por Miguel Gustavo, “Pra frente Brasil”, “Brasil eu adoro você” e, “Esse é um país que vai pra frente” do grupo, *Os incríveis*. Essas letras de músicas, muitas vezes, ganhavam as salas e os pátios escolares, essencialmente, em datas de homenagem ao país, de modo que o intuito não era apenas de promoção do governo e de produção de uma atmosfera de união, de interesses comuns e de adoração a pátria, mas, de desviar a atenção da população diante da violência e repressão impostas por tal governo.

Foram muitas as estratégias para glorificar o presente em torno do “milagre econômico”, da vitória da seleção brasileira na copa do mundo de 1970 e do sesquicentenário, ajudando a promover uma ideia de nação e progresso, imortalizando aquele presente. Na narrativa de Marcelo, a utilização do termo “para frente” e o uso da primeira pessoa do plural fornecem pistas de que – embora o assunto Independência do Brasil fosse algo relacionado à escola – naquele ano, a incorporação da data em *slogans* de promoção do governo, propagandas publicadas nos jornais e revistas e, ainda, nos

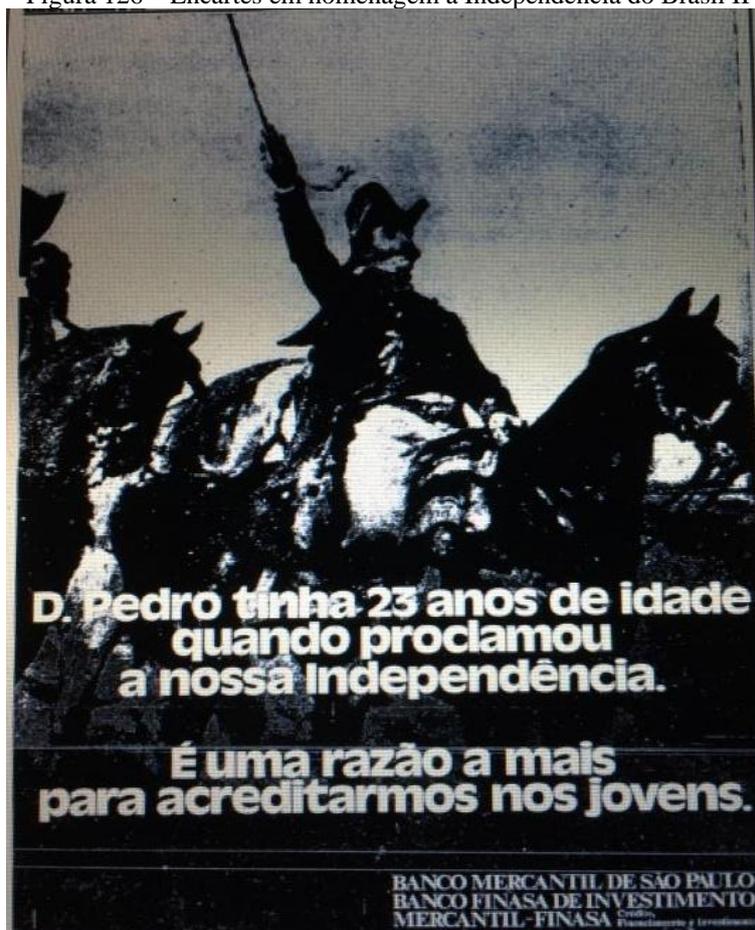
discursos difundidos pela televisão e, sobretudo, pelo rádio, também podem ter contribuído para sua elaboração textual. No próprio jornal *O Estado*, as propagandas ufanistas utilizavam-se da palavra “nós” e “nosso” como recurso de igualdade e que, de certa forma, propaga uma ideia de nação unida.

Figura 125 – Encartes em homenagem a Independência do Brasil I



Fonte: O Estado (4/8/1972, p. 9) – Acervo da autora

Figura 126 – Encartes em homenagem a Independência do Brasil II



Fonte: Folha de São Paulo (6/9/1972, p. 13) - Acervo online da *Folha de São Paulo*.

As propagandas (jornal *O Estado* e *Folha de São Paulo*) compunham o clima de união e, em certa medida, relacionavam-se “[...] ao pressuposto da integração nacional, as partes deveriam estar contidas no todo, mostrando todos unidos numa só direção [...]” (SOSNOSKI, 2013, p. 24), como almejava o governo.

As comemorações oficiais da data cívica mais patriótica do país começaram duas semanas antes do Sete de Setembro e a escola teve lugar de destaque, mostrando que a infância nacionalizada e escolarizada não só fazia parte daquele momento celebrativo, como também deveria ser comemorada, como destacou, em notas, o jornal *O Estado*, de 22 e 23 de agosto de 1972. Com o título “Estudante tem programa para a Semana da Pátria”, a nota, publicada em 22 de agosto, demonstra o quanto a escola e a infância se colocavam como um lugar privilegiado de difusão (e, ocultamente, de representação dos discursos dominantes na época) que, de certa maneira, podiam ser apropriados pelas crianças.

O programa de comemorações do Sesquicentenário da Independência, elaborado pela Coordenadoria Regional de Educação em Florianópolis,

começará no dia 26, às 14 horas, tendo por local o Estádio Orlando Scarpelli, com Festival das Bandas Militares, Canto dos Hinos do Brasil, da Independência e do Sesquicentenário e demonstração de ginástica.

Estarão presentes à abertura dos festejos os alunos de todos os estabelecimentos de ensino público e particular de Florianópolis e municípios vizinhos.

Para o dia 2 de setembro, com início às 14 horas, estão previstos desfiles de escolares, com a presença de 29 estabelecimentos de ensino da Capital. Três exposições serão realizadas simultaneamente, com saídas da Avenida Rubens de Arruda Ramos, Cidade Universitária e Avenida Santa Catarina.

O programa prevê para o dia 5, às 9 horas, Hora Cívica em todas as unidades escolares, com várias solenidades e palestras.

Finalmente, no dia 7 de setembro, haverá o Desfile Militar com a adesão de vários colégios de Florianópolis. (O ESTADO, 22/8/1972, p. 8).

A outra nota do mesmo jornal, publicada no dia seguinte, sob o título “Independência é festejada em SC”, também ressaltou a participação das escolas e de seus alunos na grande festa cívica.

Em ato que contará com a presença do Governador do Estado e de outras autoridades, serão oficialmente abertas no sábado às comemorações do Sesquicentenário da Independência em Florianópolis. Às 9 horas, no Estádio Orlando Scarpelli, haverá uma concentração e desfile das representações, integradas por alunos e professores de todos os estabelecimentos de ensino públicos e particulares da Grande Florianópolis.

Depois de se apresentarem ao Governador, será hasteada a Bandeira do Brasil, com os presentes cantando o Hino Nacional. Às 10 horas, 400 estudantes treinados pela Divisão de Educação Física da SEE farão uma apresentação de ginástica, após o que o Coral da Universidade Federal de Santa Catarina cantará os Hinos da Independência e do Sesquicentenário. Posteriormente cerca de 600 escolares formarão, no centro do estádio, a frase “Brasil Grande Sesquicentenário”. (O ESTADO, 23/8/1972, p. 6).

Nas duas notas deu-se destaque à participação da escola e dos escolares, isto é, de crianças que tinham suas infâncias atreladas à escola. Eram essas crianças que, pelo discurso do governo, estavam autorizadas a representar o país, e essa era a infância que figurava no jornal *O Estado* e em *O Estadinho*: uma infância a ser nacionalizada, memorizada e monumentalizada, a infância que seguia nos discursos políticos e nas fotos escolhidas para compor as matérias alusivas à data patriótica.

Figura 127 – Desfile Cívico – Sete de Setembro 1972



Fonte: O Estado (3/9/1972, p. 10) – Acervo da autora

O concurso criado pelo suplemento fez ressoar uma infância específica e representativa de um estrato social, possivelmente consumidor de *O Estado* e representado por ele.

As redações escolhidas refratam essa representação, porém, não são as duas narrativas apenas que levam a essa constatação. A própria maneira como o concurso é realizado, matizado pelo grau de escolaridade, a comissão julgadora, a nominata dos participantes e a premiação conferem pensar em uma infância cujo saber e desenvolvimento dava-se na escola e em prol de uma criança adoradora da pátria; uma infância escolar cuja relação dava-se de maneira unilateral entre quem ensinava e que aprendia, onde a memorização, cópia e repetição dominavam as técnicas de aprendizagem.

Se essa foi a infância promovida e representada pelo suplemento catarinense, qual seria a infância autorizada a ocupar as páginas do jornal 12 anos depois? O que levaria o suplemento a manter a ideia de que pela mão da criança podia-se registrar o que representava a Independência do Brasil?

## 6.2 “BRASIL, UM PAÍS INDEPENDENTE?” HOMENAGENS EM ANOS DE DIRETAS JÁ

Após 07 de setembro, o Brasil tornou-se livre politicamente de Portugal, mas tornou-se dependente política, social e economicamente de vários países desenvolvidos. Essa dependência provem de seu passado, da maneira como que foi colonizado, explorado. Todos agora estão presenciando as grandes dificuldades brasileiras, que só irão terminar, quando o povo brasileiro disser “basta” e se fechar para si próprio, expulsando as interferências políticas, econômicas e sociais estrangeiras e preservando a sua cultura, aprimorando a sua educação. Ao lado de tanta fome no Nordeste há uma Itaipu no sul: ao lado de tantas enchentes no sul há convenções em Brasília. São estes alguns motivos pelos quais achamos que o Brasil ainda é um país dependente e que precisa ainda hoje lutar pela sua independência. (O ESTADINHO, 9/9/1984, p. 4).

Escrito a cinco mãos, o trecho do texto elaborado por alunos da 7ª série do Colégio de Aplicação, ganhou destaque na seção do suplemento infantil que visava homenagear a pátria. Não era preciso lê-lo na íntegra para perceber que aquele material em nada lembrava as honrosas homenagens à data de 1822, a não ser o fato de evidenciarem a data cívica comemorada como a Independência do Brasil. Para aqueles alunos, antes de se comemorar a Independência, era preciso questioná-la. Afinal seria mesmo o Brasil um país Independente?

O ano é 1984. *O Estadinho* seguia circulando aos domingos e vinculado ao jornal *O Estado*, porém, algumas mudanças foram necessárias para manter o suplemento na ativa. Eram mudanças e continuidades, que podem ser evidenciadas por ocasião da Independência do Brasil: seguia a homenagem, mas, alteravam-se os discursos, ou melhor, mesclavam-se, expandiam-se. O evento era único, mas os olhares sobre ele se alteravam, assim como os tempos. Identificá-los, reconhecê-los, problematizá-los é tarefa árdua, mas imprescindível para um trabalho que se pretende historiográfico, “Pois não existe um só tempo na historiografia, mas uma multiplicidade de tempos.” (KOSELLECK, 2014, p. 271). E a comemoração da Independência era isso, um evento conhecido, que a cada ano se repetia, sendo de certa forma, esperado. Esperado pelos mais variados motivos: feriado, festejos nas ruas, a participação nos desfiles, os discursos das autoridades, o encontro com alunos de outras escolas na marcha comemorativa, etc. Um movimento de “repetição”, mas ao mesmo tempo repleto de “singularidades”, e são esses vestígios de singularidades vividas pelos agentes sociais que ajudam a compreender que a história mais do que múltipla é uma

formação geológica<sup>131</sup>, uma sobreposição de experiências que ao invés de se apagarem, se acumulam, formando novas compreensões sobre os fatos históricos, sobre o tempo (KOSELLECK, 2014). Assim a cada ano, a comemoração da Independência se atualiza no momento em que ocorre – presente – sem descartar as experiências anteriores, como apontam os vestígios deixados em *O Estadinho*. Os textos dos alunos do Colégio de Aplicação não negam o ocorrido em 1822, ao contrário, foi a partir desse evento (Independência do Brasil) que foram problematizadas questões políticas, econômicas e sociais do Brasil naquele ano de 1984.

Em clima de forte despedida, que começara no final da década de 1970, o regime imposto pelos militares já em fase de transição foi dando lugar à democracia. O ano das Diretas Já levou milhares de brasileiros às ruas, fez brotar a esperança do voto direto, da liberdade de expressão, da luta por direitos trabalhistas. A década de 1980, chamada de “perdida”, colocava em voga as experiências de ensino aprendizagem em muitas áreas de conhecimento, como a Educação Física Escolar, por exemplo, que passou a ser questionada quanto às possibilidades de trabalho com o aluno e a buscar construir-se como uma disciplina de viés mais crítico e emancipatório, reconhecendo no educando um sujeito capaz de questionar e atuar de forma crítica e consciente sobre seus movimentos (KUNZ, 2006). A disciplina da História também apareceu como disciplina que começou a questionar os métodos de escrita do tempo. O Brasil, da década de 1980, é marcado por intensas discussões e investigações que dão à essa disciplina outro *status*, devido a uma mudança na perspectiva historiográfica cujos créditos podem ser dados à Escola dos *Annales* e à História Cultural, que pouco a pouco adentravam aos livros escolares. A verdade absoluta dá lugar à problematização.

Versões dessa nova forma de compreender a história podem ser percebidas nas escritas infantis, que continuam animando o suplemento catarinense. A independência do Brasil segue sendo comemorada, porém, em 1984, outras versões são autorizadas a preencher as páginas do jornal infantil.

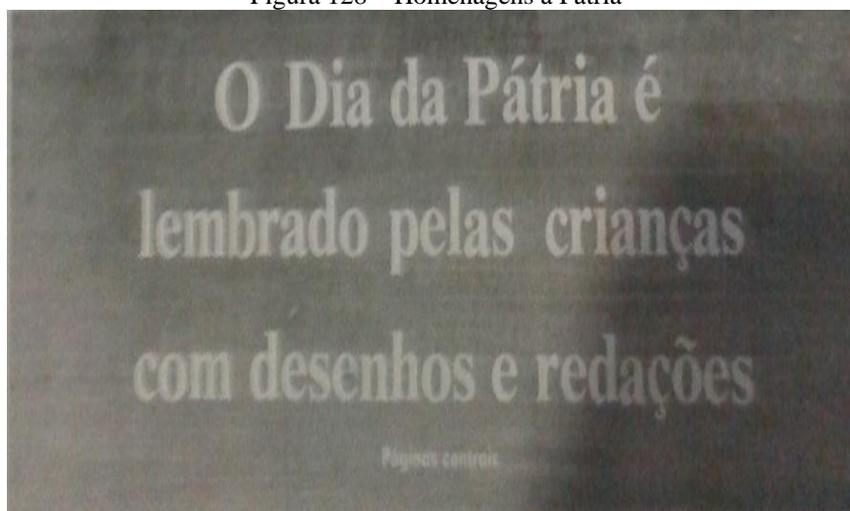
A década perdida apontou em *O Estadinho* outras infâncias, que não aniquilaram com as representações existentes, mas mesclaram-se a elas, formando outras. As representações vistas por meio do concurso da Independência do ano de

---

<sup>131</sup> Utilizamos aqui a metáfora criada pelo historiador alemão Reinhart Koselleck (2014), para tratar sobre as questões relativas ao tempo na história. “Meu tema é “estratos do tempo”. Na condição de historiador, devo adiantar que não tenho capacidade para fazer afirmações de natureza física ou biológica. Situo-me no campo das metáforas: a expressão “estratos do tempo” remete a formações geológicas que remontam aos tempos e profundidades diferentes, que se transformam e de diferenciam umas das outras em velocidades distintas no discurso da chamada história geológica.” (KOSELLECK, 2014, p. 19).

1972, em 1984 continuavam a estimar a escola como *locus* da aprendizagem, do conhecimento, porém tornavam-se mais visíveis a problematização de certas questões e a valorização da formação de um pensamento crítico infantil. Dessa forma, o espaço aberto às escritas infantis expandiam-se e os assuntos antes mais recorrentes, provenientes de pequenos concursos ou mesmo solicitações da equipe editorial, já não se pautavam em datas cívicas e comemorações ligadas aos defensores do país, tais como dia do soldado e do aviador. A Independência aparece, mas, desde o que se publica sobre isso até mesmo à maneira como o suplemento convida seus leitores a se manifestarem sobre a data é diferente. São as continuidades e rupturas presentes no cotidiano que se representa no jornal.

Figura 128 – Homenagens à Pátria



Fonte: O Estadinho (9/9/1984, p. 1) – Acervo da autora

No dia nove de setembro de 1984, uma chamada na parte inferior de ***O Estadinho***, que ocupava aproximadamente um terço da capa do suplemento, anunciava a homenagem ao dia da Independência. Diferentemente do ano de 1972, não fora lançado um concurso e os escritos e desenhos publicados, ainda que passassem pelo crivo ou pela seleção da equipe editorial, não foram avaliados nem tampouco premiados, como ocorrera com o concurso acontecido no sesquicentenário.

O ano de 1984 marcou ***O Estadinho*** pela composição de uma equipe editorial mais especializada com o material infantil. Composta por sete mulheres<sup>132</sup>, ainda que não possuíssem grandes especialistas na área do jornalismo, muitas de suas integrantes tinham sua formação voltada para a pedagogia ou artes. Era o começo de uma nova fase

<sup>132</sup> As informações sobre a composição desse editorial estão no subcapítulo “Um Editorial para Gente Grande”.

para o suplemento catarinense que, claramente, buscava uma interação maior com seu público leitor infantil. O suplemento que passara a ser organizado por pessoas da confiança da primeira dama do Estado, a senhora Angela Helou Amin, tornava-se, também, porta voz um projeto de governo que tinha como pauta a criança catarinense.

Esperidião Amim tinha assumido o governo do Estado em 31 de março de 1983, pelo PPR, Partido Progressista Reformador, atual PP – Partido Progressista, e as políticas de atenção à criança ganharam visibilidade em seu mandato, particularmente, pelos projetos coordenados por sua esposa, Angela Amin. De acordo com Marilda Merência Rodrigues (2001, p. 23-24):

Essa política de caráter assistencialista, que se apresenta com uma “finalidade de dar atendimento à criança de maneira integrada, com ênfase para a nutrição, a saúde, o saneamento, a educação, a estimulação e a afetividade” (Doc. Básico), está inserida dentro de um projeto maior definido como a “opção pelos pequenos”, proclamado na “Carta dos Catarinenses”<sup>133</sup>, e que vai deliberadamente construindo a figura de “bom político” do então governador Esperidião Amin e de sua esposa Ângela Amin, presidente do Pró – Criança. É uma proposta de intervenção social e ao mesmo tempo um instrumento de marketing político, pautado na escolha pelo “pequeno” [...].

A materialização das ações planejadas pelo Governo Amim iniciaram sob o comando de Angela Amim já no ano de 1983, quando presidiu a Liga de Apoio ao Desenvolvimento Catarinense (LADESC). Assim, compôs-se uma equipe que, com recursos e apoio do governo do estado<sup>134</sup>, começou a produzir o suplemento que, até então, era construído pelo próprio pessoal do jornal *O Estado*. *O Estadinho* começou a dar visibilidade a uma infância carente, porém, sem problematizá-la, mas, permitido,

<sup>133</sup> Carta dos Catarinenses: um compromisso com o futuro. Proposta de Governo do Sr. Esperidião Amim, para as eleições de 1982.

<sup>134</sup> “Ainda que nos faltem elementos para comprovar o efetivo financiamento do suplemento pelo Governo do Estado, há vestígios de que houve um certo apoio. Primeiro por designar uma equipe de confiança da primeira dama do Estado para coordenar o suplemento, contando inclusive com uma responsável em fazer circular o suplementos em escolas, também os anúncios publicitários do BESC, veiculadas com frequência na última página do suplemento supõe um certo “financiamento” do Governo Estadual. Em entrevista ao NEPESC, Marisa Naspolini, colaboradora de *O Estadinho*, afirma que houve interesse da LADESC em tornar *O Estadinho*, uma espécie de colaborador do projeto vinculado ao Governo do Estado em dar mais atenção e visibilidade a infância. “E esse grupo foi conversar com *O Estado* para ver alguma forma, porque *o Estadinho* era um componente importante, tinha uma alta circulação, *O Estado* não tinha concorrente, era o jornal majoritário dentro do Estado – não só em Florianópolis – e eles queriam que *o Estadinho* cooperasse com esse movimento em prol da criança. O Estado concordou, não sei exatamente a que termos se fez essa negociação, mas o jornal não queria gastar um centavo com isso. Então o Governo do Estado, que bancava *o Estadinho* - acho que o principal anunciante era o BESC, fez um acordo. (o BESC foi quem bancou a mudança, agora não sei se antes já era... teria que ver os outros...), então o Governo do Estado concordou, mas não queria gastar nada. Então eles montaram essa equipe, que tinha um conselho editorial, alguns colaboradores ligados a órgãos do governo e que eram ligados a esse projeto [Pró-Criança], e eles começaram a funcionar como um conselho, a tentar melhorar os conteúdos.” (NASPOLINI, 2013, p. 1).

por via da LADESC, ainda que de modo discreto, a participação de crianças de zonas rurais e de condições econômicas limitadas. O suplemento infantil também deu início a outro tipo de circulação, para além de sua tradicional comercialização. Cópias de *O Estadinho* eram entregues nas secretarias municipais de várias cidades catarinenses, ampliando a possibilidade de leitores e, também, de interação via carta, concurso, enfim, conformando uma nova estratégia comercial de relação entre editores e leitores. Na edição comemorativa ao natal, no ano de 1985, uma página destinada a apresentar aos leitores a equipe de colaboradores do suplemento, confirma a circulação do suplemento em espaços escolares independente de nesses locais, haver o jornal *O Estado*. Índícios de diferentes formas de circulação, para além da formal assinatura ou mesmo compra do impresso. Mary Elizabeth Benedet Garcia<sup>135</sup> era a responsável por motivar a equipe do infantil catarinense, conhecida como a “mãe de todo mundo”, além de dar ideias sobre matérias e atividades também visitava as escolas ou contatava com professores para conseguir trabalhos e redações para publicar. Mary também se responsabilizava em conseguir exemplares extras de *O Estadinho* para serem distribuído nas escolas (O ESTADINHO, 22/12/1985).

O suplemento que, na década de 1970 e início de 1980, tinha como carro chefe os quadrinhos do cartunista Maurício de Sousa, passou a contar com historinhas produzidas pela equipe coordenada por Stela Maria Naspollini (LADESC), Mirian Schilickmann (UDESC/FAED) e Mary Elizabeth Benedet Garcia (Fundação Catarinense de Cultura – FCC). Essa equipe era composta de jovens estudantes, atuantes na cena cultural florianopolitana, que encontraram em *O Estadinho* uma oportunidade de divulgar seu trabalho e de colaborar com uma concepção de formação infantil que considerava a criança como produtora de cultura. Tal intento se expressou nas várias possibilidades que *O Estadinho* lançou para a participação da criança na feitura do jornal, sendo essa uma das maneiras que, possivelmente, pode ter permitido a escrita sobre a pátria em homenagem à Independência.

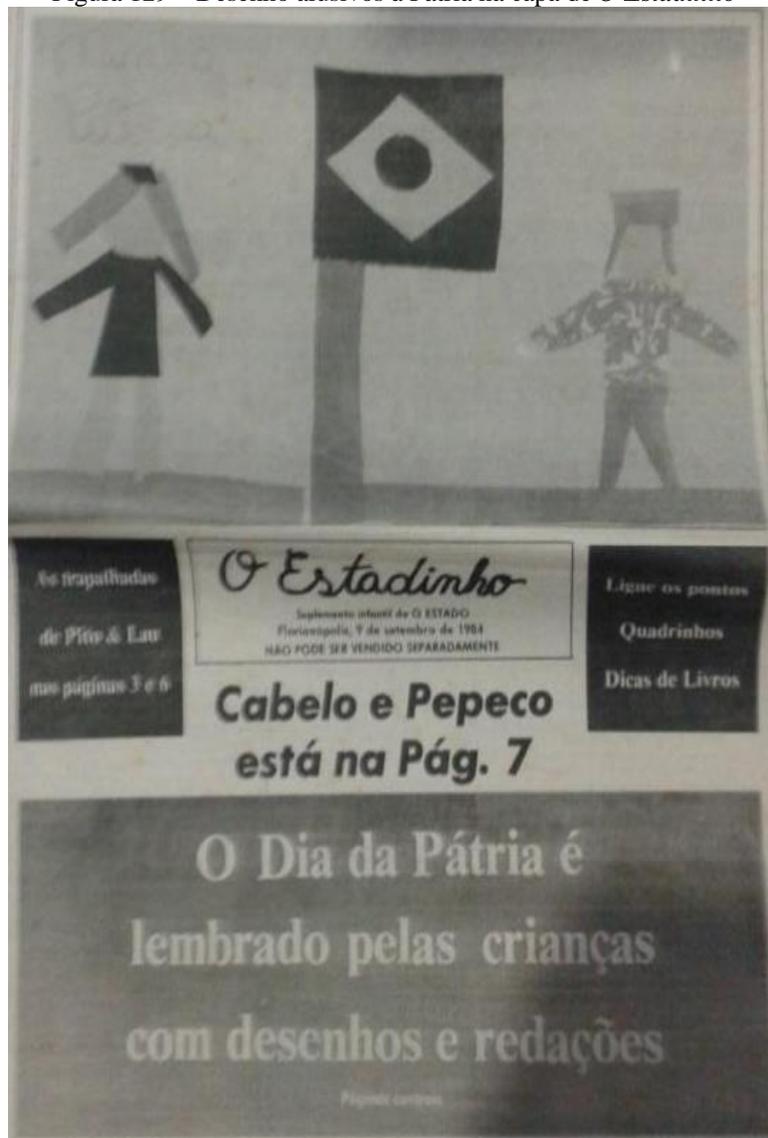
Foram, em 1984, frequentes os espaços destinados à colaboração do leitor que, não mais precisava, necessariamente, enviar seu texto ou um desenho para ter um jornal com a sua “cara”. O convite ao desenho ou a uma poesia, logo após um texto, animava a participação infantil, permitindo uma interação entre jornal e leitor para além da leitura.

---

<sup>135</sup> Mary Elizabeth Benedet Garcia foi coordenadora e também editora de *O Estadinho* entre os anos de 1984-1985. Sua colaboração com o suplemento deu-se por meio do Projeto Pró-Criança/LADESC, entretanto seu vínculo empregatício era com a Fundação Catarinense de Cultura, na qual atualmente é Diretora de Difusão Artística.

A capa, lugar de destaque em impressos dessa natureza, também se converteu à criatividade infantil. Foi a partir de 1984 que os desenhos de leitores passaram a dividir o espaço da capa, tirando de pauta as tradicionais fotos de bebês e crianças que costumavam estampar a primeira página do suplemento.

Figura 129 – Desenho alusivos à Pátria na capa de *O Estadinho*



Fonte: *O Estadinho* (9/9/1984, p. 1) – Acervo da autora

Essa maior possibilidade de expressão infantil, dada nas capas como nos espaços internos oferecidos pelo jornal, pode ser notada nos escritos publicados no suplemento, de 9 de setembro de 1984, quando, por ocasião da data cívica da Independência do Brasil, *O Estadinho* publicou redações e textos de alunos de duas escolas florianopolitanas. Na capa, o suplemento destacou a participação de leitores que escreveram e desenharam suas homenagens ao Brasil. Fabiana Rebelo teve seu desenho

(uma montagem com destaque a bandeira do Brasil, o maior símbolo nacional) publicado na capa. Outros cinco desenhos de crianças, na qual não foi possível identificar a escola em que pertenciam, foram publicados no interior do jornal. Todos com símbolos patrióticos e alguns com escritos de adoração à pátria. Essa forte referência aos símbolos nacionais permite pensar que, embora houvesse um clima de descontentamento e questionamento ao país (governo), representações nacionalistas e patrióticas continuavam a circular no ambiente escolar, refratando que as mudanças também são nuançadas e que variadas representações conviveram no suplemento infantil catarinense.

Do Curso Elementar Menino Jesus, seguindo este sentimento de amor a pátria -, foram publicados três trabalhos de alunos do ensino primário: uma redação mais extensa, contando o fato histórico de 7 de setembro de 1822; uma poesia e; um cronograma ou lista de atividades a serem realizadas pelos alunos por ocasião da comemoração da Independência. Duas redações também integraram os escritos de homenagem à pátria, porém, com elementos de certa oposição aos relatos mais românticos da Independência, ambas da mesma escola.

O Colégio de Aplicação, vinculado à Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), já havia participado de outras atividades em parceria com o suplemento, assim como os alunos do Curso Elementar Menino Jesus contribuía com seus textos para concursos elaborados pelo suplemento. No concurso que homenageou o Sesquicentenário da Independência, dois dos 24 concorrentes à melhor redação eram alunos do Curso Elementar Menino Jesus.

Sem chamar de concurso, sem premiar e julgar, *O Estadinho* nuança uma mudança dentro da continuidade. O jornal garantia o espaço à valorização da pátria, como mantinha a intenção de publicar os escritos infantis, numa espécie de comprovação entre infância e escola, entretanto, as narrativas laudatórias, até então unânimes, dividem espaço com outras formas de pensar a pátria. De pátria amada, o Brasil passa a ser questionado.

Esse questionamento não se dá num consenso geral, mas, aparece como fruto de uma determinada realidade que provém de um lugar de fala (CERTEAU, 1982) onde há discussões e posições marcadas, representativas de um determinado grupo. Assim, pode-se perceber que a continuidade em garantir o espaço de homenagem à pátria e às crianças escolarizadas não garante a continuidade de um discurso, pois, agora, isso

aparece mesclado a outras ideias sobre o processo de Independência. Permanece o espaço à homenagem, mas, rompe-se o discurso hegemônico.

Se, por um lado, em 1972, o discurso anunciado voltava-se a uma memorização do presente por meio do passado, sendo isso decorrente da forte campanha imposta pelo Governo Médici, por outro, 1984 anunciava um desejo de mudança, essencialmente, no sistema político eleitoral. A campanha pelas Diretas Já movimentou o país, de 1983 até abril de 1984, levou às ruas o povo brasileiro, que soube mostrar sua indignação frente às forçar militares que ainda permaneciam no comando do país.

Viveu-se um clima de insatisfação por tudo o que vinha acontecendo no país: a década perdida tinha perdido as Diretas Já, mas, buscava romper com os discursos enraizados e visões limitadas da vida política e social. Nessa esteira, novos paradigmas também repercutiram visivelmente no ensino escolar, ainda que de modo tímido, mas, já em algumas instituições, como se pode verificar nos trabalhos escolares publicados no suplemento infantil.

Com o objetivo inicial de servir de campo de estágio aos estudantes do curso de Didática, da Faculdade Catarinense de Filosofia, foi fundado o Colégio de Aplicação, no ano de 1961, chamado de Ginásio de Aplicação. Inicialmente, atendia apenas os cursos ginasiais que foram implantados gradativamente ao longo de quatro anos. Integrante do Sistema Federal de Ensino, o Colégio passou a oferecer o Ensino Fundamental somente na década de 1980, e seus alunos eram quase que exclusivamente filhos de professores e servidores técnico-administrativos da Universidade Federal de Santa Catarina. Somente 12 anos mais tarde, o colégio determinou, por meio da Resolução n. 13/CEPE/92, que o ingresso de alunos começasse a ocorrer por sorteio e aberto à comunidade.

Situado no Campus Universitário Federal, o colégio visava uma orientação mais politizada, sendo muitos de seus professores ligados à manifestações estudantis ou de classe. Havia com frequência discussão acerca de temas políticos e sociais e uma forte vinculação à política esquerdista, principalmente, por parte de alguns professores, como relatou a aluna Eleonora Castelli (2013, p. 2), lembrando as aulas de História:

A melhor lembrança que eu tenho do Colégio de Aplicação enquanto estudo, eram das aulas de história. O professor contava a história e nos fazia refletir a respeito. Claro havia uma postura de esquerda. Nas provas a gente tinha que..., devia escrever. Ler os livros e prestar atenção nas aulas. As perguntas a gente tinha que dar uma resposta reflexiva. Eu me lembro de uma época de euforia... A gente tinha sido massacrado por aquela ditadura, foi um regresso, muitos professores ficaram nessa adolescência, nesse regresso, nessa rebeldia interna. Não tinha gente de direita com espírito crítico.

O Colégio de Aplicação caracterizava-se pela multiplicidade de ideias, pelas divergências políticas e pelo confronto intelectual. Não havia, na escola, uma supremacia ideológica, mas, o que existia era certa autonomia individual, que cada professor, à sua maneira, expressava em suas aulas.

Na linha oposta, o Curso Elementar Menino Jesus, fundado em 1955, pelas irmãs Madre Chanthal Wanten e Madre Ancilla Scheufens, tinha uma orientação fortemente católica. A escola privada atendia aos filhos das camadas elevadas da sociedade, inicialmente, com turmas de educação infantil e primeira fase do ensino fundamental. A partir de 1973, adotou o Sistema de Montessori<sup>136</sup> de Educação, ainda que de modo intuitivo, e, no final da década de 1990, passou a oferecer todas as séries do ensino fundamental.

São duas instituições bastante distintas, mas, que, de certa forma, enquadravam-se em algumas similitudes: ocuparam as páginas de *O Estadinho* com assuntos supostamente abordados em aula e atendiam parcelas estudantis bastante específicas de Florianópolis. O Colégio de Aplicação atendia, em sua grande maioria, filhos de servidores e professores da Universidade Federal que, em boa medida, faziam parte de uma elite que, naquele momento, gozava da estabilidade do serviço público e também de certo poder de consumo. Assim, também, o Curso Elementar Menino Jesus não estava acessível a todas as crianças florianopolitanas, haja vista a cobrança de mensalidade e a orientação vocacional e religiosa, fatores certamente limitantes para muitas famílias.

Se as semelhanças são verificadas no suplemento, é por meio dele que as diferenças se destacam: tanto na faixa etária dos participantes quanto, principalmente, no posicionamento das narrativas publicadas no jornal.

Foram três alunos do Curso Elementar Menino Jesus que manifestaram sua homenagem à pátria. O primeiro escrito foi de Helena Mayer, aluna da 4ª série cujo título – “Independência do Brasil” – já sinalizava para um conteúdo mais laudatório. De escrita impecável e em primeira pessoa do plural, nomeava Dom Pedro, Dona Leopoldina e José Bonifácio como os grandes heróis da pátria, ressaltando que a Independência deu ao país as “rédeas” de seu destino:

---

<sup>136</sup> Educação Montessoriana ou Sistema de Educação Montessori, tem como objetivo permitir com que o aluno por meio de atividades práticas busque e desenvolva seus aspectos cognitivos, sensoriais e motores. O professor atua de forma a ajudar nesse processo, pois a condução deve ser dos estudantes.

[O] 7 de Setembro é a grande data da Pátria. Marca o dia em que nos tornamos independentes, em que ficamos senhores do nosso destino. D. Pedro I, ao chegar de Santos, entrou nas proximidades do Riacho Ipiranga, emissário do Rio de Janeiro, que lhe traziam mensagens de Lisboa prejudiciais ao Brasil, uma vez que exigiam o retorno de D. Pedro à corte portuguesa. Com as mensagens vinham cartas de José Bonifácio e Dona Leopoldina, além de um comentário do Deputado Antonio Carlos, onde pediam a reação do príncipe para evitar que o Brasil fosse submetido ainda mais a Portugal. D. Pedro comoveu-se. Sentiu que era chegada a hora tão esperada pelos brasileiros. E no mesmo local, a 7 de setembro de 1822, às margens do riacho Ipiranga com o grito imorredouro de “Independência ou Morte”, determinou o rompimento dos laços que nos prendiam aos antigos colonizadores. A proclamação da independência foi o ponto culminante de uma reação que havia muito se manifestava através de movimentos nativistas. Os brasileiros sentiam-se diminuídos em seus direitos legítimos quantos às responsabilidades de administrar o País. Já era um povo verdadeiramente constituído, com seus costumes e aspirações. Não era mais possível aceitar as imposições que vinham de Lisboa. O povo queria o Brasil para os brasileiros. E isso foi conseguido. (O ESTADINHO, 9/9/1984, p. 4).

Apesar de uma movimentação mais crítica, na década de 1980, muitos livros didáticos ainda circulavam com esse discurso mais tradicional e laudatório. O Curso Elementar Menino Jesus, por meio das publicações de seus alunos, permite atestar como a própria escola tratou o assunto Independência, já que os alunos refletem em seus trabalhos a ideia de pátria amada com glórias, honras e vitórias, de modo bastante semelhante aos textos produzidos no ano comemorativo ao sesquicentenário. Outro escrito de homenagem à pátria, em forma de poesia, evidencia o espírito nacionalista e o sentimento de amor incondicional ao país. O menino Ricardo da Cunha, também, aluno da 4ª Série, escreveu:

Oh minha Pátria  
tão bela, tão bonita  
Por ti, oh minha querida  
eu seria capaz de dar a vida  
para mostrar que eu te amo  
365 dias por ano. (O ESTADINHO, 1984, p. 4)

Entretanto, o clima daquele ano em nada se assemelhava a tal pujança propagandeada pelo regime ditatorial. A década de 1980 apresentava-se para os brasileiros com muitas dificuldades. A crise econômica, o desemprego, a inflação e a dívida externa estampavam, com frequência, as páginas dos jornais. Em 4 de agosto de 1984, a capa do jornal *O Estado* trouxe a greve das universidades federais e o plano do Governo do Estado contra a crise. Somado a isso, havia a decepção do povo brasileiro a respeito das manobras políticas que puseram uma pá de cal sobre o movimento das Diretas Já. O governador de Santa Catarina, naquele ano, Esperidião Amin, em matéria

publicada no jornal *O Estado*, sobre um evento do qual participara, no Estado do Rio de Janeiro, evidenciou que, para ele

[...] a imagem da classe política e especialmente o Congresso Nacional ficaram comprometidas com a negativa às eleições diretas no País, frustrando o povo que ansiava por eleger o futuro Presidente da República. (O ESTADO, 4/8/1984, p. 9).

No mesmo dia, outra matéria que chamava a atenção do leitor atribuía à crise o aumento no número de “pedintes” nas ruas, isto é, pessoas de todas as idades, inclusive menores e idosos que tentavam buscar um “complemento” da renda. Muitos não conseguiam sobreviver com a aposentadoria. Assim, o relato de “[...] alto custo de vida, péssimas condições de sobrevivência e o consequente arrocho salarial” (O ESTADO, 4/8/1984, p. 2) evidenciava as dificuldades atravessadas pelo país naquele momento. O problema não se localizava apenas no estado catarinense, mas, era sentido por outros estados. A recessão e as dificuldades econômicas estavam por toda a parte e já ressoavam nas universidades federais, destacou a *Revista Veja*, em matéria de capa, na edição de 2 de julho de 1984, alertando sobre a greve em 29 instituições e que já passava dos dois meses. A matéria, que dizia “Professores em greve, Universidade doente”, mencionava como ponto chave da paralisação universitária a falta de reajuste e reposição salarial de professores e funcionários, assunto que também apareceu no jornal *O Estado*, em matéria que iniciava ironizando o milagre econômico:

[...] estamos a muito tempo a assumir por intermédio do tão propagado milagre brasileiro as infelicidades esparramadas por esse país. [...] agora é a hora e a vez de arrecadar donativos para os professores e servidores públicos federais que estão a necessitar de auxílio. Enquanto toda a vergonha nacional é legalizada, o assalariado brasileiro arregaça os bolsos, abre as portas dos seus armários, e com certeza encontra um tostão e um pedaço de pão para depositar nos postos de arrecadação que se encontram espalhados por este país. (O ESTADO, 8/8/84, p. 2).

Esse clima de insatisfação possivelmente repercutiu nos desfiles de comemoração à Independência do Brasil, que já não contavam mais com a presença de todas as escolas municipais como ocorrera em anos anteriores, como, também, não receberam muita publicidade, tal como nos de 1972. O governo, já desgastado, assistiu à festa da Independência com certo amargor naquele ano, ainda que persistisse o ritual comandado pelos militares e escolares com toda a pompa e circunstância, pois, as faixas erguidas, em muitas cidades brasileiras, demonstravam que aquela festa definitivamente não era a festa da Independência. Jornais e revistas expressavam o luto que persistia nos brasileiros, não só pelo desgaste econômico, mas, sobretudo, pela manobra que tinha feito o movimento das Diretas Já morrer na praia.

Figura 130 – Desfile Cívico – Sete de Setembro 1984



Fonte: O Estado (12/9/1984, p. 3) – Acervo da autora

Muitas revistas e jornais, grandes veículos de difusão da informação impressa, já em meados da década de 1970, passaram a usar suas folhas para criticar o governo. (MIRANDA DA SILVA, 2014). Dentre os vários problemas relatados destacaram-se: as perdas salariais, o aumento da inflação, as más condições na saúde pública, a precariedade das rodovias, o crescimento desordenado das grandes cidades e os problemas com a educação básica e superior. (SILVA, 2004). Na década de 1980, os problemas se agravaram. Mesmo contando com polos industriais bem desenvolvidos, o aumento no custo do petróleo repercutia em vários setores da sociedade.

[...] crescimento lento nas exportações, aceleração nas taxas de juros internacionais, aumento da dívida externa. A inflação seguiu ascendente, chegou a 211% ao ano em 1983, 223% em 1984, no final do governo do general Figueiredo e bateu forte no bolso e no cotidiano do trabalhador e da classe média assalariada: descontrole nos preços, contas públicas deterioradas, recessão e desemprego. (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 470-471).

Esse movimento crescente, de crítica e de insatisfação, alimentado pela própria imprensa que lutava contra a censura e pela liberdade de expressão, pois, como relatou Veiga (2014, p. 356), “[...] as práticas da censura com relação aos jornalistas ainda estavam em pleno vigor no final do regime autoritário, um período já considerado de redemocratização [...]”, esteve muito presente em *O Estado*. O próprio *O Estadinho*, também, de modo muito sutil, imprimiu suas críticas às censuras sofridas pelas crianças por parte de pais e professores, não escapando a ideia de que o problema denunciado pelo suplemento também era sentido em outros espaços, por exemplo, nas redações dos jornais.

Essa mescla de denúncia e cautela pode ser percebida na homenagem de *O Estadinho* à pátria, no ano de 1984. Naquele ano, duas perspectivas de Brasil foram estampadas no suplemento. Em uma das escolas, por exemplo, a semana da pátria representava um período de plena glorificação do passado, como destacou a aluna Monica, do Curso Elementar Menino Jesus, ao publicar as atividades de sua escola em homenagem à pátria. Entretanto, outros estabelecimentos de ensino caminhavam na direção oposta, na medida em que questionar uma determinada leitura e interpretação do passado passou a ser a discussão do presente.

Tratava-se de uma mudança que podia ser percebida em alguns livros didáticos, os quais, ainda que trouxessem uma ideia glorificada de passado cujos heróis partiam quase sempre da nobreza, envolviam-nos em grandes batalhas e representavam o povo, já anunciando certo questionamento sobre algumas visões perpetuadas ao longo dos anos. Timidamente lançadas em alguns livros, mas, possivelmente, bem exploradas nas salas de aulas, as indagações sobre a história heroica reproduzida nos meios de comunicação, livros e filmes mostram, também, uma mudança epistemológica na escrita da história brasileira. A década de 1980 caracteriza-se por um momento de intensas discussões no campo historiográfico, motivadas pela virada linguística<sup>137</sup> e pela

---

<sup>137</sup> A virada linguística foi um novo paradigma no campo das Humanidades, que tencionou a relação entre linguagem e realidade. De acordo com Barroso (2015), nessa nova concepção a linguagem ganha certa autonomia, ou seja, sua função se dá de forma independente da realidade. Já a realidade só se torna acessível por meio da linguagem. Essa nova forma de pensar a relação entre a linguagem e a realidade fez com que muitos historiadores criticassem tal concepção, classificando a como subjetivista e relativista. “No entanto, a perspectiva gerada pelas novas análises linguísticas não consideram como problemático o fim da crença na correspondência entre linguagem e realidade, muito menos a ideia de que o passado não existe enquanto objeto de investigação. Pelo contrário, o fim dessa crença fomenta os debates historiográficos nos quais as escritas da história não passam de narrativas que são tentativas ou propostas de definição da relação entre linguagem e realidade. As propostas e demonstrações são formas de

proposta francesa de uma Nova História (BURKE, 2005), quando novos atores e também novos documentos entram em cena para a escrita da história. Indícios dessa nova perspectiva tornam-se visíveis em alguns ambientes, principalmente, aqueles que, de alguma forma, relacionavam-se ou ligavam-se aos campos acadêmicos<sup>138</sup>.

Assim, os dois textos que dividem espaço com as publicações escritas e os desenhos de crianças de outras escolas nos fornecem outra ideia de infância, ligada à crítica, uma mentalidade já mais conectada, também, com as discussões sobre a participação da criança nos assuntos cotidianos e envolvendo a política e sociedade. É a partir desse momento que o suplemento *O Estadinho* passa a se configurar como um jornal mais voltado aos interesses da criança. Tornam-se constantes a publicação de histórias e desenhos infantis, ocupando, frequentemente, a capa do suplemento, bem como se amplia à seção destinada à comunicação de leitores e editores, sempre com as respostas às cartas na mesma edição em que eram publicadas.

As redações publicadas pelo suplemento apareceram na seção Semana da Pátria. Com duas páginas, a seção apresentou: dois textos de alunos do Colégio de Aplicação; três escritos de alunos do Curso Elementar Menino Jesus; cinco desenhos de crianças estudantes de outras escolas catarinenses e; três jogos de passatempo, sendo dois alusivos à pátria. Tanto os desenhos quanto os passatempos traziam como elemento comum a bandeira do Brasil, o maior símbolo da pátria. Nos desenhos, a bandeira é apresentada junto de outros símbolos de luta, tais como soldados e navios, mas, também, aparece ao lado de pessoas supostamente comuns ou de situações cotidianas (como em meio à natureza e próxima a pessoas em uma rua). É possível perceber que a bandeira atuava fortemente no imaginário das crianças, sobretudo, como uma representação ligada aos eventos de conquista, luta e certa grandiosidade. Tal fato sugere pensar que, também, nas escolas o movimento de transição se deu de modo lento, pois, ainda que novas perspectivas e olhares começassem a surgir acerca do tema Independência do Brasil, os resquícios ideológicos produzidos pela ditadura militar estavam presentes.

---

organizar o conhecimento sem encerrá-lo, isto é, são muito mais compreensivas do que cognitivas. Elas devem contribuir menos para descrever o passado do que para interpretá-lo.” (BARROSO, 2015, p. 138)

<sup>138</sup> Os cursos de pós-graduação em história da educação, por exemplo, que, nos anos de 1980, lançaram discussões sobre novas fontes e novos personagens da história (NUNES; CHAGAS, 1993), possivelmente, reverberaram em espaços como o do Colégio de Aplicação cujos documentos norteadores elaborados pelos profissionais da escola sinalizavam para um posicionamento crítico e consonante com as discussões acadêmicas.

Marcado pela presença de jovens estudantes em formação, haja vista o seu propósito experimental, o Colégio de Aplicação possuía boa parte de seu corpo docente com estudos de pós-graduação. O elo com a Universidade Federal proporcionava, também, uma maior interação com colegas atuantes no ensino superior e, de certa forma, mais envolvidos com debates epistemológicos, questões voltadas às pesquisas de ensino e aprendizagem, bem como metodologias de ensino, afinal, o colégio visava: “[...] à transmissão, produção e apropriação crítica do conhecimento com o fim de instrumentalizar a responsabilidade social e a afirmação histórica dos educandos” (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, COLÉGIO DE APLICAÇÃO, 1991, p. 11).

Diante desse ideal, os docentes deveriam conduzir suas práticas, propiciando “[...] os conhecimentos necessários para instrumentalizar o educando na sua atuação, tornando-a crítica e produtiva no processo de transformação no mundo e na consequente construção de uma sociedade justa e igualitária.”. No documento norteador das práticas pedagógicas do colégio, a prática de “possibilitar ao educando a vivência de práticas democráticas concretas para que ele possa desenvolver-se como sujeito livre, consciente e responsável na construção coletiva da realidade histórica.” (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, COLÉGIO DE APLICAÇÃO, 1991, p. 11) também deveria permear as aulas ministradas naquela instituição.

O engajamento político e social de funcionários técnico administrativos, docentes e alunos, do colégio da UFSC é considerado uma marca da escola. Em muitos movimentos grevistas e reivindicatórios, alunos saíram em passeata junto da comunidade universitária. Mesmo que muitos ocupassem tal espaço apenas por uma suposta diversão ou transgressão juvenil, não se pode deixar de mencionar que, possivelmente, as discussões realizadas em sala de aula podem ter contribuído para o reconhecimento de uma sensibilização e desejo de se engajar nas causas políticas e sociais do momento.

Esse modelo de educação, anunciado no Projeto Político Pedagógico da escola, certamente, ecoou na cabeça dos seis alunos que, munidos de uma retórica crítica, escreveram suas impressões sobre o Brasil, as quais se chocavam com a visão romântica e gloriosa do passado. Eram questionamentos que relacionavam os problemas econômicos vividos naquele momento histórico com o próprio processo de Independência do Brasil. A tão querida e amada pátria, homenageada em 1972, com as redações de Marcelo Abraham Peixoto e José Carlos Xavier, passou a ser questionada. A postura do suplemento em publicar, também, textos que questionavam os atos

históricos do país possibilitam a verificação de outra infância em ascensão, pelo menos nas páginas de *O Estadinho*. Eram crianças preocupadas com seu país, certamente, motivadas pelos livros que liam e pelos discursos de que participavam, tanto em aula como, possivelmente, no ambiente familiar, e que puderam afirmar, por exemplo, que: “[...] o Brasil ainda é um país dependente e que precisa ainda hoje lutar pela sua independência.” (O ESTADINHO, 9/9/1984, p. 4).

Não aceitar o discurso contido em muitos materiais escolares que circulavam como reminiscências de um passado de glória demonstrava, de certa forma, uma mudança não somente em alguns conteúdos escolares, mas, particularmente, no modo como eram abordados tais assuntos. Os textos (um de produção coletiva e outro individual), que questionavam o processo de Independência brasileira, mostram, de modo bastante significativo, a apropriação daquele grupo formado por meninos e meninas, de idade entre 12 e 13 anos: a valorização do debate, o pensar e a produção da escrita feitos coletivamente e não somente por materiais escolares. A escrita dos alunos traz informações bastante realistas do período que, certamente, podem ter sido retiradas de outras fontes como jornais, revistas e mesmo televisão, a qual, de acordo com o Censo de 1980, já estava presente em mais da metade dos domicílios brasileiros, número que aumentou ainda mais no transcorrer daquela década. Toda essa atmosfera mais crítica que atingira em certa medida algumas instituições de ensino, a exemplo do Colégio de Aplicação, encontrava espaço também no suplemento infantil<sup>139</sup>.

A discussão sobre dívida externa era constante. Circulavam nos meios de comunicação, com certa frequência, críticas ao governo. Contudo, relação de dependência criada entre Brasil e países desenvolvidos também foi relatada na redação de Alexandre Schmitt, Carina Scheibe, Edilene Gonçalves, Eleonora Castelli, Maurício Mello. Logo no início da redação mais extensa, dentre as cinco publicadas pelo suplemento, aquela que põe em xeque a Independência do Brasil logo em seu título – “Brasil: um país independente?” – relata, de modo afirmativo, o que a imprensa também alardeava:

---

<sup>139</sup> A equipe editorial que assumira o infantil a partir de 1984, contava com a colaboração de universitários, profissionais ligados a área da educação e cultura, além de jovens atuantes na cena cultural catarinense. Uma equipe que buscava ampliar o repertório infantil, dando a conhecer outros espetáculos de teatro, que não só os produzidos por Valdir Dutra, motivando a participação do leitor não apenas para o envio de fotos de crianças, valorizando a pluralidade de ideias e o respeito a versões diversas de um mesmo acontecimento, sem emitir juízo de valor. Uma equipe entrava em cena para fazer ressoar uma visibilidade a infância, partindo dos programas e projetos da LADESC, vinculadas ao governo do Estado de Santa Catarina.

Após ser reconhecida a Independência do Brasil, este já estava com sérios problemas em sua economia. O que resultou disso foi uma grande dívida com a Inglaterra. Com isso, o Brasil estava totalmente nas mãos (dependente) da Inglaterra. Começou aí, a famosa dívida externa brasileira que só aumenta e nunca diminui. (O ESTADINHO, 9/9/1984, p. 4).

A situação política e econômica do Brasil era alvo de críticas diárias e nem mesmo a semana de comemoração à Independência abafou as discussões. O momento era bastante tenso e, ainda que o editorial do jornal *O Estado*, publicado em Sete de Setembro de 1984, defendesse a imagem de país em pleno desenvolvimento, livre e pujante, as páginas destinadas – principalmente – à política e economia mostravam as crescentes dificuldades nas quais o país se encontrava, resquícios da ditadura que ainda se manifestava, como se pode constatar em matéria publicada no próprio jornal *O Estado*, do dia 7 de setembro de 1984. Com o título “Deputado faz denúncias sobre pressão política”, o texto denuncia as imposições de alguns políticos e homens ligados a cargos de chefia no governo que, por meio de suas atribuições públicas, tentavam coibir os votos para o Movimento Democrático Brasileiro - MDB.

[...] o Sr. Nilton Olinger, Chefe do Posto de Saúde local, advertiu os seus funcionários que “cada um vai ter um vereador em quem votar” e que o voto será marcado para que os que traírem sejam depois colocados fora do serviço. Acrescentou que o candidato a prefeito pela Arena, João Chaves, em seu próprio benefício alega que poderão ser presos os que votarem na oposição. (O ESTADO, 7/9/1984, p. 3).

O clima de descrença política, entretanto, não era algo desconhecido, mas, apenas tinha se tornado mais visível, pois, os próprios meios de comunicação, cada vez mais, se posicionavam como porta vozes da verdade, da informação crítica, da imparcialidade, da pluralidade, de um estilo moderno de jornalismo e apartidário, características que Luiza Villaméa (2013) qualificou como sendo capitaneados pela *Folha de São Paulo*.

O jornalismo defendido pela *Folha de São Paulo*, a partir dos anos de 1980, também já se fazia notório no tocante às críticas quanto às ações do governo. A *Revista Isto É*, lançada no ano de 1976, desde seu primeiro número trazia textos com conteúdos que, para além da crítica, utilizavam “[...] em larga escala análises irônicas e o inconformismo que o cenário político nacional despertava.” (MIRANDA DA SILVA, 2014, p. 126). De grande circulação, a Revista Veja se mostra, também, nesse período de abertura política, como um veículo de comunicação cuja postura costumava contrastar com a imagem defendida e divulgada pelo governo militar aludidas em suas

campanhas que visavam “[...] fortalecer valores, ligados ao amor à pátria, a instituição familiar e o caráter do povo brasileiro.” (MIRANDA DA SILVA, 2014, p. 126). Obviamente, alguns aparelhos da imprensa optavam por um jornalismo não tão crítico ou mantinham-se na fronteira entre a oposição e a situação. A própria *Revista Veja*, como cita Miranda da Silva (2014, p. 136-137), publicou, na edição de 27 de junho de 1979, matéria de capa sobre os Anistiados, com declarações desrespeitosas a muitos homens e mulheres que lutaram contra o regime ditatorial. A revista diz que os anistiados que poderiam regressar ao país deveriam “moderar o passo”. Também, “Baderna, truculência e desrespeito à lei” foram os adjetivos usados para classificar o movimento de greve dos trabalhadores da construção civil, realizado em Belo Horizonte. Miranda da Silva (2014) ainda destaca que, a partir de meados de 1979, as ações cidadãs que não estivessem relacionadas diretamente ao ato reivindicatório de liberdade de imprensa estariam praticamente descartadas pelo impresso.

A abertura política não fez mudar, da noite para o dia, os discursos circulantes, as atitudes políticas, as mentalidades e o cotidiano das pessoas. A mudança ocorreu lenta e mescladamente, como camadas que vão se sobrepondo, de maneira que mesmo a força daquelas que estão na superfície não consegue eliminar a das outras que, ainda que estejam abaixo, não deixam de sustentar as de cima.

*O Estadinho* e *O Estado* possibilitam refletir sobre como a abertura política, as matérias e reportagens que traziam em seu conteúdo críticas ao governo e a necessidade de discussão do sistema político vigente reverberaram, de certa maneira, aquilo que se evidenciava naquele momento, ou seja, a ordem do dia, aquilo que estava na superfície. Entretanto, tendo o suplemento infantil catarinense como referência, percebe-se que nele também coube – mesmo que em poucas palavras e na página ao lado – o outro discurso que trazia resquícios de um tempo em que o país deveria ser amado sob qualquer hipótese, em que os questionamentos, críticas e ataques corriam pela clandestinidade e, aos meios de comunicação formais pouco restava além de acatar as imposições e a censura de um governo de exceção, como bem ressaltam as pesquisadoras Schwarcz e Starling (2015), ao falar do “fenômeno” criado pelo governo ditatorial, sob o nome de “milagre econômico”:

Mas, enquanto os militares aprofundavam os instrumentos de repressão dentro das fábricas – e para o restante da sociedade –, a economia se aqueceu e a inflação, em vez de subir, passou a cair. Teve início um surto de crescimento que, no seu apogeu, superou qualquer período anterior, e o governo começou a falar de “milagre econômico brasileiro”. A performance de crescimento seria indiscutível, porém o milagre tinha explicação terrena.

Misturava, com a repressão aos opositores, a censura aos jornais e demais meios de comunicação, de modo a impedir a veiculação de críticas à política econômica, e acrescentava os ingredientes da pauta dessa política: subsídio governamental e de diversificação das exportações, desnacionalização da economia com a entrada crescente de empresas estrangeiras no mercado, controle do reajuste de preços e fixação centralizada dos reajustes de salário. (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 452-453).

Além mostrar o “milagre econômico brasileiro” como muito mais relacionado a uma campanha de publicidade em prol do governo militar, Schwarcz e Starling (2015) acrescentam em suas análises uma das maiores consequências do dito “milagre” à economia do país: a dívida externa.

O “milagre econômico”, contudo, teve um preço, e o crescimento da economia se fez acompanhar de um processo acentuado de concentração de renda, resultado de uma política salarial restritiva, em que os ganhos de produtividade não eram repassados para os trabalhadores. Deu-se também um aumento vertiginoso da dívida externa, com o país mais vulnerável às alterações do cenário internacional em decorrência da captação de recursos privados no exterior – com financiamento mais barato e maior prazo – e obtenção de crédito para a indústria em bancos privados internacionais com juros flutuantes e elevados. (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 453).

A dívida externa foi, naquela década, um dos assuntos mais comentados nos meios de comunicação. Não por acaso o assunto apareceu como tema de uma das redações publicadas em *O Estadinho*. O texto do menino Santiago Tomás Bonsiepe, estudante do Colégio de Aplicação cujo título – “Nasce uma dívida externa” – já insinuava o conteúdo do escrito, em nada se relacionado a uma honraria ao país e à data da Independência. Além disso, foi escrito em primeira pessoa, como se a própria dívida externa estivesse narrando sua trajetória, mesclando ironia com crítica à política social e econômica do país. O menino fez uma espécie de arqueologia da dívida externa brasileira, tendo como ponto de partida a chegada dos portugueses ao Brasil, mas, com ápice durante o processo de Independência do país, em 1822.

Nasci há mais de 4 séculos, mais ou menos. Minha origem é portuguesa, ou por culpa deles. Comecei com pequenas dívidas penduradas da compra de ferramentas e navios da Inglaterra para a exploração do Brasil. Então, como precisavam de mais ferramentas e engenhos, fui crescendo, crescendo, crescendo. Dei um grande pulo em 1822, quando a guerra da Independência foi proclamada por Dom Pedro I e “financiada” pela Inglaterra. (O ESTADINHO, 9/9/1984, p. 4).

O outro escrito, também, de alunos do Colégio de Aplicação, que questiona a Independência do Brasil, fez forte menção à dívida externa. Entretanto, ressaltou que o

início dessa dependência externa se dera a partir da Independência anunciada em 1822, sendo isso o que fazia do Brasil um país ainda mais dependente.

Hoje com sua esplendorosa dívida externa, o Brasil se torna um país totalmente dependente economicamente. Isso resulta num estado de dependência política e social, submetendo o povo ao multinacionalismo e uma política (competitiva) totalmente desfavorável para um país subdesenvolvido como o Brasil. (O ESTADINHO, 9/9/1984, p. 4).

Ambos os textos trazem como tema a dívida externa como sendo a grande vilã pelo caráter de dependência do país. Assunto, como já visto, presente nas páginas de jornal, revistas e, também, em outros veículos de comunicação, como o rádio e televisão.

O Colégio de Aplicação, por ser uma escola experimental, vinculada diretamente à Universidade Federal, destacava-se por seu posicionamento crítico e um viés de esquerda. O contato frequente com alunos e docentes dos diversos cursos de graduação oferecidos pela universidade proporcionava à equipe de professores da escola o contato com metodologias de ensino mais recentes, com novas possibilidades didáticas, com materiais diversificados, práticas que repercutiam na atuação em sala de aula e também na motivação dos próprios alunos, os quais eram estimulados a exercer o pensamento crítico. O plano de ensino da disciplina de história da 7ª série do ano de 1983<sup>140</sup>, elaborado pela professora Ivonete Izé, dá indícios quanto à preocupação na formação de um pensamento crítico, atrelado à concepção de história como uma construção humana.

OBJETIVO DA SÉRIE: Possibilitar o desenvolvimento do pensamento reflexivo e da capacidade de crítica, estimulando a aplicação dos hábitos adquiridos e ampliando a comunicabilidade através da expressão oral e escrita.

OBJETIVO DA DISCIPLINA: “Interpreta a história como resultante da ação humana.” (IZÉ, 1983).

Embora muitos livros didáticos sugerissem a abordagem do tema Independência da República nas 5ª séries, o Colégio de Aplicação, ao menos no ano de 1983, tendo como referência os planos de ensino daquele ano, optou por apresentar o assunto na 7ª série. Os livros didáticos encontrados na biblioteca do Colégio de Aplicação e de outras escolas (como o Colégio Lauro Muller e o Instituto Estadual de Educação), relativos à década de 1980, apresentam o conteúdo da Independência como tema da 5ª série,

---

<sup>140</sup> Não sendo possível encontrar o plano de ensino do ano de 1984, optou-se por usar como referência, o plano de 1983, da 7ª série, uma vez que nele estava presente o conteúdo Brasil Colônia – Brasil República.

entretanto, alguns livros limitavam-se apenas ao conteúdo e sem especificar a série a que se destinava, exceto o grau, conforme quadro a seguir.

Quadro 5 – Livros Didáticos de História

<b>Livro</b>	<b>Autor(es)</b>	<b>Ano</b>	<b>Série</b>	<b>Local</b>
História Dinâmica do Brasil	Bruna R. Cantele	1986	5 <sup>a</sup>	LEH
História do Brasil 2	Gilberto Coltrin e Alvaro Duarte de Alencar	1988 (4 <sup>a</sup> ed.)	Não específica	LEH
História do Brasil	Maria Januária Vilela Santos	1975	5 <sup>a</sup>	LEH
História – Reflexão e Análise	Paulo Alcantara	1987 – 19??	Não específica	LEH
História do Brasil	Antoracy Tortolero Araújo	1985	Não específica	LEH
História do Brasil	Marlene Ordoñez e Antonio Luiz de Carvalho e Silva	1975	5 <sup>a</sup>	LEH
História do Brasil	Oswaldo Rodrigues de Souza	1982	5 <sup>a</sup>	LEH
História da Sociedade Brasileira	Francisco Alencar, Lúcia Carpi Ramalho e Marcus Venício Toledo Ribeiro	1983	Não específica	IEE
História do Brasil	Souto Maior	1970	Não específica	IEE

Fonte: Dados da Pesquisa (2015)

Tal fato permite pensar não apenas em certa autonomia do Colégio de Aplicação quanto à organização dos conteúdos por série, mas, também, na inclusão de outros materiais que não somente os livros didáticos e paradidáticos para a elaboração das aulas, tais como alguns descritos nos próprios planos de aulas: mapas, textos, construção coletiva de materiais de estudos e saídas a campo.

Os textos elaborados pelos alunos do colégio federal fazem ressoar o espírito daquele período, entretanto, o fazem, porque o próprio meio se posicionava de modo crítico em relação ao sistema. Os meninos e meninas que, naquele ano, cursavam a 7<sup>a</sup> série, possivelmente, escreveram seus textos utilizando os recursos oferecidos em classe, mas, também, atentando-se a outros suportes que se popularizavam naqueles anos, como as revistas semanais e a televisão. Isso era diferente das redações laudatórias escritas para o concurso da Independência, de 1972, cuja rigidez textual e a perfeição ortográfica convidam a pensar na presença adulta nos textos. O material de 1984, ainda que carregado de críticas e ironias que podem parecer complexas para meninos e meninas de 12 a 13 anos, apresenta indícios de que aquela foi uma construção mais

espontânea, um *bricoleur*, que pode inclusive ter contado com a ajuda de um adulto<sup>141</sup>. O fato de o material ter ganhado as páginas de *O Estadinho* já supõe que texto tenha no mínimo passado pela avaliação e possível correção do professor responsável pela atividade que o suplemento publicou como sendo “Grupo” e “Pesquisa feita na biblioteca da escola”.

Há marcas, em ambos os textos, que permitem pensar que a publicação do material elaborado, possivelmente como fins avaliativos. O primeiro texto “Brasil um país independente?”, foi produzido de forma coletiva, acenado a possibilidade de uma tarefa ou trabalho em grupo, com pesquisa em livros, jornais, diálogos com familiares, outros professores, informações veiculadas na televisão, etc. Já o segundo texto, foi uma produção individual e que provavelmente também tenha sido oriunda de uma atividade avaliativa, podendo ser uma prova, uma redação, e mesmo um trabalho de pesquisa coletivo ou individual.

As duas escritas causam certa admiração pela clareza de ideias e sendo crítico, entretanto a redação de Santiago apresenta elementos de uma escrita mais refinada, embora seja constante o uso de termos e expressões bastante coloquiais. Há alguns lapsos quanto à utilização da vírgula e repetição de palavras, mas, aspectos que não comprometem seu conteúdo, que possui um tom bastante crítico e irônico. O menino Santiago apresenta uma relação bastante coerente entre a dívida externa e os presidentes

---

<sup>141</sup> Cabe ressaltar que tais escritas, em forma de redação e com aspecto crítico exercem certo encanto naqueles que pesquisam fontes que contem tal material. O risco de envolver-se de forma apaixonada e com limitado uso da razão, existe. “A tensão se organiza – em geral de modo conflituoso – entre a paixão de recolhê-lo inteiro, de oferecê-lo integralmente a leitura, de jogar com seu lado espetacular e com seu conteúdo limitado, e a razão, que exige que ele seja habitualmente questionado para adquirir sentido. É entre paixão e razão que se decide escrever história a partir dele.” (FARGE, 2009, p. 21). A historiadora francesa problematiza o uso dos documentos encontrados em arquivos, a mercê do esquecimento e as armadilhas que cercam o ofício do historiador de arquivos. É preciso atenção e racionalidade para livrar-se dessas armadilhas também listadas pela professora doutora Ana Chrystina Venâncio Mignot (2014), sobretudo em documentos produzidos por crianças. “Em estudos recentes, chamei a atenção para a necessidade de examinar as escritas infantis com cuidado uma vez que exercem tanto fascínio até mesmo em pesquisadores mais experimentados: 1. É necessário considerar que elas estão sempre de um modo mais forte ou mais tênue, submetidas às normas, ao controle do adulto sejam os pais ou professores, controle esse que pode aparecer tanto sobre a forma de incentivo quanto de correção; 2. Tal como os documentos produzidos por adultos, os produzidos pela pena infantil precisam ser perscrutados levando em consideração quem escreveu, quando escreveu, porque escreveu, para que escreveu, para quem escreveu, como escreveu, o que escreveu. Isto é, exige pensar no sujeito que escreve, nos contextos, nas motivações, nas finalidades, nos modos, nos suportes e nos conteúdos da escrita; 3. Como os adultos, as crianças também selecionam, elegem, omitem, enfeitam a própria vida. Suas escritas são apenas fragmentos de seus modos de ver o mundo. Não escrevem sobre tudo o que viveram, não vivem tudo o que escreveram; 4. Representam para os pesquisadores armadilhas para o olhar, na medida em que, como tantos outros documentos, trazem apenas vestígios do passado e não o que verdadeiramente aconteceu. São também resultado de censura e invenção; 5. Permitem explorar versões excluídas ou silenciadas na historiografia e na historiografia da educação, mas, tal compreensão, se constitui em convite para analisar os próprios limites que enfrentamos por não termos políticas públicas de preservação de tais leis documentais em nosso país (MIGNOT, 2013; 2014).” (MIGNOT, 2014, p. 119-120).

do Brasil, uma espécie de memória da dívida desde a Independência, como se percebe no trecho:

Veio o Getúlio e ele conseguiu até me diminuir, o que me fez odiá-lo. Vieram, depois de 1945, governos democráticos, como Gaspar Dutra que veio depois de Getúlio, o qual abriu o Brasil para multinacionais, que me fizeram crescer. Ao contrário do Dutra, Getúlio era muito nacionalista, e durante o seu governo enriqueceu o Brasil. Volta Getúlio, agora, escolhido pelo povo, novamente atentou contra mim, queria, por exemplo, nacionalizar as indústrias estrangeiras no Brasil, mas finalmente se suicidou. Vieram outros e depois do Jucelino, voltei a crescer. Veio o Jânio, meio louco o coitado, não regulava direito. Inesperadamente assumiu o Jango e finalmente, vieram os militares. Eles abriram as portas (em par em par) do Brasil para as multinacionais que tiravam quantidades enormes de riquezas. Os militares fizeram entre outras coisas a tentativa de um desenvolvimento rápido, ou dependente, usando capital estrangeiro e tecnologia importada – como por exemplo a Usina de Angra 1 e 2. Este maravilhoso país, não conseguiu ter o dinheiro na mão para pagar o dinheiro e a tecnologia importada, assim, cresci numa escala sem interrupções. (O ESTADINHO, 9/9/1984, p. 4).

Vale destacar, no texto de Santiago, a relação estabelecida entre dívida externa e governo militar, criticando fortemente tal regime, ainda em vigência naquele ano. Sem melindres, o estudante afirma que o anúncio militarista de um país desenvolvido, moderno, consumidor e tecnológico não ocorreram de graça, senão por meio de altos empréstimos de capital estrangeiro. Ainda, ele ressalta que a entrada pouco criteriosa - e altamente estimulada por esse governo – das multinacionais no país levaram daqui muitas riquezas – o que pode ser compreendido tanto como a exploração e extração de bens naturais como, também, o pouco cuidado na questão ambiental, evidentemente, pouco discutida à época.

*O Estadinho*, por meio dessa Homenagem à Pátria, evidencia os dois lados de uma moeda: um Brasil ainda aclamado, aplaudido e, acima de qualquer suspeita, um país cuja representação remonta ao seu passado – ‘passado inventado’, na perspectiva de Erick Hobsbawn (1997). Por outro lado, um Brasil mais relacionado ao presente como presente, um país sem disfarces, sem máscaras, cuja representação parte do cotidiano vivido por brasileiros e brasileiras naquele momento, refratando não apenas as censuras, torturas e criminalidades do governo militar, mas, também, uma recessão sentida no bolso, devido à alta da inflação e à defasagem salarial.

Embora timidamente, assim como *O Estadinho*, outros impressos infantis ocuparam-se em apresentar aos seus leitores mirins determinadas representações do país, da cidade, de aspectos culturais e até mesmo do governo. Alguns impressos infantis produzidos na Espanha (mas não somente na Espanha), antes da Guerra Civil Espanhola, indicam uma leitura bastante marcada no que tange à orientação política.

*Flechas e Pelayos*, por exemplo, representam em suas histórias a bandeira franquista e a representa como símbolo de liberdade, bondade, salvação à pátria, como se anuncia em várias páginas de seu jornal. Não se propunha ser um impresso imparcial e poderia ser pensado, inclusive, como um material formativo para aquela infância e juventude que o consumia. Trechos desse impresso ajudam a compreender que a representação de vida, sociedade e de cidadão – mostradas por meio de histórias em quadrinhos, passatempos, curiosidades, correspondência de seus leitores e outras seções – criam uma atmosfera propícia para fazer reverberar as ideias franquistas, algo que, guardadas as devidas proporções, não é tão distante do que ocorreu com o suplemento infantil catarinense no auge da ditadura.

Aquí en la primera página y en el comienzo de nuestra labor, la imagen del Caudillo: homenaje al hombre providencial, adhesión al jefe, admiración al general nunca vencido, gratitud al salvador de la Patria, cariño al que el la bondade de su corazón tiene cariño y solícitude para todos. Y con la imagen la consigna; esas palabras, llenas de luz, que van a ser como el alma de la revista que nace.

La unidad a la sombra de la Cruz y en el regazo de la Patria. Es la consigna del siempre victorioso para la victoria de la paz. El ejército infantil – las formaciones rientes de Flechas y Pelayos – la recoge con agradecimiento y com la firme promesa de convertirla en una realidad maravillosa. Todos lealmente y apasionadamente, porque todos son igualmente queridos, todos rezando, estudiando, jugando y trabajando para ser más dignos de él y de España. (FLECHAS Y PELAYOS, 11/12/1938, p. 2).

O viés ideológico dos impressos infantis não se manteve em alta apenas nos momentos de guerra, ditadura. Todo jornal, revista e suplemento, por meio de algumas ações, teve como objetivo formar público leitor, mas, também, formar escritores ou, ao menos, incitar seus leitores a pensar na possibilidade de continuação de uma atividade comunicativa. Ainda que, em *O Estadinho*, isso não apareça de forma clara, alguns indícios nos mostram que, destacadamente, depois de 1983, houve um desejo formativo ligado à capacidade de desenho e escrita de seus leitores.

*El Bollo*, uma revista espanhola de tiragem anual, produziu um suplemento, durante as décadas de 1960 e 1970, destinado à formação de escritores para sua revista. Em editoriais do suplemento infantil de *El Bollo* essa política ficava bastante evidente, como se percebe no suplemento de 1976.

Pero “EL BOLLÍN” no puede seguir las normas y las leyes de la Naturaleza tiene que permanecer siempre niño, para cumplir su finalidad. Es como se ha dicho varias veces – una plataforma de lanzamiento para quienes, el día de mañana, pueden llegar a ser com toda justicia colaboradores de la Revista Madre “El Bollo”. (EL BOLLÍN, 1976, p. 2).

Esse interesse para além da informação e do entretenimento infantil, com vistas à produção de um leitor mais crítico, capaz de interessar-se por questões do cotidiano, da cidade, do estado e do país vivido passou a se tornar constante no suplemento infantil *O Estadinho*. Assuntos ligados à economia, à política e à cultura passaram a ser abordados e, quase sempre, trazendo a opinião do leitor, por exemplo, as edições que trouxeram como pauta as obrigações do novo governador e a Constituinte.

A tônica dessa mudança, que não se pode atribuir a uma única causa, está relacionada, também, a uma nova representação de infância que tem sua emergência na década de 1970, quando os olhares se voltam para as crianças, principalmente, por meio de ações de políticas públicas. Não distante disso, a criança tornou-se alvo de um mercado consumidor e os serviços específicos para esse público passaram a aumentar. Tais fatos fazem mudar, ou melhor, acrescentam novas representações à infância, as quais começam a assumir uma postura mais “adulta”. A criança já pode consumir, opinar politicamente e, até mesmo, passam a ser ofertadas aos pequenos, roupas inspiradas nas coleções para adultos, mostrando, de certa maneira, que os pequenos podem ser grandes.

Mesclando os escritos das redações que homenagearam a pátria, em 1984, com a política editorial de *O Estadinho*, pode-se afirmar que a infância representada nas páginas do suplemento mantém-se fortemente ligada à escola. A respeito da linha reverberada em 1972, continua a perpetuar, em 1984, o ambiente da escola como representação da infância, entretanto, o sujeito escolar, o aluno e a criança já não aparecem mais como meros assimiladores de conteúdos. Esses atores, agora, ganham certa projeção, que tem vazão por meio da escrita, existindo a possibilidade de a criança interferir no jornal, de posicionar-se criticamente e de se ver nele. Nesse sentido, temas de certa complexidade, ligados à política e economia eram direcionados às crianças, evidenciando uma infância participativa e, de certa forma, preocupada com seu país.

As representações de infância veiculadas em *O Estadinho*, embora talvez muito distintas do que fosse uma infância real, são também amostras de um tempo e de uma infância que, mesmo não sendo a de muitos de seus leitores, representavam a existência de um pensamento muito específico, porém dominante, em relação à criança. Mais do que isso, evidenciavam a dialética existente no processo que envolve o suplemento e as crianças que nele atuam, sejam elas como colaboradoras ou leitoras.

## 7 QUANTAS INFÂNCIAS CABEM EM *O ESTADINHO* – UMA NARRATIVA QUE SE CONCLUI

Quantas emoções estiveram presentes no contato com o impresso destinado a meninas e meninos catarinenses? Foram quantas as crianças que esperavam ávidas pelo suplemento infantil, para com ele interagir das mais diversas formas? Quantos foram os pais que antes de entregar *O Estadinho* a seu filho ou filhos, folhearam-no em busca de uma foto de suas crianças? Quantos meninos e meninas deixaram o jornal infantil na mesa, mas sequer olharam para ele, pois o que lhes interessava era brincar na rua? Quantos professores puseram o suplemento em sua pasta e o levaram para escola, como suporte para suas classes? Quantas interações? Quantos interesses? E quantas possibilidades de pesquisa num material infantil, guardados aos poucos em acervos públicos e pessoais. Fragmentos de um tempo que não volta e tampouco se restitui, mas que permitem, justamente com esses “pedaços de papel” achados aqui e ali, inventariar uma história, pequenas peças de um quebra-cabeça sem fim.

Peças que permitiram montar uma narrativa sobre *O Estadinho* e as representações de infância contidas nele, mas que possivelmente continuarão a alicerçar outras narrativas. Das múltiplas possibilidades existentes, quando se opta, no campo da História da Educação, a empreender uma historiografia ancorada na História da Cultura Escrita e Leitura, essa foi a minha leitura possível. Uma narrativa que por aqui se conclui, porém dela poderão suscitar outros olhares, outras análises e outras escritas. Uma narrativa que vai a cada página, a cada capítulo mostrando ao leitor quem foram os leitores de *O Estadinho*, cuja tese defendida, de que esse suplemento proposto às crianças não fora de fato somente destinado ao público infantil, pouca a pouca se confirmava. O Estadinho foi também um produto destinado ao público adulto, que lhe conferia usos próprios.

Despedir-se de um material que por anos teve destaque no meu escritório, na bancada de estudos, que viajou comigo: a trabalho, como estudo, de férias; que atraía a atenção de curiosos quando o abria no ônibus, no restaurante, nos encontros de família; que foi tema de aula na escola de minha filha, não está sendo fácil, é preciso reconhecer. Mas é hora de guardá-lo, para poder prosseguir.

Foi por via do jornal *O Estado*, que *O Estadinho* ganhou o tempo de meninas e meninos. Suplementos infantis em jornais tornavam-se cada vez mais comuns, especialmente com a iniciativa de Maurício de Sousa em produzir conteúdo específico

para os jornais. Com o sucesso do suplemento infantil, *Folhinha de São Paulo* (1963), Maurício pôs em marcha um projeto que visava alcançar jornais em todo país, uma ideia que buscava, além de divulgar seu trabalho, aumentar as vendas dos jornais, como ocorrera com a *Folha de São Paulo*. Assim, *O Estado*, que vivera na década de 1970 sua fase áurea, opta por encartar um suplemento dominical infantil, uma tendência entre os jornais mais bem estabelecidos. Havia dinheiro para isso e supostamente a pretensão de deixá-lo cada vez mais parecido com os jornais de grande circulação. Prova disso é que, no mesmo ano em que nasceu *O Estadinho*, o jornal que antes circulava de terça a domingo passou a rodar também nas segundas-feiras, “[...] nós também vamos entrar nessa confraria de segunda-feira [...]” (*O ESTADO*, 6/10/1972), indícios de que o catarinense também se projetava nos jornais de grande circulação no país.

O material encartado pelo jornal *O Estado* oferecia às crianças, sobretudo, a possibilidade de leitura, uma vez que o material possuía, em sua maior parte, historinhas em quadrinhos. Entretanto, nesse suporte impresso, para as crianças era permitido também pintar, desenhar, preencher as atividades chamadas de divertimentos, inteirar-se sobre as programações culturais e as indicações de leituras, formular histórias, cartas, copiar receitas e até mesmo ficar em silêncio ou “entretidas” enquanto os pais liam o jornal. O suplemento encartado pelo jornal mais expressivo em relação à permanência no mercado e à circulação costumava chegar até as crianças pelas mãos de seus pais, seguindo um protocolo já praticado por outros jornais do país. Um artefato miniaturizado que, em seus primeiros anos, teve como principal atrativo os quadrinhos do cartunista Maurício de Sousa e seus divertimentos, um entretenimento que também, de certa forma, treinava a habilidade de controlar o lápis. O infantil catarinense, nessa perspectiva, foi um artefato produzido para as crianças, porém, isso não excluía outros usos e outras intenções que acabaram permitindo inferir que sua circulação em certa medida se voltava aos interesses dos adultos. O fato de possibilitar aos pais uma leitura tranquila enquanto os filhos interagem com *O Estadinho*, de certa forma já sinalizava uma intenção para além da satisfação infantil, embora a infância estivesse naqueles anos ganhando certa projeção.

A ideia levada a cabo pelo jornal *O Estado* não trazia nada de inovador no cenário impresso. Mas certamente dava importância à criança, ou pelo menos fazia ressoar a ideia de que uma criança poderia ter seu jornal para ler tal e qual um adulto. Essa atmosfera foi atribuída, especialmente, à expansão de novos mercados consumidores. A infância como outros grupos, por exemplo: as mulheres, os

trabalhadores e os estudantes universitários, passaram a ganhar produtos específicos para aquilo que os próprios veículos de comunicação afirmavam ser “obrigatórios” para essas categorias. A expansão da televisão e o aumento da circulação de variados impressos ajudaram a fomentar uma representação de infância atrelada não apenas ao consumo de brinquedos (artefatos mundialmente conhecidos por sua capacidade de divertir e de entreter crianças), mas a serviços voltados para esse público. Houve uma expansão na década de 1970 que se manteve nas décadas seguintes de serviços como: escolas de idiomas, artes, serviços de saúde específicos, escolinhas esportivas e até mesmo a notícia, a informação pelo impresso, deu eco a essa atmosfera de que a infância passava a ganhar certa proeminência. Não por acaso, o suplemento infantil da *Folha de São Paulo* já anunciava no ano de 1963 que aquele era um jornal “a serviço das crianças”, ou seja, um conhecido produto de adulto, agora seria para crianças e de interesse delas.

Para além do consumo, também entre as décadas de 1960 e 1970, uma efervescência política e social tomou conta de muitos países que sob o regime ditatorial puseram em marcha novas causas envolvendo questões ambientais, a politização do movimento estudantil, a busca pela igualdade de direitos das mulheres e também das crianças (PONTE, 2012). Nessa onda, a infância se destacou e passou a ganhar notoriedade. Políticas públicas a favor de meninos e meninas em situação de risco se tornaram mais constantes nas agendas governistas, assim como os direitos das crianças ganharam maior visibilidade em várias esferas da sociedade. Sob o impacto dessas discussões, o ano de 1979 foi estabelecido como o Ano Internacional da Criança, o que de certa forma demonstrava que a década de 1970 foi sim de reconhecimento às causas infantis, ou seja, colocou-se a infância em pauta.

Distrair os filhos, possibilitar contato com a cultura escrita e a leitura, treinar a mão foram as possibilidades de uso mais convencionais do suplemento nesses primeiros anos. Longe de um projeto gráfico autônomo e “importando” para o suplemento quase que em sua totalidade, o material do cartunista paulista, *O Estadinho*, deu a conhecer uma infância escolarizada e preparada para decifrar os códigos gráficos que davam voz aos personagens da Turma da Monica, crianças capazes de se concentrarem para realizar as atividades de destreza óculo-manual. Crianças com habilidade para ler as histórias de cunho moral, que, assim como as fábulas, divertiam e instruíam seus pequenos leitores. E, ainda que os textos parecessem demasiadamente rebuscados, o artefato dominical, que chegava à casa de cada um nos dias que supostamente a

presença dos pais era integral, poderia contar com a ajuda do pai ou da mãe para auxiliar na compreensão do texto. Outros elementos validam a afirmação de que o suplemento fora um artefato dedicado a um grupo de crianças que frequentavam a escola. Fotos de crianças participando de festas escolares, visitas de *O Estadinho* em colégios, textos contando sobre a persistência de crianças frente às dificuldades escolares e concursos de historinhas são vestígios dessa relação.

Os concursos lançados pelo suplemento ajudaram a conformar a escola como lugar social da cultura escrita, *O Estadinho* emprestou suas páginas para, do primeiro ao último exemplar desse acervo, creditar à escola esse papel formativo. Foram frequentes as relações com professoras e escolas. Quase todas as colaborações infantis, de desenho ou de historinha, foram publicadas mostrando, além do autor, o nome de sua escola, quando não o da professora. E o próprio suplemento enaltecia a figura da professora quando lançava algum concurso, dizendo “Peça para sua Professora...”, sinalizando que se tratava de uma infância que deveria estar na escola. Traços de que o suplemento pensado para crianças foi também dedicado à leitura e à participação de adultos, como os professores e pais ou familiares, estes últimos mais atentos para publicação de fotos infantis.

E, por meio da publicação de fotos infantis, *O Estadinho* também contribuiu para a representação de uma infância modelada pela estrutura familiar tradicional, ou seja, nuclear. As fotos exibidas em mimetismo com as colunas sociais dos jornais de adulto fizeram circular essa imagem de infância como a oficial, a representativa da sociedade brasileira. As fotos foram exemplos de certa projeção das crianças, entretanto, uma projeção limitada à família, haja vista que, logo abaixo da foto infantil, aparecia em destaque o nome do pai e da mãe de cada criança. Uma relação que de certa forma também motivava a compra do suplemento pelo adulto, pois ter o filho estampado na coluna social, ainda que fosse de um impresso infantil, era um fator de distinção e que dava a conhecer não só a criança, mas os pais. Para além das fotos, as historinhas veiculadas em *O Estadinho*, os textos que contavam sobre alguma façanha infantil frequentemente qualificavam a composição familiar nuclear.

Além da infância escolarizada, abrigada no seio de uma família nuclear, outra representação se mesclava a essas duas: uma infância “burguesa”, com hábitos de consumo consolidados; uma infância com certa liberdade de expressão sem deixar o aspecto formativo ou a projeção de um futuro de lado. Crianças consumidoras de arte,

com possibilidade de usufruir de um lazer pago, cujas bases calcavam-se em uma formação para a vida adulta.

Assim o suplemento infantil, colocou em circulação representações de infâncias que mescladas, ajudaram a consolidar uma infância ideal. Foram várias as representações, expressa por meio de anúncios bancários a publicação de fotos. Os anúncios bancários, por exemplo, destacavam a necessidade de poupar dinheiro para garantir um futuro, davam publicidade ao Banco Estadual de Santa Catarina – BESC, ao mesmo tempo que faziam ressoar a ideia de que era necessário poupar dinheiro para garantir o futuro das crianças. Anúncios dirigidos aos pais, corroborando com a ideia de uma infância alicerçada na família, com hábitos, de certa maneira, elitizados, haja vista que poupar dinheiro para o futuro dos filhos implicava em ter dinheiro suficiente para viver. Os jogos para treinar a habilidade óculo-manual, que estiveram presentes em quase todos os exemplares de *O Estadinho* ajudavam os pequenos leitores a domarem o lápis e a concentração. Exercícios que colaboravam com as aprendizagens relativas a escrita e leitura, sobretudo, nos primeiros anos de escola. A relação entre infância e escola também foi fortalecida pela criação de concursos, principalmente, sobre os que versavam sobre temas obrigatórios nas escolas, como a Independência do Brasil. Outro exemplo de representação de infância em *O Estadinho* foi o incentivo à compra de revistas, livros, discos. Índícios de uma infância onde os hábitos de consumo começavam a se consolidar, ao mesmo tempo em que se multiplicavam os produtos destinados as crianças com poder de compra.

Assim também a publicação de fotos de crianças, cujos pais em grande número enviavam pelo correio, como já mencionado, contribuiu para a representação de uma infância calcada em uma estrutura familiar nuclear, uma vez que publicadas, indicavam quase sempre em suas legendas o nome completo dos pais. Sem esquecer igualmente que a exposição – por meio das imagens – ajudava a fomentar gostos, hábitos, bem como determinados estilos de vida, que não necessariamente correspondiam a vida do fotografado.

Crianças estudiosas, nascidas em lares onde as figuras materna e paterna se faziam presentes, com hábitos de consumo incorporados ao cotidiano. Foram essas, em grande medida, as infâncias que por escrito, à mão ou com máquina, ocuparam aqui e ali as páginas que compunham o impresso infantil catarinense. Sinais que caracterizaram *O Estadinho* por toda aquela década de 1970, entrando também no começo dos anos de 1980. Porém, entre as permanências, mudanças foram anunciando,

ainda que discretamente, a entrada de outras representações infantis, que passaram a ocupar as páginas do material voltado a crianças catarinenses. Indícios de que a infância continuava em cena, mas

À criança nacional, na modernidade, a carregar a esperança e o orgulho do país em torno do seu sistema educativo, dos seus cuidados de saúde universais e benefícios sociais, contrapunha-se agora a criança libertada, criativa e crítica [...]. (PONTE, 2012, p. 121).

E foi apresentando com cada vez mais veemência uma criança com opinião, com desejos e munida de certa “maturidade”, pois o suplemento passou a destacar que não havia assuntos que não deveriam também ser de conhecimento das crianças, que *O Estadinho* deixou ver em suas páginas outras representações de infância. Nessa transição percebida no início dos anos de 1980, seguem as representações alicerçadas na escola, na família e sem ignorar os apelos voltados ao consumo e à criança como potencial consumidora, entretanto, dentro dessas instituições, novas sensibilidades ganharam espaço no infantil catarinense. Assim, em 1984, quando assumiu a coordenação de *O Estadinho*, a equipe vinculada à Liga de Apoio ao Desenvolvimento Social Catarinense – LADESC e à primeira dama do Estado, na época Angela Amim, põe em circulação aspectos mais ampliados da infância. Na escola, há mais espaço para a criança questionadora, para a exposição de uma visão crítica com relação à política e à sociedade; na família, as relações autoritárias são problematizadas; e o consumo ganha alternativas que possibilitam gozo de crianças das mais diversas condições financeiras.

Entretanto, no suplemento infantil não houve espaço para a problematização da infância marginalizada, da infância problema, da infância sem lar e sem escola. As poucas edições que mostraram crianças em condições diferentes daquelas que viviam com seus pais e frequentavam a escola, apenas descreviam a situação, porém já reconheciam que a infância pobre era, de certa forma, “menos alegre”.

Já nos jornais, a infância empobrecida, marginalizada e assistida tinha sua vez. Em páginas policiais, casos de pequenos delitos, vandalismos e situações que caracterizavam uma infância pobre, com morada nas ruas, muitas vezes, justificada pela violência no lar, em que a falta de estrutura familiar expulsava de casa, em sua maioria, meninos que precisavam buscar dinheiro para garantir a sobrevivência dos que ficavam em casa. Não foram poucos os casos relatados nos jornais catarinenses em que as crianças ganhavam notoriedade pelo envolvimento em pequenos furtos, desacatos a policiais e perturbação da ordem. Quando esses casos ganhavam as colunas policiais, o tom da notícia era, normalmente, de denúncia, de acusação, sem problematizar os fatos

que ocasionaram aquela situação de tensão. A criança, chamada de menor infrator, de delinquente, marginalizada, fora tratada como um mal que deveria ser extinto por meio quase sempre de ações envolvendo vigilância e punição. Ao Estado caberia combater muito mais a criança delinquente do que propriamente a situação que provocava aquela condição de violência. Outros casos envolvendo crianças que se encontravam em condições de vulnerabilidade foram igualmente destaque nos jornais catarinenses, também nas páginas policiais histórias de abandono e de maus-tratos deram a conhecer uma infância marcada pela dor. Rejeição, violência física, negligência eram quase sempre associadas a uma infância pobre. Crianças que tiveram seus nomes publicados e suas histórias expostas, opondo-se à infância alardeada em *O Estadinho*.

Nas páginas desses jornais, de certa forma, ainda que em colunas diferentes, foi possível perceber o reconhecimento de múltiplas infâncias. Assim também foi possível identificar vestígios de uma infância assistencialista, que necessitava de caridade, da bondade dos mais favorecidos. Nos informes publicitários, surgiam convites para festas beneficentes, campanhas de arrecadação de brinquedos e roupas para as crianças pobres. Atividades comumente promovidas por entidades coordenadas por mulheres que compunham a elite social. Nelas, a ausência de uma problematização sobre a situação de uma infância sem direitos, contudo, um bom motivo fazer circular perante os leitores uma imagem de beneficência, de caridade e certa preocupação com as crianças pobres, vinda de mulheres oriundas de estratos economicamente elevados.

As representações de uma infância escolarizada, de crianças pertencentes a famílias formadas por pai e mãe, com hábitos de consumo, inclusive de produtos específicos para crianças, também puderam ser vistas nos jornais. No caso do jornal *O Estado*, foram muitos os eventos, como os concursos de redação, de desenhos, de historinhas, que tiveram o incentivo do jornal dos adultos. Assim também as comemorações organizadas pelo infantil catarinense encontraram espaço em *O Estado*, que corroborou com a divulgação de uma infância ideal, semelhante à propagada pelo *O Estadinho*, entretanto, em menor proporção.

As representações de infância que circularam no impresso infantil catarinense, de certa forma também se relacionam com o posicionamento de sua equipe editorial. Essa foi uma significativa mudança no material infantil. Nos anos de 1972 a 1983, pouco espaço foi destinado à publicação de textos, desenhos ou outros materiais de crianças. *O Estadinho* era composto em maior parte de material elaborado por Maurício de Sousa, alguns textos de seus colaboradores, indicações de atividades culturais e

muitas fotos de crianças. Fotos essas enviadas a pedido do próprio suplemento pelos pais, a fim de compor uma “coluna social”. As colaborações infantis apareciam vinculadas a algum concurso ou mesmo a temas propostos pelo suplemento, e não seguiam uma regularidade como os quadrinhos da Turma da Mônica e a exposição de fotos. Embora não tenha sido possível identificar no suplemento, durante essa fase, um editorial que colocasse o leitor a par do seu projeto editorial, o material que nele circulava permite inferir que foi um suplemento infantil destinado a crianças, mas também aos adultos. Isso porque, de acordo com um de seus editores, Cesar Valente (2013), “[...] o grande sucesso *d’O Estadinho* durante muito tempo é que ele era um jornal para os pais, porque ele publicava a foto das crianças pequenas na capa”. A publicação de fotos significava uma projeção individualizada de cada criança que nele aparecia. Uma projeção que interessava ao adulto, reforçando ainda mais a representação de uma infância alicerçada na família, uma infância para ser mostrada, exibida, avigorando certa idealização de criança e de infância.

As representações de uma infância escolarizada, calcada na composição de família nuclear, inseridas num universo de consumo, se mantiveram durante a trajetória do suplemento infantil, da primeira a segunda fase. Entretanto, a partir de 1984, quando assumiu a coordenação de *O Estadinho*, a equipe vinculada à LADESC, um olhar diferente sobre a compreensão daquele grupo em relação à infância tornou o suplemento infantil mais crítico, voltado à participação de seus leitores, sem deixar o humor e a irreverência de lado. Uma nova fase para o material infantil foi alavancada por colaboradoras que já exerciam atividades educacionais ou estavam ligadas à cultura e às artes. Somado a esse fato, a conjuntura política e social do país vivia ainda determinada exaltação com o clima das *Diretas Já* e o fim da censura.

Mantendo o número de páginas, o tamanho do jornal e seu estilo como um suplemento de *O Estado*, *O Estadinho* mudou a maneira de dialogar com seus leitores, inovou seu conteúdo, ampliou sua circulação e buscou interagir com seu público, considerando seus desejos, mas sem menosprezar o caráter informativo que um jornal deveria possuir. E mesmo a seção destinada à publicação de fotos infantis – que por exigência dos editores do jornal *O Estado* não poderia deixar de existir – transformou-se em uma coluna mais divertida, lúdica, sem tanto apelo de *status* social.

Rupturas e continuidades marcaram esses anos (1984-1987), que foram os últimos de um material que deu a conhecer, pela escrita, pelos desenhos e por fotos, traços das infâncias catarinenses. A relação com uma infância escolarizada seguia,

porém, a escola já não se apresentava mais com tanta contundência como um local onde as crianças devessem apenas aprender, a ocupar suas mentes com conteúdos escolares com vistas a tornarem-se um cidadão de bem. Importava a criança do presente, no seu aqui e agora. As homenagens à pátria, por ocasião da comemoração da Independência do Brasil e os escritos infantis publicados em *O Estadinho* nessa segunda fase, são vestígios de que as crianças estavam de certa forma, inseridas numa atmosfera mais crítica, a par das discussões do cotidiano. O suplemento dá espaço para a publicação de textos infantis que problematizam a Independência do Brasil e ainda que de sua construção tenha participado algum adulto, o fato de questionar algo até então pouco debatido no suplemento, já permite pensar numa certa projeção ou mesmo fomento a uma infância mais crítica.

A relação do suplemento com seus leitores, por via das cartas, também comprovava que a escola continuava sendo a instituição responsável pela comunicação entre editores e crianças, uma vez que era na escola que o mundo da cultura escrita e da leitura se ampliava e se aperfeiçoava. Mas, pelas cartas, nas reportagens e nos editoriais, surgiam rastros de que a criança poderia e deveria se expressar com mais espontaneidade e liberdade, e essa liberdade foi por vezes problematizada nas páginas de *O Estadinho*. O impresso infantil levou com seriedade o projeto de dar visibilidade a manifestações mais genuínas das crianças, sem tanta interferência, como ocorrera entre os anos de 1972 e 1983.

Tal postura motivou a troca de correspondências entre os editores de *O Estadinho* e os leitores já mais crescidos. Se antes os olhos dos pais voltavam-se prioritariamente para as fotos infantis, nesse novo momento não se estranharia ver adultos interessados nas diversas matérias contidas no suplemento. Assuntos que circulavam nos jornais foram matérias em *O Estadinho*. Para os editores, não havia assunto que não pudesse ser discutido com seus leitores mirins. Matérias sobre a Constituinte, sobre a arte do Rock, esportes radicais e até o comportamento dos pais ganhavam a atenção, tanto de crianças como de adultos. Professores liam o suplemento, participavam da elaboração de histórias, criticavam o uso de algumas palavras e gírias e colaboravam na elaboração de matérias. Pais incentivavam a comunicação via carta entre seus filhos e *O Estadinho*. Havia mais possibilidade de interação com o infantil catarinense e essa sensibilidade em escutar as crianças e dar a elas possibilidade de participação do infantil com propostas de pautas, com sugestões de passatempos e envio de receitas deu a conhecer uma infância propositiva, criativa, comunicativa e de certa

forma persistente. Foram várias as cartas solicitando publicação de desenhos, leitores que a cada semana enviavam textos em forma de quadrinhos, receitas de guloseimas e passatempos.

Ainda que os rastros deixados nos permitam pensar que a mão e os olhos de adultos estivessem presentes no momento das escritas desses leitores/colaboradores, e a própria forma de fazer as colaborações chegarem até o jornal, por meio de carta, já possa ser considerado um indicativo da participação adulta, essa segunda fase do infantil fez reverberar uma infância onde a criança ganha mais autonomia. Uma infância em que criança passa a ter mais espaço para se expor de maneira menos direcionada, há mais liberdade. Uma infância a ser mostrada, em boa medida, pelos atores que a viviam. Foi uma atmosfera de valorização. A participação dos leitores não era algo esporádico e, tampouco, dependia de concurso ou festival. Colunas inteiras dedicadas a publicizar desenhos, quadrinhos, textos escritos à mão ou com máquina, com letra de forma ou cursiva ajudaram a garantir no infantil catarinense um espaço cativo à criação de meninos e meninas em sua maioria catarinenses e moradores da capital e região litorânea. A indicação da série ou da escola já não era mais um “pré-requisito” para a publicação. As respostas às cartas dos leitores e os editoriais, mais do que incentivar a participação de seus leitores, deixam mostras de que os editores do infantil catarinense contavam com o envio de histórias, desenhos, receitas, passatempos e até reportagens feitas por seus “pequenos” leitores. Nos últimos anos de *O Estadinho* muitas edições chegaram a conter mais de 30% de colaborações de seus leitores. Um suplemento produzido para criança, com colaborações de crianças e de adultos, lido por quem de alguma forma, pudesse se interessar pela infância.

Ao analisar agora as colunas dedicadas à promoção de lazer e cultura, os anos de 1972 a 1983 foram, em certa medida, incentivadores de espetáculos teatrais ligados a produtores conhecidos, ao estímulo a um lazer não acessível a todos, uma vez que os eventos anunciados com frequência eram pagos. Na segunda fase, *O Estadinho* rompe com esse conceito de lazer. O infantil continuava a anunciar peças teatrais, programações de cinema, entretanto, novas possibilidades de lazer são divulgadas. As peças de Valdir Dutra já não são propagadas como o “grande” espetáculo do final de semana, ao contrário. Há interesse em apresentar aos leitores alternativas de lazer. Atividades em praças ou em espaços onde não é necessária a aquisição de ingresso, a divulgação de espetáculos teatrais dirigidos por jovens estudantes deixam à mostra um reconhecimento a uma infância que consome arte, sem necessariamente consumir a

“grife”, como acontecia com as peças produzidas por Valdir Dutra. Por ser coordenado por pessoas vinculadas a programas de assistência à infância, *O Estadinho*, a partir de 1984, possivelmente tenha se proposto a divulgar alternativas de lazer que pudessem ser usufruídas não apenas por aquelas crianças que recebiam o suplemento que estava no jornal assinado ou comprado pelos pais. A circulação do material nas escolas públicas do estado, certa “inovação” nesta nova fase, pode também ter contribuído para a divulgação de um lazer mais alternativo, já que nas escolas pública há, em certa medida, a convivência de crianças de distintos estratos sociais. Assim também é possível que algumas colaborações tenham chegado ao suplemento por intermédio da própria equipe de *O Estadinho*, permitindo que crianças sem acesso ao suplemento, por via familiar, participassem dele.

*O Estadinho* não parou no tempo. Imprimiu um jeito de ser e de viver a infância, ao mesmo tempo em que se deixava modelar pelas infâncias vividas pelos filhos de seus leitores, e até mesmo pela vivida pelos filhos de seus colaboradores (VALENTE, 2013). Manteve-se atrelado, por determinação de *O Estado*, a um consumo adulto, quando impõe aos editores da segunda fase do jornal a manutenção da publicação de fotos de crianças. Entretanto, especializa-se mais em tornar o impresso voltado aos interesses das crianças. Por meio da seção de cartas, incentiva um diálogo franco, direto, permitindo uma interação com seus leitores, que em vários casos, os levou à condição de colaboradores mirins. Mas não foi apenas por criar espaços para publicação de desenhos, receitas, divertimentos e histórias, que o infantil catarinense se mostrou mais voltado aos interesses infantis. Os editores frequentemente perguntavam aos leitores o que lhes interessava saber. Qual assunto poderia virar matéria? E mais, tratavam aquele artefato tal qual se destina boa parte dos jornais: publicar notícias, e notícias não apartadas do mundo. Notícias que também circulavam nos jornais para adultos.

Assim, mesclando intenções, públicos, conteúdos, *O Estadinho* se manteve por 15 anos. Seu suposto fim em 1987 não foi anunciado. O suplemento parecia estar no seu melhor momento: matérias dialogando com questões sociais e políticas, muita interação com leitores, editorial respeitoso e honesto. Infâncias que por escrito se perenizaram no suplemento infantil. Infâncias que permitiram a escrita desta tese e que certamente, diante de tantas possibilidades de investigação, possibilitarão outras produções, “Infâncias por escrito”, com infinitas possibilidades de escrita.

## REFERÊNCIAS

- A FOLHINHA DE SÃO PAULO. **Várias edições**. [2014]. Disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp>>. Acesso em: 6 out. 2017.
- A CAROCHINHA. Florianópolis, edição de 14 de novembro de 1915.
- A TURMA DO BALÃO MÁGICO. **A Turma do Balão Mágico**. CBS Record, 1982. LP.
- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.
- ABRAMOWICZ, Anete; OLIVEIRA, Fabiana de. A infância analisa a educação básica. **Acta Scientiarum. Education**, Universidade Estadual de Maringá Paraná, Brasil, v. 35, n. 2, julho-diciembre, p. 293-300, 2013. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/3033/303328749016.pdf>>. Acesso em: 24 maio 2015.
- ABRIL, Paco. **Con “La Oreja verde” pretendemos que todos los niños se diviertan y participen**. Entrevista concedida a Eduardo Garcia. La Nueva España. 8/4/1989. Disponível em: <<http://abrilpaco.blogspot.com.br/p/la-oreja-verde.html>>. Acesso em: 19 nov. 2015.
- ACORDI, Carla; FREIRE, Felício Mourão. Florianópolis como cidade na ditadura: urbanização, milagre econômico e habitação no regime militar. *In*: CAMPOS, Emerson Cesar de; FALCÃO Luiz Felipe; LOHN, Reinaldo Lindolfo (Org.). **Florianópolis no Tempo Presente**. Florianópolis: Editora da UDESC e DIOESC, 2010. p.53-70.
- ALBARRÁN, Elena Jackson. Los niños colaboradores de la Revista *Pulgarcito* y la construcción de la infancia, México 1925-1932. **Revista Iberoamericana**, América latina, España, Portugal, v. 15, n. 60, p. 155-168, 2015. Disponível em: <<https://journals.iai.spk-berlin.de/index.php/iberoamericana/article/viewFile/2179/1752>>. Acesso em: 12 jan. 2016.
- ALBERT, P.; TERROU, F. **História da Imprensa**. São Paulo, Martins Fontes, 1990.
- ALCANTARA, Paulo. **História: Reflexão e Análise**. São Paulo: IBEP, 1987-[19?]. (v. 1).
- ALENCAR, Francisco; RAMALHO, Lúcia Carpi; RIBEIRO, Marcus Venício Toledo. **História da sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Editora Ao Livro Técnico, 1983.
- ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares de; WEIS, Luiz. Carro – zero e pau-de-arara: o cotidiano da oposição de classe média ao regime militar. *In*: SCHWARCZ, L. M. (Org.). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 319-409.
- ALMEIDA, Thadeu Silva de. Brasil e Portugal no sesquicentenário da independência brasileira (1972). *In*: XIII ENCONTRO DE HISTÓRIA ANPUH-Rio, 2008. **Anais...** ANPUH, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <[http://encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/1212244875\\_ARQUIVO\\_BRASILEPORTUGALNOSESQUICENTENARIODAINDEPENDENCIABRASILEIRA.pdf](http://encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/1212244875_ARQUIVO_BRASILEPORTUGALNOSESQUICENTENARIODAINDEPENDENCIABRASILEIRA.pdf)>. Acesso em: 22 jun. 2016.
- ALVARADO, Maite. **Escritura e invención en la escuela**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2013.

- ANDRADE, Lucimary Bernabé Pedrosa de. **Educação infantil**: discurso, legislação e práticas institucionais. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/109136>>. Acesso em: 30 jan. 2017
- ANDRADE, Elias. **Sobre o suplemento infantil “O Estadinho”**. Florianópolis, 2015. Depoimento concedida a Luciana Mara Espíndola Santos em 27 de maio de 2015.
- ARAÚJO, Antoracy Tortolero. **História do Brasil**. São Paulo: Editora do Brasil, 1985.
- ARAUJO, Paulo Cesar. **Conferência de encerramento da V semana Acadêmica de História, “História e segredo: Dimensões entre o Público e o Privado”**, realizada no auditório do CEART/UEDESC, em Florianópolis, dia 12 de setembro de 2014.
- AREND, Silvia Maria Fávero; DAMINELLI, Camila Serafim. Políticas sociais para infância e juventude carente e infratora (1970 – 1980). *In*: BRANCHER, Ana Lice. **Histórias na ditadura: Santa Catarina (1964-1985)**. Florianópolis, SC: EdUFSC, 2014. p. 181-205.
- ARIÈS, Philippe. **Historia social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.
- BARROS, Manuel. **Livro sobre nada**. Rio de Janeiro: Alfabeta, 1996.
- BARROSO, Antonio Vinícius Lomeu Teixeira. A Virada Linguística e o Contextualismo Linguístico: Contribuições Teóricas para se pensar a História Intelectual. **Teoria da História**, [S.l.], v. 4, n. 1, p. 136 – 147, jan./jun., 2015. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/teoria/article/view/39253>>. Acesso em: 25 set. 2016.
- BASSANEZI, Carla. Mulheres nos Anos Dourados. *In*: PRIORE, Mary Del. (Org.); BASSANEZI, Carla (Coord. de texto). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2006. p. 607 - 639
- BASTOS, Maria Helena Camara. Escritas infantis na escola primária (Colégio Farroupilha/RS – décadas de 1940-1960). *In*: MIGNOT, Ana Chrystina; SAMPAIO, Carmem Sanches; PASSEGGI, Maria da Conceição (Org.) **Infância, aprendizagem e exercício da escrita**. Curitiba. Editora CRV, 2014. p. 43 - 61.
- BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2007.
- BERETA DA SILVA, Cristiani. Cultura escolar e cultura política: projeto de nacionalização e o jornal escolar A Criança Brasileira (Santa Catarina, 1942-1945). **História da Educação**, [S.l.], v. 17, n. 40, p. 175-195, maio/ago., 2013. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/38095/24847>>. Acesso em: 11 mar. 2016.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Produção didática de História: trajetórias de pesquisas. **Revista de História**, São Paulo, n. 164, p. 487-516, jan./jun. 2011. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/viewFile/19206/21269>>. Acesso em: 12 ago. 2016.
- BOURDIEU, Pierre. Gostos de classe e estilos de vida. *In*: ORTIZ, Renato (Org.). **Pierre Bourdieu: Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983. p. 82-121
- BOURDIEU, Pierre. Campo do poder, campo intelectual e *habitus* de classe. *In*: MICELI, Sérgio (Org.). **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1998. p. 183-202.

- BRASIL MINHA PÁTRIA. **Álbum de figurinhas**. São Paulo: Saravan, 1972. Disponível em: <<http://albumefigurinhas.no.comunidades.net/album-brasil-minha-patria>>. Acesso em: 30 ago. 2016.
- BRASIL. **Decreto Lei n. 869, de 12 de setembro de 1969**. Dispõe sobre a inclusão da Educação Moral e Cívica como disciplina obrigatória, nas escolas de todos os graus e modalidades, dos sistemas de ensino no País, e dá outras providências. Senado Federal. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1960-1969/decreto-lei-869-12-setembro-1969-375468-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 11 jul. 2016.
- BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- BRÜGGEMANN, Fábio. **Sobre o suplemento infantil “O Estadinho”**. Florianópolis, 2013. Entrevista concedida ao Grupo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea (NEPESC).
- BUARQUE, Chico. **Os Saltimbancos**. Universal music, 1977. LP.
- BUDDE, Leani. **Jornadas impressas: o Estado e Florianópolis – 1985 a 2009**. 2013. 294 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Florianópolis, 2013.
- O ESTADO. **Caderno Especial Indústria**. Florianópolis, p. 1-48, [197-?].
- CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo: Ed. da UNESP, 1999.
- CAMPOS, Emerson César de; FALCÃO, Luiz Felipe; LOHN, Reinaldo Lindolfo. **Florianópolis no tempo presente**. Florianópolis: Ed. da UDESC, 2010.
- CAMPOS, Raquel Discini. No rastro dos velhos jornais: considerações sobre a utilização da imprensa não pedagógica como fonte para a escrita da História da Educação. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, SP, v. 12, n. 1, p. 45-70, jan./abr. 2012. Disponível em: <<http://www.rbhe.sbhe.org.br/index.php/rbhe/article/view/320/306>>. Acesso em: 6 ago. 2014.
- CANTELE, Bruna Regina. **História Dinâmica do Brasil: analisando o passado refletindo o presente**. São Paulo, IBEP, 1986. (5ª série).
- CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **A escola e a república**. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- CASTELLI, Eleonora. **Sobre o suplemento infantil “O Estadinho”**. Florianópolis, 2013. Entrevista concedida ao Grupo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea (NEPESC).
- CASTILLO GÓMEZ, Antonio (Org.). **Historia de la cultura escrita: Del Próximo Oriente Antiguo a la sociedad informatizada**. Gijón: Trea, 2002.
- \_\_\_\_\_. Historia de la cultura escrita ideas para el debate. **Revista Brasileira de História da Educação**, Maringá, MG, n. 5, p. 94-124, jan./jun. 2003a.
- \_\_\_\_\_. De las manos ai archivo. A propósito de las escrituras de la gente común. **Percursos: Revista do Núcleo de Estudos em Políticas Públicas da UDESC** Florianópolis, SC, v. 4, n.1, p. 257-289, out. 2003b.

\_\_\_\_\_. La corte de Cadmo. Apuntes para una historia social de la cultura escrita. **Revista de Historiografía**, [S.l.], v. 3, p. 18-27, 2005.

\_\_\_\_\_. (Dir.); SIERRA BLAS, Verónica (Ed.). **Mis primeros pasos**: alfabetización, escuela y usos cotidianos de la escritura (siglos XIX-XX). Gijón: Trea, 2008.

\_\_\_\_\_. “Presentación: la infancia y la escritura”. **History of Education & Children’s Literature**, Edizionario Università di Macetara, Italy, p. 15-20, 2012a.

\_\_\_\_\_. Educação e cultura escrita: a propósito dos cadernos e escritos escolares. **Educação**, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 66-72, jan./abr., 2012b.

\_\_\_\_\_. Mensajes Efímeros. Escribir billetes en el siglo de oro hispánico. *In*: CASTILLO GÓMEZ, Antonio; SIERRA BLAS, Verónica. **Cartas – Lettres – Lettere**: discursos, practicas y representaciones epistolares (siglos XIV- XX). Alcalá de Henares: Solana e Hijos, A.G., S.A.U., 2014. p. 365 - 389.

CERTEAU, Michel de. A Operação Historiográfica. *In*: CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982. p. 65 - 119.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1996.

CHARLOT, Bernad. **A Mistificação Pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa [Portugal]: Difel, 1990.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 5, n.11, jan./abr. 1991.

CHARTIER, Roger; CAVALLO, Guglielmo (Org.). **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 1998. (v. 1).

\_\_\_\_\_. **Cultura escrita, literatura e história**: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit. Porto Alegre: Artmed, 2001.

\_\_\_\_\_. **Os desafios da escrita**. São Paulo: UNESP, 2002.

\_\_\_\_\_. As práticas da escrita. *In*: CHARTIER, Roger. **História da Vida Privada**: da Renascença ao Século das Luzes. São Paulo, Companhia das Letras, 2009. p. 113 - 162. (v. 3).

\_\_\_\_\_. Escutar os mortos com os olhos. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 24, n. 69, p. 7-30, 2010a.

\_\_\_\_\_. **A história ou a leitura do tempo**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010b.

CHIVELET, Mercedes. **La prensa infantil em España**: desde el siglo XVIII hasta nuestros días. Madrid: Fundación SM, 2009.

COLTRIM, Gilberto; ALENCAR Alvaro Duarte. **História do Brasil para uma geração consciente**. São Paulo, Saraiva, 1983. (1º Grau, v. 2).

COMELLI, José Matusalém. Edição comemorativa: o Estado 100 anos. **Jornal Notícias do Dia**, Florianópolis, p. 2-7, 13 de maio de 2015.

CORAZZA, Sandra Mara. **História da infância sem fim**. Ijuí: Unijuí, 2000.

CORDEIRO, Janaína Martins. Lembrar o passado, festejar o presente: as comemorações do Sesquicentenário da Independência entre o consenso e o

consentimento (1972). 2012. 333 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Centro de Estudos Gerais, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Niterói, 2012.

CORRÊA, Thomaz Souto. A Era das Revistas de Consumo. *In*: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina. **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 207-232.

COSTA, Fabíola Cirimbelli Búrigo. **Escolinha de Arte de Florianópolis 25 anos de arte-educativa**. Florianópolis: FFC, 1990.

CUNHA, Maria Teresa Santos. **Armadilhas da sedução: os romances de M. Delly**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

CUNHA, Maria Teresa Santos; CECCHIN, Cristiane. Tenha Modos! Educação e Sociabilidades em Manuais de Civilidade e Etiqueta (1900 – 1960). *In*: SIMPÓSIO INTERNACIONAL PROCESSO CIVILIZADOR. Campinas: Unicamp, Abril, 2007. **Anais...** Campinas, Unicampi, 2007, p. 1-11. Disponível em: <[http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sites/anais/anais10/Artigos\\_PDF/Cristiane\\_Cecchin.pdf](http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sites/anais/anais10/Artigos_PDF/Cristiane_Cecchin.pdf)>. Acesso em: 25 jan. 2015.

\_\_\_\_\_. Mensageiros de sociabilidades: estudo sobre um jornal escolar infantil (Florianópolis, 1946-1952). *In*: MORGA, Antônio Emílio. **História, cidade e sociabilidade**. Itajaí: Casa Aberta, 2011a. p. 235-250.

\_\_\_\_\_. No estouro do flash: a Florianópolis de José Arthur Boiteux (1890 a 1930). *In*: CUNHA, Maria Teresa Santos; CHEREM Rosângela Miranda. **Refrações de uma coleção fotográfica: imagem, memória e cidade**. Florianópolis: UDESC, 2011b. p. 12-29.

\_\_\_\_\_. Do coração à caneta: cartas e diários pessoais nas teias do vivido (décadas de 60 a 70 do século XX). **História: Questões e Debates**, Curitiba: Editora UFPR, n. 59, p. 115-142, jul./dez. 2013.

\_\_\_\_\_. Pelo trabalho da mão infantil: práticas de escritas (auto) biográficas em um jornal escolar infantil (1945-1952). *In*: MIGNOT, Ana Chrystina; SAMPAIO, Carmen Sanches; PASSEGGI, Maria da Conceição (Org.). **Infância, aprendizagem e exercício da escrita**. Curitiba: Editora CRV, 2014. p. 63-77.

CUNHA, Maria Teresa Santos; SOUZA, Flávia de Freitas. **Viver e escrever: cadernos e escritas ordinárias de um professor catarinense (século XX)**. Florianópolis: Editora Insular, 2015.

DALLABRIDA, Norberto. A reforma Francisco Campos e a modernização nacionalizada do ensino secundário. **Educação**, Porto Alegre, v. 32, n. 2, p. 185-191, maio/ago. 2009. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/5520/4015>>. Acesso em: 31 jul. 2016.

DALLARI, Dalmo de Abreu; KORCZAK, Janusz. **O direito da criança ao respeito**. São Paulo: Summus, 1986.

DAMINELLI, Camila Serafim. **Governar, assistir, tolerar: uma história sobre infância e juventude em Florianópolis através das páginas de 'O Estado' (1979-1990)**. 2013. 249 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em História, Florianópolis, 2013.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS DA CRIANÇA, 1959. Disponível em: <<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Crian%C3%A7a/declaracao-dos-direitos-da-crianca.html>> Acesso em: 18 ago. 2016.

DEL PRIORE, Mary. **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013.

DIAS, André Bonsanto. **O presente da memória: usos do passado e as (re)construções de identidade da Folha de S. Paulo, entre o “golpe de 1964” e a “ditabranda”**. Jundiaí: Paco Editorial, 2014.

DUARTE, Rafaela. **Diretas Já em Santa Catarina: o movimento de redemocratização nos textos e imagens dos jornais O Estado, A Notícia e Jornal de Santa Catarina (1984)**. 2011. 135 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2011.

EISNER, Will. Prefácio. *In*: SOUSA, Maurício de. **Navegando nas letras II**. São Paulo: Globo, 2000. p. 7 - 8.

EL BOLLÍN. **Suplemento infantil da Revista El Bollo**. Avilés, 1968.

EL BOLLÍN. **Suplemento infantil da Revista El Bollo**. Avilés, 1976.

EL BOLLÍN. **Suplemento infantil da Revista El Bollo**. Avilés, 1979.

EL CAMBALACHE. Madrid, edição n. 1, agosto, 1976.

EL CAMBALACHE. Madrid, edição de noviembre, 1976.

EL CAMBALACHE. Madrid, edição de octubre, 1976.

EL CAMBALACHE. Madrid, edição de febrero, 1977.

EL CAMBALACHE. Madrid, edição de junio, 1977.

ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a serviço do progresso. *In*: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (Org.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 83-102.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1993.

FACCIOLI, Mauro. **Sobre o suplemento infantil “O Estadinho”**. Florianópolis, 2013. Entrevista concedida ao Grupo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea (NEPESC).

FANTIN, Marcia. **Cidade dividida**. Florianópolis: Futura, 2000.

FANTIN, Monica; GIRARDELLO, Gilka. **Liga, roda, clica: estudos em mídia, cultura e infância**. Campinas: Papyrus, 2008.

FARGE, Arlette. **O sabor do arquivo**. São Paulo: EDUSP, 2009.

FARIÑAS, J. A. Castro. Regimen Juridico comparado de proteccion a la informacion para niños y juvenes. *In*: MINISTERIO DE LA CULTURA. **Teoria y practica de las publicaciones infantiles y juveniles**. Salamanca: Imprenta Calatrava, 1978. p. 85-96.

FÁVERI, Marlene de; SOUZA, Milene Chagas. **O feminismo virou Manchete – Um país impresso: história do tempo presente e revistas semanais no Brasil – 1960-1980**. Curitiba: CRV, 2014. p. 165-193.

FERREIRA, António Gomes. A infância no discurso dos intelectuais portugueses do Antigo Regime. *In*: FREITAS, Marcos Cezar de.; KUHLMANN JÚNIOR, Moysés. **Os Intelectuais na história da infância**. São Paulo: Cortez, 2002. p. 167-196.

FERREIRA, Francisco Antônio Carneiro. Natureza e projeto urbano na Ilha de Santa Catarina. *In*: PIMENTA, Margareth de Castro Afeche. **Florianópolis do outro lado do espelho**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2005. p. 103-122.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História, tempo presente e história oral. **Topoi**, Rio de Janeiro, dez. 2002, p.314-332. Disponível em: <[http://www.revistatopoi.org/numeros\\_anteriores/topoi05/topoi5a13.pdf](http://www.revistatopoi.org/numeros_anteriores/topoi05/topoi5a13.pdf)>. Acesso em: 20 jun. 2014.

FINOCCHIO, Ana María. **Conquistar la escritura: saberes y practicas escolares**. Buenos Aires: Paidós, 2014.

FLECHAS Y PELAYOS. San Sebastián, edição de 5 de noviembre de 1936. Madrid: Aguilar Editores SL, 2000. Tomo 1.

FLECHAS Y PELAYOS. San Sebastián, ed. 11 de diciembre de 1938. Madrid: Aguilar Editores SL, 2000. Tomo 1.

FLECHAS Y PELAYOS. Madrid: Aguilar Editores SL, 2000. Tomo 1-5.

FLORES, Maria Bernadete Ramos. Estética e Modernidade: à guisa de introdução. *In*: FLORES, Maria Bernadete Ramos; LEHMKUHL, Luciene; COLLAÇO, Vera (Org.). **A Casa do Baile: estética e modernidade em Santa Catarina**. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2006. p. 11-36.

FOLHA DE SÃO PAULO: São Paulo, edição de 6 de setembro de 1972.

FOLHA DE SÃO PAULO: São Paulo, edição de 7 de setembro de 1984.

FOLHINHA. São Paulo: Folha de São Paulo, edição de 8 de setembro de 1963.

FOLHINHA. São Paulo: Folha de São Paulo, edição de 29 de setembro de 1963.

FOLHINHA. São Paulo: Folha de São Paulo, edição de 22 de dezembro de 1963.

FOLHINHA. São Paulo: Folha de São Paulo, edição de 8 de julho de 1972.

FOLHINHA. São Paulo: Folha de São Paulo, edição de 3 de setembro de 1972.

FOLHINHA. São Paulo: Folha de São Paulo, edição de 8 de outubro de 1972.

FOLHINHA. São Paulo: Folha de São Paulo, edição de 10 de setembro de 1973.

FOLHINHA. São Paulo: Folha de São Paulo, edição de 24 de julho de 1980.

FOLHINHA. São Paulo: Folha de São Paulo, edição de 13 de janeiro de 1985.

FOLHINHA. São Paulo: Folha de São Paulo, edição de 27 de janeiro de 1985.

FOLHINHA. São Paulo: Folha de São Paulo, edição de 28 de abril de 1985.

FOLHINHA. São Paulo: Folha de São Paulo, edição de 13 de outubro de 1985.

FOLHINHA. São Paulo: Folha de São Paulo, edição de 26 de janeiro de 1986.

FREITAS, Marcos Cezar. Da ideia de estudar a criança no pensamento social brasileiro: a contraface de um paradigma. *In*: FREITAS, Marcos Cezar de; KUHLMANN JÚNIOR, Moysés. **Os Intelectuais na história da infância**. São Paulo: Cortez, 2002. p. 345-372.

FROTA, Ana Maria Monte Coelho. Diferentes concepções da infância e adolescência: a importância da historicidade para sua construção. **Revistas de Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, UERJ, v. 7, n. 1, p. 147-160, abr. 2007.

FURTUOSO, Zilda. **Sobre o suplemento infantil “O Estadinho”**. Florianópolis, 2015. Depoimento concedido a Luciana Mara Espíndola Santos em 9 de maio de 2015.

GADDIS, John Lewis. **Paisagens da História**: como os historiadores mapeiam o passado. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

GARCIA, Regina Leite. Todas são crianças... mas são tão diferentes... *In*: GARCIA, Regina Leite (Org.). **Crianças essas conhecidas tão desconhecidas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 9 - 29.

GIL, Francisco. El proceso de desarrollo psicológico y la prensa infantil y juvenil. *In*: MINISTERIO DE LA CULTURA. **Teoría y práctica de las publicaciones infantiles y juveniles**. Salamanca: Imprenta Calatrava, 1978. p. 17-52.

GIRARDELLO, Gilka. **Baús e chaves da narração de histórias**. Florianópolis: SESC, 2006.

GOMES, Angela de Castro. Aventuras e desventuras de uma autora e editora portuguesa: Ana de Castro Osório e suas viagens ao Brasil. *In*: GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos. **Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. p. 92 - 120.

GONÇALO JÚNIOR. **A Guerra dos Gibis**: a formação do mercado editorial brasileiro e a censura aos quadrinhos 1933-1964. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

GOULARTI FILHO, Alcides; RABELO, Giani. Planejamento, crescimento econômico e desigualdades sociais. *In*: BRANCHER, Ana Lize; LOHN, Reinaldo Lindolfo (Org.). **Histórias na Ditadura**: Santa Catarina (1964-1985). Florianópolis: Editora da UFSC, 2014. p. 207-220.

HAMBURGER, E. Diluindo fronteiras: a televisão e as novelas no cotidiano. *In*: SCHWARCZ, L. M. (Org.). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 438-487.

HARTOG, François. Tempo e Patrimônio. **Revista Varia História**, Belo Horizonte, v. 22, n. 36: p. 61-273, jul./dez. 2006.

HARTOG, François. **Crer em História**. BH; Editora Autêntica, 2017.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence O. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

IZÉ, Ivonete. Plano de ensino da disciplina de História – 7ª. série. Colégio de Aplicação, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1983.

JORNAL DA INDEPENDÊNCIA. Suplemento especial. **Jornal O Estado**, Florianópolis, edição de 7 de setembro de 1972.

JORNAL CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro: edição de 31 de março de 1972.

JORNAL DE SANTA CATARINA. Blumenau, edição de 20 de maio de 1974,

JORNAL DE SANTA CATARINA. Blumenau, edição de 6 de junho de 1974.

JORNAL DE SANTA CATARINA. Blumenau, edição de 9 e 10 de maio de 1974.

JORNAL DE SANTA CATARINA. Joinville, edição de 6 de junho de 1974.

- JOUTARD, Philippe. Reconciliar História e Memória. **Revista da FAEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 14, n. 23, p. 205-212, jan./jun., 2005.
- KASSOUF, Ana Lúcia. O que conhecemos sobre o trabalho infantil? **Nova Economia**, Belo Horizonte, v. 17, n. 2, maio/ago., 2007.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo: estudos sobre História**. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio, 2014.
- KOSSOY, Bóris. **Fotografia e História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- KUHLMANN JÚNIOR, Moyses. Histórias da educação infantil brasileira. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 14, p. 5-18, maio/jun/jul/ago. 2000.
- \_\_\_\_\_. A circulação das ideias sobre a educação das crianças; Brasil, início do século XX. In: FREITAS, Marcos Cezar de; KUHLMANN JÚNIOR, Moysés. **Os Intelectuais na história da infância**. São Paulo: Cortez, 2002, p. 459-502.
- \_\_\_\_\_. **Infância e educação infantil: uma abordagem histórica**. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2004.
- KUNZ, E. Pedagogia do Esporte, do Movimento Humano ou da Educação Física? In: KUNZ, E; TREBELS, A. (Org.). **Educação Física Crítico Emancipatória: com uma Perspectiva da Pedagogia Alemã do Esporte**. Ijuí: Unijuí, 2006. p. 11-22.
- LAZAROTTO, Aline Fátima. **A Infância na imprensa escrita em Chapecó – 1939-1979**. 2010. 176 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2010.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.
- LEVIN, Esteban. **La Función del hijo: Espejos y labirintos de la infancia**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2013.
- LYONS, Martin. **Historia de la lectura y de la escritura em el mundo occidental**. Buenos Aires: Editora del Calderón, 2012.
- LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (Org.) **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 111-153.
- MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (Org.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013.
- MACHIESKI, Elisângela da Silva. **Crianças e adolescentes nas páginas do jornal: uma infância perigosa ou uma infância em perigo? (Criciúma, 1970-1990)**. 2013. 168 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Mestrado em História, Florianópolis, 2013. Disponível em: <<http://www.tede.udesc.br/bitstream/handle/1445/1/elisangela.pdf>>. Acesso em: 24 ago. 2014.
- MAINGUÉ, Aldy. **Sobre o suplemento infantil “O Estadinho”**. Florianópolis, 2013. Entrevista concedida ao Grupo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea (NEPESC).

MARTÍN, Antonio. Historia de la prensa española Las revistas infantiles Falangistas en la guerra de papel de la propaganda. España, 1936-1939. *In*: SCARSELLA, Alessandro; DARICI, Katuscia; FAVARO, Alice (Ed.). **Historieta o Cómic Biografía de la narración gráfica en España**. Madrid, 2017. p. 11-53. Disponível em: <<http://edizionicafoscari.unive.it/media/pdf/books/978-88-6969-145-4/978-88-6969-145-4-ch-02.pdf>>. Acesso em: 27 jun. 2017.

MATA, Maria Margarete Sell da. **Jornal O Estado: uma história em construção (1915-1931)**. 1996. 95 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, 1996.

MATOS, Felipe. **Uma ilha de leitura: notas para uma história da cidade através de suas livrarias, livreiros e livros**. 2005. 135 f. Monografia (Graduação em História) – Centro de Ciências da Educação – FAED, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

MATOS, Felipe; LOHN, Reinaldo Lindolfo. Avaí, futebol e política em Florianópolis (1920- 1970). *In*: VAZ, Alexandre Fernandez; DALLABRIDA, Norberto. **O Futebol em Santa Catarina: histórias de clubes (1910-2014)**. Florianópolis: Insular, 2014. p. 47-76.

MATOS, Maria Izilda Santos de. No fio do bigode: corpos, sensibilidades e subjetividades. *In*: RAMOS, Alcides Freire; MATOS, Maria Izilda Santos de; PATRIOTA Rosângela. **Olhares sobre a História: culturas, sensibilidades e sociabilidades**. São Paulo: Editora PUC-GO, 2010. p. 92 - 108.

MATOS, Olgária. **A História**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

MEDEIROS, Clóvis. Alguns pontos relevantes sobre a discussão do urbanismo. **Jornal O Estado**, Florianópolis, 28 de março de 1982.

MEDEIROS, Andréa Borges. Cartas para que te quero: a escrita das crianças como expressão de pertencimento. *In*: MIGNOT, Ana Chrystina; SAMPAIO, Carmem Sanches; PASSEGGI, Maria da Conceição. **Infância, Aprendizagem e Exercício da Escrita**. Curitiba: Editora CRV, 2014.

MELLO, João Manuel Cardoso de; NOVAIS, Fernando. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. *In*: SCHWARCZ, L. M. (Org.). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 559-658.

MELO, José Marques. Gilberto Freyre, modernizador precoce na imprensa brasileira. *In*: \_\_\_\_\_. (Org.). **Imprensa brasileira: personagens que fizeram história**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2005. p. 199 - 206.

MENEZES, Fernando Dominience. **Enunciados sobre o futuro: Ditadura Militar, Transamazônica e construção do “Brasil Grande”**. Brasília: Unb, 2007. 155 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Departamento de História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília. Brasília, 2007.

MIGNOT, Ana Chrystina. O carteiro e o educador: Práticas políticas no escrito epistolar. **Revista Brasileira de História da Educação**, [S.l.], v 5, n. 2, [10], 2005.

\_\_\_\_\_. “Querido Monteiro Lobato”: marcas da educação na pena infantil. *In*: MIGNOT, Ana Chrystina; SAMPAIO, Carmen Sanches; PASSEGGI, Maria da Conceição (Org.). **Infância, aprendizagem e exercício da escrita**. Curitiba: Editora CRV, 2014. p. 63-77.

MINISTERIO DE LA CULTURA (ESPAÑA). **Teoria y practica de las publicaciones infantiles y juveniles**. Salamanca: Imprenta Calatrava, 1978.

MINI-YA. Suplemento infantil. Madrid, edição de 12 de diciembre de 1976.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. Florianópolis: o direito e o avesso. *In*: PIMENTA, Margareth de Castro Afeche. **Florianópolis do outro lado do espelho**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2005. p. 7-34.

MORAES, Maria Célia Marcondes de. Educação e Política nos anos 30: a presença de Francisco Campos. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 73, n. 17-4, p. 291-321, maio/ago. 1992.

MORAES, Vinícios; TOQUINHO. **Arca de Noé**. Universal Music Japan, 1980. LP.

MORETZSOHN, Carmen; CANELA Guilherme. **Esqueceram de mim**: jornais brasileiros ignoram o potencial pedagógico dos cadernos infantis. Brasília, DF: [s.n.], 2002.

MÜLLER, Verônica Regina. Histórias de crianças e infâncias: registros, narrativas e vida privada. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

NARODOWSKI, Mariano. Infancia y poder. La conformación de la pedagogia moderna. Buenos Aires: Aique, 1994.

NASPOLINI, Marisa. **Sobre o suplemento infantil “O Estadinho”**. Florianópolis, 2013. Entrevista concedida ao Grupo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea (NEPESC).

NASPOLINI, Marisa. **Somos todos parte da mesma couve**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2014.

NECKEL, Roselane. **A república em Santa Catarina**: modernidade e exclusão (1889-1920). Florianópolis: EdUFSC, 2003.

O ESTADINHO. **150 edições**. [2013]. Disponível em: <[https://drive.google.com/open?id=0B\\_iiHxsT-wNQIZid0xZaExEek0](https://drive.google.com/open?id=0B_iiHxsT-wNQIZid0xZaExEek0)>. Acesso em: 6 out. 2017.

O ESTADO. Florianópolis, edição de 13 de maio de 1915.

O ESTADO. Florianópolis, edição de 23 de julho de 1920.

O ESTADO. Florianópolis, edição de 28 de julho de 1920.

O ESTADO. Florianópolis, edição de 24 de agosto de 1920.

O ESTADO. Florianópolis, edição de 21 de maio de 1972.

O ESTADO. Florianópolis, edição de 4 de agosto de 1972.

O ESTADO. Florianópolis, edição de 5 de agosto de 1972.

O ESTADO. Florianópolis, edição de 12 de agosto de 1972.

O ESTADO. Florianópolis, edição de 15 de agosto de 1972.

O ESTADO. Florianópolis, edição de 20 de agosto de 1972.

O ESTADO. Florianópolis, edição de 22 de agosto de 1972.

O ESTADO. Florianópolis, edição de 23 de agosto de 1972.

O ESTADO. Florianópolis, edição de 1º de setembro de 1972.

- O ESTADO. Florianópolis, edição de 3 de setembro de 1972.
- O ESTADO. Florianópolis, edição de 1º de outubro de 1972.
- O ESTADO. Florianópolis, edição de 8 de outubro de 1972.
- O ESTADO. Florianópolis, edição de 15 de outubro de 1972.
- O ESTADO. Florianópolis, edição de 11 de dezembro de 1977.
- O ESTADO. Florianópolis, edição de 26 de novembro de 1978.
- O ESTADO. Florianópolis, edição de 3 de julho de 1979.
- O ESTADO. Florianópolis, edição de 2 de agosto de 1979.
- O ESTADO. Florianópolis, edição de 12 de setembro de 1979.
- O ESTADO. Florianópolis, edição de 21 de setembro de 1979.
- O ESTADO. Florianópolis, edição de 14 de novembro de 1981.
- O ESTADO. Florianópolis, edição de 6 de outubro de 1985.
- O ESTADINHO. Florianópolis: **O Estado**, edição de 28 de maio de 1972.
- O ESTADINHO. Florianópolis: **O Estado**, edição de 2 de julho de 1972.
- O ESTADINHO. Florianópolis: **O Estado**, edição de 18 de julho de 1972.
- O ESTADINHO. Florianópolis: **O Estado**, edição de 6 de agosto de 1972.
- O ESTADINHO. Florianópolis: **O Estado**, edição de 10 de setembro de 1972.
- O ESTADINHO. Florianópolis: **O Estado**, edição de 21 de setembro de 1972.
- O ESTADINHO. Florianópolis: **O Estado**, edição de 1 de outubro de 1972.
- O ESTADINHO. Florianópolis: **O Estado**, edição de 8 de outubro de 1972.
- O ESTADINHO. Florianópolis: **O Estado**, edição de 12 de novembro de 1972.
- O ESTADINHO. Florianópolis: **O Estado**, edição de 10 de dezembro de 1972.
- O ESTADINHO. Florianópolis: **O Estado**, edição de 17 de dezembro de 1972.
- O ESTADINHO. Florianópolis: **O Estado**, edição de 24 de dezembro de 1972.
- O ESTADINHO. Florianópolis: **O Estado**, edição de 1º de dezembro de 1974.
- O ESTADINHO. Florianópolis: **O Estado**, edição de 26 de janeiro de 1975.
- O ESTADINHO. Florianópolis: **O Estado**, edição de 2 de fevereiro de 1975.
- O ESTADINHO. Florianópolis: **O Estado**, edição de 16 de fevereiro de 1975.
- O ESTADINHO. Florianópolis: **O Estado**, edição de 21 de outubro de 1979.
- O ESTADINHO. Florianópolis: **O Estado**, edição de 27 de janeiro de 1980.
- O ESTADINHO. Florianópolis: **O Estado**, edição de 22 de fevereiro de 1980.
- O ESTADINHO. Florianópolis: **O Estado**, edição de 11 de maio de 1980.
- O ESTADINHO. Florianópolis: **O Estado**, edição de 24 de agosto de 1980.
- O ESTADINHO. Florianópolis: **O Estado**, edição de 14 de setembro de 1980.
- O ESTADINHO. Florianópolis: **O Estado**, edição de 18 de junho de 1982.

- O ESTADINHO. Florianópolis: **O Estado**, edição de 3 de outubro de 1982.
- O ESTADINHO. Florianópolis: **O Estado**, edição de 10 de outubro de 1982.
- O ESTADINHO. Florianópolis: **O Estado**, edição de 5 de agosto de 1984.
- O ESTADINHO. Florianópolis: **O Estado**, edição de 9 de setembro de 1984.
- O ESTADINHO. Florianópolis: **O Estado**, edição de 21 de outubro de 1984.
- O ESTADINHO. Florianópolis: **O Estado**, edição de de dezembro de 1984.
- O ESTADINHO. Florianópolis: **O Estado**, edição de 17 de fevereiro de 1985.
- O ESTADINHO. Florianópolis: **O Estado**, edição de 28 de julho de 1985.
- O ESTADINHO. Florianópolis: **O Estado**, edição de 15 de setembro de 1985.
- O ESTADINHO. Florianópolis: **O Estado**, edição de 27 de outubro de 1985.
- O ESTADINHO. Florianópolis: **O Estado**, edição de 23 de dezembro de 1985.
- O ESTADINHO. Florianópolis: **O Estado**, edição de de março de 1986.
- O ESTADINHO. Florianópolis: **O Estado**, edição de 26 de maio de 1986.
- O ESTADINHO. Florianópolis: **O Estado**, edição de 5 de outubro de 1986.
- O ESTADINHO. Florianópolis: **O Estado**, edição de 30 de novembro de 1986.
- O ESTADINHO. Florianópolis: **O Estado**, edição de 7 de dezembro de 1986.
- O ESTADINHO. Florianópolis: **O Estado**, edição de 11 de janeiro de 1987.
- O ESTADINHO. Florianópolis: **O Estado**, edição de 22 de fevereiro de 1987.
- O ESTADINHO. Florianópolis: **O Estado**, edição de 10 de maio de 1987.
- O ESTADINHO. Florianópolis: **O Estado**, edição de 5 de julho de 1987.

OLIVEIRA, Vilma da Silva Mesquita. Os discursos sobre a educação e higienização das crianças nos jornais impressos do Piauí (1930-1960). **Revista Eletrônica de Educação**, [on-line], v. 9, n. 3, p. 93-110, 2015. Disponível em: <<http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/viewFile/1160/438>>. Acesso em: 11 mar. 2017.

OLIVEIRA, Marta Regina Furlan de. **A lógica do consumo na sociedade contemporânea e sua influência na mediação do professor no processo de formação do pensamento infantil**. 2011. 293 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2011. Disponível em: <[http://www.ppe.uem.br/SITE%20PPE%202010/teses/2011%20-%20Marta\\_Furlan.pdf](http://www.ppe.uem.br/SITE%20PPE%202010/teses/2011%20-%20Marta_Furlan.pdf)>. Acesso em: 7 mar. 2016.

ORDOÑEZ, Marlene; SILVA, Antonio Luiz de Carvalho. **História do Brasil**. São Paulo: IBEP, 1975. (v. 1).

ORIÁ, Ricardo. **O Brasil contado às crianças: Viriato Corrêa e a literatura escolar brasileira (1934-1961)**. São Paulo: Annablume, 2011.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Educação infantil em Florianópolis: retratos históricos da rede municipal (1976-1996)**. Florianópolis: Cidade Futura, 2000.

PAIM, Elison Antônio. Educação: modernização, democratização do acesso e controle pedagógico. *In: BRANCHER, Ana; LOHN, Reinaldo L. (Org.). **Histórias na ditadura***. Santa Catarina: 1964-1985. Florianópolis: EdUFSC, 2014.

PASSETTI, Edson. Crianças carentes e políticas públicas. *In: DEL PRIORE, Mary. **Historia crianças no Brasil***. São Paulo: Contexto, 2013. p. 347-375.

PEQUEÑEZES. Madrid, edição n. 1, 1984.

PEREIRA, Moacir. **Imprensa & poder**: a comunicação em Santa Catarina. Florianópolis: FCC, 1992.

PERIN, Iara Steiner. A Revista Veja comemora a Pátria: o Nacionalismo e o Sete de Setembro (1969-1972). *In: AREND, Sílvia Maria Fávero. **Um país impresso**: história do tempo presente e revistas semanais no Brasil – 1960-1980*. Curitiba: CRV, 2014.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos, Coloquios**, [En línea], Fevereiro, p. 1, 2005. Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org/229>>. Acesso em: 15 nov. 2014.

\_\_\_\_\_. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

\_\_\_\_\_. Pensar com o sentimento, sentir com a mente – Bienal de Veneza, 2007: 52<sup>a</sup> Exposição de Arte. *In: RAMOS, Alcides Freire; MATOS, Maria Izilda Santos; PATRIOTA Rosangela (Org.). **Olhares sobre a história**: culturas, sensibilidades, sociabilidades*. São Paulo: Hucitec, 2010. p. 19-26.

PEQUEÑO PAIS. Madrid: **Suplemento de El Pais**, edição de 6 de dezembro de 1987.

PIMENTA, Margareth de Castro Afeche. Florianópolis como espaço público. *In: PIMENTA, Margareth de Castro Afeche. **Florianópolis do outro lado do espelho***. Florianópolis: Editora da UFSC, 2005. p. 35-60.

PIAZZA, Walter Fernando. **Dicionário político catarinense**. 2. ed. rev. e ampl. Florianópolis: Edição da Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1994.

PLÁCIDO, Gilmara Duarte. Educação, Civismo e Religiosidade durante a Ditadura Civil Militar no Brasil (1964-1985). *In: 10 ANPED SUL*, out. 2014. **Anais... ANPED**, 2014. p. 1-17. Disponível em: <[http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq\\_pdf/1559-0.pdf](http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/1559-0.pdf)>. Acesso em: 24 mar. 2015.

PONTE, Cristina. **Crianças e Media**: pesquisa internacional e contexto português do século XIX à actualidade. Lisboa: ICS, 2012.

PRATA, Antonio. **Nu, de botas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. Colégio de Aplicação, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1991,

PUYUELO, Pilar Sánchez-Cascado y. Panorámica actual de las revistas infantiles y juveniles. *In: **Ministerio de la Cultura** (México). Teoría y práctica de las publicaciones infantiles y juveniles*. Salamanca: Imprenta Calatrava, 1978. p. 99-118.

RAMOS, Conrado. Indústria cultural, consumismo e a dinâmica das satisfações no mundo administrado. *In: DURÃO, Fabio Akcelrud; ZUIN, Antônio; VAZ, Alexandre Fernandes. **A indústria cultural hoje***. São Paulo: Boitempo, 2008. p. 79 - 93.

REVEL, Jacques. Micro-história, macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, SP, v.

15, n. 45, p. 434-444, set./dez. 2010. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v15n45/03.pdf>>. Acesso em: 24 jun. 2014.

REVISTA BILLIKEN. **Edição Especial 60 Años Billiken**: Buenos Aires, novembro 1979.

REVISTA JUVENIL FEMININA LILY. Barcelona: Editorial Bruguera, enero, 1983.

REVISTA TICO-TICO. Rio de Janeiro: **O Malho**, edição de 22 de novembro de 1905.

REVISTA TICO-TICO. Rio de Janeiro: **O Malho**, edição de 2 de novembro de 1910.

REVISTA TICO-TICO. Rio de Janeiro: **O Malho**, edição Especial nov./dez. de 1961.

REVISTA SUPERINTERESSANTE. São Paulo: Abril, edição de 8 de março de 2013.

REVISTA VEJA. São Paulo, edição de 9 de setembro de 1970.

REVISTA VEJA. São Paulo, edição de 18 de julho de 1972.

REVISTA VEJA. São Paulo, edição de 7 de setembro de 1972.

REVISTA VEJA. São Paulo, edição de 2 de julho de 1984.

RICOEUR, Paul. La vida: un relato en busca de narrador. **Ágora: Papeles de Filosofía**, [S.l.], v. 25, n. 2, p. 9-22, 2006. Disponível em:

<<http://201.147.150.252:8080/jspui/bitstream/123456789/1066/1/Ricoeur.pdf>>. Acesso em: 21 ago. 2017.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**: a intriga e a narrativa histórica. São Paulo: Editora WMF; Martins Fontes, 2010. (v. 1).

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François *et al.* Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

RODRIGUES, Marilda Merencia. **Pró-criança**: por entre creches, livros e canções, a busca de consensos (Santa Catarina – década de 1980). Florianópolis, 2001. [180] f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2001.

ROCHA, Eloísa Acires Candal. **A pesquisa em Educação Infantil no Brasil**: trajetória recente e perspectiva de consolidação de uma pedagogia da educação infantil. 1999. 255 f. Tese (Doutorado). Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.

ROCHA, Maria Sílvia Pinto de Moura Librandi da. **Não brinco mais**: a (des)construção do brincar no cotidiano educacional. Ijuí: Unijuí, 2000.

ROCHA, Bárbara Trindade. Cartas em Revista: estratégias editoriais de difusão e legitimação da Nova Escola. 2004. 172 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, Centro de Educação e Humanidades, Rio de Janeiro, 2004.

ROCHA, Wilson; NETTO, Paulo; VANUCCI Augusto Cesar. **Pirlimpimpim**. Som Livre, 1982. LP.

SACRAMENTO, Ana Cláudia Ramos. A Aprendizagem da Geografia a partir da construção de passatempos com temas cartográficos. *In: XIV ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA*, Lima, Peru, 14, abril, 2013. **Anais...** Lima, Peru, 2013, p.1-19.

- SANTOS, Luciana Mara Espíndola. Infância, aprendizagem e exercício da escrita narrativa de crianças em O Estadinho (1972). *In: VI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA*, Rio de Janeiro, 2014. *Anais...* Rio de Janeiro, 2014, p. 112 - 124.
- SANTOS, Maria Januária Vilela. **História do Brasil**. São Paulo: Ática, 1975.
- SARMENTO, M. J. Visibilidade social e estudo da infância. *In: VASCONCELLOS, V. M. R.; SARMENTO, M. J. (Org.). Infância (in) visível*. Araraquara: Junqueira & Marin, 2007, p. 17-26.
- SARMENTO, M.J. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade. Braga: Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v27n95/a12v2795.pdf>>. Acesso em: 28 nov. 2017.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade. *In: SCHWARCZ, L. M. (Org.). História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 173-244.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. **Brasil: uma biografia**. São Paulo; Companhia das letras, 2015.
- SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu Extático na Metrópole: São Paulo sociedade e cultura nos frementes anos 20**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- SIERRA BLAS, Verónica. Escribir y servir: las cartas de una criada durante el franquismo. **Revista de Historia de la Cultura Escrita**, Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá, p. 121-140, 2002. Disponível em: <[http://dspace.uah.es/dspace/bitstream/handle/10017/7587/escribir\\_sierra\\_SIGNO\\_2002.pdf?sequence=1](http://dspace.uah.es/dspace/bitstream/handle/10017/7587/escribir_sierra_SIGNO_2002.pdf?sequence=1) >. Acesso em: 11 fev. 2016.
- \_\_\_\_\_. “Puentes de Papel”: apuntes sobre las escrituras de la emigración. **Horizontes Antropológicos**, Porto alegre, ano 10, n. 22, p. 121-147, jul./dez. 2004. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-71832004000200006f](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832004000200006f)>. Acesso em: 23 dez. 2014.
- \_\_\_\_\_. “As cartas e a escola” los manuales epistolares para niños en la España del siglo XX. **História da Educação**, ASPHE, FaE, UFPel, Pelotas, n. 16, set. 2004, p. 59-77. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4061733>>. Acesso em: 15 out. 2015.
- \_\_\_\_\_. “Con él corazón en la mano”. Cultura escrita, exilio y vida cotidiana em las cartas de los padres de los Niños de Morelia. *In: CASTILLO GÓMEZ, Antonio; SIERRA BLAS, Verónica (Org.). Mis primeros pasos: alfabetización, escuela y usos cotidianos de la escritura (siglos XIX y XX)*. Gijón: Trea, 2008. p. 411 - 454.
- \_\_\_\_\_. **Palabras huérfanas: los niños y la Guerra Civil**. Madrid: Taurus, 2009.
- \_\_\_\_\_. “En busca del eslabón perdido”: algunas reflexiones sobre las escrituras infantiles. **History of Education & Children’s Literature**, Macerata: Edizioni Università di Macerata (EUM), v. VII, n. 1, p. 21-42, 2012.
- \_\_\_\_\_. En el país del proletariado. Cultura escrita y exilio infantil en la URSS. **História Social**, Espanha: UNED, n. 76, p. 125-143, 2013. Disponível em: <[https://www.jstor.org/stable/23496334?seq=1#page\\_scan\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/23496334?seq=1#page_scan_tab_contents) >. Acesso em: 9 mar. 2016.

SILVA, Helenice Rodrigues da. Rememoração/comemoração: as utilizações sociais da memória. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 22, n. 44, p. 425-438, 2002. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01882002000200008](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882002000200008)>. Acesso em: 17 set. 2014.

SILVA, Juliana Miranda da. **A abertura política e a ampliação das pautas reivindicatórias nas páginas de Veja e Isto É (1976-1980): um país impresso: história do tempo presente e revistas semanais no Brasil – 1960-1980**. Curitiba: CRV, 2014. p. 123-139.

\_\_\_\_\_. A invenção do futuro do Brasil: usos políticos do passado na *Veja* (1968-1978). *In: AREND, Sílvia Maria Fávero. Um país impresso: história do tempo presente e revistas semanais no Brasil – 1960-1980*. Curitiba: CRV, 2014. p. 21-42.

\_\_\_\_\_. Narrativas digitais sobre os exames de admissão ao ginásio: egodocumentos e cultura escrita na história do tempo presente. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 7, n. 15, p. 5-41, maio/ago. 2015. Disponível em: <<http://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180307152015005>>. Acesso em: 21 set. 2016.

SOSNOSKI, Thaisy. **Historiografia e memória: biblioteca do sesquicentenário da Independência do Brasil (1972)**. 2013. 148 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Goiás, Faculdade de História. Goiás, 2013. Disponível em: <<https://pos.historia.ufg.br/up/113/o/D2013-26.pdf>>. Acesso em: 14 set. 2016.

SOUSA, Maurício de. **Navegando nas letras II**. São Paulo: Globo, 2000.

\_\_\_\_\_. **A história que não está no gibi**. Rio de Janeiro: Primeira Pessoa, 2017.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Diálogos Iniciais: sobre memória, arquivos e cultura escolar. *In: SOUZA, Elizeu Clementino de Souza; VASCONCELOS, José Geraldo; CASTRO, César Augusto (Org.). História da Educação: Memória, Arquivos e Cultura Escolar*. Rio de Janeiro: Salvador: Quarter: Uneb, 2012. p.11-27.

SOUZA, Maria Cecília Braz Ribeiro de. **A concepção de criança para o Enfoque Histórico Cultural**. 2007. 154 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2007. Disponível em: <[https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/Educacao/Dissertacoes/souza\\_mcbr\\_dr\\_mar.pdf](https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/Educacao/Dissertacoes/souza_mcbr_dr_mar.pdf)>. Acesso em: 9 out. 2013.

SOUZA, Jamil. **Dia das Crianças: sobre o 12 de Outubro e nossa obrigação como adultos**. Blog Bahia Geral.com.br. 2016. Disponível em: <<http://www.blogbahia geral.com.br/site/opinia o-artigos/2016/10/dia-das-criancas-sobre-o-12-de-outubro-e-nossa-obrigacao-como-adultos>>. Acesso em: 5 dez. 2016.

SOUZA, Osvaldo Rodrigues. **História do Brasil**. São Paulo: Ática, 1982.

SOUTO MAIOR, A. **História do Brasil**. São Paulo: Editora Companhia Nacional, 1970.

STRENZEL, Giandréa Reuss. Entre teses e dissertações: a educação infantil na produção dos Programas de Pós-Graduação em Educação no Brasil nos anos 1990. *In: RAUPP, Marilene Dandolini. Reflexões sobre a infância: conhecendo crianças de 0 a 6 anos*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006.

VAINFAS, Ronaldo. História cultural e historiografia brasileira. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 50, p. 217-235, jan./jun. 2009. Disponível em:

<file:///C:/Users/DELL/Downloads/15676-54022-1-PB%20(2).pdf>. Acesso em: 30 out. 2013.

VALENTE, Cesar. **Sobre o suplemento infantil “O Estadinho”**. Florianópolis, 2013. Entrevista concedida ao Grupo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea (NEPESC).

VÁRIOS. **Plunct! Plact! Zum!** Som Livre, 1983. LP.

VEIGA, Ana Maria. Imprensa e censura nas memórias de jornalistas. *In*: BRANCHER, Ana; LOHN, Reinaldo L. (Org.). **Histórias na ditadura**: Santa Catarina: 1964-1985, Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2014. p. x- x.

VEIGA, Cynthia Greive; GOUVÊA, Maria Cristina Soares. Comemorar a infância, celebrar qual criança? **Educação e Pesquisa (USP)**, São Paulo, v. 26, p. 135-160, 2000.

VEIGA, Eliane Veras da. **Florianópolis Memória Urbana**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1993.

VEIGA, Fábio. **Sobre o suplemento infantil “O Estadinho”**. Florianópolis, 2016. Entrevista concedida ao Grupo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea (NEPESC).

VELOSO, Fernando; VILLELA, André; GIAMBIAGI, Fábio. Determinantes do “Milagre” Econômico Brasileiro (1968-1973): uma Análise Empírica. **RBE**, Rio de Janeiro, v. 62, n. 2, p. 221-246, abr./jun. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbe/v62n2/06.pdf>>. Acesso em: 5 jan. 2017.

VERGUEIRO, Waldomiro; SANTOS, Roberto Elísio do. A postura educativa de O Tico-Tico: uma análise da primeira revista brasileira de histórias em quadrinhos. **Revista do Departamento de Comunicação e Artes da ECA/USP**, ano 13, n 2, p. 23-34, maio/ago. 2008. Disponível em: <file:///C:/Users/DELL/Downloads/42300-50494-1-SM%20(6).pdf>. Acesso em: 16 jun. 2015.

VIGOTSKI, L. S. A brincadeira e seu papel no desenvolvimento psíquico da criança. **Revista de Gestão de Iniciativas Sociais (GIS)**, Rio de Janeiro, v. 11, p. 23-36, 2008. Disponível em: <file:///C:/Users/DELL/Downloads/download%20(1).pdf>. Acesso em: 11 abr. 2014.

VILLAMÉA, Luiza. Revolução Tecnológica e Reviravolta Política. *In*: MARTINS, Ana Luiza; LUCA Tania Regina. **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 250-267.

VIVARTA, Veet (Coord.). **Infância e Consumo**: estudos no campo da comunicação. Brasília, DF: ANDI; Instituto Alana, 2009. Disponível em: <<http://www.andi.org.br/file/50175/download?token=8aRkgMJ4>>. Acesso em: 17 ago. 2014.

VIEIRA, Carlos Eduardo. Jornal diário como fonte e como tema para a pesquisa em História da Educação: um estudo da relação entre imprensa, intelectuais e modernidade nos anos de 1920. *In*: OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda (Org.). **Cinco Estudos em História e historiografia da Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 11-40.

VIEIRA, Laís. **O Estadinho**: um jornal para crianças (1984-1987). 2014. 33 f. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

VOKS, Douglas Josiel. **Propagandas na Revista Veja**: construindo uma “nova” classe média (década de 1970) – Um país impresso: história do tempo presente e revistas semanais no Brasil – 1960-1980. Curitiba: CRV, 2014. p. 195-228.

ZANELATTO, João Henrique. **De olho no poder**: o integralismo e as disputas políticas em Santa Catarina na era Vargas. Criciúma, SC: EdiUNESC, 2012. (Coleção Sul).

ZIPIZAPE. Barcelona: Editorial Bruguera, julho, 1984.